

ALDORA DO BESTSELLER INTERNACIONAL O SEGREDO DO ANEL

**Kathleen
McGOWAN**



O LIVRO DO AMOR

O legado de
MARIA MADALENA

Faber



AUTORA DO BEST-SELLER INTERNACIONAL O SEGREDO DO ANEL

**Kathleen
McGOWAN**



O LIVRO DO AMOR

O legado de
MARIA MADALENA

Roma



Lucia

Kathleen McGowan

O Legado de Maria Madalena 02

O Livro do Amor

Tradução de

Alyda Sauer

2009

Rocco

Escaneado, Formatado e Revisado Por:

Este é para Easa



O mundo nunca valeu tanto como no dia em que o Cântico dos Cânticos foi dado ao povo; pois todas as escrituras são sagradas, mas o Cântico dos Cânticos é a mais sagrada de todas.

- Rabino Akiva, século I d.C.

No princípio, Deus criou o céu e a terra.

Mas Deus não era um ser único, não reinava sozinho no universo. Ele governava com sua companheira, sua amada. Assim, no primeiro livro de Moisés, o Gênesis, Deus disse:

"Façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança", já que fala com a sua metade, sua esposa. Pois a criação é um milagre que acontece com maior perfeição quando a união dos princípios, masculino e feminino está

presente. E o Senhor Deus disse: "Eis que o homem tornou-se como um de nós."

E diz o livro de Moisés: "Assim Deus criou o homem à sua imagem, Ele os criou macho e fêmea."

Como poderia Deus criar uma fêmea à sua imagem se ele não tivesse uma imagem feminina? Acontece que ele tem, e ela foi chamada inicialmente de Athiret, que significava Aquela que Caminha sobre o Mar. Uma referência que não é só aos mares da nossa terra, mas também ao mar de estrelas, a faixa de luz que chamamos de Via Láctea.

Ela pisa nas estrelas porque é seu território, já que é a Rainha do Céu.

E ficou conhecida por muitos nomes, um deles é Stella Maris, a Estrela do Mar. Ela é a Mer Maid, pois mer significa amor e mar, e é por isso que a água muitas vezes é vista como símbolo de sua sabedoria e compaixão.

Outro símbolo usado para representá-la é um círculo de estrelas que dançam em volta de um sol, a essência feminina envolvendo o masculino com seu amor. Quando vir esse símbolo, saberá que o espírito de tudo que é divino está

presente na feminilidade.

Athiret do Mar e das Estrelas tornou-se conhecida, para os hebreus, como Aserá, nossa Mãe Divina, e o Senhor foi chamado de El, nosso Pai Celestial.

E foi assim que El e Aserá quiseram expressar seu imenso e sagrado amor em uma forma física mais significativa e compartilhar essa bênção com os filhos que iam gerar. Foi assim que cada alma criada tinha um par, uma alma gêmea com a mesma essência. No livro chamado Gênesis, isso é

contado através da alegoria que descreve a alma gêmea de Adão como tendo nascido da sua costela, da essência dele, já

que ela é carne da sua carne e sangue do seu sangue, espírito do seu espírito.

Então Deus disse, e isso é contado por Moisés: "E se tornaram uma só carne."

Assim foi criado o hieros-gamos, o casamento sagrado de confiança e consciência que une os amados em um só. Essa é a dádiva mais sagrada que recebemos dos nossos pais do céu. Pois quando nos unimos na câmara nupcial, descobrimos a união divina que El e Aserá desejaram que todos os seus filhos da Terra experimentassem, iluminados pelo puro êxtase e pela essência do verdadeiro amor.

Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

EL E ASERA, E A ORIGEM SAGRADA DO HIEROS-GAMOS,
D'O LIVRO DO AMOR, TAL COMO PRESERVADO NO LIBRO

ROSSO

PRÓLOGO

La Beauce, França

390 d.C.

A cera de abelha de pesadas velas que iluminavam o exíguo espaço da reunião pingava no chão da caverna. A pequena comunidade rezava suavemente, com devoção, seguindo a orientação da mulher etérea que estava à frente, no altar de pedra. Ela terminou a oração e ergueu o tesouro do seu povo, um manuscrito antigo, com capa de couro.

- O livro do amor. As únicas palavras verdadeiras do Senhor. A luz das velas cintilou no cabelo cor de cobre de madame Modesta quando ela beijou o livro. A fiel assembléia respondeu em uníssono.

- Para aqueles que podem ouvir.

Fez-se um silêncio reverente, como se as palavras do Livro não pudessem ser seguidas por conversas triviais. Foi um dos jovens, um seguidor devotado e dedicado chamado Severin, que rompeu a quietude naquele ambiente sagrado.

- Como vai nosso irmão Potentiani

Modesta respondeu, com a mesma voz calma e melodiosa de quando rezava:

- Eu pude vê-lo hoje na prisão e lhe levei pão. Ele está bem. E

com a fé inabalável, como deve se manter a sua.

Severin não conseguiu controlar a agitação crescente, apesar de se esforçar bastante para superar o medo que o dominava.

- Você diz que ele está bem, mas por quanto tempo? Roma está matando cada dia mais gente do nosso povo, sob a acusação de heresia. Eles virão atrás de todos nós. A pequena comunidade murmurou concordando, depois de hesitar um pouco. Modesta, porém, sábia e paciente, jamais perdia uma oportunidade de ensinar as verdades que defendia.

- É de fato um tempo de tristeza quando os perseguidos se transformam em perseguidores. Os cristãos sofreram muitos anos de tortura, no entanto usam agora toda a sua violência entre si. Precisamos perdoá-los, pois não sabem o que fazem. A frase de Modesta foi arrematada com um assobio agudo vindo da entrada da caverna. Tarde demais, ela e a congregação se deram conta de que tinham sido descobertos exatamente pelos homens dos quais estavam se escondendo. Em poucos minutos a tranquilidade da reunião religiosa foi substituída pelo caos quando uma comitiva de homens armados invadiu a única entrada da caverna, deixando bem claro que não havia possibilidade de fuga. Esses soldados estavam

todos vestidos de maneira idêntica, manto e capuz pretos, que cobriam completamente a cabeça, com fendas sinistras à altura dos olhos. O líder deles se adiantou e tirou o capuz, revelando uma tonsura de monge e uma pesada cruz de madeira pendurada no pescoço. Concentrado em Modesta ele cuspiu seu desprezo por uma líder mulher enquanto citava as epístolas de São Paulo.

- Não permitam que as mulheres ensinem, façam-nas calar. Madame Modesta de La Beauce, está presa por heresia. Modesta olhou para ele calmamente e o reconheceu.

- Irmão Timóteo. Você veio por minha causa, e irei com você. Mas deixe essas pessoas inocentes em paz.

O nervoso jovem Severin entrou em pânico diante da possibilidade de perderem sua líder, então deu um pulo para a frente, para impedir o avanço do irmão Timóteo.

- Você não a levará!

Homens encapuzados se adiantaram. Modesta aproveitou a oportunidade para esconder o livro atrás dela, fora da vista de seu acusador. Ela ainda não tinha se dado conta do perigo que seus seguidores corriam. Uma mulher dedicada à essência do amor e da compaixão não é capaz de entender a mente de homens violentos com tanta rapidez.

Os milicianos de capuz sacaram suas armas e começaram a usá-las sem hesitação. Uma espada de dois gumes varou, primeiro, o coração de Severin; a vida dele jorrou do

ferimento e batizou a congregação com seu sangue. O caos transformou o pequeno espaço quando os fiéis tentaram se espalhar, compreendendo finalmente que o perigo era real. A saída deles foi barrada pela violência cruel de uma força de ataque que não teve piedade do que restava da congregação.

- Madeleine!

Modesta procurou a filha na confusão, mas a menina já estava perto do altar, havia corrido na direção da mãe. Miúda demais para seus oito anos, Madeleine parecia ainda mais jovem, e Modesta sempre torceu para que isso fosse uma vantagem para ela.

Tinha de salvar a filha. Precisava salvar o Livro. Modesta abraçou a menina, escondeu o livro nas dobras do vestido de Madeleine e puxou a capa por cima da roupa para protegê-lo melhor. No meio daquele caos ela berrou para irmão Timóteo.

- Pare! Pare! Eu irei com vocês. Por favor, chega de carnificina.

Não havia mais como parar. Os soldados encapuzados tinham executado todos os outros, deixaram o chão da caverna encharcado com o sangue dos fiéis inocentes. Irmão Timóteo fungou com nojo, enquanto passava por cima de um corpo ensanguentado, e assumiu um ar de tédio para capturar sua presa.

- Poupe a vida dessa criança - implorou Modesta. - Você é um homem de Deus. Não pode atribuir os pecados dos pais aos filhos.

Ela é sua?

Não. É filha de camponeses.

Irmão Timóteo se aproximou e passou a mão em um cacho do cabelo castanho-escuro da menina.

- Ela não tem o cabelo profano, que é a marca da sua espécie. Se tivesse, eu a mataria pessoalmente. Uma menina camponesa, no entanto, não vale o esforço. Deixem-na ir. Ele despachou a criança com um gesto e deu as costas às mulheres para avaliar a carnificina.

Modesta abraçou Madeleine, e a pequena menina cruzou os braços sobre o seu corpo minúsculo, agarrada ao livro escondido como se fosse sua vida. Compreendendo que aquele era seu último momento com a filha, Modesta sussurrou no ouvido dela:

- Não tenha medo, Madeleine. Vou amá-la de novo. O tempo retorna.

Ela beijou a filha rapidamente e mandou a menina sair correndo da caverna. Ficou vendo Madeleine se afastar com um misto de orgulho materno e sofrimento indescritível.

- Minha amada. Eu daria qualquer coisa para você não estar nessa cela.

Potentian agarrou as barras que o separavam da mulher. O

tempo que passara na prisão tinha cobrado seu preço, e ele era pele e osso. O rosto e o

cabelo estava imundos, mas para Modesta era o homem mais lindo do mundo. Ela só queria poder tocá-lo, mas os dois estavam amarrados, e a distância entre eles na prisão escura e úmida era grande demais.

- No entanto estamos juntos, o que é uma bênção de qualquer forma. Não tenha medo da morte, meu amor. Não podemos, pois sabemos que não é o fim.

P o t e n t i a n estava desesperado

- Não desista. Você é da família do bispo Martinho de Tours. Podemos pedir a intervenção dele. Ele pode impedir isso!

Modesta suspirou, resignada.

Meu bendito primo não teve sucesso quando tentou salvar os hereges, por mais que tentasse. A Igreja já decidiu que quer se livrar de nós, e rápido. O irmão Timóteo nos quer mortos antes do pôr do sol amanhã.

E o que será da nossa Madeleine?

Ela foi poupada no massacre. Precisei negar que era minha, tive de dizer que não era nossa filha. Graças a Deus ela tem a cor dos seus cabelos, senão nosso lamento seria insuportável. Ela irá procurar meu irmão. Você sabe que ele a protegerá. E o Livro? Está a salvo?

- Madeleine o escondeu embaixo da capa. Ela foi muito corajosa.

A expressão de Potentian, à luz fraca da vela, era de admiração.

- Ela puxou à mãe. Salvando o Livro, salvará todos nós. Os ensinamentos d'O Caminho continuarão.

Modesta concordou e depois disse em voz alta o que estava pensando:

- A verdade é, mais uma vez, salva por uma menina. Sempre foi assim e sempre será.

Um grupo soturno se reuniu no topo da colina, onde havia um cepo de madeira sobre o cadafalso, para assistir à

execução. Os dois machados encostados no bloco de madeira estavam cruzados, formando um xis.

Lado a lado, com as mãos amarradas para trás, Modesta e Potentian subiram a colina cercados pelos homens fortemente armados e encapuzados que diziam para os dois andarem mais depressa. Tinham cortado o lindo cabelo de Modesta todo desigual, para expor seu delicado pescoço à lâmina que ia separar sua cabeça do corpo.

Potentian olhou para ela, com o coração cheio de amor e de tristeza.

- Vamos morrer como ensinamos e como vivemos. Juntos. Modesta olhou para ele com o

mesmo amor e a mesma tristeza.

- E voltaremos para ensinar juntos novamente. Quando Deus quiser e o tempo chegar.

Potentian diminuiu o passo para prolongar aquele momento. Sua mulher o acompanhou para ficarem o mais perto que podiam. Ele sussurrou seu último pedido:

- Quer cantar para mim? Pela última vez?

Modesta sorriu, o último presente terreno que podia dar para o seu amado, e começou a cantar com voz suave:

Eu te amei por muito tempo,

Jamais te esquecerei...

Eu te amei para sempre,

Deus nos fez um para o outro.

Quando Modesta acabou de cantar, um homem musculoso com um brilho avermelhado no cabelo surgiu do meio da multidão e se aproximou deles, com Madeleine segura nos braços. Ao ver a filha, Modesta ficou paralisada. Potentian olhou na mesma direção de Modesta e parou ao seu lado. Não ousaram reconhecer a menina, mas naquele momento houve uma

poderosa troca de amor e de perda entre os três. Madeleine olhou intensamente para a mãe, com uma sabedoria muito maior do que seus oito anos, e meneou a cabeça. Um leve esboço de sorriso pairou em seus lábios. A mãe, orgulhosa e aliviada naquele momento terrível, conseguiu retribuir o sorriso, e nessa hora um guarda de capuz a empurrou com violência para o cadafalso. Modesta inclinou-se para o marido e murmurou:

- Nossos dois tesouros estão salvos.

Um guarda que estava do outro lado do cepo se aproximou para posicionar os prisioneiros. Modesta fez uma pergunta bem alto para que todos pudessem ouvir.

- Senhores, podem nos permitir alguns minutos para rezarmos juntos?

Os guardas olharam para onde estava o maligno irmão Timóteo, ansioso, prevendo o espetáculo que estava prestes a acontecer. Ele fora pego numa armadilha. Como homem da Igreja não podia negar o pedido de oração.

- A Igreja é misericordiosa e permitirá uma breve oração se os hereges desejam se arrepender.

Modesta foi para perto do marido e o encarou pela última vez. Naquele instante não havia cadafalso, nem machado, nem a terrível injustiça. Havia apenas amor quando repetiram a oração mais sagrada do seu povo, em uníssono.

Eu te amei no passado,

Eu te amo no presente,

E te amarei novamente.

O tempo retorna.

Modesta tocou os lábios do amado com os seus, num último beijo suave.

- Basta!

A ira do irmão Timóteo desfez o momento. Irritados, os guardas separaram o casal e os fizeram ajoelhar com empurrões, lado a lado, diante do bloco de madeira. Com a profunda calma que nasce de saber que apenas Deus os espera, Modesta e Potentian abaixaram a cabeça sobre o cepo. Continuaram a rezar baixinho e a uma só voz enquanto o primeiro machado desceu com uma pancada nauseante. O

segundo caiu logo depois.

A multidão não se manifestou. A sensação de luto e de tragédia pesava na atmosfera. Não foi a comemorada execução de hereges que irmão Timóteo esperava. E ele transmitiu sua visão impopular em alto e bom som.

- Que isso sirva de aviso para todos. A heresia não será

tolerada no Sacro Império Romano!

O povo da cidade se dispersou no rastro desse aviso impiedoso, com expressões sérias e mais do que temerosas. Irmão Timóteo ignorou a todos. Aproximou-se do cepo de madeira para falar com os carrascos.

- Não deixem nenhuma relíquia dos mártires para os hereges lamentarem. Joguem os dois no fundo do poço. É o mais próximo que posso chegar de mandá-los para o inferno eu mesmo.

Irmão Timóteo olhou longamente e com satisfação para o corpo mutilado de Modesta quando os carrascos começaram a cumprir sua tarefa mórbida. Obsessão tomou conta do rosto dele quando tirou escondido alguma coisa do bolso. Era um cacho do cabelo vermelho e brilhante de Modesta.

Com a pastora morta, seria fácil controlar os carneiros. Ele guardou o fetiche de volta no bolso e passou por cima da poça de sangue de Modesta sem olhar para trás.

CAPÍTULO UM

Cidade de Nova York,

Hoje

Maureen Paschal, refestelada no luxo de lençóis e travesseiros de puro algodão, no quarto do hotel em Manhattan, reservado por sua editora, se debatia na cama enorme. Tão agitada no sono, como era acordada, Maureen não dormia a noite inteira havia quase dois anos. Desde os acontecimentos sobrenaturais que levaram-na a descobrir o Evangelho de Maria Madalena, Maureen era uma mulher perturbada, em seu sono e nas horas de vigília.

Quando tinha a sorte de cochilar algumas horas consecutivas, era perseguida por sonhos fortemente simbólicos ou aparentemente vívidos e literais. Desses sonhos recorrentes o mais perturbador era aquele em que ela encontrava Jesus Cristo e Ele falava misteriosamente da promessa dela de procurar um livro secreto que Ele escrevera com a própria divina mão, O livro do amor. Quando estava desperta, Maureen era atormentada por essas experiências oníricas; mas O livro do amor até o momento continuava o mais completo mistério. Não havia como rastrear referências históricas de tal documento além de um punhado de lendas muito vagas que surgiram na França na Idade Média, antes de desaparecer por completo. Ela não tinha idéia de onde começar a procura para cumprir sua promessa e encontrar esse espectro. Não tinha nem muita certeza do que era. E até aquele dia, o Senhor não lhe dera pista alguma para ajudá-la nessa busca.

Maureen rezava fervorosamente todas as noites para não falhar na missão que lhe fora confiada e para obter alguma orientação e encontrar o ponto de partida para essa viagem estranha. Os acontecimentos sobrenaturais da sua vida, nos últimos anos, eram a prova que bastava para saber que aquela magia divinamente inspirada existia por toda parte. Só teria de ser paciente em sua fé, e esperar.

E nessa noite, suas orações seriam atendidas quando a primeira pista aparecesse no mundo de seus sonhos.

A névoa da noite caiu cinzenta e pesada sobre as antigas ruínas. Maureen caminhava lentamente por ela, atordoada com o sonho e o nevoeiro. Estava num mosteiro muito antigo, ou o que restara dele depois de séculos de abandono. Uma parede desmoronada à direita tinha sido um dia uma majestosa obra de arte arquitetônica; agora sustentava a moldura do que tinha sido uma janela de vitrais, o estilo gótico cortado na pedra como uma rosa de seis pétalas. A última luz passou pelos galhos de uma árvore antes de iluminar a janela arruinada e o espaço onde Maureen estava. Ela prosseguiu até onde ficavam os arcos góticos altíssimos, soltos no ar, já que as paredes que os sustentavam tinham sido reduzidas a escombros havia muito tempo. Eram remanescentes isolados de uma glória de outro tempo. Antes referência de uma nave majestosa, os arcos agora sobravam, solitários, como portões assombrados para o passado. Os últimos vestígios de luz a seguiram por aquele portal quando ela emergiu nos destroços de um antigo pátio. Os raios iridescentes iluminaram uma escultura da madona com o filho em pedra porosa, num nicho de um muro de pedra. Maureen chegou até a estátua e passou os dedos suaves, curiosa, no rosto frio de pedra da linda madona, que parecia uma criança. A tradição dizia que a Virgem era uma jovem adolescente quando concebeu, então talvez aquela imagem infantil não fosse tão incomum. Aquela madona no entanto, com seu pequeno sorriso enigmático, parecia mais uma menina de oito ou nove anos, segurando um bebê. E a criança também tinha sido esculpida de forma inusitada. Parecia estar se revirando para escapar dos braços da menina e sorrindo com a traquinagem. Era mais a imagem de uma irmã mais velha querendo conter o irmãozinho do

que de uma mãe com o filho. Maureen estava analisando aquela estranha imagem quando a estátua falou com a voz doce de uma menina.

- Não sou quem você pensa que sou.

No mundo alucinógeno e imaginário do sonho não é absurdo uma estátua falar, até dar risada, como aquela fez. Maureen respondeu:

- Então quem é você?

A menina riu de novo... ou será que foi o bebê? Era impossível discernir, já que os sons se misturavam agora com o badalar abafado de um sino de igreja que ecoava na abadia.

- Você me conhecerá em breve - disse a menina. - Tenho muito que ensinar a você. Maureen olhou bem para a estátua e depois para o muro de pedra onde ficava o nicho, e em seguida para os arcos, procurando gravar os detalhes da abadia.

- Onde nós estamos?

A menina não respondeu. Maureen continuou a andar, pisando com cuidado no mato crescido e contornando os grandes pedaços de pedra das ruínas. A lua estava nascendo, cheia e brilhante no céu escuro. Ela viu o luar cintilando no que pensou ser uma piscina com água. Atraída, passou pelo buraco numa parede em escombros e atravessou a moldura de pedra de uma porta até chegar aonde estava a água. Era um poço, ou cisterna,

suficientemente grande para alguns homens nele se banharem ao mesmo tempo. Inclinou-se para ver seu reflexo tremular na água e ficou surpresa com a sensação de profundidade infinita. Sentiu que aquele poço era sagrado e que penetrava muito fundo na terra.

A menina falou outra vez:

- No seu reflexo encontrará o que procura.

O reflexo de Maureen mudou e por um breve momento ela viu outra imagem, que não era a sua. Estendeu a mão para tocar na água, e ao fazer isso o anel de cobre na sua mão direita soltou do dedo e caiu no poço.

Maureen deu um grito.

Aquele anel era seu bem mais precioso. Uma relíquia antiga de Jerusalém que lhe deram quando fazia suas pesquisas sobre Maria Madalena. Tinha o mesmo tamanho e forma de uma moeda de um centavo de dólar, gravada com um antigo padrão de nove estrelas num círculo ao redor de um sol. Esse desenho era usado pelos primeiros cristãos para lembrá-los de que não estavam separados de Deus e tinha ligação com a frase no Pai-Nosso que dizia: "Assim na terra como no céu." O

anel era um símbolo material da recém-descoberta fé de Maureen. Ter se perdido irremediavelmente nas profundezas negras da água era ao mesmo tempo triste e chocante. Ajoelhada na mureta de pedra do poço, Maureen, desesperada, vasculhou a água na

tentativa de avistar o anel em alguma parte. Foi inútil. Ela estava certa quanto à

profundidade. Era imensurável. Levantou-se lentamente, resignada, e viu de repente algo brilhando na água. Um peixe enorme, uma espécie de truta cintilante com suas escamas douradas, saltou da água e voltou para as profundezas do poço. Maureen esperou para ver se o peixe extraordinário subiria outra vez. Novo barulho na água, e a truta pulou no ar, dessa vez como se nadasse em câmera lenta. E na boca do peixe estava seu anel de cobre.

Maureen deu um grito sufocado quando o peixe virou-se na sua direção. Ele soltou o anel, que foi boiando até ela. Maureen estendeu o braço, e o anel foi parar, a salvo, na palma da sua mão. Ela o segurou com força e apertou a mão fechada no peito, grata por ele ter sido recuperado pelo peixe mágico, que logo voltou para o fundo do poço. A água parou de ondular e mais uma vez a magia acabou.

Maureen pôs o anel no dedo da mão direita e olhou bem para o poço pela última vez, na espera de algum outro milagre. A água estava muito parada, então uma pequena marola cortou a linha da superfície. Uma onda de luz dourada se espalhou no poço e na Área em volta. Dentro da água uma imagem começou a tomar forma. O cenário era um vale lindo, deslumbrante, verde, com árvores e flores. Ela viu uma chuva de gotas douradas cair do céu dourando tudo naquela visão. Logo o vale ficou cheio de rios de ouro e as árvores se cobriram desse brilho. Tudo faiscava em volta dela, com a luz quente do metal líquido.

Ao longe Maureen ouviu a voz de menina, a mesma que tinha emanado da pequena madona travessa.

- Você procura O livro do amor? Então seja bem-vinda ao Vale de Ouro. Aqui encontrará o que procura.

Ela ouviu a doce risada mais uma vez e a visão se desfez. Maureen estava de volta, definitivamente, às ruínas escuras de uma misteriosa abadia, ao luar. Foi a última coisa que ouviu antes de o alarme disparar no século XXI, fazendo-a retornar a um amanhecer na cidade de Nova York.

Televisão de manhã cedo faz mal para quem tem coração fraco.

A batida na porta do quarto de hotel de Maureen exatamente às quatro horas da madrugada era da cabeleireira e maquiadora que tinha sido contratada para prepará-la para uma entrevista em um programa matinal popular. Por sorte, a mulher adivinhou que Maureen estaria com muito sono e teve a presença de espírito de pedir café para o serviço de quarto antes de se apresentar.

Maureen Paschal estava em Nova York na esteira do sucesso de seu livro, A verdade contra o mundo: o Evangelho secreto de Maria Madalena. Com base nas suas próprias experiências de vida, o livro fundia a viagem pessoal de descoberta de Maureen com as revelações da vida de Maria Madalena como a discípula mais amada por Jesus. Embora fosse uma jornalista respeitada e autora de um livro de não ficção de sucesso, Maureen tinha preferido escrever este último como ficção, o que por si só era alvo de controvérsias. A imprensa agia com ceticismo implacável e até zombeteiro. Por que, se essa história era baseada em fatos, ela resolvera escrevê-la como ficção?

A resposta de Maureen para essa eterna pergunta, apesar de honesta, não satisfazia à insaciável imprensa internacional. Ela respondia às mesmas perguntas em programas de entrevistas pelo mundo todo, explicava pacientemente, até

onde seus nervos cada vez mais estressados permitiam, que tinha de proteger suas fontes, para não pôr em risco a segurança dessas fontes e de si mesma. Quando contava que a sua vida fora ameaçada durante a busca desse tesouro da antiguidade, todos consideravam isso ridículo e a acusavam de estar exagerando, até de mentir, para conquistar mais publicidade para o livro.

No turbilhão da mídia que sucedeu ao lançamento de *A verdade contra o mundo*, o que havia de paz e de privacidade na sua vida evaporou. Maureen ficou exposta a todo tipo de escrutínio público, o bom e o que havia de mais terrível. Ela recebeu elogios por sua coragem e ameaças de morte por suas blasfêmias, e outras reações que eram combinações entre essas duas vertentes.

Mesmo assim, *A verdade contra o mundo* tinha cativado a imaginação popular. Enquanto os críticos e a imprensa achavam que atacar Maureen rendia uma excelente matéria, cada vez mais leitores do mundo inteiro reagiam à renovada história humana da vida de Jesus contada do ponto de vista de Maria Madalena. Maureen não se desculpava quando insistia em que Jesus e Maria Madalena tinham sido legalmente marido e mulher, tiveram filhos e pregavam juntos - e que nenhuma dessas coisas diminuía de modo algum a divindade de Jesus. Os valores de amor, fé, perdão e comunhão eram os pilares dos ensinamentos de Jesus, no entanto os ataques contra o livro dela em nome da religião desprezavam ou ignoravam a

verdadeira mensagem, para se concentrar apenas na controversa mensageira. Quando fez sua pesquisa, Maureen quase foi morta por aqueles que desejavam que o novo evangelho permanecesse secreto, por isso não precisava que ninguém garantisse a sua autenticidade.

Mas Maureen estava feliz. Seu livro conquistava popularidade entre homens e mulheres do mundo inteiro, pessoas decepcionadas com as instituições religiosas tradicionais que enfatizavam mais a política, o poder, a economia e até a guerra do que a verdadeira espiritualidade.

Maureen estava satisfeita com o livro e com a história, tal como a contara, e certamente o fluxo de correspondência de apoio que recebeu de todos os cantos do mundo foi gratificante. Cada carta que recebia de um leitor, declarando que "Maria Madalena levou-me de volta a Jesus", lhe dava mais força e fazia aumentar sua fé. Mas ela se preocupava diariamente com a responsabilidade de comunicar a verdadeira história de Maria Madalena, conforme havia descoberto, para fazer justiça e para atingir um número ainda maior de pessoas céticas. Era esse o motivo da sua aparição na televisão aquela manhã.

O estardalhaço da imprensa em torno do seu livro tinha sido um verdadeiro circo, mas Maureen esperava que aquela entrevista fosse melhor. Os produtores tinham sido muito diligentes, entrevistando-a previamente à exaustão, fazendo perguntas realmente inteligentes e até enviando uma equipe com uma câmera para a sua casa em Los Angeles a fim de obter maiores informações. Na pior das hipóteses, ela acreditava que dessa vez havia pelo menos uma chance de as perguntas serem justas e bem fundamentadas.

Maureen não se decepcionou. A entrevista foi feita por uma das âncoras do programa, personalidade conhecida em todo o país por sua inteligência e classe. A entrevistadora podia ser dura, mas era justa. E tinha feito seu dever de casa, coisa que impressionou Maureen.

O cenário exibia fotografias de Maureen pelo mundo, fazendo a pesquisa sobre a vida de Maria Madalena. Em uma ela estava na Via Dolorosa em Jerusalém, em outra escalava o pico de Montségur no Sudoeste da França. Essas fotos foram a deixa para a primeira pergunta.

- Maureen, você escreve sobre um suposto evangelho perdido de Maria Madalena que foi encontrado no Sul da França e na tradição de grupos franceses que acreditam que Maria Madalena foi para lá depois da crucificação. No entanto, você

foi atacada por estudiosos da Bíblia muito respeitados aqui na América que insistem em que não existem provas de nada disso. Eles dizem que não há nenhuma evidência de que Maria Madalena tivesse estado na França. O que você pode responder a eles?

Maureen gostou daquela pergunta. Jornais e revistas sempre concedem a última palavra aos acadêmicos. Praticamente todos os artigos que escreveram sobre ela terminavam com algum acadêmico de um lugar qualquer desacreditando o conteúdo do livro com o habitual desdém da classe, dizendo que não havia prova e que todas essas lendas que cercavam Maria Madalena tinham menos substância do que a maior parte dos contos de fadas. Maureen resolveu ir direto ao ponto, sem rodeios, diante daquela oportunidade de finalmente poder

responder aos críticos em rede nacional.

- Se os acadêmicos, em suas torres de marfim, estão procurando provas convenientemente escritas em inglês, e acessíveis em suas bibliotecas com ar-condicionado, então certamente não vão encontrá-las. O tipo de prova que eu busco é mais orgânico, humano e real. Vem dos povos e das culturas que vivem essas histórias, que as incorporaram ao seu dia a dia. Afirmar que essas tradições não existem, ou que não têm importância, é perigoso, e talvez seja até xenofóbico e racista.

A entrevistadora rodou em sua cadeira giratória.

- Não acha que essas palavras são muito severas?

- Não. Acho que são necessárias. Culturas inteiras no Sul da França e em certas regiões da Itália foram erradicadas porque acreditavam exatamente no que está escrito no meu livro. Acreditavam que descendiam de Jesus e de Maria Madalena e praticavam uma forma linda e pura de cristianismo que afirmavam vir direto de Jesus, levado até eles por Maria Madalena depois da crucificação.

- Você está falando dos cátaros.

- Sim. Katharós vem do grego e significa pureza, pois os cátaros foram os cristãos mais puros que viveram no mundo ocidental. E na única cruzada lançada contra outros cristãos, a Igreja católica do século XIII massacrou o povo cátaro em massa. Esse povo tinha de ser

eliminado, porque além de conhecer a verdade eles eram a verdade. E não há dúvida alguma de que foi uma limpeza étnica. Genocídio. - Palavras severas? É claro que são. Mas trucidar um povo inteiro é

duro, e não podemos mais nos esconder atrás de palavras que tentem justificar isso. A palavra "cruzada" carrega uma conotação que foi aceita, de assassinar pessoas em nome de Deus. Então vamos parar de designar essa ação assim e pôr os pingos nos is. Assassinato em massa. Holocausto.

Então quando você ouve os acadêmicos modernos dizerem que esse povo nunca existiu ou que as tradições da cultura deles não têm importância...

Fico de coração partido quando penso que um mal desses tem a última palavra. É claro que há pouquíssimas provas concretas da presença de Maria Madalena. Mais de oitocentas mil pessoas foram massacradas para garantir que não sobraria nenhuma prova para ser encontrada. Nunca mais. E os piores massacres aconteceram no dia 22 de julho de 1209 e, um ano depois, em 1210. Esse é o dia de Maria Madalena e não é

coincidência. Os documentos daquela época indicam que foi

"uma justa retribuição para aquelas pessoas que acreditavam que a prostituta era casada com Jesus".

O que me faz lembrar de uma pergunta que todos gostariam de fazer. Você afirma que a

história que conta sobre Jesus ter se casado com Maria Madalena vem de um evangelho perdido que encontrou recentemente no Sul da França. No entanto, você se recusa a divulgar suas fontes, e também não explica mais nada sobre esse documento misterioso. O que devemos concluir? Seus críticos mais tenazes dizem que você inventou a história toda. Por que devemos acreditar em você, se não apresenta prova alguma de que esse evangelho existe?

Essa pergunta era difícil, mas importante, e Maureen tinha de responder com muito cuidado. O que não podia revelar ainda para o mundo era o resto da história: que o evangelho tinha sido levado para Roma por seu primo, o padre Peter Healy. Padre Peter e um comitê do Vaticano estavam naquele momento trabalhando para comprovar a autenticidade do evangelho. Até a Igreja se declarar a respeito do valiosíssimo manuscrito, coisa que levaria anos, dado seu conteúdo explosivo e os desdobramentos para o cristianismo, Maureen tinha concordado em não divulgar nenhum fato concernente à sua descoberta. Em troca, permitiram que ela contasse a sua versão da história de Maria Madalena sem medo de represálias - se, e apenas se, ela recorresse, por enquanto, ao gênero ficcional. Foi um compromisso que Maureen teve de assumir e que lhe custou muito caro. Sentia uma grande identificação com Cassandra, a profetisa da lenda grega: condenada a conhecer e a dizer a verdade, mas igualmente condenada a nunca merecer crédito.

Maureen respirou fundo e respondeu da melhor forma que podia.

- Eu tenho de proteger as pessoas que me ajudaram nessa descoberta. E há muito mais informação a ser revelada, por isso não posso pôr em risco essas fontes de jeito nenhum,

para poder continuar a ter acesso a elas. Justamente porque não posso revelar as fontes que estão por trás das minhas informações, tive de escrever esse livro como ficção. Espero que ele fale por si. Minha função como contadora de histórias é despertar o público para as possibilidades alternativas em uma das maiores histórias da humanidade. E

por isso que a chamo de a maior história que nunca foi contada. E certamente acredito que é verdade, de todo o coração. Mas vamos deixar que as pessoas leiam e julguem por si. Vamos deixar o leitor decidir por si mesmo se acha que é

verdade.

- Bem, ficamos por aqui com essa frase: Vamos deixar o leitor decidir. - A bela e loura entrevistadora segurava um exemplar do livro na frente da câmera. - De fato, é A verdade contra o mundo. Obrigada, Maureen Paschal, por participar do nosso programa. Sem dúvida é um assunto fascinante, mas infelizmente o nosso tempo acabou.

A grande dicotomia da televisão é essa: levam-se muitas horas na produção de um segmento que dura três ou quatro minutos. Mesmo assim, Maureen ficou satisfeita por ter dito o que queria de forma sucinta e convincente, e agradeceu aos



produtores e à entrevistadora o tratamento justo e inteligente que deram ao assunto.

Agora eram sete e quinze da manhã e Maureen estava toda arrumada, maquiada e penteada, e o que mais desejava era voltar para a cama.

Marie de Nègre escolherá

Quando chegar o momento de A Escolhida.

Ela que nasceu do Cordeiro Pascal,

quando o dia e a noite são iguais,

ela que é filha da Ressurreição.

Ela que carrega o Sangre-el receberá a chave,

Ao contemplar o Dia Tenebroso do Crânio.

Ela se tornará a nova Pastora e nos mostrará O Caminho.

A PRIMEIRA PROFECIA DA ESCOLHIDA,

DOS ESCRITOS DE SARA-TAMAR,

TAL COMO PRESERVADOS NO LIBRO ROSSO

Château des Pommes Bleues

Arques, França,

Nos dias atuais

Berenger Sinclair estava diante do artefato encaixotado que dominava sua espaçosa biblioteca. A caixa estava sobre uma imensa lareira de pedra, apagada no momento, devido ao calor do fim da primavera que aquecia o contraforte rochoso do Languedoc. Lorde Sinclair era um colecionador dos mais influentes. Tinha poder político e recursos financeiros para obter quase tudo que desejava. O objeto, nesse caso, tinha valor incalculável para ele, não só como colecionador de peças históricas, mas porque se tratava de um símbolo de suas profundas crenças espirituais.

A um olhar distraído podia não passar de mero estandarte medieval, desgastado e desbotado, a ponto de não ser facilmente identificado. As manchas de sangue que marcavam as beiradas tinham adquirido um tom de lama marrom depois de mais de cinco séculos e meio desde que o soldado que carregou esse estandarte foi morto. Desde que ela morreu. Um exame mais minucioso do tecido revelava o que fora um dia um lema ricamente bordado

no fundo de uma flor de lis dourada. Era uma conjunção simples e poderosa de nomes que dizia: "Jhesus-Maria." A jovem corajosa e visionária que carregava o estandarte foi executada por heresia, queimada na fogueira até a morte na praça central de Rouen, em 1431. Os registros oficiais do seu julgamento indicavam um número conveniente de acusações criadas pelos líderes da Igreja na França daquela época, mas o estandarte representava seu verdadeiro crime: acreditar que Jesus fora casado com Maria Madalena, que seus descendentes deviam ocupar o trono da França a qualquer custo, e a subsequente convicção de que a prática original e pura do cristianismo podia ser recuperada sob o governo do rei apropriado. Era esse o motivo de os nomes estarem ligados: eram os nomes de marido e mulher, unidos no amor e pela lei.

O que Deus une nenhum homem pode separar. Jhesus-Maria. Essa foi a bandeira que Santa Joana carregou no cerco de Orleans, o estandarte da Virgem de Lorena, o emblema do soldado visionário conhecido no mundo inteiro como Joana d'Arc. Na parte de baixo da caixa, em letras de ouro, estava uma das citações mais famosas da santa. Para uma garota de dezenove anos, ela era surpreendentemente eloquente. E

corajosa como poucos.

Não tenho medo... eu nasci para fazer isso. Prefiro morrer a fazer o que sei que é contra a vontade de Deus.

Berenger Sinclair passou a mão em seu cabelo preto e espesso, olhando pensativo para a caixa. Em dias assim, quando se sentia cansado e tenso, ele ia para a biblioteca prestar

homenagem àquela corajosa adolescente, instilada com uma fé tão grande, que nada a intimidava. Uma fé que a tornou capaz de sacrificar tudo. Ela era sua inspiração e lhe dava forças.

Sinclair se sentia muito próximo dela, por motivos intrincados de família e tradição. A história registrava que Joana nasceu no dia 6 de janeiro, embora os mais entendidos na sua cultura herética soubessem que isso não era verdade. A data de nascimento verdadeira de Joana, no equinócio da primavera, teve de ser ocultada para protegê-la dos olhares perigosos e vigilantes da Igreja medieval. Ela precisava ser defendida, especificamente, daqueles que monitoravam o nascimento de meninas das seletas famílias francesas em datas próximas do equinócio da primavera. Dia 6 de janeiro foi escolhido como data "segura" para o nascimento de Joana; era comemorado no calendário litúrgico como o dia de festa da Epifania, o dia em que a luz veio ao mundo. Berenger conhecia isso muito bem, pois era a data do seu aniversário. Infelizmente o ocultamento da data de nascimento não bastou para salvar a pequena Virgem de Lorena do seu destino. Para alguns é impossível escapar do destino. Joana abraçou seu legado de filha de uma poderosa profecia com visibilidade demais.

A profecia d'A Escolhida tratava de uma série de mulheres na história que se apresentariam para preservar a verdade, a verdade sobre Jesus e Maria Madalena, e sobre os evangelhos escritos por cada um deles. De acordo com a profecia, essas Escolhidas nasceriam num certo período próximo do equinócio da primavera, herdeiras de uma linhagem específica e abençoadas por visões divinas que levariam cada uma delas à verdade e ao seu destino.

Como A Escolhida da sua época, Santa Joana pagou um preço alto, como muitas antes e depois dela.

E era por isso que ele estava ali na biblioteca hoje, meditando diante da preciosa relíquia de Joana. Porque sabia, no fundo do coração, que era hora de cumprir o seu próprio legado. Pois era nisso que ele tinha mais um ponto em comum com a brava Joana: o enfrentamento da sua própria profecia. E ele sabia que Deus lhe tinha dado recursos extraordinários para fazer exatamente isso, sabia que todas as bênçãos que recebera, e que acumulara na vida existiam para que pudesse realizar a sua promessa, nesse lugar e nesse momento da história. Sinclair tinha feito isso ajudando Maureen em sua busca, desempenhando um papel primordial na descoberta da história magnífica e não contada de Maria Madalena. Mas aquele evangelho valioso agora estava fora do seu alcance e nas mãos da Igreja. Além disso, parecia que Maureen também estava inacessível. Embora ele soubesse que tinha condições de assisti-la nessa mais recente busca pelo ilusório Livro do amor, ela não compartilhava sua convicção. Fora culpa dele mesmo o fato de Maureen não querer incluí-lo nisso. Berenger havia se comportado com insensibilidade em relação a ela, depois que a Igreja se apoderara do evangelho, e se arrependia muito por isso.

Sem saber como determinar exatamente qual era seu papel agora, ele se sentia desorientado e sozinho. Essa coisa chamada destino era complexa e muitas vezes um comandante inescrutável.

- Berenger, podemos conversar?

Berenger se virou para a porta e sorriu para a figura volumosa e masculina de Roland Gelis, seu melhor amigo e maior confidente. Roland morava no château desde que era menino, quando o pai dele era mordomo na época de Alistair Sinclair, avô de Berenger e temido patriarca da família, que fizera uma fortuna de um bilhão de dólares na North Sea Oil. Juntos, os meninos foram criados dentro das tradições de Pommes Bleues, termo francês que quer dizer "maçãs azuis". Era uma referência às uvas grandes e redondas encontradas naquela região da França, uvas que durante séculos representaram a linhagem consanguínea de Jesus e Maria Madalena. Essa referência derivava do versículo 15 do Evangelho de João: "Eu sou a vinha, vós sois os ramos." Todos os descendentes de Jesus e de Maria Madalena, genética ou espiritualmente, eram ramos da vinha. O Languedoc era uma região altamente herética.

Muitas gerações da família Gelis trabalharam para os Sinclair, mas eles não eram subservientes. Eram nobres também, com a mesma descrição de tantas famílias na região do Languedoc e do Midi-Pyrénées, que guardavam as tradições secretas do seu povo com extraordinária classe e dignidade, mesmo quando eram submetidos às maiores perseguições. Os Gelis eram descendentes dos cátaros e eram puros.

- Claro que sim, Roland. Entre.

Roland percebeu na mesma hora que o escocês estava ansioso.

- O que o preocupa, irmão?

Berenger balançou a cabeça.

- Nada. Tudo. - Ele respirou fundo e com uma expressão de constrangimento confessou: - Acho que estou como uma ovelha perdida sem a minha pastora.

- Ah.

Roland entendeu imediatamente. Berenger andava se penitenciando duramente por Maureen, desde a discussão que comprometera o recente relacionamento deles, impedindo-o de crescer. Antes daquela explosão, todos achavam que, dada a imensa aventura que compartilharam na busca do evangelho perdido de Madalena, eles se tornar iam inseparáveis. Berenger Sinclair e Maureen Paschal, Roland Gelis e Tâmara Wisdom, melhor amiga de Maureen e noiva de Roland. Eles eram os Quatro Mosqueteiros, unidos pela honra e uma missão comum, que era defender a verdade contra o mundo. Tinham até pregado uma placa de madeira sobre a porta da biblioteca com a famosa citação de Dumas:

UM POR TODOS, TODOS POR UM - ESTE É O NOSSO LEMA, NÃO é?

Mas, quando Maureen voltou para a Califórnia para trabalhar no seu livro, aquela intimidade começou a ruir. Maureen foi dominada pela paixão de contar a história de Madalena e de escrever a crônica das aventuras deles durante a busca enquanto ainda estavam frescas na memória. Era essa a sua missão, e Berenger a respeitava por isso. Todos a deixaram em paz e torceram para que ela voltasse para o château quando acabasse. Mas, desde o lançamento do livro, Maureen andava mais ocupada do que nunca. Só tinha tempo

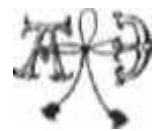
para a missão que Maria lhe havia dado.

E também havia Peter.

O padre Peter Healy era primo de Maureen e seu confidente mais íntimo. Fora também o motivo da fissura no alicerce do relacionamento de Berenger com Maureen. Peter roubou o Evangelho de Madalena e o levou para o Vaticano. Essa traição chocou a todos, mas Maureen perdoou o primo no mesmo instante. Ela o defendeu para os outros, dizendo que ele só tinha feito o que seu coração indicava ser melhor para a mensagem de Maria Madalena. Mesmo assim Berenger achava que a lealdade do padre apontava muito mais para o Vaticano do que para Maureen e para a verdade que ela havia descoberto.

O que aconteceu depois deixou Berenger Sinclair furioso. A Igreja impôs restrições mais rígidas quanto ao que Maureen podia ou não revelar sobre sua descoberta, o Evangelho de Arques. Berenger acusou Peter de ter tomado a iniciativa de entregar o valiosíssimo documento para o Vaticano e de colocar Maureen numa posição em que era obrigada a se comprometer. Além do mais, ele estava cada vez mais frustrado com a distância que o separava de Maureen e irritado com o que, muitas vezes, parecia uma confiança cega de Maureen em relação a Peter. Na discussão mais violenta do relacionamento deles, Berenger, frustrado, acusou Maureen de fraqueza espiritual por ter permitido que Peter e a Igreja dele passassem por cima dela e ocultassem a verdade. Maureen ficou arrasada com essa acusação. E a fissura no relacionamento dos dois se transformou em um abismo. Quando Berenger Sinclair conheceu Maureen Paschal, pensou que tinha descoberto o que procurava, a mulher que era como ele. Maureen era sua única alma gêmea, a companheira

que não só partilhava suas visões de um mundo melhor, mas que tinha a paixão e a coragem de realizar essas mudanças junto com ele. Havia uma força tremenda naquele corpo miúdo e, como ele, ela possuía o espírito do guerreiro celta, que era uma força incomum da natureza. Por isso a acusação de fraqueza atingiu o âmago de Maureen de um jeito que ele compreendia muito bem. Berenger muitas vezes teve motivos para se arrepender dos aspectos celtas da própria personalidade, especialmente quando sua paixão se manifestava com a postura do guerreiro. Seu DNA era uma espada de dois gumes, assim como o de Maureen. O fato de eles dois serem tão parecidos em suas heranças e espírito foi



ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição, quando se tratou de criar um relacionamento. Se conseguissem aprender a trabalhar juntos em harmonia e a domar suas paixões pelo trabalho bem como o amor de um pelo outro, poderiam criar uma energia irrefreável para operar mudanças positivas no mundo. Mas essas mesmas paixões tinham o poder de ser especialmente destrutivas.

O fato de Maureen ter incluído o nome dele com ternura na dedicatória do seu livro, ao lado dos nomes de Tâmara e de Roland, foi a única coisa que fez Berenger Sinclair sorrir desde a briga que os separou.

- Rezo para que Maureen apareça logo - disse Roland, com seu jeito gentil. - E uma coisa

que acabou de acontecer, me fez acreditar que pode ser antes do que esperávamos.

- O quê? O que aconteceu?

Roland sorriu para ele.

- Tamara acabou de receber um pacote estranho endereçado a você. Fique aqui. Nós vamos trazê-lo para cá. Mas enquanto isso - Roland apontou para a parede do fundo da biblioteca onde a ilustre árvore genealógica da família dele fora pintada do chão até o teto, cobrindo mil anos de história - dê uma boa olhada no mural da linhagem da sua família.

E aconteceu que a rainha do Sul ficou conhecida como a rainha de Sabá, que queria dizer a sábia rainha do povo de Sabá. Seu nome de batismo era Makeda, que no idioma dela significava "a ardente". Ela era uma rainha-sacerdotisa, devotada a uma deusa do sol famosa por iluminar o povo alegre de Sabá com seus raios de beleza e abundância. A deusa era conhecida como "aquela que lança seus fortes raios de benevolência". Seu consorte era o deus-lua e as estrelas, suas filhas.

O povo de Sabá era mais sábio do que todos os outros povos do mundo, conhecia a influência dos astros e a santidade dos números que provinham de suas divindades celestes. Era chamado de o Povo da Arquitetura, e suas construções rivalizavam com as maiores obras dos egípcios, de tão espantoso que era seu conhecimento da construção com pedras. A rainha fundava ótimas escolas para ensinar essa forma de arte e arquitetura, e os escultores que a serviam eram capazes de criar imagens de deuses e de homens na de beleza

excepcional. O povo era alfabetizado e dedicado à

palavra escrita e à glória da composição literária. Poesias e canções floresciam em seu generoso reino.

O povo de Sabá era virtuoso. A rainha-sol ardente reinava com humanidade, luz e amor, e eles eram possuidores de todo tipo de abundância: amor, felicidade, fertilidade, sabedoria e também todo o ouro e pedras preciosas que alguém podia precisar. Eles nunca duvidaram da existência da abundância e por isso nunca lhes faltou nada. Era o reino mais próspero que havia.

E aconteceu que o grande rei Salomão soube dessa inigualável rainha Makeda através de um profeta que o avisou: "Uma mulher que é vossa igual e contrapartida reina numa terra distante ao sul. Aprenderia muito com ela, e ela, com Vossa Majestade. Conhecê-la é o vosso destino." No início ele não acreditou que pudesse existir uma mulher assim, mas a curiosidade o estimulou a enviar um convite a ela, um pedido para ela visitar o seu reino no sagrado monte Sião. Os mensageiros que foram até Sabá participar a grande rainha Makeda do convite de Salomão descobriram que a sabedoria dele já era lendária na terra dela, assim como o esplendor da corte do rei, e que a rainha já o conhecia. Seus próprios profetas tinham previsto que ela um dia viajaria para longe a fim de conhecer o rei com quem cumpriria o hieros-gamos, o casamento sagrado que combinava o corpo com a mente e o espírito no ato da divina união. Ele seria o irmão gêmeo da sua alma, e ela se tornaria sua noiva-irmã, metades de um mesmo todo.

Mas a rainha de Sabá não era fácil de conquistar e só se entregaria nessa união tão sagrada ao homem que reconhecesse como parte de sua alma. Quando fez a longa viagem até o monte Sião em sua caravana de camelos, Makeda inventou uma série de provas e perguntas que apresentaria para o rei. As respostas dele iam ajudá-la a determinar se ele era realmente igual a ela, sua alma gêmea, concebidos como um só no início da eternidade. Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

A LENDA DE SALOMÃO E A RAINHA DE SABÁ,

PARTE UM, TAL COMO PRESERVADA NO LIBRO

ROSSO.

Château des Pommes Bleues

Arques, França,

Dias atuais

Berenger, Roland e Tammy estavam sentados à grande mesa de mogno a um canto da biblioteca. O objeto que estudavam parecia ser um documento antigo, um longo rolo de um tipo de pergaminho muito deteriorado pelo tempo. O pergaminho estava impressado entre duas lâminas de vidro para que fosse preservado e mantivesse unidos os segmentos que já se desfaziam, como o quebra-cabeça medieval que parecia ser. A caixa que continha aquele

frágil documento tinha sido entregue cedo aquela manhã no chateau, endereçada a Berenger Sinclair da Sociedade das Maças Azuis, deixada ali por um mensageiro anônimo que não esperou para ser identificado. A empregada que recebeu a encomenda disse que achava que o mensageiro podia ser italiano por causa de sua roupa, o seu carro e sotaque, mas não tinha certeza. Ele certamente não era do lugar.

- É uma árvore genealógica - comentou Tammy, enquanto passava a mão sobre o nome na parte de cima do vidro. - Há

algo em latim aqui em cima e começa com esse homem. Guidone alguma coisa. Nasceu em 1077, em Mântua, na Itália. Berenger, dotado da educação clássica de um aristocrata, semicerrou os olhos para ler o latim apagado no alto do rolo. Parece que aqui diz: "Eu, Matilda..." Estou achando que é

Matilda. Sim, é Matilda. "Eu, Matilda, pela graça do Deus que É." Uma frase estranha, mas é isso que está escrito. A frase seguinte diz: "Eu estou unida e sou inseparável do conde Guidone e do filho dele, Guido Guerra, e ofereço-lhes a proteção da Toscana para todo o sempre." E ainda diz que esse filho Guido Guerra nasceu em Florença, num mosteiro chamado Santa Trinità. Por que o filho de um conde nasceria em um mosteiro? É... esquisito.

Não é só isso que é esquisito - comentou Roland, apontando para um nome na árvore genealógica. - Olhe só para esses nomes, Berenger.

Berenger se surpreendeu quando seguiu o dedo de Roland sobre o vidro. Numa linha do século XIII havia nomes que ele reconhecia. Um cavaleiro francês chamado Luc Saint Clair casado com uma nobre da Toscana. Os mesmos nomes constavam da genealogia da sua família, eram seus ancestrais. Mas esse fato não era conhecido fora do seu círculo mais próximo e protegido. Quem enviou aquela encomenda sabia, no mínimo, que isso tinha relevância para Berenger Sinclair e que, de algum modo, as árvores genealógicas se cruzavam. A atenção de Tammy foi atraída por um cartão que estava junto com o documento e amarrado a um espelho de mão dourado, bem pequeno. O papel do cartão era elegante, um pergaminho espesso, com um estranho monograma gravado no centro, na parte de baixo. Uma letra A maiúscula unida a um E maiúsculo por um laço com franjas, com um nó entre as duas letras. Isso por si só não era tão incomum. O monograma era estranho porque o E estava virado ao contrário e era quase a imagem espelhada do A. No cartão havia uma espécie de poesia manuscrita:

A arte salvará o mundo,

Para aqueles que quiserem ver.

No seu reflexo encontrará o que procura...

Salve Ictus!

- A arte salvará o mundo - repetiu Tammy. - Nós vimos esse conceito na prática algumas vezes.

Quando procuravam o evangelho perdido de Maria Madalena os quatro haviam decifrado uma série de mapas e pistas encontradas em pinturas europeias da Idade Média, da Renascença e do período barroco. Foi um mapa pintado em um afresco de Sandro Botticelli que levou Maureen a encontrar os valiosos documentos escritos pela própria Maria Madalena. No mundo complexo do esoterismo cristão, a busca dos símbolos na arte era o ponto de partida para muitas grandes empreitadas. Quando a verdade não podia ser dita por escrito, devido ao medo da perseguição e morte, muitas vezes fora codificada em pinturas.

Berenger pegou o espelho e o examinou rapidamente antes de repetir o terceiro verso do poema.

- No seu reflexo encontrará o que procura.

Ele não teve tempo para pensar mais nisso, pois Roland o interrompeu, inusitadamente animado com o que tinha descoberto.

- Olhem para isso! - Roland apontava para a parte de baixo do documento. - O último nome da linhagem. Será que estou lendo direito?

Tammy pôs o braço no ombro dele quando se inclinou para ver o que tinha deixado o gentil gigante tão alvoroçado. Mas foi Berenger que verificou para eles, ao examinar com todo o cuidado o último nome no fim da árvore genealógica, sem dúvida o maior nome do mundo na história da arte.

- Michelangelo Buonarroti.

CAPÍTULO DOIS

Cidade de Nova York,

Dias atuais

- Maureen! Srta. Paschal...

Maureen passou pela porta giratória da rua 47 e entrou no saguão do seu hotel, e Nate, o porteiro, a reconheceu. Sua editora costumava deixar pacotes e encomendas para ela ali no hotel e vice-versa, de modo que Nate e ela logo se tornaram amigos e passaram a se chamar pelo primeiro nome. Maureen dava boas gorjetas, e Nate sempre manifestava sua admiração por ruivas. Era uma boa combinação para um relacionamento de trabalho em Nova York.

- Chegou uma encomenda para você esta noite. Acabei de entrar e vi.

Nate vinha da sala dos fundos, equilibrando uma elegante caixa de presente nas duas mãos. Devia ter no mínimo uns sessenta centímetros de comprimento, era chata e de um vermelho intenso. Preso à caixa com uma larga fita de cetim vermelha havia um enorme buquê de flores brancas, lírios perfumados, misturados com rosas brancas de cabo longo. Maureen espiou por cima da caixa com cuidado antes de pegá-la.

- Tinha algum cartão?

Nate balançou a cabeça.

- Não, nada. Sinto muito.

Maureen sorriu para Nate e agradeceu, ansiosa para subir para o quarto e ver o que tinha na caixa.

Ainda estava sorrindo quando entrou no quarto, inebriada com o perfume divino dos lírios. Só existia um homem no mundo que sabia que essas eram suas iliores favoritas, e que lírios e rosas eram símbolos de Maria Madalena. Havia apenas um homem que poderia ter enviado um arranjo tão elaborado.

Berenger Sinclair.

Mesmo sem querer, Maureen sentiu aquela corrente elétrica indescritível que percorre a espinha e deixa a pele toda arrepiada. Deus do céu, ela continuava loucamente atraída por ele, se é que não era amor mesmo, e ninguém podia recriminá-la por isso. Ele era bonito, com aquele jeito carismático e misterioso dos celtas, charmoso, brilhante e extraordinariamente rico e poderoso. Mas também tinha uma arrogância detestável e já havia revelado uma propensão ao radicalismo e à intolerância. Berenger a magoara profundamente, e ela não ia permitir que isso acontecesse de novo, de jeito nenhum.

Mesmo assim, depois de tudo que passaram juntos, era ele que a compreendia, mais do que qualquer outro homem no planeta.

Durante toda a missão de Maureen, Berenger a protegera, abrigara e até lhe ensinara o folclore e as tradições que cercavam os mistérios de Madalena na França. Não havia nenhuma dúvida de que ele havia influenciado e alterado drasticamente sua vida, nenhuma dúvida de que seu destino estava inevitavelmente ligado. Mas tudo nele era potencialmente perigoso. Berenger era um famoso playboy europeu, e solteirão convicto. Aos cinquenta anos de idade, jamais se casara e também não tinha inclinação para assumir nenhum compromisso sério de qualquer espécie. Ele explicava a solteirice dizendo que não queria se comprometer com qualquer mulher que não tivesse sido feita especificamente para ele. Quando conheceu Maureen lhe disse que estava certo. Que era ela o motivo de nenhuma outra mulher ter jamais chamado sua atenção.

Era uma explicação bonita. Talvez bonita demais. Tinha havido muitos sinais de alerta, antes até da discussão que tiveram. Ele pediu perdão, mas Maureen continuou ressabiada.

No entanto, seu estômago dava cambalhotas só de pensar que ele tinha enviado aquelas flores.

Maureen desamarrou a fita com cuidado, tirou as flores e abriu a caixa. Havia um cartão dentro de um envelope fechado que dizia: "Srta. Paschal." Estranho, Berenger não endereçaria desse jeito. Podia ser apenas formalidade do florista. Maureen olhou para a caixa de novo e tirou o papel de seda que cobria o que tinha dentro. Não sabia bem o que

esperava encontrar, mas certamente não era aquilo. Ali estava o que parecia ser um documento antigo. Se era verdadeiro ou uma réplica, era impossível dizer à primeira vista. Mas estava cuidadosamente preservado entre lâminas de vidro e tinham se esmerado em protegê-lo. Gentilmente Maureen tirou o



objeto da caixa. Tinha quase sessenta centímetros, estava muito amarelado devido ao tempo ou então era uma cópia muito boa, e com as bordas desiguais esfareladas. O texto do documento cobria três quartos do pergaminho, escrito com uma caligrafia florida, mas

precisa, em latim. Maureen passou os olhos rapidamente e achou que não seria capaz de decifrar aquela forma antiga e a elaborada grafia. Seu latim dava para o gasto, mas aquilo era um desafio para algum acadêmico com capacidade muito mais ampla do que seu vocabulário rudimentar.

Foi a assinatura no fim que chamou mais a atenção. Forte e desenhada, era óbvio que tinha sido feita com tinta, mas parecia um tipo de selo, com a cruz latina desenhada entre as letras:

Maureen pegou seu caderno de anotações e reproduziu as letras da assinatura medieval linearmente. Dizia:

MATILDA DEI GRA SI QUO EST

Devia significar: Matilda, pela graça do Deus que É. Embaixo das letras havia mais dois símbolos. Um parecia uma versão sintetizada da letra H, apesar de as linhas verticais estarem onduladas; o outro pareceu imediatamente familiar a Maureen. Ela pôs a mão no colar que estava usando, presente de Berenger no seu aniversário passado. Era um símbolo delicado de diamante incrustado, uma espiral de chifre de carneiro, o motivo astrológico do signo de Áries. Maureen nasceu no dia 22 de março, o primeiro grau do primeiro signo do zodíaco, no limiar do equinócio da primavera, quando o sol passava por Peixes e entrava em Áries. O símbolo do chifre de carneiro era emblemático do equinócio da primavera desde a antiguidade. Mas o que podia significar naquele documento? - E, pergunta mais urgente, quem mandara aquilo para ela e por quê?

Maureen abriu o envelope com cuidado. O papel elegante tinha um estranho monograma embaixo. Um A maiúsculo amarrado a um E maiúsculo, com a letra E ao contrário, como a imagem de um espelho. O cartão estava escrito à mão:

Ao viajar pelo Mundo das Flores,

Você encontrará o Vale de Ouro.

Você procura O livro do amor?

Então aqui encontrará o que procura...

Salve Ictus!

Maureen deu um suspiro, sentindo ao mesmo tempo alívio e excitação. Fora assim que sua busca do evangelho de Maria Madalena começara. Com um presente estranho e um mistério para ser resolvido. Tinha desejado pistas e elas estavam aparecendo. Claro que quem enviou aquilo sabia alguma coisa da sua história pessoal, o que era um pouco desconcertante. O fato de as frases no cartão serem idênticas às palavras ditas pela pequena Madona no sonho era definitivamente perturbador. Ela estremeceu diante da inusitada intimidade daquela nota. Apesar de ter fé, de ser guiada por Deus no seu caminho, como sempre foi, havia algo indiscutivelmente

ameaçador

num

correspondente

desconhecido capaz de saber dos seus sonhos. Seria possível que alguém estivesse realmente influenciando seus sonhos?

Maureen não tinha certeza de qual hipótese era mais assustadora, mas ambas a preocupavam.

E ela fez a única coisa que lhe veio à cabeça. Ajoelhou e rezou, pedindo proteção e orientação na jornada que estava prestes a iniciar.

Maureen fez um rápido inventário mental. Havia apenas três pessoas no mundo com quem podia se consultar sobre aquele mistério imediato, todas elas na Europa. A primeira era seu primo Peter Healy, o acadêmico jesuíta que atualmente morava no Vaticano. Peter poderia traduzir o documento e talvez até identificá-lo. Maureen podia apostar que quem enviara o pacote misterioso conhecia muito bem esse seu recurso. Senão não a deixaria limitada às suas habilidades para traduzir algo tão elaborado. Ela podia ligar para Peter, é claro, mas sabia que sua primeira reação seria de preocupação. Era melhor investigar mais um pouco antes de jogar isso em cima dele sem mais nem menos.

Restavam, então, Berenger Sinclair e Tâmara Wisdom, e os dois estavam no quartel-general de Pommes Bleues, na região do Languedoc, na França. Berenger, como Peter, ia ficar imediatamente preocupado e exigir que ela fosse para a França enquanto ele investigava. Essa não era a reação que ela queria ou de que precisava naquele momento.

Sobrara Tammy.

Tamara era a melhor amiga de Maureen, confidente e companheira na heresia. Cineasta independente de Los Angeles, dedicada e séria, Tammy se apaixonou quando fazia um documentário sobre as lendas de Madalena na França, tanto pela paisagem magnífica como pelo gentil gigante do Languedoc chamado Roland Celis, de quem agora estava noiva. Tâmara, Roland e Berenger moravam no deslumbrante Château des Pommes Bleues, a

propriedade francesa da família escocesa Sinclair, que servia de quartel-general para a sociedade com o mesmo nome. Telefonar para um era telefonar para todos, mas talvez conseguisse falar só com Tamara, se ligasse para o seu celular primeiro.

Era meia-noite em Nova York. Seis horas da manhã na França. Muito cedo, mas o assunto era importante. Discou o número do celular de Tammy e ouviu o toque duplo internacional do outro lado. Depois um clique quando Tammy atendeu, sem parecer nada sonolenta e dizendo logo:

- Salve Ictus!
- Você recebeu também?
- Endereçado para Berenger. Chegou ontem à noite.
- Um documento antigo sobre alguém chamado Matilda?
- Deve ser a condessa Matilda da Toscana.
- Você conhece essa Matilda?
- Conheço, e você também. Ela aparece nas lendas esotéricas por toda a Europa. Uma espécie de rainha guerreira que governou a metade da Itália. E o que é mais importante para os nossos propósitos, ela foi a fundadora da Abadia de Oval. Maureen se espantou. Havia

duas revelações importantes na última frase de Tammy. Trataria primeiro da que tinha ligação com a pista no cartão que recebeu.

- Orval. Or-Val. Significa Vale de Ouro, certo? Como em:

"Você encontrará o Vale de Ouro"?

- Sim. Você sabe que isso significa que nós temos a metade do quebra-cabeça e você tem a outra. Evidentemente alguém quer que trabalhem juntos nisso. Ou talvez eu deva dizer que alguém quer que você e Berenger trabalhem juntos, já

que os pacotes foram endereçados a ambos. Muito significativo, não é?

Maureen ignorou temporariamente a insinuação de Tammy e concentrou sua atenção num assunto mais urgente.

- Orval. Como a... profecia de Orval?

Tammy deu risada.

- É claro, ma petite Escolhida. Parece mesmo que alguém quer que viajemos para a Bélgica para dar uma olhada mais de perto na sua profecia pessoal. Quando você pode vir para cá?

Maureen suspirou, pensando que aquela chamada para a aventura precisava ser atendida. Não havia como voltar atrás. Primeiro, ia ligar para Roma para falar com Peter e contar

tudo que tinha acontecido nas últimas vinte e quatro horas, antes de providenciar a remessa do documento para ele aquela noite. Depois ligaria para a Air France e faria a reserva num vôo para Toulouse.

França. Berenger. Complicado.

Aquela noite o sono de Maureen foi inquieto, e ela teve outro sonho. Era o tema recorrente que a perseguia havia algum tempo. Mas essa noite foi mais longo e mais completo do que antes.

Uma figura inclinada sobre uma mesa antiga, no escuro, o arranhar de uma pena enquanto palavras e imagens iam fluindo pela mão do escritor. Ao espiar por cima dos ombros dele, parecia que um brilho azulado emanava das folhas. Olhando fixamente para o brilho da escrita, Maureen não viu o escritor se mover no início. Quando a figura se virou e andou até o foco iluminado pelo lampião, Maureen deu um grito sufocado.

Tinha vislumbrado por vezes aquele rosto em sonhos anteriores, momentos fugidios de reconhecimento que acabavam num instante. Ele agora fixava todo o poder da sua atenção em Maureen. Paralisada naquele estado onírico, ela encarou o homem à sua frente. O homem mais lindo que já

tinha visto.

Easa.

Era esse o nome com que Maria Madalena se referia a ele em seu evangelho, portanto era com esse nome que Maureen se sentia mais à vontade. Foi o fato de encontrar Easa através dos olhos de Maria Madalena que fez com que ela descobrisse a própria fé. Para o resto do mundo moderno ele era Jesus. Ele sorriu para ela, então, uma expressão tão divina e carinhosa que Maureen ficou embevecida, como se o próprio sol brilhasse naquela simples expressão. Ela continuou imóvel, incapaz de fazer qualquer coisa além de olhar fixo para a beleza e a graça dele.

- Você é minha filha, que me enche de satisfação. A voz era uma melodia, uma canção de união e amor que ressoava no ar ao seu redor. Maureen flutuou com aquela música por um momento eterno, antes de despencar ao som das próximas palavras que ele disse.

- Mas o seu trabalho ainda não terminou.

Com outro sorriso, Easa, o Nazareno, o Filho do Homem, voltou para a mesa onde estavam seus escritos. A luz das folhas ficou mais forte, as letras tremulavam com luz azul, desenhos azuis e violeta no papel grosso que parecia linho. Maureen tentou falar com ele, mas as palavras não saíam. Foi capaz apenas de observar o ser divino diante dela que apontava para as folhas e falava com suave precisão.

- Veja, O livro do amor. Siga o caminho que lhe foi indicado e encontrará o que procura. Quando encontrar, deve compartilhá-lo com o mundo e cumprir a promessa que fez. A nossa verdade está na escuridão há tempo demais. Procure lembrar que destino e destinação têm a mesma raiz. A fala dele era bem definida, mas as palavras eram um mistério.

Easa olhou nos olhos de Maureen por um segundo que durou uma eternidade, depois se levantou e deslizou sem esforço algum para cobrir a distância que os separava. Ele parou bem na frente dela e a paralisou com seus olhos escuros e intensos.

- O tempo retorna. Se não se lembrar de mais nada quando despertar, lembre-se dessas três palavras.

Maureen fazia um esforço enorme no sonho, desesperada para gravar tudo que ele dizia. Tentou repetir as três palavras. Dessa vez não foi traída pela fala. Conseguiu sussurrar em resposta.

- O tempo retorna.

Easa recompensou Maureen aproximando-se dela e dando-lhe um único beijo paternal na cabeça.

- Acorde agora, minha filha. Precisa acordar enquanto está

nesse corpo, pois tudo existe dentro dele. E não tenha medo, estou sempre com você. Agora vá sem medo e faça tudo com amor. Portanto, seja perfeita.

Maureen acordou assustada, ofegante, estendeu a mão para acender a luz de cabeceira o mais depressa possível. Seu coração pulava dentro do peito quando pegou o caderno no criado-mudo. Escreveu as palavras que Ele disse bem depressa, primeiro sobre O livro do

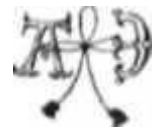
amor, rezando para não esquecer nada. Sublinhou a frase "destino e destinação têm a mesma raiz". O que isso queria dizer? Balançou a cabeça diante do que parecia um absurdo: Jesus dando uma aula de etimologia.

E havia ali, novamente, a menção a uma promessa. Cumprir uma promessa que ela fez? Quando? Nesta vida? Em outra?

Maureen estava bem segura de não acreditar em reencarnação e mais segura ainda de que tal conceito era contrário aos ensinamentos cristãos. O que mais aquilo podia significar?

Uma promessa que fez antes de nascer?

Maureen pensou um pouco na luz azul. Ela emanava das folhas, como se as palmas tivessem vida própria e



essa vida estivesse contida naquela cor maravilhosa e tremulante, mistura de azul e violeta. Alguma coisa provocava a consciência de Maureen, aquela luz, aquela cor era importante por algum motivo. Era algo que ela precisava entender, mas o significado, aqui e agora, ainda era um mistério.

Maureen escreveu: "Portanto, seja perfeita." Parecia coisa das escrituras. Perguntaria para

Peter. Ele saberia se era ou não. Mas a frase anterior a essa certamente não parecia extraída de nenhuma escritura: "Precisa acordar enquanto está nesse corpo, pois tudo existe dentro dele."

Ela virou outra página e escreveu com letras maiúsculas:

O TEMPO RETORNA.

Então, examinou suas anotações novamente e descobriu que tinha esquecido uma frase. As outras coisas que Easa disse eram um mistério, mas essa frase, que ele já havia dito anteriormente em outro sonho, era completamente desconcertante. Assustadora. Inescapável.

"Mas o seu trabalho ainda não terminou." O trabalho dela, ao que parece, estava apenas começando.

Makeda, a rainha de Sabá, chegou ao Sião com uma enorme comitiva, uma caravana de camelos como ninguém jamais tinha visto igual, levando especiarias e muito ouro, pedras preciosas, tudo de presente para o grande rei Salomão. Ela o procurou sem malícia, pois era uma mulher pura e sincera, incapaz de fingir ou enganar. Mentiras e falsidades lhe eram desconhecidas. E assim foi que Makeda contou para Salomão tudo que se passava em sua mente e em seu coração, e perguntou se ele podia responder às perguntas que ela havia preparado. Não eram, como alguns poderiam pensar, charadas para testar a sabedoria dele. Ao contrário, eram perguntas que vinham do coração e da alma. As respostas do rei ajudariam Makeda a determinar se os dois realmente tinham sido gerados do mesmo espírito

eseo seu destino era celebrar o hieros-gamos juntos. Só que ela nem precisou das perguntas. Diante dele, olhando nos seus olhos, a rainha soube que Salomão era parte dela, desde o início até o fim da eternidade. Salomão ficou deslumbrado com a beleza e a presença de Makeda, e totalmente desarmado diante da sua honestidade. A sabedoria que viu nos olhos da rainha de Sabá refletia a dele, e soube imediatamente que os profetas estavam certos. Ali estava a mulher que era igual a ele. Como poderia ser diferente, se ela era a outra metade da sua alma?

E assim foi que quando Makeda, a rainha de Sabá, viu toda a grandeza de Salomão, tudo que ele havia criado em seu reino e, acima de tudo, toda a felicidade dos seus súditos, ela disse para o rei:

- Os relatos que ouvi na minha terra, sobre seus feitos e a sua sabedoria eram verdadeiros, mas não acreditei neles até vir aqui e ver com meus próprios olhos. Sua sabedoria e prosperidade superaram tudo que ouvi. Felizes são seus homens! Felizes são seus súditos, que o procuram para escutar sua sabedoria! Abençoado seja o Senhor vosso Deus, que o pôs no trono de Israel! Ele o fez rei para poder exercer a justiça e a retidão.

"E abençoado seja o senhor seu Deus que o fez para mim e a mim para você."

Foi então que a rainha de Sabá e o rei Salomão se uniram no hieros-gamos, o casamento que une a noiva e o noivo no matrimônio espiritual que existe apenas na lei divina. A Deusa de Makeda se uniu ao Deus de Salomão nessa união mais sagrada, do masculino com o feminino em um ser completo. Foi através de Salomão e Makeda que El e Aserá se uniram

mais uma vez em carne e osso.

Ficaram na câmara nupcial todo o ciclo da lua, num lugar de confiança e de consciência, sem permitir que nada se interpusesse à sua união, e dizem que nesse tempo os segredos do universo foram revelados através deles. Juntos, eles descobriram os mistérios que Deus ia partilhar com o mundo, para aqueles que pudessem ouvir.

No entanto, Salomão e a rainha de Sabá não se tornaram consortes, pois eram iguais, cada um soberano do próprio território e do próprio destino. Ambos sabiam que chegaria um momento em que teriam de se separar e voltar para as obrigações de seus respectivos reinos e ficar sozinhos mais uma vez, com seus recém-renovados sabedoria e poder. O

triunfo e a celebração dos dois residiam no que tinham trazido um para o outro, em usar bem e com ciência essas dádivas em seus destinos individuais.

Salomão escreveu mais de mil cânticos inspirado em Makeda, mas nenhum tão valioso como o Cântico dos Cânticos, que encerra os segredos do hieros-gamos e de como Deus é

encontrado nessa união. Dizem que Salomão teve muitas esposas, mas houve apenas uma que era parte de sua alma. Makeda nunca foi sua esposa pelas leis dos homens, mas foi sua única mulher pelas leis de Deus e da natureza, que é o mesmo que dizer pelas leis do Amor.

Quando Makeda partiu do sagrado monte Sião, foi com o coração pesado por deixar seu único amado. E esse tem sido o destino de muitas almas gêmeas na história, que se unem de

vez em quando e descobrem os segredos mais profundos do amor, e que acabam separadas justamente por seus destinos. Talvez essa seja a maior prova e mistério do amor, compreender que não há separação dos verdadeiros amantes, independentemente das condições físicas, de tempo ou distâncias, de vida ou de morte.

Quando o hieros-gamos é consumado entre almas predestinadas, os amantes nunca mais se separam espiritualmente.

Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

A LENDA DE SALOMÃO E A RAINHA DE SABÁ, PARTE DOIS,

TAL COMO PRESERVADA NO LIBRO ROSSO

Cidade do Vaticano,

Dias atuais

- Obrigado, Maggie.

Margaret Cusack pôs cuidadosamente uma bandeja de chá na mesa do padre Peter Healy. Ficou rodando em volta dele e da bandeja como a matrona irlandesa que era, servindo o chá, medindo o açúcar, acrescentando a quantidade certa de leite. Maggie era o que a mãe de Peter teria chamado de solteirona, uma mulher de certa idade, sem filho para cuidar. Por isso seguiu a carreira de governanta de padre, que começou quando ainda era adolescente em County Mayo. Quando o padre para quem trabalhava foi transferido para Roma, ela veio com ele e nunca mais partiu. Já estava ali havia cinquenta anos.

Quando padre Bernard morreu no ano anterior, Maggie foi tão leal e indispensável que acabou ficando até encontrarem uma nova função para ela. Sua devoção absoluta à Igreja não tinha limites.

Ela escreveu para a família para contar que foi uma bênção de Deus aquele homem

adorável, o padre Peter, ter ido para Roma na hora certa. O fato de ele ser jovem e charmoso... e irlandês... era bênção ainda maior para ela. Maggie sentia uma saudade imensa da Irlanda e muitas vezes cantarolava as baladas folclóricas da sua terra natal enquanto se ocupava da limpeza da casa depois de um dia atarefado do padre Peter. Hoje ela cantava alguma melodia que fez Peter se assustar ao reconhecer. Não ouvia aquilo havia anos. Era um hino escrito em gaélico, que ele aprendera quando menino na escola Christian Brothers. E ele então surpreendeu Maggie cantando junto com ela.

- Céad mile fáilte romhat, a Iosa, a Iosa...

Cem mil vezes bem-vindo, Jesus. Era uma canção sobre receber Jesus em nossos corações e em nossas vidas. Era tradicional, mas Peter lembrou que vinha de um antigo hino da época do nascimento do cristianismo e de São Patrício. A pronúncia irlandesa do nome de Jesus, Iosa, soava como Easa.

- É uma linda canção, não é, padre?

- É sim, Maggie. E acabei de me dar conta de que Jesus, em gaélico, pronuncia-se Easa. Você sabia que ele é chamado de Easa, ou Issa, em algumas línguas?

- Não, eu não sabia disso, padre, só a parte do gaélico. E

justamente por causa dessa canção. Estou esquecendo meu irlandês, mas as músicas e as poesias a gente não esquece.

- É mesmo.

Ele deixou o assunto morrer. Maggie não aceitava qualquer alternativa ao seu catolicismo. Fincava o pé em sua ortodoxia, como muitas camponesas irlandesas da sua idade, como praticamente todos os que conviviam com Peter, ali em Roma. Era provável que ela não quisesse saber por que Maria Madalena, no evangelho que escreveu, chamava Jesus de Easa, a forma íntima do nome grego, porque ela era casada com ele. Na verdade, Maggie talvez até se impusesse uma penitência de dez mil Ave-Marias só por ter ouvido tal blasfêmia saída dos lábios dele. Seu antigo empregador, padre Bernard, era da escola tradicionalista, assim como Maggie. A maior felicidade para ela era quando cuidava de Peter, servia sua comida, seu chá e limpava os seus aposentos, que faziam às vezes, também, de escritório. Desde que ele limitasse as conversas à vida diária e às lembranças da terra natal, ela ficava feliz como um passarinho.

Além das obrigações como governanta do Vaticano, Maggie era também membro dedicado da Confraria das Sagradas Aparições, um grupo empenhado em compreender e promover as aparições da Virgem Maria em todo o mundo. Levava sempre consigo alguns folhetos e brochuras nos quais estudava, em momentos de folga, os relatos dessas aparições. Naquele instante em que servia o chá de Peter, tinha um livro com as pontas das páginas amassadas aparecendo no grande bolso do seu avental.

- O que está lendo? - Peter era sempre curioso.

- A vida da iluminada irmã Lúcia - respondeu Maggie, tirando o livro do bolso para mostrar

a Peter. Lúcia Santos: vida e visões.

- Ah, Fátima. Está se preparando para o aniversário este ano?

- Estamos sim, padre. Noventa anos desde que a Virgem Abençoada apareceu para as crianças de Fátima. Vamos preparar uma comemoração especial.

O telefone tocou no corredor ao lado, e Maggie correu para atender. Peter bebia seu chá. Ele precisava de paz para pensar sobre o telefonema que recebera de Maureen. Além de seu parente vivo mais próximo, ele era e sempre fora seu conselheiro espiritual. Passaram juntos por tempos difíceis, e ambos enfrentaram provas extraordinárias de fé durante a busca do evangelho de Maria Madalena. Não passava uma hora do dia sem que Peter se perguntasse se tinha sido aprovado ou reprovado naqueles testes.

Depois que Maureen arriscou a vida para obter os documentos antigos que estavam escondidos numa caverna na França, Peter se incumbiu de tirar o evangelho do país e de entregá-lo à Igreja. Para fazer isso, foi obrigado a enganar Maureen e todos os amigos do Château des Pommes Bleues que a ajudaram e a protegeram no decorrer da aventura. Ele furtou os documentos como um ladrão, na calada da noite. Apesar de agora se atolar em auto-recriminação por ter tomado aquela iniciativa, seus motivos para fazê-lo, na época, eram muitos. Num primeiro momento ele se convencera de que estava protegendo Maureen. Infelizmente, ela e os companheiros não entenderam da mesma maneira. Ele precisou dos últimos dois anos quase inteiros para dirimir completamente o desgaste provocado no relacionamento deles, e o bom resultado deveu-se muito a Maria Madalena. Como o

evangelho dela enfatizava o poder e a importância do perdão, Maureen pensou que estaria sendo muito hipócrita se não perdoasse Peter.

Peter, no entanto, ainda precisava perdoar a si mesmo. Na época da descoberta e enquanto traduzia o evangelho, ficou profundamente abalado com as revelações contidas no documento. Simplesmente não podia aceitar que um elo tão crucial da história do cristianismo não estivesse nas mãos da Igreja, onde todos os especialistas disponíveis podiam ser convocados para analisar o material e autenticá-lo. Então fez o que achou que fosse melhor e entregou os originais para as autoridades em Roma. Em troca, recebeu autorização para participar da investigação.

Foi assim que sua vida virou um tormento. Peter ficava diariamente envolvido com a confidencialidade e a hierarquia de uma estrutura que o considerava um pária. Ele não foi considerado um herói por ter entregado aquele documento valiosíssimo. Na verdade, aconteceu o contrário. Todo o tempo, suspeitavam que ele participasse de uma poderosa heresia. Como Peter fora o primeiro tradutor do documento, antes de levá-lo para as autoridades do Vaticano, ele representava um problema. Sabia exatamente o que dizia o evangelho e, pior ainda, tinha compartilhado a tradução com a prima, que, por causa disso, tornou-se escritora de sucesso, com um livro na lista dos mais vendidos. Em seu âmago, ele estava convencido da autenticidade do evangelho, sem precisar de qualquer outro teste. Havia muitos ali, no entanto, que se opunham a essa idéia, e Peter muitas vezes fora desencorajado e silenciado. Havia momentos em que a sensação que tinha era de que estava em regime de prisão domiciliar. Contava apenas com um aliado em toda Roma em que realmente podia confiar. Felizmente era um aliado poderoso. Peter passava horas rezando

todas as noites para que os outros membros do conselho do Vaticano permitissem que a luz da verdade entrasse em seus corações durante esse processo. Vivia animado pela possibilidade de um dia ser capaz de dizer a Maureen que Maria Madalena tinha sido autenticada e... resgatada.

Só que agora ele enfrentava mais uma complicação. Maureen estava prestes a fazer outra descoberta espiritual, tivesse ela consciência disso ou não. Peter já vira tudo isso acontecer antes. Quando os sonhos visionários se repetiam, rapidamente desembocavam em uma série de situações sincronizadas, todas elas inexplicáveis sem a intervenção divina. Foram acontecimentos semelhantes a esses que levaram Maureen até

o evangelho de Madalena dois anos antes. Ela estava tendo aqueles sonhos de novo. Dessa vez, porém, Jesus citava as escrituras para ela.

Portanto, seja perfeita.

A frase parecia a do Evangelho segundo Mateus, capítulo cinco: "Portanto, sede perfeitos, como é perfeito nosso pai celeste." Era um mandamento do Sermão da Montanha que seguia a instrução de amar seus inimigos e abençoar os que os amaldiçoam. Certamente aquele era um dos pilares do cristianismo, mas o que significava no contexto do sonho de Maureen?

Mais estranha ainda era a frase: Precisa acordar enquanto está

nesse corpo, pois tudo existe dentro dele. PETER reconheceu o contexto em que se inseria

imediatamente. Era um dos controversos Evangelhos Gnósticos encontrados em NagHammadi, no Egito, em 1945. Ele tinha certeza de que estava no Evangelho de Filipe. E mais certeza ainda da frase que vinha em seguida no texto antigo: Ressuscitai nesta vida. Essas certezas se deviam ao fato de Peter ter participado de acalorados debates sobre o significado dessas frases quando vivia em Jerusalém, no início dos seus estudos como jesuíta. Parte da controvérsia sobre o texto gnóstico partia exatamente da ideia de que a vida na Terra, aqui e agora, com atenção especial para este corpo, era tão importante quanto a outra vida. Talvez até mais importante. Esse conceito não costumava ser defendido pelo catolicismo ortodoxo, por motivos óbvios. Alguns afirmavam que era heresia. No entanto, era a chave dos textos gnósticos. Peter era fascinado havia muito tempo pelo ponto de vista gnóstico e argumentava com seus irmãos mais conservadores que o fato de esses evangelhos não terem sido alterados, dissecados, editados e traduzidos inúmeras vezes nos últimos dois mil anos garantia sua pureza e os tornava dignos de serem levados a sério. Os opositores dos documentos gnósticos assumiam a posição de que tinham sido escritos muito tempo depois da vida de Jesus para serem considerados válidos, pois alguns deles eram datados de meados do século III.

Peter achou trágico a Igreja ter assumido posição tão radical quanto à importância do códex gnóstico. Por que tudo tinha de ser sempre branco ou preto? - Por que os Evangelhos Gnósticos tinham de estar opostos ao Cânon? Será que não podiam ser lidos todos juntos, leituras complementares, numa tentativa de nos levarem a um entendimento e aprendizado maior sobre quem era Jesus e o que queria nos ensinar?

Maureen estava sonhando com Jesus de novo, e o Senhor mesmo citava os dois evangelhos,

o canônico e o gnóstico. Aquilo era fascinante. E, como a história de vida dela, devia ter uma importância e um significado que ele ainda nem podia imaginar.

E agora, tinha de levar em consideração dois rolos de pergaminhos medievais.

Peter não teve tempo para se deter nesse pensamento. Maggie apareceu apressada, como sempre ficava quando algum membro do alto escalão do clero procurava Peter.

Padre Girolamo telefonou. Disse que precisa vê-lo no escritório dele imediatamente, para tratar de alguma coisa que tem a ver com o cardeal DeCaro e um documento antigo.

Confraria das Sagradas Aparições

Cidade do Vaticano,

Dias atuais

Padre Girolamo de Pazzi estava cansado, sentia a exaustão de uma vida muito longa a serviço de algo mais importante do que o próprio conforto: sua dedicação ao Coração Imaculado da Santa Virgem Maria e à Confraria das Sagradas Aparições. Seu trabalho público se concentrava em compreender as visões e os visionários que haviam sido santificados pela Igreja como autênticos em mais de quinhentos anos. Seu trabalho particular tinha foco diferente. A portas fechadas, preocupava-se com um tipo mais intrigante de profeta, ou, para ser mais exato, outro tipo de profetisa. Era uma linhagem de

mulheres, unidas por linhas de sangue e de nascimento, que tiveram visões com clareza e poder extraordinários. Referiram-se a elas com diversos títulos na história, alguns mais hereges do que outros. Foram conhecidas como Madalenas, Pastoras, Madonas Negras, Papisas e Escolhidas. Padre Girolamo estudava os detalhes de suas biografias. Algumas não tinham muitos registros porque eram muito antigas, como as misteriosas Sara-Tamar e Modesta. Outras tinham bastante documentação, como Teresa de Avila. Ele estudava suas vidas em busca da resposta para a pergunta que o consumia.

Por quê? Por que especificamente essas mulheres recebiam esses dons do Senhor?

E o quê? O que elas sabiam que estava fora do alcance até dos homens mais santos?

Ele olhou para o velho manuscrito que cobria sua mesa, e que o preocupava, havia dias e noites. Tinha um dia pertencido à

coleção pessoal do papa Urbano VIII e continha uma série de profecias. Escritos em forma de poesia, os versos às vezes eram em francês, às vezes em italiano, e haviam sido escritos em papel ao longo de muitas gerações. Como as estrofes tinham quatro quadras em versos, cada uma, alguns estudiosos antes dele creditaram a autoria desses versos ao famoso profeta francês, Nostradamus. De fato, aquele manuscrito havia sido catalogado na Biblioteca Apostólica como obra de Nostradamus, e assim fora por cem anos, até

padre Girolamo resgatá-lo. Ele sabia que aquele documento tinha um valor inestimável e que certamente não era obra de um só autor. Pelo contrário, parecia um trabalho de muitos

séculos. Apesar de os versos terem sido traduzidos inúmeras vezes, ele continuava sem a chave para seu verdadeiro significado. As quadras eram escritas com um tipo de código, uma linguagem profética que não podia ser interpretada por quem não tivesse nascido para compreendê-la.

Mesmo assim, ele tentava. Separava cada frase, uma a uma, e a estudava horas a fio. Havia uma profecia específica que se tornara uma obsessão para ele, aquela em francês que começava com "Le temps revient". O tempo retorna. Padre Girolamo analisou a folha, concentrado para entender o significado da frase e da profecia. Segurava numa das mãos uma delicada caixa de cristal, em forma de medalhão, que continha a relíquia de uma visionária. Rezou para que o relicário o ajudasse naquela tradução, mas até aquele momento as palavras não tinham revelado seus segredos para ele.

O velho padre suspirou e recostou-se na cadeira. Apesar de morar em Roma, e morara ali a maior parte de sua longa vida, a confraria à qual o padre Girolamo pertencia teve sua origem na Toscana medieval. Hoje ele sentia como se a presidisse desde aqueles tempos remotos. Mas havia mais trabalho a fazer e mais um documento sobre o qual se debruçar. Guardou com cuidado o livro de profecias na gaveta trancada, seu lugar secreto.

Peter Healy estava a caminho para vê-lo, e padre Girolamo precisava se preparar para conversar com ele sobre o fascinante desenrolar daquele assunto.

Peter olhava para a enorme tapeçaria que cobria a parede do escritório particular da confraria. Tinha sido confeccionada na Holanda no final do século XV, mesmo período das

famosas tapeçarias de unicórnios que agora adornavam os museus das cidades de Nova York e Paris. Essa era chamada de A morte do unicórnio e ilustrava uma elaborada sequência de caçada. O animal mítico estava cercado por caçadores que portavam lanças, e alguns elementos do grupo enfiavam suas lanças no corpo da criatura encurralada. O unicórnio sangrava muito, tanto por causa desses ferimentos como por causa dos dentes dos cães que furiosamente rasgavam sua carne. Um trombeteiro anunciava a morte do animal com pompa e júbilo no primeiro plano da tapeçaria. Era uma obrapríma da arte flamenga, mas o tema podia parecer perturbador para quem não era iniciado.

- Profundamente belo, não é? - A voz de padre Girolamo de Pazzi, rouca após quase sete décadas de sermões, saudou Peter quando entrou na sala, por trás dele.

Peter meneou a cabeça concordando e sorriu ao cumprimentá-lo.

- Eu sempre gostei das tapeçarias de unicórnio. Essa é violenta, mas bela.

- A morte do nosso Senhor foi violenta, e é isso que essa obra de arte nos faz lembrar. Ele morreu pelos nossos pecados, de modo terrível. - O velho padre encerrou o sermão com um gesto. Mas isso não é nada que você não saiba, pois é sábio e culto, muito além da sua idade Venha até a minha sala, Peter. Quero lhe mostrar uma coisa.

Peter seguiu o velho padre em silêncio. Desde que chegara a Roma, padre Girolamo

tornara-se seu amigo. Eles se conheceram por intermédio de Maggie Cusack, o membro mais empenhado da confraria dirigida pelo velho. Peter passava bastante tempo na companhia de Girolamo, mas nunca estivera ali, dentro do santuário da confraria. Aquele era um lugar muito privado, e quando o velho padre fechou a porta, Peter soube que um segredo estava prestes a ser revelado. Não que isso fosse surpresa para ele. Havia muito tempo tinha compreendido que a Cidade do Vaticano era construída sobre segredos, com segredos, por segredos e para segredos.

Bem no centro da mesa antiga de padre Girolamo estava o documento que Maureen recebera em Nova York. Peter não sabia ao certo o que estava acontecendo ali. Ele não tinha dado o documento para aquele padre. Entregara-o nas mãos do cardeal Tomas DeCaro, seu mentor.

- Sente-se. - Era uma ordem amigável, e Peter plantou-se diante da mesa do velho padre.

- Você entregou esse documento para Tomas, e ele o trouxe para mim. Tomas estaria aqui pessoalmente, mas teve de ir para Siena para tratar de assuntos da Igreja. Ele confia em mim e você também pode confiar. Vou explicar por que ele me deu o documento. Sou da Toscana. E minha paixão nesses oitenta anos de vida tem sido o estudo da história da Toscana e da sua relação com a Igreja. Por isso, quando apareceu esse raro e importante documento, nosso amigo soube que eu entenderia sua relevância. E eu entendo. Isso tem relação com a grande condessa, Matilda Toscana. Você sabe quem ela é?

Peter balançou a cabeça.

- Bem, vai saber. Agora diga-me, quantas vezes esteve dentro da Basílica de São Pedro?

Peter sacudiu os ombros.

- Não sei. Centenas de vezes.

- Então você passou pela condessa Matilda centenas de vezes. Ela está enterrada num lugar de honra, sob uma grande lápide de mármore projetada pelo mestre barroco Bernini e a cinquenta metros exatamente do primeiro apóstolo.

- Ela está enterrada dentro da basílica? - perguntou Peter incrédulo. Ele não tinha idéia de que qualquer mulher tivesse sido enterrada na Basílica de São Pedro, muito menos num local de tanta honra. - Por quê?

Padre Girolamo deu uma risada breve e inaudível.

- Depende da pessoa para quem você fizer essa pergunta. Como está perguntando para mim, eu digo que é porque ela era uma mulher piedosa, doadora generosa para a Igreja, que deixou todos os seus bens para o papa.

- Por que acha que alguém enviou um documento sobre essa condessa Matilda para Maureen?

- Eu me preocupo muito com as intenções das pessoas, ou pessoa, que enviaram tal

documento anonimamente, e, até

que possamos determinar a identidade ou a intenção delas, é

essencial que fiquemos atentos.

- Acha que é perigoso?

O velho acenou com a cabeça, indicando que sim.

- Acho. Peter, você é um dos melhores linguistas que os jesuítas produziram. Você não trouxe esse documento para ser traduzido. Então sabe o que ele contém. Correto?

Peter concordou com a cabeça.

- Esperava que ele fosse autenticado, só para ter certeza.

- É realmente autêntico. E é justamente por isso que me preocupa. Tenha muito cuidado com isso, meu filho. Eu sei que um presente desses pode parecer benigno, mas não acredito que seja. Acho que alguém pode estar usando a sua prima. Tomas também acredita nisso, daí ter vindo a mim.

- Usando Maureen de que forma?

- Pense, Peter. Nosso amigo Tomas veio me procurar porque, além de ser toscano, também

sou especialista em experiências visionárias. E se há uma coisa que aprendi nesses anos todos de estudo, é o seguinte: os verdadeiros visionários nascem assim, não são feitos. Não se pode aspirar a ser, nem estudar para ser. Você é ou não é, e não existe nada entre as duas coisas. Portanto, um profeta autêntico é muito raro e por isso valioso. E sua prima é algo como uma celebridade aqui, você

sabe.

Peter sorriu. Maureen era muito famosa dentro das paredes da Cidade do Vaticano, era uma curiosidade, herege e renegada, pior ainda, mulher, mas também uma força que não podia ser inteiramente subestimada. Afinal de contas, Maureen tinha feito a mais extraordinária descoberta cristã da época, e justamente seguindo seus sonhos e suas visões.

- Assim, o fato de os anciãos mais conservadores da Igreja aprovarem ou não a sua prima não faz qualquer diferença. O

fato incontestável é que as visões dela a levaram a realizações sem precedentes. Creio que alguém a esteja usando para encontrar o livro que é citado naquele documento. E quando este livro for encontrado, acho que não vão querer que sua prima esteja por aqui para contar a história da sua existência. Ela deve tomar muito cuidado, e você também.

O velho padre ficou pensativo, de olhos fechados por tanto tempo que Peter achou que estava dormindo. Quando finalmente abriu os olhos, estavam claros e brilhantes, cheios de determinação.

- Peter, preciso que me mantenha informado sobre os movimentos da sua prima em relação a esse documento e que me informe se ela tiver qualquer outro contato com essa... fonte. Juro que é para a proteção dela. E sua.

Peter assegurou-lhe que faria isso. Mas as palavras de alerta do velho padre foram perturbadoras, e ele estava aflito para sair dali e ligar para Maureen, que estava prestes a chegar à

França.

- Vá com Deus, meu rapaz. E que a Mãe Santíssima esteja com você em sua jornada.

CAPÍTULO TRÊS

Languedoc, França,

Nos dias atuais

Maureen começava a sentir a tensão crescer dentro dela à

medida que elas se aproximavam do seu destino. O trajeto de carro desde que saíram de Toulouse demorou bem mais de uma hora e lhe deu tempo para se atualizar com Tammy sobre todos os acontecimentos, bem como abordar a pesquisa que empreendiam. Falaram de pistas e de teorias e das possíveis fontes dos documentos.

- Berenger está muito ressabiado com tudo isso - explicou Tammy. - Por mais fascinante que seja, ele não gosta de ter a sensação de não estar no controle da situação, e fica preocupado porque nenhum de nós conseguiu ainda apresentar uma teoria concreta sobre quem está liderando essa caçada herética.

- Quem está fazendo isso sabe muita coisa sobre Berenger e sobre mim. Isso é sem dúvida desconcertante. Mas acontece que também sabem o que está acontecendo nos meus sonhos, e isso está além de qualquer explicação. Portanto, ou é algo criado por inspiração divina...

- Ou algo realmente sinistro.

- E, obrigada por me tranquilizar. Porque eu ainda não estava suficientemente nervosa.

Mesmo sem a recente e inesperada reviravolta nos acontecimentos, voltar para Arques havia deixado Maureen muito tensa. Ali ela descobriu o evangelho de Madalena, fora ali que tinha ao mesmo tempo sofrido e desfrutado uma aventura que estava além da imaginação da maioria das pessoas. Mas ali era, também, lar de Berenger Sinclair, e isso provocava uma série de outras complicações.

Tammy pegou a estrada que passava por Montségur porque sabia que Maureen gostava daquela parte da França. Era um dos lugares espirituais da Terra, local do último bastião do povo cátaro contra os exércitos de um papa que tinha resolvido exterminar toda uma cultura. Maureen conhecia bem essa história e havia passado horas memoráveis aprendendo sobre o legado de Montségur em sua última ida a França.

No fim do ano de 1243 os cátaros já contabilizavam cinquenta anos de torturas infligidas pela Igreja católica. Os habitantes de cidades inteiras tinham sido executados até rios vermelhos de sangue inocente correrem literalmente pelas ruas. Uma das últimas fortalezas dos cátaros que restavam na França ficava em Montségur. Era um castelo a cerca de sessenta quilômetros de onde hoje estava o Château des Pommés Bleues, em Arques. Por quase seis meses os cátaros franceses ficaram cercados dentro dessa fortaleza.

A lenda do Languedoc dizia que quatro membros do grupo cátaro conseguiram escapar de Montségur dois dias antes de o resto da população ser capturado e queimado vivo. Diziam que um deles, uma jovem chamada La Paschalina, "pequeno cordeiro pascal", carregava um objeto precioso amarrado ao corpo - era O livro do amor. Essa menina protegeu o tesouro mais sagrado do seu povo. Ela era também ancestral de Maureen e a origem do sobrenome Paschal.

Quando passaram pelas ruínas da fortaleza na montanha, Maureen murmurou uma prece agradecendo à sua corajosa ancestral, e Tammy juntou-se a ela em outra pelas duzentas almas que pereceram nas chamas em 16 de março de 1244. Indo para Couiza para pegar a estrada para Arques, o celular de Maureen interrompeu a conversa das duas. Ela atendeu ansiosa ao ver que a ligação era do escritório de Peter em Roma.

- Tenho informação importante. Está sozinha?

- Tammy está comigo. Estamos a caminho do château. Peter resmungou alguma coisa meio irritado, pigarreou e continuou.

- Certo. O documento. É de 1071 e assinado por Matilda, a condessa da Toscana.

- O que diz o documento?

- É uma espécie de exigência da condessa Matilda, furiosa e imperiosa, pedindo a devolução imediata do seu "mais precioso livro vermelho", ameaçando ela mesma liderar um exército de invasão e até uma "guerra santa" contra o próprio marido, que ela evidentemente desprezava.

- Um precioso livro vermelho? Meu Deus. Era O livro do amor, não era?

- Tenho motivos para acreditar que sim, ou no mínimo uma cópia dele. A carta insiste para que o livro seja entregue imediatamente à custódia de alguém chamado Patricio, que é

o abade do mosteiro... em Orval. Maureen, isso é importante, pois é possível que seja a única prova autenticada de que tal livro já existiu.

- Então o último lugar de onde se tem notícia que o livro esteve é Orval. E Orval é para onde nós vamos amanhã. Peter interrompeu-a.

- Maureen, você precisa ter muito cuidado. Eu acho que isso é

perigoso. E tenho mais a dizer, mas quero que ligue para mim mais tarde, quando estiver sozinha.

- Está bem.

Maureen se esforçava para não ficar irritada, mas o fato de Peter não querer dar as informações completas porque Tammy estava no carro apenas servia para aumentar seu desconforto. Teria de encontrar um modo de contornar esse estranhamento e juntá-los na mesma equipe de novo. Ela precisava de todos, e eles iam ter de aprender a confiar uns nos outros novamente.

Afinal, estavam à procura de uma coisa que se chamava O

livro do amor. Já não era hora de aprenderem a perdoar? Será

que ela conseguiria?

Tammy ativou o controle remoto para abrir os portões, e elas subiram pelo caminho cheio de curvas até o magnífico château. Maureen engoliu em seco diante daquela visão. Tinha esquecido como era belíssimo, e grandioso. Apesar de só ter passado duas semanas ali, teve a sensação de que estava voltando para casa. De fato adorava aquele lugar e as pessoas ligadas a ele.

A porta da frente se abriu quando o carro parou, e Roland apareceu. O sorriso enorme que rasgava seu rosto anguloso ganhou um incomum ar moleque quando ele tirou Tammy do chão com um grande abraço. Ela deu aquela risada profunda e rouca que Roland adorava, e ele a beijou ruidosamente, mas com brevidade, atendendo ao decoro. Roland soltou Tammy,

parou na frente de Maureen, segurou as mãos dela e deu-lhe dois beijos no rosto, a saudação europeia mais formal.

- É uma alegria imensa tê-la de novo conosco, madame. Para Roland, Maureen era mais do que uma amiga ou visita. Ela era uma hóspede de honra, alguém que tinha realizado um feito monumental. Ela sempre seria a mulher que encontrou o Evangelho de Madalena, e isso a punha acima dos meros mortais. Ele a tratava com respeito que beirava a reverência.

Foi demais para uma Maureen exausta e extenuada. Quando abriu a boca para responder a Roland, as palavras não saíram. Sua voz ficou presa na garganta, com o soluço que crescia havia quase dois anos.

Dispensando todas as formalidades, Maureen se jogou nos braços do gentil gigante que era seu amigo, um grande homem que a tratava de um jeito que tinha certeza de não merecer, e chorou como se o coração fosse explodir. Estava em casa.

Berenger Sinclair vira o carro chegando. Não tinha como saber que o medo e a ansiedade que sentia, medo de rejeição, ansiedade pelos momentos iniciais do reencontro, eram idênticos ao que Maureen vivenciava. Ele não desceu imediatamente para recebê-la. Preferiu esperar e avaliar a reação dela a Roland e ao ambiente, com a esperança de que isso pudesse prepará-lo para o que Maureen podia estar sentindo. Não esperava o desabafo emocional que ocorreu com a chegada dela. E ela também não.

Roland e Tammy levaram Maureen para seu quarto preferido no chateau, o quarto

Madalena, para dar-lhe tempo de se instalar e se preparar antes do jantar. O quarto maravilhoso, adequado para uma rainha, era todo de veludo vermelho e tinha esse nome por causa do quadro pintado por Ribera, Maria Madalena no deserto, que dominava uma parede. Hoje o quarto estava impregnado com o inebriante perfume dos lírios de Casablanca. As copiosas flores brancas se derramavam de vasos de cristal por todo o quarto. A batida na porta uma hora mais tarde foi suave, e fez Maureen pensar que fosse uma das empregadas que viera avisar que o jantar estava servido. Já estava pronta, havia trocado o vestido e retocado a maquiagem manchada durante a cena de choro. Ela abriu a porta e ficou paralisada. Berenger Sinclair estava encostado no batente, alto, lindo, sorrindo para ela com tanta simpatia que ela não pôde deixar de imaginar que defeito haveria na sua psique para ter se comportado como uma idiota quando não o perdoou.

Só teve de pensar um segundo. Depois disso já estava nos braços dele e o mundo desapareceu em volta dos dois.

Já iam se atrasando para o jantar, mas foi Maureen que recuperou o bom-senso e interrompeu aquela inesperada e apaixonada reunião.

Berenger era a essência do cavalheirismo, passando a mão nas sedosas mechas cor de cobre do cabelo dela, curtindo sua presença física. Foi com relutância que ele concordou em descer, lembrando que ela estaria em sua companhia. Maureen estava ali. Por enquanto isso tinha de bastar.

O jantar foi agradável, Maureen respondeu a todas as perguntas curiosas sobre a sua vida

desde o lançamento do livro. Ela logo ficou à vontade, satisfeita de estar na presença de pessoas em quem confiava totalmente. Todos tinham uma história para contar; havia muita coisa para passar a limpo, de ambos os lados. Quando chegaram à sobremesa, o assunto era a lenda de O livro do amor e de como havia sido preservada no Languedoc.

Berenger falou primeiro:

- O livro do amor é o evangelho, a boa-nova escrita pelo próprio Jesus. Representa seus verdadeiros ensinamentos na forma mais pura. Suas parábolas, suas orações, seus mandamentos. Tudo que nós, seres humanos, precisamos para encontrar Deus através do Caminho do Amor.

- É tudo que precisamos saber para nos tornar perfeitos - explicou Roland. - Na tradição catara, os que atingiam um nível elevado de compreensão desses textos eram chamados de perfecti, ou parfait, em francês, os que tinham se tornado perfeitos. Não é a perfeição no sentido que conhecemos hoje. Queria dizer que eles tinham aprendido a viver como a expressão do amor, pelo amor e sem fazer julgamentos. Esse é

o objetivo final dos ensinamentos de Jesus. Quando nos tornamos seres que amam, estamos moldando nossas vidas à

do nosso Pai do céu, que é amor.

Maureen esperou um pouco antes de responder. Ainda não tinha revelado aquela parte do

seu sonho a Roland nem a Berenger, mas parecia que eles já tinham entendido. Portanto, sede perfeitos.

- Exatamente - disse Berenger. - Felizmente alguns ensinamentos

verdadeiros

chegaram

aos

evangelhos

canónicos, como aquele do Evangelho de Mateus, e estão certamente no Sermão da Montanha inteiro e no Pai-Nosso.

- Vamos recuar um pouco - pediu Maureen. - Então sabemos que Jesus escreveu isso em vida e o entregou a Maria Madalena, que, além de sua esposa, é sua sucessora como mestra e pastora. E sabemos que há cópias dessas escrituras, porque ela se refere a uma escrita por Filipe. Mas o original, o que foi escrito pela mão de Easa, veio para cá.

- Correto. Madalena veio dar na costa da França com os filhos, um punhado de seguidores leais e O livro do amor. Ela ensina com o livro primeiro, em Marselha e mais tarde vem para cá, para o Languedoc. Aqui onde moramos em Arques é

solo sagrado porque a lenda diz que ela construiu aqui uma escola como base de operações, sua primeira missão, a bem dizer. O lugar se chama Arques por causa da palavra arca, como na Arca da Aliança. Ou seja, a nova aliança, a palavra de Jesus, foi trazida para cá, e esta aldeia foi o receptáculo, a arca em que foi guardada. Infelizmente todos os antigos monumentos erigidos a Madalena foram demolidos há muito com a intenção de apagar a sua presença no Languedoc, conforme vocês já sabem.

Maureen sabia, mas apelou para o seu treinamento como jornalista para fazer um pouco o papel de advogada do diabo.

- Isso me leva à pergunta crucial que todos os céticos e incrédulos do mundo fariam se vocês lhes contassem essa história. Que é simplesmente isso: como é possível que algo tão importante para a história da humanidade pudesse ter sido completamente apagado? Esse deve ser um dos segredos mais bem guardados dos últimos dois mil anos, se não o segredo mais bem guardado. Como é possível que ninguém saiba que existiu?

Roland foi o primeiro a responder, apaixonado pelo assunto.

- Porque o nosso povo morreu para garantir que ninguém soubesse que existia.

Berenger acrescentou:

Nada poderia ser mais perigoso para a Igreja do que um evangelho escrito pelo próprio Jesus Cristo, especialmente se esse evangelho provasse que tudo que defendiam era

exatamente o oposto dos verdadeiros ensinamentos de Jesus. É o documento mais perigoso de toda a história da humanidade.

Mas eles não conseguiram ficar com o livro. Pelo menos não o de Montségur.

Não. Como você bem sabe, sua ancestral foi um dos motivos de O livro do amor ter sido salvo. Pelo menos por algum tempo. Ele desaparece da nossa história logo depois de Montségur. Tudo que resta é o que foi passado adiante oralmente, e o tempo infelizmente apagou grande parte disso também.

Berenger se manifestou.

- A cultura cátara foi dizimada pelo holocausto contra eles. Os que sobraram se espalharam por toda a Europa, e assim perdemos o fio da história ali.

Maureen perguntou para Roland:

- Mas alguns de vocês sobreviveram. A sua família, os poucos que escaparam do massacre em Montségur. Minha ancestral. Eles não teriam feito alguma coisa para preservar O livro do amor?

- Sim, claro que sim, mas eles não podiam falar sobre isso. Mesmo quando os cátaros viviam aqui em paz, antes dos massacres, não falavam abertamente sobre O livro do amor, nunca. Certamente você deve entender por que não podiam fazer isso.

Berenger tocou no ponto principal.

- Então os cátaros o protegeram jamais falando dele. E a Igreja com certeza não queria deixar ninguém vivo que soubesse o que era e o que continha. Então o que temos é algo que é, por natureza, um segredo tão imenso para os que o reverenciam e para os que o desprezam, que a sua própria existência é

eliminada da história.

Maureen balançou a cabeça indicando que compreendia.

- É claro. Então a última vez que se soube do seu esconderijo...

- Foi oficialmente em Montségur. Só que a lenda diz que foi levado para o Norte da Espanha pela sua ancestral, La Paschalina, onde ficou guardado no mosteiro de Nossa Senhora de Montserrat. Depois disso... qualquer palpite é

válido.

- E embora houvesse apenas um, o verdadeiro Livro escrito à

mão pelo próprio Jesus - disse Berenger -, temos quase certeza de que mandaram fazer cópias em diversos momentos da história. A idéia das cópias é interessante porque assim pelo menos existe uma possibilidade de o conteúdo estar vivo em algum lugar, mesmo que o

original esteja perdido.

- E você acha que se perdeu?

Todos ficaram em silêncio, pensando. Roland então disse:

- Está em algum lugar de Roma. Eles eram tão obcecados por obter aquele livro que foram capazes de cometer genocídio. A Igreja não ia parar até encontrá-lo. E o segredo sinistro por trás da Inquisição. A Inquisição foi inventada para descobrir todos os cátaros e seus simpatizantes, depois se espalhou como a terrível praga que foi para a humanidade. Mas agora algo me diz que nem tudo está perdido. Se você está tendo os sonhos de novo, e se alguém aqui no mundo concreto está tentando entrar em contato com você... talvez exista uma cópia em algum lugar e possamos encontrá-la. E uma nova esperança para todos nós.

Maureen usou a vasta coleção de recursos da biblioteca de Berenger para fazer pesquisa depois do jantar. Esperava encontrar algum material, por mais escasso que fosse, sobre a enigmática Matilda, antes de partir para Orval pela manhã. Os livros e manuscritos da biblioteca eram motivo de muito orgulho para Berenger, que se especializara em livros raros sobre arte e história europeias. Todos ajudaram Maureen, examinando diversos livros sobre a Idade Média e informando tudo que encontravam, por menor que fosse. Havia realmente muito pouca coisa escrita sobre a condessa toscana, e praticamente nada era em inglês. Uns poucos livros antigos em latim e italiano mencionavam Matilda, mas, sem Peter ali para traduzir, a tarefa se afigurava complicada demais para linguistas novatos.

Maureen estava examinando um livro inglês do século XVIII sobre Gianlorenzo Bernini quando exclamou:

- Aqui! Achei alguma coisa. Ouçam: "Em 1635, o papa Urbano VIII requisitou que os restos da condessa Matilda de Canossa fossem removidos do mosteiro de San Benedetto Pó, onde descansavam havia quinhentos anos, e transferidos para Roma. Os monges do mosteiro em Mântua se recusaram a se desfazer de Matilda, pois acreditavam que isso seria a violação do seu último desejo em vida; permanecer perto do seu lar da infância por toda a eternidade.

"No entanto, durante a construção da nova basílica de São Pedro, o papa contratou Bernini para criar um magnífico túmulo de mármore e um monumento para a condessa da Toscana. Não desistiu de obter a tão desejada relíquia e aliciou o abade do mosteiro de San Benedetto com uma imensa soma de dinheiro, uma quantia que sustentaria o mosteiro e permitiria que os monges continuassem com suas obras em nome de Matilda para todo o sempre. O abade aceitou o agrado, mas nada contou para os monges, com medo de que se rebelassem. Foi assim que, na calada da noite, padres selecionados especificamente pelo papa em sua comitiva pessoal entregaram o suborno para o abade e, como ladrões em missão, violaram, o lacre do túmulo de alabastro." Maureen parou de ler.

- O que houve Maureen? - Berenger observava o rosto dela e viu que o que estava lendo a deixara, um pouco abalada. Maureen olhou para ele, respirou fundo e então continuou.

"O que encontraram foi um esqueleto perfeitamente intacto, enrolado em seda prateada e

dourada. Matilda fora descrita como uma amazona na lenda medieval, mas seus restos eram os de uma mulher surpreendentemente miúda, com dentes quase perfeitos. O mais excepcional eram as longas madeixas, ainda presas ao crânio, de cor vermelho-dourada. Satisfeitos ao constatar que se tratava realmente da lendária condessa, tão cobiçada pelo papa, os padres removeram o conteúdo do caixão enquanto todos dormiam no mosteiro e voltaram para Roma antes do nascer do sol. Foi assim que Matilda da Toscana tornou-se a primeira mulher enterrada na Basílica de São Pedro, bem no coração da Igreja."

- Ora, ora. - Tammy foi a primeira a falar. - É óbvio que não devo ser a única a notar um padrão aqui. Parece que a nossa Matilda era uma ruiva miúda, o sinal genético mais aparente e visível das mulheres da linhagem de Madalena. Poderíamos afirmar que ela foi uma Escolhida?

Maureen recostou-se na cadeira. Os aspectos pessoais da ligação dela com Matilda eram certamente fascinantes e inesperados. Talvez até explicassem, de certa forma, o sonho com o peixe e a profunda necessidade que sentia de ir a Orval o mais rápido possível. Ela respondeu:

- Mas ainda quero saber por quê. Por que esse papa, especificamente Urbano VIII, queria tanto levar os ossos de Matilda para o Vaticano?

Berenger tinha uma teoria.

- Será que ele acreditava que ela podia ter sido enterrada com algum objeto muito

importante, daí ter criado esse artifício para abrir o caixão no meio da noite? Será que ele estava à

procura de O livro do amor, ou alguma outra coisa além dos ossos de Matilda, e foi por isso que tudo foi feito em segredo?

Ao ouvir isso, uma idéia despontou na mente de Maureen.

- Ela foi enterrada com algum tipo de documento? Alguma informação ou prova que o papa queria?

Eles não iam resolver esse mistério aquela noite e tinham de



madruguar na manhã seguinte. Maureen estava exausta, tanto pela diferença do fuso horário como pela carga emocional do dia. Ela deu boa-noite a todos e foi para a cama. Berenger notou que estava muito cansada. Deu-lhe um beijo carinhoso, segurou seu rosto um minuto e olhou bem nos seus olhos antes de soltá-la, não sem relutância. Ainda bem que Berenger não quis acompanhar as mulheres até Orval. Maureen tinha deixado claro antes de chegar à França que queria fazer essa viagem só com Tammy. Ela precisava se concentrar nessa missão e, ao mesmo tempo, enfrentar os complexos problemas do relacionamento com Berenger só ia servir para distraí-la do seu foco principal.

As duas iam voltar para o château depois da excursão até a Bélgica, e então Maureen trataria de reconstruir seu relacionamento com Berenger. Mas, num momento de intimidade efêmera, ela desejou que ele as acompanhasse.

E foi assim que a filha do Senhor e da Senhora, a princesa conhecida como Sara-Tamar, começou a seguir o seu destino. Tinha a glória do pai e da mãe e tornou-se líder do povo na Gália. Dizem que possuía a beleza e a força feminina da mãe e que era capaz de curar doenças nos seres humanos e nos animais com o toque das mãos, como o pai fizera antes dela. Ao nascer, recebeu tanto amor de Deus que foi posta no mesmo presépio que um dia abrigou seu pai.

Quando cresceu e se tornou mulher, Sara-Tamar entregava-se a transes e expressava-se por rimas e versos. Consideravam esses arroubos grandes profecias, e elas foram registradas pelos escribas da Sagrada Família. Com o tempo, as profecias se concretizaram e provaram sua inspiração divina. Mas ainda há outras reservadas aos filhos do futuro.

Ela não é lembrada pela história porque as perseguições ao povo d'O Caminho começaram para valer quando atingiu a maioridade. Ela foi obrigada a ensinar em segredo e foi o que fez, até o dia da sua morte.

Sara-Tamar teve muitos filhos. Alguns ficaram na Gália, outros foram para Roma e para a Toscana em busca da irmandade e para criar comunidades seguras durante a perseguição, de modo que os ensinamentos sobre O Caminho do Amor persistissem e se espalhassem.

Estude as lendas dos santos, de Bárbara e Margarida, de Úrsula e de Lúcia, se quiser saber o que aconteceu com o legado de Sara-Tamar. Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

A LENDA DE SARA-TAMAR, A PROFETISA, Extraída Do Livro Rosso

Fronteira da Bélgica

Nos dias atuais

Tammy e Maureen iniciaram a travessia da fronteira da Bélgica adentrando a exuberante floresta de Ardennes. Era lá

que ficava Orval, desde que Matilda depositara a pedra fundamental da cidade, em 1070. O dia estava lindo para aquela viagem pela floresta que, por muitos séculos, foi chamada de encantada. Maureen estava alegre e tranquila, antecipando a aventura. A única coisa que a incomodava um pouco era não ter retornado a ligação de Peter. Ele insistira para que ligasse quando estivesse sozinha, e ela não tivera nem um minuto só seu desde então. Depois de visitar Orval aquela tarde, Maureen jurou fazer uma caminhada sozinha e ligar para ele do seu celular. Tammy ia compreender. Rumando para o norte, as duas comentaram o que sabiam e o que não sabiam sobre a história da enigmática condessa medieval da Toscana, sobre quem tão pouca coisa havia sido escrita em inglês.

- Há uma lacuna histórica na maioria das informações sobre Matilda, em parte porque tudo aconteceu mil anos atrás - observou Tammy.

- E em parte porque ela era mulher, por isso suas realizações não foram prontamente registradas pelos escribas da época - acrescentou Maureen.

- O que sabemos é que a profecia de Orval, a sua profecia da Escolhida, vem de uma série de documentos que ficaram guardados no mosteiro, protegidos durante séculos. E que eles faziam parte de algo maior, uma coleção completa de profecias que datam da época da própria Maria Madalena. Praticamente tudo se perdeu, exceto aquelas poucas que foram preservadas nas tradições orais dos cátaros ou de grupos hereges similares. O nosso povo.

- E essas profecias, ao que parece, foram escritas pela filha de Maria Madalena, a filha que ela teve com Jesus e que se tornou a pequena profetisa que conhecemos como SaraTamar. Maureen tinha ficado cara a cara com essa lenda e seu poder dois anos antes, quando procurava o Evangelho perdido de Maria Madalena, e descobrira que a profecia da Escolhida emanava da antiga abadia de Orval. Ao encontrar o Evangelho de Arques, Maureen ficara sabendo que ela era uma Escolhida, cumprindo todos os requisitos da profecia. Era uma identidade que ela ainda se esforçava para assumir. Ser considerada uma profetisa pelos próprios pares era mais do que assustador para uma mulher no século XXI.

Esse tema dos profetas notórios fez Maureen se lembrar de algo que Tammy lhe dissera antes, quando procuravam o Evangelho de Arques.

- Essas são as mesmas profecias que você acredita que foram roubadas por Nostradamus! - As que se tornaram a base de sua famosa obra?

- Exatamente. Nós sabemos que Nostradamus estudou em Orval, assim como alguns outros abades belgas, e todos tinham laços com os hereges. E sabemos que, quando ele saiu de Orval, deram por falta de documentos. Depois, subitamente... ele acorda um dia, vira um astro da profecia e publica notáveis previsões. Ele reconhece que as profecias eram muito importantes, mas põe tudo a perder, negando-se a revelar para o mundo que não eram suas. Foi a versão renascentista do plágio.

- Será que foi mesmo?

- O que quer dizer?

Maureen sacudiu os ombros.

- Não tenho certeza. Alguma coisa lá no fundo me diz que há

mais a descobrir em Nostradamus, se ele se envolveu mesmo com isso aqui em Orval. Será que não era um de nós? Talvez... Maureen parou de falar quando viu a primeira placa para Orval. A estrada estava cada vez mais bucólica à medida que a floresta de Ardennes ia ficando mais densa. Enormes pinheiros ladeavam o caminho e seguiam as curvas como uma lua verde aveludada. Uma placa pitoresca e antiga com o nome "Abadia de Orval" tinha uma seta indicando entrada à

esquerda. Quando fizeram a curva, as duas ficaram boquiabertas e Tammy pisou no freio. Se a abadia de Orval foi projetada para deslumbrar o peregrino que a vê pela primeira vez, os

arquitetos foram muito bem sucedidos. Uma reforma no século passado acrescentou uma fachada com Uma imensa estátua da madona com o filho em estilo art déco, para lembrar ao visitante que o nome completo daquele lugar era Notre Dame d'Orval. A madona gigantesca tinha alguns andares de altura e parecia até uma deusa egípcia de algum antigo templo em Luxor. O exterior grandioso era monumental e moderno, e não preparava para as ruínas antigas com mil anos de idade que se espalhavam por trás. A garota simpática que vendeu as entradas para elas deu-lhes folhetos em inglês. Ela usava o símbolo de Orval pendurado no pescoço, o peixe dourado com a aliança na boca. No fim do dia, as duas teriam visto aquele símbolo por toda parte na abadia e na área à sua volta. Em garrafas de cerveja, embalagens de queijos, lembranças e nas placas dos cafés.

- Salve Ictus - sussurrou Tammy para Maureen.

Elas tinham conversado sobre essa pista longamente na viagem de Paris para Orval. Ictus devia ser referência a algum peixe, especificamente ao peixe que simbolizava Jesus para os primeiros cristãos.

- Você sabe, aquele peixe Jesus, do tipo que vemos no vidro traseiro dos carros. É um ictus - disse Tammy.

Maureen meneou a cabeça, concordando.

- É um anagrama. Peter me ensinou. Ictus representa as primeiras letras em grego que formam Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador. Iota, chi, theta, epsilon, sigma. E a palavra

significa peixe. Então acho que podemos concluir que "Salve ictus" é uma referência a Jesus, talvez alguma referência à

cultura ou lendas gregas. Esse peixe específico está nas nossas duas pistas, por isso ele quer nos dizer alguma coisa. Tammy leu o folheto enquanto seguiam para as ruínas da abadia.

- Ouça só isso. Aqui diz: "Matilda deu o nome de Orval para a abadia e para a região. Quando percorria suas terras em Lorena, Matilda parou para descansar e se refrescar no poço de uma fonte natural na floresta. Foi então que a sua aliança de ouro caiu do dedo nas profundezas do poço. Antes de a condessa ficar aflita com a perda, uma truta dourada pulou da água com sua aliança na boca. Matilda pegou o anel da boca do peixe solícito e exclamou: Este é realmente um Vale de Ouro! E o lugar passou a ser chamado de Orval, Vale de Ouro, desde então. Diga para eu parar de ler, se já conhece essa história.

Maureen balançou a cabeça atônita. Ela sonhara com Orval e com Matilda antes da entrega do documento de Matilda no seu hotel na cidade de Nova York. Aqui encontrará o que procura. Meu Deus, ela esperava que sim. Tammy continuou.

- Dizem que Matilda construiu o mosteiro aqui imediatamente, por causa do acontecimento mágico com o peixe, eternamente grata por ele ter recuperado sua aliança. Maureen pensou um pouco.

- Mas nós sabemos que a carta de Matilda continha a ameaça de levar um exército de invasão contra o marido, que ela odiava. Não está parecendo que ela daria tanto valor assim

àquela aliança, não é?

- Vai ver ela a jogou no poço de propósito - brincou Tammy. - E aquele maldito peixe a trouxe de volta.

- É uma alegoria - disse Maureen. - Tem de ser. É óbvio, para estar escondido assim bem à vista...

Quando chegaram às ruínas da abadia, Maureen parou de repente. Estava tudo ali, exatamente como havia sonhado. Os arcos góticos extraordinários, a janela desmoronada com a rosa de seis pétalas cortada na pedra. Ela teve uma visão momentânea de que as seis pétalas não eram acaso, que o número seis significava alguma coisa, mas não parou para pensar nisso. Até a luz filtrada pelos galhos das árvores era exatamente a mesma que tinha visto no sonho.

- É isso mesmo. Eu sonhei com isso. Exatamente. Venha, eu preciso encontrá-la.

Maureen agarrou a mão de Tammy e correu pelas ruínas. Seguiu os passos do sonho, observando os pedaços de mármore no chão pelo caminho, passando pelo que sobrara de uma porta. E diante dela, no nicho da parede, estava a doce pequena Madona.

- Lá está ela.

Maureen começou a andar mais devagar e se aproximou da estátua com certa reverência. A

estátua era ainda mais bonita e extravagante pessoalmente. Seu rosto era distinto e especial, olhos bem afastados, testa alta, traços que denotavam inteligência e inocência. A menina de pedra estava vestida com simplicidade, um manto e um véu, longas tranças esculpidas na pedra que caíam dos lados do rosto. Era evidentemente uma criança, uma menininha que segurava um bebê que não devia ser filho dela. Maureen ficou admirando em silêncio, então Tammy murmurou:

- O que ela disse para você no sonho?
- Ela disse: "Não sou quem você pensa que sou."
- E quem você pensa que ela é?

Maureen sorriu, sentiu uma estranha comunhão com a menina retratada na estátua. Era como rever uma velha amiga.

- Eu sei quem ela é. Ela é Sara-Tamar, e o bebê é o irmãozinho dela, o bebê Yeshua. Nós achamos que todo esse lugar foi construído por Matilda como monumento à linhagem da família, certo? E as profecias de quem eram guardadas aqui? As de Sara-Tamar. Ela estaria representada aqui.

Tammy estava juntando as peças.

- Vamos voltar para aquela alegoria.
- Está bem. Pense na história. - Maureen pensou em voz alta.
- Um peixe que simboliza Jesus, o ictus, salta das profundezas de um poço. Ora, primeiro temos de pensar no fato de que Jesus ensinava desse jeito, certo? Ele ensinava com parábolas, contando histórias com simbolismos.
- Então você acha que "Salve ictus" é para nos fazer lembrar de que há muitas camadas nessa história aqui? Que é um tipo de parábola?
- Exatamente! Bom, o poço é um símbolo muito antigo de conhecimento secreto. E o nosso peixe tem uma aliança na boca. Olhe em volta, esse símbolo está por toda parte. Jesus, o ictus, está emergindo das profundezas do segredo para mostrar para o mundo a sua aliança de casamento. Toda vez que contam a história, enfatizam que é um anel de casamento. E ele põe essa aliança em segurança na mão de Matilda, porque ela é confiável e vai protegê-la. Tudo parece tão óbvio... E este é um vale de ouro porque é aqui que está todo o conhecimento da família dele, o conhecimento que vale mais do que ouro. A história é uma alegoria que Matilda sabia e de como isso foi preservado.

Tammy balançou a cabeça, concordando.

- É claro. Assim eram preservadas todas as lendas das famílias, através de códigos e símbolos, quando falar abertamente sobre essas coisas era morte certa.

- A arte salvará o mundo - observou Maureen. - E eu acho que a definição de arte cobre um vasto território, nesse caso. Não só pinturas, como também arquitetura, literatura, esculturas...

Deram uma volta e encontraram um grande poço cercado por pedras antigas. Uma pequena placa dizia que era a Fontaine Mathilde. Fonte Matilda. Maureen cobriu a mão direita com a esquerda para proteger o anel de Jerusalém. Não ia se arriscar a perdê-lo como tinha acontecido no sonho, com ou sem peixe mágico.

O poço era um lugar sereno, realmente tranquilo. A água escorria suavemente para lá, de uma fonte vinda da profundidade das florestas de Ardennes. Maureen se lembrou dos poços sagrados na Irlanda, locais dedicados a deusas por milhares de anos antes de se converterem em locais cristãos de devoção mariana. Para Maureen, tudo em Orval era feminino, cheio de energia pura de deusas antigas que emanavam da terra. Maureen estava se apaixonando pelo lugar e pela sua beleza natural. A sensação era realmente de um local sagrado. E também incitava seu desejo crescente de saber mais sobre a misteriosa Matilda, que fora a força por trás daquela estrutura e da sua comunidade quase mil anos antes.

Tammy se inclinou para espiar dentro do poço e viu seu reflexo na água escura.

- No seu reflexo encontrará o que procura.

Maureen fez a mesma coisa e as duas olharam para a água. Ela sufocou um grito de espanto quando uma terceira figura apareceu acima do reflexo das duas. Na água, olhando para elas,

estava um rosto idêntico ao da estátua da pequena Madona. Mas aquele rosto não era de pedra, era de uma criança de carne e osso.

Maureen e Tammy se viraram rapidamente. Parada logo atrás delas estava uma linda e etérea garotinha. Como a menina da estátua, vestia um traje simples e usava duas tranças. As duas mulheres não puderam deixar de notar que as tranças da menina tinham uma cor linda, eram vermelho-douradas. A menina estava com as mãos para trás, escondendo alguma coisa como se fosse uma surpresa.

- Bonjour - arriscou Maureen baixinho.

A criança não disse nada. Em vez disso, deu uma risada animada, como a que Maureen tinha ouvido antes. Ela pôs as mãos para a frente e revelou que segurava uma pequena sacola de lona que parecia conter alguma coisa, algo que parecia ser um grande livro. Ela ofereceu a bolsa a Maureen, e um doce sorriso iluminou seus olhos. Maureen pegou a sacola, a menina deu meia-volta e correu, sem dizer palavra. Virou uma esquina nas ruínas e desapareceu de vista quase imediatamente.

Tammy olhou em volta para ver se alguém tinha testemunhado aquilo, mas as duas estavam sozinhas ali ao lado do poço.

- O que tem aí dentro?

Maureen abriu a bolsa e as duas espiaram dentro, sem querer tirar o objeto de lá para não

chamar atenção. Ficou imediatamente claro para elas, no entanto, que o que havia na bolsa era de fato um livro, um livro que parecia muito antigo, com capa de couro vermelho.

As duas mulheres saíram correndo da abadia, ansiosas para chegar à privacidade do carro de Tammy e poder dar uma boa olhada no livro vermelho.

Saíram das terras da abadia e seguiram pela trilha até a clareira de terra que servia de estacionamento. Tammy estava com a chave do carro na mão, mas parou de repente. Havia alguma coisa errada. Seu carro parecia inclinado para a esquerda. Foi se aproximando com cuidado e notou que os pneus da frente e de trás, do lado do motorista, estavam vazios. Maureen chegou e espiou por cima do ombro da amiga, quando ela se abaixou para examinar melhor. Havia marcas profundas em forma de X nas laterais. Os pneus foram cortados.

Tammy se abaixou para ver mais de perto e apontou para a forma perfeita dos cortes em xis para Maureen. Ela achava que não tinham sido cortes casuais. A letra X era usada havia séculos como símbolo de heresia, tanto por seus proponentes como pelos seus oponentes. Os gnósticos cátaros a usavam como emblema de descoberta e conhecimento. Havia xis gravados nas paredes de pedra dos castelos cátaros e nas mais antigas cavernas que serviam de esconderijo durante as perseguições. Um X na parede indicava que ensinamentos gnósticos eram professados naquele local e que, por conseguinte, tratava-se de um porto seguro para os que buscavam o verdadeiro aprendizado. Mais tarde, na arte renascentista, os mestres que simpatizavam com as heresias da linhagem de sangue costumavam incluir formas em X em suas pinturas.

Era o símbolo da verdade nos assuntos de Deus.

Nesse caso, o X gnóstico devia estar sendo usado como símbolo de hostilidade por algum inimigo.

Elas estavam tão distraídas examinando as marcas que não ouviram os passos atrás delas, até ser tarde demais.

- Levantem-se bem devagar. As duas.

A voz era grave, ameaçadora, mas ao mesmo tempo suave. Maureen obedeceu e se virou um pouco de lado. Viu um homem muito alto, que usava um casaco com capuz e óculos escuros. Só dava para ver sua boca, retorcida num esgar. Tammy deu um grito involuntário quando sentiu a arma dele encostar entre as suas omoplatas.

- Eu só vou pedir uma vez - ele disse para Maureen, com sotaque inglês carregado.

Ela se esforçou para identificar aquele sotaque, para referência futura. Era uma estranha mistura de línguas européias, por isso seria fácil lembrar.

- Dê-me a bolsa ou atiro nela, aqui e agora. E em você depois. Toda a área em volta estava deserta. Orval ficava no centro de uma floresta, e ninguém ouviria se gritassem. Maureen fez a única coisa que podia fazer. Entregou a sacola, rezando o tempo todo para o homem não machucar Tammy.

Ele a arrancou da mão dela e continuou dando ordens.

- Agora entrem no carro e fiquem aí. Não se movam por meia hora. Olhem lá para cima. - Ele apontou para a encosta onde se viam as florestas de Ardennes. - Tenho um homem no meio daquelas árvores. Se vocês se mexerem um segundo antes da hora, ele atirárá nas duas, e ele nunca erra. Entenderam?

Elas viram um movimento na floresta. O homem não estava blefando.

Maureen e Tammy entraram no carro, com o coração disparado. Quando fecharam as portas, o homem se afastou apressado pela floresta, sem olhar para trás.

Foi a meia hora mais longa das suas vidas, e tanto Maureen como Tammy passaram esse tempo todo rezando e sussurrando baixinho sobre aquele dilema. Por segurança, esperaram mais alguns minutos e só depois saíram do carro e voltaram para a abadia. A garota simpática disse que já iam fechar, e Tammy explicou que tinham furado os pneus do carro. Ela omitiu a parte dos homens armados e do assalto. Disse que esperavam poder se hospedar no mosteiro aquela noite, pois sabia que costumavam dar abrigo aos peregrinos, homens e mulheres, só que peregrinas perseguidas por bandidos encapuzados talvez não fossem bem recebidas. Foi uma sábia decisão não explicitar em detalhes a agrura por que tinham passado. A pobre menina belga ficou tão perturbada com a notícia do vandalismo naquela beleza idílica de Orval que parecia que ia chorar. Um dos monges mais jovens, irmão Marco, foi chamado para resolver a crise e tratou de encontrar quartos para as mulheres, além de ligar para uma oficina em Florenville para trocar os pneus. Os monges e

os empregados de Orval agiram com gentileza e preocupação, e as duas mulheres ficaram mais tranquilas na relativa segurança do mosteiro. Era como se o espírito de Matilda ainda existisse no lugar, e enquanto Maureen e Tammy estivessem na propriedade estariam a salvo. Irmão Marco convidou-as para jantar. Os monges faziam a refeição em silêncio na sala de jantar do mosteiro. Estavam exaustas demais e abaladas com o ocorrido, e não quiseram aceitar nada, de modo que ele embrulhou um pouco de pão e queijo, junto com a cerveja Orval com o peixe dourado no rótulo, para elas levarem para o quarto.

O quarto era tipicamente monástico e imaculadamente limpo. Tinha duas camas, uma mesa de cabeceira e uma pia. Maureen ficou grata por cada centímetro dele. Precisava ligar para Peter e esclarecer os acontecimentos do dia. Quem as atacara e lhes roubara o livro? Que livro era aquele? Chegou a ficar nauseada só de pensar que podia ter tido nas mãos por alguns breves minutos um dos tesouros da história da humanidade, que agora tinha perdido... para quem?

Quando Tammy saiu para tomar um banho no banheiro coletivo no corredor, Maureen pegou o celular e encontrou Peter na casa dele em Roma.

Ele ficou bastante nervoso quando ela contou o que acontecera.

- Eu não disse para você ligar de volta para mim, que era importante? Eu queria avisar que está correndo perigo. Maureen estava cansada, e um pouco irritada.

- Você devia ter me contado tudo, mesmo com Tammy ao meu lado. Eu confio nela. E se

Tammy tivesse sofrido alguma coisa...

Ela não completou a frase. Era óbvio e estava implícito que Peter teria alguma responsabilidade se alguma coisa tivesse acontecido com Maureen e sua amiga.

- Eu sinto. Sinto muito. E agradeço muito por vocês duas estarem bem. Maureen, quero que pegue um avião para Roma amanhã de manhã. Você precisa conhecer alguém aqui. Acho que ele pode nos ajudar a resolver isso tudo. Podemos mandar um carro apanhar você no mosteiro e levá-la para o aeroporto em tempo recorde. Tammy pode vir com você, se ficar mais à

vontade assim.

- Obrigada, Peter. Ah, que ironia. Sabe, às vezes aprecio muito o poder do Vaticano.

Se existia um lugar perfeito para sonhar, este lugar era o mosteiro mágico de Oval.

Maureen caminhava pela antiga nave em ruínas do mosteiro. Os raios de luz brilhavam através da rosa na janela, ela pisava com cuidado nas pedras espalhadas pelo chão. Dessa vez sabia para onde estava indo. Ia para a fonte, então ouviu a risada. Maureen seguiu o som e não se surpreendeu quando a menina com as tranças brilhantes cor de cobre apareceu ao lado do poço, acenando animada para ela se aproximar. Não tinha dito nada, mas parecia extremamente satisfeita e continuava a rir. A menina apontou para a água, indicando que Maureen devia olhar para o fundo do poço.

Maureen olhou, a superfície tremeu e imagens começaram a se formar, adquirindo um foco perfeito, de cinema. Maureen se assustou com o que viu. O assaltante estava entrando em uma sala, com o precioso livro nas mãos. Maureen assistia à

cena que parecia acontecer numa câmara de pedra ou num porão. O lugar estava cheio de homens que usavam estranhos mantos azul-marinho com capuzes que lhes cobriam completamente a cabeça. Não dava para ver os rostos, apenas os olhos por fendas estreitas. Os homens sentaram a uma longa mesa retangular. A cadeira do centro era maior e mais enfeitada, indicando que seu ocupante devia ser o líder daquela estranha irmandade.

O homem que atacou Maureen, ainda com roupas modernas e óculos escuros, entregou o livro para a figura central, que examinou a capa presa com uma tira grossa de couro e um cadeado. O homem parecia estar preparado para isso, pois tirou uma adaga da manga do manto. Cortou rapidamente a tira de couro e abriu o livro.

Tudo parou e ninguém se mexeu quando o líder folheou as páginas do livro tão cobiçado.

Estavam em branco.

Quando ele virou a última página, havia uma única palavra em latim rabiscada no papel. Dizia simplesmente: INLEX. O líder dos homens de capuz jogou o livro com aparente desgosto em cima dos capangas que o tinham roubado. Maureen não sabia o que INLEX significava, mas era óbvio que não era o que aqueles homens esperavam.

O riso da menina fez Maureen voltar da visão. A criança estava no mesmo lugar de antes, com as mãos para trás. Ela deu outro sorriso doce e entregou a Maureen uma bolsa de lona com um grande livro.

- Não é o que pensa que é.

E saiu correndo, rindo, deixando Maureen sem saber exatamente o que o assaltante tinha roubado dela.

A primeira luz do dia entrou pela janela da cela monástica de Maureen e Tammy. Maureen esfregou os olhos e observou a amiga que ainda dormia. Depois do sonho daquela noite tinha se levantado e anotado a experiência no papel, concentrando-se na palavra INLEX. Se era latim, ela estava no lugar certo. Todos os monges de Orval deviam ter uma formação clássica, por isso poderiam traduzir uma única palavra que fosse para ela.

Maureen se vestiu e foi procurar o prestativo irmão Marco. Encontrou-o no refeitório fazendo os preparativos para o café

da manhã.

- Inlex? - disse ele, e ficou pensativo um tempo. - É latim, sim, mas é uma palavra estranha. Venha comigo até a biblioteca e vamos procurar, para ter certeza.

Maureen acompanhou o monge até uma sala cheia de livros antigos. Ficou aliviada porque o

irmão Marco não quis saber de onde vinha a necessidade de pesquisar o significado daquela palavra. Estava sendo apenas educado e gentil com a hóspede. Irmão Marco pegou um dicionário de latim de uma estante e folheou-o até encontrar o que procurava.

- Está aqui. Inlex. Significa engodo. Ardil ou isca. Isso ajuda?

E como. Maureen resistiu à vontade de agarrá-lo e dar-lhe um beijo no rosto. Agradeceu educadamente e correu de volta para o quarto para acordar Tammy.

- Era uma isca, Tammy!

Maureen entrou correndo na pequena cela e acordou Tammy toda animada.

- O quê? - Tammy sentou na cama, confusa.

- O livro. O livro que roubaram de nós ontem. Não era o verdadeiro, era...

Maureen parou de falar. Na afobação de contar a Tammy o significado da palavra Inlex, não tinha registrado o que estava vendo. Bem no meio da sua cama desarrumada estava uma sacola de lona.

- O que é isso? - Tammy estava começando a despertar. - E... será que posso perguntar de onde veio?

O coração de Maureen batia forte quando ela balançou a cabeça. De onde, e de quem?

Quem estava lendo seus sonhos e enviando-lhe aquelas misteriosas relíquias hereges? Quem tinha acesso à cama onde havia passado a noite, ao lado da amiga adormecida? Esses acontecimentos já estavam passando do limite do possível, no entanto a frequência só parecia aumentar. E havia ainda uma pergunta mais perturbadora: Quem assaltara as duas com uma arma, e o que procurava?

Ela foi até a cama, pegou a sacola e a abriu. Tirou de dentro um livro bastante pesado. Era diferente do que tinham roubado, o couro vermelho era mais desgastado, estava todo rachado e pesava bem mais. Aquele parecia realmente antigo, como se tivesse ficado escondido mil anos. Diferente do livro isca, esse não tinha a tira de couro em volta, e Maureen o abriu com muita delicadeza. Dentro havia centenas de páginas de pergaminho costuradas, e um texto em latim preenchia todas elas. Na primeira página havia uma iluminura que Maureen conhecera recentemente. Era a cruz latina com a estranha assinatura:

Matilda, pela graça do Deus que É.

CAPÍTULO QUATRO

Florenville, Bélgica,

Nos dias atuais

- Aquela depravada da Matilda me enganou outra vez!

O líder dos homens encapuzados rosnou sua fúria enquanto, num ataque de raiva, atirava longe o livro falso no esconderijo subterrâneo.

Um dos irmãos reagiu, aventurando-se em águas turbulentas.

- Como pode ter tanta certeza de que o livro de Matilda seria entregue à mulher Paschal?

O mais velho sibilou.

- Você ousa me questionar? Algum de vocês quer desafiar meu conhecimento ou minha autoridade nesse assunto?

A resposta para essa pergunta foi o silêncio, e o líder



continuou seu discurso.

- Graças ao sacrifício e ao esforço incansável dos nossos irmãos em toda a história, obtivemos sucesso em erradicar todas as referências escritas conhecidas de O livro do amor. Não há provas de que tenha existido, além das fantasias de hereges mortos. Durante a Inquisição, confiscamos todos os documentos que faziam qualquer alusão a ele e os destruímos... os documentos e os hereges. Apenas um manuscrito escapou do nosso controle

em todos esses séculos, o de Matilda.

Ele cuspiu o nome dela, escorria veneno na sua voz. Enfurecia-se com todas as mulheres na história que se atribuíram o título de profetisas. Mais ainda com a odiada condessa de Canossa, que escapou das suas tentativas de silenciá-la por quase mil anos.

O assecla mais jovem que atacara Maureen e Tammy se adiantou.

- O que quer que eu faça, Santidade?

- O líder rosnou a ordem.

- Vá até a fonte. Encontre Destino.

De todos os seguidores homens, apenas o abençoado Nicodemos e José de Arimateia aparecem na bula do Gólgota, no Dia Tenebroso do Crânio. Foram eles que arrancaram os pregos e que removeram Nosso Senhor da cruz. Diante das mulheres, carregaram o corpo do messias num lençol. Seu destino era um túmulo ali perto que pertencia à família de José de Arimateia. José cedeu esse lugar de descanso para prestar reverência a Jesus e devido ao seu parentesco, pois, além de mestre, Jesus era também seu sobrinho de sangue. Chegando ao sepulcro, Maria Madalena lavou as feridas do seu amado, todo o tempo rezando fervorosamente sobre o corpo dele. Trabalhou incansavelmente, aplicou bálsamos e unguentos, instruiu a todos ali no sepulcro apinhado para rezarem com ela, com todas as forças, para que o Pai do céu devolvesse o Seu filho para eles. E todos rezaram, mas

ninguém com tanta paixão como Maria Madalena. Apesar do suor, da sujeira e do sangue espalhados pelo seu rosto, Madalena tinha a dignidade e a presença de uma rainha. Estava muito abatida, caindo de exaustão e de dor, mas não interrompeu nem por um minuto seus cuidados e suas preces, a não ser para verificar a saúde e o bem-estar dos outros ali presentes. Essa capacidade de se preocupar com todos num momento como aquele era uma marca da sua notável compaixão.

Maria Madalena trabalhou a noite inteira enquanto as outras dormiam, sem jamais perder a fé de que Deus devolveria o messias para eles. Mas o corpo de Jesus permaneceu sem vida, e não havia sinal de esperança dentro do sepulcro. Quando os primeiros raios do sol surgiram naquela manhã de sábado, ela envolveu o corpo do amado com a mortalha. O simbolismo desse ato, com seu aspecto de finitude de rendição necessária, deixou Maria Madalena arrasada. Ela então desmaiou, ainda agarrada à ânfora que continha os óleos curativos. Os homens carregaram Madona Madalena no mesmo lençol que tinham usado um dia antes para levar Jesus para o sepulcro, bem devagar e com todo o cuidado, para a propriedade de José de Arimateia. Lucas, o médico abençoado, cuidou dela e ficou preocupado. A respiração de Madalena estava fraca demais, e, além de tudo que sofrera, ela estava grávida. Teria de ficar em observação. Agora as orações deviam ser por ela. Depois de confortavelmente instalá-la numa cama, na companhia das mulheres, os homens se afastaram e foram se reunir nos aposentos particulares de José.

A pureza do amor de Maria e a sua devoção a Jesus tocaram profundamente os três homens na dor lancinante que sentiam. Ela os ajudou a entender que a perda do messias não era sinônimo da perda da sua mensagem. Maria Madalena dominava e havia incorporado os

ensinamentos d'O Caminho, provando por meio de seus atos que o amor era mais forte do que a morte. Ela vivia essa verdade cada dia de sua existência. Juntos, José de Arimateia, Nicodemos e Lucas juraram protegê-la, apoiá-la e aos ensinamentos sagrado-, de toda maneira possível pelo resto de sua vida das vidas dos filhos dela e de todos os que viriam depois. Naquele Sábado de Aleluia, formou-se um laço entre os três homens, que uniram seu sangue e sua fé num juramento inabalável. Formaram uma aliança que seria conhecida pelo povo como a Ordem do Santo Sepulcro.

Na manhã seguinte, quando Jesus anunciou sua ressurreição para Madona Madalena, os três homens tiveram certeza de que seus votos tinham sido corretos. Todos os restos terrenos do mestre haviam desaparecido.

Os homens acreditaram que aquela ocasião momentosa provava que Madalena era a sucessora escolhida para dar continuidade aos ensinamentos d'O Caminho. E quem sabe se os rituais extraordinários que ela executou no túmulo não tinham de alguma forma, colaborado com o processo santo e assombroso da ressurreição? Seria possível que o poder puro do amor fosse a única coisa necessária para criar tal milagre?

Quem poderia afirmar com certeza? Essas coisas eram questões de fé, e cada homem tinha de chegar à compreensão individual de Deus, a seu modo e a seu tempo.

Mas esses homens eram testemunhas únicas. As tradições e o conhecimento que passariam adiante para as gerações futuras tinham como base experiências pessoais, combinadas com os ensinamentos puros do próprio Jesus. Eles foram os abençoados fundadores da nossa

Ordem.

A FUNDAÇÃO DA ORDEM DO SANTO SEPULCRO,

CONFORME O LIBRO ROSSO

Roma

Nos dias atuais

A Praça do Panteão, Piazza della Rotonda, é um dos principais locais de turismo em Roma, dominada, de um lado, pelo extraordinário domo do qual veio seu nome. No curso de dois mil anos, o Panteão evoluiu como local de adoração, primeiro dos pagãos romanos, depois dos dedicados seguidores do catolicismo. E, embora tenha sido consagrado a inúmeros deuses com o passar do tempo, a curvatura feminina do magnífico domo pelo qual ficou justamente famoso era um tributo às antigas deusas.

Energia divina feminina flui por todo o local. No centro da Praça do Panteão fica uma das grandes fontes de Roma, marcada por um obelisco egípcio com três mil e trezentos anos de idade, feito de granito vermelho. O monumento foi levado para Roma, de Heliópolis, para enfeitar o templo de Isis, em homenagem à deusa que era a mãe de toda a vida. O quarto de hotel onde Maureen estava hospedada tinha vista para essa praça, e era para essa fonte que ela olhava da janela enquanto esperava a chegada de Peter com o veredicto sobre o misterioso livro vermelho. Ela estava ali havia dois dias desde que deixara Orval. Tammy ficara na Bélgica, onde Roland foi buscá-la, para não ter de fazer a longa viagem de volta sozinha, através do Languedoc, depois do que tinha passado. Maureen imaginou que ela devia estar com Roland e Berenger agora, e se lembrou de sua reunião inacabada com

Berenger. Tinha sido tolice temer tanto assim o reencontro, retardá-lo por tanto tempo daquele jeito, e agora ela avaliava se Berenger já estaria perdendo a paciência com ela e suas idas e vindas.

Da janela do quarto do hotel, ela avistou Peter atravessando a praça de pasta na mão.

- Buona sera - ela o cumprimentou, acenando animada, depois desceu para recebê-lo à porta do elevador. Maureen estava com o coração na boca. Podia notar, pela expressão de Peter, que a descoberta era de fato importante, mas tinham combinado não comentar nada pelo telefone ou em público.

Quando entraram no elevador para subir para o quarto de Maureen, Peter perguntou:

- Lembra o que a menina disse para você no sonho? Que não é o que você pensa que é?

Maureen fez que sim com a cabeça.

- Não é O Livro do Amor.

- Não é mesmo. Mas parece que contém elementos de O Livro do Amor, e certamente tem algumas referências a ele. Maureen estava digerindo aquilo, procurando não ficar desapontada, quando abriu a porta do quarto. Tinha de confiar no processo.

Peter sorriu para ela, abriu a pasta e tirou uma série de cópias do primeiro conjunto de

páginas do manuscrito e das traduções preliminares que fez delas.

- Maureen Paschal, eu lhe apresento Matilda da Toscana. O

que temos aqui é uma versão da história, até então desconhecida da vida dela, escrita de próprio punho. Maureen deu um gritinho de prazer, nada desapontada. A sua paixão pelo papel das mulheres na história era uma das forças motrizes da sua vida. Descobrir algo com aquela magnitude era um verdadeiro tesouro.

- Parece que isso é uma tradição de família - observou Maureen, folheando as páginas. Estamos nos tornando especialistas em descobrir autobiografias de linhagem familiar.

- Não ria. Eu acho que é literalmente uma tradição de família, e muito importante. Isso acabou sendo necessário para que membros de maior relevância na linhagem das famílias cuidassem do registro correto, porque sabiam que a verdade morreria se não fizessem isso. E penso que foi exatamente o que aconteceu com Matilda. Como sabe, os

"hereses" passaram séculos sem registrar nada por escrito porque era perigoso demais. Mas Matilda não era uma herege qualquer. Era destemida e obviamente uma mulher com dedicação profunda à sua missão espiritual, que era preservar a verdade. Há uma biografia dela nos arquivos do Vaticano, escrita pelo monge chamado Donizone, um contemporâneo dela que afirmava ser seu biógrafo pessoal. Sendo ele beneditino, no entanto, registrou a história, movido por uma tendência parcial, como faziam todos os monges da sua ordem, e parte dessa biografia é, portanto, suspeita. Assemelha-se a um texto editado de relações

públicas ditado por Roma. Por isso, no fim das contas, acredito que Matilda tenha tomado a decisão crucial de contar toda a sua vida e de gravá-la no papel, uma vez que era, segundo todos os relatos, extraordinariamente culta. Donizone se refere a ela como docta, que significa dotada de excepcional conhecimento. E

não era um termo usado levemente, muito menos referindo-se a uma mulher. Então ela seria bem capaz de registrar a própria vida, colocando seu ponto de vista e seus sentimentos. Mas... isso é bastante controverso, para dizer o mínimo.

- Então você leu o documento inteiro?

Peter balançou a cabeça.

- O suficiente para saber que o que nos espera pode ser devastador, mas não basta para revelar definitivamente quem ela era ou o que possuía.

- Mas ela fala sobre O livro do amor?

Peter indicou que sim.

- Fala.

Maureen queria fazer milhares de perguntas e começou a disparar uma atrás da outra, provocando o riso em Peter.

- Vou deixar Matilda contar a você com suas próprias palavras. Está pronta? Peter pegou a tradução e começou a ler.

Mântua, Itália

1052 d.C.

- Essa história não, Isobel! Conte-me outra. Aquela sobre o labirinto.

Aos seis anos e muito pequena para a idade, o tamanho da vontade de Matilda contrastava com sua aparência física. Ela bateu o pezinho minúsculo e balançou a massa de cabelo vermelho autoritária, enquanto continuava a dar ordens para sua ama

- Você sabe que essa é a história que eu mais gosto. Não quero ouvir nenhuma outra. Mas pare antes da parte ruim. Detesto a parte ruim.

A miúda condessa de Canossa fez uma careta para enfatizar seu desgosto pela parte ruim, e a bela dama Isobel de Lucca acatou pacientemente aquela investida. Suas mãos delicadas haviam limpado o sangue do parto no rosto daquela criança quando tinha apenas cinco segundos de vida, depois coberto e embalado o bebê como se fosse dela. Matilda estava aos cuidados de Isobel desde aquela noite de início da primavera, quando a infante ruiva respirou pela primeira vez e berrou ao chegar aos campos da Toscana. Para o povo do seu pai, que descendia dos ferozes guerreiros lombardos do Norte da Itália, o nascimento de um filho no equinócio da primavera era uma bênção especial de Deus. O grito daquele bebê foi

tão forte que o pai, que aguardava com seus homens no pátio ao lado, teve certeza de que era um filho abençoado por um nascimento feliz. O duque Bonifácio ficou só um breve tempo decepcionado ao saber que o filho santificado era uma menina. Matilda foi crescendo e começou a manifestar as características de seus nobres pais, as belas feições e a elegância de sua esbelta mãe, combinadas com a determinação e a força do pai. Logo se tornou a filha preciosa e adorada do homem mais aterrorador da Itália.

- Por que gosta tanto dessa história, Tilda? Imagino que a essa altura já deva estar cansada dela, porque a conhece de cor. E

tenho muitas outras para contar.

- Ora, essa história não me cansa. Por isso comece do princípio.

Era uma ordem.

Isobel sorriu com simpatia, mas não começou a contar a história. Matilda se revoltou um pouco, antes de ceder.

- Por favor, Isobel. Por favor, conte minha história favorita. Faço a parte da princesa Ariadne e vou tecendo meus fios mágicos enquanto você conta. E eu pedi por favor.

- Pediu mesmo, mas não devia precisar pedir para você ter modos, Matilda. Sua boa mãe descende da casa mais nobre do mundo, herdeira direta do abençoado Carlos Magno em

pessoa, no entanto não se comporta assim, nem mesmo com os servos que limpam seu urinol. Já a viu alguma vez dar ordens bruscamente? Não, não viu, nem verás. E fora seu pai, que tem lá seus motivos, você não vê nenhum nativo de Lucca se comportar dessa forma. Não somos assim, filha. Esse não é O Caminho.

Matilda acatou o sermão. Seus impulsos autoritários vinham da sua personalidade natural e da influência do pai. Pois, enquanto dona Beatriz era de fato uma mulher muito gentil e de alta classe, Bonifácio era um autêntico soldado toscano. A linhagem do seu pai misturava a descendência da santificada e sagrada cidade de Lucca com o sangue violento do lombardo que havia integrado a Casa de Toscana. Beatriz era o produto gracioso e culto da família real germânica, ao passo que Bonifácio era muitas vezes um senhor feudal impiedoso, um pouco como os guerreiros que invadiram a Itália no século VI, gerando o caos no que restava do decadente Império Romano e impondo seu nome à região no Norte da Itália, a Lombardia.

Apesar de herdar riqueza e poder significativos, Bonifácio trabalhou incansavelmente para ampliar sua fortuna, por méritos próprios. Os rios que cercam Mântua, o Pó e o Mincio, eram artérias de comércio com o Noroeste da Europa que começaram a prosperar sob o domínio de Bonifácio. Antes da sua liderança, os comerciantes temiam a ausência de leis e evitavam fazer negócios ali. Corredores vitais dos grandes portos como Veneza, para importação de artigos de luxo do Oriente e de outros cantos do mundo, tinham sido completamente isolados.

Mas o duque da Toscana governava o vale do rio Pó com mão de ferro, enfileirando os

salteadores depois de providenciar para que fossem brutalmente mutilados, como advertência de que tal comportamento não seria mais tolerado. Grupos fortes de homens bem pagos e destemidos foram organizados em uma força de elite para patrulhar as regiões fluviais em nome do grande duque.

A estratégia de Bonifácio tornou seguras as rotas de comércio e atraiu comerciantes do mar Adriático a navegarem pelos rios. Os germânicos, agora, se dispunham a atravessar os Alpes com suas mercadorias valiosas do reino setentrional da Saxônia. Em troca, ele lhes cobrava taxas e impostos, o preço a pagar pelo direito de viajar livremente por aquela região tão lucrativa. A fortuna e o poder de Bonifácio cresceram em proporções lendárias, assistido pela bela mulher de sangue azul ao seu lado. Ela era a joia da sua coroa feudal, a legitimidade de que ele precisava e desejava.

A única fraqueza de Bonifácio era sua preciosa filha, que muitas vezes levava sobre seu cavalo quando ia inspecionar suas terras. Aos seis anos de idade, Matilda tinha mais experiência sobre um cavalo do que a maioria dos homens adultos de sua época. Mas, depois que passava algum tempo na companhia do pai autoritário, Isobel precisava dedicar muitas horas de paciência para corrigir o comportamento da menina.

- Desculpe-me, Isobel. - Matilda conseguiu parecer arrependida, mesmo que por pouco tempo. - Vou me esforçar para ser uma condessa boa e nobre.

- Assim está muito melhor. Agora me ajude a lembrar. Onde começa essa história?

- Em Creta! - gritou Matilda animada.

- Ah, é. O poderoso e dourado reino de Creta. Há muitos e muitos anos vivia lá um grande rei chamado Minos...



O Minotauro era um grande monstro, nascido na família do rei de Creta, o poderoso governante conhecido como Minos, e a mulher dele, rainha Pasifae. Ele era metade homem, metade touro, e tinha o apetite de dez animais selvagens. Dizem que o Minotauro nasceu do encontro ilícito de Pasifae com um deus, ou pior, com um grande touro branco. É possível que isso tenha sido má interpretação de homens repressivos que não eram capazes de compreender os grandes mistérios dos antigos. A rainha Pasifae deve ter sido uma sacerdotisa da lua e encarnação do sagrado feminino, e seu acasalamento com um sacerdote, disfarçado de touro para representar o sagrado masculino, foi a encenação de um ritual que tem sido considerado um mistério místico desde os primórdios da humanidade: o ritual da união das energias masculina e feminina, necessário para o equilíbrio da vida na Terra. Assim, a história de como o Minotauro foi concebido é

cercada de névoas, mas sabemos de uma coisa: ele existiu como uma combinação do humano e do divino, por isso era metade milagroso e metade pavoroso. Talvez o segredo da Decadência esteja dentro da existência do Minotauro. Talvez ele seja um símbolo da grande

perda da compreensão que ocorre quando os seres humanos não conseguem mais aceitar sua natureza divina. E, acima de tudo, a perda da nossa humanidade, quando abandonamos a necessidade de honrar o masculino e o feminino juntos em sua forma mais divina, a união sagrada.

O nome de batismo do Minotauro era Asterius, que significa

"ser-estrela", por causa de sua origem divina. Ele era reverenciado como um deus e, ao mesmo tempo, objeto do terror dos humanos. Seu corpo era coberto por um desenho de estrelas para lembrar que todas as criaturas vêm do céu, mesmo as que parecem ter apenas uma natureza inferior. Viemos do céu e é para o céu que vamos voltar. Pois o que está acima está também abaixo.

Asterius nasceu um monstro, uma criatura terrível que exigia sacrifícios humanos e aterrorizava Creta? Ou se transformou em monstro porque foi privado de amor e exposto ao ridículo, à crueldade e à condenação? Ele era certamente uma fonte de vergonha para o rei Minos, que não suportava a ideia de que sua mulher o tivesse concebido sem sua participação. Minos chegou às raias da loucura de tanto ciúme e queria destruir Asterius, mas não tinha coragem de matar o monstro devido à

sua paternidade divina. Em vez disso, o rei criou uma prisão subterrânea onde poderia alojar aquela criatura indesejada e mantê-la, assim, fora de vista.

Vivia em Minos um refugiado de Atenas chamado Dédalo, o Inventor, que foi chamado por

Minos para criar uma prisão para o Minotauro. Foi quando projetava aquela terrível construção que Dédalo se tornou construtor mestre. O que criou foi o labirinto, um enorme circuito de passagens que levavam a um ponto central. Nesse centro ficava o templo em que a criatura deveria viver. O labirinto foi tão bem planejado que, uma vez lá dentro era impossível encontrar a saída. Isso servia para prender o Minotauro, mas também para aprisionar suas infelizes vítimas, pois, quando entravam lá, elas não conseguiam mais escapar. A exigência monstruosa do Minotauro era o sacrifício de sete donzelas e sete rapazes, enviados ao centro do labirinto a cada nove anos. Ele devorava todos sem deixar vestígios.

E assim viveu Asterius, o Minotauro, uma vida de deusmonstro, longe da vista do povo de Creta e encurralado naquele labirinto subterrâneo. Uma sombra sobre a ilha, a cada nove anos. O rei Minos e a rainha Pasifae tiveram filhos humanos, entre eles a princesa Ariadne. A princesa de Minos era famosa por sua beleza radiante, e se referiam a ela em todo o mundo como "clara e brilhante". Ela também era considerada "completamente pura de espírito e coração". E aconteceu que Creta entrou em guerra contra Atenas. O

irmão de Ariadne e único filho verdadeiro de Minos, um herói chamado Androgeu, foi morto pelos atenienses em batalha. O rei Minos lamentou desesperado a perda do filho e declarou terror absoluto sobre Atenas como vingança. Depois da conquista, Minos exigiu que os atenienses pagassem o tributo ao Minotauro com seus próprios filhos, e daí em diante vinham de Atenas os catorze inocentes levados ao sacrifício.

O filho mais novo do rei ateniense era um jovem belo e heróico chamado Teseu. Chegada a

hora de Atenas enviar os seus inocentes para o sacrifício no labirinto do Minotauro, Teseu se ofereceu para ir como o primeiro dos catorze, pois estava determinado a enfrentar o Minotauro e matá-lo, salvando, assim, a vida dos outros e livrando o povo daquele terror. Apesar de muito jovem, o herói era também muito inteligente. Ele compreendia que a oferta de sacrifícios para o Minotauro era uma opção. Era uma tradição que não precisava ser mantida, mas precisaria de alguém que tivesse coragem para acabar com aquilo.

A princesa Ariadne um dia caminhava na praia perto do porto de Creta quando o navio vindo de Atenas atracou para desembarcar as vítimas do sacrifício. Dizem que ela avistou Teseu e imediatamente se apaixonou por ele. Ela o reconheceu como o grande herói capaz de derrotar a escuridão que pairava sob a superfície de Creta na forma do seu meio-irmão, o terrível Minotauro Asterius. A princesa passara a vida inteira assombrada pela morte dos inocentes para satisfazer aquela fome desumana, no entanto a paixão em seu coração também gerava grande simpatia pelo sofrimento monstruoso dele.

Ariadne planejou um encontro secreto com Teseu na véspera da cerimônia do sacrifício. E então Ariadne jurou que ajudaria Teseu, em troca da promessa de ele casar com ela e levá-la para longe dali.

Acontece que Ariadne fora prometida pelo pai ao libertino deus Dionísio. Diziam que o deus estava quase louco de paixão pela beleza pura de Ariadne e que a tinha pedido como tributo a Minos em troca das vitórias militares contra os atenienses. Minos cedeu com certa relutância e acabou selando o acordo. A pura Ariadne era discípula de Afrodite, a deusa do amor. Por isso não suportava a idéia do casamento que não fosse por amor verdadeiro, e

certamente não queria se submeter ao destino de ser a humilhada concubina do deus do hedonismo.

Quando pôs os olhos em Teseu, Ariadne soube que ele podia mudar o seu destino. Teseu salvaria o povo do Minotauro e Ariadne do deus sombrio, e faria as duas coisas pela força do amor. Dizem que Ariadne e Teseu se uniram naquela noite, com paixão e determinação, de corpo e alma, com confiança e consciência. Ao fazer isso, ela o protegeu com o poder puro do seu amor.

Como Ariadne era meia-irmã do terrível animal, ela conhecia os segredos de como matar o Minotauro e de como sair do labirinto. E revelou tudo ao seu novo amor. Ela teceu fios com seu próprio cabelo sedoso e fez um novelo de fios dourados, fios mágicos que seriam o rastro para ajudar seu amante a escapar do labirinto. E, por fim, ela lhe deu de presente uma espada milagrosa, arma que fora forjada para o deus do mar Poseidon, feita de prata e ouro para representar a luz do sol e a lua refletida no mar. Ariadne sabia que aquela arma mataria seu meio-irmão sem causar-lhe nenhum sofrimento. Teseu não falharia, pois, se seguisse as instruções dela perfeitamente, mataria o Minotauro com um único e misericordioso golpe e sairia de lá como herói da luz. Na manhã seguinte, quando era levado para dentro do labirinto, o primeiro a ser sacrificado, Teseu amarrou uma ponta do fio de Ariadne num anel de ferro na entrada do labirinto, e foi desenrolando o novelo lentamente à medida que caminhava pelos túneis até o horrendo animal. No centro do labirinto, Teseu encontrou o Minotauro e o derrotou em combate corpo a corpo, equilibrado, protegido pelo amor de Ariadne. O golpe final foi desfechado com a espada que ela lhe dera. Tarefa cumprida, o herói voltou pelo caminho que entrara e saiu do

labirinto seguindo o fio de Ariadne, chegando são e salvo à entrada e aos braços de seu novo amor. Carregando sua princesa nos braços, Teseu soltou os treze jovens atenienses e voltou para o navio como libertador do seu povo e grande destruidor do deus-animal. Navegaram até chegar à ilha de Dia, onde pararam para uma noite de comemoração e para pegar provisões para o retorno a Atenas. Infelizmente a alegria durou pouco, porque o deus Dionísio, ébrio de vinho, apareceu na ilha de Dia para se apossar de sua noiva. Ariadne era dele por direito, pela lei divina e humana, ele disse, prometida pelo rei, pai dela. Ela não podia resistir. No início Teseu enfrentou o deus, afirmando que Ariadne era sua por vontade dela e que ele pretendia torná-la rainha de Atenas. Dionísio contraargumentou lembrando a Teseu que ele podia tornar Ariadne imortal quando ela se casasse com um deus e que, se o ateniense de fato a amasse, ia libertá-la para seguir um destino mais divino. A discussão durou a noite inteira, e o deus Dionísio não esmoreceu em seus ataques a Teseu. Era uma escolha terrível para o jovem príncipe de Atenas, que não era páreo para o esperto e determinado deus. Por fim, Teseu acreditou que, se resistisse a Dionísio, o deus provavelmente levaria Ariadne à força e castigaria a ele e aos atenienses. Então, com um peso enorme no coração, Teseu abandonou sua Ariadne, deixou que ela fosse com Dionísio e zarpou de Dia sem sua amada.

Ariadne ficou desesperada com a perda de Teseu e em pânico de se tornar consorte do deus hedonista que a levava pela força da astúcia. Mas foi pela força sagrada do amor que uma mudança milagrosa aconteceu no deus Dionísio. Tão apaixonado ele estava pela bela e pura Ariadne, que não suportava vê-la tão angustiada. Ele não a tomou à força. Em vez disso, concordou que só a possuiria quando ela concordasse em ser sua esposa por livre e

espontânea vontade. Dionísio passou a cobri-la de presentes, a celebrar sua beleza, até jurou mudar seu comportamento decadente para provar a veracidade do amor que sentia por ela. Quando Ariadne percebeu a magnitude da dedicação do deus, e de que maneira ele havia se transformado, seu coração amoleceu. Com preces para Afrodite, a personificação de todo o amor, Ariadne compreendeu que Teseu teria lutado por ela se realmente sentisse no coração que ela era sua única amada. O fato de Teseu não ter feito isso significava que ela precisava esquecê-lo. O amor que não é correspondido em medida igual não é

amor, não é sagrado. E apegar-se à idealização de tal sentimento pode nos impedir de encontrar aquele que é

verdadeiro.

Um dia Ariadne aceitou desposar Dionísio, e os dois viveram felizes eternamente, como parceiros verdadeiros e iguais no hieros-gamos. Foi então que Ariadne encontrou o amor real, com o amado que tinha de fato lutado por ela.

Teseu, por sua vez, só fez lamentar a perda de Ariadne e se arrepender da fraqueza que o fez tomar a terrível decisão de abandoná-la, até o fim de seus dias. Em honra daquela que agora era uma deusa, ele criou um templo em seu nome em Amatus. Com a estátua de Afrodite que Ariadne levava com ela ao sair de Creta, ele erigiu uma construção que chamou de Templo do Amor e a dedicou a Ariadne-Afrodite. Dentro do templo construiu um labirinto que se tornou o símbolo do amor e da libertação, e uma dança rítmica que representava a celebração de uma união divina foi criada para o festival anual em

homenagem a Ariadne; a festa da Dama do Labirinto que venceu a escuridão com seu amor. O novo labirinto foi concebido como um lugar de alegria, com um único caminho em espiral que levava até o centro e de volta à

saída. O labirinto não seria mais um lugar em que almas humanas se perderiam. Para todo o sempre, seria um lugar onde o espírito humano podia ser encontrado. Um lugar para celebrar o que é ao mesmo tempo humano e divino em todos nós, depois que aprendemos a matar os minotauros que vivem dentro de nós, com a crença no poder do amor.

Teseu tornou-se o maior dos heróis, implantou a democracia e a justiça em Atenas, onde ainda é reconhecido como o fundador sábio e compassivo daquela cidade que ensinou tanto ao mundo. Não há dúvida de que sua profunda compreensão da natureza do amor e da perda foi o elemento que o transformou em um grande líder.

Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

A LENDA DE ARIADNE, A DAMA DO LABIRINTO,

CONFORME PRESERVADA NO LIBRO ROSSO

Isobel contou a lenda do labirinto como tinha feito muitas vezes antes, tal como fora preservada nas escrituras mais sagradas, pedra fundamental do Libro rosso, o Livro vermelho. Adaptava a história para a idade da menina, eliminando as referências sexuais mais explícitas e certamente parando antes do que Matilda chamava de "parte ruim", em que tudo dava errado para os jovens amantes e Ariadne era abandonada para ficar com Dionísio. Para a menina Matilda, a lenda do labirinto terminava em felicidade eterna, depois de Teseu matar o animal, salvar os jovens de Atenas e partir para o pôr do sol com sua bela princesa.

Matilda teria bastante tempo para aprender que a maior parte das histórias de amor não tinha nada de simples e não terminava tão bem. Na verdade, uma das grandes lições da lenda do labirinto era que a carência feminina e o poder do amor muitas vezes não encontravam correspondência na história da humanidade. O desejo de Ariadne nunca contou na discussão entre Teseu e Dionísio, embora os dois declarassem amor por ela e quisessem ficar ao seu lado. Ela não teve opção sobre o próprio destino, que já tinha sido selado antes pelo seu pai, quando vendeu a própria filha para merecer a boa vontade e a aliança de Dionísio. E esse foi o prenúncio da verdadeira decadência humana na história. Quando as mulheres passaram a ser peças nas decisões dos homens, sem direito de escolha sobre o

próprio futuro. Elas se tornaram propriedade, peões num tabuleiro de xadrez político para serem usadas por seus parentes homens. Desvalorizadas e diminuídas, chegaram a ser desumanizadas. Os casamentos se tornaram negócios em que as mulheres eram tratadas como gado pelas famílias. O que um dia tinha sido o centro mais sagrado de união virou um lugar em que o estupro foi legalizado pelo Estado.

Isobel sabia que Matilda teria destino parecido. Com o tempo, ela teria de aprender todas as lições complexas sobre amor e poder que existiam na história de Ariadne. Mas Isobel também teria de ensinar para Matilda que a união entre um homem e uma mulher devia ser mais do que o que tinha se tornado: uma transação desumana e muitas vezes brutal. Os deveres de Isobel como ama de Matilda incluíam o bemestar espiritual e intelectual da menina, além de sua proteção física. Matilda era uma criança excepcional pelo nascimento, e sua guardiã tinha sido escolhida especificamente para ela. Sua tarefa era criar a menina dentro das tradições altamente secretas e protegidas que eram praticadas em Lucca desde o século I. Embora Bonifácio estivesse preocupado demais com conquistas e com a expansão dos seus territórios para se incomodar com religião ou espiritualidade, respeitava e considerava essas tradições um tributo ao seu bisavô, o lendário líder toscano, Siegfried de Lucca. Por isso Bonifácio e Beatriz escolheram a encantadora Isobel, parente de Bonifácio pela linhagem do próprio Siegfried.

A mãe de Matilda, dona Beatriz, descendia da excelsa família de Lorena. Suas tradições espirituais eram séculos mais antigas, mas não vicejavam de forma tão evidente como na Toscana. Apesar de sua nobre herança herege, ela guardava as práticas católicas tradicionais em sua própria casa. Isso era necessário já que ela era membro da família real

germânica que devia fidelidade à Igreja católica e à complicada estrutura política a ela relacionada. Beatriz era piedosa e obediente, uma mulher graciosa e forte ao seu modo, mas feliz de ser subserviente ao marido. Beatriz teve uma sorte incomum para uma mulher do seu tempo, pois encontrou o verdadeiro amor e satisfação no seu casamento arranjado. O fato de ter uma beleza lendária, cabelo negro e olhos puxados também negros eram motivo de orgulho para Bonifácio.

Matilda não era o primeiro filho deles. Infelizmente tinham perdido os dois mais velhos, vítimas da gripe que varreu a Europa mais cedo naquele mesmo ano. Um era filho e herdeiro de Bonifácio, e morreu adolescente, deixando uma enorme ferida no coração do pai. O segundo, era outra filha mulher, perdida ainda na infância. A tragédia de perder dois filhos num curto espaço de tempo marcou Beatriz. Muitas vezes ficava fraca e doente por causa da tristeza, e tinha pouca energia de sobra para a filha sobrevivente. Por isso Beatriz era mãe de Matilda, mas Isobel era a força materna que Matilda conhecia.

Quando ficar mais velha, filha, vou contar uma história diferente - disse Isobel. - Uma história com o sábio rei Salomão e a exótica e gloriosa rainha de Sabá.

- Conte agora!

- Não, não posso. Você ainda não tem idade para entender tudo que há na história. Vou contar logo depois que você

completar dezesseis anos, como é apropriado.

O tom de voz de Matilda virou um sussurro quando ela perguntou:

- Está no... Libro rosso?

Isobel piscou para ela e balançou a cabeça, indicando que sim.

- Está. E tem muita coisa naquele livro que você só vai entender quando crescer. Agora, para a cama. Venha, deixeme trançar o seu cabelo. Com movimentos graciosos, Isobel iniciou, como fazia todas as noites, o processo de domesticar o cabelo douradoacobreado de Matilda que caía em ondas pesadas até a metade das costas da menina.

Matilda, caindo de sono, aceitou a idéia de ir para a cama, esfregando os olhos verdes e bocejando com a ferocidade de um filhote de leão.

- Quer cantar uma canção para mim, por favor? - ela pediu. - Aquela do país da sua mãe?

Dona Isobel puxou a colcha de lã até o queixo da menina e sentou na beira da cama. Cantou em francês com sua voz doce e clara.

Il est longtemps que je t'aime,

Jamais je ne t'oublierai...

Matilda, que falava toscano e o idioma da mãe, o alemão, fluentemente, estava apenas começando a aprender francês. Quando repetia os versos fazendo a segunda voz, era na sua

própria língua.

Eu te amo há muito tempo,

Jamais te esquecerei...

Então Isobel finalizou com o antigo poema que era sagrado na região de La Beauce, na França, de onde a sua mãe viera antes de se casar com um membro da linhagem de Lucca. Era de uma poesia escrita mil anos antes, por um grande homem, sobre seu amor por uma mulher abençoada e os filhos dela.

Je t'ai aimé dans le passé,

Je t'aime aujourd'hui,

T'aimerais encore dans l'avenir.

Le temps revient.

Ela deu um beijo na testa de Matilda. A menina se virou para a pequena mesa de altar que ficava ao lado da cama. Uma pequena

estátua

de

Santa
Modesta,
esculpida

meticulosamente em madeira, enfeitava o altar. Era um presente do lado Francês da família de Isobel, dado para celebrar o nascimento da pequena condessa seis anos antes. Naquela imagem, a santa tinha uma das mãos levantada para abençoar e segurava um livro na outra, pintado de vermelho com letras douradas. Matilda adorava a estatueta na qual o cabelo de Modesta era pintado da mesma cor extraordinária que o seu.

Matilda passou a mão na estátua de Modesta antes de murmurar a tradução dos versos, que era parte do ritual noturno das duas e ponto fundamental da sua tradição.

Eu te amei no passado,

Eu te amo no presente,

E te amarei novamente.

O tempo retorna.

- Retorna mesmo - suspirou Isobel olhando para aquele pequeno ser, complicado e brilhante, que amava como se fosse sua filha.

Não era a vontade de Deus que Isobel tivesse filhos do próprio ventre. Era evidente que ao jurar seu compromisso com Matilda selara o destino de não se casar e ter filhos, apesar dos seus vinte e poucos anos de idade. Ela compreendia que era sua missão criar aquela antes de qualquer outra criança e que seria por vezes uma tarefa árdua que ia exigir dela toda a sua atenção.

Seja feita a Vossa vontade. Isobel repetia isso muitas vezes em suas citações diárias d'O livro do amor. Era o segundo dos seis ensinamentos sagrados do Pater Noster, o Pai-Nosso, alicerce da prática religiosa deles. Obediência a Deus. Rendição à Sua vontade. E sem dúvida era vontade d'Ele que Isobel dedicasse sua vida a criar aquela criança.

Matilda iria provar um dia que "o tempo retorna", assim como a maior profetisa da linhagem delas, a bem-aventurada SaraTamar. Era o destino delas. Aquela menina deixaria sua marca na história. Mas não aquela noite.

- Boa-noite, ma petite. Tenha bons sonhos.

- Boa-noite, minha Isi - ela sussurrou sonolenta, aninhada embaixo da colcha, bocejando mais uma vez. - Te amo.

Matilda estava alvoroçada, corria pelo castelo e gritava muito animada, o cabelo solto parecendo uma cortina vermelha e dourada.

- Luuuuucca! Luuuuucca! Vamos mesmo para Lucca amanhã, Isobel? De verdade? Com papai?

- Vamos, pequena. Finalmente vamos para Lucca.

Matilda repetiu mais uma vez o nome do lugar em que tinha nascido, dessa vez parando para sussurrar como num sonho, imitando Isobel, que sempre suspirava de saudade da sua terra natal e falava dela bem baixinho como se fosse a morada de anjos na Terra. A menina ficou muito séria de repente e concentrou toda a sua atenção na ama.

- Não lembro nada de Lucca, Isi.

- Não podia mesmo, Tilda. Você era bebê quando viemos aqui para Mântua. Mas sua primeira respiração foi no ar sagrado daquele lugar, e ele lhe dará sua bênção especial enquanto você viver.

- É mesmo muito linda? E cheia de santos e anjos?

- Lucca é magnífica porque é mais especial do que todos os outros lugares nessa terra de Deus. Venha, vou contar uma história nova esta noite, uma história que faz parte da sua herança especial e...

Isobel não chegou a completar a frase. Matilda, com todo o seu brilhantismo precoce, ainda era jovem demais para compreender tudo que o complexo legado do seu povo representava.

Era melhor ensinar-lhe pelo método testado e comprovado das histórias, até que ficasse mais velha.

- Agora eu quero que você se lembre de todas as histórias que contei sobre o Nosso Senhor.

Isobel falou com aquele tom que indicava que ia dar uma aula além de contar uma história.

Matilda meneou a cabeça solenemente, sentou sobre as pernas dobradas e ficou prestando atenção.

- Nosso Senhor tinha um amigo notável que se chamava Nicodemos. Ni-co-de-mos. Quer dizer o nome dele para mim?

A menina obedeceu, repetiu o nome e foi elogiada pela ama.

- Nicodemos era um dos dois únicos homens que estavam com ele na hora da sua morte. Você lembra quem mais estava com ele?

Matilda era boa aluna, tinha um talento extraordinário para memorizar as coisas. Ela gostava muito da história da Paixão e sabia todos os relatos de cor. Jamais se intimidava com as descrições mais realistas do sacrifício de Jesus na cruz conforme ensinara o confessor de sua mãe, um austero clérigo de Lorena chamado frei Gilbert. Frei Gilbert parecia se exaltar com os detalhes violentos das últimas horas do Cristo na Terra e fazia descrições muito detalhadas quando queria passar algum argumento sobre penitência, o que

ocorria com muita frequência. Essa abordagem deixava Isobel horrorizada, pois ela reverenciava o Senhor por suas palavras e sua obra, e não por sua morte. Essa filosofia estava de acordo com o Caminho do Amor conforme era praticada pelo seu povo por mais de mil anos. Ela desaparecia discretamente quando frei Gilbert estava presente. Mas Matilda ficava embevecida com todas as versões da maior história de todas, até com as mais horrendas. Quanto a isso, provou ser filha de Bonifácio desde a mais tenra idade. Era destemida e não piscava diante das versões mais duras da realidade. A versão de Isobel, no entanto, realmente cativava Matilda. Apesar de sentir uma devoção profunda pelo Senhor e ficar emocionada com o relato do seu sacrifício, era outro aspecto da história que a encantava. A lenda das mulheres na vida de Jesus, e de uma mulher especialmente.

Matilda se endireitou e respeitosamente respondeu.

- O outro homem era José de Ara...

- Arimateia - ajudou Isobel, e Matilda continuou entusiasmada.

- Sua mãe estava com ele, a Grande Maria, e a mais amada, Maria Madalena. E todas as outras Marias que o seguiram como discípulas e que ensinaram suas palavras e sua obra para todo o sempre. - Ela abaixou a voz e usou a versão infantil do seu sussurro confidencial. - Mas nós não podemos chamar Maria Madalena de "mais amada" na frente do frei Gilbert, certo?

- Certo, não podemos de jeito nenhum.

- Mas por que, Isi? Se Jesus a amava, por que não podemos falar disso e amá-la como Jesus a amou? Por que temos de ter tantos segredos?

Isobel suspirou e passou a mão no cabelo rebelde de Matilda, cuja cor acobreada era um sinal de que aquela pequena condessa nascera em uma das linhagens mais imaculadas da Europa, era descendente da linhagem dela. Diziam que Maria Madalena tinha o cabelo daquela cor, mesmo quando morreu, já idosa. Os pais de Matilda descendiam da união de Jesus com sua amada Maria - a mãe através da linhagem de Carlos Magno, o pai das seitas secretas italianas que fincaram raízes na Toscana durante a perseguição aos primeiros cristãos em Roma.

Era uma pergunta difícil de responder, até para o adulto mais culto. Matilda não estava preparada para compreender. Isobel esquivou-se da pergunta com a habilidade de uma excelente contadora de histórias.

- Esse amigo de Jesus, Nicodemos, era um homem muito especial, que tinha um grande talento, importante para nós hoje. Você quer saber qual era? Ele era artista. Um escultor. Podia transformar as visões que Deus lhe dava em imagens entalhadas na madeira.

- Como Frederick?

Frederick era o servo mais velho do pai, outro membro de confiança do círculo de Lucca que cercava a nobre família. Frederick muitas vezes entretinha Matilda esculpindo brinquedos em madeira. Sua boneca predileta, uma escultura da lendária Ariadne, tinha sido

criada para ela na época do Natal. Ele chegou a entalhar uma réplica do labirinto nas costas da boneca, para Matilda poder entender o desenho complexo, que era uma parte tão importante da tradição deles.

- Sim, como o nosso Frederick. Mas, como Nicodemos estava presente quando Nosso Senhor morreu na cruz, ele não conseguia tirar da cabeça aquela imagem sagrada. Por isso resolveu esculpi-la em madeira para o mundo poder se lembrar daquele enorme sacrifício muitos séculos depois. Ele levou um ano para completar sua missão, mas quando terminou, Nicodemos havia criado a primeira obra que nos mostra como Jesus era. Ela é chamada de Volto Santo, o Santo Rosto, porque é uma de apenas duas obras de arte no mundo que foram criadas por homens que viram o rosto de Jesus em vida e no momento da sua morte. Uma está em Roma, é um quadro que foi pintado por São Lucas Evangelista e é propriedade do papa. Mas o Volto Santo eu vi, e é magnífica. Matilda arregalou os olhos.

- Você viu essa escultura?

- Vi, e você também vai ver.

Matilda começou a ficar agitada, como de costume.

- Mas quando? Como?

Isobel interrompeu.

- Tenha paciência, meu doce. Deixe-me contar mais da história. Quando Nicodemos morreu, a escultura desapareceu. Os primeiros cristãos a levaram para esconder dos romanos, para que não se perdesse ou fosse destruída. Ficou escondida na Terra Santa por setecentos anos. E então, quando a profetisa decretou que era hora, o Volto Santo, que um dia representou o tesouro mais sagrado do nosso povo, foi tirado do seu esconderijo e preparado para uma viagem.

- Tesouro sagrado?

Os olhos de Matilda se acenderam com aquela idéia de um grande segredo.

- É, meu amor. Porque, sabe, quando estava esculpindo o Volto Santo, Nicodemos deixou uma abertura nas costas da escultura, uma abertura secreta onde se podia esconder o objeto mais sagrado de todos.

- O Libro rosso?

Isobel fez que sim com a cabeça.

- É, o Libro rosso. E era o tesouro mais sagrado, porque continha os ensinamentos d'O Caminho do Amor escritos pelo próprio Nosso Senhor, e mais tarde as profecias de sua santa filha. Mas você vai aprender mais sobre isso quando chegarmos a Lucca. Porque é lá que vai ver o Libro rosso pessoalmente. Já é hora, meu anjo, de você começar seus estudos para valer.

Matilda ficou sem fala, o que era completamente inusitado, e isso fez Isobel rir alto. O som de sua risada era bonito, melodioso.

- O que foi, pequenina? Está muito surpresa porque chegou a sua hora? Você acabou de completar seis anos, e esse número é mágico. É o número de Vênus, o número do amor. É o ano em que a educação começa, especialmente para uma Escolhida. E não se preocupe, ficarei com você em cada passo do caminho.

"Agora preciso prepará-la para encontrar o grande mestre. Você vai chamá-lo de Mestre e nada além disso".

- Ele não tem nome?

- Tenho certeza de que tem, mas nós não o usamos. Nós o chamamos de Mestre em sinal de respeito, pois ele vem de uma longa linhagem de líderes escolhidos para a Ordem, e todos foram chamados assim. Ele é um homem muito santo.

"E tenho de avisar uma coisa, Matilda. Ele tem uma cicatriz no rosto. Uma cicatriz muito feia. Mas não deve ficar com medo dele. Será uma lição para você aprender que não se deve julgar um homem pela sua aparência. Devemos esperar e ver o que o seu comportamento revela sobre o verdadeiro ser humano que ele é. O Mestre é um grande homem, um homem gentil, que vai ensinar a você como ensinou a mim e a muitas outras."

Matilda queria chorar diante do peso daquela notícia, mas se controlou. Aquele Mestre

assustador com a cicatriz no rosto, as aulas que iam começar na misteriosa Lucca... era demais!

Talvez a ida para Lucca não fosse um presente tão maravilhoso, afinal. Ficar ali em Mântua, onde se sentia em segurança, era melhor. Matilda mordeu o lábio inferior para impedir que tremesse.

- Não tenha medo, ma petite. - Isobel deu um abraço apertado



em Matilda.

Aquela criança tinha o coração de uma leoa, mas ainda era apenas uma menininha.

- Esse é o seu destino, aliás, um lindo destino. Apenas lembrese de quem é, o tempo todo, pela graça de Deus. Matilda balançou a cabeça solenemente. Ela era a condessa de Canossa e herdeira do grande Bonifácio. Era uma filha de Lucca e de Mântua; ela era a filha da profecia. Ela era A Escolhida.

Ela era Matilda, pela graça do Deus que É.

A verdade fincará raízes na região do brejo

e florescerá em segredo

por aqueles com a força para mantê-la ali.

Um grande santuário para a santa escritura e o santo rosto serão feitos e refeitos enquanto o Tempo Retorna. Muitos irão duvidar, mas a verdade resistirá aqui para as crianças do futuro,

aquelas com olhos para ver e ouvidos para ouvir.

A verdade deve ser preservada em pedra

e construída em um Vale de Ouro.

A nova Pastora, A Escolhida,

cuidará de sua perfeição

e guardará a Palavra do Pai e da Mãe

e o legado de seus filhos em espaços sagrados.

Isso se tornará seu legado.

Isso, e conhecer um Amor Muito Grande.

Para aqueles que podem ouvir, que ouçam.

A SEGUNDA PROFECIA D'A ESCOLHIDA, DOS
ESCRITOS DE SARA-TAMAR, TAL COMO

PRESERVADO NO LIBRO ROSSO

CAPÍTULO CINCO

Lucca

1052

A cidade de Lucca era sagrada pela própria natureza, um dos locais que reconhecidamente possuía uma aura especial desde os tempos mais remotos da história do homem. No século III a.C. os romanos já comentavam isso, embora hoje haja registros anteriores, da era paleolítica, e relatos de etruscos e celtas da Ligúria. Acreditava-se que seu nome deriva de uma palavra celta, luks, que significa "região de brejos". Para os cristãos, o coração e a alma da cidade foram forjados nos dois primeiros séculos da nossa era. Enquanto os romanos continuaram a erguer construções, cercando Lucca com estradas importantes e com suas primeiras muralhas, ou criando um anfiteatro espetacular, coube à discreta comunidade subterrânea de cristãos formar a espinha dorsal da cultura dos lucchesi.

O catolicismo tradicional florescia na superfície enquanto Lucca mantinha uma cultura cristã diferente em sua base. Segundo ela, os filhos dos primeiros apóstolos viveram aqui, onde a lenda diz terem se juntado aos membros da Sagrada Família. Esses cristãos afirmavam que seus ensinamentos vinham diretamente de Jesus Cristo, por intermédio do legado deixado para seus filhos, e que possuíam um livro sagrado com o qual instruía seus descendentes.

Quando Matilda chegou a Lucca, o poder da ortodoxia na Igreja, mediante o asceticismo e o monacato, crescia de maneira tal que exigia daqueles que praticavam as "tradições mais antigas" do cristianismo a suprema discrição. E

certamente as reformas eram uma preocupação para aqueles que se dedicavam ao Caminho do Amor. As acusações de heresia começavam a grassar na Itália e já tinham se espalhado por outras regiões da Europa. O grupo de Isobel em Lucca freqüentava e apoiava publicamente a Igreja católica, mas mantinha suas tradições secretas entre as paredes de suas casas. Ela era membro da Ordem do Santo Sepulcro, a sociedade secreta criada na Páscoa original por São Lucas Evangelista, junto com Nicodemos e José de Arimateia. A ordem tinha ramificações em Jerusalém, na região meridional da Calábria, em Roma e em toda a Toscana. Era uma ordem que, além de aceitar mulheres entre seus membros, as reconhecia como líderes, em homenagem a Maria Madalena, pois fora criada para protegê-la e à sua filha, a profetisa SaraTamar. O nome que os nativos de Lucca escolheram como designação, os lucchesi, era uma brincadeira inteligente com palavras. Lucchesi os definia como habitantes de Lucca, mas também como filhos de Lucas Evangelista.

Eles entraram pelo portão de São Frediano ao norte, e Matilda ficou encantada de ver que eram recebidos com muita festividade. Ela usava um vestido dourado do mais fino brocado e seguia montada com o pai no enorme cavalo negro. Bonifácio também tinha se engalanado; a capa de montaria tinha arminho na bainha com pedras preciosas incrustadas, e os punhos largos de ouro cintilavam ao sol da Toscana. O

povo de Lucca saiu para as ruas para ver aquela pequena condessa com suas tranças

brilhantes e seus extraordinários olhos azul-esverdeados. Aquela manhã, Isobel trançara o cabelo da menina com flores. Sua recusa em cobrir-lhe a cabeça com um véu deixou Bonifácio um pouco consternado, porque ele achava inadequado sua filha ser vista em público assim. Mas Isobel sabia levar o pai de Matilda. Sabia como usar a simpatia dele com a família para amansá-lo. O fato de Isobel ser adorável e graciosa não fazia mal algum, quando ela precisava convencer o príncipe de alguma coisa, embora nunca usasse seu charme de maneira inapropriada. A menina condessa de Canossa ia precisar do apoio do povo da Toscana quando crescesse. Ela era agora a única herdeira viva de uma grande fortuna, fortuna essa que a lei determinava não poder ser herdada por uma mulher. Para que Matilda mantivesse seu direito à herança de Bonifácio, ia precisar, entre outras bênçãos, ser amada pelo povo da Toscana. Isobel tinha explicado isso pacientemente a Bonifácio. A entrada de Matilda em Lucca devia ser memorável. Ela devia se tornar a filha querida do povo toscano para garantir qualquer esperança de receber sua herança quando crescesse.

Mas Isobel também conhecia bem a força crescente da lenda. Os doutrinados de Lucca eram bem versados nas profecias enigmáticas deixadas por Sara-Tamar e sabiam que Matilda podia ser A Escolhida desde o dia propício do seu nascimento no equinócio. Tal fosse o caso, ela seria reverenciada como a nova Pastora, a mulher que ia liderá-los espiritualmente nos ensinamentos e na preservação d'O Caminho do Amor. Matilda chegara num momento em que o antigo povo lucchesi precisava do símbolo de esperança que ela representava. Todos esses fatores tinham de ser levados em consideração na volta triunfal de Matilda para a sua cidade natal.

Bonifácio cedeu, e a sábia Isobel preparou a princesa da profecia para seu debut diante do

público. Matilda, por sua vez, comportou-se maravilhosamente bem, rindo, acenando e parecendo exatamente aquela criatura mítica e miúda que muitos acreditavam que fosse. Foi natural para ela, mas aquele dia sua animação transbordou efervescente e se espalhou pelas ruas. Ela estava com seu heróico pai, usando um lindo vestido novo, e as pessoas gritavam seu nome por toda parte! Matilda se lembraria disso como um dos grandes momentos de sua vida.

- Ela já teve algum sonho, Isobel?

O sábio enigmático, conhecido pelos alunos apenas como o Mestre, olhava para a pequena condessa que dormia, exausta. Fora um dia cheio de procissões e de banquetes, de mimos do pai e adoração do povo. O encontro oficial de Matilda com o Mestre aconteceria no dia seguinte, depois que ela descansasse. Mas o sábio quis vê-la antes e conversar com a guardiã que a preparava. Ele era uma presença marcante e imponente, alto e vivido, cuja aparência era indevidamente ameaçadora por causa da longa cicatriz irregular que cortava sua face esquerda.

- Já, mas ela não entende o que são ou o que significam.

- E ela já sonhou com o Gólgota?

- Especificamente, não, mas sonhou com a Sexta-feira da Paixão, disso tenho certeza.

O Mestre meneou a cabeça, absorto em pensamentos. Ficou satisfeito. Isso bastava para

atender à profecia, mesmo sendo tão criança. Pois a profetisa tinha previsto que A Escolhida teria visões do "Dia Tenebroso do Crânio". Tinham interpretado isso como visões específicas da crucificação, mas sonhar com a Sexta-feira da Paixão era um sinal muito forte para uma criança tão pequena, com um nascimento tão promissor.

- Acredito que ela seja o que dizem que é - declarou o Mestre.

- Leve-a para me ver depois do desjejum. Temos muito trabalho a fazer. E Isobel...

- Sim, Mestre?

- Você se saiu muito bem com ela. Ela é um crédito do seu amor.

Isobel sorriu para seu adorado professor, e seus olhos se encheram de lágrimas.

- Não, Mestre. Ela é um crédito de Deus.

Deus ordenou a Salomão que construísse um tabernáculo, um lugar em que o acesso à vontade de Deus pudesse ser obtido pelos fiéis. Em sua obediência ao Senhor, Salomão construiu o Templo, que é mais sagrado do que tudo.

E no interior da santa câmara nupcial, Salomão e a rainha de Sabá criaram um labirinto com onze caminhos para dentro e para fora, um novo tabernáculo, onde homens e mulheres descubrem que não existe separação entre eles e Deus. É um lugar em que Éon, isto é, o

Espaço Templo, pode ser simulado e vivenciado.

No centro do labirinto os filhos de Deus abrirão os olhos. Pois a maior parte das almas vive adormecida neste mundo. Elas devem despertar nesta vida, nestes corpos, onde existe tudo que são na Terra. Seus corpos são seus próprios Espaços Templo. As pessoas acreditam que o reino as espera apenas na outra vida, por isso perdem o ensinamento mais importante: que devemos viver nesta Terra como no céu, e criar o céu onde ele não existe, na Terra. O Reino de Deus é para nós, aqui e agora, na Terra e nos nossos corpos terrenos de carne e osso, basta querer. E isso se dá por meio do amor e apenas dele.

No labirinto chegamos ao Espaço Templo, onde falamos diretamente com Deus. É uma dádiva para os filhos poderem se tornar antropos, seres humanos completos e totalmente despertos. Para poderem descobrir os seres únicos que são e cumprir a missão de serem quem devem ser na Terra. Rezem da maneira que ensinarei, no centro do labirinto e no centro da sua vida. Usem a oração como uma rosa e maravilhem-se diante da beleza de suas seis pétalas, pois ela contém tudo que vocês precisam para encontrar o reino do céu na Terra. O círculo central é o amor aperfeiçoado. Os filhos do mundo devem abrir os olhos para ver Deus em tudo à sua volta. Então poderão viver como expressão do amor. Assim fazendo, realizam seus destinos e suas promessas de e para a eternidade. Eles precisam despertar. E precisam despertar agora.

O amor conquista tudo.

Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

D'O LIVRO DO AMOR TAL COMO PRESERVADO NO

LIBRO ROSSO.

Lucca

1052

A cicatriz dele era horrível. Ela não conseguia parar de olhar.

- Venha, pequenina. Vamos tirar logo isso do caminho. Quero que você ponha a mão no meu rosto, que toque na cicatriz. Vai ver que é apenas carne velha e que não precisa ter medo algum. Venha.

Matilda olhou para Isobel, que meneou a cabeça e sorriu. Ela deixou o Mestre pegar sua mãozinha minúscula e a passar no rosto desfigurado. Matilda encostou os dedos indicador e médio na borda irregular da cicatriz. E a curiosidade começou a superar o medo. Ela reuniu coragem para perguntar:

- Como ficou com essa cicatriz, Mestre?

Isobel deu um suspiro silencioso de alívio. Matilda tinha se lembrado de ser educada. Graças a Deus.

- Ah, uma pergunta justa e que exige uma história. Venha sentar perto do fogo que vou lhe contar.

Conforme o combinado, Isobel e Matilda tinham ido cedo aquela manhã para o conjunto de antigas construções de pedra, conhecidas simplesmente como a Ordem. Ali o Mestre vivia e trabalhava, instruindo alunos das mais antigas famílias do lugar com os ensinamentos d'O Caminho. O cômodo onde estavam era uma das salas de estudo, mobiliada com uma longa mesa com tinta e pergaminho e uma grande caixa de madeira que continha os rolos manuscritos de instrução. Havia ali uma imensa lareira de pedra para manhãs como aquela, em que a primavera toscana estava só começando e ainda fazia frio. O Mestre falava muitas vezes dos seus velhos ossos e de como sentia o gelo dentro deles.

Matilda e Isobel sentaram no banco ao lado da lareira. O

Mestre sentou de frente para elas num banquinho de madeira e começou sua explicação.

- Há muito tempo, filha, um dos primeiros líderes da nossa Ordem se feriu numa grande guerra, uma batalha épica entre as forças da luz e as forças da escuridão. Por muito e muito tempo se pensou que ele tinha perdido a batalha, mas ele não perdeu. Ele venceu, pelo poder do amor e da fé e do que veio a ser sua crença inabalável em um Deus todo-poderoso e todo amor. Mas ficou com uma cicatriz dessa provação, uma marca irregular no rosto. E,

com essa marca, era muito fácil reconhecê-lo, claro. Desde então, nos séculos seguintes, todos nós que seguimos o seu caminho, adotamos a mesma cicatriz em homenagem a ele, uma marca para mostrar que nos dedicamos exclusivamente aos ensinamentos que nos deixaram na Ordem. Nós as fazemos como parte do nosso juramento. Eu sei que é difícil entender por que um homem ia querer ter uma cicatriz assim. Mas é um sinal da nossa devoção ao que somos por dentro, e não por fora.

Matilda imediatamente pôs a mão no seu rosto de porcelana, e o Mestre deu risada.

- Não tema, minha pequena. Jamais pediriam isso para você. Vejo que sua beleza será uma de suas maiores armas como guerreira d'O Caminho. Mas sempre se lembre de que Deus a abençoou com ela para ser usada sabiamente.

Matilda meneou a cabeça solenemente e depois perguntou, bem baixinho:

- Doeu?

O Mestre deu de ombros.

- Sinceramente, não lembro mais. Faz muito tempo. Se doeu, tudo que sei é que não doeu tanto como o que Nosso Senhor Jesus sofreu no seu sacrifício final. E agora, como já falei bastante da história do meu rosto, gostaria de começar a sua instrução. Está bem assim para você, minha senhora?

Matilda fez que sim com a cabeça e então respondeu educadamente, atendendo ao pigarrear de Isobel:

- Sim, Mestre.

Ele riu, admirando o seu desejo de demonstrar bons modos.

- Ótimo. Então vou começar dando uma flor para você. Uma flor muito especial para uma jovem muito especial. É uma rosa com seis pétalas.

O Mestre abriu a tampa de uma caixa de madeira que estava sobre a mesa e tirou de dentro dela um dos pergaminhos. Estava amarrado com uma fita vermelha de seda bordada com losangos dourados. Os olhos de Matilda se iluminaram com a beleza do presente quando o professor lhe deu.



- Pode abrir. E guarde a fita.

Ele piscou para ela, e de repente o rosto com a cicatriz adquiriu uma animação que era de bondade e nada assustadora. Isobel tinha razão, é claro. Era importante não julgar um homem apenas pela aparência. Haveria um dia em que Matilda se lembraria dele como o rosto mais belo que já

tinha visto.

Matilda desenrolou o pergaminho e viu que era um desenho de uma flor feito a tinta. Seis pétalas grandes e arredondadas em volta de um círculo central.

- A rosa de seis pétalas é o símbolo d'O livro do amor, Matilda. E com ela você aprenderá os segredos do Pai-Nosso.

- Ele se virou para Isobel. - É claro que ela o conhece, não?

- Ela conhece a nossa versão em toscano e o tradicional em alemão e em latim. E estou ensinando francês para ela, de modo que serão quatro, Mestre.

- E como vão a leitura e a escrita?

- Ela aprende muito rápido. É extraordinário mesmo. Creio que lerá e escreverá muito bem em todas essas línguas se o pai dela permitir que continue seus estudos. E não tenho nenhum

motivo para pensar que ele deixará de fazê-lo.

- Precisamos insistir para que ele entenda a importância de dar-lhe essa educação - disse o Mestre enfático. - Recite para mim, por favor. Em qualquer língua que quiser - pediu ele para Matilda.

Matilda pigarreou e endireitou as costas. Ela resolveu recitar a oração toscana:

Pai-Nosso que sois benevolente e estais no céu,

Santo e sagrado é Vosso nome.

Venha a nós o Vosso reino pela obediência à Vossa vontade. Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no céu.

O pão nosso, o maná, de cada dia nos dai hoje

perdoai as nossas ofensas e dívidas

assim como nós perdoamos a nós mesmos e a todos os outros. Mantenha-me no caminho da retidão e

livrai-me das tentações do mal.

- Bravo, minha filha. Muito bem. Mas, até você aprender o que cada frase significa e como mudará sua vida e o mundo inteiro à sua volta, essa oração não tem sentido. Conscientemente, essas palavras contêm tudo que qualquer ser humano precisa saber para encontrar o reino do céu na Terra. Ditas sem intenção, são apenas palavras perdidas, murmuradas de cor. Você nunca mais dirá essa oração como um monte de palavras sem sentido, está entendendo? Agora, precisamos trabalhar com afinco. Vou mostrar como essa oração se relaciona com as pétalas da rosa...

E o homem conhecido como o Mestre iniciou seu trabalho de instruir Matilda com os ensinamentos mais sagrados d'O livro do amor, a boa-nova deixada para toda a humanidade pelo Príncipe da Paz.

Matilda passou o final da tarde visitando os lugares sagrados de Lucca, e eram muitos. Ela juntou-se ao pai numa excursão pela grandiosa igreja de São Frediano. O guia deles era um jovem padre gentil e culto chamado Anselmo, nativo de Lucca e extremamente fluente na história da cidade. Seu tio, também chamado Anselmo di Baggio, era o bispo de Lucca e um homem muito poderoso no mundo de Bonifácio. Sem dúvida, aquele jovem sobrinho estava sendo preparado para assumir uma posição de grande importância em Lucca, porque vinha de família muito influente. Os Di Baggio eram todos muito cultos e membros da Ordem do Santo Sepulcro, e haviam conseguido, sabiamente, se integrar às estruturas do poder da tradicional Igreja católica.

Anselmo, o jovem, explicou que aquela edificação recebera o nome de um bispo do século VI, que construía a primeira igreja no local com as próprias mãos.

- Nós o chamamos de Frediano, em toscano, mas o seu nome era Finnian no país de origem. Ele era de um lugar chamado Irlanda. Sabe onde fica, Matilda?

Matilda balançou a cabeça, atenta e encantada. Irlanda parecia ser um dos lugares mágicos das histórias que Isobel contava.

- É uma ilha verde e nevoenta, muito misteriosa e antiga, que fica além das terras dos normandos e dos saxões. Mas é

também muito culta e santa. Finnian aventurou-se em viagem para cá como peregrino porque tinha ouvido falar das origens sagradas de Lucca, por intermédio de um santo homem chamado Patrick, e queria viver em um lugar onde os ensinamentos de Jesus fossem os mais puros.

Matilda procurou não se inquietar com a visita solene ao batistério, com sua enorme fonte de pedra. Mas a verdade era que São Frediano não a atraía tanto, já que o mistério inicial da lenda estrangeira tinha acabado. Estava mesmo ansiosa para ver a igreja que iam visitar em seguida, pois era na San Martino que ficava o Volto Santo, o Santo Rosto, esculpido pelo próprio Nicodemos.

Anselmo contou a história da chegada dessa imagem a Lucca para Matilda e Bonifácio, enquanto andavam pelas ruas estreitas a caminho de San Martino.

- Quando o Volto Santo saiu da Terra Santa, veio dar nas praias da Toscana depois de

muitos meses no mar. Aqui ele foi descarregado com muito cuidado e depois levado por uma carroça puxada por dois touros brancos. Os touros não eram domesticados e ficaram livres para seguir os próprios instintos. Os guardiões do Santo Rosto acreditavam que a mão do Senhor guiaria a carroça e a levaria ao lugar que a vontade divina havia escolhido para ele. Foram registrados muitos milagres pelo caminho que a imagem trilhou. Os bois puxaram três dias e três noites a carroça, sem parar, até

chegar aqui, ao centro sagrado de Lucca. Nós acreditamos que o Volto Santo tenha vindo para Lucca porque seguiu o caminho feito por O livro do amor.

Anselmo falou como se conspirasse, baixinho, de brincadeira, para divertir Matilda.

- Os iniciados, os da Ordem, sabem que o Volto Santo queria estar onde estavam os ensinamentos, e os verdadeiros ensinamentos estavam acontecendo dentro da nossa congregação.

Estavam diante da fachada da igreja dedicada a São Martinho de Tours, obra do mesmo bispo irlandês Finnian. O que restava dela era realmente muito simples e em ruínas. Matilda achou que não era nada adequada para ser o sacrário da primeira peça de arte cristã, esculpida por um homem que tinha visto o rosto do nosso Senhor. Ela puxou a manga do pai.

- Papa?

- Sim, meu doce?

- Nós somos muito ricos, não somos? Não podemos dar para o povo de Lucca dinheiro que baste para construir uma igreja bem grande para o Santo Rosto?

Bonifácio deu uma gargalhada ruidosa e pegou a filha no colo.

- Sim, nós somos muito ricos. E espero continuar assim, não me desfazendo de toda a nossa riqueza, e certamente não para a Igreja!

Matilda, que não tinha ficado nada satisfeita com a resposta, desvencilhou-se dos braços do pai e entrou correndo pela porta da igreja.

O interior da San Martino era exíguo e escuro, e Matilda teve de piscar bem rápido para se adaptar à fraca luz de velas que havia ali. Sem esperar pelo pai, ou pelo padre Anselmo, ela correu na frente até o altar principal e só parou quando eslava suficientemente perto para tocar na imagem mais sagrada de toda a cristandade.

Matilda ficou parada diante dela, hipnotizada. A imagem tinha tamanho natural, esculpida elegantemente por um artista com habilidade extraordinária. Nicodemos tinha formado no cedro libanês ondas graciosas para comporem um manto que pendia dos dois braços estendidos até os pés do Cristo crucificado. Os detalhes faciais, cabelo e barba tinham sido pintados cuidadosamente para revelar os tons do colorido. Nosso Senhor não era um homem grande, mas era moreno e belo. Ondas de cabelo negro caíam até os ombros, combinando com uma barba longa e bem aparada, um pouco bifurcada na ponta. Tinha dedos compridos e magros. Mas foram os olhos que a cativaram. Enormes, negros, dominando o rosto, eram

olhos de imensa bondade e compaixão, mesmo que retratados nos momentos finais do sofrimento. Matilda nunca vira nada mais bonito do que o homem diante dela, na cruz. Olhou para aqueles olhos grandes e teve certeza de que ele também olhava para ela.

- Você é minha filha, que me enche de satisfação. Matilda sufocou um grito de espanto. O Santo Rosto tinha falado com ela. Fechou os olhos com força e procurou escutar, mas não ouviu mais nada. Virou-se e viu que seu pai e Anselmo estavam alguns passos atrás dela. Anselmo murmurava alguma coisa para Bonifácio, sem dúvida explicando a obra e sua história. Matilda não ouviu o que diziam. Só ouvira a estátua do Senhor Jesus Cristo. Ele estava satisfeito com ela.

A menina não sabia o que tinha feito para agradar ao Senhor, mas estava decidida a fazer alguma coisa naquele momento. Pensou rápido, lembrou-se das contas douradas que Isobel tinha prendido em seu cabelo aquela manhã. Eram duas, um trabalho intrincado de ouro, que a Casa de Lorena lhe dera quando nasceu. Eram muito valiosas. Disfarçadamente, para o pai não ver, Matilda foi desenrolando os fios com as contas do cabelo acobreado até soltá-las em suas mãos.

Matilda sorriu para a imagem que estava satisfeita e respondeu, sussurrando:

- Um dia vou construir uma igreja linda para seu Santo Rosto. Prometo.

Ela fez uma reverência para a imagem, andando para trás para não dar as costas, que era falta de respeito. Chegou ao lugar onde estavam seu pai e Anselmo, e sorriu docemente para

eles.

- É muito linda - disse simplesmente.

Não estava em condições de compartilhar a experiência que teve naquele lugar. Ainda não. E quando estivesse, seria primeiro com Isobel. Isi saberia por que o Senhor estava satisfeito com ela.

Bonifácio saiu apressado, com passos largos, da igreja. Era religião demais para um único dia, e estava ansioso para voltar para suas reuniões com os responsáveis pela segurança daquela região da Toscana. Depois disso tinha combinado uma grande expedição de caça como recompensa para seus soldados mais leais, o que lhe daria muito prazer. Matilda foi andando lentamente atrás dele, esperando para surpreender o padre Anselmo sozinho. Ele tinha um rosto simpático e um sorriso doce. A menina gostou dele com o instinto imediato para a natureza humana que as crianças inteligentes possuem. Quando viu que o pai estava bem adiante deles, ela encostou a mãozinha na do padre.



- O que é isso, princesinha? - perguntou Anselmo gentilmente, olhando para o tesouro que a menina pusera em sua mão.

- Psiu - sussurrou Matilda. - Essa é a minha promessa para o Santo Rosto, de que um dia vou construir uma bela igreja para ele. Guarde esse ouro até o dia em que eu puder trazer mais. Anselmo olhou para ela com muita atenção. Era, de fato, uma criança bastante incomum, para abdicar de tesouro tão lindo pela glória de Deus. Pôs a mão na cabeça dela.

- Matilda de Canossa, você é uma doadora gentil. Espero um dia acompanhar a construção de uma igreja maior graças à sua generosidade.

Matilda sorriu para ele, satisfeita de agora ter ao seu lado um conspirador valioso para seu grande plano.

- Ótimo. Então vamos fazer isso, juntos. Quando eu crescer e puder doar meu dinheiro como quiser.

A condessa de seis anos virou-se para fazer mais uma mesura para o altar e saiu correndo ao sol da tarde, berrando para seu pai levá-la para onde estava Isobel, imediatamente. O feroz Bonifácio, homem cuja simples menção do nome fazia guerreiros experientes estremecerem de medo, parou, deu meia-volta e caiu na gargalhada diante do único ser humano vivo de quem recebia ordens.

Passado o momento terrível da crucificação, não era mais seguro para a família de nosso Senhor ficar em Israel. Seu tio, o abençoado José de Arimateia, apressou-se em garantir a Segurança de Maria Madalena, que carregava no ventre o herdeiro do Salvador, assim como a dos outros filhos e de seus seguidores mais próximos.

A bela cidade de Alexandria era conhecida por sua sofisticação cultural e sua tolerância, uma sociedade próspera na qual muitas crenças e culturas conviviam em harmonia. Ficava bem perto, por isso representava uma solução rápida, mas era suficientemente distante para oferecer segurança. Madona Madalena precisava de um local confortável para ter seu filho abençoado.

José de Arimateia teve muito sucesso como comerciante de latão, era excepcionalmente próspero, e, sob a cobertura de suas embarcações, pôde transportar a Sagrada Família para longe do perigo até o Egito. Era a segunda vez que uma Grande Maria tinha de fugir de sua terra natal para proteger o filho abençoado que carregava no ventre.

Durante esse período de confinamento, Madalena mandou chamar seu grande amigo e confidente, o apóstolo conhecido como Filipe, para ficar com ela em Alexandria. Filipe atendeu ao chamado, e naqueles meses nossa Senhora lia para ele O

livro do amor para que ele pudesse transcrevê-lo com exatidão sob sua supervisão. Assim, uma cópia quase perfeita das palavras originais de nosso Senhor foi criada por esses dois grandes discípulos e mestres. Maria Madalena guardou com ela O livro do amor original enquanto viveu. Mas quis que uma cópia fosse enviada para Tiago, o irmão de Jesus, que permaneceu em Jerusalém. A Igreja nascente de Jerusalém precisava dos ensinamentos em sua forma mais pura para que O Caminho continuasse vivo.

Tiago recebeu a cópia enviada de Alexandria e guardou-a, em Jerusalém, dentro da obra sagrada esculpida por Nicodemos. Filipe partiu ao encontro do próprio destino na Suméria,

onde pregou O Caminho pelo resto de sua abençoada vida, ensinando-o a partir d'O livro do amor que havia transcrito.

A HISTÓRIA DE FILIPE E O LIVRO DO AMOR, SEGUNDO O

LIBRO ROSSO

A câmara subterrânea de pedra que servia como capela da Ordem do Santo Sepulcro era quase milenar. Tinha sido construída pelos primeiros cristãos que praticavam sua fé ali, em segredo, longe dos olhos vigilantes dos romanos. Matilda desceu com cuidado a escada íngreme, apoiada em Isobel, que ia na frente. O Mestre as guiava com uma lamparina a óleo, mas a câmara havia sido preparada para a chegada deles por alguns noviços que tinham posto velas de cera de abelha nos suportes de ferro das paredes. Sombras tremulavam por toda parte. As paredes de pedra da capela estavam escurecidas pela fumaça das velas, e a fragrância pesada do incenso pairava no ar denso de santidade.

A experiência que Matilda teve com o Volto Santo abalou o Mestre, coisa que não era nada fácil. Ele sabia que aquela criança era especial, mas não estava preparado para o fato de ela ter uma autêntica experiência de despertar visionário tão jovem. E ele tinha certeza de que fora autêntico. Havia uma luz nos olhos dela quando contou a história, primeiro para Isobel, depois para ele. Havia uma graça ali, uma certeza. Não era uma fantasia criada por uma menina boba em busca de atenção. Aquela era uma experiência mística de uma criança escolhida por Deus para viver um destino especial. Ele aprendera a reconhecer a diferença em seus longos anos de professor e mentor.

E assim o Mestre determinou que Matilda fosse levada imediatamente à presença do Libro rosso.

A capela minúscula tinha um altar simples, de pedra, o original da construção sagrada que o continha. Apesar de ser uma capela consagrada, não havia crucifixos nem cruzes em parte alguma. Sobre o belo veludo que cobria o altar havia uma arca de madeira, uma caixa magnífica com cenas entalhadas da vida de Nosso Senhor e Nossa Senhora, executadas pelas mãos de São Lucas. O recipiente era quase tão sagrado como o que continha, e na Ordem o chamavam de a Arca da Nova Aliança. A borda da arca era enfeitada com um desenho formado por losangos, o símbolo da sagrada união, e o símbolo do esclarecimento gnóstico, o X, tinha sido marcado em baixo-relevo profundo em cada canto e pintado com tinta dourada. O Mestre levou Isobel e Matilda até a arca e fez sinal para que ajoelhassem diante dela. As duas obedeceram e ficaram de joelhos enquanto ele recitava uma oração agradecendo ao Senhor pela dádiva desse sagrado testamento. O Mestre se aproximou do altar e, com alguma dificuldade, tirou a tampa da arca e a pôs no chão. Então pegou o elaborado livro que estava dentro dela.

Matilda levantou a cabeça quando o Mestre tirou o Livro rosso de dentro da arca. Era um livro enorme, encadernado com couro vermelho forte, visível na pesada lombada. A capa do livro era folheada a ouro e tinha cinco pedras preciosas formando um X, e não uma cruz. O Mestre encostou o livro nos lábios e beijou a pedra central, um rubi que cintilou à luz das velas.

- A Palavra do Senhor. Para aqueles que podem.

Ele estendeu o livro para Isobel, que o beijou também e repetiu: "A Palavra do Senhor", antes de segurá-lo diante de Matilda, muito solene e de olhos arregalados. Ela imitou Isobel

perfeitamente.

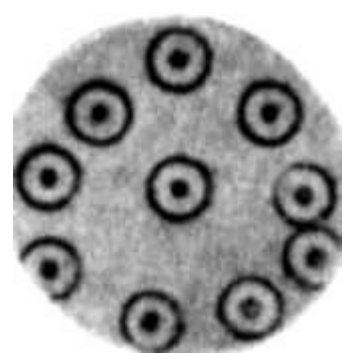
As duas seguiram o Mestre. Ele pôs o livro sobre uma mesa na frente do altar. Depois sorriu para Matilda.

- Pode tocar nele, filha.

Hesitante, Matilda esticou os dedinhos e os passou de leve na capa dourada. Ela pulou como se tivesse se queimado, deu um grito que fez o Mestre e Isobel trocarem olhares. Mas, quando encostou novamente a ponta dos dedos no livro, Matilda não pulou.

Vejam o Libro rosso. Este é o livro mais sagrado do nosso povo, pois, entre outras coisas, contém as palavras escritas pelo salvador do mundo. Nestas páginas, Matilda, está o evangelho completo escrito por Jesus Cristo, a boa-nova que chamamos de O livro do amor. Esta é a cópia sagrada que foi feita pelo apóstolo Felipe na presença do original e entregue a Nicodemus para ser preservado no Volto Santo. Dentro dele está o selo de Maria Madalena, que indica sua aprovação da cópia. Você já deve ter visto esse desenho antes. É usado nos documentos mais secretos da Ordem e pelos nossos iniciados mais graduados.

O Mestre abriu o livro com todo o cuidado e virou uma página gasta, mas pesada, com suavidade. No fim da segunda



página havia uma assinatura em grego:

Madalena.

Embaixo da assinatura havia um emblema que Matilda de fato tinha visto antes. Era o desenho do anel de cobre de Isobel, aquele em forma de disco que enroscava às vezes no cabelo de Matilda quando Isi fazia suas tranças. Era um desenho de nove círculos em volta de uma esfera central. Uma imagem do céu, usada pela Ordem para lembrar que nunca estavam separados de Deus. Assim na terra como no céu. Matilda não sabia que aquele símbolo era o selo de Maria Madalena. Era um dos segredos da Ordem.

- Você também terá um anel assim, com o selo de Madalena, quando atingir a maioridade dos mistérios - sussurrou Isobel para ela.

Matilda se agitou, animada, e parou quando o Mestre continuou.

- À medida que for crescendo, será instruída a partir d'O livro do amor diretamente. Também receberá instrução sobre as profecias de Sara-Tamar. Vai aprendê-las de cor e aprenderá a interpretá-las. Algumas delas são específicas em relação ao seu nascimento, e deve compreendê-las perfeitamente.

"Para finalizar, você vai estudar as histórias contidas no Libro rosso. São os Atos dos Apóstolos, as histórias dos discípulos que sacrificaram tudo pelos verdadeiros ensinamentos d'O

Caminho do Amor. Seguimos o livro escrito por um dos nossos fundadores, o muito abençoado São Lucas. E honrando a memória e o sacrifício dos nossos mártires que honramos a Deus e oramos por um tempo em que esses ensinamentos sejam bem-vindos, em paz por todos os povos, e para quando houver mais mártires.

"Esta é a sua primeira lição, Matilda. Entender os três segmentos do Libro rosso. O primeiro deles é O livro do amor, que é o verbo verdadeiro; o segundo são as profecias de Sara-Tamar, sagradas para o futuro; e o terceiro é a reunião dos Atos dos Apóstolos, compilados pelo nosso povo desde os primeiros dias do cristianismo. Por hoje, isso é tudo que você

precisa saber."

Matilda fazia progressos sob a tutela do Mestre. Porém, por mais que gostasse das aulas, o que preferia acima de tudo era o deslumbrante labirinto feito de pedra no extenso jardim da

Ordem. Ela gritou de alegria quando o viu pela primeira vez. Embora tivesse visto desenhos do labirinto e a pequena versão entalhada na boneca Ariadne, ver um construído no chão e tão grande que vinte adultos podiam percorrer seus caminhos era espantoso!

O Mestre entrou com ela na primeira vez, guiando Matilda pela mão através dos caminhos sinuosos que levavam ao centro.

- Há apenas uma entrada, Matilda. Os caminhos dão muitas voltas, mas se você for fiel ao seu caminho, jamais se perderá. Esta é a primeira lição do labirinto. Ande determinada até o centro, pois sabe que Deus a espera lá. E mesmo quando parecer que tantas voltas à estão levando para longe do centro, mantenha a fé de que o caminho a levará de volta para lá. Isso é como a vida. É essa fé que vai levá-la ao seu destino de encontrar Deus, toda vez e sem erro.

"Quase tudo o que vou ensinar sobre o labirinto é bem simples. Porque a verdade é sempre simples, Matilda." Ele foi andando com ela em silêncio, antes de continuar a aula.

- Agora, filha, às vezes o Senhor fala para as nossas almas adormecidas de formas diferentes. Em sonhos, por exemplo. Essa é uma forma. Eu sei que você às vezes tem sonhos que ainda não entende. É assim que Deus fala conosco, porque nossas mentes estão abertas quando dormimos e permitem que Suas mensagens cheguem a nós sem interferência. Outra maneira que Deus usa para falar conosco é por meio dos números. Os números são uma linguagem em si mesmos, com profundos níveis de significado que a maioria dos seres humanos não se permite compreender. Mas a construção deste labirinto se baseou em

números específicos. Há onze ciclos que levam ao centro e onze ciclos que levam à saída. Na linguagem sagrada dos números que vieram da Terra Santa na época do sábio rei Salomão, o onze representa o caminho da iniciação. Quando somamos esses ciclos, temos vinte e dois. Vinte e dois é o número do Mestre, o número da iniciação completada. Este labirinto onde estamos, foi criado por Salomão pessoalmente, em parceria com sua amada, a rainha de Sabá. Eu sei que é muita coisa para você aprender, e não espero que grave tudo na cabeça, ou no coração, neste



momento. Apenas ouça enquanto seus pés seguem o caminho do labirinto.

Matilda estava ouvindo e procurando entender, mas não podia negar que havia um ritmo nos seus pés naquela caminhada pelo labirinto. Ela tentava se controlar e andar solenemente, mas sentia vontade de dançar e correr por aquele labirinto mágico onde ninguém se perdia e todos encontravam Deus no centro. Havia alegria no labirinto e uma espécie de liberdade. Mesmo na tenra idade de seis anos, Matilda tinha plena consciência de que o labirinto era um lugar espiritual especial, que a enchia de luz, de amor, de felicidade por estar aprendendo num ambiente tão enaltecendor. Ela acabou não conseguindo mais se controlar e terminou o circuito correndo. Quando chegou ao centro, dançou sob a luz dourada do sol da Toscana.

Ah! Beija-me com os beijos da tua boca!

Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho, E suave é a fragrância dos teus perfumes.

O teu nome é como um perfume derramado.

Por isso amam-te as jovens.

Arrasta-me após ti: corramos!

O rei introduziu-me nos seus aposentos:

"Exultaremos de alegria e júbilo em ti." Tuas carícias nos inebriarão mais que o vinho.

Quanta razão há de te amar!

CÂNTICO DOS CÂNTICOS 1: 2-4

Estes primeiros versos do mais sagrado dos cânticos de amor foram inspirados pela união divina do grande rei Salomão e a rainha de Sabá. Pois, quando estavam juntos na sagrada união dos amantes à luz da confiança e da consciência, descobriram que seu maior amor, através um do outro, era por Deus e pelo Mundo que Deus tanto ama.

Exultaremos de alegria e júbilo em ti.

Essas palavras são louvor a Deus, pois eles O encontraram na câmara nupcial. Através da sagrada união do seu amor, chegaram à completa compreensão das bênçãos da vida que Deus nos dá para expressar no nosso corpo de carne e osso.

Todo amor é Deus e Deus é todo amor.

Quando nos unimos a quem amamos vivemos esse amor concretamente.

O cântico começa com um beijo, pois essa é a forma mais sagrada de expressão entre os amantes. Na nossa tradição mais santa que vem de Salomão e da rainha de Sabá, a palavra é nashakh e significa mais do que simplesmente beijar. Significa respirar em harmonia, de modo a combinar os espíritos dos dois em um só, partilhar o mesmo hálito, fundir as forças vitais.

É com a respiração harmoniosa do beijo que somos fertilizados e nos tornamos anthropos, ou seja, seres humanos plenamente satisfeitos. Pelo beijo nascemos de novo. Damos à luz um ao outro, pelo amor que há dentro de nós e que é compartilhado.

Por meio da santidade do beijo, duas almas se encontram e se tornam uma. E o prelúdio da união sagrada dos amantes. Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

O CÂNTICO DE SALOMÃO E DA RAINHA DE SABÁ, D'O

livro do AMOR, TAL COMO PRESERVADO NO LIBRO ROSSO

Lucca

1052

- Ela é perfeita. É tudo que você disse que era. Tenho a mais completa fé de que vai nos levar a uma nova era d'O

Caminho. Não há dúvida de que é A Escolhida. Meu tio vai concordar quando souber de tudo que se passou aqui. O

tempo retorna, Isobel. Como eu sempre soube que voltaria na nossa vida.

Anselmo escutou atentamente os milagrosos acontecimentos recentes da vida de Matilda, contados por Isobel. Agora ele tinha um quadro mais completo do motivo de a menina ter lhe dado as contas de ouro. O Volto Santo tinha falado com ela na San Martino. Era um lindo presságio.

Isobel sorriu para ele e suas covinhas profundas apareceram de forma encantadora. Ele retribuiu o sorriso e disse:

- Estamos todos muito orgulhosos do trabalho que você fez com ela. E ninguém mais do que

eu, meu amor.

Anselmo deu um passo à frente, eliminando o espaço que havia entre eles. A porta estava fechada e não havia possibilidade de os dois serem incomodados àquela hora da noite. Além do mais, estavam dentro do território da Ordem, um lugar que considerava a união sagrada de amantes o mais alto sacramento. Era uma parte muito importante do que aprendiam e enfatizada n'O livro do amor, portanto tinha precedência sobre qualquer lei criada pelo homem. Dentro daquelas paredes, o juramento que ele tinha feito publicamente, por ordem do seu tio, o bispo, para um dia poder herdar uma posição no alto escalão da Igreja, podia ser esquecido. Ali Anselmo podia ser ele mesmo e celebrar o amor que dava uma alegria infinita à sua alma, o amor que Deus deu para toda a humanidade, Sua dádiva maior, para que os homens pudessem descobrir a divindade dentro do outro. Isobel correspondeu, entregou-se ao calor do abraço acolhedor de Anselmo, o contato do qual sentia tanta falta desde que assumira sua posição de ama de Matilda. Os dois estavam juntos desde quando eram crianças em Lucca, e o amor que sentiam um pelo outro só era superado pelo amor à

Ordem e aos ensinamentos do Mestre, os ensinamentos do Libro rosso que ambos juraram preservar.

Ela murmurou os primeiros versos do cântico sagrado, com uma entonação suave e sensual, enquanto aproximava os lábios dos lábios de Anselmo.

Beija-me com os beijos da tua boca ardorosa! Porque os teus amores são mais deliciosos

que o vinho.

Ele deve ter pensado a resposta, mas já estava entregue demais à paixão para falar. Uniram-se pela lenta e doce santidade do beijo, fundindo suas almas no prelúdio da comunhão dos corpos.

A sagrada união dos amantes ia encontrar sua expressão mais passional esta noite.

A espera tinha sido longa demais.

Matilda estava gritando.

Isobel correu pelo pequeno corredor onde dormia num catre de noviça. Matilda ficara acordada até muito tarde, trabalhando na capela com o Mestre, que resolveu que ela devia passar a noite ali na simplicidade do dormitório da Ordem. Primeiro, Isobel pensou que a menina tivesse se assustado ao acordar num quarto que não conhecia. E se repreendeu por tê-la deixado sozinha. Devia ter ficado com Matilda, mas raciocinou que ela estava tão cansada que não acordaria antes do amanhecer.

Matilda estava sentada na pequena cama, soluçando.

- O que foi, ma petite?

Isobel abraçou a menina e a balançou um pouco enquanto ela chorava, até os soluços

começarem a diminuir no aconchego e na segurança dos braços da sua mãe substituta.

- Papa. - Matilda tentou falar em meio aos soluços, mas ainda chorava muito.

- Você andou sonhando?

Ela fez que sim com a cabeça.

Papa. Alguma coisa terrível aconteceu com papa no sonho, Isi. Deus está zangado com ele.

Bobagem. Deus é amoroso e justo, não é um Deus raivoso e vingativo. Ele não machucaria o seu papa.

- Frei Gilbert diz que Deus castiga os injustos, e ele diz que o papa é injusto.

- Matilda, estou surpresa com você. Acabou de passar a noite na presença do seu tesouro mais sagrado, que, não sem motivos, é chamado de O livro do amor. É a celebração do amor de Deus por seus filhos.

Isobel costumava ter bastante cuidado de respeitar as crenças dos católicos ortodoxos, mas às vezes eles realmente esgotavam sua paciência... especialmente quando tinha de desfazer os danos que os sermões provocavam na sua preciosa criança. Além disso, já era tarde, estava cansada. Então retrucou.

- Frei Gilbert é um homem seco que sabe muito pouco da natureza de Deus, ou do seu pai, e,

ousou dizer também, nada sabe do amor.

Matilda deu uma risadinha, não conseguiu controlar. Isobel personificava O Caminho do Amor quase o tempo todo. Assim, raramente se zangava e por isso era interessante vê-la irritada

- Mas, Isi, meu pai não quer dar nenhum dinheiro para construir uma igreja para o Rosto Santo.

Isobel meneou a cabeça.

- Seu pai é generoso do jeito dele, Matilda. Eu sei que é difícil para você entender, mas há muitos motivos de gente adulta, para ele, não poder dar dinheiro para a construção de uma igreja neste momento.

Isobel não queria explicar para uma criança de seis anos que Bonifácio sabia muito bem que qualquer recurso que ele desse para expandir a igreja de San Martino provavelmente ia parar, primeiro, nos cofres de clérigos que não eram do seu agrado. Mas, em sua inocência infantil, Matilda só conseguia ver a recusa do pai de ajudar o Senhor.

- No meu sonho, Deus estava zangado com o papa porque ele não queria construir uma nova igreja e... aconteceu uma coisa terrível. Preciso ver o papa. Preciso dizer para ele que vamos construir uma nova igreja e que então Deus não ficará

zangado.

Isobel suspirou. Não tinha como convencê-la assim, ainda afetada emocionalmente pelo pesadelo. E, no fundo, Isobel estava preocupada. Os sonhos de Matilda tinham se revelado proféticos mais de uma vez, o que era de se esperar, dadas as circunstâncias do seu nascimento. Então beijou Matilda na testa para acalmá-la e rezou em silêncio para aquele sonho ser apenas uma manifestação de uma menina pequena, e não uma profecia.

- Seu pai partiu esta noite em sua expedição de caça. Mas prometo que, assim que voltar, vamos conversar sobre a reforma de San Martino com ele. Está bem assim?

Matilda assentiu com a cabeça e se deitou de novo na cama, exausta com aquilo tudo.

- Fique comigo, Isi - pediu ela.

- Claro que fico, meu doce - Isobel respondeu e cantou baixinho, até Matilda adormecer, a canção que a acalmava sempre, aquela em francês, sobre o amor eterno.

A notícia chegou primeiro a Mântua, onde a mãe de Matilda, Beatriz de Lorena, havia ficado para cuidar da casa. O castelo foi acometido por um turbilhão e dona Beatriz desmoronou,



tendo que ser atendida por um grupo de médicos. Aquilo era demais. Deus tinha tirado dela muito mais do que qualquer mulher era capaz de suportar em uma vida, que dirá em um único ano. Por que tinha de castigá-la tanto assim? Frei Gilbert tinha razão. Deus se vingava dos injustos.

- Onde está Matilda? - ela berrava e chorava. - Tragam a minha filha! Alguém fez Beatriz lembrar que Matilda ainda estava em Lucca, mas que iam enviar uma comitiva imediatamente, junto com uma guarda reforçada a cavalo para trazê-la de volta para a sua casa em Mântua. Ela precisava estar lá para o enterro.

Por mais impossível que pudesse parecer, o grande Bonifácio, o conde de Canossa, marquês de Mântua e grão-duque da Toscana, estava morto. Uma morte suspeita, por uma flecha perdida que lhe acertou a garganta durante a expedição de caça, na manhã seguinte ao sonho profético de Matilda.

O tempo retorna

Muitos são chamados.

Os escolhidos prestam seus votos.

Prometem a Deus,

Prometem uns para os outros

que o Amor não morre nunca.

Os profetas retornam.

Têm de retornar, porque a verdade é eterna

Assim como o Amor é eterno.

Que todos os homens e mulheres de bom coração

Conheçam e vivam a verdade

E tornem-se seres completos e realizados

Enquanto estão aqui, nesses corpos

Na terra como no céu.

É por isso que

O tempo retorna.

Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

DAS PROFECIAS DE SARA-TAMAR, TAL COMO

PRESERVADO NO LIBRO ROSSO

CAPÍTULO SEIS

Roma,

Dias atuais

- Nossa!

Maureen estava sentada na cama sobre as pernas dobradas, espiando o Panteão pela janela. Já era noite, tinham acendido os holofotes que davam ao magnífico monumento sua expressão mais grandiosa. Aquela simples exclamação abarcava a vista diante dela e a história que Peter acabava de contar.

- Você já se deu conta - disse Maureen pensativa - de que, quando Matilda veio para Roma, o Panteão devia ser exatamente como é hoje? Que é bem possível que ela tivesse parado em algum ponto dessa praça para admirá-lo, exatamente como estou fazendo agora?

- Por isso Roma é chamada de Cidade Eterna - respondeu Peter.

Peter conhecia cada centímetro de Roma, do tempo que tinha morado lá, e tinha suas rotas preferidas, que o levavam até as ruínas de antigas civilizações. Era uma maravilha andar a

pé

por Roma. Em cada esquina havia um pedaço da história à

beira do caminho, esperando para ser observado.

Maureen voltou sua atenção para Peter.

- Você está exausto?

- Com fome. Vamos jantar no Alfredo? E só atravessar a praça.

- Eu preferia ser persuadida a ir ao II Foro. Cogumelos porcini? Um maravilhoso Brunello? Uma bela recompensa por todo esse trabalho. E parece apropriado comermos comida toscana em homenagem a Matilda.

Maureen queria fazer muitas perguntas sobre o que acabara de ouvir. Sabia que Peter ficaria muito mais disposto a responder bem alimentado. Ele era um mestre da linguagem, mas aquele tipo de tradução era muito cansativa. Além do mais, a caminhada até o restaurante faria bem para os dois. Pararam na recepção para se certificar de que não precisavam fazer reserva, depois foram vencendo a curta distância, passando pela igreja de Inácio de Loiola, pela ruela pitoresca com suas lojas de antiguidades, até a trattoria.

Os garçons conheciam Peter e levaram os dois até uma das mesas pequenas e discretas no

salão dos fundos, perto de uma janela. Depois que serviram o rico vinho tinto da Toscana, Maureen começou suas perguntas.

- Bem, ajude-me a esclarecer uma coisa. O livro do amor e o Libro rosso são a mesma coisa?

Peter fez que sim com a cabeça.

- Mais ou menos. O Libro rosso contém O livro do amor, ou pelo menos uma cópia dele. Parece-me que foi estruturado como o Novo Testamento que consta do nosso cânone tradicional. Nele, temos os quatro evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João. Mas também temos os Atos dos Apóstolos, escrito por Lucas, e temos as epístolas de Paulo e outras cartas variadas, e finalizando o Livro da Revelação.

"O livro que o Mestre de Matilda possui parece ser uma cópia do evangelho de Jesus. Ele é chamado de O livro do amor." Maureen rabiscava anotações. Interrompeu o que Peter dizia para esclarecer um ponto.

- Uma cópia. Essa é a cópia feita pelo apóstolo Filipe. Porque o original, escrito por Jesus, continua na França neste momento, pelo que sabemos.

- Correto também. Então a sequência d'O livro do amor são as profecias da filha dele, Sara-Tamar. E certamente a corroboração da profecia d'A Escolhida aqui é fascinante. Como se sente em relação a isso?

Maureen bebeu um pouco de vinho e pensou antes de responder.

- Humm. Sinto-me estranhamente próxima de Matilda. Somos parecidas, pelo menos no colorido e no tipo físico, nascemos na mesma data, a um ou dois dias do equinócio, e nós duas vivemos com o escrutínio e a pressão dessa louca profecia pendendo sobre nossas cabeças. E a morte de Bonifácio me fez chorar. Os paralelos são interessantes, no mínimo.

- Levando em conta o que você passou, devo dizer que são mais do que interessantes.

- O que acha que são?

- Ainda não sei. Mas acredito que tudo faça parte de algum plano divino, Maureen. Acredito mesmo.

- "O tempo retorna?" E o que acha que isso quer dizer, exatamente?

- Não sei. Deixe-me trabalhar nisso um pouco mais, antes de começar a especular.

Ela sabia que ele estava escondendo o jogo.

- Nada disso, Pete. Quero ouvir a sua primeira impressão. E só

pensar em voz alta um minuto. Atenda ao meu pedido. Ele deu de ombros.

- Está bem. Sabe, a primeira coisa que pensei, se estou apenas pensando em voz alta... bem,

foi sobre os profetas. Lembra que no tempo de Cristo acreditavam que João Batista era a segunda vinda do profeta Elias? Jesus diz, quando fala de João Batista: "Se quiserdes compreender-me, ele é o Elias que deve voltar." Que é referência a uma profecia que diz que Elias, o profeta, voltará para anunciar a vinda do Senhor. E mais tarde, depois que João é executado, Jesus disse: "Mas eu vos digo que Elias já veio e, em vez de reconhecê-lo, fizeram com ele tudo o que quiseram." Daí vemos que há uma tradição bíblica de certos profetas que voltam para concretizar as profecias.

- Então se trata de reencarnação? João Batista é a reencarnação de Elias, o profeta? Jesus é Adão que volta à

Terra? Eles compartilham a mesma alma ou apenas o mesmo destino?

O lado mais conservador da formação religiosa de Peter se rebelava diante da simples menção de qualquer coisa parecida com vidas pregressas.

- Eu certamente não chamaria de reencarnação, nem poria uma etiqueta oriental ou da Nova Era nisso. Mas existe de fato uma tradição bíblica que apóia essa idéia de que os profetas retornam quando precisam cumprir as tarefas estabelecidas por Deus para eles. No evangelho de Lucas, quando a vinda de João é anunciada para o pai dele, Zacarias, está escrito: "E ele mesmo caminhará à sua frente, sob os olhos de Deus, com o espírito e o poder de Elias." Então acho que talvez seja aí que temos de procurar. Como o espírito e o poder de um profeta escolhe outro para completar sua obra. Agora sobre o que você diz, a interpretação da palavra espírito pode nos conduzir a direções diversas. Pode ser literal e

significar que são realmente o mesmo espírito. E assim seríamos forçados a pensar a questão da reencarnação. Mas a minha inclinação pessoal é interpretar espírito de uma forma mais ampla. Maureen sabia que ainda não tinham chegado a uma compreensão mais profunda.

- O tempo retorna. No meu sonho, Easa me disse que era a única coisa que eu precisava lembrar. Como está no Libro rosso, como é parte do ritual de oração de Matilda todas as noites. Esse conceito tinha um significado extraordinário para aquela gente, todos os dias, em tudo. Não estou desfazendo o que você disse, listou apenas sugerindo que há mais coisas por trás disso.

- Vou terminar de traduzir outras partes nas próximas vinte e quatro horas, teremos de continuar lendo e torcer para que nossa condessa ruiva nos dê alguma informação valiosa. Maureen ergueu a taça de vinho.

- A Matilda.

Peter encostou sua taça na dela.

- O tempo retorna.

Mais tarde, em seu estúdio, Peter refletiu sobre suas preocupações pessoais e as questões surgidas a partir da leitura do manuscrito de Matilda. As implicações teológicas contidas no Libro rosso eram assombrosas.

A idéia de que o apóstolo Filipe tivesse feito uma cópia d'O

livro do amor era muito significativa. Filipe acabaria escrevendo um evangelho dele, que foi encontrado com as descobertas gnósticas na cidade egípcia de Nag Hammadi, em 1945. E era o evangelho de Filipe que Jesus citara, no sonho mais recente de Maureen: "Você precisa acordar enquanto está nesse corpo." Mas será que era mesmo? Não seria possível que Jesus citasse seu próprio evangelho, O livro do amor, mais tarde atribuído a Filipe?

Será que o trabalho anterior de Filipe de traduzir O livro do amor inspirou a maior parte dos ensinamentos que ele depois elaborou em seu evangelho? Essa era uma pergunta importante, já que podia significar que desde 1945 a raça humana estava de posse de uma cópia dos verdadeiros ensinamentos de Jesus via evangelho de Filipe. Mas será que isso também podia significar que, caso fosse encontrado, O livro do amor teria repercussões explosivas sobre a compreensão da sexualidade de Jesus?

O evangelho de Filipe focalizava os aspectos físicos da sagrada união e a santidade da câmara nupcial, além da importância de Maria Madalena como amada de Jesus. Segundo Filipe, não era de forma alguma uma relação casual: era um compromisso, era sexual e era santa.

Isso era altamente problemático. Embora o material gnóstico tivesse sido autenticado e traduzido por muitos acadêmicos notáveis, ainda havia grande controvérsia sobre qualquer passagem que pudesse ser interpretada como indicação de que Jesus era um homem saudável, com vida sexual ativa. Esse era um conceito que muitos cristãos não estavam

preparados para encarar. Peter era cercado todos os dias por homens que preferiam morrer a aceitar essa possibilidade. Disso tinha certeza, pois alguns membros do comitê reunido para autenticar o Evangelho de Arques de Maria Madalena declaravam sua discordância em alto e bom som.

Nas horas insones seguintes, Peter tomou a decisão de estreitar sua busca de informação concentrando-se na história do labirinto. Claro que era uma ferramenta de extraordinária importância no mundo das culturas "hereges", e ele ficara fascinado com as múltiplas referências a ele na história de Matilda. Aproveitando a biblioteca que tinha à sua disposição, Peter começou a trabalhar febrilmente em uma série de recortes no tempo para ajudá-lo a manter aquilo tudo junto num só lugar.

Ele conhecia bem os numerosos labirintos de igrejas encontrados nas construções góticas. Tinha ouvido falar de alguns na França, e havia outros labirintos menores na Itália. No que dizia respeito a Peter, ninguém jamais apresentara uma explicação merecedora de crédito para a presença desse símbolo pagão dentro de edifícios enfaticamente católicos. Agora, com o manuscrito de Matilda, ele sabia que esse símbolo antigo era muito mais complexo do que jamais imaginara.

Peter sabia que havia um labirinto muito grande, de pedra, no piso da catedral de Chartres, na França, uma obra-prima gótica que ficava a cerca de cem quilômetros do centro de Paris. Cobria quase toda a imensa nave central. Mas ele ainda não o tinha visto nas ocasiões em que estivera na França. Por motivos que jamais entendeu, os poderes da Igreja que administravam Chartres tomaram a decisão, quase duzentos anos antes, de ocultar o

labirinto, cobrindo-o com fileiras de cadeiras móveis.

Haveria algum outro motivo para a Igreja católica querer manter o labirinto coberto e fora de vista para o público?

Certamente era uma obra-prima de arquitetura, e o simples fato de ter oitocentos anos, de ter sido construído com precisão matemática perfeita no auge do período gótico devia torná-lo digno de ser exibido, se não protegido. No entanto, com o passar dos anos, as cadeiras portáteis tinham arranhado, lascado e danificado as pedras antigas do labirinto, e ninguém na Igreja parecia se importar com isso. Na melhor das hipóteses, era negligência. Na pior, um ato de vandalismo proposital perpetrado por seus irmãos padres, fisicamente responsáveis pela presença de cadeiras e pelo desgaste sistemático que provocavam no labirinto. Seriam esses danos intencionais?

Além disso, a catedral de Chartres era enorme e abrigava facilmente alguns milhares de pessoas. Diziam que um estádio inteiro de futebol cabia dentro dela no comprimento e que o pé-direito equivalia a doze andares. Aquelas cadeiras portáteis não deviam ser necessárias para sentar, apenas, talvez, nas ocasiões extremamente especiais ou nos dias santos mais importantes como a Páscoa e o Natal. Cada vez mais ele tinha a impressão de se tratar de um ato deliberado para esconder o labirinto, literalmente um disfarce que teve início no século XIX e se perpetuou até os dias de hoje.

Peter ficou revoltado ao pensar nisso. Como padre, era doloroso ficar cara a cara com atos da Igreja totalmente contrários ao que Jesus defendia. Mas nos últimos dois anos via isso

acontecer cada vez mais. Na verdade já estava se tornando um desafio diário. E, apesar de não estar ainda preparado para defender a tese da santidade do labirinto em termos dos ensinamentos de Cristo, achava que os labirintos precisavam ser pelo menos respeitados como obras de arte cuidadosamente inseridas em locais religiosos por grandes mestres construtores e artesãos da era de ouro da arquitetura. Peter arrumou as anotações que tinha feito, dividindo-as por categorias para pesquisa futura: labirintos em igrejas, França, Itália, associações bíblicas. E sobre a ligação com o rei Salomão que tinha sido mencionada pelo Mestre? Aquilo certamente valia uma exploração. Havia muitos motivos para Salomão estar associado à construção de um labirinto, e o mais óbvio, claro, era que tinha sido o responsável pela construção do Templo em Jerusalém. Então as aplicações arquitetônicas eram, de fato, óbvias. E certamente, como filho de David, era possível que os projetos do Templo, assim como de outras obras de arquitetura, pudessem ter sido passados para Jesus se descendesse da linha davídica. De fato, era perfeitamente possível haver ensinamentos de um conhecimento secreto numa família com linhagem e sabedoria tão lendárias. Será que Jesus possuía as plantas do Templo e de outras construções que eram preservadas em sua família? Seria o labirinto com circuito de onze caminhos de Salomão um desses ensinamentos? O que mais Salomão teria passado adiante para seu descendente mais santo? E será que Jesus usou uma ou todas essas coisas n'O livro do amor?

As mãos de Peter começaram a tremer quando ele encontrou referência a um labirinto perfeito, gravado na parede externa do pórtico ocidental da igreja de San Martino em Lucca, no ano de 1200. Era exatamente a igreja que abrigava o Rosto Santo de Matilda. Feito à altura dos olhos, era um "labirinto para dedos", uma versão reduzida com apenas sessenta

centímetros de largura. Esse labirinto lucche-si era exclusivo, no sentido que possibilitava aos fiéis passarem os dedos pelos caminhos antes de entrar na igreja. Esses labirintos pequenos eram convenientes por dois motivos. O primeiro e mais óbvio era que exibiam um símbolo sagrado onde não havia espaço no chão para haver um. O segundo era que os labirintos desenhados nas paredes não podiam ser cobertos com cadeiras.

Exclusiva também de San Martino, em Lucca, era a legenda escrita numa coluna vertical ao longo do comprimento do labirinto, mencionando uma lenda pagã que não tinha de estar no exterior de uma catedral católica e que desafiava qualquer explicação. Em três hexâmetros, a tradução do latim diz:

EIS O LABIRINTO QUE DÉDALO, O CRETENSE,

CONSTRUIU

E DO QUAL NINGUÉM PODE SAIR.

SÓ TESEU CONSEGUIU ISSO,

GRAÇAS AO FIO DE ARIADNE.

Peter descobriu em uma fonte outra alegação muito interessante sobre Lucca que não pôde comprovar. Uma referência italiana obscura afirmava que o centro do labirinto, hoje destruído junto com uma imagem de Teseu, um dia teve a continuação da lenda, o que representava a m o r a l da fábula:

O fato de haver um labirinto perfeito com circuito de onze caminhos em Lucca não podia ser coincidência. E o fato de ser tão similar ao de Chartres em termos de geometria e no desenho dos caminhos com curvas arredondadas também não. O de Chartres e o de Lucca estavam especificamente ligados de forma muito mais profunda do que os outros labirintos, quase como se a mesma pessoa tivesse desenhado os dois. O labirinto era associado à união sagrada por causa da persistente e poderosa lenda de Ariadne. O manuscrito de Matilda indicava que essa lenda podia até ter sido conhecida por Jesus. No entanto, evidências da Idade Média indicavam que os monges que transcreveram as lendas do labirinto grego para a posteridade decidiram modificar seu ponto central. Em vez de preservar as nuances elaboradas e marcantes de amor e de perda, os frades que fizeram a transcrição acabaram

por reescrever a lenda, inexplicavelmente, como se fosse um tratado de arquitetura. A presença de Ariadne foi completamente apagada. Talvez isso fosse uma coincidência. Ariadne foi apagada da sua própria história. Em muitos relatos, inclusive provas arqueológicas, a lenda existiu originalmente com o objetivo de demonstrar a importância de Ariadne como a Dama do Labirinto, que protege seu homem e as pessoas inocentes com seu amor. A presença dela, porém, foi completamente eliminada das versões posteriores, possivelmente de propósito.

De forma muito parecida, Maria Madalena foi reduzida e às vezes retirada das crônicas aceitas sobre a vida de Jesus, também por homens da Igreja. Peter passou a trabalhar com uma teoria radical: Ariadne tornou-se um símbolo alegórico de Maria Madalena para os "hereges" que não podiam deixar sua importância morrer. A sobrevivência de Teseu, quando ele sai do labirinto depois de enfrentar a morte, era uma metáfora da ressurreição. Ariadne, que o protegeu com seu amor, foi a primeira a testemunhar a sua glória como salvador do seu povo, do mesmo modo que Madalena, que untou o corpo de Jesus para ser enterrado, foi a primeira a testemunhar a glória da sua ressurreição como Salvador do seu povo. A união de Teseu e Ariadne podia representar o amor de Jesus e Maria Madalena. A história deles permitiria que os hereges descrevessem seus ensinamentos à vista de todos. O fio de Ariadne era simbolicamente a devoção de Maria Madalena, por ela ter levado O livro do amor para a Europa e dedicado sua vida à sua preservação. Seguindo essa linha, como Teseu, podemos sair da escuridão da cova do Minotauro e encontrar a luz da liberdade.

Na manhã seguinte, depois de poucas horas de sono inquieto, Peter recomeçou sua pesquisa

e encontrou uma referência a outra igreja na Itália que o impressionou bastante. San Michele Maggiore, na cidade de Pavia, ao norte da Itália, foi construída na época em que Matilda viveu e estaria em suas terras. Entre os séculos XII e XIII, instalaram um labirinto no coro da igreja, hoje praticamente destruído. Havia desenhos da estrutura original, no entanto, e Peter pôde encontrá-los na Biblioteca Apostólica do Vaticano. Sua destruição fora um ato de vandalismo perfeito com circuito de onze caminhos, como os de Chartres e de Lucca. No centro havia a legenda:

"Teseu entrou e matou o monstro híbrido." Aqui o monstro não era especificamente o Minotauro, mas sim um centauro, criatura metade cavalo, metade homem. Parecia haver uma tendência nos desenhos de labirinto na Idade Média, que durou até a Renascença, para substituir o Minotauro pelo centauro. Seria proposital? Será que era uma referência à destruição de alguma outra besta?

O "monstro híbrido" poderia ser a Igreja, que iniciava a perseguição dos cristãos "puros" na Idade Média? Peter meditou sobre essa idéia algum tempo. Nos últimos dois anos, era exatamente isso que a Igreja tinha se tornado para ele. Era um produto híbrido da mistura de beleza e sofrimento, verdades e mentiras. Uma instituição na qual ele ainda acreditava com grande paixão a metade do tempo, mas que provocava seu completo desespero na outra metade.

Mântua

1052

- Não foi acidente, Isobel. Tenho vergonha de dizer que sou da família daquele traste perverso que usa a coroa germânica - disse Beatriz furiosa, andando para lá e para cá em seus aposentos.

A morte suspeita de Bonifácio no dia 6 de maio de 1052

causou

enorme

consternação

na

Toscana.

Muitos

comentavam na surdina que o imperador alemão, Henrique III, estava por trás de tudo. O "acidente de caça" parecia mais um assassinato cometido por um monarca ganancioso que fora engolido vivo pela inveja que sentiu do grande Bonifácio por muitos anos. Mas, apesar de o obstáculo Bonifácio ter sido removido, Henrique, que era primo de Beatriz, talvez não tivesse elaborado seu plano com todo o cuidado que devia.

- Mas tenho a vantagem agora. O papa também é meu parente, e ele já tomou providências para proteger a mim e a Matilda. Henrique não ousará confiscar os bens de Bonifácio agora, já que o risco de repercussão é grande demais. Os vassalos toscanos se levantarão contra ele. - Beatriz abaixou a voz para garantir que só Isobel pudesse ouvir. - E criamos um plano que não pode falhar.

- Espero que assim seja, minha senhora.

Isobel escondia que estava apavorada por Matilda e tinha de confiar que Beatriz faria a coisa certa para protegê-la. Com um sorriso de satisfação, Beatriz continuou a explicar sua estratégia.

- O papa Leão IX já providenciou o meu noivado imediato com Godofredo de Lorena.

Isobel sufocou uma exclamação de espanto. Não esperava isso. A idéia era controversa por muitos motivos, e não menos importante era o fato de Godofredo odiar abertamente o imperador. Rebelara-se publicamente contra o monarca corrupto, por isso era uma afronta terrível para Henrique o papa entregar as terras de Bonifácio para Godofredo de Lorena com o pretexto de proteger Beatriz e a filha. Mas havia um problema mais espinhoso ainda.

- Mas, minha senhora, Godofredo de Lorena é seu primoirmão. Essa é uma violação da lei da Igreja. Beatriz já tinha pensado nisso. Provava ser muito mais inescrupulosa do que Isobel imaginava.

- Concordamos em prestar votos de celibato antes de sacramentar o casamento em qualquer igreja. Para mim está

ótimo, porque nenhum homem irá tocar em mim de novo, agora que meu Bonifácio se foi. - Sua expressão se suavizou e ela pareceu uma viúva sofredora sincera. - Você deve entender isso melhor do que ninguém, Isobel.

Isobel entendia. Porque, apesar de Beatriz não praticar as leis sagradas do hieros-gamos como faziam na Ordem, ela as conhecia bem. Bonifácio tinha sido seu amado no sentido mais santificado, e Beatriz lamentaria a sua perda pelo resto da vida.

- Esse é estritamente um problema de conveniência - a máscara nobre de força recompunha-se. - Matilda precisa de um defensor poderoso para proteger seus territórios. Por ser mulher, não pode herdar o que é dela. Mas eu a chamei aqui para contar mais uma coisa, Isobel.

Isobel e Beatriz nunca tiveram um relacionamento íntimo. Na verdade, a mãe de Matilda tinha um ciúme profundo do afeto maior que a filha nutria pela ama. Então Isobel suspeitava que Beatriz tivesse algum motivo para revelar a ela seu plano, mas, ao mesmo tempo, não esperava o que viria a seguir.

- Para garantir a proteção da minha filha, o papa determinou que Matilda se comprometa com o filho de Godofredo, o futuro duque de Lorena. E eu concordei.

Isobel sabia que era impotente para influenciar essa decisão, mas seu coração ficou apertado e ela teve de conter as lágrimas. Entregar uma menina para um casamento arranjado era blasfêmia diante dos ensinamentos da Ordem, para a qual o poder do verdadeiro amor era o sacramento mais importante. Beatriz não percebia que acabara de declarar uma sentença de eterno sofrimento para sua menininha especial e mágica?

Mas a decisão havia sido tomada e era irrevogável. A extraordinária pequena condessa de Canossa estava prometida para o jovem que já se tornava conhecido pelo triste apelido de Godofredo, o Corcunda.

Quando o papa Leão IX morreu na primavera de 1054, as fortunas de Matilda e de sua mãe mudaram de mãos mais uma vez, com sérias repercussões. Henrique III entrou imediatamente em ação, como o abutre que era, para compor

"suas" extensas propriedades feudais na Itália. Beatriz foi abandonada pelo novo marido, o duque Godofredo, que tratou de proteger as terras dele em Lorena, simultaneamente ameaçadas, em estratégia inteligente implementada por Henrique. Sem absolutamente nenhuma forma de se proteger, ela e a filha ficaram à mercê do rei alemão que havia se coroado Sacro Imperador Romano-Germânico.

Beatriz e Matilda ficaram sob a custódia imposta por Henrique III. Matilda não herdaria mais nada. Por um decreto imperial, ela perdia tudo que a família do pai havia construído em quatro gerações. O imperador anunciou que Beatriz e Matilda viveriam sob suas ordens e da caridade dele, na corte germânica de Bodsfield, a menos que ou até ele resolver de

outra forma. Elas eram prisioneiras, sequestradas por um monarca ganancioso e narcisista, que gozava de todas as vantagens.

Apesar de ser ainda uma menina de nove anos, a injustiça dessa tirania opressiva não passou despercebida a Matilda. Era demais. Além de perder seu amado pai, sua herança e seu lar, agora ela estava longe do amor maternal mais concreto que conheceu. Isobel, que foi proibida de ficar ao seu lado depois da sua prisão, voltara para Lucca para rezar pela liberdade de sua querida filha.

Bodsfeld, Alemanha

1054 d.C.

Matilda acordou assustada. Ficou um pouco ofuscada com a primeira luz da manhã nublada que entrava pelas janelas. Estava escuro e fazia frio nas terras germânicas naquele fim de outubro. Não havia o brilho dourado do sol, nem o calor aconchegante da Toscana para aliviar a dor da perda que ela sofria naquele ano e meio de cativeiro. Matilda odiava a Alemanha e o homem que a levara para lá, odiava o fato de ele ter matado seu pai e roubado sua herança, odiava o fato de ele ter humilhado sua mãe e de tê-la reduzido à condição de pedinte. Acima de tudo, odiava o filho dele, o monstrinho perverso que era seu primo de seis anos e futuro herdeiro do trono germânico. Pensar que um menino pudesse provocar tanto terror e sofrimento chegava a ser inacreditável, mas aquele enfant terrible, que também se chamava Henrique, era capaz de qualquer coisa, e saía impune de tudo que fazia. A mãe dele, uma francesa austera e farisaica, mimava o filho com tanta obsessão que beirava a

estupidez.

Quando Matilda levantou a cabeça, lembrou-se de como seu primo mais novo podia ser perverso. Sentiu, primeiro, uma coisa grudada na nuca. De novo, não. Passou as mãos no cabelo e, com um aperto doído no coração, percebeu que seus lindos cachos acobreados estavam melados com uma substância grossa e pegajosa. Levou as mãos ao nariz para cheirar a pasta que tinham derramado na sua cabeça. Era mel. Misturado com alguma coisa, algo preto e oleoso que sem dúvida deixaria seu cabelo áspero e destruiria seus cachos.

- Mama!

A única coisa positiva do cativeiro, para Matilda, foi a proximidade forçada com a mãe, Beatriz. Cada uma delas era tudo que a outra tinha agora. Matilda aprendeu que a mãe era muito mais forte e mais culta do que jamais suspeitara, e compreendeu que a sua subserviência diante do primeiro marido tinha sido uma questão de respeito e de escolha, não de fraqueza. Em todo o tempo em que ficaram prisioneiras, Beatriz compartilhou as possíveis opções políticas com a filha, revelando que elas ainda tinham aliados em toda a Europa. Apesar do aparente abandono de Godofredo de Lorena, ele era um homem forte e inteligente que sabia que, quando Beatriz e Matilda fossem libertadas, ele teria de volta suas propriedades no Norte da Itália. De fato, ele plantara espiões de Lorena no castelo e contrabandeara bilhetes para encorajar Beatriz. Também estava criando uma estratégia para soltá-las. Era lenta, mas estava em andamento. Tinham caído, mas não estavam derrotados.

Beatriz, por sua vez, entendeu que sua única filha sobrevivente era muito forte e bem-

dotada, o que lhe deu mais esperança ainda em relação ao futuro. Matilda era definitivamente uma herdeira de valor das terras de Bonifácio. Talvez o tempo no cativeiro tivesse até sido bom para ela, tornando-a mais guerreira pela justiça e dando-lhe uma educação dura, mas necessária, sobre política. Quando ouviu o grito da filha, Beatriz saiu correndo do quarto ao lado, onde estava concentrada no seu bordado. Elas eram realmente prisioneiras, mas num palácio onde não eram maltratadas. A mãe de Matilda procurava se refugiar no trabalho manual, já que acalmava sua mente, e assim podia pensar. Tinha tentado ensinar à filha os pontos mais finos de bordado, mas Matilda não se interessava pelas artes domésticas. Para ela, era como uma rendição, jamais faria isso, não naquele lugar. Nunca.

- Aquele Henrique pavoroso derramou mel no meu cabelo de novo!

Matilda não chorou. Não ia dar a satisfação ao primo de vê-la chorar por causa de suas brincadeiras cruéis. Além do mais, ele já fizera aquilo antes. Agora ela estava mais preocupada. Na última vez, deu para lavar o mel, e seu cabelo lindo continuou intacto, sem dano nenhum. Ela sabia que Henrique tinha aprimorado a brincadeira e que dessa vez misturara o mel com alguma outra substância para tornar a poção mais destrutiva, algo que ela não conseguia identificar. Mas parecia que estava endurecendo no seu cabelo, e Matilda estava em pânico.

- Rápido, mãe. Temos de tentar lavar isso antes de endurecer mais. Não quero dar a ele a satisfação de me fazer cortar o cabelo.

Beatriz ainda tinha o dom de inspirar cumplicidade entre os servos, mesmo no cativeiro. Ela

pediu uma banheira com água quente e um pouco do sabão forte feito com raízes de plantas cortadas pelos moradores da região na floresta de Ardenne. Esse sabão era o detergente usado para lavar a roupa, mas seria necessário experimentá-lo se quisesse salvar a cabeleira lendária da filha.

Nunca fiz nada contra ele - reclamou Matilda. - Por que ele me odeia tanto?

Porque tem inveja de você, porque é o filho malvado de um pai perverso e de uma mãe beócia - respondeu Beatriz com acidez. - Que Deus ajude os alemães, quando e se ele se tornar rei. Ele não tem nem inteligência suficiente para levar os porcos para o cocho, que dirá para governar a Europa. E se é

perverso desse jeito aos seis anos, só Deus sabe como será

quando tiver idade para abusar do seu poder e tomar gosto pelo suborno. Ou coisa pior.

Desde a chegada delas à Alemanha, o herdeiro do trono, o voluntarioso jovem Henrique, aterrorizava Matilda com incansável fervor. Passava os dias elaborando planos para fazê-la sofrer, e à noite os executava. Muitas das suas atividades visavam arruinar o cabelo dela, pois tinha essa obsessão especial. Às vezes a perseguia e ameaçava com um arco e flecha de brinquedo, gritando: "Olhe, eu sou Bonifácio, o duque morto da Toscana." Então ele fingia ter levado um tiro na garganta e caía no chão, se contorcendo dramaticamente.

Matilda, que tinha sido criada acreditando no poder do amor, rezava todas as noites,

desesperada.

- Meu Deus, por favor me perdoe por desprezá-lo tanto. Eu sei que me diz para amar meus inimigos, mas isso é demais. Ela tentava aplacar sua raiva com o Pai-Nosso antes de dormir, como o Mestre havia ensinado. A lição da quinta pétala - perdoe os nossos erros, assim como perdoamos os erros dos outros - seria sempre a mais difícil. Henrique, o Terrível, dava a ela oportunidades mais do que suficientes para exercitar essa lição.

O abuso verbal do menino era incessante e consistia em frases que costumavam ser variações de: "Meu pai diz que vocês são meio bárbaras e que não merecem ser mantidas com tanto luxo, mas ele não ousa jogá-las na rua, porque vocês vão reunir suas hordas pagãs contra a sua santa pessoa imperial." Henrique também dizia coisas horríveis de Beatriz, coisas que não tinha como ele entender com seis anos de idade. Falava sobre o casamento - contra a natureza e pervertido - dela com seu primo-irmão Godofredo de Lorena, e que isso a tornava monstruosa diante de Deus. Matilda tinha ficado trancada num quarto sozinha por mais de uma semana depois de socar a cara de Henrique, provocando sérios danos ao seu delicado nariz. Era a única coisa naquele corpo horroroso, gordo e sem queixo que era delicada, e Matilda cometeu o erro de dizer exatamente isso para a rainha quando ela correu para socorrer seu precioso filho. Agnes de Aquitânia quase desmaiou com a audácia de Matilda e exigiu que a menina bárbara com aquele horrível cabelo ruivo fosse trancafiada longe da sua vista até

segunda ordem. Certamente cabelo daquela cor não era natural, assim como todo o resto naquela criatura selvagem e má que atormentava seu precioso carneirinho.

Beatriz lavou o grude do cabelo de Matilda com todo o cuidado, esfregando os cachos com o detergente. Ela deu um suspiro de alívio, pois o mel estava saindo e não ia endurecer a ponto de o cabelo ter de ser cortado. Houve alguma descoloração por causa da mistura que Henrique inventou, mas o tempo rapidamente cuidaria de recuperar a gloriosa cor vermelha.

Com o problema do cabelo resolvido, Beatriz pediu que levassem para ela alguma coisa para ler e que chamassem seu confessor, frei Gilbert, que permitiram que as acompanhasse ao exílio, pois era considerado um súdito alemão leal. Ela requisitou os escritos de Santo Agostinho e os deu para Matilda ler. Assim poderia ao menos cuidar para que a educação da filha continuasse. Queria que ela tivesse todas as vantagens possíveis na política quando aquele pesadelo específico terminasse, o que Beatriz acreditava que aconteceria em breve.

Matilda sentou para estudar diante da pequena estátua de Santa Modesta, a que tinha sido presente da família de Isobel quando ela nasceu. Modesta só era reconhecida como santa dentro da Ordem e pelo povo de La Beauce, na França, lua santa porque dedicou a vida corajosamente aos ensinamentos d'O livro do amor. A estátua era a única coisa que tinham deixado Matilda levar da Toscana, e quase todo o tempo era seu maior consolo.

Àquela noite deixaram Beatriz e Matilda jantando sozinhas numa pequena antecâmara do palácio sem nenhuma decoração, onde fazia muito frio. Alguma coisa estava errada, mas elas ainda não sabiam o que era. Não tinham visto a família o dia inteiro, e Henrique não aparecera para tripudiar sobre sua missão de destruir o cabelo de Matilda. Isso era muito incomum, pois o pequeno demônio desejava acima de tudo atenção para suas maldades.

Na manhã seguinte chegou uma notícia que fez Matilda ficar feliz pela primeira vez em um ano e meio. O imperador alemão, ladrão e assassino, Henrique III, havia morrido inesperadamente de uma febre aquela noite. A fortuna da sua família era uma incerteza, pois a Alemanha e as regiões vizinhas viraram um caos no mesmo instante. A rainha Agnes não teve tempo de lamentar a morte do marido, já que foi necessário agir imediatamente. Ela foi declarada regente e única guardiã do filho, que a partir de então seria conhecido como Henrique IV.

Matilda e Beatriz ficaram num limbo alguns dias, sem receber notícias e sem sinal de Agnes ou do filho. No quarto dia, Godofredo de Lorena, que andava tramando e esperando exatamente uma oportunidade como aquela durante o longo cativeiro de Beatriz e Matilda, se anunciou nos portões de Bodsfeld e fez uma proposta para a rainha regente. Ele concordou em jurar lealdade a ela e ao filho dela, como fariam os vassalos mais ricos de Lorena, unificando dessa forma a região e criando alguma estabilidade no reino abalado. Em troca, Agnes reconheceria a legitimidade do casamento dele com Beatriz e lhes devolveria as propriedades de Bonifácio.

Encurralada e confusa, a rainha Agnes concordou com isso. Estava sobrecarregada em termos de estratégia política e não tinha tempo para procurar conselhos na crise que aumentava rapidamente e ameaçava o futuro do filho. Estava desesperada para pelo menos tentar garantir a Lorena e a Saxônia para o menino na convulsão que certamente seguiria a morte do marido, um monarca injusto e nada popular que sempre se impôs pelo medo. Sua prioridade era a proteção da Alemanha e dos territórios imediatos. A Itália era a menor de suas preocupações

naquele

estágio,

e

Godofredo

foi

suficientemente sagaz para aproveitar aquela oportunidade. No mundo instável da política européia, agir no momento certo era tudo.

Matilda e Beatriz partiram do território germânico para Florença em 1057, para recomeçar suas vidas como a família do duque Godofredo de Lorena. Matilda se recusou a olhar para trás quando deixou a Alemanha, determinada a jamais pôr os pés novamente naquela terra gelada e desolada, a não ser que fosse absolutamente necessário pela vontade de Deus. A Toscana estava arruinada.

O que quatro gerações da família de Matilda haviam se esforçado para construir - uma região próspera, onde o povo vivia com dignidade e os recursos naturais eram colhidos com todo o cuidado - tinha sido completamente desfeito pelo rei alemão em menos de dois anos. Henrique havia violentado a terra e privado a todos de suas riquezas, deixando aquele povo orgulhoso praticamente à míngua. A pirataria, com todos os assassinatos e roubos que a

caracterizam, retornou aos transportes fluviais, só que dessa vez sancionada pela coroa imperial.

Enquanto percorriam a região da Toscana, a jovem Matilda foi ficando ao mesmo tempo nauseada e apavorada com o que via. As cidades e aldeias prósperas e vibrantes da sua infância, lugares que tinha conhecido com o pai, aclamado como príncipe, não existiam mais. No lugar delas, apenas estruturas decadentes, onde os habitantes se esgueiravam nervosos pelas sombras, temendo o barulho de cascos a galope pelas estradas. Os cavalos traziam conquistadores e ladrões, contra os quais não tinham proteção e por quem não eram poupados. Foi em uma dessas aldeias, na periferia da propriedade da família em Canossa, que eles pararam uma noite para jantar e descansar. Matilda estava fisicamente exausta pela travessia dos Alpes, mas muito mais pelo peso emocional do que tinha visto ao longo do caminho. No princípio, ela não entendeu o que estava acontecendo quando entraram na aldeia. Como alguém que já havia passado pelo cativeiro e pela violência, sua reação inicial foi de medo de que a multidão reunida significasse um perigo para ela. Mas, quando o cortejo chegou mais perto, conseguiu discernir o brado dos aldeões.

-Ma-til-da! Ma-til-da!

Um grupo de crianças levou flores para ela e as deixou aos seus pés. Os pais vieram em seguida, saudando o retorno da querida condessa. Aquela noite, no aconchego desbotado do que um dia tinha sido o grande salão de banquetes de um lorde local, a família se encontrou com os habitantes da aldeia. Muitos foram contar suas histórias chocantes de perda e de tragédias nas mãos de um monarca estrangeiro cruel e ganancioso. Aos onze anos de idade,

Matilda ouviu com atenção todos os relatos, sentada ao lado da mãe e do padrasto. As histórias sobre as injustiças praticadas contra aquele belo povo - o seu povo - atingiram profundamente seu coração e seu espírito. Ela não perdeu nada, guardou tudo na memória. E jurou em silêncio que, quando estivessem instalados em sua nova vida, ela descobriria um jeito de compensar cada um dos habitantes por aquelas perdas. Os aldeões foram pedir ao duque Godofredo, agora seu senhor feudal, para resgatar suas casas e ajudá-los na reconstrução, oferecendo tropas para protegê-los. Mas, acima de tudo, foram lá para ver sua lendária pequena condessa, pois ela era toscana de nascimento e filha de uma grande profecia. Era Matilda que representava o brilho da esperança para o povo do Norte da Itália. Era Matilda que ia recuperar a Toscana, levá-la novamente ao glorioso estado de paz e prosperidade. O povo tinha certeza disso, e Matilda também.



Existem formas de união mais elevadas do que quaisquer outras, mais fortes do que as maiores forças, com o poder que é o seu destino.

Aqueles que vivenciam isso não estão mais separados. São um só, muito além da distinção dos corpos.

Aqueles que se reconhecem conhecem a felicidade sem paralelo de viver juntos em toda a sua plenitude.

O tempo retorna

Quando as Famílias do Espírito se unem na Terra, há grande regozijo na casa de El e Aserá. Aqueles que se reconhecem nesta vida vivem uma plenitude que é desconhecida para os que não recebem essa bênção.

A única felicidade maior do que a união é... tornar a se unir. Há um despertar que precisa acontecer. Devemos despertar enquanto vivemos neste corpo, pois tudo existe dentro dele e só através desse despertar teremos olhos para ver e ouvidos para ouvir. Só com esse despertar reconheceremos e lembraremos aqueles com quem é nosso destino nos reunir. Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

O LIVRO DO AMOR, TAL COMO PRESERVADO NO LIBRO

ROSSO

CAPÍTULO SETE

Florença

1057

O duque Godofredo escolheu morar em Florença, porque em Mântua seria difícil competir com a lembrança que o povo tinha de Bonifácio. A partir de Florença, ele podia operar num ambiente mais cosmopolita e politizado. Mântua, Módena e Canossa eram mais provincianas. Ele expandiu e reformou um palácio antigo que havia no centro da cidade, próximo do deslumbrante batistério octogonal que dominava Florença.

Matilda se adaptou à vida em Florença, incensada pelo emocionante reencontro com sua querida Isobel. Beatriz, que agora trabalhava muito para administrar as propriedades toscanas em nome da filha, estava mais uma vez ocupada demais para se dedicar ao papel maternal. Apesar de o tempo na Alemanha ter aproximado mãe e filha como nunca, Matilda sempre precisou e desejou o afeto de Isi. Isobel estava preocupada com a mudança que Matilda sofrera no cativeiro germânico. A menina tinha perdido parte da inocência e ia demorar para confiar em qualquer pessoa que entrasse na sua vida a partir dali. E também andava agitada e combativa diante de sua recém-descoberta paixão pela justiça. Isobel e o Mestre perceberam que teriam de trabalhar duro para enfatizar que o desejo de justiça não

podia ser maculado pela vingança. Pois enquanto uma era obra da luz, a outra era da escuridão. Como uma líder, Matilda precisava aprender a partir, sempre que fosse possível, de uma posição de amor. O

amor conquista tudo.

Fora os objetivos da Ordem, Matilda não teve uma verdadeira educação espiritual por quase dois anos, e em idades cruciais no desenvolvimento de uma criança. No período em que ficou em cativeiro, sua única formação religiosa havia sido interpretações ortodoxas muito rígidas das escrituras, o alimento diário da família real germânica. O trabalho para desfazer esse dano ia ser um desafio. O resultado foi que o círculo interno da Ordem do Santo Sepulcro em Lucca chegou à conclusão de que medidas emergenciais precisavam ser tomadas. O Mestre se mudaria para Florença, onde a Ordem tinha uma base, um mosteiro à beira do rio Arno, Santa Trinità. Uma comunidade secreta e bastante misteriosa de monges que tinha laços com a Ordem havia construído o mosteiro ali no século X, patrocinada por Siegfried de Lucca, o lendário tataravô de Matilda. Os monges, além de nutrir simpatia pelas origens da Ordem, acolhiam entre eles descendentes das famílias de linhagens muito poderosas, membros juramentados.

Ali em Santa Trinità, Isobel e o Mestre recomeçariam as aulas para Matilda com todo o empenho. Iam recuperar sua filha, a preciosa Escolhida, e trazê-la de volta para O Caminho do Amor. Os dois queriam garantir que ela tivesse todas as oportunidades de cumprir o seu destino. Ensinariam que Deus a tinha feito passar por aquela provação da prisão e das injustiças com o propósito de fazê-la conhecer e compreender a dor. Ela usaria esse

aprendizado para matizar suas próprias decisões como líder, para lembrar que cada um dos seus súditos era um ser humano, para lembrar que O livro do amor ensinava que todos os espíritos humanos são iguais, que nenhum homem ou mulher vale mais do que o outro. Alguns podem ter destinos que parecem mais nobres, mas isso apenas do ponto de vista humano. Aos olhos de Deus, todas as almas têm o mesmo valor.

Embora as aulas fossem pesadas para alguém tão jovem, o Mestre afirmava que faziam parte do plano de Deus para o destino de Matilda. Os ensinamentos iam moldá-la para que se tornasse a maior e mais benevolente das líderes. Outro motivo de preocupação era a experiência de Matilda com o jovem Henrique. Ele tinha comprometido a convivência dela com outras crianças da sua idade, especialmente meninos. Ora, o futuro dependeria de suas habilidades diplomáticas, em geral com homens, de modo que essa má impressão precisava ser desfeita. O Mestre decidiu instruir Matilda na presença de outras crianças, a começar por um menino órfão que tinha chegado da Calábria para estudar e cuja mente, excepcionalmente ágil, era de um líder nato. Ele tinha a mesma idade de Matilda, e o Mestre achava que seria um valioso companheiro para a pequena condessa. O nome dele era Patrício e, aos nove anos, já provara ser intelectual e espiritualmente dotado. Patrício era uma criança adorável, abençoado com um temperamento muito positivo, mas também bastante voluntarioso. Ele seria capaz de acompanhar Matilda e até desafiá-la. Eram suficientemente parecidos para se darem bem e, ao mesmo tempo, incentivavam um ao outro. Foi a solução perfeita.

Florença

- Mãe, quero ser treinada como guerreira.

Beatriz deixou de lado as contas que examinava quando a filha, de treze anos e extraordinariamente bonita, fez o pedido.

- Entre e fale comigo direito, Matilda. Não quero você

gritando essas coisas aí do corredor, para todos os servos ouvirem nossas conversas.

Beatriz sorriu para indicar que não estava realmente aborrecida com o comportamento tipicamente impetuoso da filha. Não só esperava essa atitude dela, como achava encantadora.

- Sente-se, minha querida. Agora, o que é esse seu gosto novo e de onde ele vem?

- Andei estudando a lei da herança.

Matilda sentou num banco, de frente para a mesa de madeira feita de toras desbastadas. Era uma mesa de jantar, mas Beatriz preferia trabalhar nela, já que tinha espaço suficiente para ver todas as contas ao mesmo tempo. Ela se tornara uma administradora eficiente.

Beatriz deu toda a sua atenção a Matilda. A menina estava obviamente decidida a defender aquela ideia e, quando falava sério, não aceitava um não. De ninguém.

Matilda continuou explicando com a paixão habitual.

- E quando a lei diz que uma mulher não pode herdar as propriedades que nós temos, especifica o motivo. Diz que a mulher não pode prestar serviço militar e que os senhores que controlam propriedades precisam estar aptos para o serviço militar para defender essas terras. Por isso... Eu gostaria de ser uma espadachim e provar que posso liderar um exército. Se eu for capaz de prestar o serviço militar, e pretendo ser tão ou mais capaz do que qualquer guerreiro masculino, então não haverá nada na lei que impeça a minha herança. Já sou mais habilidosa num cavalo do que qualquer homem na Toscana, e Godofredo diz que o conhecimento que tenho de estratégia é

maior do que o de muitos dos seus conselheiros. Só preciso aprender a arte das armas para me tornar uma guerreira completa, com capacidade para defender as minhas terras. Beatriz meneou a cabeça, pensativa. Se Matilda tivesse nascido homem, sem dúvida já estaria a caminho de se transformar no herói militar mais completo do seu tempo. Ela era um gênio em estratégia, e tinha agradado ao padrasto Godofredo com sua habilidade de enxadrista e nos jogos de guerra que ele criava para ela. Ele até permitia que ela sentasse com ele nas reuniões quando os chefes regionais da Toscana iam para Florença com seus informes. O duque de Lorena era considerado em geral um homem muito duro, mas tinha aprendido a amar aquelas duas mulheres extraordinárias da sua vida, e as tratava como a família que tinham formado. Em Beatriz ele descobriu uma parceira leal e valiosa no comando complexo de um vasto reino. O seu casamento não foi consumado, mas eles criaram afeto um pelo outro, inicialmente com base em respeito e, mais tarde, em carinho e emoção. Em

diversos documentos legais que pertenciam à

sua vida, Beatriz se referia a Godofredo como "meu homem". O duque tinha uma queda especial pela força e pela inteligência de Matilda, e passara a tratá-la como se fosse sua filha, com muito respeito. Beatriz avaliou isso tudo e respondeu:

Seu padrasto faz as suas vontades, mas ele não pode autorizar isso. Lorena é um lugar muito mais conservador do que a Toscana. Ele precisa pensar na reputação dele nas duas regiões.

Ele vai permitir. Tem que permitir. E se nós duas insistirmos nisso, ele não terá escolha, acabará cedendo. Nós somos as duas mulheres mais convincentes da Europa, não é isso que ele mesmo diz?

É verdade. Estou vendo que você já pensou em tudo, e não é

nenhuma surpresa para mim. Mas, diga, Isobel sabe que você

pretende treinar para ser uma guerreira?

Matilda fez que sim Com a cabeça. Tinha debatido sua estratégia com Isi e com o Mestre.

- Eles não se opõem a coisa alguma que possa garantir a minha herança e proteger nossos caminhos. A minha força é a força deles. Eles sabem que vou usá-la para preservar as tradições junto com os meus direitos. E sentem que Deus me concederá uma proteção

especial em batalha.

Beatriz balançou a cabeça, mais uma vez concordando. Nada que viesse daquela filha das duas maiores famílias da Europa iria surpreendê-la. Não era pessoalmente seguidora das profecias reverenciadas em Lucca, mas tinha certeza de que a filha tinha nascido para cumprir um destino especial. Talvez fosse de fato a filha das profecias que o povo da Toscana sussurrava desde seu propício nascimento. Era certamente única em sua força, beleza e sabedoria crescentes. Beatriz tinha muito orgulho dela e sabia que Godofredo ficaria impressionado com a inteligente compreensão da lei demonstrada por Matilda. Sem dúvida, ele mesmo devia ter dado a ela os documentos legais e não ficaria surpreso demais com a sua interpretação brilhante.

- Que seja, então. Vou criar uma filha guerreira, se é isso que você deseja. E vou conversar com Godofredo esta noite, quando ele voltar. Ele terá de escolher para você um mestre de armas apropriado e companheiros de treino que... Matilda interrompeu.

- Que o quê?-Vão ser bonzinhos comigo? - Nada disso, mãe. De que vai adiantar eu aprender a lutar com armas se for só

contra meninos fracos a quem ordenarem que sejam gentis comigo? Eu quero os melhores homens da Toscana e os mais empedernidos. Nada menos do que isso.

- Claro que quer.

A mãe estava obviamente nervosa, achando que as bravatas de Matilda podiam gerar encrencas. Mas também tinha certeza de que a menina ia conseguir tudo que queria, como acontecia sempre.

- E é isso que terá, se Godofredo consentir.

- Obrigada. - Matilda levantou-se, fez uma mesura educada e respeitosa. - E, mãe, faço isso por você também. Ninguém vai tirar nada de nós, nunca mais. E nunca mais um rei germânico arrasará a Toscana, roubará nossos recursos e aterrorizará o nosso povo. Nunca.

Beatriz olhou para a menina extraordinariamente bela à sua frente. A linha do queixo e do maxilar era de um guerreiro toscano, e a fez lembrar tanto de Bonifácio que ficou com lágrimas nos olhos.

- Ele teria orgulho de você, Matilda.

Matilda também ficou com os olhos marejados na mesma hora. Não passava um dia sem que ela sentisse falta do pai. Na verdade, falava com ele toda noite, quando dizia suas preces.

- Ele está me vendo, mãe. Sei que está. E vou deixá-lo orgulhoso.

Seria um erro qualquer homem na Europa supor que aquela pequena e linda mulher não era capaz e que não defenderia o que era dela por direito. Godofredo de Lorena não cometeria esse erro. Ele aceitou o pedido de Matilda com rapidez surpreendente e supervisionou

pessoalmente a seleção do seu instrutor militar. Conhecia o homem certo para isso.

A faca cravou exatamente no centro do alvo e com tanta força que chegou a balançar a árvore. O assustador chefe guerreiro que a arremessou olhou para Godofredo de Lorena com a fúria estampada no rosto.

- Eu lhe pareço uma ama-seca chorona?

Naquele momento, Conn das Cem Batalhas não poderia parecer menos uma ama-seca, chorona ou não. Com passos largos, ele foi até o alvo para recuperar sua faca, movendo-se com inusitada elegância para um homem tão grande. Era a hora mais quente do dia, ele estava de peito nu e pingava suor. O cabelo comprido, vermelho, que combinava com a barba, estava amarrado em um rabo de cavalo com uma tira de couro, o que dava a Conn a aparência de um deus celta da mitologia antiga. Esse gigante de fato vinha das terras mágicas e nevoentas dos celtas e tinha ido para Florença alguns anos antes, por motivos que preferiu não revelar, em busca de um exército de mercenários.

- Nem um pouco, Conn - respondeu Godofredo, achando muita graça.

Conn era um homem com quem ele contava, um dos guerreiros mais leais e amigo de confiança. Na primeira entrevista com o duque, Conn foi reticente quanto à sua história pessoal. Mas Godofredo era um juiz astuto do caráter de um guerreiro e percebeu que havia inteligência e algo mais por trás da força bruta que via à sua frente. Nos três anos que passaram juntos, o duque descobriu uma extraordinária vida interior no homem que lutava

ao seu lado com tanta força e lealdade. E também entendeu que superficialmente Conn era muito orgulhoso, arrogante e duro para aceitar de pronto ser professor de Matilda, e certamente não faria isso na proximidade de seus homens, como era o caso. Godofredo ia precisar de algum empenho e esforço, mas tinha certeza de que venceria. Porque sabia de mais uma coisa sobre Conn. O

gigante celta tinha na menina um ponto fraco e, muitas vezes, comentava suas extraordinárias habilidades de amazona, de como ela parecia uma figura mítica montada num cavalo e galopando com o vento.

Não havia nada conciliador no olhar irritado que Conn dirigiu a Godofredo quando arrancou a arma do alvo. Ele abaixou a voz para falar.

- Você vai me transformar em alvo de zombaria dos outros homens. Não vou fazer isso.

- Eu acho que você pode cuidar dos homens. - Mas então Godofredo concordou, balançando a cabeça, e falou num tom mais sério. - Entendo sua preocupação, Conn. Mas preciso de você. Você é o melhor guerreiro e estrategista da Toscana. Isso não é brincadeira para Matilda. Ela está completamente compenetrada nesse treinamento. É importantíssimo que fique o mais preparada possível para uma guerra real. Não posso perdê-la no campo de batalha porque ela está mal preparada para sobreviver. Isso destruiria a mãe dela e poria em risco o futuro da Toscana... e também acabaria me matando.

Conn grunhiu, enfiou a faca no cinto. Godofredo pôs a mão no ombro do amigo guerreiro.

- Por sinal, esse é um trabalho muito bem remunerado. E se isso não bastar para fazer você mudar de ideia, pense no seguinte. - Godofredo estava disposto a usar toda a sua inteligência para conquistar Conn, apelando, inclusive, para o amor à sua herança celta. - Quando Matilda for a maior rainha guerreira que já existiu, você será lembrado como o grande homem que lhe ensinou a arte da guerra.

A promessa de riqueza e honras na história era demais para um homem celta. Godofredo viu nos olhos do corpulento guerreiro que ele estava saboreando a ideia. Ele fechou o negócio.

- Além do mais, é preciso uma criatura indomável e ruiva para entender outra. Quando Matilda ficar mais velha, vocês dois vão parecer irmãos ferozes cavalgando para a batalha juntos. Seus inimigos vão tremer de medo só de vê-los, e os cronistas escreverão sobre suas aventuras.

Com um grunhido final, Conn continuou encenando desprezo e saiu de perto do duque determinado a não revelar a ninguém que estava adorando aquela tarefa, enquanto gritava bem alto sua despedida para os homens que podiam estar escutando.

- Tudo bem, mas é bom que a sua concepção de bem remunerado e a minha sejam iguais.

- Entre, pequena Boadicea.

Conn estava sentado num banco, de costas para a porta, mas possuía o ouvido muito aguçado e os sentidos sempre alertas do mais experiente chefe guerreiro. Saber quem

chegava por trás era uma habilidade que determinava a vida ou a morte em um campo de batalha.

Matilda engoliu em seco ao entrar no aposento do guerreiro, um quarto de armas que ficava ao lado dos estábulos. Espadas e lanças pendiam das paredes, machados e facas menores estavam espalhados em cima de uma mesa tosca. Ela olhou para eles quando se aproximou do homem que seria seu novo mestre de armas. Matilda estava muito animada com o fato de Godofredo ter levado tão a sério o seu pedido, a ponto de confiar seu treinamento ao mais experiente chefe guerreiro, pois a reputação da coragem em batalha daquele homem gigantesco era assustadora. Matilda não sabia bem o que esperar dele, mas tinha resolvido que não ia se intimidar. Conn apontou para a mesa diante da qual estava sentado, estudando um tabuleiro de xadrez. Ele ainda não tinha olhado para ela.

- Que jogada você faria aqui, se fosse eu? Esta? - Ele apontou para o cavalo preto. - Ou esta? - Apontou para o bispo. Matilda analisou o tabuleiro e respondeu:

- Nenhuma das duas.

Conn levantou a cabeça pela primeira vez, ficou cara a cara com a adolescente que seria sua protegida e perdeu o fôlego. Ele a tinha visto de longe quando ela cavalgava com Godofredo, mas assim tão de perto ficou completamente embasbacado. Mesmo com a grosseira roupa de treino ela estava perfeitamente deslumbrante, como se estivesse coberta de sedas e jóias. Isso talvez pudesse ser uma vantagem para ela em batalha, o fato de os homens ficarem desarmados diante da sua beleza. Ele ia precisar encontrar o máximo de

ângulos possíveis que representassem vantagens para ela na guerra, já

que sua estatura miúda seria problemática.

- O que quer dizer com nenhuma das duas?-Ambas são boas. Matilda fez que sim com a cabeça e chegou mais perto do tabuleiro.

- É, mas as duas são óbvias e só resultam em alívio imediato. Se você previr três ou quatro jogadas, concluirá que nenhuma delas vai beneficiá-lo a longo prazo. Eu jogaria a torre aqui. Levará mais tempo, mas fará com que chegue mais perto da tomada do rei branco. Xequê em seis. Se o seu oponente não for muito habilidoso, xequê-mate.

O rosto do celta se abriu num largo sorriso.

-Você não me desaponta nem um pouco, menina. E já passou no seu primeiro teste. Agora sente-se e vamos jogar pra valer. Matilda hesitou.

- O que quer dizer com sente-se?

Conn sacudiu os ombros.

- E por acaso sente-se tem algum outro significado que eu desconheça?

- Matilda retrucou irritada ao sarcasmo dele.

- Não, mas não vim aqui para jogar xadrez. Posso fazer isso com os velhos no castelo. Estou aqui para aprender a lidar com armas.

Conn surpreendeu Matilda ficando de pé de um pulo com a rapidez de um raio e derrubando o banquinho, que rolou até

o outro lado do quarto. Agarrou-lhe o pulso com força e o torceu, prendendo-o às costas dela, até ela gritar de dor. Ele ainda segurou um pouco, para ela entender. Matilda prendeu a respiração, mas não reagiu enquanto ele dava sua primeira aula para a jovem aluna.

- Agora ouça bem, menininha. Eu podia ter quebrado seu pulso em dois pedaços. Você é pequena, tem ossos leves, e o oponente médio que enfrentará em batalha terá a constituição de homens, não a sua. Ele será um soldado experiente e não vai se importar se você é mulher, vai tratá-la do mesmo jeito que trata os outros homens que pretende matar. Pior ainda, ele pode se importar muito com o fato de você ser mulher, daí

querer mantê-la viva, tempo suficiente para você desejar estar morta. A questão, irmãzinha, é que, com o seu tamanho e o seu gênero, você não pode lutar contra homens de igual para igual num campo de batalha, se estiver, por acaso, sem uma montaria. Então isso implica você ser mais esperta e mais ágil no combate corpo a corpo do que qualquer um que venha a enfrentar.

Conn soltou o braço dela, gentilmente.

- Por isso, antes de começar suas aulas com armas, quero ver como funciona a sua cabeça.

Ele apontou para o tabuleiro e fez uma mesura teatral.

- Por favor, minha senhora.

Matilda ganhou a partida. Teve de admitir, porém, que não foi o passeio habitual que dava com seus outros adversários enxadristas. Conn era um raro par mental para ela. Aquele era um início auspicioso de um relacionamento que precisava ser baseado em respeito. Matilda ia aprender durante as aulas que havia muita coisa para admirar no intelecto de Conn, assim como na sua habilidade com armas. Ele ficava completamente mudo quando ela fazia qualquer pergunta sobre o seu passado, mas era obviamente um cidadão do mundo e bem-educado. Depois do jogo, Conn escolheu uma espada pequena e leve e jogou para Matilda sem avisar, para observar como a menina ia pegar a arma. Ficou impressionado com a sua rapidez e desenvoltura, em ato reflexo. A primeira aula seria sobre a empunhadura básica da espada, e essas qualidades iam determinar o sucesso dela. Matilda havia dito que um dia queria levar a espada de Bonifácio para a batalha, mas naquele momento a espada do pai tinha a sua altura. Ela ia ter de crescer para usá-la. Foram andando para o campo de treino sob o calor da tarde toscana.

- Quem é Boadicea? - Perguntou Matilda.

- Boadicea?

- E. Quando entrei na sala de armas você disse: "Entre, pequena Boadicea."

- Ah. Você não sabe quem é Boadicea? - Bem, achei que não saberia. Mas devia. Então vou contar a história dos grandes líderes militares, que é importante para a sua formação. Conn apontou para um banco cortado em uma árvore caída, à

beira do campo de treinamento. Ele começou a contar a lenda de Boadicea, e, como era um excelente contador de histórias, herança de seu povo, o relato emergia da sua alma.

- Primeiro você tem de conhecer o grande povo que foi, e que é, o celta. Houve um tempo, irmãzinha, em que as tribos celtas cobriam quase toda a Europa. Nessa época eram chamados de keltos e às vezes de galli, de onde provém o nome da Gália. E aqui na Itália, você sabe, espero, os celtas da Ligúria se instalaram na Toscana, fundando, entre outras coisas, a sagrada cidade de Lucca. Os celtas tinham uma grande paixão pelas dádivas da natureza encontradas na terra e sentiram a presença de Deus nessa terra. Era assim que escolhiam onde morar e onde construir seus lugares de oração. Lucca é um desses lugares. Há outro na França, um lugar chamado Chartres, que é tão sagrado que se tornou o centro de todas as cerimônias espirituais de iniciação das tribos celtas na Europa. - Os olhos de Conn ficaram vidrados com lágrimas. - Chartres. É um lugar de beleza e poder inigualáveis.

Matilda se empertigou à menção de Chartres.

- Isobel me contou de Chartres. A mãe dela era de lá, de um lugar chamado La Beauce.

Conn assentiu com a cabeça.

- La Beauce é a região, Chartres é a cidade no coração dessa região.

- Há uma grande escola lá.

Matilda hesitou um pouco. Não conhecia bem aquele gigante enigmático para falar abertamente sobre as suas crenças espirituais pessoais, especialmente porque agora eles eram considerados hereges pela Igreja ortodoxa. Mas Isobel tinha contado a ela que a escola de Chartres tinha O livro do amor como referência nas aulas. Ela esperou para ver se Conn indicava qualquer conhecimento sobre a irmandade herege na França.

Matilda ficou desapontada. Conn era impenetrável. Ele simplesmente meneou a cabeça e disse, em tom neutro:

- Há, sim.

Matilda tentou mais um pouco.

- Já estive lá?

Ele olhou bem nos olhos da aluna e assumiu o controle da conversa.

- Estive. E essa é outra história, para outro dia. A primeira lição para qualquer guerreiro é não perder a concentração na questão diante de nós. E a questão aqui é a história dos celtas

e a lenda de Boadicea, então vamos voltar a ela.

Matilda meneou a cabeça sem dizer nada e deixou Conn continuar, sem fazer mais perguntas. Mas, nessa breve troca sobre Chartres, ele havia lhe revelado uma coisa, algo que ela pretendia conhecer melhor no futuro.

- As tribos celtas enfrentaram grande resistência de muitos oponentes, mas nenhuma tão perigosa para sua sobrevivência como a dos romanos. Isso aconteceu em toda a Europa, mas especificamente nas ilhas. E lá Boadicea era a rainha guerreira no século I, uma mulher da tribo celta dos icenos. Depois que os romanos invadiram suas terras, ela reagiu e liderou pessoalmente um exército contra as legiões romanas. Saiu vitoriosa na primeira batalha, mas os romanos resolveram puni-la por sua audácia e sequestraram as meninas da sua tribo, inclusive as duas filhas de Boadicea, entregando-as nas mãos dos legionários mais cruéis.

Conn fez uma pausa e lembrou que estava diante de uma menina que ainda era donzela. Não precisava dar os detalhes do estupro em massa imposto às filhas de Boadicea e às outras meninas icenas.

- Basta dizer que elas foram vítimas de tremenda violência e muitas foram assassinadas. Como mãe e rainha, Boadicea resolveu fazer justiça, reuniu um exército celta com qualidade e tamanho nunca vistos antes e atacou os romanos. Ela dizimou as legiões que tinham invadido a região da Anglia Oriental, mas não parou aí. De tão inflamada pelo sofrimento e pela injustiça impostos ao seu povo, ela caiu sobre a grande cidade de Londinium também. E o cerco que comandou a essa sofisticada fortaleza romana foi o mais brutal de que se tem

notícia na história, mas foi igualmente um exemplo de estratégia perfeita, que vamos examinar em outras aulas mais adiante. E isso que você precisa saber sobre Boadicea, além do fato de ela ter sido pintada por artistas com o cabelo da mesma cor do seu.

Conn piscou e puxou uma das tranças de Matilda para enfatizar a anomalia física que marcava o parentesco espiritual das duas.

Matilda escutava, completamente embevecida. O que mais adorava na vida era uma história contada com paixão.

- Quando tentava reunir apoio, Boadicea ficou sabendo que a tribo icena era considerada um bando de bárbaros pelos romanos. E o resultado era que, por isso, alguns aliados hesitavam na hora de juntar-se a ela. Você sabe, os celtas não acreditavam em deixar registros de seus ensinamentos sagrados e sua história por escrito, nem em compartilhá-los com forasteiros, e essa postura fazia com que fossem um perigoso mistério para muitos. Os romanos, por outro lado, usavam a escrita à perfeição e obtinham vantagens na guerra pela arte da propaganda. E tinham feito exatamente isso na guerra contra Boadicea, referindo-se aos icenos e outras tribos celtas como monstros selvagens, não civilizados, que sacrificavam crianças aos seus deuses pagãos. Claro que isso não era verdade, já que os celtas reverenciavam toda vida em seus ensinamentos sagrados. Mas, ao fazer com que o povo acreditasse que estavam livrando o mundo de uma raça de animais monstruosos, os romanos tornaram de certa forma aceitável o massacre de todos os celtas que capturassem.

"Então Boadicea, em sua fúria, resolveu guerrear contra os romanos no campo de batalha

deles. Além do seu poderio militar, contrataria escribas para contar a história do que os legionários tinham feito com as meninas dos icenos, para mostrar quem eram os verdadeiros bárbaros nessa guerra. Nessa época ela adotou um grito de guerra que usaria o resto de sua vida."

Ele parou de falar para ver se Matilda estava prestando atenção. E não se decepcionou. Ela sorvia cada palavra e mal podia esperar para ouvir qual era o grito de guerra da corajosa e vingativa rainha Boadicea. Conn não continuou a história imediatamente, então ela perguntou:

- E qual era o grito de guerra?

Ele deu um sorriso de orelha a orelha.

- Acho que você vai gostar. Boadicea carregava uma flâmula nas batalhas onde se lia: A VERDADE CONTRA O MUNDO. E parou por aí, deixando o moto pairando no ar. A verdade contra o mundo. Matilda ficou sem fala. Era a coisa mais linda que já tinha ouvido. Uma rainha guerreira lutando pela justiça contra um oponente poderosíssimo, carregando sua bandeira pela verdade. Quando ela finalmente falou, foi num tom muito decidido.

- Conn, você deve me ensinar todas as estratégias de Boadicea.

O gigante de cabelo vermelho ficou de pé, com a elegância de uma pantera.

- Bem, então vamos, irmãzinha. Boadicea não derrotou os romanos, sentada num tronco.

E assim começou o treinamento de Matilda com armas, com um mestre que se tornaria seu maior defensor e protetor, mas também um dos melhores professores nos campos de batalha e fora deles. Como acontecia com tudo que Matilda resolvia fazer, ela rapidamente se tornou tão habilidosa que virou uma verdadeira sentença de morte com uma arma na mão. O que lhe faltava em tamanho e músculos, ela compensava com a graça natural do atletismo e com a sagacidade superior no campo de batalha, grande parte devido aos ensinamentos especializados de Conn e à sua cuidadosa compreensão do caráter da protegida.

Quando chegou aos dezesseis anos de idade, a condessa de Canossa era perfeita e completamente capaz de liderar um exército. E, na verdade, estava ansiosa para fazer isso.

Matilda era considerada ousada e destemida pelos que conviviam com ela a maior parte da sua vida, mas a verdade era que tinha um medo enorme do escuro e de ficar sozinha no escuro. Isso era consequência dos sonhos e pesadelos que tinha desde muito pequena. Seus sonhos sempre foram muito vívidos, muitas vezes bizarros e perturbadores. Agora que crescera, compreendia que sonhava com a época de Jesus. Essa era parte da profecia. A Escolhida teria sonhos e visões dos últimos dias da vida do Salvador, mais especificamente de sua crucificação. Até o décimo sexto aniversário Matilda havia sido poupada da visão específica de Nosso Senhor na cruz. Mas, quando acordou na manhã seguinte, no equinócio da primavera, não podia mais afirmar tal coisa.

Matilda estava no meio de uma multidão e à sua volta tudo era caos. Pessoas gritavam,

empurravam. O sol onipresente do início da tarde caía sobre elas, misturando suor com terra nos rostos tensos e furiosos ao seu redor. Estava à beira de uma estrada estreita e a multidão bem à sua frente começou a se movimentar mais. Foi se abrindo um espaço, e um pequeno grupo caminhava lentamente por essa trilha. A multidão parecia seguir esse grupo que foi andando na sua direção. Foi aí que Matilda viu a mulher nitidamente, pela primeira vez. Ela era uma ilha solitária e serena no meio do caos, uma das poucas mulheres na multidão. Mas não era isso que a tornava diferente. Era a sua postura, uma atitude imponente que fazia dela uma rainha, apesar da camada de poeira que cobria suas mãos e seus pés. Estava um pouco desgrenhada, com o cabelo castanho-avermelhado brilhante parcialmente preso embaixo de um véu escarlate que cobria a metade do seu rosto. Matilda sabia que tinha de chegar perto daquela mulher, tocá-la, falar com ela. Sabia exatamente quem era. Mas a multidão em movimento não permitiu, e ela não pôde se aproximar.

- Minha senhora!

No sonho, Matilda gritava, estendendo os braços para a mulher que também estendeu as mãos, olhando para ela com um rosto belíssimo de sofrimento profundo. O rosto era bem proporcional, com feições refinadas e delicadas. Mas eram os olhos dela que iam perseguir Matilda muito tempo depois de o sonho acabar. Enormes e brilhantes de lágrimas não derramadas, com uma cor que ficava entre o âmbar e o verdeclaro, uma luz castanho-clara extraordinária que refletia infinita sabedoria e uma tristeza insuportável. Os olhos impressionantes imploravam em total desespero para Matilda. Você tem de me ajudar.

O momento passou quando a mulher olhou para baixo, para uma menina que puxava sua mão

com urgência. Matilda deu um grito sufocado. Tinha vivido aquela parte do sonho antes, anos antes, quando era pequena. Viu aquela menina puxando a mão da mãe e sabia o que ia acontecer depois. Atrás da menina estava um garoto mais velho, irmão dela. A multidão avançou novamente e o garoto segurou a irmã, para evitar que ela fosse engolida pela massa humana. A menina gritou apavorada, e então Matilda não viu mais as crianças. Começou a chover e, na estranha paisagem não linear do sonho, Matilda estava fora da multidão, mas podia ver sua senhora, Maria Madalena, à frente, com seu véu vermelho. Raios riscavam o céu inusitadamente escuro enquanto ela subia a colina aos tropeços, com Matilda logo atrás. Era uma sensação estranha, de estar observando e participando ao mesmo tempo. Matilda não sabia se era o que ela sentia, ou o que Madalena sentia, pois estava tudo misturado naquela experiência.

Não percebia os cortes e arranhões - seus, de Madalena, não importava. Tinha apenas um objetivo, que era chegar até ele. O barulho de um martelo batendo num prego, metal contra metal, soou com uma finalidade pavorosa no ar. Quando ela chegou ao pé da cruz, a chuva virou tempestade. Ela olhou para ele e gotas do seu sangue respingaram no seu rosto desfigurado de dor, misturadas com a chuva inclemente. Matilda olhou em volta, agora afastada de Madalena, e mais uma vez uma observadora. Podia ver sua senhora ao pé da cruz, apoiando a mãe do Senhor que parecia estar quase inconsciente de tanto sofrimento. Havia outras mulheres com o mesmo véu vermelho em volta delas, abraçadas, uma consolando a outra. Uma mais jovem, de véu branco, no meio delas, chamou a atenção de Matilda. Estranhamente, havia um centurião romano ao lado das mulheres, mas parecia que as protegia e não as ameaçava. A expressão dele tinha algo de bom e dava a impressão de

que estava tão atormentado quanto a família sofredora. Numa breve e súbita visão, Matilda notou que aquele centurião tinha os mais extraordinários olhos azuis. Sem dúvida, as lágrimas ampliavam a sua aparência transparente.

Matilda notou com certo alívio que as crianças não estavam por perto. Em algum ponto da sua consciência, lembrava que Isobel tinha dito que as crianças foram levadas para um lugar seguro antes do terrível acontecimento que mudaria o mundo.

Havia outro romano perto da cruz, de costas para a família de luto. Matilda não conseguia ver o rosto dele, mas alguma coisa na postura desse homem lhe provocava arrepios. Ele deu ordens ríspidas para outros soldados romanos na comitiva perto da cruz. Matilda não entendia as palavras, mas no tom da voz dele havia uma arrogância fria, definitivamente perigosa.

Desejando observar o máximo da cena, ela notou que só havia dois homens com as mulheres. Um era mais velho, dignificado pela dor. Estava com o braço no ombro de um homem mais jovem que parecia prestes a desmaiar. Matilda se lembrou das aulas de Isobel dez anos antes.

- Nosso Senhor tinha um amigo notável que se chamava Nicodemos. Ni-co-de-mos. Nicodemos era um dos dois únicos homens que estavam com ele na hora da sua morte.

Matilda ficou assombrada. O homem mais jovem devia ser Nicodemos, o grande escultor que fez o Volto Santo. Foi então que ela se deu conta de que ainda não tinha olhado para o

rosto do Senhor. Levantou lentamente a cabeça e viu a santa e aterradora visão que estava logo acima. Mesmo em sua agonia, ele irradiava uma luz e uma bondade impossíveis de definir. O cabelo era realmente preto como Nicodemos tinha esculpido, comprido, caindo até os ombros, e tinha também uma barba com duas pontas. Mas eram os olhos o verdadeiro tributo ao talento do artista que mais tarde celebraria sua imagem em madeira. Eram grandes, escuros, profundos e cheios de bondade, como Nicodemos havia retratado. Jesus então olhou para ela, por um breve momento que durou uma eternidade. Ele olhou bem nos olhos dela, e Matilda ouviu quando ele disse, sem mover os lábios:

- Você é minha filha, que me enche de orgulho.

Matilda agora estava chorando, soluçando, suas lágrimas e seu sofrimento misturados com as lágrimas e a dor da família abraçada ao pé da cruz. Ela fazia parte daquele grupo. Estava separada deles. Mas, de algum modo, eles eram um só. Um grito desfez a cena, um som de desespero absoluto que saía dos lábios de Maria Madalena. Matilda olhou para o Senhor na cruz e percebeu imediatamente o que tinha acontecido. O centurião moreno, o arrogante e perigoso que estava perto de Jesus, tinha enfiado sua lança no corpo de Jesus até sair sangue e água da ferida.

Os soluços da Madona Madalena se misturaram com a gargalhada áspera do romano cruel, e Matilda despertou à

primeira luz do dia na Toscana, um milênio depois, do outro lado do mundo.

- O Volto Santo é o retrato maravilhoso do Nosso Senhor. O Mestre, Isobel e Patrício ficaram paralisados quando Matilda entrou na sala fazendo essa declaração. Ela estava desarrumada e obviamente sem dormir, mas a afirmação foi muito enfática e ela não parecia perturbada.

- O que aconteceu, Matilda? - Perguntou Isobel.

Matilda contou para eles o sonho que teve, descrevendo com todos os detalhes o que e quem ela vira e o que achou deles. Descreveu Maria Madalena com pormenores, disse que era linda e que seu sofrimento era imenso, depois descreveu Nicodemos e até os soldados romanos.

O Mestre interrompeu nessa hora.

- Você viu os rostos de alguns centuriões? - Perguntou ele. Matilda fez que sim com a cabeça e o Mestre ficou parado, esperando a resposta.

- Um deles tinha olhos extraordinariamente azuis - disse ela.

- Esse deve ser Pretorus - confirmou o Mestre. - O Libro rosso o descreve especificamente como um romano de olhos azuis. O Mestre ficou muito satisfeito com isso. Matilda ainda não tinha aprendido nada sobre Pretorus e Verônica, já que a história deles fazia parte das aulas futuras, que ela só teria quando atingisse a maioridade, oficialmente hoje. As aulas sobre a sagrada união dos amantes só eram ensinadas depois do décimo sexto aniversário

das iniciadas. O fato de Matilda ter visto Pretorus e de ser capaz de identificar a cor incomum dos seus olhos, já que não podia saber disso por nenhuma outra fonte, era um augúrio poderoso que indicava a autenticidade de sua visão. O Mestre não tinha dúvida disso, mas aquela confirmação era uma bênção.

- Você viu o rosto do outro centurião?

Ela balançou a cabeça.

- O moreno, o que espetou Nosso Senhor com a lança?

- Longinus Gaius - respondeu o Mestre. - Um dia conto mais sobre ele. Mas hoje não.

- Não, não vi o rosto dele. Mas... - Ela parou de falar e engasgou.

O Mestre meneava a cabeça, pois sabia o que estava acontecendo. Para alguém tão jovem e emotiva, aquilo era muito duro de ver. Mas a resposta dela era importante.

- Eu vi o que ele fez. E acho que nunca mais vou esquecer. Também não vou esquecer o som da gargalhada dele quando fez aquilo, nunca, enquanto viver.

O Mestre ficou muito tempo com uma expressão triste antes de responder.

- É, Matilda. E não deve esquecer mesmo, pois foi abençoada com uma visão divina. Cada parte disso é sagrada e deve ser reverenciada, até aqueles momentos que são muito difíceis

de suportar. Continue, minha filha. O que mais você viu?

A voz falhou a primeira vez que Matilda tentou contar seu momento com Jesus na cruz.

- Ele era... tão lindo. E bom. E só pude pensar que seu belo cabelo preto e os olhos eram iguais aos do Volto Santo. E

verdadeiramente o Rosto Santo, porque é o rosto dele. Os quatro conversaram um pouco sobre o sonho. Patrício fez muitas perguntas sobre as pessoas presentes. Para ele, isso era uma grande aventura, uma visão do passado que ganhava vida de uma forma extraordinária. Como membro da Ordem que também atingia a maioridade, ele se interessava muito pela informação sobre os seus fundadores, José de Arimateia e Nicodemos. Matilda contou-lhe tudo que lembrava, falou da dignidade do homem mais velho, que apoiava o mais jovem em sua dor, e de sua absoluta certeza de que não havia mais nenhum homem presente.

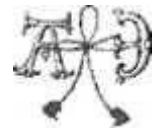
Isobel quis uma descrição completa de Maria Madalena. As duas choraram juntas quando Matilda contou sobre a coragem e o sofrimento impressionantes, diante daquele horror.

- Matilda, temos um presente para você.

O Mestre saiu da sala e, quando voltou, segurava uma caixa de madeira, com o símbolo sagrado do losango alongado na tampa com dobradiças.

- Nós planejamos lhe dar isso hoje, o seu presente da maioridade, e agora ele ficou mais

apropriado ainda. Por isso, em nome da nossa senhora Maria Madalena, e em nome da Ordem do Santo Sepulcro que foi criada por Nicodemos, por José de Arimateia e pelo abençoado Lucas para honrar o nome e a memória dela, oferecemos isso a você com muito amor. Matilda não tinha chorado tanto desde a morte de Bonifácio. Mas o discurso do Mestre valia mais para ela do que qualquer presente concreto, e tinha ficado profundamente emocionada. Ela abriu a caixa e tirou de dentro o anel. Era idêntico ao de Isobel, na forma e no tamanho. O desenho circular das estrelas dançando em torno de um único círculo no centro. Era o selo oficial de Maria Madalena, como fora preservado no Libro rosso. Mas, enquanto o de Isobel era de bronze, o de Matilda era feito de ouro maciço. Era um lindo presente, digno de uma condessa toscana.



Ela pôs o anel no anular da mão direita, o dedo que se acredita estar diretamente ligado ao coração, e coube perfeitamente. - Não vou tirá-lo nunca. Nunca.

Matilda agradeceu a todos profusamente e passou o resto do dia chorando nas aulas. Certamente era a mulher mais abençoada da Toscana por ter aqueles amigos. Pediu a todos que no fim da tarde fossem juntos ao labirinto, para se reunir no centro e rezar o Pai-Nosso da forma especial que era sagrada para a Ordem, dentro de cada uma das seis pétalas. Lá

no centro, ela confirmou sua promessa de construir uma igreja maior para o Rosto Santo,

dessa vez em sinal de gratidão pela visão divina que recebeu.

Foi, sem dúvida, um dos dias mais lindos de uma vida memorável.

E no dia mais sombrio do sacrifício do Nosso Senhor na cruz, ele foi atormentado em sua hora final por um centurião romano conhecido como Longinus Gaius. Esse homem servira a Pôncio Pilatos quando açoitaram Nosso Senhor Jesus Cristo, e sentiu prazer em provocar dor no filho de Deus. E como se isso não fosse crime suficiente para um homem, foi esse mesmo centurião que espetou o lado do corpo do Nosso Senhor com sua lança mortal na hora da sua morte. O céu escureceu no momento da sua passagem deste mundo para o outro, e dizem que naquele momento o Pai do Céu falou diretamente com o centurião.

- Longinus Gaius, hoje, com seus atos perversos, você ofendeu a mim e a todas as pessoas de bom coração. Seu castigo será a danação eterna, mas será uma danação terrena. Você vagará

pela Terra e não terá o benefício da morte, de modo que toda noite, quando se deitar para dormir, seus sonhos serão assombrados pelos horrores que cometeu e pelo sofrimento que causou. Saiba que sofrerá esse tormento até o fim dos tempos, ou até pagar a penitência devida para redimir sua alma maculada em nome do meu filho Jesus Cristo.

Longinus não era capaz de enxergar a verdade naquele momento da sua vida, era um homem sádico e cruel sem salvação, ou pelo menos assim parecia. Mas acontece que ele enlouqueceu com o pronunciamento de sua sentença eterna de vagar no inferno aqui na

Terra. Por isso foi à procura de nossa senhora Maria Madalena, na Gália, para pedir perdão por seus atos. Em sua ilimitada bondade e compaixão, Madalena perdoou o centurião e transmitiu-lhe os ensinamentos d'O Caminho, como faria com qualquer novo seguidor, sem julgá-lo.

O que aconteceu com Longinus ninguém sabe ao certo. Ele desapareceu dos registros escritos de Roma e dos primeiros seguidores. Não se sabe se realmente se arrependeu um dia e mereceu alívio de sua sentença por um Deus justo, ou se vaga pela Terra até hoje, perdido em sua danação eterna. Para aqueles que podem ouvir, que ouçam.

A LENDA DE LONGINUS, O CENTURIÃO, TAL COMO

PRESERVADA NO LIBRO ROSSO

CAPÍTULO OITO

Cidade do Vaticano,

Dias atuais

Maureen segurou o braço de Peter para se equilibrar. Quando entraram por uma das enormes portas da basílica de São Pedro. Houve um tempo na vida em que ela não seria capaz de se forçar a entrar num lugar como aquele, tão profundo era seu ressentimento com os aspectos dogmáticos do catolicismo. Mas a descoberta do evangelho de Maria mudou tudo, fez com que ela mudasse. Maureen ainda tinha sérias reservas quanto à política da Igreja moderna e histórica, mas procurava viver a doutrina do perdão como foi pregada por aquela mulher, ícone da compaixão, contra o preconceito.

Mesmo assim, a basílica de São Pedro, sede do bispo de Roma, era, por definição e desígnio, monumental e assustadora. Maureen respirou fundo e entrou, deixando Peter levá-la para o lado direito logo na entrada.

Maureen tinha ido para o Vaticano ver o padre Girolamo de Pazzi, pois ele requisitara uma reunião com ela. Peter resolveu estar presente para fazer as apresentações e ajudar a prima a passar pelas medidas de segurança, muitas vezes apavorantes, dentro do menor e mais

dogmático país do mundo, a Cidade do Vaticano. Antes da reunião, os dois decidiram procurar sua condessa toscana.

- Primeiro, você precisa ver o gênio. - Peter a levava para o primeiro nicho à direita, onde flashes de máquinas fotográficas e turistas eram sinal certo de algum ícone das artes exposto para o público. Ao se aproximarem, Maureen chegou a ficar sem ar diante da beleza que via. A obra-prima da escultura de Michelangelo, a Pietà, parecia brilhar por dentro. A majestade serena do rosto da Virgem Maria segurando o corpo do filho era sublime e deslumbrante ao mesmo tempo. Maureen esperou a multidão diminuir e chegou mais perto para examinar a escultura, que estava protegida por uma caixa de vidro desde os anos 1980, quando um louco tentou destruí-la com uma marreta.

- Ela parece muito jovem, não parece? - Maureen disse a Peter. - É estranho que essa Maria pareça mais jovem do que o homem em seu colo, que supostamente é seu filho. Você acha possível que ela seja a outra Maria? A nossa Maria?

Peter sorriu e balançou a cabeça.

- Não. Não há uma conspiração aqui, Maureen. Michelangelo explicou isso ainda em vida. A pureza da Virgem era tal que ela devia parecer eternamente jovem.

Maureen aceitou meneando a cabeça, mas não ficou muito convencida pela conveniência daquela explicação. Qualquer que fosse a Maria que ele pretendia retratar, era

espantosamente bela.

- Mas e o pergaminho que Berenger recebeu, aquele com a árvore genealógica que acaba em Michelangelo? O cartão que foi junto dizia: "A arte salvará o mundo." O cartão foi enviado para Berenger pela mesma pessoa que me enviou o pergaminho. Os dois estão ligados.

- E quem enviou o pergaminho para você também a assaltou à mão armada.

- Disso não temos certeza.

- Quem mais seria? Vamos. - Peter fez Maureen virar para levá-la alguns metros adiante por aquela ala. - Vou apresentá-la à enigmática condessa de Canossa. Maureen parou, espantada com o enorme monumento de mármore diante dela.

- Aqui? Num lugar tão proeminente? E perdoe-me por notar, mas tão perto de Michelangelo? Isso seria uma coincidência?

O túmulo de Matilda ficava no segundo nicho da nave, logo adiante da obra-prima de Michelangelo. A majestosa escultura de Bernini que enfeitava o local de descanso de Matilda era uma imagem maior do que o tamanho normal de uma mulher extraordinária. Ela estava retratada como uma deusa guerreira no estilo clássico, de toga e tudo, com um bastão de comando na mão direita, simbolizando ostensivamente suas realizações, como soldado e

estrategista. Sobre o cotovelo esquerdo dobrado, ela sustentava a tiara papal e, espantosamente, na mão esquerda segurava firmemente a chave de São Pedro.

- Que estranho o retrato de uma mulher no Vaticano, segurando a chave da própria Igreja. - Maureen pensou em voz alta antes de virar para Peter. - O que você pensa disso?

Peter traduziu a inscrição sobre o túmulo de Matilda, à guisa de resposta.

- O Santo Pontífice, Urbano VIII, transferiu os ossos do mosteiro de San Benedetto Mantua, da condessa Matilda, mulher de alma viril e defensora da Sé Apostólica, famosa por sua piedade, celebrada por sua generosidade. Com eterna gratidão e louvor merecido, no ano de 1635.

- Fascinante, mas ainda não explica por que ela está segurando os símbolos do papado nas mãos.

- É, de fato não explica. - Peter sorriu para ela.

- Mas você sabe de alguma coisa que não me contou, não é?

- Psiu. - Peter olhou em volta disfarçadamente. Aquele era o lugar em que as paredes realmente tinham ouvidos. - Sim, terminei uma grande parte da tradução ontem à noite. Vamos examiná-la hoje à tarde.

- Você está me matando de curiosidade.

- Eu sei, mas não posso fazer nada. Nesse meio-tempo, vou mostrar a você outras esculturas de Bernini que estão aqui. São magníficas, e a amante de arte que existe em você vai apreciá-las.

Ele levou Maureen para o ponto central da basílica, o bizarro baldaquino de Bernini, a peça central de bronze embaixo da cúpula que era uma tentativa do artista de misturar arte com arquitetura, escultura e espiritualidade. Ele criou um imenso dossel de bronze, apoiado sobre colunas retorcidas elaboradamente talhadas, que afirmava virem de um desenho feito pelo próprio Salomão para o primeiro Templo. O

baldaquino foi erigido para marcar o túmulo de São Pedro no centro da basílica, encomendado pelo agora enigmático papa Urbano VIII.

Nos nichos em volta do baldaquino havia estátuas superdimensionadas de figuras do século I. Maureen reconheceu imediatamente Santa Verônica com seu véu, mas ficou confusa diante da enorme figura que parecia ser um centurião romano com uma lança.

- Quem é esse?

- Longinus Gaius. O centurião que feriu Jesus na crucificação. Maureen estremeceu. O caráter de Longinus tinha sido muito bem descrito no evangelho de Maria Madalena em seu relato da Sexta-feira da Paixão. Era um homem frio e cruel, que ficou famoso por aumentar

o sofrimento de Jesus na cruz. Não era estranho que Bernini tivesse criado uma imagem tão bela e majestosa para ele no coração do Vaticano?

Peter respondeu à pergunta de Maureen.

- Acredita-se que Bernini criou estátuas que correspondiam às relíquias sagradas que já estavam aqui. Urbano VIII, ao que parece, era um caçador de relíquias. Por exemplo, o véu de Verônica devia ser guardado embaixo da escultura dela. A Lança do Destino, como foi chamada a arma de Longinus, devia ficar aqui com ele. Mas o Vaticano afirma só ter um pedaço da lança. Um museu na Áustria diz que tem outro pedaço, e o resto dela desapareceu séculos atrás. Dizem que, como a Arca da Aliança, ela possui poderes mágicos e que era uma das relíquias mais cobiçadas da história.

- A lança do destino? - repetiu Maureen.

Peter olhou para o seu relógio e encerrou a excursão pela basílica. Era hora da reunião no escritório da confraria.

Maureen não sabia bem o que esperar, mas certamente não era aquilo. Padre Girolamo era incrivelmente lúcido e animado para a sua idade avançada, mas não foi essa a surpresa. Surpreendente era o fato de ele ser charmoso, simpático e parecer sinceramente interessado em deixá-la à

vontade. Ele pediu chá na sala dele, e Maureen o bebeu, feliz de ser a bebida forte irlandesa

que ela preferia, curiosa de saber por que um padre toscano tinha chá de County Cork na sua despensa.

Peter deixou os dois sozinhos para poderem conversar com privacidade. Preparou Maureen para a reunião mais cedo aquele dia, informou a especialidade do padre e também alertou-a para ter cuidado. Padre Girolamo de Pazzi tinha razão. Alguém estava usando Maureen, e eles precisavam saber quem era.

- Você acha que quem me enviou os pergaminhos e aos meus amigos e os bandidos que nos roubaram eram os mesmos? - Perguntou Maureen.

- Sim, eu acho. Se não se importar, descreva o que eles levaram exatamente, por favor.

Maureen explicou como a menina lhe deu o livro vermelho, que depois foi tomado pelo bandido armado. Não deu mais informações além dessas. A partir desse momento, Maureen e Peter não tinham contado a ninguém do Vaticano sobre a autobiografia de Matilda. Aprenderam aquela lição quanto à

entrega dos documentos originais e guardaram segredo. O velho padre continuou a fazer perguntas.

- Você nunca viu o conteúdo do livro?

- Não. Estava trancado, e o assaltante o roubou antes que eu pudesse dar uma olhada.

- E o que pensa que era?

- Realmente não sei. Sinto muito. Tudo aconteceu muito rápido.

Padre Girolamo mudou de assunto.

- Está disposta a conversar comigo sobre seus sonhos e visões?

- Pergunto porque sou apaixonado por isso, mais do que por qualquer outra coisa. Mas é claro que, se puder lhe dar algum conselho, terei o maior prazer. É importante que saiba que pode confiar em mim. Acima de tudo, quero protegê-la de quem está tentando usá-la.

Maureen achou que devia contar-lhe alguma coisa, já que tinha sido tão deliberadamente obtusa quanto ao livro vermelho.

- Claro. O que o senhor quer saber?

- Você tem visões de Maria. Visões acordada, além dos sonhos.

- Tenho. Mas não é a nossa Maria.

- Você nunca viu a mãe do Senhor? Ela nunca apareceu para você?

- Não.

Maureen não estava sendo lacônica de propósito, mas, na melhor das hipóteses, ficava resabiada com os homens da Igreja, e não queria revelar muita coisa. Velhos hábitos não acabam de um dia para o outro, e ele ainda não tinha dado motivos para merecer sua confiança. Girolamo continuou a perguntar, gentilmente:

- Seu primo me disse que você sonha que Nosso Senhor fala com você.

Procurando ser diplomática, Maureen deu uma descrição resumida de seus sonhos recentes e recorrentes que tinham como personagens Jesus e O livro do amor.

- E esse livro que ele aparece escrevendo - interrompeu o padre, interessado em alguma coisa que ela disse. - As páginas, por acaso, tinham uma luz azul em volta?

Maureen quase cuspiu o chá, espantada.

- Tinham. Como sabia disso?

- Porque já ouvi isso antes.

- De quem?

Ele balançou a cabeça.

- Foi uma consulta confidencial, minha querida, por isso não posso revelar a fonte. Assim como não contarei a ninguém o que você relatar aqui. Você sabe por que as palavras nas

páginas brilham com luz azul?

Maureen disse que não, e ele explicou:

- Porque todos os evangelhos são escritos para aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para escutar. Até o cânone como o conhecemos hoje tem profundas camadas de significado que nem todos conseguem ler ou interpretar de imediato. Se Nosso Senhor realmente escreveu um evangelho, é possível que tenha escrito de forma tal que nem todos os ensinamentos ficassem à disposição de qualquer um que tentasse lê-lo.

- Mas por que Jesus escreveria um livro que nem todos podem ler?

- Porque não escreveu numa época em que havia todas as formas de impressão e de distribuição em massa, sabendo que bilhões de pessoas poderiam um dia ler essas palavras. A sua intenção não era que todos lessem. Ele escreveu numa época em que o livro seria uma ferramenta de ensino nas mãos de um apóstolo treinado, alguém que saberia como interpretar o que ele queria que soubéssemos, de um modo bastante específico.

Maureen meneou a cabeça.

- Então seria uma precaução de segurança?-Para evitar que o livro fosse usado contra ele ou contra seus seguidores como blasfêmia, se caísse em mãos erradas*?

- É bem possível. Não podemos ter certeza. Mas você está

vendo? -Eu pude esclarecer alguma coisa sobre os seus sonhos, embora você tenha relutado em vir até aqui. Não encontrará ninguém no mundo com mais experiência na compreensão das visões do que eu. Espero que fique à vontade para me procurar a qualquer hora, se tiver de conversar mais sobre isso. E por favor, pela sua segurança, informe-nos imediatamente se for contatada por qualquer fonte externa. Maureen agradeceu o chá e a conversa educadamente, e aceitou o convite para assistir às apresentações da confraria sobre a aparição de Nossa Senhora em Knock. Sabia que significaria muito para Peter o fato de ela não estar prejudgando todos os homens da Igreja. Afinal, Tomas DeCaro acabou sendo um aliado de valor em sua busca por Maria Madalena. E padre Girolamo foi muito simpático. Talvez houvesse realmente alguma esperança de que esses homens da Igreja caíam em si um dia e deixariam a verdade entrar em seus corações. Esse foi o desejo secreto que acalentou enquanto atravessava o Tibre para voltar para o hotel.

Maureen sentiu o perfume dos lírios antes mesmo de abrir a porta. O quarto estava cheio deles. Ela sorriu, dessa vez com certeza de que sabia quem era o responsável por isso. Berenger Sinclair persistia nos telefonemas desde o incidente em Orval, mas Maureen não teve oportunidade de falar com ele. Trocaram mensagens algumas vezes, mas nenhum contato direto. Sabia que ele estava preocupado e desejava o conforto e a segurança que sentia na presença dele. Maureen não gostava da ideia de ter de negociar uma trégua entre Berenger e Peter, mas era evidente que não podia ignorar por muito mais tempo a briga dos dois.

Berenger não era homem para ser ignorado ou recusado. O

cartão que acompanhava as flores dizia:

Estou na suíte do quarto andar, jantar às oito?

Maureen sorriu. Bem, pelo menos ele avisou com certa antecedência. Tinha três horas para tomar um banho e se vestir.

Ela abriu a janela panorâmica do quarto para admirar a magia da praça. A fonte gorgolejava em torno do obelisco de granito, turistas sentavam nos degraus de mármore, tiravam fotos e comiam panini. Um deles olhou diretamente para Maureen, e ela levou um susto. Sentado nos degraus ao lado da fonte, olhando para o quarto dela, estava um homem que Maureen tinha visto antes - um homem de blusão escuro com capuz e grandes óculos escuros.

Roma,

Dias atuais

Inútil.

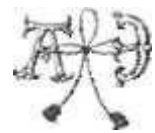
A reunião nada produtiva havia acabado, e o líder dos homens encapuzados ficou sozinho para pensar na sua estratégia em silêncio. Tirou o capuz azul-marinho e o jogou longe com desprezo. Os recrutas mais jovens tinham muita paixão, mas lhes faltava o bom-senso. Gostavam de portar armas e de brincar de bandido e mocinho, mas que Deus nos livrasse de precisar que um deles pensasse. E ele estava ficando muito velho para carregar esse peso

nas costas sem ajuda competente. Até a curta viagem até a Bélgica o deixara extenuado.

Aquele idiota realmente se deixou avistar na praça. Agora eles teriam que contratar uma cara nova para a missão de seguir a mulher Paschal. Era exaustivo.

Também não se surpreendeu com o fracasso da caçada deles ao tal Destino. Ele era escorregadio, como sempre foi. Sempre.

Destino tinha muitos esconderijos em todo o continente e podia estar em qualquer lugar. Era possível que estivesse na Itália ou na França, mas ele já havia recorrido a refúgios na Suíça, na Bélgica e na Holanda. E tinha muitos aliados, usara muitos nomes diferentes durante muitos anos, por isso era impossível rastreá-lo quando não queria ser encontrado.



E era óbvio que, naquele momento, Destino não queria ser encontrado.

Há três promessas feitas no início dos tempos, todas sagradas. A Primeira Promessa é para Deus, sua Mãe e seu Pai no Céu. Representa sua missão mais divina, o que você veio realizar à

imagem dos seus Criadores. É a razão da encarnação, da intenção mais pura da sua alma.

A Segunda Promessa é para a Família do Espírito na qual você

foi criado e à qual pertencerá por toda a eternidade. Representa o seu relacionamento com cada uma das almas da sua família e o seu acordo em ajudá-las em sua missão, e elas a você.

A Terceira Promessa é para você mesmo. Representa como você deseja aprender, crescer e amar dentro do contexto da encarnação.

Abrace essas promessas que fez, pois elas são sagradas acima de tudo. Lembre-se delas e trate-as com carinho, pois assim conhecerá a maior felicidade que a humanidade pode ter. Não faça nada que saiba ser contra suas promessas sagradas, pois essa é a definição de pecado.

Para aqueles que podem ouvir, que ouçam.

D'O LIVRO DO AMOR, TAL COMO PRESERVADO NO LIBRO

ROSSO.

Florença

Primavera de 1062

Matilda estava profundamente feliz, apesar de exausta. O

tributo emocional do sonho profético da noite anterior e o dia cheio de acontecimentos com a Ordem começavam a pesar. Mesmo assim, seu décimo sexto aniversário não tinha acabado, já que Beatriz e Godofredo estavam oferecendo um luxuoso banquete em sua homenagem. Olhando em volta no salão de banquetes, ela fez uma rápida prece para agradecer ao Senhor. Era muito abençoada de, mais uma vez, poder estar cercada de tanta gente que a amava. O livro do amor enfatizava a gratidão como prática diária, e ela estava definitivamente grata aquela noite.

Depois da sobremesa de bolo de castanhas, seu padrasto ficou de pé para fazer uma declaração.

- Minha querida Matilda, para comemorar sua maioridade, encomendamos um presente especial para você.

Conn se adiantou, carregando uma grande caixa de madeira. Ele estava todo arrumado e enfeitado para a ocasião. Matilda nunca vira Conn assim antes. Com o cabelo grosso e vermelho macio e limpo, usando as vestes luxuosas de um cavalheiro,

havia

se

transformado

num

homem

extraordinariamente belo. Mais tarde Matilda ia notar que muitas mulheres no salão prestavam atenção especial no celta viril. Sem dúvida, se não preferisse passar o resto da noite sozinho, ele poderia escolher entre as mulheres solteiras na festa e, se fosse discreto, talvez até algumas casadas, já que olhavam para ele como lobas famintas. Naquele momento, porém, só se concentrava em Matilda.

- Para você, irmãzinha.

Ele tirou a tampa com um floreio. Matilda espiou dentro da caixa e sufocou um grito. Cintilando à luz das grossas velas de cera de abelha, havia lá dentro um mar de cobre e de bronze que ondulava. Ela tirou a malha de metal da caixa e ficou surpresa com seu peso. Conn a ajudou, e, diante dela, juntos ergueram uma armadura completa, feita a mão, com elos separados de malha encostados ao seu corpo. Mas não era a malha tosca de um guerreiro comum. O metal fora mergulhado no cobre e polido até adquirir muito brilho, de modo que era um complemento perfeito para a cor do cabelo de Matilda. O pesado colarinho de bronze que vinha junto servia para proteger seu pescoço delicado, mas fora feito para competir com a beleza do colar de Cleópatra, com águasmarinhas incrustadas, combinando com a cor dos olhos da dona.

Matilda ficou maravilhada com a beleza e o carinho do presente. Descobriria mais tarde

que Godofredo e Beatriz encomendaram e pagaram aquela armadura tão cara, mas que foi Conn que cuidou da manufatura. Ele supervisionou cada detalhe do desenho e do projeto. Conn se assegurou de que a armadura serviria para dar-lhe proteção máxima, mas também enfatizou que devia ser uma roupa que inspirasse o povo da Toscana a se unir e apoiá-la quando cavalgasse com suas tropas. O celta contador de histórias exigiu nada mais, nada menos do que uma armadura à altura da lendária rainha guerreira que seguiria os passos de Boadicea.

E muitos anos depois Matilda também acabaria descobrindo que, durante a confecção do presente, Conn tinha rezado sobre a malha diariamente. Ele derramou água benta na armadura, uma água especial e abençoada tirada do antigo poço de Chartres. Invocou Deus e os anjos para darem proteção divina à sua irmãzinha em espírito, a mágica condessa guerreira que ele havia jurado proteger. Foi uma promessa que fez muito tempo atrás, uma promessa para Deus, e que pretendia cumprir a qualquer custo.

As fortunas do papado continuavam a diminuir e minguar, e as grandes casas da Europa travavam uma longa e sangrenta batalha pela alma de Roma, a cidade que veria quase vinte papas chegarem e partirem durante a vida de Matilda. Foi nesse clima que um jovem arquidiácono de uma influente família romana, Hildebrando Pierleoni, chegou a Florença para se reunir com o duque de Lorena e seus conselheiros. Chamado de Brando pelos amigos íntimos, esse político romano da família mais rica da região era politicamente bem-sucedido e muito sábio para a idade. Era um homem bonito e dinâmico, com feições marcantes e olhos inteligentes que chamavam a atenção pela cor acinzentada, bastante incomum entre os romanos. Mas não eram só os olhos que o distinguiam. Brando Pierleoni

tinha um raro carisma que irradiava dele quando apareceu na sala de reuniões do palácio florentino do duque.

Godofredo de Lorena cumprimentou-o com simpatia.

- Estamos honrados com a sua companhia e prestamos nossas condolências pela perda do seu amigo e nosso querido Santo Padre.

Brando reagiu à saudação com a mesma simpatia. Havia uma tristeza sincera em sua expressão quando comentou a morte recente do papa Nicolau.

- Ele era um grande homem e sentirei sua falta o resto da vida. Foi um dos meus melhores mestres.

- E você não teve poucos bons mestres. - Godofredo queria que ele soubesse que era bem informado sobre a história ilustre do jovem na política papal. - Seu tio também foi um grande homem.

Brando Pierleoni era sobrinho do falecido papa Gregório VI, um pontífice que fora enviado para o exílio por Henrique III, o mesmo imperador perverso que aprisionou Matilda e Beatriz enquanto confiscava as terras delas. Brando, diplomático, acompanhou seu perseguido tio até a Alemanha, atuou como agente de ligação de sua família durante o difícil período do exílio e ganhou fama como conselheiro inteligente e valioso nas questões da política romana.

Ele aproveitou bem e sabiamente seus dias em solo alemão, considerando aquele tempo uma missão em busca dos fatos para entender os motivos e as abordagens do rei, e para aprimorar sua educação nas melhores instituições de Colônia. Mais que tudo, ele desenvolveu um profundo senso de retidão e justiça, e passou a defender a ideia de que a interferência de um governante secular, especialmente aquele, tão ganancioso e inescrupuloso, sobre os assuntos da Igreja, era simplesmente inaceitável. Em segredo, naqueles dias sombrios e longas noites do inverno alemão, ele jurou dedicar-se à reforma das leis da Igreja de modo que ficasse imune à influência secular, para que nenhum rei controlasse a ascensão papal. Brando desdenhava a hipocrisia que via à sua volta e jurou trabalhar para criar um ambiente em que todos os homens da Igreja tivessem o mesmo padrão de integridade. Exigia que todos os padres e bispos defendessem algo além da segurança de suas posições e da riqueza acumulada para si mesmos e suas famílias. Ele seria suficientemente ousado para realinhar cada estrutura de poder da Europa, se fosse preciso, para garantir que

as

questões

espirituais

fossem

administradas

exclusivamente pelo papado, para sempre. Só então Roma seria bastante forte e digna do apóstolo Pedro, em nome de quem existia. Esse foi o juramento que ele fez e que repetia diariamente, com absoluto fervor.

Quando Nicolau II ascendeu ao trono de São Pedro, seu primeiro ato foi declarar o sábio Brando Pierleoni seu arquidiácono encarregado das operações fiscais, apesar de Brando não ser um padre. Ele continuou sendo um político secular, mas era conhecido por ter uma espiritualidade profunda e considerado extraordinário em sua piedade entre os cidadãos de Roma. No entanto, ninguém tinha chegado a posição tão alta na Igreja sem prestar os votos. Era apenas o início do que seria a escandalosa ousadia de Pierleoni. Em poucos meses, Brando redigiu um audacioso decreto de eleição que deixou a Europa atônita. Esse decreto determinava que as famílias romanas e o rei alemão não poderiam mais influenciar a eleição papal. Um seletivo grupo de cardeais, chamado de Colégio dos Cardeais, é que determinaria o papado daquele dia em diante. Brando não queria arriscar nada. Estava criando um processo pelo qual nem a família real alemã, nem a aristocracia romana poderiam empregar um papa títere em interesse próprio. Nunca mais.

Foi esse decreto de eleição que levou Brando a Florença para se reunir com o duque de Lorena e sua facção. Com a morte do papa Nicolau, um novo papa seria eleito usando a invenção de Brando pela primeira vez, o Colégio dos Cardeais.

- Brando, vou falar claramente. Nós gostaríamos que você

indicasse o bispo de Lucca, Anselmo di Baggio, como sucessor do Santo Padre. Ele é, como

sabe, um fervoroso reformista, como você. E também se opõe ao envolvimento alemão na política romana, que sei que é uma causa abraçada por você. Brando assentiu com a cabeça. Godofredo ficou maravilhado com a segurança do jovem enquanto avaliava a proposta. O

arquidiácono

era perfeitamente cortês, mas estava

obviamente no controle da situação atual. E sua inteligência era admirável. Godofredo conseguia ver Brando calculando, processando e pensando o tempo todo que estiveram reunidos. E quando respondeu, foi com muita sagacidade em relação à conjuntura e à história.

- Anselmo é um bom homem e a escolha sensata por muitos motivos, mas ele é também um risco. Uma vez liderou uma rebelião declarada contra Henrique, por isso será visto como um ato de agressão à Alemanha, se o pusermos no trono papal.

Godofredo retrucou:

- É, mas os alemães vão considerar qualquer eleição por esse chamado Colégio dos Cardeais que você criou como um ato de agressão. E melhor ter um papa que enfrentará todas as ameaças com firmeza, tanto contra o papado como contra nossos senhores italianos.

Os dois homens discutiram os méritos do bispo de Lucca tarde adentro e acabaram

chegando a um acordo que forjou um novo e poderoso laço entre a Casa da Toscana e Brando Pierleoni, um laço que seria mantido por muito tempo. Duas semanas depois, Anselmo di Baggio, antigo bispo de Lucca, tornou-se o papa Alexandre II, em consequência da primeira eleição legal sob o novo decreto. A instituição que ia selecionar o papa nos mil anos seguintes, o Colégio dos Cardeais, tinha sido criada.

Os bispos alemães e a aristocracia do Norte ficaram furiosos com a escolha de um homem que demonstrava e proclamava publicamente sentimentos anti-germânicos. Exigiram que sua rainha regente, Agnes de Aquitânia, se opusesse a esse papa em nome do jovem rei Henrique IV. Agnes nunca foi educada para o esporte sangrento da política papal e se viu sem recursos para realizar qualquer uma das tarefas que punham diante dela. Ela não se pronunciou nem agiu de forma alguma nesse sentido, então o bispo de Colônia, um homem ambicioso chamado Anno, instigou um complô diabólico. Anno raptou o seu próprio soberano e manteve Henrique prisioneiro em seu barco. O bispo Anno exigiu que Agnes renunciasse à regência e voltasse para a França, deixando o menino nas mãos dos bispos que iam criá-lo para ser o verdadeiro rei do povo alemão.

Aos onze anos, Henrique IV tinha ficado ainda mais arrogante,

autoritário

e

petulante.

Censurou

seus

sequestradores por arrancá-lo da segurança da companhia da mãe e por provocar traumas muito sérios. Os sequestradores, por sua vez, membros do primeiro escalão da Igreja alemã, paparicaram Henrique o tempo todo, num esforço de atenuar sua culpa. Eles o mimaram com maior eficácia e corrupção do que sua débil mãe seria capaz de fazer, e o transformaram numa criatura muito mais lasciva. Criaram um monstro. Quando ele chegou à idade em que podia governar, aos quinze anos, Henrique IV denotava uma propensão para extravagâncias e excessos sexuais que incluíam prostitutas, orgias e o que se tornariam perversões lendárias. E se sabia que os bispos que providenciavam os meios para Henrique se satisfazer em seus pecados participavam de tudo com igual prazer.

A mãe de Henrique, em Aquitânia, tornou-se sua amarga inimiga. Ao saber da depravação em que o filho estava metido, a nobre e piedosa mulher o deserdou e se aliou ao povo contra a coroa alemã. A deserção final da mãe fez com que a cabeça do perturbado Henrique perdesse o juízo, definitivamente. A completa falta de influência feminina depois dos onze anos distorceu ainda mais sua psique, e o jovem rei virou um misógino sádico e violento. Se não fosse rei, teriam descoberto antes que ele era um perigoso psicopata. Histórias terríveis sobre corpos de mulheres jovens que tinham de ser retirados discretamente depois que Henrique tinha uma de suas periódicas crises de violência e luxúria começaram a circular. Sem dúvida, os religiosos corruptos que o cercavam alimentavam a ideia de que as mulheres existiam para satisfazer seus desejos mais vis e

para mais nada. Com certeza, a traição e a fraqueza da mãe dele provavam que as fêmeas não tinham utilidade política e que não se podia confiar a elas qualquer poder. Pior, que não se podia confiar nelas para nada e que mereciam o destino que ele lhes impunha.

Os mesmos bispos do Norte que controlavam o poder e a fortuna de Henrique tomaram a decisão militar de enviar um grupo de mercenários armados para Roma, para levar um homem deles ao trono papal à força. Quando ficou resolvido que uma tropa da Toscana iria para Roma defender a posição do papa Alexandre, Matilda, agora com dezoito anos, insistiu em juntar-se à escolta. Para ela, era uma causa importante. Alexandre era seu papa, um cidadão íntegro e forte de Lucca e secreto defensor da Ordem. Ela lutaria por ele até a morte, se fosse necessário.

Matilda entrou em Roma ao lado de Conn, liderando um grupo impressionante de guerreiros toscanos e envergando sua armadura polida que cintilava à luz do sol. O povo de Roma ficou ao mesmo tempo escandalizado e empolgado com aquela jovem condessa guerreira cintilante que chegava para defender seu pontífice.

Conn teve o cuidado de manter Matilda fora da luta mais renhida, mas no fim do dia teve de admitir que ela guerreou com garra e com sabedoria. Mas o resultado infeliz para as forças toscanas foi uma batalha sangrenta com perdas pesadas dos dois lados e ninguém apto a bradar vitória. Brando Pierleoni acompanhou seu novo papa, Alexandre II, de volta para a segurança de Lucca, sob a proteção da guarda toscana. Matilda cavalgou na frente com Conn para informar a Florença, mas antes disso Brando viu de relance a extraordinária jovem que já estava se tornando uma lenda. A última visão que teve dela foi de costas, uma visão de

luz acobreada, refletindo o sol no Tibre. Então, de repente, um raio de sol incidiu no rio de tal forma que produziu um clarão naquela visão, deixando-o momentaneamente cego com sua intensidade branca.

E Brando teve o pressentimento de que seus caminhos iam se cruzar novamente.

Henrique IV também estava em Roma quando Matilda chegou à cidade promovendo aquele espetáculo de glória. Foi uma imagem que lhe queimou os olhos e provocou ainda mais sua cada vez maior psicose. Agora a cadela da sua prima estava criando problemas com sua rebeldia pública, ostentando sua riqueza e seus secretos comportamentos heréticos. O povo da Toscana ia pagar por apoiar algo tão pervertido como uma senhora da guerra. Ele trataria disso sem dúvida nenhuma. E lidaria com ela depois, de forma muito pessoal. Henrique ainda sonhava com ela à noite, sonhava com a sensação de passar as mãos no profano cabelo vermelho da prima anos atrás. Ele ainda guardava um cacho do cabelo de Matilda e não lhe faltavam ideias de torturas que imporia a ela, quando chegasse a hora. O cativo em Bodsfeld ia parecer bem diferente no próximo encontro deles. Então não tinha ficado acordado na cama anos a fio, imaginando essas coisas com requintes detalhados? Era uma das obsessões mais profundas daquela mente pervertida, cheia de fixações doentias.

Os alemães acabaram sendo forçados a ceder o papado ao reformista de Lucca, que foi investido papa Alexandre II, oficialmente e sem disputa. Henrique culpou Matilda pela parte que desempenhou naquele enorme fracasso. O ódio que sentia dela não podia ser maior.

Para a Ordem do Santo Sepulcro um papa lucchesi era a realização de um sonho. Podia ser a primeira vez que um herege de uma família antiga chegava ao papado, mas certamente não seria a última.

A notícia da confirmação de Alexandre deu a Matilda motivo de grande comemoração. Agora, com a ajuda do papa Alexandre e de seu sobrinho Anselmo, que viria a ser o novo bispo de Lucca no lugar dele, Matilda podia finalmente cumprir sua promessa da infância. Ela cuidaria para que uma igreja digna fosse construída para abrigar o Volto Santo. A igreja antiga e em ruínas de San Martino tornou-se uma grande catedral, reconstruída sobre os velhos alicerces, sob seu entusiasta patrocínio. Matilda, como condessa de Canossa, compareceu à cerimônia de consagração com a facção de Lucca, ao lado do Santo Padre, o papa Alexandre II. O Santo Rosto agora estava numa igreja grandiosa, à altura de Nicodemos e de sua obra-prima. Matilda finalmente fizera algo que acreditava ser justificativa para o Senhor ficar satisfeito com ela.

Isso era apenas o começo.

Florença

1069

- Sente-se, Matilda.

Beatriz gemeu, exasperada. Tinha a sensação de ter passado a metade da vida dizendo essa

frase à filha inquieta que raramente ficava parada. Essa filha, agora com vinte e três anos de idade, linda demais e muito segura, era uma poderosa força política na Toscana e além. Controlá-la com qualquer tipo de autoridade materna estava se tornando cada vez mais difícil para a matriarca Beatriz.

Com Conn ao seu lado, Matilda levou exércitos dos Apeninos aos Alpes para proteger seu amado papa Alexandre das forças cismáticas que foram subornadas para apoiar Henrique, o antipapa. Em 1066, ela cavalgou do lado direito do padrasto na batalha final que dizimou os últimos apoiadores do antipapa e, quando terminou, foi aclamada vitoriosa, cercada por homens que bradavam o grito de batalha que a seguiria em toda a sua carreira militar: "Por Matilda e por São Pedro!" Em todos os relatos, Matilda lutou com a mesma ferocidade e garra de seus compatriotas masculinos. Além disso, os homens a adoravam e a seguiam sem questionamento ou reclamação. Conn havia observado, bastante atônito no início, que a adulação deles não era apesar do fato de ela ser mulher e sim justamente por ela ser mulher. Em parte, o crédito disso era dele, já que admirava abertamente Matilda e elogiava seu valor como líder militar. O gigante celta, que compreendia o poder do mito e da propaganda, acrescentava mais combustível aos sentimentos dos homens, muitas vezes comparando Matilda com as lendárias mulheres da história. Os soldados ouviam atentamente quando Conn tecia suas histórias mágicas em volta da fogueira do acampamento, histórias sobre a rainha das Amazonas Pentésiléia, que cortou fora um dos seios porque atrapalhava na hora de empunhar seu arco e flecha quando lutava contra os gregos, defendendo Tróia; a egípcia Cleópatra que desafiou o poder de Roma; a assíria Zenóbia que governou o maior reino do mundo antigo. O tempo todo ele fazia comparações

com Matilda e enfatizava sua superioridade. Sussurrando, ele contou a eles a profecia d'A Escolhida quando Matilda não estava por perto, explicando que ela foi escolhida por Deus para liderá-los. Os soldados se consideraram parte de uma nova mitologia, como os homens que formavam um grande grupo de guerreiros em torno de uma mulher que seria lembrada para todo o sempre por realizar seu extraordinário destino. Todos eles se tornariam a matéria da lenda. E ser lembrado na história, dizia Conn, era um tipo especial de imortalidade. Mas os homens não eram apenas seguidores cegos da sua estratégia inteligente. As tropas reconheciam e seguiam a grandeza, e viam essa grandeza na força e na estratégia de Conn e no espírito de Matilda. Eles também seguiam a nobreza, que era um traço natural daquela pequena condessa guerreira, assim como seu cabelo lendário. A própria natureza de Matilda inspirava nos homens feitos de grande bravura. E foi com essa combinação de coragem e valor, de coração e espírito, e da poderosa mitologia, que Matilda de Canossa tornou-se uma lenda de proporções quase épicas na Itália, quando estava com vinte e três anos. Era chamada de Matilda, a Donzela, pelo povo que saía das aldeias para vê-la passar a cavalo com sua armadura de cobre e para saudá-la gritando.

- Por Matilda e por São Pedro!

No momento presente a lenda encarnada andava de um lado para outro no quarto da mãe, obviamente muito inquieta. Ela retrucou imediatamente para Beatriz:

- Não quero sentar, mãe.

- Está bem. Você pode ouvir essa notícia de pé ou sentada, para mim dá no mesmo. Mas vai

ouvir, Matilda. Você

conseguiu escapar dos termos do seu noivado por sete anos. Godofredo permitiu isso e eu também, por motivos diferentes. Devemos dar crédito a Godofredo, pois ele acha que você não vai encontrar muito que amar no filho dele e gostaria de protegê-la desse destino, se pudesse.

O filho único de Godofredo, de seu primeiro casamento, era herdeiro das fortunas de Lorena, e Matilda estava comprometida com ele desde a morte do pai dela, quando tal união se tornou necessária. O fato de o jovem duque ser conhecido como Godofredo, o Corcunda, não fazia dele o marido mais desejável para uma jovem sensual que tinha sido criada com uma visão de exaltação do amor. Um homem que era mais famoso por sua deformidade do que por qualquer outra qualidade não era nada atraente para uma mulher que tinha estudado a santidade da câmara nupcial e que sonhava com a união sagrada dos amantes em sua forma mais romântica. Ela fantasiava que encontraria a exaltação da paixão de Salomão com a rainha de Sabá, de Verônica com Pretorus, como havia aprendido na Ordem. E isso não parecia possível naquelas circunstâncias em que o destino queria se impor a ela por meio da sua mãe, que no momento estava muito refratária. Além do mais, seu padrasto não falava muito do filho, o que indicava que ele devia ter mesmo uma personalidade desagradável.

- Nunca voltarei para a Alemanha e você, mais do que ninguém, devia entender isso. Não pode me pedir para deixar a Toscana. É parte da minha alma. Meu sangue corre neste lugar e vou morrer se me forçar a sair daqui. Meu pai jamais teria feito uma coisa dessas comigo.

Beatriz suspirou e se ajeitou na cadeira. Já esperava e temia isso.

- Você vai para Lorena, e Lorena é parte da sua herança. E a minha herança, Matilda, e o legado de ninguém menos do que Carlos Magno, que é muito bom, até para você. Já é hora de você assumir essa sua parte e de reconhecer essa honra. E, por acaso, o palácio em Verdun é muito grandioso e elegante. Muita gente pensaria estar no paraíso vivendo num lugar como aquele.

- Então será uma prisão grandiosa e elegante, mas uma prisão que eu não verei. Porque não vou para lá e não vou me casar com o corcunda.

- Matilda, tem uma coisa que você não sabe.

- Nada que me disser fará com que eu mude de idéia.

- O seu padrasto está morrendo.

Matilda parou de andar. Virou-se lentamente para olhar para a mãe, que evidentemente sabia que sua flecha verbal atingira o alvo. Matilda amava Godofredo. Ele tinha sido muito bom para as duas, formou com elas uma verdadeira família nos quase quinze anos de vida juntos. Foi um verdadeiro pai para ela, e mais. O duque fora um mentor sábio e paciente, ensinou-lhe como administrar e defender as propriedades na Toscana. Ela devia muito a ele. E agora, de repente, corria o risco de perdê-lo, ou de sofrer a perda quase incalculável de outro pai.

- Como sabe?

Matilda engoliu com dificuldade. No seu coração, ela sabia que a saúde de Godofredo estava se deteriorando. Nos dois ou três anos que se seguiram às guerras cismáticas, ela observara que a vitalidade dele vinha diminuindo. Não podia mais montar num cavalo e era forçado a ficar no quarto longos períodos de descanso. Nos últimos anos, era ela que comparecia aos conselhos locais, que ia a cavalo até Mântua e Canossa para se reunir com os vassalos e mediar as disputas civis. Matilda andava tão absorta com esse poder recémassumido que não se permitiu contemplar os motivos que existiam por trás. Procurava racionalizar que Godofredo estava apenas permitindo que ela cuidasse da sua herança e não aceitava que ele não era mais capaz, fisicamente, de administrar a Toscana, sozinho.

- Você esteve fora grande parte desse último ano e não ficou com ele como eu fiquei. Ele foi tomado pela gota. Ele sabe disso, e eu também sei. A travessia dos Alpes seria difícil, na verdade esse esforço poderia matá-lo mais cedo, mas ele deseja morrer em casa, em Lorena. Além disso, quer vê-la em segurança, casada com o filho dele, antes de nos deixar. E

necessário, Matilda. Vai proteger a sua herança com o poder de Lorena e com meios legais que devem ser aceitos por todos. Você não sabe que seu primo perverso vai aproveitar a chance de roubar seus bens no dia em que Godofredo morrer, se você não proteger seus títulos com o casamento?

Matilda jogou a cabeça para trás com desdém diante da menção de Henrique IV. Na sua

cabeça, ele continuava sendo a criatura que a atormentava quando criança, não merecia ser chamado de rei.

- Ele nunca mais roubará nada de mim. Vou liderar exércitos contra ele pessoalmente. Experimente ele tirar o que é nosso por direito!

- Não, Matilda. Não vou deixar que ele tire o que é nosso, enquanto eu viver. Mas é o último desejo do seu padrasto vê-la casada. Partimos para Verdun imediatamente, já que Godofredo precisa atravessar os Alpes antes de o inverno chegar, e queremos vê-la casada no Natal. Sinto muito, Matilda. Se houvesse outra saída, eu a apoiaria. Mas não há. Matilda sentiu a força começar a se esvaír do seu coração e da sua vontade. Ela acabou sentando em uma das cadeiras entalhadas à mão, pintada com o escudo de flor de lis vermelho e branco de Lorena. Parecia um gesto simbólico de rendição.

- Preciso avisar Isobel para que ela se prepare.

E foi a vez de Beatriz ficar de pé. Ela sabia que o que viria a seguir seria mal recebido por sua filha obstinada e teimosa. O

que estava por vir talvez fosse mais terrível para ela do que a decisão anterior de partir para Lorena para tratar do seu casamento.

- Isobel não pode acompanhá-la a Verdun, minha filha. Você

agora é uma mulher adulta, indo ao encontro de um marido nobre, que não precisa mais de ama. Não será adequado. Pronto, estava feito. Beatriz e Godofredo sabiam que, desde que a facção de Lucca continuasse ligada a Matilda, ela jamais cederia ao seu destino de duquesa de Lorena e mulher de Godofredo, o Corcunda. Foram obrigados a separá-la da influência deles. E, apesar de Beatriz detestar admitir o ciúme que sentia do inabalável apego de Isobel por Matilda, esse era um fator muito concreto em sua determinação.

Beatriz não podia olhar para a filha. Tinha sido um sofrimento muito grande para sua alma maternal magoá-la daquele jeito, a filha que ela passou a amar mais do que qualquer coisa nessa terra de Deus. Matilda vivia num estranho mundo de fantasia, acreditando que podia comandar seu próprio destino tempo demais. Era hora de encarar a realidade, que as mulheres não controlavam seu destino neste mundo, nem mesmo uma mulher que já se tornara uma lenda em seu tempo. Era uma lição muito dura que Beatriz preferia não ter de dar, mas uma lição necessária.

Ela foi até a janela para espiar a luz do sol do verão na Toscana, que já esmaecia, e esperar o que viria depois do silêncio pesado que pairava no ar. A explosão que Beatriz esperava não aconteceu. Finalmente, Matilda disse baixinho:

- Vou com você para Verdun, nem que seja só para dar um pouco de paz a Godofredo no fim da sua vida. Eu o amo, devo-lhe muito e darei isso a ele. Nosso Senhor disse para honrar pai e mãe, e farei isso.

Ela se levantou de repente e, a passos largos, foi até a porta, aflita para sair daquele quarto

e pegar o que restava do sol poente florentino, o sol que seria forçada a deixar para trás cedo demais. Disse as últimas palavras para a mãe olhando para trás:

- Por ora, você venceu. Mas eu juro que será só por ora. Matilda esperou até estar segura na presença de Isobel em Santa Trinità para desabafar todo o seu desespero.

- Como vou suportar isso, Isi? Como posso deixar um homem tão horrível tocar em mim?-E como vou viver sem você, sem o Mestre, e Conn... e a Toscana?

Isobel abraçou Matilda e afagou seu cabelo. Deixou que ela chorasse um pouco e depois falou com seu jeito forte, mas gentil, que sempre acalmava sua protegida:

- Há coisas na vida que temos de suportar, Matilda. E quando acontecem, devemos nos render a elas, porque são a vontade de Deus. Não é sem motivo que nossa oração diz "seja feita a Vossa vontade", e não "seja feita a minha vontade". O que eu ensinei a você sobre isso?

Matilda passou as mãos no rosto. Enfrentaria um profundo desafio à sua espiritualidade agora, para descobrir o sentido dessa situação atual.

- Que chegaria um dia em que eu veria a sabedoria do plano de Deus, apesar de nem sonhar em ver isso hoje.

Isobel fez que sim com a cabeça.

- Correto. Porque, quando você aceita que está aqui com o objetivo exclusivo de levar adiante o plano de Deus, nunca mais conhecerá um dia de sofrimento. Renda-se a isso, Matiida. Ele é o grande arquiteto. Nós somos apenas os construtores que executam os Seus planos, e temos de fazer isso pondo uma pedra de cada vez, como Ele nos orienta. Quando agimos assim, acabamos vendo que estamos construindo algo belo e durável, como o mestre arquiteto em Lucca fez, quando reconstruiu San Martino. E claro que Deus quer que você vá para Lorena, pois é parte do seu destino. Quem sabe o que você vai encontrar lá?

- Com um corcunda, não há de ser a sagrada união dos amantes, disso eu sei muito bem.

- Também sei disso, Tilda. E sinto muito que a sua primeira experiência com um homem não seja a de um verdadeiro amor. Mas prometo que um dia você vai encontrar esse tipo de amor e que será tudo com que sonhou, valerá a espera.

- Como sabe disso, Isi? Que esperança posso ter se aos vinte e três anos estarei casada com um corcunda? Serei uma velha quando me livrar dele. Se é que um dia me livrarei. Que Deus me perdoe.

- Posso prometer isso porque a profecia diz, especificamente.

- Isobel falava sério. - Você acredita na profecia ou não?-Mas não pode ter as duas coisas, Matiida. Você é A Escolhida ou não é? E se é, então vai realizar o seu destino de acordo com as palavras da nossa profetisa: você vai construir igrejas importantes para que O Caminho preserve o seu legado e conhecerá um grande amor.

- Conforme-se com isso e encontre a sua fê, filha. Ela será sua salvação nos piores momentos.

"Mas, por enquanto, deve aceitar essa provação, assim como Nosso Senhor aceitou as dele. Mas é claro que, em comparação, ter de casar com um duque e levar uma vida em meio ao luxo não pode ser tão ruim assim."

De fato, posto dessa maneira, era difícil se desesperar com o próprio destino e não se sentir terrivelmente egoísta. O

Mestre sempre perguntava, quando ela se considerava vítima de qualquer coisa: "Alguém está ameaçando você, ou os seus entes queridos, com uma cruz e pregos de ferro? Porque, se não é esse o caso, você não tem do que reclamar." O Mestre explicou muitas vezes os sacrifícios de Nosso Senhor e também os da mãe e da esposa dele, que suportaram a dor de ver a agonia do filho e do marido. Eles debateram até

de madrugada mais de uma vez para saber qual desses destinos era mais nobre, o que sofreu o cordeiro do sacrifício ou as vidas dos que ficaram, para levar a lembrança da provação dele para o futuro. Era uma questão sem resposta, mas que invariavelmente inspirava discussões valiosas entre pessoas espiritualizadas.

Isobel teve uma idéia.

- Venha amanhã de manhã, assim que o sol nascer, ao Oltrarno. Vou providenciar para que o

Mestre esteja lá, e ele terá uma solução para isso.

No outro lado do rio, chamado de Oltrarno, a Ordem possuía uma propriedade numa área mais reservada, que felizmente não estava sob o imediato escrutínio de todos os olhos de Florença. Alguém tão conhecido e popular como Matilda não podia simplesmente andar sem ser notada numa cidade como aquela. Quando estavam dentro dos muros da propriedade de Santa Trinità, tinha privacidade. Para outras coisas, porém, tinham de sair da cidade.

Foi por Matilda que a Ordem construiu um labirinto de pedra e tijolos na outra margem do rio, que o Mestre usou para dar aulas para Matilda aqueles anos todos. E se transformou no seu maior refúgio.

- Você precisa pensar nisso tudo andando pelo labirinto, Tilda. Solvitur ambulando.

Matilda concordou. Solvitur ambulando significava "resolver caminhando", e era parte essencial dos ensinamentos do labirinto. Pois Matilda tinha aprendido que o labirinto era uma ferramenta construída com perfeição. Criado pela sabedoria de Salomão e da rainha de Sabá, uma indicação sublime de como os amantes são capazes de manifestar grandes milagres pela união dos espíritos. O labirinto foi uma dádiva de Deus para os homens, um meio de se comunicar diretamente com Deus pela escuta interior. Caminhar no labirinto propiciava a quem orava essa capacidade de ouvir, de modo que, quando chegava ao centro, as mensagens de Deus eram ouvidas e compreendidas com toda a clareza. Era uma oração ambulante, uma dança de meditação que unia a mente, o corpo e o espírito em uma compreensão única e poderosa. Foi com o labirinto que Salomão chegou à sua lendária

sabedoria.

Matiida achava que talvez pudesse encontrar forças pela manhã, quando ouvisse Deus no centro do labirinto. Esse recurso sempre funcionou. A flor de seis pétalas no centro desse labirinto era seu lugar favorito em todo o mundo, o mais seguro, o ponto mais ameno já criado. Pela manhã ela ia até lá em busca de si mesma, do seu futuro e da vontade de Deus que, de outra maneira, era indiscernível.

O nascer do sol no verão sobre o rio Arno era uma linda exibição de luz dourada. Matiida parou para apreciar, respirar a beleza de sua amada Toscana e deixar as lágrimas escorrerem pelo rosto enquanto olhava a paisagem. Os rios daquela região - o Arno, o Pó e o Serchio - realmente corriam em suas veias. Ser privada de vê-los por qualquer período de tempo, tanto mais os anos que sem dúvida teria de passar em Lorena, era uma sentença infernal. Podia ser até pior do que ser forçada a se casar com um corcunda. Era quase possível suportar aquele horror se pudesse fazer isso vivendo na Toscana.

Mas não deveria ser assim. Quaisquer que fossem as razões divinas, Deus ordenou que Matiida se casasse com o corcunda e ficasse longe de sua terra natal. Ela agora ia procurar entender por que e, com essa compreensão, render-se à Sua vontade.

Isobel esperava por ela no portão que separava as terras da Ordem da estrada principal. Havia ali um bosque que protegia ainda mais o lugar sagrado dos olhares curiosos, e as duas foram caminhando pela trilha que Matiida podia percorrer de olhos fechados, tão bem ela conhecia e amava aquele lugar. Chegaram à clareira onde o enorme labirinto fora

cuidadosamente construído, utilizando os princípios de Salomão e da rainha de Sabá, com tijolos e pedras montados em argila para criar os onze caminhos do circuito até o centro. O labirinto original de Salomão continha um centro perfeitamente redondo, mas aquela versão culminava numa rosa de seis pétalas, o símbolo d'O livro do amor, como o próprio Messias havia desenhado. O labirinto agora era um híbrido milagroso dos ensinamentos de Salomão, o Grande, combinados com o centro de oração de seu descendente, Jesus Cristo.

O Mestre já estava no centro, de joelhos e profundamente concentrado em oração quando Matiida chegou. Frei Patrício, o jovem calabrês, protegido, sorriu para Matiida na entrada. Ela o cumprimentou discretamente, para não perturbar o Mestre em sua meditação, mas feliz de vê-lo. Os dois tinham sido criados juntos, e aprendido juntos os segredos da Ordem, sentados lado a lado ao pé do Mestre. Estudavam juntos, fazendo perguntas um para o outro, usavam jogos de memorização para que cada um decorasse O livro do amor e as profecias do Libro rosso. Juntos estudaram os intrincados projetos arquitetônicos de Salomão, feitos sob inspiração divina, da criação dos espaços em templos que tinham sido incluídos n'O livro do amor. Essas tinham sido as aulas mais intensas e difíceis, e estudar com um parceiro tornava o processamento das informações mais eficaz. As duas crianças provaram ser tão capazes de analisar os desenhos do templo que o Mestre comentou em diversas ocasiões que um dos dois ia se tornar um memorável arquiteto.

Eles competiam de bom humor pela atenção do Mestre, mas nem sempre tinham essa disposição, de modo que aprendiam também a dominar seus egos nesse aprendizado. Patrício se transformou no irmão que Matiida perdera na infância. O

Mestre os provocava dizendo que eram as duas metades de uma única mente. Ficar longe dele seria mais um grande sofrimento para Matiida.

O Mestre percorreu os onze caminhos para sair do labirinto e abaixou a cabeça em sinal de reverência ao chegar à entrada saída. Foi andando na direção dos três e ajoelhou-se para tocar no anel de ferro preso à terra. De olhos fechados agradeceu as dádivas da Senhora do Labirinto e foi abraçar Matiida.

- Bem-vinda, minha filha. - O Mestre beijou as duas faces de Matiida. - Esta é uma manhã gloriosa, pois a vontade de Deus nos é revelada. Vou guardar a minha compreensão até você

descobrir a sua. Solvitur andando, filha. Vá conversar com o seu Criador.

O Mestre apontou para o labirinto. Isobel, Patrício e ele se afastaram e ficaram a uma distância discreta para dar privacidade a Matiida. Havia dias em que todos percorriam o circuito juntos, uma bela dança de camaradagem e compartilhamento. Mas aquela manhã era só dela. Matiida agradeceu a todos e se aproximou do anel de ferro no chão. Ficou de joelhos e agradeceu à Senhora do Labirinto. Em cada época a Senhora tinha muitas identidades, pois era o feminino divino, a essência do amor e da compaixão, a mulher amada que completava o homem por intermédio da união do amor e do espírito, da confiança e da consciência. Ela era Ariadne, a rainha de Sabá, era Madalena, Aserá.

Em homenagem a Ariadne, Matiida arrancou um longo fio do seu cabelo acobreado e

amarrou com o nó nupcial no anel de ferro, imitando o fio que salvou Teseu.

Ao se aproximar da entrada daquele enorme espaço, lembrou-se do que o Mestre tinha dito na primeira vez que ela entrou ali, tantos anos atrás. "Não há um modo correto de andar pelo labirinto, como não há um modo errado. Existe apenas o seu modo. Vá na velocidade que sua alma indicar e seja fiel ao seu caminho."

Matilda respirou fundo algumas vezes para clarear a mente e entrou no labirinto. Dessa vez ela foi andando bem devagar, de propósito, olhando para os pés enquanto percorria o circuito, se esforçando para tirar do cérebro todos os ruídos do mundo consciente da vigília. Para ela os aspectos sinestésicos do labirinto eram o maior bálsamo para a sua cabeça. Não era treinada para ficar imóvel, sentada, rezando ou meditando por longos períodos de contemplação. Era um espírito agitado demais para conseguir tanta quietude. A maior parte dos seres humanos era assim. Mas no labirinto ela podia se mover, pensar e sentir, tudo ao mesmo tempo. Era a forma mais gloriosa de oração que havia.

Respirar, purificar, caminhar, percorrer os caminhos sinuosos, abandonar todo o entulho, dizer a Deus que o que mais queria era ouvir Sua voz claramente e conhecer a Sua vontade, para poder cumpri-la. Chegou ao centro santificado, o sagrado mais sagrado, o lugar do templo e do tabernáculo, caiu de joelhos e pediu a Deus que falasse com ela. Havia dias em que ia para lá meditar sobre o Pai-Nosso e os seis principais ensinamentos da Oração do Senhor, em cada uma das pétalas. Mas aquela manhã não fez isso. Resolveu caminhar com um objetivo, e esse objetivo era compreender o seu destino.

Deus não a deixou esperando muito tempo. Uma visão esperava por ela no centro do labirinto.

Matilda andava numa floresta verde e exuberante. Mesmo sem querer, tinha de reconhecer a beleza daquele lugar. Patrício estava ao seu lado, tinha acompanhado Matilda até lá

a cavalo, pois ela precisava se afastar de Verdun. Cavalgaram muito tempo, já que era essa a única maneira de chegar àquele refúgio de Matilda. E como não havia labirinto, a montaria era sua única válvula de escape, uma oportunidade de estar em movimento e pensar ao mesmo tempo.

Quando chegaram a um pequeno lago, alimentado por um riacho, pararam para dar de beber aos cavalos e comer um pouco de pão e queijo que Matilda tinha levado para o almoço. Patrício levou os cavalos até o riacho. Alguma coisa fez Matilda continuar andando para o que parecia ser uma clareira mais adiante. Estava sendo atraída para lá e não sabia explicar o que era. Então ouviu a voz de uma menina. Não compreendeu as palavras, mas sabia que era uma criança. Será

que falava com ela! Que a chamava? Matilda ouviu a risada da menina quando se aproximou da clareira.

Os raios do sol poente penetravam pela copa das árvores e refletiam no que parecia ser um poço de água à frente. Curiosa, ela foi ver. Era mesmo um poço, ou uma cisterna, bastante grande para alguns homens se banharem ao mesmo tempo. Matilda se abaixou para ver a

água e foi surpreendida pela sensação de uma profundidade infinita, teve a impressão de que aquele poço era sagrado e que fluía no fundo da terra. A água estava parada, então uma onda minúscula quebrou a imobilidade da superfície. Um raio de luz dourada começou a se espalhar sobre o poço e sobre a área em volta. Ela olhou para a água e uma imagem foi se formando. A cena era de um lindo vale, exuberante, verde, com árvores e flores. Ela observou como se o poço fosse uma bola de cristal, enquanto uma chuva de gotas douradas caía do céu, fazendo tudo cintilar na visão. Logo o vale foi coberto por rios de ouro por toda parte e as árvores ficaram cobertas também. Tudo brilhava em volta dela com a luz quente e rica de ouro líquido.

Ao longe Matilda ouviu a voz infantil, a que a tinha atraído para aquele lugar.

- Bem-vinda ao Vale de Ouro.

Matilda sufocou um grito. O Vale de Ouro era mencionado na profecia. Na sua profecia. E, como se quisesse confirmar que ela estava certa, a voz da menina ecoou doce e clara pela floresta, recitando as palavras da jovem profetisa, proferidas mil anos antes:

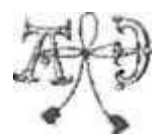
- A verdade deve ser preservada, em pedra e em pergaminho, e construída no Vale de Ouro. A nova Pastora, A Escolhida, cuidará do seu aperfeiçoamento e guardará a Palavra do Pai e da Mãe, e o legado de seus filhos dentro dos espaços sagrados. Isso será o seu legado. Isso e conhecer um grande amor.

Matilda se levantou no centro do labirinto, ainda tonta com a visão que tinha certeza de que

fora dada a ela pela própria pequena profetisa. Quando foi saindo pelos onze circuitos, repassou na cabeça a visão e suas imagens. Não tinha dúvida de que o Vale de Ouro ficava em Lorena. Por isso Deus a enviava para lá, porque queria que ela construísse um templo sagrado para O Caminho do Amor naquela região. Que forma teria, ainda não sabia ao certo, mas tinha certeza de que o Mestre saberia exatamente o que fazer. Ele não tinha dito que Deus revelou Sua vontade para ele aquela manhã?

Mas a verdadeira alegria veio da visão de Patrício dentro do labirinto. Deus queria que ela tivesse um amigo em Lorena, um amigo que realmente a entendesse num mundo com outros costumes, com um marido indesejado. Talvez ela encontrasse a força para suportar isso com classe, afinal. Seja feita a Vossa vontade, ela repetiu várias vezes enquanto saía dos caminhos sagrados. Chegando à saída, ajoelhou-se diante do anel de ferro e agradeceu à Senhora do Labirinto, dessa vez como Sara-Tamar.

O Mestre não teve a visão de Matiida. Aquela era só dela, um presente da profetisa, para que ela não perdesse a fé. Mas ele a tinha visto construindo um grande edifício em Lorena na visão que teve, uma estrutura que seria o abrigo não só de todos os ensinamentos, como também da história do seu povo e de suas sagradas famílias. Matilda era a encarregada de construir uma biblioteca e uma escola para preservar tudo que era sagrado para a Ordem do Santo Sepulcro, e faria isso sob o disfarce de um mosteiro. Quando o lugar fosse encontrado, esse Vale de Ouro da visão, ela trabalharia com Patrício para iniciar a construção. O Mestre ia selecionar monges da Calábria que tinham provado sua dedicação como



historiadores e escribas para o início da missão de construir a biblioteca. Patrício seria o abade deles.

E isso tudo seria uma das maiores honras para Matilda e Patrício. Pois na visão do Mestre havia mais um elemento muito importante. Ele viu o Libro rosso atravessando os Alpes em sua arca dourada, carregado com muito cuidado por Patrício numa carroça puxada por bois, como o Volto Santo três séculos antes. Matilda devia levar o Libro rosso com ela, de modo que o seu conteúdo pudesse ser copiado perfeitamente e instalado com grandes honras no novo mosteiro nesse Vale de Ouro. Quando a tarefa estivesse terminada, eles poderiam devolver o Libro rosso à Toscana, onde devia ficar por toda a eternidade.

Os ensinamentos d'O Caminho do Amor iam ter um novo lar em Lorena, recuperados pela terra de Carlos Magno. Era o destino de Matilda fazer isso acontecer. Apesar do nervosismo com o casamento iminente, isso lhe dava uma grande tarefa para se concentrar, algo positivo no seu futuro que tinha uma importância tremenda. Ela cumpriria esse dever com honradez e elegância.

Matilda ia realizar seu destino e seu dever como A Escolhida, e se esforçar muito para não reclamar do casamento com um corcunda e de viver em um palácio.

Foi assim que a bela menina nazarena recebeu o nome de Berenice ao nascer e mais tarde ficou conhecida como Verônica. Era amiga da Madona Madalena quando criança e uma estudiosa d'O Caminho, e fora educada como sacerdotisa aos fês do Nosso Senhor, do mesmo modo que suas irmãs nazarenas. Verônica era mais jovem e, na época da paixão de Nosso Senhor, ainda não era uma Maria. Ainda não usava o véu vermelho. O dela era branco.

Falam do carinhoso ato de Verônica no Dia Doloroso, quando o Salvador carregava seu fardo para o monte no Dia Tenebroso do Crânio e sua visão ficou turva porque o sangue das feridas provocadas pela coroa de espinhos escorreu para seus olhos. Verônica se aproximou corajosamente pelo meio da multidão que cercava seu Senhor e tirou o véu branco que lhe cobria a cabeça. Deu para ele poder limpar o rosto e para poder enxergar.

Depois viram que a imagem do rosto de Nosso Senhor ficou impressa na seda branca, para toda a eternidade.

Verônica consolou Madalena e as outras Marias ao pé da cruz, irmã no amor e na tristeza. Ali estavam protegidas pelo soldado romano de olhos azuis, chamado Pretorus, que estivera a serviço de Pôncio Pilatos. Esse centurião teve a mão fraturada e curada por Nosso Senhor e estava descobrindo a luz da conversão na Semana Santa, quando ocorreram coisas terríveis e grandiosas.

Pretorus seria um tipo diferente de soldado depois da paixão de Nosso Senhor. Estava destinado a se tornar um soldado d'O

Caminho, um dos primeiros convertidos à nossa comunidade e certamente um dos mais dedicados.

No dia da ressurreição do Nosso Senhor, Pretorus correu até o sepulcro depois de saber do milagre. Foi lá que conversou pela primeira vez com a nossa irmã nazarena, Verônica. Ela contou-lhe os ensinamentos do Nosso Senhor, falou d'O

Caminho do Amor e de como isso mudaria o mundo, se deixássemos essa verdade entrar em nossos corações. Daquele dia santo da Páscoa em diante, Verônica e Pretorus não se separaram mais. O amor descoberto à sombra do Santo Sepulcro só podia ser abençoado por Deus para toda a eternidade. Ela começou a orientá-lo pelos ensinamentos nazarenos. E quando Nossa Senhora foi para a Gália para iniciar sua missão, os dois a seguiram e continuaram seus estudos sob sua supervisão e direto d'O livro do amor escrito por Nosso Senhor.

E assim se tornaram o primeiro casal a ensinar a sagrada união dos amantes, e aquela tradição floresceu como tributo à

santidade do amor dos dois. Onde esses ensinamentos são praticados, não pode haver escuridão.

O amor conquista tudo.

Como o tempo retorna, Verônica e Pretorus vão se encontrar e ensinar novamente. Pois esse

é seu destino eterno e modelo para inúmeros outros que fizeram o mesmo juramento, desde o início dos tempos, de encontrar um ao outro e de viver e ensinar O Caminho do Amor. Juntos.

Para aqueles que podem ouvir, que ouçam.

A LENDA DE VERÔNICA E PRETORUS E OS ENSINAMENTOS DO
AMOR E DA SAGRADA UNIÃO, COMO PRESERVADOS NO LIBRO

ROSSO

Roma,

Dias atuais

Padre Peter Healy andava de um lado para outro no seu escritório, com as palmas das mãos molhadas de suor. Aquilo era totalmente inesperado e de certa forma constrangedor, mas não havia como escapar. Berenger Sinclair estava subindo para encontrar-se com ele. Maggie tinha descido para ajudá-lo a passar pela segurança do Vaticano. E Peter teve assim poucos minutos para pôr os pensamentos em ordem, mas não podia se preparar muito bem. Tudo ia depender de qual era o objetivo de Sinclair para ir até lá procurá-lo e de que forma ia abordar o assunto. Peter de fato não tinha a menor idéia do que podia ser, já que Maureen se recusara a dizer-lhe qualquer coisa sobre seus amigos das Maças Azuis. Ela simplesmente evitou completamente o assunto, e isso podia significar qualquer coisa.

A porta foi aberta, e Maggie entrou com Berenger Sinclair no escritório de Peter. Ela ficou meio sem graça quando o aristocrático escocês recusou qualquer bebida. Berenger esperou até a governanta fechar a porta e só então se aproximou de Peter, com a mão estendida.

- Padre Healy. Obrigado por me receber de forma tão imprevista.

Peter apertou a mão dele, aliviado porque a abordagem inicial parecia bastante cordial.

- Claro, lorde Sinclair. É um prazer. O que o traz a Roma?

Peter apontou para a poltrona que ficava na frente da sua mesa. Sinclair sentou e disse, simplesmente:

- Maureen.

Peter fez que sim com a cabeça.

- Eu já suspeitava. Ela sabe que está aqui?

- Sabe, mas ainda não me encontrei com ela. Queria vê-lo primeiro.

- Por quê?

Sinclair se ajeitou na cadeira.

- Porque eu sei que ela se preocupa com a sua reação. Então eu pensei em cuidar disso primeiro, para ser menos uma coisa com que ela terá de se preocupar.

Peter continuou calado, atento. Ele e Berenger Sinclair não tiveram mais contato nenhum desde que saíra do château aquela noite com o Evangelho de Arques, mas tinha ouvido muita coisa sobre o que Sinclair pensava dele e do que fizera.

- Peter, tive muito tempo para pensar sobre os acontecimentos dos últimos dois anos e devo

dizer-lhe que reconheço que fui injusto e duro demais com você. Quero que saiba que não tenho nenhum ressentimento pelo que aconteceu aquela noite. E falo sério. Entendo o que você fez, e por que o fez. Em algum estranho nível metafísico que ainda não posso dizer que entendo, acho que fez exatamente o que tinha de fazer. Você cumpriu seu papel no grande drama em que todos estamos envolvidos.

A resposta de Peter foi contraditória.

- Como Judas?

Sinclair deu de ombros.

- Pode ser. Mas, como você sabe, o Evangelho de Arques diz que Judas era nobre e leal. Ele não traiu Jesus, ao contrário, obedeceu a uma ordem dele. Fez o que era necessário para que todos eles cumprissem seus destinos. Então, nesse sentido, sim, como Judas. Eu diria que as semelhanças são muitas e gostaria de lembrar que a nossa Madalena se referia a Judas como aquele por quem mais sofria, exceto um. Peter meneou a cabeça, concordando. Que Judas era o mais confiável e constante dos apóstolos era uma das revelações mais explosivas do evangelho de Maria Madalena. Alterava completamente a percepção desse personagem que foi o mais execrado no século I. Para Peter, essa revelação era um certo consolo.

- Obrigado. Fico feliz que tenha vindo, mais do que pode imaginar. Diga-me, se me permite perguntar, como foi seu reencontro com Maureen? Ela não comenta comigo esse tipo de

coisa, dada a nossa história.

Berenger sorriu um pouco.

- Ter um relacionamento com Maureen é como acordar e descobrir que tem um unicórnio no seu jardim.

- Ora, isso é muito poético - respondeu Peter. - Mas o que quer dizer? Berenger pensou um pouco antes de explicar.

- E uma situação completamente inédita e até um pouco espantosa. Uma coisa que você nunca viu igual. De repente, no meio da sua vida, você vê algo que prova a presença da magia no universo. Você sempre acreditou que a magia era real, mas agora pode de fato vê-la e quase tocar nela. Quase, não exatamente. Porque, primeiro, precisa chegar mais perto, só que como se aproximar de criatura tão exótica, tão arisca?-Será que você tem coragem? E será que merece? Não há

nenhum padrão de referência para tal encontro, ninguém que saiba dizer o que você deve fazer.

"E há também a questão daquele chifre pontudo. Por mais gentil e lindo que o unicórnio possa parecer, você tem uma sensação muito forte de que ele também pode machucá-lo gravemente, feri-lo até mortalmente, de propósito ou não. A magia tem dois gumes. Então, ao mesmo tempo que é belo e encantador, ao mesmo tempo que você sabe que foi

abençoado pela presença dele no seu jardim, é muito perigoso e também desconcertante demais para o mortal comum. E é

isso que eu sou."

Peter acompanhou a alegoria.

- E para ganhar a confiança dele, se quiser manter esse unicórnio no seu jardim, você vai precisar de muita paciência. E de muita coragem também.

Sinclair meneou a cabeça, concordando.

- É, e você sabe que, se assustá-lo, ele partirá seu coração e a magia desaparecerá da sua vida, para nunca mais voltar. Então sua paisagem vai ficar muito, muito vazia, com essa perda. Como seu mundo vai voltar a ser o que era? Porque, embora possa encontrar outras coisas lindas durante a vida, na verdade existe apenas um unicórnio, não é?

Peter recostou na cadeira e sorriu para Berenger, um sorriso sincero e simpático. Houve um tempo em que ele suspeitava muito daquele homem, mas agora estava vendo que esse tempo ficara para trás. Ia aprender a lhe dar valor e a entender que ele tinha uma integridade específica. Acima de tudo, Peter acreditava que o escocês amava Maureen de verdade e a compreendia de um jeito que poucos poderiam compreender. E tinha certeza de que Berenger faria todo o possível para protegê-la.

- Acho que veio na hora certa. Maureen precisa de você. Ela ficou assustada com o ataque em Orval. Todos nós ficamos. Você tem a oportunidade de se aproximar dela com cuidado, com a compreensão de que ela precisa. Lembra-se do fim da lenda do unicórnio? A conclusão é que a única coisa capaz de domá-lo e de mantê-lo no jardim é o amor incondicional.

- Estou perfeitamente preparado para dar isso a ela, se ela permitir que eu chegue tão perto assim.

- Acredito em você. Como posso ajudá-lo, Berenger?

Sinclair balançou a cabeça.

- Gostaria que fosse tão fácil assim. Mas eu preciso conquistar esse unicórnio com meus próprios méritos. Você pode ajudar, simplesmente, não se opondo a mim. Se Maureen sentir que você apoia o meu papel na vida dela, isso será mais que suficiente.

- Tem a minha palavra. E saiba que eu realmente apoio isso. Quando tudo estava desmoronando... você ficou do lado dela, mais do que eu. Nunca vou me perdoar pelo que aconteceu aquela noite, nem pelo papel que tenho desempenhado em tudo isso. Estou arrependido. Realmente arrependido, e espero que você transmita isso para Tammy e para Roland. Eles não mereciam o que fiz com eles.

Peter ficou chocado com o fim do seu discurso. A força da emoção o pegou de surpresa,

mas não tentou sufocá-la. A resposta de Sinclair foi generosa.

- O que está feito, está feito, Peter. Todos nós aprendemos com tudo que aconteceu e devemos crescer com isso. O

perdão é O Caminho do Amor, e todos nos esforçamos muito para pôr em prática o que ela pregou. O que eles pregaram. Agora temos um novo trabalho diante de nós que pode ser maior do que o primeiro. E é nisso que temos de nos concentrar, acima de tudo.

Conversaram sobre os desdobramentos mais recentes e sobre as estranhas pistas, aventaram hipóteses de quem podia estar por trás das hostilidades e quais seriam seus próximos passos. Peter propôs que se reunissem, os três, depois de Berenger ter oportunidade de passar algum tempo sozinho com Maureen. Prometeram trabalhar juntos em prol de um objetivo maior. Já deviam ter feito isso antes. No fim da reunião, eles se abraçaram, com uma sensação de alívio e de felicidade. Não existe cura maior do que a que vem com o perdão e a reconciliação. Quando Sinclair já ia saindo, Peter o chamou:

- E, Berenger, saiba que uma coisa é certa. Eu escolhi o meu mestre. E pode ter certeza de que desta vez escolhi bem. Ele socou a mesa para enfatizar o que dizia.

- Aconteça o que acontecer, jamais estarei do lado errado de novo.

CAPÍTULO NOVE

Palácio de Verdun, Cidade de Stenay

Região de Lorena

Outubro de 1069

e fato, ele não era atraente e era tecnicamente Dde formado, mas não tão monstruoso como ela previra. Até abrir a boca.

Matilda estava diante do homem com quem ia se casar, cada um numa extremidade da enorme e enfeitada sala de jantar de Verdun. Tinha se vestido com esmero, fez o melhor possível para parecer bem feminina e duquesa da cabeça aos pés. Usava um vestido de seda delicada, verde-água, bordada com fio dourado, com contas douradas combinando, que tinham sido presente do padrasto. Seu cabelo estava solto, caindo até

a cintura, com finas correntes de ouro trançadas nas mechas sobre as têmporas.

Os dois foram deixados sozinhos para jantar e começar a se conhecer. O jovem Godofredo era bem parecido com o pai e, se ela semicerrasse os olhos, ele ficava quase suportável de se ver. Mas, enquanto o pai era alto e elegante, o filho era largo e gorducho. Não era exatamente obeso, mas sua deformidade sem dúvida tornava impossível praticar muito exercício. E

também era uma pena que a inteligência que iluminava o rosto do Godofredo pai não

existisse no rosto do filho. As feições daquele homem eram congeladas numa careta permanente. Matilda ainda não tinha certeza se isso fazia parte de sua famosa deformidade, ou se os anos de amargura tinham simplesmente distorcido a sua expressão.

A corcunda que justificava o apelido era um defeito congênito. O padrasto tinha explicado para Matilda que o filho nascera com uma triste doença que o fez ficar seriamente curvado. A insegurança resultante disso quando era criança piorou com as crueldades que impuseram a ele por causa da aparência. E o transformaram num ser humano belicoso e difícil. Além disso, como tinha pouco controle sobre o seu corpo, ficou obcecado por tudo que podia controlar, inclusive suas propriedades em Lorena, as que agora recebia como futuras terras na Toscana, e sua noiva prometida. Mesmo assim, seu padrasto assegurou que o jovem Godofredo não era um homem cruel, apesar de não ser o mais agradável, e que Matilda era suficientemente inteligente para aprender a lidar com seu futuro marido de modo que ele acabasse tratando-a com respeito e bondade.

Naquele momento, ele não demonstrou qualquer traço de bondade. Imediatamente desferiu uma ladainha sobre todas as coisas que não ia tolerar nela.

- Já me disseram que você é obstinada e que muitas vezes age de forma inadequada para uma mulher. Tal comportamento pode ser aceitável nos confins selvagens da Toscana, mas certamente é muito inapropriado num lugar civilizado como Lorena. Não admitirei isso nas minhas terras, nem na minha mulher. Você não sairá desta casa sem estar adequadamente vestida, com touca e véu cobrindo seu cabelo anormal em todos os momentos. Não vou tolerar que os homens olhem para você com luxúria por causa da sua aparência libertina.

Aqui consideram que uma mulher com cabelo vermelho como o seu é imoral e que devia se limitar aos bordéis. Dizem que são consortes do demônio. Por isso nenhum homem de bem em Lorena aceita uma mulher de cabelo vermelho como esposa, e me assusta ver que o seu cabelo é tão... escandaloso. Falaram-me da sua aparência, mas o cabelo não foi descrito em termos tão vívidos. Você precisa saber que mulheres já

perderam suas vidas aqui, só por se apresentarem assim como você está neste momento. A touca é para o seu próprio bem e também para a minha proteção contra qualquer tendência que possa vir a ter em relação a esse comportamento escandaloso. Se você me desobedecer quanto a isso, mandarei raspar a sua cabeça e farei com que use um véu o tempo todo.

"Além disso, você precisa entender que serei o novo duque da Toscana quando nos casarmos e que vou administrar aquelas terras. Que o meu pai tenha permitido que você fizesse isso é

uma desgraça, e a prova disso é o estado dele, doente e fraco. É óbvio que foi por isso também que ele não mandou você

para cá aos dezesseis anos, conforme tinha prometido. Se eu suspeitasse dessa fraqueza toda, teria ido à Toscana antes para consertar as coisas."

A última afirmação do corcunda, de que ia governar Toscana, a Toscana de Matilda, ficou entalada na garganta da jovem duquesa, tanto que nem conseguiu tocar na comida que estava no prato. Ela teve vontade de jogar sua faca nele, mas conseguiu manter as mãos imóveis no

colo. Matilda permaneceu quieta para não correr o risco de abrir a boca, sabendo que não podia confiar no que dela sairia. Mas seu noivo ainda não tinha terminado a lista de exigências.

- Soube que você trouxe um confessor, um frei Patrício de Lucca. Tenho de conversar com ele para ter certeza de que pode ser recebido na minha casa, já que sei que vocês dois estão ligados a heresias indesejáveis que vêm da Toscana. Você vai se comportar como uma boa católica na minha casa o tempo todo, está entendendo?

Matilda não entendia o que era mais ofensivo, o fato de Godofredo estar lhe dando ordens, de ser tremendamente mal informado ou de estar falando como se ela fosse a boba da aldeia. Ela estava fumegando de raiva, mas não podia deixar que ele percebesse. Era mais inteligente do que ele. Infinitamente mais. Trataria daquele encontro como um golpe estratégico que tinha de ser executado. Aquilo era guerra e seria repleta de batalhas que ela teria de vencer para manter sua liberdade e suas propriedades. Nesse caso, porém, o campo de batalha seria a mesa de jantar e o quarto de dormir.

Ela arregalou bastante seus olhos de águas-marinhas e explicou com ar sério, inocente:

- Mas, senhor, meu confessor não é de Lucca. Ele vem das terras piedosas da Calábria, no extremo Sul, e não tem qualquer ligação com as heresias da Toscana. Poderá ver imediatamente, pelo sotaque e pela pele morena, que ele é

calabrês. Na verdade, foi escolhido para me preparar para que eu seja uma boa esposa

católica para o senhor.

Godofredo ficou olhando para ela um tempo, antes de resmungar o que parecia sua aprovação, e atacou o frango no prato com a satisfação de um glutão. Seus modos à mesa eram repulsivos, mas, de boca cheia, pelo menos não podia falar. O resto da refeição passou em relativo silêncio, fora os ruídos do corcunda devorando a comida. As últimas palavras dele antes de pedir licença para se retirar foram ainda mais charmosas do que as frases iniciais.

- Quero ter muitos filhos, e espero filhos homens de você

imediatamente. Só torço para que, aos vinte e três anos, não seja velha demais para me dar o que desejo. Se a tivessem trazido para mim aos dezesseis, já teríamos a casa cheia de meninos. E se acontecer de você estar velha demais, então terei uma esposa mais jovem. E ficarei com as suas propriedades. Independentemente do que é considerado costume nas regiões bárbaras da Toscana, este é certamente direito de um cavalheiro em Lorena.

Matilda mordeu a língua até sangrar. Se isso era o que consideravam um cavalheiro em Lorena, ela teria prazer de ser chamada de bárbara.

Matilda tinha rezado durante toda a travessia dos Alpes, exercitando-se com Patrício para aproximar sua fé d'O

Caminho do Amor, vendo bondade em todos os filhos de Deus. Ela jurou viver de acordo

com esse princípio, e pretendia se esforçar para cumprir sua promessa, tendo sempre em mente que não era santa e que não pretendia se tornar uma. Que Deus abençoasse a paciência de Patrício, pois ela sem dúvida o levava ao seu limite na longa caminhada desde a Toscana. Mas, quando chegaram a Verdun, Matilda estava completamente preparada para tratar o corcunda de um jeito carinhoso. Esperava sinceramente que os dois pudessem criar algum tipo de amizade. E se o jovem Godofredo fosse um homem bom, que soubesse conversar e jogasse bem xadrez, ela talvez até conseguisse aprender a gostar dele. Infelizmente isso não ia acontecer. Ainda faltava enfrentá-lo numa partida de xadrez, mas já tinha certeza de que não possuía as outras duas qualidades.

No fundo, o que o corcunda estava fazendo não era melhor do que aquilo que Henrique tentaria fazer, se ela não se casasse: apoderar-se das suas propriedades e ao mesmo tempo erradicar por completo todos os seus direitos, fazendo dela uma prisioneira ali no Norte gelado. Havia alguma diferença?

Ela não via nenhuma. Pelo menos não teria de ir para a cama com Henrique. Nem almoçar e jantar com ele. Então, em que aquela situação era melhor?

Matilda reuniu a mãe e o padrasto para perguntar isso aos dois. A saúde de Godofredo se deteriorava muito rápido, mas ele ainda era o duque de Lorena, um homem que patrocinara papados e que governara alguns reinos. Além disso, amava muito Matilda e se importava com a felicidade e a segurança dela.

Matilda apresentou seu caso com lógica tão eficiente, que nem a mãe nem Godofredo

puderam responder na hora com algum motivo concreto para ela prosseguir com a ideia do casamento. Aquilo estava virando uma crise rapidamente, e era óbvio que desgastava o padraço enfermo. Godofredo pediu para Matilda dar-lhe alguns dias para pensar numa solução e para ter uma conversa séria com o filho. Matilda tinha mais um problema a tratar.

- Por que os servos de seu filho olham para mim como se eu tivesse duas cabeças? E a cor do cabelo que os deixa tão apavorados?

Godofredo explicou a Matilda que achavam que só as mulheres daquela linhagem especial tinham as características físicas iguais às dela e que, portanto, todas as mulheres com esse colorido eram hereges. Em gerações passadas, a acusação de heresia acabava sendo de bruxaria, um crime que merecia sentença de morte obrigatória.

- Quando eu era menino, algumas mulheres que não tinham cometido nenhum crime, além de ter cabelo vermelho, foram torturadas, mutiladas e queimadas na praça da cidade depois de sofrer a humilhação de "desfilar", um espetáculo que desde então foi proibido na civilizada Lorena.

Matilda não tinha certeza se queria saber, mas perguntou mesmo assim:

- Desfilar?

Godofredo explicou.

- Uma mulher ruiva foi acorrentada pelos pulsos, pés e pescoço e a fizeram andar nua enquanto os aldeões a alvejavam com pedras e legumes podres. Ela foi exposta para todos verem que a marca da cor vermelha estava presente nas partes privadas e vergonhosas do seu corpo. Isso era considerado prova de bruxaria, já que tinham estabelecido que a única coisa que provocava essa característica física tão anormal era... união oral com o próprio demônio.

Matilda estremeceu diante de tanta ignorância. O que um dia fora uma característica genética que indicava que uma mulher descendia da nobre linhagem de Jesus e de Maria Madalena foi transformado numa maldição perigosa. A marca sagrada de curandeira e profetisa passara a ser a marca condenável de uma bruxa.

- Infelizmente, os camponeses ainda são muito supersticiosos e, portanto, os servos são extremamente curiosos, além de terem muito medo de você. Talvez eu devesse tê-la avisado, mas estive muito tempo fora e esperava ver um progresso maior aqui na minha terra natal.

Godofredo suspirou, mas logo se recompôs e mudou de assunto.

- Vou conversar com meu filho e consertar isso tudo. Ele então aconselhou Matilda a explorar os campos de Lorena antes de o inverno chegar e ficar frio demais para sair a cavalo, porque sabia que cavalgar ao ar livre serviria para melhorar o seu humor. E disse que, apesar de não ser a Toscana, ela poderia descobrir que havia muita beleza para ser admirada naquela parte do mundo.

Matilda se despediu dos pais e foi procurar Patrício. Pediu que estivesse pronto de manhã, que iam passear a cavalo, partir numa aventura em busca do seu Vale de Ouro. Afinal, era por isso que estava ali, não era?

Matilda ficava mais feliz montada num cavalo. Cavalgava por uma floresta rica, com o cabelo esvoaçando, livre da prisão da horrorosa touca que tirou, sem cerimônia, assim que ficou longe da vista de Verdun. Mesmo a contragosto, tinha de admitir a beleza do lugar. Era gelado, claro e certamente não era a Toscana, mas tinha também sua magia natural. Patrício estava ao seu lado, apostando corrida, zombando e perdendo. Era impossível vencer Matilda a cavalo. Ela era destemida a ponto de ser imprudente, mas também tremendamente habilidosa. A única coisa que podia dizer em favor do corcunda era que ele tinha bom gosto para cavalos. Suas montarias eram lindas e fogosas, e tinham uma resistência enorme. Os dois galoparam muito, decididos a percorrer o máximo da floresta em busca do Vale de Ouro, o lugar que se apresentara a Matilda em sua visão. Até ali havia uma abundância de paisagens verdejantes, mas ainda não tinham encontrado a fonte de água.

À tarde, Matilda começou a tremer. Era uma sensação estranha, quase indescritível, por isso puxou as rédeas e diminuiu o ritmo para entender aquela experiência. Era como se estivesse num cruzamento do tempo. Tinha uma sensação surreal do passado, presente e futuro juntos. Ficou um pouco tonta, mas foi também um momento estimulante.

Quando a sensação desapareceu, ela incitou o cavalo a avançar mais rápido. Patrício foi atrás e, no momento em que fizeram uma curva na trilha da floresta, pararam de repente, pois avistaram um pequeno lago.

Lá estava, tal qual a visão de Matilda. Um laguinho alimentado por um riacho onde podiam dar de beber aos cavalos. Desmontaram, e Patrício se ofereceu para levar os animais até o riacho, achou que Matilda precisava mesmo andar por ali sozinha, até a clareira mais à frente. Na visão, ela só tinha visto aquilo, até agora. Um cisne branco solitário passou por ela e olhou para trás como se dissesse: Siga-me. Então Matilda ouviu a voz da menina ao longe, quando chegou mais perto da clareira, e também sua risada. Lá estavam os raios do sol da tarde faiscando em meio à copa das árvores e iluminando a superfície da água logo à frente. Matilda foi para lá sabendo que era um poço. Debruçou-se para espiar, já convencida da profundidade infinita, de que aquele poço era de fato sagrado e que corria pelo coração da terra. Havia uma espécie de magia naquele lugar. A própria floresta era antiga, primitiva, um lugar com poder natural e intenso. Seria um ponto ótimo para construir o monumento ao amor e à sabedoria.

Matilda encostou a ponta dos dedos na água gelada e escura, e não sentiu logo que seu anel de ouro tão querido, o selo de Maria Madalena, estava solto. Ele deslizou do seu dedo com tanta rapidez que tudo que ela pôde fazer foi observar, horrorizada, seu tesouro desaparecer nas profundezas do poço.

Matilda gritou.

Ajoelhada ao lado da mureta de pedra do poço, Matilda examinou a água à procura do anel, mas foi inútil. Levantouse devagar e resignada. Com o canto do olho, viu um brilho repentino de algo se mexendo na água. E o barulho de um mergulho. Um peixe enorme, uma espécie de truta cintilante com escamas douradas, saltou da água e depois mergulhou de

novo. Matilda esperou para ver se aquele peixe extraordinário ia voltar. Outra adejada na água e a truta saltou no ar de novo, dessa vez parecendo se mover lentamente. Saindo da boca do peixe estava o seu precioso anel.

Matilda quase gritou de susto quando o peixe virou para ela, ainda se movendo lentamente. Ele cuspiu o anel, que foi voando na sua direção. Matilda estendeu o braço e o anel caiu na palma da sua mão. Ela fechou a mão com força e o encostou no peito, grata pelo anel ter sido recuperado pelo peixe mágico, que depois voltou às profundezas do poço. A água se aquietou mais uma vez e a mágica acabou.

Matilda botou o anel de novo no dedo da mão direita e, com todo o cuidado, espiou dentro do poço pela última vez para ver se havia mais algum milagre para acontecer naquele lugar impressionante. A água estava imóvel, mas uma ondinha minúscula rompeu aquela calmaria. Uma onda de luz dourada começou a cobrir o poço e a área em volta dele. O sol parecia fluir como ouro líquido derramado do céu, dourando tudo na visão de Matilda. Logo o vale estava cheio de rios de ouro e as árvores foram cobertas por esse brilho. Tudo cintilava em volta dela com a luz rica e quente do metal líquido. Ao longe, ela ouviu uma voz de menina que sabia que pertencia à pequena profetisa, Sara-Tamar.

- Bem-vinda ao Vale de Ouro.

Matilda ouviu um grito sufocado atrás dela. Virou-se e viu Patrício se aproximando, enlevado pela mesma visão do mágico vale de ouro. Durou o tempo que dura uma visão. Segundos? Minutos? Era impossível saber. Mas a luz dourada acabou desaparecendo, como

devia, e os dois se viram lá, parados no meio da grande floresta verde outra vez. Era reconfortante compartilhar uma visão como aquela com um amigo em quem se confia. Patrício agora era parte da profecia, como Matilda. Eles se abraçaram fraternalmente, a troca carinhosa e inocente que ocorre com duas pessoas que se amam do modo mais simples. Na verdade, eles poderiam ser irmãos de sangue. Juntos juraram construir a maior abadia da Europa naquele lugar: um templo, uma biblioteca e uma escola, todos dedicados a O Caminho do Amor. Teriam ali o tesouro mais valioso de toda a humanidade.

E dariam o nome de Orval. Pois aquele seria realmente um Vale de Ouro.

Matilda voltou para Verdun à noite bastante animada. Lembrou-se até de pôr a odiada touca na cabeça de novo para cobrir o cabelo, que estava mais escandaloso do que de costume, depois de um dia inteiro cavalgando. Tão logo chegou foi avisada de que sua mãe e seu padraсто a aguardavam com urgência, que ela devia ir aos seus aposentos assim que voltasse do passeio. Ficou aflita. Rezou para a saúde de Godofredo não ter piorado enquanto estava fora. Depois de se lavar para tirar o cheiro de cavalo e de trocar de roupa, apressou-se pelo longo corredor até o quarto do padraсто.

- Entre, minha querida. Entre.

Matilda logo suspirou aliviada. Godofredo estava fraco e abatido, mas sentado à sua mesa, parecendo mais disposto do que nas últimas semanas. Talvez os últimos dois dias de negociações com o filho tivessem trazido de volta um pouco do seu espírito político.

- Seu padrasto tem se esforçado muito para chegar a um acordo que seja bom para todos - disse Beatriz. - Que salve a Toscana para você e as aparências para Godofredo, o Jovem. E que também vá protegê-la das exigências mais estapafúrdias e injustas com que Godofredo a ameaçou.

Godofredo continuou:

- Meu filho concordou em assinar um documento, determinando que ele tem direitos na Toscana só enquanto estiver casado com você. Se resolver deixá-la por qualquer motivo, perde todos esses direitos. Além disso, você tem o direito de deixá-lo e de voltar para a Toscana, caso ele seja cruel fisicamente com você, e por motivos legais específicos que serão cuidadosamente incluídos no documento. Você

também goza do direito de visitar anualmente a Toscana e de cuidar da administração das suas terras quando estiver lá. Matilda ficou atônita. Tal acordo era novidade, inédito, mas Godofredo conhecia bem as leis e, sem dúvida, devia ter pesquisado para saber que era válido. Claro que era uma opção melhor do que entrar numa guerra contra Henrique e o corcunda para preservar sua herança.

- Isso seria aceitável para você, filha?

Matilda meneou a cabeça lentamente e pensou na posição estratégica em que estava. Era bem sólida. Ela resolveu avançar mais um ponto.

- Hoje, quando estava na floresta, tive mais uma visão. Quero construir aqui uma grande abadia e dedicá-la à glória de Nossa Senhora, mãe de Deus, e que Patrício seja o abade. Eu pediria ao jovem Godofredo que providenciasse os recursos para construir esse monumento como seu presente de casamento para mim.

Nem Godofredo pai nem Beatriz se deixaram enganar em termos de quem a abadia realmente ia homenagear, e de qual seria seu objetivo principal, mas nenhum dos dois achou conveniente ponderar sobre essas questões. Se construir uma abadia na floresta para a Ordem ia ajudar Matilda a se resignar com o seu destino de se casar com um corcunda e ficar em Lorena, então que assim fosse. Talvez ser a protetora e idealizadora de uma grande abadia também fosse bom para a reputação de Matilda na região. Já corriam fofocas caluniosas sobre ela, à boca pequena, mas certamente uma duquesa tão devotada ao Senhor e à sua santa mãe, que passava todas as suas horas construindo um monumento para eles, não podia ser uma bruxa.

O padraсто sorriu para ela, com um pouco de sua antiga vitalidade.

- Tenho certeza de que meu filho estará mais do que disposto a fornecer os recursos para projeto tão valioso e igualmente satisfeito de ver que sua mulher é tão piedosa e boa católica. Matilda fez uma mesura completa, agradeceu aos pais a generosidade e saiu do quarto deles. Não era de jeito nenhum um cenário perfeito, mas ela podia aprender a viver com isso. E, acima de tudo, ficava em posição de iniciar imediatamente a construção da comunidade que ia batizar de abadia de Nossa Senhora do Orval. Cumpriria sua obrigação como A Escolhida, assim como tinha mantido sua promessa ao Santo Rosto. Nada era mais

importante do que isso.

- Seja feita Vossa vontade - Matilda sussurrou enquanto andava pelo corredor frio do palácio de Verdun, olhando para o alto.

Saiu à procura de Patrício, para dar-lhe a boa notícia de sua nomeação oficial como abade de Orval.

Patrício supervisionou o projeto inicial e a construção da abadia, com a ajuda dos conselheiros beneditinos de Godofredo pai. Matilda, claro, era consultada em todos os assuntos mais importantes. Enviaram mensageiros para a Ordem em Lucca, para informar a Isobel e ao Mestre que tinham encontrado o Vale de Ouro e que os monges da Calábria responsáveis por começar a transcrever o Libro rosso e outras histórias deviam se preparar para viajar para o Norte no verão de 1070.

Matilda guardava um baú de marfim trabalhado em seus aposentos. Fora presente do seu pai ao completar seis anos de idade. Era seu bem mais valioso, tinha gravado o brasão da família do lado lucchesi, o brasão de Siegfried, com pedras semipreciosas. Dentro desse baú havia outro item muito especial para ela. Era o pergaminho amarrado com uma fita de cetim vermelho que continha o desenho da rosa de seis pétalas feito pelo Mestre. Matilda tirou o pergaminho do baú

e o levou para a sala de reuniões onde Patrício conversava com os arquitetos.

- Quero fazer uma janela com este desenho - anunciou ela, desenrolando o pergaminho para exibir o símbolo. - Quero que a luz do dia brilhe através das pétalas da rosa e que ilumine o chão embaixo da janela. E no chão deverá haver um labirinto. Patrício tem o desenho dele.

O desenho do labirinto feito por Salomão e as especificações para a construção do circuito de onze caminhos até o centro constavam do Libro rosso. Seria um grande desafio para os pedreiros, já que Matilda queria um labirinto entre as paredes da abadia e também lá fora, no jardim. Mas, ela ainda não terminara sua lista de tarefas difíceis.

- Tive um sonho com a aparência da nave. Deve ser a construção mais nobre de Lorena, realmente digna do tesouro que vai abrigar. Não sou tão habilidosa como artista, mas estava na minha visão e vou tentar desenhar para vocês. Matilda pegou a pena do arquiteto-chefe e começou a desenhar, enquanto Patrício ria de sua falsa modéstia. Ela era brilhante em desenho arquitetônico e costumava terminar seus exercícios sobre o Templo de Salomão mais rápido e com mais atenção aos detalhes do que ele.

Ela explicou para os arquitetos:

- Quero esses grandes arcos em ponta com a maior altura que pudermos construir, apoiados em colunas feitas de mármore dourado. A nave será bem comprida, com muitas colunas e muitos arcos. Este será um monumento à glória de Deus e do que pode ser criado em nome do amor. Deve ter essa grandiosidade.

O arquiteto meneou a cabeça para a futura duquesa de Lorena deslumbrado com sua

capacidade. Essa mulher era espantosamente hábil no desenho do projeto, e sua compreensão dos princípios arquitetônicos era abrangente. O

que ela propunha era um desafio enorme, mas muito pensado e calculado. Quando Matilda terminou, o arquiteto se convenceu de que tinha entendido sua visão, a visão muito dispendiosa de construir a mais grandiosa abadia do Norte da Europa.

Ela adiou o inevitável até onde pôde. Seu padraсто Godofredo estava muito fraco, e Matilda tinha de se casar com o horrendo corcunda dali a três dias. Ela encontrou Patrício na capela.

- Patrício, ajude-me. Eu sei que preciso fazer isso, mas estou apavorada só de pensar em deixar que ele toque em mim. O

que posso fazer?

Patrício teve a mesma educação de Matilda e tinha plena consciência da santidade da câmara nupcial. Ele também sabia que Matilda não ia encontrar a sagrada união das suas escrituras naquele casamento com um homem perverso a quem ela desprezava. Só que, na prática, ele não tinha experiência nesse assunto. Matilda muitas vezes o provocava, dizendo que estava procurando, entre as belas louras germânicas da casa, uma abadessa para ser parceira dele, mas Patrício ainda não tinha tido essa oportunidade na vida. Ele ficou meio perdido, por isso perguntou:

- O que disse Isobel?

Matilda respirou fundo e procurou se lembrar da última conversa que teve com Isi.

- Ela me disse para não o beijar.

Patrício assentiu com a cabeça. Era um conselho compreensível. O livro do amor e o Cântico dos Cânticos diziam que o beijo era puro e sagrado. Era com o beijo que as almas se uniam, que dois espíritos viravam um só no hálito compartilhado. Isso e a intimidade da união carnal eram considerados a totalidade da união divina. O beijo talvez mais ainda.

- É direito dele, como seu marido, ter filhos com você, Tilda - Isobel lhe dissera. - Você terá de entregar seu corpo a ele, render-se da cintura para baixo sempre que ele desejar. Mas não tem de entregar a sua alma. Tudo do coração para cima pertence a você. Permita que ele goze dos direitos legais como marido, mas preserve os seus direitos. Não deixe que ele a beije, se o considera repugnante. Esse tesouro você não precisa ceder para ninguém além do seu amado.

Isi, então, fez Matilda ruborizar, ensinando a ela uma seleção de distrações chocantes que fariam um homem se esquecer completamente do beijo. Rapidamente. Matilda ouviu com atenção, um pouco espantada, mas aprendendo. Agora, diante da proximidade desse acontecimento temido, ela ficou contente de ter prestado bastante atenção.

Matilda era uma excelente aluna. Quando os votos foram assumidos na capela de Verdun, três dias depois, ela tremia, de frio e de medo da noite de núpcias. Estava decidida, no entanto, a tratar do leito nupcial com uma estratégia, como apenas mais um campo de

batalha em que teria de lutar para proteger o que era seu, por direito. Nesse caso estaria protegendo sua alma.

Quando o corcunda se aproximou da câmara nupcial, Matilda o scandalizou desempenhando o papel de mulher devassa de modo muito convincente. Ela o recebeu na plena glória de sua nudez, uma visão de tranças vermelhas acobreadas contrastando com a pele imaculada de alabastro. Aquele cabelo profano e vermelho não parava no alto da cabeça e acabou cobrindo suavemente a parte mais feminina do seu corpo, e Godofredo ficou hipnotizado e chocado, já que aquilo certamente era demais para qualquer cristão suportar. Ele teve certeza de que aquela criatura anormal era exatamente a bruxa que diziam que era. Ali estava a serpente Lilith, o demônio da tentação, a consorte do diabo. Naquele momento, porém, ele se dispunha a arriscar sua alma imortal mesmo se fosse esse o caso. O demônio era o vencedor.

Godofredo ficou completamente embasbacado com sua mulher e, ao mesmo tempo, horrorizado. Matilda não perdeu tempo e foi logo aproveitando seu estado de estupefação. Ela usou os truques das prostitutas que Isobel havia ensinado e conseguiu na mesma hora fazer com que o marido não tivesse interesse nenhum em beijá-la. E não foi surpresa tudo acabar bem depressa. Godofredo, o Corcunda, rolou de costas quase imediatamente e começou a roncar, deixando o corpo de Matilda meio marcado pelo uso, mas a alma intacta. No dia seguinte, quando os homens da comitiva perguntaram sobre a noite de núpcias, o corcunda grunhiu:

- É tudo verdade o que dizem sobre as mulheres de cabelo vermelho.

A risada lasciva que se seguiu ao comentário foi indicação clara de que todos em Lorena sabiam muito bem como eram as ruivas atrás das portas fechadas do quarto.

Godofredo pai, o duque de Lorena, entrou em coma profundo no dia seguinte. Morreu três dias depois, na véspera de Natal do ano de 1069. Matilda pranteou sua morte com as homenagens e a sinceridade que teria dedicado ao seu pai natural, o que era mais do que podia dizer do marido. Godofredo, o Jovem, estava à espreita como um abutre, esperando o pai morrer para poder herdar a totalidade de suas propriedades combinadas com as de Matilda.

O que resultou de bom da ganância do corcunda foi que ele passou a ficar ocupado demais para se incomodar com a mulher. Matilda fazia o que queria, que era passar o tempo na companhia de Patrício, supervisionando os projetos de Orval. A construção só iria realmente começar na primavera, mas tinham muito o que fazer em termos de preparativos. A Arca da Nova Aliança que continha o Libro rosso era guardada numa capela particular à qual só Matilda e Patrício tinham acesso. Isso fazia parte das exigências nupciais dela, até Orval ficar pronto e o livro poder ser transferido para ser copiado. É

claro que ela havia mentido para o corcunda sobre o que a arca continha, mas ele não era bom observador e nada percebeu. Patrício passava a maior parte do tempo na capela particular, num esforço para recriar o esboço do labirinto de Salomão que havia n'O livro do amor. Iam precisar de uma planta do labirinto para apresentar ao mestre de obras. Matilda também passava algumas horas do dia com a mãe. Beatriz era agora viúva pela segunda vez e, nas duas ocasiões, perdera homens a que realmente amava. Carregava sua

dor com a mesma classe e dignidade que tinha demonstrado em toda a sua vida, mas Matilda notava que essa atitude cobrava seu preço. Uma faixa larga, prateada, brilhava no cabelo de sua mãe, que fora todo negro, e sua lendária beleza começava a se apagar com a idade e o sofrimento.

- Quando a neve derreter, eu vou voltar para Mântua - anunciou Beatriz inesperadamente uma noite, durante o jantar.



Matilda ficou atônita. Como Beatriz era de Lorena, ela achava que a mãe estava feliz ali, na terra dos seus ancestrais. Beatriz explicou melhor:

- A Toscana passou a ser meu lar em todos os anos que passamos lá, Matilda. É muito mais um lar para mim do que Lorena poderia ser. Mas, além disso, não confio no seu marido como confiava no meu. Ele ficará preso aqui em Lorena com seus negócios, e eu volto para as nossas terras para administrá-las direito. É para sua proteção também, além da minha.

- Gostaria de poder ir com você - suspirou Matilda. Beatriz estendeu a mão e bateu de leve no braço da filha.

- Um dia, minha querida. Não se desespere. Você é jovem e verá a Toscana outra vez.

Inesperadamente, Matilda fez algo que raramente fazia. Ela chorou. Apoiou a cabeça nas mãos e se permitiu chorar. Pela terra natal perdida, pelos dois pais mortos, pelos amigos que estavam tão longe, pelo seu casamento repulsivo, por suas responsabilidades espirituais e, agora, pela partida da mãe. Beatriz, por sua vez, deixou Matilda chorar até esgotar a tristeza, afagando-lhe o cabelo numa rara demonstração de afeto maternal.

Reze da maneira que ensinei, usando a rosa como modelo do Espírito Santo.

E sempre da esquerda para a direita, envolva a primeira pétala da santa rosa, isto é, a pétala da FÉ, e reze:

Pai-Nosso que sois Benevolente e estais no céu, Santo e sagrado é o Vosso nome.

Contemple aqui a sua fé no Senhor vosso Deus e na graça do Espírito Santo, enquanto agradece a presença de ambos na sua vida e na Terra.

Envolva a segunda pétala, que é a pétala da RENDIÇÃO, e reze:

Venha a nós o Vosso reino pela obediência à Vossa vontade Seja feita a Vossa vontade.

Ouç a voz do Pai e ouvirá a Sua vontade, que deve cumprir sem medo ou falha. Fique nesta pétala o tempo que precisar para se entregar e descobrir a abençoada liberação da rendição à vontade d'Ele e não à sua.

Envolva a terceira pétala, que é a pétala da SERVIDÃO, e reze:

Assim na terra como no céu.

Aqui reafirme vossa promessa, a Deus e a si mesmo, se for anthropos completo e se lembrar. Se ainda não atingiu o estado de compreensão, confirmará seu compromisso de criar o céu na Terra, agindo de acordo com O Caminho do Amor, amando o Senhor seu Deus acima de tudo e amando seus irmãos e irmãs na Terra como ama a si mesmo, pois eles são parte de você. Então rezará pela iluminação, para que, pelo conhecimento, possa se lembrar da natureza da sua promessa eterna.

Envolva agora a quarta pétala, que é a pétala da ABUNDÂNCIA, e reze:

O pão nosso de cada dia nos dai hoje, o maná.

Agradeça ao Senhor tudo que lhe foi dado e saiba que, vivendo em harmonia com a Sua vontade e honrando a promessa de servi-Lo, conhecerá a abundância e nada jamais lhe faltará. Tudo que precisar ou desejar lhe será dado, se viver na graça de Deus e estiver alinhado à Sua vontade. Envolve a quinta pétala, a pétala do PERDÃO, e reze:

Perdoai as nossas ofensas e dívidas

Assim como nós perdoamos a nós mesmos e a todos os outros.

Aqui você deve fazer uma lista de todos os que lhe fizeram mal, que testemunharam contra você ou que lhe fizeram sofrer de algum modo. E deve perdoá-los, rezando para que um dia venham a ser um anthropos completo e que entendam sua ligação com Deus, lembrando-se da própria promessa. Você deve pedir a qualquer um a quem tenha ofendido para fazer o mesmo e, acima de tudo, deve se perdoar por todos os atos e pensamentos que o envergonharam por suas fraquezas humanas. Pois, embora todo o perdão seja o bálsamo da compaixão da nossa Mãe, é preciso perdoar-se acima de tudo. Envolve a sexta pétala, a pétala da FORÇA, e reze:

Mantenha-me no caminho da retidão e Livrai-me das tentações do mal.

Pois é a tentação que nos impede de sermos seres plenamente realizados. Ela impede que cumpramos a nossa promessa a Deus e a nós mesmos, e aos outros, e está nas tentações de avareza, arrogância, preguiça, luxúria, ira, gula e inveja acima de tudo. Contemple esses pecados e reze por sua libertação de todas as tentações que podem tirá-lo do caminho do anthropos.

Reze como ensinei e ensine aos seus irmãos e irmãs em espírito a rezarem assim. E pela vivência dessa oração que homens e mulheres criarão o céu na Terra. E por essa oração que viverão como a expressão do amor.

O Amor Conquista Tudo.

Para aqueles que podem ouvir, que ouçam.

A ORAÇÃO DA ROSA DE SEIS PÉTALAS,

D'O LIVRO DO AMOR, TAL COMO PRESERVADO NO LIBRO

ROSSO

Palácio de Verdun

Primavera de 1071

Matilda estava grávida.

Tinha certeza disso. Passaram dois ciclos completos da lua desde a última vez que menstruou, e a náusea que sentia pela manhã impedia que comesse até um pedaço de pão.

Era um enigma para ela. Se admitisse a gravidez imediatamente, podia insistir para que o corcunda não encostasse mais nela, a fim de não prejudicar o bebê. Seria um alívio bem-vindo dos grunhidos e da lascívia dele, que Matilda odiava como se fosse um veneno. Talvez pudesse até

pedir um quarto separado para o tempo de confinamento. Infelizmente, seu marido tinha ficado muito excitado com o desempenho dela na noite de núpcias, coisa que ela não previra. O desejo que ele sentia por Matilda tornou-se logo uma obsessão, um vício profano da sua exótica mulher e do seu corpo anormal. Ele agora a procurava sempre, desesperado e exigente.

Matilda passava mal com as encenações no quarto do casal, mas, mesmo assim, conseguiu

evitar que o corcunda a beijasse. O fato de ele não se interessar por isso, já que se preocupava muito mais com os outros prazeres da sua feminilidade, era a única coisa que ajudava Matilda a manter sua sanidade mental depois que o sol se punha.

Por outro lado, se lhe contasse que esperava um filho, ele insistiria para que ela parasse de montar. Assim, ela não poderia continuar supervisionando a construção de Orval, a única verdadeira alegria da sua vida. Era mais do que ela podia suportar. Pusera ela mesma a primeira pedra fundamental no equinócio da primavera de 1070, quase exatamente um ano antes, e participara de todas as decisões que diziam respeito à construção desde então. Além disso, recebeu a notícia da Ordem de que os monges da Calábria, irmãos de Patrício, que iam copiar o Libro rosso, já estavam em viagem para o Norte, para se encontrar com ela. Poderia hospedá-los no palácio nos primeiros dias, mas, quando o trabalho de tradução realmente começasse, ia ter de tirá-los de Verdun, afastá-los dos interrogatórios que faziam parte do comportamento diário de Godofredo. Ela não queria perder sua liberdade de cuidar da construção nem um dia antes do necessário.

Acontece que Matilda foi forçada a abrir o jogo uma noite, pouco tempo depois de se certificar do seu estado. Já era tarde e o corcunda ainda não havia chegado, como sempre acontecia quando ia supervisionar suas terras que se estendiam para além da cidade de Stenay. Normalmente, quando ele ia até os limites do seu território, não voltava para Verdun até o dia seguinte, para alívio de Matilda. Nesta noite específica, ela foi para a cama exausta com o trabalho de manter a casa, a construção da maior abadia da Europa e com a nova vida que crescia dentro dela. Como era muito tarde, tinha certeza de que o marido passaria a noite fora. Estava enganada.

Matilda ouviu Godofredo antes de vê-lo. E sentiu-lhe o cheiro antes de ele entrar no quarto.

- Onde está minha mulher?

Ele entrou trôpego no quarto, fedendo a cerveja e a outra coisa que Matilda não identificou até ele chegar mais perto. Vômito. Estava imundo e nojento, como se tivesse ficado horas em uma das cervejarias mais sujas. O corcunda de vez em quando compensava sua desgraçada infelicidade dessa forma. Porque, com todos os seus defeitos físicos, era um homem e tinha saúde e, antes do casamento, procurava alívio nos bordéis e nas cervejarias. Desde que se casara com a bruxa ruiva, tinha renovado a necessidade de escapar para a segurança das moças germânicas loiras até mais do que antes, com o intuito de quebrar o feitiço que sua perversa esposa lançara sobre ele. Para aumentar o seu tormento, havia ainda o fato de que Matilda o odiava, tinha nojo dele, e ele sabia. Quando Godofredo buscava consolo no excesso de cerveja e nos bordéis, ele costumava desmaiar bem antes de poder chegar perto de Matilda. Esta noite, porém, ela não teria a mesma sorte. As afáveis ordenhadoras da cervejaria simplesmente não eram páreo para Matilda na cabeça alucinada do corcunda. Nem com duas das moças mais viçosas ao mesmo tempo no quarto dos fundos ele conseguiu apagar a visão da mulher fogosa que esperava por ele na sua cama. Quando voltou para o palácio, Godofredo era um homem possuído pela luxúria e pelos seus demônios.

- Venha para o seu homem e marido, sua cadela devassa - disse ele com a voz arrastada avançando para Matilda, já

tirando a calça.

Matilda estava quase dormindo quando ele entrou no quarto e tentava raciocinar para enfrentar aquela inesperada presença. Seus reflexos, normalmente muito rápidos, foram afetados pela sonolência e pelo seu estado. Ele pulou em cima dela com tal velocidade que Matilda mal teve tempo de virar a cabeça quando o corcunda tentou encostar a boca fedorenta em seus lábios. Acabou tocando apenas no rosto com um grunhido e deixou uma marca de dentes. Ela procurou distraí-lo com suas mãos habilidosas, desesperada, mas essa estratégia, que costumava funcionar, não teve efeito essa noite.

Godofredo deu um tapa violento no rosto de Matilda com as costas da mão.

- Olhe para mim, mulher.

Ele não esperou Matilda obedecer. Agarrou mechas do cabelo dela com as duas mãos e beijou-a à força. Ela se esforçou para cerrar os dentes, mas o corcunda a machucou e conseguiu enfiar a língua coleante em sua boca. Desesperada para sair de baixo dele, Matilda usou uma técnica de batalha que aprendera com Conn, empurrando o peito dele com o joelho e rolando rápido para o lado, apesar da dor que sentiu. Com um gemido, o marido caiu no chão. Ficou imóvel um tempo, enquanto recuperava o fôlego. Então foi se levantando devagar, ameaçador, e avançou para cima dela com os punhos cerrados.

- Posso impor meus direitos de marido quando e como eu quiser. Seu precioso documento legal não a livra disso. Matilda balbuciou o mais depressa possível, antes de Godofredo dar

mais um passo.

- Pare Godofredo. Estou esperando um filho.

Ele piscou como se não tivesse ouvido direito, o que era bem provável no estado de completa embriaguez em que estava. Ele falou com voz arrastada:

- O que está dizendo?

- Eu disse que estou esperando um filho seu. E a parteira diz que, como tenho ossos pequenos, se você encostar em mim, correrei o risco de perder o bebê.

Ela estava mentindo, claro, mas ele era ignorante demais para saber dessas coisas, mesmo quando estava sóbrio.

Ele deu mais um passo para perto dela, com surpreendente agilidade agarrou novamente o cabelo de Matilda e a puxou para ele.

- Por que devo acreditar numa bruxa mentirosa como você?

Aquela combinação de desejo e bebedeira era perigosa e irracional. E o corcunda era um homem grande. Ela precisava fazê-lo entender. E rápido.

- Porque você esperou um herdeiro todos esses anos e, se tocar em mim, estará pondo em risco qualquer chance de ter um.

Ele afrouxou a pegada, mas não a soltou. Matilda já estava exasperada. E retrucou recuperando sua agressividade de guerreira.

- Há muitas criadas nesta casa que ficarão felizes de fazer suas vontades em troca de ninharias. Você quer pôr nosso filho em perigo, o futuro duque de Lorena, com sua lascívia de bêbado?

Funcionou. Mesmo embriagado de cerveja e de desejo por ela, Matilda conseguiu atingir alguma parte do cérebro de Godofredo onde se alojava sua principal ambição. O corcunda resmungou alguma coisa sobre discutir isso com ela no dia seguinte e saiu tropeçando do quarto, sem olhar para trás. Matilda ficou com pena e com uma sensação de culpa pela pobre criada que seria intimada a atender ao senhor duque no estado em que ele estava aquela noite. Mais tarde ela iria saber com as outras servas qual delas sofrera tal indignidade e dobraria seu salário. Era o mínimo que podia fazer. Mas lá no fundo estava infinitamente aliviada de pensar que não seria obrigada a satisfazer os desejos do corcunda nos próximos sete meses, pelo menos.

Matilda virou prisioneira no palácio. Exatamente como temia, Godofredo providenciou uma lista de coisas que ela podia ou não podia fazer. Andar a cavalo era a primeira na lista de atividades proibidas. Ela estava sob constante vigilância pelos empregados do corcunda, os padres, médicos, parteiras, todos os que a entrevistavam sempre e não a deixavam em paz. Até

a cozinheira monitorava tudo que ela punha na boca e, sorrateiramente, introduzia empregados no quarto, quando ela estava comendo, para ter certeza de que ela consumia o que serviam.

Felizmente o marido a evitava como praga desde a noite em que foi humilhado no quarto do casal. Matilda tinha certeza de que ele não confiava nela e que pensava que ela fosse prejudicar o bebê de propósito, daí a intensa e onipresente observação da sua equipe, de tudo que ela fazia. Era horrível saber que todas aquelas pessoas achavam que ela fosse capaz de cometer uma maldade dessas. Mas também era muito difícil sentir a vida crescendo no seu corpo e saber que não tinha sido concebida imaculadamente, como era ensinado pela Ordem. Aquele pobre bebê, apesar de não ter culpa de nada, não fora criado num ambiente sagrado. O livro do amor ensinava que todos os filhos nascidos da união de verdadeiros amantes têm concepção imaculada aos olhos de Deus, mas, quando o filho é concebido sem amor, não recebe bênção tão grande quando nasce. Isso não era ensinado como um julgamento dos pobres bebês que não tinham escolha e sim como um aviso para os adultos não terem filhos sem amor. Meu Deus, por que me afastou de Isobel e do Mestre num momento como esse? Matilda precisava mais do que nunca de orientação espiritual. Sentia muita falta disso e estava sofrendo. Seu único santuário era a capela privada, o único lugar para onde podia escapar e fechar a porta, deixando de fora todos os espiões do corcunda. Ela foi para lá e, ao entrar, tocou na estátua de Santa Modesta que estava sobre um altar dourado, como sempre fazia.

Patrício tinha feito uma surpresa para ela no seu aniversário, no equinócio. Ele pintara uma rosa de seis pétalas no centro do chão da capela. Ela não queria um labirinto em Lorena, até

Orval estar pronto, então ele criou um local sagrado para ela meditar sobre a oração maior. Isso talvez lhe desse a força espiritual de que precisava para enfrentar seus atuais problemas.

Matilda gostava muito daquele lugar. Ela entrou na rosa para começar a oração. Foi para a primeira pétala e agradeceu tudo que tinha recebido antes de ir para a segunda.

Seja feita a Vossa vontade, ela murmurou muitas vezes. Meu Deus, por que quer isso de mim? Por que fui afastada de todos os que amo e do único lugar que considero meu lar? Como posso compreender melhor a Vossa vontade?

Às vezes ela ouvia a voz d'Ele claramente, mas em geral isso acontecia no labirinto. Outras vezes ouvia apenas o som do silêncio. Hoje ela ouviu o Senhor com uma força que nunca poderia prever.

- Quando o Vale de Ouro estiver terminado, você poderá

voltar para casa, onde encontrará um grande amor como recompensa pela sua obediência ao seu destino e à sua promessa.

Havia mistérios nessa resposta que não explicava exatamente como ela obteria permissão para voltar para casa, mas Matilda ficou mais calma com o que ouviu. A vontade de Deus era que ela construísse Orval, e era isso que estava fazendo. A construção seguia num ritmo bem acelerado. Um inverno ameno havia permitido que os trabalhadores continuassem a

obra além da temporada normal. E os calabreses estavam lá, trabalhando com afinco para copiar o Libro rosso. Tudo estava correndo de acordo com o planejado.

Ela terminou a oração nas seis pétalas e passou muito tempo na quinta, a pétala do perdão. Rezou para encontrar força para perdoar Godofredo por sua perversidade, para ter compaixão pelo estado dele e pelo sofrimento que a deformidade provocava. Matilda rezou para Deus perdoá-la por desprezar o marido e por talvez não ter se comportado de forma mais carinhosa com ele. Quando acabou, ela teve uma sensação de paz que não tinha havia algum tempo. E Deus a recompensou por ser piedosa, porque Patrício chegou inesperadamente de Orval naquela mesma tarde.

Ele foi contar para ela do rápido progresso que estavam fazendo na bela abadia e mostrar desenhos das estruturas que tinham levantado, ilustrando a beleza e a majestade da obra. O que Matilda mais queria era ver a janela com a rosa de seis pétalas, que já tinha sido erigida, cujo contorno era visível do labirinto do jardim que começavam a construir. Patrício estava muito animado com a grandiosidade de toda a construção e procurava compartilhar essa paixão, ao mesmo tempo que não queria que ela se desesperasse com a impossibilidade de sair a cavalo com ele. Ele via a tristeza em seu rosto.

- Ah, Patrício, eu queria poder estar lá com você.

- O tempo passa muito depressa. Você estará lá num piscar de olhos. E quando puder viajar, já teremos quase terminado os primeiros prédios e eu terei um labirinto perfeito construído para você no jardim.

- Não vejo a hora de isso acontecer, você nem imagina quanto.

Foi no início do outono que Patrício voltou para Verdun para encontrar Matilda bem cedo, uma manhã, cheio de novidades, dizendo que o labirinto estava pronto. Estava muito alegre e animado, pois ele mesmo o tinha estreado, caminhando até o centro e saindo pelos onze circuitos na noite anterior. Queria compartilhar seu sucesso com ela. Juntos, os dois haviam criado uma magnífica biblioteca e um campo de treinamento para os ensinamentos d'O Caminho do Amor, o que merecia uma comemoração.

A Matilda que o recebeu não era a que ele conhecia e não tinha nenhuma condição de comemorar qualquer coisa. Já

estava no meio do sétimo mês de confinamento, e a criança era visível na sua constituição miúda. Os dois estavam andando na direção dos estábulos, e Matilda olhava com tristeza para os cavalos.

- O que eu não daria para andar pelo labirinto agora... O

único lugar em que encontrei a verdadeira paz foi dentro do labirinto, você sabe.

Ela parou de repente e olhou em volta. Não tinham sido seguidos, isso dava para ver. Patrício conhecia Matilda muito bem e pôde sentir o que se passava pela cabeça dela. Havia um motivo para o Mestre ter dito que os dois compartilhavam o mesmo cérebro.

- Não, Matilda. Nem pense nisso. É perigoso demais.
- Godofredo viajou e ficará fora nos próximos três dias. Se partirmos agora, podemos estar de volta antes do escurecer. Não ficarei muito tempo lá, Patrício. Apenas o suficiente para ver a nova construção e caminhar no meu labirinto uma vez só.
- Você enlouqueceu? Não está em condição de cavalgar. E

mesmo que estivesse, não pode montar com essa roupa.

- Preste atenção. Já conheceu alguém que fique mais confortável no dorso de um cavalo do que eu? Não difere em nada de estar sentada numa cadeira. Pegarei uma montaria mais velha e mais calma. Vai me custar uma hora a mais para ir e para voltar, mas se sairmos agora pode dar certo. E há

roupa de montaria no depósito de arreios. São roupas de homem, mas é até melhor, pois servirá de disfarce para mim, no meu estado.

- Não me peça para fazer isso com você, Tilda. Por favor.
- Para quem mais eu posso pedir, meu irmão?

Os olhos cor de água-marinha se encheram de lágrimas quando ela lhe implorou.

- Por favor. Não tive nenhuma alegria na vida nesses últimos seis meses. Ver o que criamos

em Orval, comemorar isso, como você disse, vai me fazer voltar à vida. E me dará forças para enfrentar o resto desse meu confinamento.

- Que Deus me perdoe se alguma coisa acontecer com você ou com essa criança - resmungou Patrício, balançando a cabeça. - Venha depressa então, antes que alguém nos veja.

Já na floresta, Matilda esqueceu que estava grávida. Incitou o cavalo a engatar um meio galope e disparou no seu ritmo de corrida.

- Matilda, mais devagar!

Patrício suava, apesar do ar gelado da manhã outonal. Ele teve um pressentimento ruim sobre aquela aventura desde o instante em que viu a expressão de Matilda nos estábulos. Sabia que ela jamais machucaria o bebê ou a si mesma de propósito, mas se comportava com muita imprudência. Ela puxou as rédeas e fez o cavalo andar a passo.

- Desculpe. É que a sensação de estar ao ar livre de novo é muito boa.

Ela respirou o ar perfumado dos grandes pinheiros que os cercavam na floresta de Ardennes. Já estavam perto, e ela estava animadíssima prevendo a chegada. Quando passaram pelo laguinho onde um único cisne deslizava, Matilda sufocou um grito de

deslumbramento.

Logo à frente estavam os arcos em ponta da nave, colunas de mármore dourado brilhando ao sol. A visão era definitivamente magnífica.

- Oh, Patrício, veja só o que fizemos!

Ela desmontou com cuidado e com a ajuda do amigo, e caminhou para a construção resplandecente. Era tudo que ela havia sonhado, um monumento notável a O Caminho do Amor.

- Venha, você precisa ver isso.

Agora Patrício estava mais animado porque tinham chegado bem e Matilda não parecia nem um pouco afetada pela cavalgada. Na verdade, parecia mais viva do que quando a viu em seu confinamento. Ele a ajudou a passar pela entrada da grande câmara que tinha a janela com a rosa de seis pétalas. Matilda parou diante dela e chorou. Quando finalmente conseguiu falar, foi num sussurro.

- Está perfeita. Exatamente como sonhei que seria. Ele a levou para o scriptorium, onde três monges da Calábria, dois mais velhos e um aprendiz, trabalhavam nas traduções do Libro rosso. Matilda não os via desde os primeiros dias de sua chegada a Lorena e ficou contente de revê-los. Os irmãos ficaram muito surpresos de vê-la ali, mas a receberam com carinho e a convidaram para descansar enquanto providenciavam um almoço de pão, cerveja aguada e

queijo, tudo feito na abadia. Orval já estava a caminho de se tornar uma comunidade próspera e autossuficiente. Matilda não podia estar mais feliz com aquele progresso todo. Depois de almoçar e de receber uma atualização dos calabreses sobre a evolução das traduções, que estavam muito mais adiantadas do que ela podia imaginar, Matilda ficou ansiosa para ver a peça principal.

- Leve-me ao nosso labirinto - ordenou a Patrício, que humildemente obedeceu.

Era magnífico. Patrício tinha trabalhado com um mestre de obras mais de um ano para juntar centenas de pedras de pavimentação, que foram cuidadosamente armadas no chão, uma por uma, para criar o desenho dos onze circuitos. No centro havia uma rosa perfeita, delineada com pedras mais claras que faziam o contraste. Era uma obra-prima de trabalho com pedras.

- Olhe aqui.

Patrício levou-a até a entrada, virada exatamente para o leste. Ele andou uns dez passos a partir da entrada e se ajoelhou para mostrar onde haviam prendido o anel de ferro na terra.

- Por Notre Dame, a Senhora do Labirinto.

Matilda deu um enorme sorriso de felicidade para Patrício enquanto puxava alguns fios de suas tranças e os amarrava no anel com o nó de núpcias. Beijou Patrício no rosto e agradeceu a ele antes de fazer a tão esperada caminhada pelo seu labirinto, onde Deus a aguardava no centro.

O tempo que Matilda passou no labirinto foi lindo, apesar de intrigante. Ela teve uma visão de si mesma na Toscana com Conn, o bispo Anselmo e Isobel... e mais alguém, outro homem, forte e belo, que não reconheceu. Achou estranho, pois não parecia nem um dia mais velha. Se a Toscana estava em seu futuro, devia ser num futuro mais distante. Godofredo jamais permitiria que ela viajasse depois que a criança nascesse. Teve outra visão, de Lucca, e era Natal. Ela estava parada na frente da igreja de San Martino. A catedral dela, do Rosto Santo. E estava feliz nas duas visões, quase insuportavelmente feliz. Será que essa felicidade toda era possível? Que momento no futuro estava ela vislumbrando?

Talvez aquilo fosse apenas um sonho da alma que estava vendo e não uma visão da realidade que a esperava. Ficou meio desconcertada de não ter visão nenhuma do filho, no entanto podia sentir o bebê se mexendo em seu ventre. Talvez Deus não quisesse que ela visse a criança antes do nascimento.

Patrício esperava Matilda na saída do labirinto e começava a ficar preocupado. Ela estava lá dentro havia muito tempo e, se não saísse logo, não teria como voltarem para Verdun antes de escurecer. Ele fechou os olhos e pediu que ela saísse, rezando ao mesmo tempo para que aparecesse logo. Mas ainda esperou muito até ela finalmente sair de lá de dentro, ofegante com as visões que teve.

- Tilda, não temos mais tempo para isso. Precisamos pegar os cavalos agora. Você pode me contar no caminho.

Ela concordou, olhou para o céu e compreendeu, aflita, que era muito mais tarde do que previra. Patrício ajudou-a a montar o cavalo e seguiu imediatamente atrás dela, no caminho para Verdun.

Estavam quase no fim do outono e os dias ficavam mais curtos. Matilda teve de escolher: acelerar o passo e aproveitar o máximo da luz do dia, ou manter um passo lento e constante e arriscar ser pega pela escuridão. Ela escolheu a primeira opção e deu com os calcanhares na barriga do animal para iniciar o meio-galope.

- Que Deus nos ajude - resmungou Patrício, tentando acompanhá-la.

Se estava escrito em seu destino ou se foram suas atitudes de livre-arbítrio que provocaram, Matilda nunca saberia. Mas a luz já fraca do sol e a velocidade imposta ao cavalo velho foram uma combinação mortal. O animal tropeçou no meio do passo, a galope. Se Matilda estivesse bem equilibrada, poderia aparar a queda rolando atleticamente e acabar com alguns arranhões, no máximo. Mas o corpo pesado no final da gravidez e a falta de equilíbrio não ajudaram nada naquela situação. Matilda foi lançada no ar e teve uma queda feia, de lado.

Patrício rugiu de medo e de angústia quando viu aquilo acontecer, logo atrás dela. Pulou do cavalo e correu para Matilda, aliviado de ver que ela respirava, embora não estivesse consciente. Verificou se havia algum sangramento, mas não viu qualquer sinal de ferimentos externos que pudessem ser ameaça de morte. Pegou a pesada manta de lã

do seu cavalo, cobriu sua melhor amiga com ela e recitou a oração mais fervorosa de toda a sua vida por ela. Pulou no cavalo a pêlo e foi para o palácio de Verdun procurar ajuda, galopando como se o próprio diabo estivesse no seu encalço.

A dor que atravessava seu abdômen era como se enfiassem dez espadas em brasa por todos os lados. Ela recuperou a consciência, mas, se a sensação era aquela, preferia mil vezes continuar delirando. Sentiu a dor outra vez e então o jorro quente de um líquido que cobriu suas coxas. Agora estava de olhos abertos e via que estava no seu quarto, com duas espiãs de Godofredo, uma de cada lado. Parteiras. A mais jovem não era tão ruim. Seu nome era Greta, e era o único membro da equipe de Godofredo que tinha realmente se esforçado para ser simpática com a nova duquesa. Ela passava um pano frio no rosto de Matilda e dizia baixinho para ela, em alemão, que estava tudo bem, que ela estava em casa.

A mulher mais velha não era nada simpática. Dava ordens ríspidas para as outras no quarto enquanto apalpava a barriga de Matilda.

- Faça força - ela ordenava com rispidez. - Esse bebê precisa sair agora se quisermos ter alguma esperança de poder salvá-lo. Matilda só imaginava o que o resto da frase significava, pois a parteira resmungava baixinho, furiosa, em alemão. Sem dúvida, devia ser uma praga que rogava para a malvada duquesa de Lorena que tinha posto em risco a vida do filho do duque.

Matilda fez força. Não tinha escolha. A pressão na barriga era insuportável e, com um estranho estalo e mais uma dor lancinante, ela sentiu a criança avançar pelo canal do

nascimento e parar nas mãos da parteira.

Era cedo demais, e todos sabiam disso. Não podia haver um final feliz naquele parto. Matilda estava em choque e exausta de dor e de medo, mas bastante consciente para se importar. Esperou em silêncio enquanto a parteira limpava o sangue do bebê.

- Uma menina.

Não havia nenhuma emoção nessa informação. E de repente, quando ninguém mais esperava, ouviu-se um murmúrio fraquinho no quarto. Matilda prendeu a respiração. Seria possível? Sua filha estava viva? Ela tentou sentar, mas a parteira mais jovem a segurou, gentilmente.

A mais velha, depois de toda aquela rispidez, foi surpreendentemente delicada e carinhosa com a recém-nascida, massageando-a suavemente e sussurrando para a pequenina ao mesmo tempo. Então ordenou asperamente para a mais jovem:

- Vá chamar o padre.

A mulher pôs o bebê num cobertor novo de lã virgem e levou a pequenina filha de Matilda para perto da mãe na cama.

- Está viva - disse a mulher, novamente sem emoção nas palavras e nos gestos -, mas não por muito tempo. E pequena demais e os pulmões não estão funcionando. Vai morrer antes de a noite acabar. Antes que o pai possa vê-la com vida. - Aquela era uma condenação

clara. - Deve dar-lhe um nome para poder ser batizada e sua alma não se perder. Um nome cristão.

A ênfase na palavra cristão foi definitiva. A parteira não ia deixar aquela bruxa condenar a filha do duque, mais ainda do que já havia feito.

Matilda precisou de toda a força que tinha, mas levantou o corpo e segurou o minúsculo embrulho nos braços. O bebê

era tão pequeno que não parecia de verdade. Era uma menininha perfeita, só que em miniatura. Não havia sinal da deformidade congênita do pai. Na verdade, o único traço que Matilda reconheceu nela foi a linda covinha no queixo, igual à de Beatriz. E, apesar de haver apenas uma penugem na cabeça do bebê, ela percebeu que era bem vermelha. Num segundo que pareceu uma eternidade, a menininha olhou bem nos olhos dela, e Matilda teve certeza de que a filha estava realmente a vendo. Foi rápido, mas houve ali um momento de inteligência e de reconhecimento, um vislumbre da alma daquela criança que chegara para ficar um curtíssimo tempo. Naquele instante de angústia profunda, elas ficaram ligadas, mãe e filha, e Matilda teve certeza de que seu coração ia se partir. Foi ela que provocou aquela tragédia, que fez aquilo acontecer com sua preciosa e inocente filha. Que Deus a perdoasse.

O padre chegou logo, o confessor austero de Godofredo que nos melhores dias condenava Matilda. Ele aspergiu água benta na bebê com muita pressa, como se tivesse certeza de que ela morreria no próximo minuto.

- Você deu a ela um nome cristão?

Matilda passou o dedo na covinha do queixo do bebê. E

balançou a cabeça de leve, indicando que sim.

- Dei. Eu a chamaria de Beatriz Madalena.

O padre fez cara de quem desaprovava, mas não disse nada. Batizou a menina e deu-lhe a extrema-unção ao mesmo tempo, um estranho sacramento de vida e de morte em um só. Então saiu do quarto sem olhar novamente para Matilda. Matilda aconchegou o bebê ao peito e balançou de um lado para outro até o fim da curta vida da menina. Não conhecia nenhuma canção de ninar, por isso a filha deu seu último suspiro ouvindo o choro da mãe, em meio aos versos da única canção que a acalmava na vida. Aquela em francês, sobre o amor.

Matilda estava sufocando. Havia alguma coisa sobre o seu rosto e não conseguia respirar. Lutou para sair de baixo daquilo, mas em vão. Seu atacante era mais forte do que ela, especialmente no estado de fraqueza em que se encontrava no momento. Quando já ia perdendo a consciência, ouviu o grito de alarme de um homem. Houve uma luta na cama e berros em alemão. Então tiraram o travesseiro de cima do seu rosto. Sem ar, Matilda tentou ver o que estava acontecendo no quarto, ainda tonta e com a visão embaçada. O corcunda estava em cima dela com o travesseiro nas mãos, o instrumento com que pretendia matá-la. Mas não era ele o atacante. Por mais incrível que pudesse parecer, Godofredo era seu

salvador. A tentativa de assassinato partira da parteira mais velha, que olhava para Matilda com ódio. A mulher cuspiu nela.

- Demônio. Bruxa assassina. Você matou aquela criança como se tivesse cortado sua garganta.

- Chega!

Godofredo teria de tomar uma atitude com a parteira mais tarde. Não podia permitir que se cometesse um assassinato no quarto dele, mesmo se considerasse justificável, e quase todos na casa concordariam que era. Quando a mulher mais velha saiu furiosa do quarto, Godofredo se aproximou da cama de Matilda. Ela tentou falar, mas a voz não saía.

O corcunda olhou para ela, sem piedade e cheio de ódio.

- Não me agradeça por salvá-la, mulher. Não foi pelo seu corpo condenado que fiz isso. Simplesmente não porei em risco minha alma mortal pelo bem de uma filha mulher, permitindo que se cometa um assassinato na minha casa.

"Mas fique sabendo que se a criança fosse um menino... eu teria deixado a parteira matá-la."

Ela precisava sair dali imediatamente. Matilda tinha certeza de que, enquanto ficasse em Verdun, sua vida estaria em perigo. Todos na casa eram leais ao corcunda e acreditavam que ela era uma bruxa assassina que matara a filha dele de propósito. Matilda descobriu que

a parteira mais jovem, Greta, podia ser uma espécie de aliada, quando a garota foi verificar se ela estava se recuperando, levando pão molhado em vinho com água. Matilda a fez falar, com uma combinação de sentimento de culpa e suborno.

Greta informou que o que se comentava no palácio era que tinha sido bom o bebê ter morrido, porque tinha o mesmo cabelo vermelho profano da mãe. Sem dúvida, seria uma bruxa e uma maldição para o bom duque. Mas o perigo para a duquesa era imediato. Tinham mencionado, mais de uma vez, que se Matilda morresse naqueles dias seria fácil dizer que tinha sido por complicações no parto. Ninguém no castelo diria o contrário e Godofredo herdaria todas as propriedades dela, ficando livre para ter uma esposa mais jovem e recomeçar a vida.

Matilda ofereceu uma parte do seu baú de jóias para Greta se ela lhe arrumasse um cavalo. O destino quis que o irmão dela fosse um dos ajudantes no estábulo, e um colar de rubi digno de uma rainha foi pagamento suficiente para ele preparar uma montaria para Matilda.

Na calada da noite, Matilda saiu do palácio pela porta dos empregados apenas com a roupa do corpo e esperou o rapaz no estábulo. Quando ele arreou o cavalo, ela partiu noite adentro, rezando para a lua iluminar bem seu caminho e se firmando para não repetir a queda infeliz.

- Preciso ficar aqui, Matilda. Tudo que construímos está

ameaçado. O corcunda não vai me fazer mal. Ele não ousaria. Sou um monge e esta é a casa

de Deus. Lembre que ele não tem ideia do que você está realmente criando aqui, e mais ninguém tampouco sabe. Para o resto de Lorena, estamos apenas construindo o mosteiro mais lindo do Norte da Europa. E isso é um ponto para Godofredo.

Matilda torceu para que isso fosse verdade. Queria que Patrício ficasse em Orval para terminar a obra, completar a construção da sua grande visão, que ganhava vida daquela forma magnífica. Ela havia transferido todos os fundos para os cofres da abadia havia muito tempo, era Patrício que controlava os recursos, de modo que Godofredo não pudesse interromper o fluxo de dinheiro nem o progresso do trabalho. Mas ela estava preocupada porque seu marido podia tentar prejudicar Patrício de algum outro modo, para se vingar do que pensava ser cumplicidade com a traição dela.

- O que mais me preocupa é o que está acontecendo agora. Você precisa sair de Lorena imediatamente, mas não pode passar sozinha pelos Alpes.

- E, não posso. Mas minha mãe tem parentes aqui, perto de Stenay. Uma prima. Vou procurá-la e contar o que aconteceu. De lá enviarei um mensageiro para a Toscana para pedir que enviem uma guarda para escoltar-me até em casa.

- Será que pode confiar nessa prima da sua mãe?

- Nunca a vi, mas ela é duquesa e teve de desafiar Henrique em mais de uma ocasião. Por isso temos muito em comum, eu acho. E espero. Mas a verdade é que não tenho opção, tenho?

- E, não tem. Vá com Deus, irmã. E faça contato comigo assim que puder. De agora em diante vamos ter de usar o código Sator Rotas para nos comunicar.

O Mestre lhes ensinara um recurso para codificar mensagens quando ainda eram pequenos. O código já existia desde os primeiros cristãos em Roma, quando a morte certa e violenta era o destino de qualquer um descoberto praticando o cristianismo. Foi mediante esse código secreto que os convertidos puderam se comunicar. Para os jovens Matilda e Patrício, era como uma brincadeira ótima, eles ficavam enviando mensagens um para o outro com a estranha sequência de letras e números contidos no quadrado mágico. Agora isso seria empregado mais uma vez com o sério objetivo de preservar o verdadeiro cristianismo e garantir a segurança de Matilda.

- Deus cuida dos seus.

O Mestre disse isso para ela em muitas ocasiões, e Matilda teve a confirmação em toda a sua vida. Quando precisava desesperadamente da assistência divina, ela sempre vinha. Nessa ocasião, a vontade divina manifestou-se na pessoa da prima da sua mãe, Giselda, que recebera o nome da rainha que criou Beatriz quando ela ficou órfã. Tudo indicava que a força e a classe seguiam esse nome na família delas. Mulher excêntrica e culta, ocorre que Giselda estava desgostosa e revoltada com a reputação licenciosa e com a ganância de Henrique IV, que passara dos limites muitas vezes sobre os territórios por ela herdados. Ela era descendente direta de Carlos Magno e merecia melhor tratamento do que estava tendo nas mãos daquele novo-rico decadente, fosse ele rei ou não.

A chegada de Matilda à sua porta era uma bênção de Deus, e em pouco tempo as duas mulheres criaram laços conspiratórios. Matilda ofereceu apoio da Toscana, quando e se fosse necessário, para proteger as terras de Giselda, e a mulher, por sua vez, deu-lhe acomodações de luxo, médicos competentes e companhia agradável. Além disso, despachou seu melhor mensageiro para Mântua.

A comitiva da Toscana levou semanas para chegar a Lorena, dando assim um tempo essencial para Matilda se recuperar. Por meio de orações e práticas espirituais, ela procurou superar a dor de sua perda, a devastadora sensação de culpa e o trauma violento com o pesadelo do que ocorreu depois em Verdun. Giselda foi uma ouvinte atenciosa e, junto com a paz da solidão em segurança, nutriu a alma de Matilda com novas forças. Ao mesmo tempo, os médicos eficientes ajudaram na sua recuperação física antes da tentativa de atravessar os Alpes com o inverno chegando.

Quando os toscanos foram avistados, com o sol refletindo no cabelo ruivo do gigante a cavalo que estava ali para levá-la para casa em segurança, Matilda estava pronta para a viagem. No dia seguinte, quando Matilda e sua escolta se preparavam para ir para casa, chegou uma carta de Patrício levada por um mensageiro de um mosteiro beneditino. Redigida com o código secreto, era um apelo desesperado que exigiu um tempo para ser decifrado. Matilda sentou à mesa e pegou o código, determinada a lembrar como as letras eram convertidas em números e os números em letras para formar uma mensagem coerente.

Minha querida irmã,

O corcunda apoderou-se de Orval e confiscou o Libro rosso. As cópias completas felizmente estão seguras no escriptorium, mas ele levou o original e a Arca da Nova Aliança. Ele não sabe exatamente o que são, mas sabe que são valiosos e importantes para você. Pretende ficar com eles para forçá-la a voltar. Eu estou bem e os irmãos também. Mas me desespero por causa da nossa escritura mais sagrada. Creio que o livro e a arca estão no palácio de Verdun. Seu irmão precisa do seu conselho sobre o que fazer. Saiba que executarei suas ordens quanto a isso, já que estou certo de que opera em harmonia com a vontade de Deus para o nosso povo. Rezo sempre por você e só desejo sua segurança e felicidade.

Com amor, Irmão Patrício

Matilda ficou furiosa. E também atônita. Não tinha se dado conta de que Godofredo ia querê-la de volta depois do que andavam dizendo sobre ela. Certamente não previu uma tentativa de chantageá-la daquele modo. Pediu pergaminho e tinta a Giselda e começou a compor respostas, tanto para Patrício como para o corcunda. A vantagem de ter formação e inteligência exemplares era que Matilda nunca teve de esperar por um escriba. Escrevia praticamente toda a sua correspondência e sentia muito prazer em fazê-lo, especialmente quando podia se expressar como naquele momento.

A primeira carta foi uma catarse. Ela usou os termos de sua revolta.

Ao duque Godofredo de Lorena, da condessa Matilda de Canossa,

Em nome do povo da Toscana e da nobre família de Canossa, exijo a devolução imediata dos nossos objetos mais sagrados que foram ilegalmente confiscados pela Casa de Lorena. Mais especificamente, o Libro rosso, meu mais precioso livro vermelho, que deve ser devolvido imediatamente para os santos irmãos de Orval, para ser guardado no refúgio construído com esse fim.

Se o Libro rosso não for devolvido imediatamente em meu nome, a Casa de Toscana declarará uma guerra santa e justa contra a Casa de Lorena. Liderarei o poder de todos os guerreiros do Norte da Itália e marcharemos sobre Stenay para resgatar nossos bens à força, se for necessário. Ela assinou a carta com os traços firmes de sua assinatura mais enfática: Matilda, pela graça do Deus que E, sobre uma cruz e seguida dos símbolos de Peixes e de Áries, que tinham se tornado os emblemas de sua assinatura, como filha cristã da profecia do equinócio. Não agia mais com qualquer disfarce para o corcunda, ou para qualquer um. Assumiria toda a glória de sua identidade e tomaria de volta o que era seu por direito e que devia ficar sob a sua proteção. Desse dia em diante, Matilda passaria a usar essa assinatura, que era uma afirmação radical para indicar que tinha aquela autoridade pela graça de Deus, como sua filha escolhida. Não precisava de mais nenhum reconhecimento, do marido ou do rei, para tomar posse e manter tudo que tinha sido dado para ela. A segunda carta foi para Patrício, avisando que Conn ia entregar a carta pessoalmente para Godofredo e negociar os termos em benefício dela. Fracasso não era uma opção naquela missão, e ela jamais permitiu que essa ideia passasse pela sua cabeça. Garantiu a Patrício que a arca e seu conteúdo precioso, o Libro rosso, lhe seriam devolvidos imediatamente. Depois seriam transferidos para ela, para a travessia dos Alpes, na volta para casa, onde deviam ficar, em

Lucca.

Godofredo de Lorena ficou bastante temeroso diante do gigante celta que ameaçava guerra sob a assinatura de Matilda, mas marcou um ponto, pois não demonstrou. Ele exigiu a volta da sua mulher em troca dos artefatos que havia confiscado em Orval.

Conn riu na cara dele e lembrou ao corcunda que foi a sua própria empregada, selecionada por ele, que tentou assassinar Matilda quando ela estava indefesa na cama, depois de ter sofrido a maior tragédia possível, que era a perda de um filho. Ele usou o termo "assassinar" de propósito, em vez de

"cometer homicídio", já que as conotações políticas enfraqueciam a defesa legal de Godofredo. O duque ficou encurralado e preso no pântano que ele mesmo criara, e sabia disso.

Conn transmitiu todas as exigências. Matilda não tinha sido irracional, já que naquele momento ela queria realizar dois objetivos principais: o retorno dos seus bens mais preciosos para a Ordem e sua saída em segurança e sem ser molestada de Lorena. Quando estivesse a salvo na Toscana, com seus conselheiros, sua mãe, a mais importante deles, cuidaria da sua situação matrimonial. Esperava que Godofredo cedesse rapidamente ao que ela exigia, já que não tinha proposto divorciar-se dele, pelo menos ainda não, uma vez que seu documento pré-nupcial lhe dava fundamentos legais para pedir o divórcio alegando crueldade. Ele manteria seus títulos na Toscana, desde que não interferisse, de qualquer forma que ela considerasse ofensiva, na administração das terras dela. Isso incluía o apoio

a Henrique a partir de qualquer território de Matilda. Ela até havia dito para Conn insinuar para o corcunda que, se ela dispusesse de tempo para se recuperar, talvez considerasse a volta ao leito nupcial dos dois, se ele demonstrasse boa-fé naquele momento, devolvendo o que era dela.

O inferno teria de congelar e os Alpes ruírem antes de Matilda permitir que Godofredo encostasse um dedo nela de novo, mas ela esperava que ele fosse suficientemente burro para não perceber isso. A obsessão dele ainda era o trunfo de barganha mais valioso de que Matilda dispunha na guerra contra o marido, e funcionou. Godofredo concordou em devolver-lhe os seus bens, inclusive algumas outras coisas que ela deixara para trás.

O mais valioso era o precioso baú de marfim, que fora presente de Bonifácio, e a estátua de Modesta. Em troca, Godofredo daria seis meses para Matilda visitar suas terras e sua mãe e só depois exigiria a volta da esposa. Conn concordou com esses termos, sabendo muito bem que Matilda ia inventar todas as estratégias para não voltar para o marido. Ele ficou com a carta irada de Matilda. Era melhor não deixar nada tão incriminador como a ameaça de guerra nas mãos do inimigo, já que isso podia ser usado contra ela mais tarde. E

havia também a questão daquela assinatura herege. Devolveria, então, a carta para Matilda.

E chegou a pensar, meio distraído, que talvez no futuro, algum dia, tal carta pudesse ter alguma utilidade.

Conn escoltou a arca e seu conteúdo sagrado de volta para Patrício verificar se estava tudo

em ordem, e passou uma noite em Orval. Junto com os escribas calabreses, Patrício confirmou que as cópias estavam completas, inclusive os desenhos e diagramas, e que o original estava intacto e íntegro. Depois que cada um deles beijou a capa dourada e as pedras incrustadas com reverência, o Libro rosso voltou para a arca, que foi posta sob a guarda de Conn das Cem Batalhas. Ele jurou protegê-lo com um fervor inesperado e extraordinário.

O gigante celta elogiou a magnífica obra de Patrício quando percorria as construções e o terreno de Orval. Patrício tinha realmente construído uma abadia dourada, um lugar digno de abrigar a escritura mais sagrada, a verdadeira palavra do Senhor e as profecias de sua santa filha. Os arcos da nave, que foram desenhados por Matilda, tinham uma altura e uma majestade que ele jamais vira, elevavam-se ao céu. O trabalho dos pedreiros em tudo era meticuloso e brilhante artisticamente. Toda a construção era uma obra-prima, erigida pelo poder do amor. Conn, muito impressionado com o enorme labirinto que cobria o jardim, pediu licença para ficar sozinho e poder caminhar lá dentro.

Depois de passar o dia com Conn, Patrício ficou chocado e muito espantado com a compreensão profunda que o guerreiro celta possuía do teor do Libro rosso. Até onde ele sabia, Conn jamais fora membro da Ordem, e Patrício ficou imaginando como o guerreiro podia saber tanto sobre as suas tradições. Era claro que Matilda não devia ter compartilhado essas informações com ele, já que Patrício sabia que ela jamais violaria seus votos de confidencialidade, comentando qualquer coisa com um não iniciado. E Patrício também imaginou que Matilda tampouco soubesse que Conn era capaz de citar longos trechos d'0 livro do amor. Será que ela imaginava que ele soubesse exatamente como e por

que andar pelo labirinto, sem nenhuma indicação de Patrício?

Esse era um mistério que devia ser investigado, mas Conn não dava nenhuma pista de sua história. Patrício pensou em enviar uma carta codificada pelo Sator Rotas para Matilda sobre aquele assunto, mas não quis arriscar que o celta conhecesse o código também. Era melhor não o ofender. O

homem era obviamente um aliado que se considerava de certa forma um santo defensor d'A Escolhida. Esse homem morreria por Matilda, sem pensar duas vezes. Patrício concluiu que Conn devia ser um dos escolhidos de Deus e que não cabia a ele interferir no que o celta sabia ou como tinha aprendido. O tesouro da Ordem do Santo Sepulcro estaria seguro viajando sob as espadas de Conn e de Matilda. O Libro rosso e a Arca da Nova Aliança voltariam a salvo para a Itália, onde era seu lugar. Por enquanto.

Exatamente seis meses depois, Godofredo começou a enviar mensageiros com cartas para Mântua, exigindo a volta da sua mulher para Verdun, o mais tardar em junho de 1072. Matilda ignorou todas. As cartas passaram a chegar mais amiúde e num tom mais conciliador, e ela continuou as ignorando. No curso de oito meses, Godofredo de Lorena acabou implorando para a mulher pelo menos vê-lo para conversar sobre o futuro do casamento deles. Ela se recusou até a responder às cartas, então ele foi para a Toscana para impor seu direito de duque e para ser : centro das atenções em Mântua. Mais uma vez pediu para Matilda juntar-se a ele na Itália. Ela simplesmente mudou-se para sua fortaleza no alto da colina em Canossa, para evitá-lo.

Beatriz ficou para aplicar bálsamo nos ferimentos do atormentado Godofredo, implorou que ele tivesse paciência e perdoasse Matilda quando se recusava a vê-lo. Era bom aplacar Godofredo, e Beatriz estava decidida a neutralizar todos os perigos potenciais à herança da filha. Ela explicou em tom confidencial que Matilda não era mais a mesma desde que perdera a criança, e que o marido só precisava esperar mais um pouco. Essa tática funcionou um tempo, mas o corcunda desprezado e ofendido acabou voltando para Lorena em estado de grande agitação. Logo depois, ele foi se lamentar junto a Henrique IV, que ficou muito satisfeito de apoiar o direito de Godofredo como único senhor oficial da Toscana - em troca do juramento da aliança e do poderio militar da província de Lorena. Henrique declarou Matilda violadora das leis sálicas que negavam qualquer direito de herança às mulheres e tirou tudo dela. Com o apoio do rei, Godofredo deu mais um passo para enfurecer sua ex-mulher. Ele nomeou o sobrinho, Godofredo de Bulhão, seu único herdeiro das fortunas de Lorena. E da Toscana.

Matilda ignorou isso também, definitivamente. Ela não obedecia a senhor nenhum, só a Deus, e era pela graça divina que mantinha suas terras. Desprezava Henrique mais ainda do que desprezava o corcunda e, havia muito tempo, tinha resolvido que nenhum dos dois jamais roubaria qualquer coisa dela outra vez. Para ela, a posse era a lei, e ela possuía a Toscana. A terra e o povo. Continuou a percorrer seu reino com sua mãe, tomando decisões e reunindo conselhos não só

em seus principais territórios, mas também nas aldeias menores. Ficou inteiramente visível como líder do povo e era adorada por todos. Sua reputação de campeã da justiça e da compaixão se espalhou por toda a Itália, enquanto a grande Matilda continuava a

implementar programas que auxiliavam os necessitados e reconstruíam as cidades e aldeias que tinham sido reduzidas a escombros durante os conflitos separatistas. Fundou projetos arquitetônicos para reconstruir e embelezar os mosteiros e as igrejas pela glória de Deus e pelo bem espiritual do seu rebanho. Programas de caridade eram ministrados pelos mosteiros e conventos, que sempre distribuíam comida para os pobres.

Sua base em Canossa era chamada de "a Nova Roma" e prosperava como um centro de comércio e ensino. Ela fortificou e restaurou o mosteiro de San Benedetto Pó perto do seu lar, em Mântua, construído por seu avô em memória de sua santa avó. Matilda desenvolveu um verdadeiro amor pela arquitetura inspiradora, que nascera com a reconstrução de San Martino em Lucca e chegou ao ápice em Orval. Sentia muita saudade de Orval e de Patrício e de tudo que eles criaram lá. Esse era seu único arrependimento por ter abandonado o pesadelo do Norte. Por isso resolveu transformar San Benedetto no Orval italiano, e levou para lá

membros da Ordem para continuar seus estudos do Libro rosso. O Mestre não saía do quartel-general da Ordem em Lucca e não gostava de viajar, de modo que Matilda não o via com a assiduidade que desejava. No entanto, Anselmo a visitava com frequência. Quando estava na cidade, o bispo de Lucca passava os dias estudando com Matilda e as noites com sua amada Isobel.

A Toscana se desenvolvia pujante sob o reinado de Matilda, como era nos dias em que o seu pai governava. Um jovem general de uma nobre família toscana que tinha laços com a Ordem; carismático e astuto, chamado Arduino della Paluda, comandava as guarnições do

exército dela, e implementou uma série de estratégias para erradicar a pirataria e tornar o preço dos roubos alto demais para que qualquer um cometesse tais crimes nas terras de Matilda. Ele se incumbia de cobrar os impostos de comerciantes estrangeiros em troca da restauração da paz e da segurança das rotas de comércio. Foram construídas pontes para encurtar as viagens, algumas projetadas e desenhadas por Matilda, e o comércio florescia com mais força ainda do que na época em que Bonifácio era vivo.

A paz e a prosperidade voltaram para a Toscana com a condessa que era famosa por sentar à mesa com o mais pobre dos seus vassalos e por dividir o pão com qualquer um que a convidasse. Esse era seu povo, ela amava todos e igualmente. Pois esse era o ensinamento do seu lindo Senhor, tanto das escrituras canônicas como em Mateus 22, e d'O livro do amor: amarás o teu próximo como a ti mesmo. E Matilda entendia que todo o seu povo era seu próximo, cada um e todos eles, e ensinava esse mandamento com seu exemplo. Nenhum senhor feudal tinha se comportado dessa maneira até então. Mais madura, Matilda desenvolveu estratégia própria, de acordo com suas profundas tradições e convicções espirituais. Além de escolher conselheiros leais, fortes e inteligentes, fazia questão de que todos de seu círculo íntimo fossem pessoas que amava. Cercou-se daquelas almas que tinha certeza de que eram sua "família em espírito", conforme a definição d'O livro do amor. Todos tinham feito a promessa muito tempo atrás, uns com os outros e para Deus, de estar ali naquele lugar e naquela hora. O tempo retorna. Seu amigo Arduino capitaneava os exércitos que protegiam o povo da Toscana, enquanto Conn, mais próximo dela do que um irmão de sangue, controlava sua guarda pessoal. O bispo Anselmo de Lucca defendia a alma da Toscana, apoiando todas as reformas de seu tio, o papa Alexandre II, e ao mesmo tempo

protegia a Ordem e seus objetivos. Isobel, a confidente em quem mais confiava, era a senhora da sua casa, e Beatriz sua mentora social e política em questões públicas importantes. A maior preocupação dessa grande família feudal era manter a distância Henrique e Godofredo. Eles se tornaram um governo toscano de facto que controlava basicamente os territórios que iam dos Alpes quase até Roma. Então, em abril de 1073, o aliado e líder muito amado, papa Alexandre II, morreu subitamente.

CAPÍTULO DEZ

Cidade do Vaticano,

Dias atuais

adre Peter Healy atravessou a praça São Pedro, P deslumbrado com a beleza da obra-prima arquitetônica de Gianlorenzo Bernini. Ele achava que jamais ficaria imune à

magnificência daquele lugar. Embora tivesse aberto os olhos recentemente para a falta de escrúpulos da política da Igreja à

qual tinha dedicado sua vida, continuava comprometido em seu coração e em sua alma com a vocação que o fizera querer prestar os votos. Para ele, São Pedro ainda era um lugar sagrado, a sede do primeiro apóstolo e de seus sucessores. O sol de primavera esquentava seu cabelo preto, que já estava ficando grisalho nas têmporas, embora, curiosamente, não tivesse tanto cabelo branco antes de ser chamado ao Vaticano. Ele tirou do bolso as

credenciais necessárias para passar pela Guarda Suíça e ter acesso ao escritório do cardeal DeCaro. Usava a batina completa, por isso passou pelas medidas de segurança com rapidez e sem incidentes.

Haveria uma reunião do comitê do Evangelho de Arques no final daquela semana. Peter estava ali para tratar com seu mentor de que forma abordariam o que prometia ser uma provação e tanto.

Ele odiava o comitê. Era o tribunal da sua existência e também sua razão de ser. Por isso, sua vida atual no Vaticano parecia o sétimo nível do inferno. O comitê foi criado não só

para autenticar o Evangelho de Arques de Maria Madalena, descoberto por Maureen no Sul da França, mas também para enquadrar as questões controversas nele contidas dentro de uma visão católica que pudesse ser facilmente digerida pelos fiéis. E essa tarefa estava se provando impossível. O comitê dos doze se tornara um ambiente belicoso e difícil, já que era composto pelos clérigos mais velhos, conservadores. Peter e o cardeal DeCaro eram os únicos que apoiavam abertamente a verdade a qualquer custo. Alguns membros pareciam estar em cima do muro e enfrentando conflitos internos sobre as questões, mas outros eram a favor de manter aquele material longe dos olhos do público para sempre. Peter estava sendo desafiado em alguns pontos importantes de sua tradução, que teria de defender na reunião daquela semana. Para se preparar para essa batalha específica, ele começou a tomar nota dos principais trechos controversos do Evangelho de Arques de Maria Madalena. Peter teria de apresentar argumentos fortes e irrefutáveis sobre sua tese de que todos aqueles pontos não contradiziam as atuais tradições do catolicismo. Infelizmente, a questão não

dizia respeito à autenticidade do evangelho. Peter tinha aprendido naqueles últimos dois anos que a verdade era muito subjetiva em toda parte, só que muito mais em Roma. E a verdade importava bem menos do que preservar o status quo. Enquanto caminhava pelos jardins do Vaticano, ele muitas vezes pensava que deviam pendurar bandeiras nos pórticos com os dizeres: "A tradição prevalece sobre a verdade." Tinha certeza de que alguns clérigos mais velhos do comitê tinham esse lema tatuado em seus corações.

Uma batalha muito árdua teria de ser enfrentada com todo o vigor e responsabilidade. Peter criara aquele terrível dilema, e agora precisava viver com ele. Pelo menos não estava sozinho.

- Entre, meu rapaz.

O cardeal Tomas Borgia DeCaro recebeu Peter em seu escritório, tão elegante e italiano quanto o próprio cardeal. O

sobrenome já indicava que o cardeal DeCaro pertencia a uma das famílias mais ricas e aristocráticas de Roma. Ele se comportava com a classe característica do privilégio, noblesse oblige. Era exatamente por essa poderosa herança italiana que detinha seu posto elevado em Roma, embora a teologia que defendia fosse considerada radical pela atual hierarquia conservadora.

- Obrigado, Tomas.

DeCaro era mentor e melhor amigo de Peter num mundo em que os amigos eram tão importantes quanto raros. Os dois se tratavam pelo primeiro nome na intimidade, mas Peter jamais o chamaria de Tomas se soubesse que não estavam sozinhos. Peter levou um susto quando percebeu que havia outro homem na sala. O cardeal Marcelo Barberini estava na antesala e entrou no escritório naquele instante.

- Padre Healy, é um prazer vê-lo.

O cardeal Barberini estendeu a mão para Peter, que a apertou cordialmente. Barberini era um líder do comitê, um dos poucos que ficavam em silêncio a maior parte do tempo, um ouvinte que devia se debater com os conflitos internos sobre as questões mais sérias. Era também um dos mais graduados do círculo pessoal do mapa. Peter ficou de repente muito nervoso.

- Sentem-se, meus amigos, sentem-se.

DeCaro fechou as portas dos dois lados da sala para garantir a privacidade, depois juntou-se aos dois nas macias poltronas de couro que decoravam o espaço para reuniões.

- Peter, por enquanto o que acontece aqui nesta sala deve ser absolutamente confidencial. Mas trouxe Marcelo para conversar com você hoje sobre atividades recentes do caso Arques.

DeCaro estava envolvido no caso do Evangelho de Arques desde o início, tinha até ido ao

château depois da descoberta para conhecer Maureen e dar-lhe apoio e conselhos. Ele estava completamente convencido da autenticidade do Evangelho de Maria Madalena. Mais do que qualquer outra pessoa, Tomas DeCaro tinha motivos para compreender a importância daqueles documentos. Com a autoridade da sua posição, tinha acesso a materiais do Vaticano, com os quais praticamente ninguém no mundo poderia nem sequer sonhar.

- Como vocês sabem muito bem - continuou DeCaro -, há

membros do comitê que não aceitam a ideia de que esse evangelho possa ser autêntico, independentemente das evidências que provam que é. As suas apresentações foram excelentes e abrangentes, mas, em muitos aspectos, só

serviram para lembrar aos membros mais conservadores do nosso comitê o quanto essa versão dos acontecimentos é

polêmica e potencialmente perigosa.

Peter meneou a cabeça, mas não disse nada. Era melhor ver aonde aquilo tudo ia dar antes de afirmar qualquer coisa diante de Barberini, fator ainda desconhecido na equação. Barberini, um homenzinho gorducho, com rosto vermelho e expressão simpática, sentou mais para a frente na cadeira.

- Padre Healy, estou muito preocupado com o rumo que os procedimentos atuais estão

tomando. Estão se concentrando muito mais na melhor forma de proteger esse material de qualquer um fora do conselho do que na sua autenticação. Peter respondeu com todo o cuidado.

- E quando você diz proteger, quer dizer...

DeCaro interrompeu, querendo tranquilizar Peter.

- Pode falar abertamente aqui, filho. Marcelo é... um de nós. Peter ficou mais aliviado com essa confirmação e continuou:

- Que eles querem enterrar o assunto.

Barberini concordou com um aceno da cabeça.

- Temo que seja essa a verdade. Estou seriamente preocupado com o fato de que esse documento importantíssimo talvez não veja a luz do dia. Pior ainda, acredito que há alguns entre nós que podem até querer destruí-lo completamente e afirmar que nunca existiu.

Peter passou a mão no rosto, exasperado. Aquele era seu maior medo concretizado.

- Não se desespere, Peter. Isso ainda não acabou - disse Barberini. DeCaro seguiu sua linha de pensamento.

- Mas nós três temos de determinar, aqui e agora, quem é

nosso mestre. Se servimos a um conselho de seres humanos falíveis que estão deixando suas prioridades mundanas dominar suas decisões, ou se servimos ao Nosso Senhor Jesus Cristo. E se servimos ao Nosso Senhor Jesus Cristo, e à sua verdade, não temos a obrigação, quaisquer que sejam os prós e os contras, de lutar por essa verdade? De todas as maneiras que pudermos?

O cardeal Barberini surpreendeu Peter quando seu discurso ficou mais apaixonado.

- Esses homens que chamamos de irmãos me dão vontade de chorar por eles. Usam as vestes do poder e passam por autoridades espirituais. Em algum ponto, entretanto, apesar de todos serem homens bons, eles se perderam. Afirmam sua santidade, no entanto não personificam nada do amor, da compreensão. Às vezes fico pensando, quando estamos reunidos: "O que Nosso Senhor diria a esses homens se estivesse nesta sala conosco hoje?" E não tenho resposta. Só

tristeza.

Os três ficaram refletindo em silêncio um tempo. Todos estavam tendo essa sensação de tristeza cada vez maior nesse último ano. Peter interrompeu o devaneio quando fez uma pergunta que já estava em sua cabeça desde a reunião da Confraria das Sagradas Aparições, de que participara.

- Como fica Girolamo de Pazzi em tudo isso?

- Bem, como sabe, ele não faz parte do comitê, nem quer fazer. Ele é velho, Peter, e um velho com uma vocação muito específica, que é celebrar as aparições de Nossa Senhora. Não se preocupa com os assuntos do conselho, mas creio que se interessa por Maureen, porque ela tem visões. E essa sua paixão e especialidade.

- Você confia nele? Devo confiar nele?

DeCaro deu de ombros.

- Ele jamais deu qualquer motivo para eu não confiar nele, apesar de ser um conservador. Acho que é perfeitamente inofensivo. Mesmo assim... nem sei se confio totalmente nos que não estão nesta sala.

- Essa pode se transformar na maior prova da nossa fé - disse Barberini baixinho. - Teremos de tomar muito cuidado e ser muito astutos quanto aos passos que vamos resolver dar para proteger o Evangelho de Arques. Podemos ter de participar de... táticas de guerrilha.

Peter ficou chocado ao ouvir tal insurgência daquele homenzinho de cara simpática, que sempre considerou inexpressivo e descomprometido. Não disse nada, mas olhou para DeCaro, que acrescentou:

- Podemos ser forçados a tirar o original do Vaticano. E, se fizermos isso, não seremos mais bem-vindos aqui.

- Para Tomas e para mim - disse Barberini suspirando -, esta vida é tudo que sempre tivemos.

- No entanto - disse DeCaro -, sempre soubemos que este dia e esse tempo chegariam. Nós nos preparamos para isso desde quando éramos meninos. Só não sabíamos que rumo ia tomar. Mas todos nós escolhemos os nossos destinos, muito tempo atrás, quando fizemos nossos votos a Deus. Agora chegou a hora de lembrar, para todos nós.

Em Alexandria, José levou a sagrada família para se abrigar na casa de um grande homem, um romano que se chamava Maximinus. José o conhecia havia muitos anos, dos negócios que os dois faziam no comércio de estanho, e nele confiava. Maximinus era um exilado de Roma, uma espécie de refugiado. Conhecia os perigos das perseguições dos romanos muito bem e tinha muita compaixão pelos que sofriam com isso.

Madona Madalena e os filhos chegaram à casa dele exaustos da viagem e muito abatidos. Ele os recebeu com bondade e providenciou para que a grande senhora tivesse apenas conforto e consolo em seus dias de confinamento.

Maximinus aprendera muito nas escolas dos mistérios no Egito e tinha sede de conhecimentos, de sabedoria e da verdade. Desenvolveu uma profunda amizade e grande compreensão por Nossa Senhora durante aquele tempo, quando O Caminho do Amor nazareno tinha muitas tradições vindas daquela rica terra. Tinham muito que conversar e que aprender um com o outro, e o laço que se formou entre Madalena e Maximinus seria, pois, único e duradouro. Maximinus passou por grandes tragédias e sofrimento na vida, como

quando sua mulher e o bebê morreram de febre do parto quando foram forçados a fugir de Roma e viver no exílio. Por isso, ele fez questão de contratar a melhor parteira de Alexandria para cuidar de Madalena na hora do parto. Sarai, a sacerdotisa egípcia, fez o parto do sagrado bebê, que seria chamado de Yeshua-Davi, com segurança e saúde, pela graça de Deus.

José de Arimateia e o romano Maximinus tomaram conta desse bebê, assim como dos outros filhos de Madalena. No tempo em que passou em Alexandria, Madalena começou a dar aulas para Maximinus diretamente d'O livro do amor, e ele se tornou o mais devotado convertido aos ensinamentos d'O Caminho.

Quando chegou a hora de a sagrada família deixar Alexandria e seguir seu destino para a Gália, Maximinus insistiu em acompanhá-los. Ele foi com eles e nunca mais se separou. Pelo resto da longa vida de Madalena, ele foi seu protetor e companheiro, um homem de extraordinária devoção e exemplo de amor paterno pelos filhos dela. Dizem que o amor de Maximinus por Madalena não conhecia limites, no entanto, por necessidade, era apenas espiritual.

Maximinus escrevia poesias louvando sua extraordinária bondade, celebrando seu amor de um modo casto e honrado. Os grandes poetas franceses chamados de trovadores são herdeiros dessa tradição, cantam suas canções de amor para as mulheres santificadas que jamais podem tocar porque foram prometidas a outros homens, no hieros-gamos. Mas o amor por uma mulher tão perfeita dura até a morte, e além. Foi assim que Maria Madalena passou a ser a maior musa artística, e Maximinus o primeiro poeta trovador.

Pois em francês, a palavra troubadour significa "encontrar o ouro perdido". E é com a compreensão dos mistérios deixados para nós nos ensinamentos d'O livro do amor que encontramos esse tesouro abençoado.

Seu maior poema permaneceu entre seu povo, preservado em francês por esses trovadores, já que continha uma das mais valiosas verdades dos nossos ensinamentos, a verdade sobre o retorno do amor, que é uma dádiva de Deus:

Je t'ai aimé dans le passé

Je t'aime aujourd'hui

T'aimerais encore dans l'avenir

Le temps revient.

Eu te amei no passado,

Eu te amo no presente,

E te amarei novamente.

O tempo retorna.

Maximinus passou a ser um grande líder d'O Caminho em sua época e ministrou os

sacramentos sagrados a Maria Madalena em sua morte terrena. Pediu para ser enterrado aos pés dela quando chegasse sua hora, e assim foi feito. Eles ficaram juntos muitos anos na região que hoje tem o nome desse grande e santo homem, Saint-Maximin.

Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

A HISTÓRIA DE MAXIMINUS, O ROMANO, E COMO SE TORNOU O ABENÇOADO SÃO MAXIMIN, TAL COMO PRESERVADO NO LIBRO ROSSO.

Roma

Abril de 1073

Das sete famosas colinas de Roma, a de Esquilino era a mais alta. Ao pé da sua encosta ocidental, ficavam cortiços decrepitos e superlotados. A leste, estavam as villas de cidadãos proeminentes, conselheiros dos césaes. Havia casas entre os cortiços e as mansões que pertenciam aos nobres romanos do segundo escalão e aos políticos. Foi nessas casas particulares que o cristianismo floresceu em segredo no século I, quando cidadãos eram convertidos por ninguém menos do que São Pedro em pessoa. No tempo de Matilda, esses primeiros centros do cristianismo secreto eram reconhecidos como as igrejas mais antigas de Roma. A igreja de San Pietro in Vincoli, São Pedro em Cadeias, era uma dessas.

Ficava no topo de uma colina íngreme, um monumento sagrado para os cristãos no centro da Cidade Eterna. Tinha esse nome por causa de mais uma relíquia muito importante para os primeiros cristãos, que foi imortalizada nos evangelhos, no Atos dos Apóstolos. Nos Atos, capítulo 12, São Lucas escreveu sobre a prisão de Pedro por Herodes em Mamartine depois da execução do apóstolo Tiago Menor. Pedro ficou acorrentado à parede de um calabouço úmido, até que ocorreu um milagre, como é

descrito no versículo sete:

Mas, de repente, o anjo do Senhor surgiu e o local ficou inundado de luz. O anjo despertou Pedro batendo-lhe no lado: "Levanta-te depressa!", disse. As correntes se desprenderam das mãos de Pedro.

O anjo que soltou as correntes levou Pedro para fora da prisão em liberdade, completando o milagre. As correntes que prendiam Pedro no cativeiro foram mandadas para Constantinopla para serem guardadas como relíquias sagradas e provas do milagre, e lá ficaram até o século V. Foi então que a imperadora Eudóxia enviou metade das correntes para sua filha em Roma e a outra metade para o papa Leão I. O

pontífice escolheu aquele local, da antiga residência de cristãos, onde se sabia que Pedro havia feito muitos batismos, para ser a base da igreja grandiosa que ele construiu para abrigar as correntes.

Era um lugar propício para acontecer milagres.

Foi lá que rezaram a missa pela morte do papa Alexandre II e onde um incidente extraordinário aconteceu no mesmo dia. A escolha espontânea de um novo líder da Igreja por uma emocionada multidão de religiosos e clérigos, um homem que não tinha sequer sido ordenado padre quando foi escolhido para subir ao posto mais elevado e mais santificado de toda a cristandade.

Começou lentamente, quase sem barulho, quando os bispos que chegavam para lamentar a morte do pontífice cochichavam entre si. Queriam força sob a tiara papal, um reformista vigoroso que continuasse a enfrentar a tirania do rei alemão. Entre outros ultrajes, Henrique continuava a praticar simonia, o comércio religioso, e tinha comprado vários bispados para apoiá-lo, apesar das leis rigorosas ditadas contra esse tipo de corrupção. A transformação da Igreja mais uma vez numa entidade espiritual sem ligações com um monarca temporal ia exigir um líder de grande sabedoria, experiência e força. Precisava ser alguém ousado e destemido, até impositivo. Os bispos todos concordaram que apenas um homem entre eles tinha aquele potencial singular para cumprir esse destino: Hildebrando Pierleoni.

Completando cinquenta anos de idade, Brando era bem mais moço do que muitos papas que o tinham antecedido, o que representava para ele mais uma vantagem por sua personalidade viril e masculina. Até sua aparência física o identificava como um líder forte e capaz.

Um dos bispos romanos se adiantou e fez um breve mas apaixonado discurso sobre a necessidade de apoiar Brando como o novo pontífice. A onda cresceu rapidamente e em poucos minutos toda aquela facção de pranteadores cantava seu nome e insistia para que aceitasse sua eleição ao papado, bem ali, naquele momento mesmo. O cântico que dizia "Deus ordenou um novo papa" ganhou força, primeiro, dentro da Igreja e depois explodindo

pelas ruas de Roma. Brando, imensamente querido pelos habitantes da cidade, foi confirmado pelos dois bispos e pelo povo como o único herdeiro aceitável das chaves de São Pedro.

Parecia que ninguém lembrava que Hildebrando Pierleoni jamais havia feito qualquer tipo de voto clerical, ou que ele acabava de ser eleito papa por um processo ilegal e ultrapassado, que violava o decreto de eleição que ele mesmo havia escrito e implementado sob o papado de Nicolau II. Todo papa desde Pedro tinha adotado um novo nome quando ascendia ao trono papal. Hildebrando Pierleoni soube imediatamente qual devia ser o seu. Para homenagear seu tio, o deposto papa Gregório VI, que fora seu mentor e maior mestre, adotou o mesmo nome, o nome que significava

"aquele que cuida do seu rebanho". Isso foi visto pelos políticos como o que realmente era: uma afirmação poderosa e uma escolha intencionalmente provocativa, que enviava um recado para Henrique IV e alertava a todos os demais que a batalha entre a coroa alemã e o poderio de Roma estava longe de acabar.

Nos últimos dias do mês de junho de 1073, foram organizadas cerimônias para ordenar o recém-eleito Brando no sacerdócio e para investi-lo no trono de São Pedro com o nome de papa Gregório VII.

Matilda e Beatriz chegaram a Roma em grande comitiva para assistir à cerimônia de investidura do novo papa e para manifestar seu apoio a esse homem que tinha sido leal ao povo de Lucca e a Godofredo pai, durante toda a sua vida. Enquanto Isobel enfeitava o

cabelo de Matilda para a cerimônia, Beatriz ensinava à filha a política e o protocolo que aquele dia exigia.

- Sem dúvida ficaremos em posição muito visível hoje e por isso você deve cuidar bem da sua aparência. Nós levamos o apoio de quase metade do território italiano. Com isso, espero sentar num lugar de honra.

Matilda alisou a seda fina e cara das suas saias dando risada. Isobel sorriu ao ver a malícia em seus olhos.

- Os romanos sempre olharam desconfiados para os toscanos. Sempre se sentiram superiores - disse Matilda. - O que é ainda pior, não permitem mulheres em posições de autoridade por lá. Por isso vou ter imenso prazer de mostrar para eles como é, exatamente, uma condessa toscana! Espero que nos ponham na primeira fila, para podermos passar valsando pelos aristocratas romanos e escandalizar a todos.

Matilda da Toscana havia completado vinte e sete anos, era extremamente rica e poderosa. Apreciava a ideia de provocar uma comoção na Roma conservadora pondo uma dose da rica cultura toscana naquela cerimônia, lembrando ao mesmo tempo à enfadonha nobreza romana que ela era uma das governantes mais poderosas e mais ricas em toda a Europa. Qualquer coisa que elevasse a Toscana aos olhos dos romanos, e para o papa, seria boa para ela e para seu povo. Mas havia muita força por baixo daquele estilo luxuoso. Matilda tinha poder sobre dezenas de milhares de tropas que poderiam ser mobilizadas a qualquer momento sob seu comando estratégico especializado. O apoio militar de Matilda,

combinado ao controle que ela detinha do trânsito pelos Apeninos, seria o fator determinante numa guerra contra os alemães.

Beatriz, que não achou tanta graça no comentário de Matilda como Isobel, retornou ao assunto da influência política das duas.

- Seu poderio militar vai, sem dúvida, interessar muito mais ao novo papa do que qualquer outra coisa. Portanto, apesar de a nossa demonstração de riqueza ser importante, você precisa se lembrar do que está em jogo aqui e não ficar tão animada com essas frivolidades.

- Sim, é claro, mãe.

Beatriz ainda tratava Matilda como criança, embora ela governasse a metade da Itália e liderasse suas tropas em batalha. Matilda tinha aprendido havia muito tempo a concordar quando estava na presença da mãe, depois sair e fazer exatamente o que queria.

Mas nesse caso ela achou que Beatriz podia estar certa. O

novo papa era, afinal de contas, um nobre romano. Provavelmente seria tão conservador e inexpressivo como seus conterrâneos.

O recém-nomeado papa Gregório recebia instruções semelhantes em seus aposentos antes da cerimônia formal da investidura. Seus conselheiros analisavam a lista de convidados influentes e davam detalhes sobre cada um deles.

- Depois vem Matilda, condessa da Toscana. Sem dúvida deve ter ouvido falar dela, Sua Santidade. Ela é... polêmica. Gregório tinha muita curiosidade de conhecer essa mulher que era uma lenda nos territórios setentrionais. Tudo sobre a condessa era mítico: sua riqueza, seu poder, sua aparência e seu comportamento, definitivamente escandaloso para qualquer líder feudal, mas inimaginável para uma mulher.

- Não posso me preocupar com seus hábitos escandalosos. O

que me preocupa é seu poderio militar. E seus territórios, que são estrategicamente essenciais. Providencie para ela um lugar de honra. Precisamos conquistar suas boas graças. Ele a tinha visto uma vez, anos antes, quando ainda era pouco mais do que uma menina. Agora era uma mulher casada, só

que, segundo todos os relatos, bastante rebelde, que não reconhecia abertamente a influência do marido, o duque de Lorena. Esse era um dos assuntos que ele queria conversar com ela.

- Godofredo de Lorena é o cachorrinho de Henrique, portanto perigoso - Gregório pensou em voz alta. - Preciso saber qual é a posição da condessa em relação ao marido, e tenho de descobrir isso hoje. O apoio dela pode ser crucial no caso de uma guerra.

Gregório se opôs ao rei alemão praticamente todos os dias desde a coroação de Henrique aos quinze anos de idade. As tensões entre o trono sagrado e o trono temporal, da Igreja contra a coroa alemã, estavam prestes a assumir proporções épicas. O novo papa tinha decidido aumentar a separação do papado e da influência monárquica, enquanto Henrique

queria unificar os dois poderes, se proclamando o Santo Imperador Romano. Não havia meio-termo, nenhuma possibilidade de entendimento, de nenhum dos dois.

- Nesse caso seria proveitoso para nós se a condessa Matilda não se comportasse como uma boa esposa cristã. Se os atos dela nos ajudassem a salvar nossa Igreja das mãos de Henrique, tenho certeza de que Deus perdoaria quaisquer transgressões que ela tivesse cometido. Esse glorioso fim certamente justificaria :s meios de obtê-lo.

Quando Gregório VII subiu ao altar para assumir seu posto, virou-se para olhar para os bispos, os nobres e os apoiadores ali presentes. Ele irradiava força e segurança naquele dia, que era o mais importante de sua carreira política. Era o auge de todo o seu trabalho, a recompensa por todos os anos de exílio e de privações em defesa do papado. Ele achava que não havia nada no mundo que se igualasse à sensação de subir aqueles degraus a caminho de se tornar o maior líder espiritual do planeta.

E então ele olhou para baixo.

Num lugar de honra, bem na primeira fila, ficou hipnotizado pelo que viu. Matilda da Toscana estava ali, sentada ao lado da mãe, uma visão de seda azul. Havia fios de pérolas trançados no notável cabelo da condessa, que estava só parcialmente coberto por um véu diáfano. As mechas estavam presas por uma coroa de ouro com pedras preciosas feita de flores de lis, lembrança vívida para todos os presentes de que Matilda e sua mãe eram descendentes do sagrado e ilustre imperador Carlos Magno. Do pescoço fino pendia uma fortuna em jóias. Era uma visão de tirar o fôlego, poderosa distração. Ele ficou tão

desconcertado que, ao aceitar a chave de São Pedro - o símbolo de seu novo posto -, Gregório VII teve de dar as costas para a assembleia para se manter concentrado. O novo papa não foi o único espírito desconcertado ali naquele dia. A condessa de Canossa, duquesa da Toscana e de Lorena, ficou perfeitamente imóvel e muda a cerimônia inteira. Não conseguia tirar os olhos do homem poderoso e carismático que herdava a tiara papal. Ele era certamente uma presença cativante e um homem extremamente belo, mas Matilda ficou mais atônita quando se deu conta de que o tinha visto antes. Ela o vira numa visão, no centro do labirinto, logo antes de sair de Orval naquele dia terrível.

Beatriz de Lorena era uma mulher sábia e muito experiente. E

também tinha olhos. Não deixou de ver a troca calorosa, embora silenciosa, entre a filha e o novo papa na cerimônia de investidura. Aquele era um relacionamento que devia ser cultivado, se realmente existisse. A aliança da Santa Igreja Católica com o poder e a riqueza da Toscana tinha o potencial para ser uma força imbatível. Quando, no fim da tarde, chegou a hora da audiência da sua filha com o papa, Beatriz alegou estar exausta e insistiu para que Matilda se apresentasse sozinha. Ela era uma mulher casada e condessa por direito. Certamente não precisava de uma acompanhante na presença do Santo Padre.

Matilda foi escoltada para a sala de audiência, onde esperou só

um pouco até a porta se abrir e Gregório entrar. Ela rezou para ele não ouvir o seu coração martelando no peito, porque parecia dez tambores de guerra aos seus próprios ouvidos. Ele estendeu a mão e ela beijou o anel papal, curvando-se bastante. Matilda firmou a voz

quando olhou para ele, olhos água-marinha em cinza-azulado.

- Vim oferecer a lealdade da Toscana à causa de São Pedro. Pode contar com o meu apoio e do meu povo em tudo que nos é caro para preservar e proteger os ensinamentos do Nosso Senhor, que é o ponto focal das nossas comunidades, e para impor a sua posição como apóstolo escolhido por Deus para liderar a Igreja.

Gregório agradeceu a sua lealdade, impressionado com aquela afirmação forte, e indicou que ela devia sentar. Depois de amenidades que incluíram perguntar pela saúde da mãe dela e mandar lembranças ao bispo Anselmo, o papa surpreendeu Matilda com uma pergunta ousada.

- Soube que você foi doutrinada nas antigas heresias que ainda vigoram em Lucca. O que devo concluir?

Matilda ficou imóvel, encurralada. Acreditava que aquele homem fosse um aliado porque tinha apoiado Alexandre, mas talvez tivesse avaliado mal. Ela pensava muito rápido, procurando formar uma resposta segura para ganhar mais tempo. Nem precisou. O papa continuou falando quase imediatamente.

- Não é minha intenção deixá-la pouco à vontade com essa pergunta. Ao contrário, queria que soubesse desde o início do nosso relacionamento que sei quem você é e de onde vem. Eu sou o papa, eleito pelos clérigos e pelo povo porque sou muito versado nos problemas que minha Igreja enfrenta. Você não deve se surpreender com o fato de eu ter conhecimento

dos boatos sobre heresia que chegavam à Toscana.

Matilda meneou a cabeça sem dizer nada. Gregório lhe deu um largo sorriso, fazendo um esforço maior para aliviar a preocupação que ela obviamente sentia.

- Não precisa ter nenhum medo de mim, Matilda de Canossa. Eu não nasci no sacerdócio e não trago nenhum dos preconceitos típicos da visão curta de alguns que me precederam. Gosto de pensar que sou um estudioso, um homem que aprenderá profundamente o que é ser cristão, não por reiterar os ensinamentos populares, mas estudando todos os documentos e tradições que estiverem ao meu alcance. E

meu avô era judeu, o que amplia ainda mais minha visão religiosa e meu desejo de aprender. Alguns me aplaudiriam por isso, outros sentiriam desprezo. Disseram que as tradições da Toscana, apesar de chocantes para muitos, guardam segredos profundos e podem ser ligadas diretamente aos primeiros cristãos. Na verdade, até aos que foram contemporâneos do Nosso Senhor Jesus Cristo, inclusive a família dele. Que tipo de líder espiritual eu seria se não estudasse profundamente essas tradições e ensinamentos?

Passei bastante tempo em Lucca, com os dois Anselmos, o velho e o jovem, e pude entender que lá o cristianismo é

expressado em diversos níveis. Para os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, não é? Por isso, Matilda, temos muito que conversar. Se for a sua vontade.

Matilda fez um esforço enorme para encontrar sua voz. Na mais completa desvantagem, ela perguntou baixinho:

- Está me pedindo para falar dos ensinamentos da Ordem?
- Se você quiser.

Então ela concordou com a cabeça, espantada com a situação inédita em que se encontrava. Seria possível o papa estar pedindo para ela explicar os preceitos da heresia?

O capelão do papa entrou na sala para avisar que a próxima pessoa estava esperando e que eles tinham de encerrar aquela audiência. Quando o padre saiu, Gregório estendeu a mão para Matilda, só que dessa vez ele segurou a dela e a levou aos lábios. Ao fazer isso, notou o anel e o usou como desculpa para segurar-lhe a mão por mais tempo.

- Que símbolo é esse?

Matilda sorriu com afetação para ele, sentindo que recuperava o controle pela primeira vez naquele dia longo e cansativo.

- Ainda não posso dizer, mas fará parte das suas... aulas.
- Ah, entendo. Bem, então vou esperar ansioso, e podemos começar o mais depressa possível. Amanhã?

- Amanhã.

Matilda saiu depois de fazer uma mesura, com um rodopio feminino de seda e elegância. Ele ficou olhando enquanto se afastava, surpreso com as próprias reações extremas e ofegantes em relação a ela. O homem que agora era conhecido por todo o mundo como o papa Gregório VII, o pontífice que havia instituído as leis do celibato clerical como reforma inicial, acabara de perder seu coração, e talvez um pouco da cabeça também, para a admirável e atraente condessa da Toscana.

Matilda não era dada a arrebatamentos.

Dona Isobel de Lucca ficou atônita e um pouco assustada com o entusiasmo de sua filha de criação, depois do segundo encontro com Gregório VII. O novo papa tinha chamado Matilda, impulsiva e inesperadamente, para uma reunião do conselho após o banquete da investidura, a fim de discutir questões de estratégia num assunto crucial que havia herdado do papa Alexandre II. O pontífice que o precedeu, logo antes de morrer, havia excomungado cinco dos bispos alemães de Henrique e censurado o rei por ter vendido para eles seus postos. O próprio Henrique corria o risco de ser excomungado se não obedecesse a esse decreto papal e reconhecesse a censura diante dos bispos, depondo todos eles imediatamente. Era um ato de guerra declarado que Gregório pretendia manter. Ele precisava da garantia de que Matilda ia apoiá-lo de suas terras na Toscana, se fosse necessário. A reunião deles foi um jogo intenso e estimulante de inteligência e provocações jocosas, muito forte de ambos os lados. Foi um tributo à agudeza dos dois intelectos, ao fato de serem capazes de ter uma conversa política bastante produtiva, contra o fundo de cena da

atração sobrenatural que sentiam um pelo outro. Ambos aproveitaram e ofereceram a oportunidade para analisar o raciocínio e as abordagens estratégicas entre si, e descobriram que eram compatíveis em todos os aspectos, quase além de qualquer explicação. Foi uma reunião bem-sucedida e arrebatadora de dois grandes espíritos. Quando estavam juntos num mesmo cômodo, acontecia uma inegável fusão de imensas forças da natureza, astros colidindo para criar uma explosão extrema de luz. Gregório encerrou a reunião lembrando que Matilda havia prometido iniciar as aulas sobre O Caminho no dia seguinte, como era ensinado sem interrupção na Ordem desde o século I. Esse era o motivo da atual consternação e atípica excitação de Matilda.

- Ah, Isobel, ele é sábio e magnífico como Salomão. Eu me senti como Makeda, a rainha de Sabá, na presença dele. Foi como tudo que você me ensinou, ao mesmo tempo foi tudo que nunca pensei que sentiria no meu coração. O que devo fazer? O que ele está pedindo é impensável, mas também é

uma maravilha. Posso ensinar essas coisas para ele? Será que terei coragem de lhe ensinar isso?

- O que diz o seu coração, filha? E o seu espírito?

- Diz que devo confiar nesse homem, e mais.

- E mais?

- Não sei explicar, Isi. Mas a primeira vez que o vi, eu o reconheci. Eu o tinha visto antes, na minha visão, mais foi mais do que isso. Tive um momento de extrema felicidade. E então ele olhou para mim... Foi como se uma faca espetasse

meu coração. Houve um segundo, diante de toda a corte e do Conselho Laterano, em que senti que só havia ele e eu naquele lugar. Como é possível? Mas, naquele momento, eu o reconheci. E soube que...

Ela parou de falar, perdida no momento e sem ar com a paixão arrebatadora que sentia. Essa emoção era como uma espécie de loucura. Matilda nunca sentira nada parecido na vida. Era terrível, maravilhoso e completamente paralisante. Isobel teve de insistir para que continuasse.

- Continue, Tilda.

- Eu sabia que... tinha amado aquele homem antes. Naquele segundo compreendi os ensinamentos das nossas profetisas e entendi o poema de Maximinus de um jeito novo: "Eu te amei no passado, eu te amo no presente e te amarei novamente." Foi muito estranho, mas eterno. E acredito que ele sinta a mesma coisa. Percebi, no modo que olhou para mim. Ele sabe, como eu sei. Que aqui o destino está operando. E ele não tem medo, eu acho. Mas eu tenho.

Matilda se levantou e começou a andar enquanto falava. Ela já

não conseguia ficar sentada em dias normais, e evidentemente não ia conseguir, agitada como estava. Puxou as saias e continuou:

- Porque é assustadora, não é? Essa sensação. Não há como controlar. Eu estive em batalhas e enfrentei os homens mais violentos, com as espadas mais afiadas e as piores intenções, no entanto jamais senti o medo que me domina agora. Não consigo respirar, Isobel. Ajude-me.

Isobel deu um suspiro profundo, depois segurou a mão de Matilda.

- Ah, meu doce. A única ajuda que posso lhe dar é dizer que o que você está sentindo, tão forte, tão poderoso, tão arrebatador, é a maior dádiva que Deus nos deu. Eu sempre soube que, quando acontecesse com você, teria um significado profundo, talvez fosse até um relacionamento que poderia mudar o mundo, do tipo de Verônica e Praetorus, ou até

elevado como o de Salomão e a rainha de Sabá. Mas não podia prever que...

- Prever o quê?

- Que o homem com quem você estava destinada a descobrir o amor, exatamente o "grande amor" conforme foi descrito na profecia, seria o papa.

Isobel fez uma pausa para pensar no melhor conselho que podia dar para sua preciosa filha naquele momento crítico da vida dela.

- Tilda, você terá de ser extremamente cuidadosa. Vocês dois têm muito a perder no caso de qualquer indiscrição. Mas acho que você tem mais ainda a perder se não explorar isso e ver onde vai dar, pois parece inspirado por Deus. Não preciso ser profetisa para saber que você terá pela frente grandes desafios e tempos difíceis como resultado desse amor, um amor que, pela própria natureza, tem de ser mantido em segredo para que o mundo não venha a saber. Ninguém pode saber, e vocês não podem deixar transparecer que compartilham dessa intimidade. Jamais.

- Mas não fizemos isso.

- Ainda não, Tilda. Ainda não. Mas algumas coisas são inevitáveis, e essa parece ser uma delas. Lembre que a intimidade de vocês será condenada, vão julgá-la um crime, se forem descobertos. Vocês têm inimigos poderosos que tirariam proveito disso e o usariam para destruir os dois. Faça o que quiser, faça o que tem de ser feito, mas não se esqueça de ser discreta a todo custo. Ele é o papa, e você é uma mulher casada. Esses são fatos inegáveis e imutáveis.

- Posso me divorciar do Godofredo.

- Pode? Legalmente, talvez, mas a Igreja é contra o divórcio, você não pode esperar que o papa aprove essa decisão, e certamente não este papa, que foi escolhido por sua força para promover reformas. Tal ato só chamaria atenção para o seu relacionamento. Vocês dois estão presos em sua própria armadilha, meu doce. Mas não tenho dúvida de que descobrirão um jeito de fazer isso funcionar, se for realmente o grande amor da profecia. O amor sempre

encontra um caminho, Matilda. Supera as leis do homem porque é a lei de Deus. O rito da sagrada união, o hieros-gamos dos verdadeiros amantes da alma é a maior lei, que transcende todas as outras. E isso é tudo que você precisa saber, não é? Só tem uma coisa que não pode esquecer nos dias que virão, o ensinamento mais simples do nosso Caminho:

"O amor conquista tudo."

CAPÍTULO ONZE

Mântua

Outubro de 1073

Matilda não estava nada bem. Não conseguia se concentrar nas questões ou nas atividades que costumavam absorver seu raciocínio e seu coração. Também não comia nem dormia direito havia semanas, e não tinha ninguém com quem dividir aquele tormento. Isobel estava em Lucca em missão da Ordem, também para visitar Anselmo e o Mestre. Beatriz era brilhante conselheira e estrategista política, mas não servia para tratar de problemas emocionais com a filha.

Foi nesse estado que Conn encontrou Matilda vagando sozinha perto da floresta. Ela deu um pulo quando ele chegou por trás.

- Você devia estar armada para passear sem escolta pela floresta.

- Se estivesse armada, você estaria ferido e estaríamos tratando de estancar o sangue.
- E eu ficaria satisfeito de ter feito meu trabalho direito. Por que está aqui sozinha, de mau humor?
- Não estou de mau humor.
- Estou vendo.

Matilda suspirou teatralmente. Mentir para Conn era tão inútil como mentir para Isobel. Os dois conheciam melhor sua mente e seu coração do que ela mesma.

- Não tenho notícias do Santo Padre há seis meses.
- E também não teve notícias de Gregório.
- Explique-se.
- Não é do papa que sente falta. E do homem.
- Agora você explicou tudo. Estou sendo patética.
- Você não é patética. Está apaixonada. E a última vez que verifiquei, esse era um sacramento da Ordem.

- Ele se esqueceu de mim, Conn. E isso está me matando. Será

que existe sensação pior do que essa? Como é que uma coisa tão linda pode ser também tão terrível?

- Você acha mesmo que ele a esqueceu? Ou é você que está

esquecendo? Ele é o papa, Matilda. O papa. O líder espiritual do mundo.

- Obrigada por me lembrar - ela retrucou irritada. - Porque é

claro que não rico obcecada com esse fato todos os minutos de todos os dias por minha conta mesmo.

Conn teve vontade de reclamar, mas teve paciência.

- Você quer saber o que eu penso, ou prefere que a deixe sozinha para ficar aí desesperada e deprimida por sua conta?

- Como sei que você não vai me deixar sozinha de jeito nenhum, vou escutar e já imagino que vá contar uma história para eu me sentir menos desgraçada.

- Você deu sorte. Acontece que tenho uma perfeita para você. Então vamos sentar para eu poder contar a história da princesa Niamh do Cabelo Dourado e do príncipe poeta chamado Oisín.

Ele pronunciou os nomes com sotaque irlandês carregado, que Matilda adorava, Mv e Ushin. A língua celta era muito estranha e linda para seus ouvidos. Às vezes Conn recitava poesias sobre Easa para ela com aquelas sílabas líricas e mágicas.

- A princesa Niamh era a bela e doce filha de Mannanan Mac Lir, o deus do mar, e vivia na ilha mais linda do oeste, chamada Tir n'Og, que significa Terra dos _ pvens. A mãe de Niamh era uma rainha do mundo das fadas, e, como era filha de dois imortais, Niamh não tinha uma gota de sangue humano. Por isso o pai a mantinha na ilha e proibia o seu acesso ao mundo dos mortais, porque, se Niamh se apaixonasse por um ser humano, as consequências seriam terríveis.

"Mas a bela Niamh tinha ouvido tantas histórias sobre os lendários heróis e poetas da Irlanda que sentia uma necessidade desesperadora de conhecê-los pessoalmente. Ela conhecia as grandiosas de Fianna, o bando guerreiro que defendia os inocentes e protegia os fracos. E havia um príncipe dos Fianna, um jovem chamado Oisin, que era famoso por seu cavalheirismo, sua força em batalha e por seu

talento para poesia e música. Niamh nunca viu criatura assim na ilha, e era fascinada pela idéia de machos humanos que tinham habilidades para a guerra e para o amor. Não existia tal coisa nos reinos mágicos, pois lá não havia guerras, portanto nenhuma razão para haver guerreiros. Então, depois de muito insistir - nós sabemos como agem as jovens quando querem alguma coisa, não é? -, o deus do mar cedeu aos apelos de sua preciosa filha. Deixou Niamh pegar seu cavalo branco encantado, uma criatura que deslizava sobre as

ondas, para ir até o continente, e avisou que ela não devia ser vista nem fazer qualquer contato com os seres humanos. Niamh concordou e sua travessia pelo mar começou.

"Ora, nossa Niamh era uma boa menina e não partiu nessa aventura com a intenção de desobedecer às ordens do pai. Mas, quando cavalgava pela floresta de aveleiras, deparou-se com um grupo de homens. Eles eram jovens, fortes e vigorosos, pois eram os lendários guerreiros do bando conhecido como Fianna. Niamh ficou observando escondida atrás das árvores, ouviu a conversa sobre a vitória deles numa batalha para salvar uma aldeia de um tirano que aterrorizava as mulheres. Todos os homens eram extraordinários, mas um se destacava. Era lindo, tinha cabelo castanho e cacheado, olhos cor de safira, e Niamh sentiu por ele uma atração imediata. O jovem carregava uma harpa feita de carvalho e, quando os homens silenciaram, começou a tocar. Como Orfeu, aquele bardo era mágico com música e poesia, e Niamh percebeu que estava olhando para o lendário Oisín. Ficou tão encantada com a música que perdeu o equilíbrio e caiu do cavalo. Os homens se assustaram com o ruído e, como eram guerreiros, correram para onde ela estava com suas armas em punho. Mas foi o príncipe poeta que chegou primeiro. Foi Oisín que a socorreu, pois esse era o seu destino.

"Bem, você deve lembrar que, além de muito linda, com seu cabelo dourado cintilando à luz do sol e olhos que faiscavam com as cores do mar, Niamh era imortal e cheia de magia. Tinha um charme, um poder ao qual nenhum mortal podia resistir quando caísse sobre ele. Então, quando os olhos de Oisín encontraram os de Niamh, formou-se um laço imediato entre os dois, que jamais poderia ser desfeito. Um nunca mais esqueceria o outro, daquele dia em diante, por toda a eternidade. Infelizmente, porém, eles pertenciam a mundos

diferentes, não é mesmo? Oisín implorou para ela ficar com ele, mas Niamh não podia desapontar o pai daquele jeito nem negar as responsabilidades que tinha em seu reino de princesa. Muito triste, ela disse a ele: 'Seu mundo não é o meu, e meu mundo não é o seu', e foi andando para o cavalo branco que a levaria para casa.

"Leve-me com você!", implorou Oisín, sem querer que aquela criatura mágica o abandonasse. Mas Niamh não podia fazer isso, pois amava demais Oisín. Porque, se Oisín fosse com Niamh, jamais poderia voltar para o mundo mortal. Quando um mortal se aventura nos lugares mais secretos de magia e imortalidade, não pode voltar jamais para a sua vida humana, e isso também acontece se ele beijar uma mulher dos reinos da magia.

"Assim Niamh deixou Oisín na floresta com os Fianna, onde era seu lugar, com seus companheiros e sua música. Tinha o coração apertado, mas não podia pedir que ele abandonasse por ela a vida que tinha ali, e ela tampouco podia abandonar a sua por ele. Mas Oisín passou um ano com saudade e sofrendo pela princesa e pelo vislumbre de magia que ela lhe mostrara. Sonhava com ela todas as noites e perguntava a seus irmãos de armas o que fariam se estivessem em seu lugar. Todos eles, sem exceção, disseram que achavam a dourada Niamh totalmente irresistível, que Oisín devia procurá-la.

"Mas eu não posso", Oisín disse a eles. 'Porque, se for atrás dessa mulher, sei que nunca mais poderei voltar para esta terra que conheço tão bem, onde sou considerado o poeta principal e príncipe do meu povo. Jamais poderia desistir disso. Há muita coisa em jogo.'

"Durante um ano, Oisín tentou esquecer seu amor, mas foi em vão. Ela assombrava seus

sonhos e suas lembranças, e essa obsessão era insuportável para qualquer ser humano. Por isso, no aniversário do encontro deles, ele foi até a praia e escreveu uma canção para invocar o grande deus Mannanan Mac Lir. Quando o senhor dos mares respondeu, Oisín disse que queria se casar com a filha dele e, humildemente, pediu permissão para isso. Mannanan perguntou a Oisín se ele conhecia os sacrifícios que teria de fazer para se casar com Niamh, que se viajasse no cavalo branco pelas ondas do mar até Tir n'Og jamais veria seu lar e seus amigos de novo. Ele tinha de se dispor a abandonar sua vida para adotar outra. Mas claro que Mannanan explicou que a vida na ilha era alegre, tranquila, cheia de música e de luz. Era uma existência única, de pura magia e felicidade e, acima de tudo, de amor.

"Mesmo assim, os seres humanos costumam se agarrar ao passado e a tudo que conhecem, não é? Será que Oisín seria capaz de largar tudo e viver a felicidade com sua amada imortal? Pois ele também se tornaria imortal quando se unisse a ela em matrimônio e fisicamente."

Conn interrompeu a história para ajudar Matilda a entender as comparações.

- Estou muito lisonjeada de ver que você me acha tão atraente como a lendária Niamh - comentou Matilda, com um sorriso triste.

- Não se engane, irmãzinha. Você é tão encantadora e tão perigosa quanto ela. Especialmente para um homem como o pontífice, que tem tanto a perder. Por isso, neste momento, Gregório está procurando compreender que, se ele fizer a fatídica viagem no

cavalo branco, se experimentar o beijo místico e imortal daquela mulher... jamais poderá voltar para o mundo dos humanos. E por isso que você não tem notícias dele, Matilda. Porque ele está lutando contra um demônio poderoso, o demônio da própria mortalidade e tudo que ela encerra.

Matilda pensou um pouco e notou que, estranhamente, estava se sentindo melhor. As histórias de Conn sempre produziam nela aquele efeito. Então perguntou:

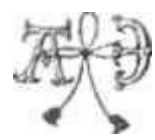
- Como termina a história?

Conn sorriu.

- Oisín vai para Tir n'Og, casa com Niamh e descobre que o mundo mágico é deslumbrante, muito além do que ele esperava, e aquela mulher imortal é toda amor e cheia de surpresas deliciosas, de modo que ele jamais entedia. Niamh e ele têm um filho, chamado Oscar, que é a alegria de suas vidas. Como Oscar é humano e imortal ao mesmo tempo, é

capaz de viajar entre os mundos e gozar o que há de melhor nos dois. E seus pais se alegram muito com isso. Então é um final feliz, irmã.

Conn não lhe contou que a lenda de Niamh e Oisín tinha dois finais que dependiam de quem contava a história. O segundo



final não era tão dourado, só que ele resolveu revelar apenas o mais feliz, para animar Matilda. As responsabilidades de um contador de histórias incluíam tais escolhas.

- Há um final feliz à sua espera por aí, se você tiver a paciência de Niamh ...e ousar dizer, o altruísmo dela também... de deixar que Oisín tomasse aquela decisão sozinho. Porque estou disposto a apostar tudo que tenho, que chegará o momento em que ele desejará a sua presença acima de tudo, montará no seu cavalo branco, cruzará o mar e virá encontrá-la.

No hieros-gamos, a união sagrada dos amantes, Deus está

presente em seus aposentos. Para uma união ser abençoada por Deus, confiança e consciência devem ser expressadas nesse encontro.

Quando os amantes se unem, eles celebram seu amor carnal. Não são mais duas pessoas, passam a ser uma só. Fora da câmara, eles viverão o amor expressado pelo espírito. Em sua forma santificada, o amor está presente em seis níveis de expressão:

Ágape - um amor que é repleto de alegria de estar com o outro e pelo mundo, a forma mais pura de expressão espiritual; este é o abraço sagrado que contém a consciência; Philia - o amor que é primeiro amizade e com muito respeito; este é da noiva-irmã e do noivo-irmão,

mas também o amor de irmãos de sangue e verdadeiros companheiros; este é o abraço sagrado que contém a confiança;

Charis - o amor que é definido pela elegância, devoção e louvação da presença de Deus na câmara; é aqui que se encontra o amor da mãe e do pai, na terra e no céu; Eunoia - um amor que inspira profunda compaixão e dedicação ao serviço do mundo e de todos os filhos de Deus; é

aqui que está o nosso amor pela caridade e pela comunidade; Storge - um amor puro cheio de ternura, carinho e empatia; aqui está o amor dos filhos;

Eros - um amor que é uma celebração profunda na qual as almas se juntam na união dos corpos; esta é a maior expressão dos amantes que encontra sua forma mais santificada no hieros-gamos.

Não existe escuridão que não possa ser derrotada pela luz do amor em uma dessas expressões. Quando todas estão presentes em harmonia, na Terra, a escuridão não pode existir de todo.

O amor conquista tudo.

Para aqueles que podem ouvir, que ouçam.

D'O LIVRO DO AMOR, TAL COMO PRESERVADO NO LIBRO

ROSSO

Fiano, norte de Roma

Junho de 1074

Conn raramente se enganava quando o assunto era Matilda. Um ano inteiro teria de passar antes de Matilda e Gregório terem a oportunidade de iniciar a educação dele nos ensinamentos d'O Caminho do Amor. O clima político adverso em que se encontraram imediatamente depois da investidura dele exigiu toda a concentração dos dois líderes e políticos, e não sobrou tempo para qualquer coisa que os distraísse da proteção do papado. O rei alemão Henrique IV

recusou-se a censurar seus bispos e a reconhecer a excomunhão deles conforme as instruções de Roma, e com isso as tensões entre a Alemanha e Roma aumentaram. Matilda, por sua vez, provou ser totalmente leal ao papa em nome das suas propriedades, o que serviu para enfurecer ainda mais seu marido. Godofredo continuou a impor seus direitos de duque da Toscana enquanto servia a Henrique IV, e a batalha entre marido e mulher tornou-se mais mortal do que qualquer outra fomentada na Europa. No entanto, Matilda estava na Toscana e Godofredo não. Matilda comandava o povo dos Apeninos, seus corações e espadas, e Godofredo não. Como sempre, ela não dava a mínima atenção ao que o marido dizia ou fazia e ignorava a sua existência o tempo todo. O papa apoiava a posição de Matilda e se recusava a endereçar-lhe qualquer correspondência como uma mulher casada.

Ele a reconhecia como cogovernadora da Toscana com sua sereníssima mãe. Para o papa Gregório VII, Godofredo não existia fora de Lorena.

Finalmente, a natureza sangrenta da rebelião dos saxões nos territórios de Henrique forçara os alemães a buscarem uma reconciliação humilhante com Roma. Henrique ficou sem recurso nenhum e tinha exigido de seus nobres leais, inclusive de Godofredo, além de seus limites. Em novembro de 1073, Henrique jurou aliança ao papa Gregório VII diante de uma audiência que incluía delegados papais na cidade de Nurembergue. Pediu perdão por sua desobediência e jurou participar das reformas da Igreja ditadas pelo papa daquele dia em diante.

Gregório tinha esperança de que aquela trégua durasse, mas era sábio e experiente demais em relação ao comportamento de Henrique para acreditar que aquele juramento não tinha sido feito com os dedos cruzados. Foi da boca para fora, só que por meio de uma apresentação bastante pública que, no mínimo, forçaria a submissão de Henrique por certo período, em nome do decoro. O resultado dessa recém-descoberta lealdade ao papa foi que Godofredo também se viu forçado a reduzir seus ataques. Ele deixou Matilda em paz, concentrou-se nas próprias terras em Lorena e do Norte. Depois de meses em silêncio, o papa começou subitamente a escrever sem parar para Matilda. A condessa toscana e o papa Gregório VII trocaram uma correspondência frequente nos seis meses seguintes. O afeto que sentiam um pelo outro cresceu, aprofundou-se, apesar da distância que os separava, ou, talvez, por causa dela. Como tais cartas eram públicas por natureza, eram escritas numa linguagem muito cuidadosa, mas sempre continham sentimentos efusivos de adoração nas entrelinhas. Matilda muitas vezes se referia ao seu "grande e imortal amor por São Pedro", e

Gregório exprimia o que havia em seu coração por ela com termos até mais enfáticos. Endereçava-lhe as cartas escrevendo: "Minha filha em Cristo", mas suas expressões no papel, com frases como "deve saber do amor que sinto por você", ultrapassavam as fronteiras do amor paterno ou filial. Por fim, ele praticamente implorou que ela voltasse para ele, em Roma, numa carta que dizia:

Estou ansioso demais para retomar as conversas com você, quero seu conselho como irmã e filha de São Pedro. Por favor, não me faça esperar mais.

Em resposta ao pedido dele, Matilda viajou para uma villa particular em Fiano, nos arredores de Roma. Estava tão ansiosa quanto ele para "retomar as conversas". Beatriz foi com ela, e Isobel também, no papel de acompanhantes diante de todos os que pudessem considerar impróprio Matilda estar sozinha num lugar tão privado, longe do intenso escrutínio da corte papal em Roma, longe de tudo, menos dos membros mais íntimos e leais de seus círculos em comum.

Os cômodos que Gregório havia preparado para as suas conversas eram magníficos. Mobiliados com opulência e transbordantes de tecidos luxuosos vindos do Oriente, as salas eram dignas da reunião do rei Salomão com a rainha de Sabá. Era uma jogada inteligente e intencional, de pura sedução. Pois, apesar de não estar totalmente informado sobre os preceitos da Ordem amada de Matilda, ele sabia muito bem que seus seguidores acreditavam que todos os ensinamentos começavam com os exóticos rei e rainha das escrituras, e sua lendária união.

Matilda também estava preparada para desempenhar seu papel no cerimonial. Isobel, que ainda era mestre em tais apresentações, passou horas arrumando-a até torná-la uma visão misteriosa e atraente de feminilidade. A condessa chegou aos aposentos particulares do papa coberta por camadas de seda turquesa sobre um corpete muito decotado, com pedras incrustadas de damasco turco. Véus transparentes cobriam o colo e o cabelo, provocando a ilusão de decoro, mas feitos com tecido tão diáfano que era como se não existissem. O seu farto cabelo cor de cobre tinha sido escovado até

adquirir muito brilho sob o véu e estava solto, o que teria sido um escândalo em público. Havia águas-marinhas e pérolas entremeadas aos cachos, combinando com os brincos. Pela primeira vez na vida, a pele de Matilda estava toda perfumada com óleo de essência de rosas misturada a olíbano, mirra e nardo da Terra Santa. Esses preparativos caros e sagrados eram usados desde os tempos mais remotos, de acordo com o Cântico dos Cânticos, para untar a noiva no dia do hierosgamos, o casamento sagrado dos verdadeiros amantes. Gregório ficou sem fala quando a viu. Ele foi perseguido pela lembrança daquela mulher um ano inteiro, mas quando a reencontrou percebeu que sua memória não lhe tinha feito justiça. Ele beijou a mão de Matilda, ela beijou-lhe o anel, e fora isso mantiveram uma distância adequada, sentados em dois bancos com almofadas, de frente um para o outro. Ela iniciou sua preleção, como Gregório já havia previsto, com a lenda de Salomão e da rainha de Sabá. Não havia história melhor para aquele começo dos ensinamentos sobre a sagrada união.

Gregório evidentemente conhecia as passagens do primeiro Livro dos Reis, capítulo dez, que descrevia a ida da rainha de Sabá para Jerusalém. Mas a versão completa, conforme

ensinada pela Ordem, foi surpreendente e fascinante para ele. O reconhecimento das semelhanças com a situação deles, dois grandes líderes que se encontram numa união de mente e de espírito, foi inevitável.

Ele resolveu desafiá-la imediatamente para ver de que modo Matilda defenderia aquela pedra angular dos seus ensinamentos.

- De onde vem essa versão dos acontecimentos? Nada nas escrituras indica que Salomão e a rainha de Sabá tiveram esse tipo de relacionamento.

Matilda estudara aquilo toda a sua vida, dedicava-se inteiramente aos ensinamentos e conhecia a história tão bem como qualquer professor oficial da Ordem. Ela respondeu imediatamente:

- Primeiro Livro dos 10 Reis, versículos dois e três: "Tendo chegado à presença de Salomão, falou-lhe de tudo que o preocupava. Salomão respondeu a todas as suas perguntas: Nenhuma foi tão difícil a que o rei não pudesse responder." A palavra nenhuma é enfatizada na escritura. Isso indica que Salomão, apesar de ser o mais sábio e mais importante rei do mundo, não esconde nada da sua mulher. É um sinal da profunda intimidade entre eles. Assim como a descrição, de que ela transmite "tudo o que a preocupava". Nenhuma rainha, em missão exclusivamente política, abre seu coração para um homem tão poderoso. Mais uma vez é sinal de uma intimidade profunda e, creio eu, de paixão.

A correlação pairou pesada no ar entre os dois, mas ambos se deliciavam demais com a

natureza provocante daquele jogo para querer abordar o assunto de forma direta.

- Pode ser. Mas não apresenta uma biografia tão completa como você descreveu.

- A história deles está preservada assim no Libro rosso, como as tradições do nosso povo foram passadas de geração para geração e escritas. Mas há também referências à união de Salomão com a rainha de Sabá n'O livro do amor, escrito pelo apóstolo Filipe.

- Mas não é uma prova.

- Eu não chegaria ao ponto de dar uma aula ao próprio pontífice sobre a fé. Mas digo que, em tudo que diz respeito ao espírito, a única prova está em nossos corações. Nenhum papel ou tinta pode estabelecer a verdade. Só nossos corações podem nos dizer que o que está naquela folha, seja ela da sua Bíblia ou do meu Livro, é a verdade. E cada homem ou mulher tem de fazer essa escolha por sua fé pessoal. Ele cedeu diante da eloquência dela.

- Estou ansioso para ver esse livro sagrado e talvez chegar a uma compreensão maior de como lhe deu uma fé tão extraordinária.

- E eu estou ansiosa para mostrá-lo a você. Vá para Lucca no futuro próximo, quando tiver tempo, e talvez tenhamos a oportunidade de examinar juntos o Libro rosso.

Ela então falou da versão do Velho Testamento do Cântico dos Cânticos, mais uma vez dando uma nova interpretação, que era essencialmente a interpretação mais antiga, por meio

da visão da Ordem, por meio do livro sagrado. O fato de um texto poético extremamente erótico ser uma parte aceita e elogiada das escrituras costumava ser algo ignorado nos estudos da Bíblia, até numa educação como a que teve Gregório. Os líderes da Igreja enfatizavam a idéia de que o Cântico dos Cânticos, supostamente escrito por Salomão, depois transcrito no século V a.C., era uma alegoria do amor de Deus pelo povo e pela sua Igreja. Matilda afirmava que era a principal prova de que Salomão e a rainha de Sabá eram o protótipo dos amantes para a sagrada união e que, como poesia épica, continha o maior mistério do amor, escrito originariamente por Salomão, tendo a rainha de Sabá como musa. Na verdade, ela observou, a primeira frase dessa parte da Bíblia diz: "A mais bela canção - de Salomão." Gregório apresentou os argumentos tradicionais contra a ideia de que o Cântico era uma exaltação ao amor erótico, insistindo em que a Igreja só podia assumir a posição que afirmava ser poesia sagrada sobre o amor de Deus pela Igreja e seu rebanho, e apenas o amor de Deus. Matilda rebateu mais uma vez, com a habilidade de qualquer clérigo erudito que ele conhecia.

- Por que tem de ser uma coisa ou outra? O problema de muitas interpretações das escrituras que são aceitas pela Igreja é que são limitadas e exclusivas. Concluem que o Cântico dos Cânticos é sobre o amor de Deus e um amor pela Igreja, que é

divino, ou então é sobre o amor humano, que por sua vez é

profano. Mas não é isso que Jesus nos diz n'O livro do amor. Ele diz que os dois são verdadeiros e que devem ser. Que é

por meio da unidade do nosso amor humano que encontramos Deus. Deus está presente na câmara nupcial quando verdadeiros amantes estão juntos. E essa é a essência que está descrita no primeiro verso: "É com razão que se enamoram de ti." E isso que os amantes dizem quando encontram Deus com sua união. Por que isso não pode ser verdade, se é tão lindo?

- Então me diga, Matilda. Você encontrou Deus na câmara nupcial?

Ela ficou atônita e calada um tempo quando Gregório mudou a direção de seu interrogatório fazendo uma pergunta tão pessoal. Ele jamais se aventurara nesse território. Ela respondeu do único jeito que sabia. Sinceramente.

- Fui forçada a me casar com um homem que não era e nunca poderia ser meu amado. Não podia nem ser meu amigo. Essa é

a sina de muitas mulheres, jamais conhecer o verdadeiro amor e ser privada desse caminho específico para sentir e compreender Deus. Eu acredito que esses casamentos forçados são um crime terrível contra os ensinamentos do amor. Nunca existiu, em tempo algum, confiança ou consciência no meu leito nupcial. E os ensinamentos são bastante claros, essas duas coisas precisam estar presentes para que a união seja sagrada. Por isso a resposta para a sua pergunta é que não, eu não encontrei Deus na câmara nupcial.

Ele olhava para ela com muita atenção, estava testando Matilda, e ela sabia.

- Então você tem aí um enigma, não é? Nunca conheceu tal união, no entanto é o principal sacramento do seu povo. Você

não é inteira espiritualmente sem essa união consciente, é?

Mas buscar essa experiência fora do casamento é adultério e um pecado mortal. Como inclui isso no seu bem-estar espiritual?

Matilda estava preparada para aquela pergunta, tinha pensado naquele conceito inúmeras vezes.

- O adultério, como você definiu, é um pecado mortal na Igreja Católica, isso é verdade. Mas a definição de adultério n'0 livro do amor é diferente. A nossa escritura diz que qualquer contato que seja contra a vontade do outro, ou que viole o espírito de confiança e de consciência, é adúltero. Portanto, a maior parte dos casamentos combinados, em que as mulheres são forçadas a oferecer seu corpo contra a sua vontade, constitui o verdadeiro adultério. No entanto, esses casamentos são sancionados pela Igreja e pelas leis dos homens.

"Como pode o amor verdadeiro ser adultério, se o amor é a maior dádiva que recebemos do nosso benevolente Pai do céu? Salomão e a rainha de Sabá não eram casados, na verdade ele era casado com outras, e, mesmo assim, nunca foram chamados de adúlteros. Porque o amor deles era uma lei maior. Como é possível que duas almas, unidas por Deus no céu no princípio da eternidade, possam ter alguma vez cometido um pecado ao se unir fisicamente

na Terra?

Lembre-se disso: o que Deus uniu nenhum homem pode separar. Estou dizendo que a lei do amor será sempre maior do que a lei do homem, quando e se for necessário. E que toda vez que Godofredo encostou em mim, isso foi adultério, apesar das leis dos homens e da Igreja que afirmam que ele é

meu marido.

"Mas abraçar a outra metade da minha alma, unir-me com ele completamente através da junção dos nossos corpos como expressão da união pura... esse é um sacramento sem pecado, e eu defenderei isso diante de Deus no dia do juízo final." Matilda olhou nos olhos dele. Nenhum dos dois conseguiu falar logo depois desse discurso, então Matilda resolveu continuar num terreno mais seguro, mesmo que só

temporário, tratando das escrituras.

- O Cântico dos Cânticos inclui os ensinamentos dos seis aspectos da expressão do amor, que Jesus mais tarde enfatiza individualmente em seu evangelho, a nossa escritura mais sagrada.

Ela levantou o queixo com ar de importância quando usou o pronome possessivo.

- E um desses aspectos é Eros, que é a expressão física intensa e bela. A união sagrada.

Gregório reagiu ao desafio de raciocínio com certo alívio, voltando ao embate no mesmo nível.

- Mas você está supondo mais uma vez que os versículos possuem conotações de intimidade física. As interpretações acadêmicas não dizem isso. Elas são inflexíveis quando afirmam que esse cântico não trata de amor erótico. Matilda já ia responder, mas se conteve. Quando finalmente falou, ela se inclinou para a frente e ondas de cabelo cor de cobre caíram sobre sua pele de porcelana, formando uma linda imagem. Seus olhos azul-esverdeados faiscaram quando começou a recitar o Cântico dos Cânticos, sem deixar de olhar nos olhos dele enquanto o entoava num sussurro rouco:

Quão melhor que o vinho, tuas carícias

Teus lábios destilam néctar, ó noiva;

Tens mel e leite debaixo da língua.

Com o gesto mais audacioso de uma vida marcada pela ousadia, Matilda se levantou do banco e foi para perto dele. Ajoelhou-se aos pés de Gregório e continuou a recitar, bem devagar, olhando para ele. Com movimentos lentos e cuidadosos, ela tirou os véus que lhe cobriam o cabelo e continuou o tempo todo a fitar os olhos dele.

Sorvo o meu Favo com o meu mel.

Bebo o meu vinho com meu leite!

Eu estava dormindo, desperto:

"Abra-me companheira minha,

Minha pomba, minha perfeita."

Em seguida, Matilda tirou, com graça e delicadeza, os véus que cobriam seus seios fartos. Os véus flutuaram até o chão exibindo a pele cor de creme e os mamilos cor-de-rosa aos olhos dele. Ele olhava, paralisado, enquanto a poesia escorria dos seus lábios. Matilda inclinou-se para a frente e tocou as coxas dele com a ponta dos dedos.

Sobre meu leito, ao longo da noite,

Procuro aquele que eu amo.

Meu querido passa a mão pela abertura;

Meu ventre se emociona.

Sim, eu me levanto para me abrir ao meu querido.

Ela chegou mais perto, ainda aos pés dele, encostou o rosto numa coxa e passou as pontas dos dedos na outra. Encerrou o cântico respirando sobre o membro enrijecido de Gregório

entoando os últimos versos:

E minhas mãos destilam mirra,

E meus dedos, mirra correndo.

Sim, eu me abro para meu querido.

Matilda invocou o último verso com delicadeza, lentamente. Havia mais do que um brilho de triunfo em seus olhos puxados cor do mar ao ver o desconforto, o fascínio e a paixão daquele homem. As escrituras nunca foram tão sedutoras.

- Então eu pergunto - ela sussurrou, erguendo-se agora sobre os joelhos, cara a cara com ele, aumentando a pressão dos dedos em suas coxas. - Isso lhe parece um cântico escrito sobre a castidade da Igreja?

- Eu admito - ele murmurou com voz rouca, com os lábios bem próximos aos dela.

Ficaram assim um tempo, respirando juntos e vivendo aquele momento de intimidade proibida. Os dois saboreavam cada segundo que podiam estar sozinhos e se tocar daquele jeito, mas a espera era uma tortura requintada. Quando finalmente se beijaram, foi um prelúdio profundamente sensual e único da união prolongada de seus corpos. Passaram as horas seguintes abraçados, unidos na magia da alquimia que acontece quando a rigidez masculina penetra na suavidade feminina.

Não eram mais dois, mas um corpo só. E o que Deus uniu nenhum homem pode separar.

Aquela era uma união de confiança e consciência, a perfeita expressão do hieros-gamos. Os amantes das escrituras tinham se encontrado mais uma vez.

Como Salomão e a rainha de Sabá, eles ficaram juntos, praticamente sem serem incomodados, quase uma semana. Na santidade do quarto, Matilda apresentou ao amado os segredos mais íntimos do hieros-gamos, como foram preservados pela Ordem. Eram ensinamentos sagrados e muito protegidos, passados de mulher para mulher havia milhares de anos, para proporcionar um êxtase inimaginável aos não iniciados. Eram técnicas que enfatizavam o culto ao corpo do amado, com base na compreensão de que era o recipiente da alma. Matilda havia aprendido isso como parte de sua educação, mas não podia imaginar a sensação que provocava na prática. Essa experiência alterava a existência para sempre. E isso acontecia com as mulheres e com os homens.

Isobel riu quando ensinou para Matilda pela primeira vez, e disse que sentia pena daqueles que jamais saberiam como a divina união podia ser extraordinária.

- Sabe, Matilda - ela explicou -, que nenhum homem, na história da Ordem, jamais deixou sua amada? Porque, depois que o hieros-gamos é consumado com os ensinamentos secretos, ele não tem mais para onde ir! Ele nunca mais vai desejar se unir a outra mulher, pois sabe muito bem que aquele nível de êxtase não pode ser atingido com outra. É um prazer que resvala na divindade. O desejo dele por sua amada e companheira é tão singular e tão intenso que o compromisso que assume com ela é eterno, e sua fidelidade garantida. E isso

é uma grande dádiva de Deus.

Então Isobel ficou séria e disse que era uma verdadeira tragédia que essa compreensão abençoada do prazer estivesse perdida para a maioria. Esse caminho específico para encontrar Deus por intermédio da sagrada união só era conhecido por poucos, e os tempos inconstantes continuariam a

ameaçar

esses

segredos

até

que

praticamente

desaparecessem. Até os ensinamentos públicos e abertos, como os do Evangelho de Mateus, capítulo 19: Assim, eles não são mais dois, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu, eram diluídos com a interpretação para erradicar a verdadeira natureza sensual da bela dádiva que Jesus tentava transmitir.

O papa Gregório VII não era um homem superficial. A atração que sentia por Matilda não se

limitava à sua beleza, ao seu poder e a tudo que ela oferecia e representava com essas qualidades combinadas. Estava profunda e completamente apaixonado por uma mulher que ele acreditava que tinha sido criada para ele por Deus. Ele entendeu a natureza do hierosgamos como uma experiência realmente religiosa, naqueles dias e noites que passou com a gloriosa condessa. Encontrou Deus com aquela mulher de uma forma que jamais imaginou possível em tudo que estudou. Além disso, agora estava mais fascinado do que nunca, era quase uma obsessão por todos aqueles ensinamentos do princípio do cristianismo. Havia se tornado papa como um reformista, dedicado a recuperar a Igreja como um santo e espiritual ofício, em que os ensinamentos de Cristo eram o centro de tudo. O fato de Matilda representar um imenso desafio ao que isso podia significar realmente era, ao mesmo tempo, importante e intrigante.

- Não me tornei papa porque sou um homem santo, Tilda - ele disse quando jantavam na última noite deles em Fiano. - Tornei-me papa porque sou um homem pragmático e conhecedor da política que cuida das fortunas de Roma e da sua Igreja. Mas falo sério quando digo que espero me tornar santo ao ocupar esse posto elevado. E o que me tornará santo sentado nesse trono do apóstolo Pedro? Eu seria santo imitando Jesus Cristo. Mas quanto mais leio e estudo, e aprendo com você, mais questiono o que significa exatamente imitar Cristo.

"Fico imaginando se será possível manter uma Igreja com poder e estrutura para influenciar um rebanho que cobre toda a Europa e além, baseada inteiramente nessas suas ideias de amor. Isso é um dilema, porque acho que não é possível. O

amor não é racional, Matilda. O amor não tem lógica, não tem estratégia nem lei, a não ser uma lei própria. E algo que não pode ser controlado, administrado, nem virar lei. Não se podem cobrar impostos, nem auferir lucro com o amor. Aliás, eu criei leis que proíbem o amor para os meus clérigos, não criei? Proibi o sacerdócio para muitos e impus leis de celibato. No entanto, essas mesmas leis protegem elementos da Igreja que precisam ser preservados, protegem a Igreja como instituição, algo que jurei fazer. Devo defender essas leis pelo bem maior.

"Mas e se esse bem maior que estou protegendo for contra a natureza

do

que

Nosso

Senhor

queria

que

compreendêssemos? São essas as provas que enfrentamos, provas de fé e de livre-arbítrio. Vou precisar tê-la ao meu lado, o máximo de tempo possível, para que seja minha parceira

nesses mares desconhecidos. Deus nos pôs neste lugar e nos pôs aqui juntos. Temos a oportunidade de mudar a história, de garantir que a Igreja continue forte e que o nosso povo tenha Cristo no centro de suas vidas. A forma que isso terá pode não ser a que você imagina, talvez não seja possível introduzir esse seu Caminho no mundo que conhecemos. Mas faremos tudo que pudermos para proteger O Caminho que existe. Enquanto isso, vamos explorar essa ideia de amor." Matilda respondeu com um desafio, como sempre faria pelo resto de suas vidas juntos.

- Ouso dizer que, à medida que for conhecendo melhor o poder simples e espantoso d'O Caminho do Amor, vai pensar diferente. O Caminho é para todos, Gregório, como o reino de Deus é para todos. Ricos e pobres, homens e mulheres, humildes e nobres. É suficientemente forte para suportar qualquer coisa. Suficientemente forte para trazer a paz para o mundo.

Gregório pensou nisso, e o político pragmático lutou contra o recém-despertado poeta que havia dentro dele.

- Amor. É espantosamente complicado, principalmente nas questões do Estado. E perturbador. E lindo. Mas, acima de tudo, é algo sem precedentes.

"Por isso preciso perguntar antes de você partir para a Toscana amanhã de manhã. Você jura ficar ao meu lado, Matilda? Para me ajudar a entender como vamos preservar a Igreja de forma que ela não se enfraqueça diante das enormes ameaças que enfrentamos todos os dias e que ao mesmo tempo mantenha essas tradições em que você acredita?" Matilda

segurou as mãos dele por cima da mesa e respondeu simplesmente, com o juramento que jamais trairia.

- Semper. Sempre.

Roma,

dias atuais

Maureen e Berenger caminhavam de mãos dadas, bem devagar, pela igreja de San Pietro in Vincoli. A chegada dele a Roma foi surpresa para ela. Mas, quando soube que ele tinha ido primeiro fazer as pazes com Peter, antes mesmo de procurá-la, Maureen sentiu um alívio imenso. Era a atitude de um homem de verdade, que revelava humildade e responsabilidade.

Durante o jantar, na véspera, Maureen passou duas horas pondo Berenger em dia sobre o que ela havia descoberto em relação a Matilda com os documentos autobiográficos. Também contou do homem de blusão com capuz que esteve vigiando a janela do seu quarto de hotel.

- Subi correndo para o seu quarto, mas você não estava. Quando voltei para o meu, ele tinha sumido.

Berenger ouviu atentamente e preocupado.

- Bom, você não vai mais a lugar nenhum em Roma sem a companhia de um de nós, o tempo todo.

Nesse jantar Maureen se lembrou de todos os motivos que tinha para adorar Berenger. Conversar com ele era como voltar para casa. Ele a compreendia, era igual a ela, e propiciava-lhe a sensação de estar em casa. Agora ele acabava de se nomear o rottweiler oficial de Maureen em Roma. Quando ela quisesse visitar lugares importantes da história de Matilda, Berenger insistiria em acompanhá-la a todos. Maureen estava gostando demais da companhia dele. Enquanto caminhavam pela igreja São Pedro em Cadeias, Maureen repetiu a história do primeiro encontro de Matilda e Gregório.

- Foi amor à primeira vista, de ambos os lados, sem dúvida nenhuma. Berenger meneou a cabeça.

- Foi? O que é amor à primeira vista? É mais correto dizer que é amor ao... reconhecimento? Nós nos apaixonamos tão rápido e tão completamente por alguém porque estamos reconhecendo que já amamos essa pessoa antes e que estamos destinados a amá-la outra vez? Sentimos essa ligação e atração por alguém porque em algum nível sabemos que essa pessoa representa a outra parte da nossa alma?

Maureen pensou nisso enquanto iam andando pela igreja que estava cheia de turistas. A maioria ficava em volta da estátua de Moisés feita por Michelangelo. Puseram moedas de euro na caixa de luz para iluminar a obra-prima de mármore alguns minutos e poderem ter uma visão melhor. Aquela igreja tinha mudado drasticamente desde o dia em que Gregório

foi espontaneamente eleito, pois passara por uma reforma completa na era renascentista e sofrera algumas outras alterações ao longo dos séculos.

- Pode ser. Talvez seja outra faceta de "O tempo retorna".

- Continue.

- Bem, esses casais que são mencionados na Ordem. Verônica e Pretorus, será que eles estão voltando com a identidade de outros grandes casais que foram mestres? Easa e Madalena?

Será que são a volta de Salomão e a rainha de Sabá em sua própria época? Parece que Matilda acreditava que ela e Gregório eram o retorno de Salomão e a rainha de Sabá. Isso é

literal, ou eles estavam revivendo o arquétipo? Um arquétipo que está à disposição de todos com sorte suficiente para encontrar esse tipo de ligação com o outro? Eu não sei, estou tentando entender esse conceito. Todos esses conceitos. Berenger ficou olhando para Maureen. Era interessante que tantas pessoas tivessem aquela ideia de amor eterno inimaginável, pois para ele parecia muito natural e muito simples. É indescritivelmente belo. Ele nada disse e guardou seus pensamentos mais profundos para quando Maureen estivesse preparada. Paciência era a virtude de que ele precisava para manter aquele unicórnio no jardim pela sua própria vontade.

Os dois esperaram numa fila para ver as relíquias que davam o nome à igreja, as correntes

com elos grandes que estavam preservadas num relicário de vidro e de ouro. Se eram ou não as correntes que prenderam São Pedro, ninguém podia saber, mas eram revestidas por uma estranha aura, uma patina mística que só um objeto reverenciado por muitos séculos podia ter.

Saíram da igreja alguns minutos mais tarde, à luz âmbar do sol naquele fim de tarde em Roma. Maureen voltou ao assunto, quando desciam com cuidado os degraus de mármore até a rua.

- O que acontece quando é unilateral?

- O que quer dizer?

- Bem, nesse caso, vemos que Matilda e Gregório reconheceram a ligação deles, ambos souberam no mesmo instante. Sempre acontece assim, nesses casos de amor predestinado? Ou às vezes um dos dois descobre antes do outro?

Berenger nem precisou de tempo para pensar na resposta.

- Eu acho que acontece muito desse jeito, quando uma pessoa reconhece a ligação antes da outra, talvez até muito tempo antes. Penso que então passa a ser uma questão de paciência, quem sabe a maior prova desse amor.

Foram andando devagar pelas ruas estreitas do centro histórico, concentrados na conversa e

em tudo que significava para eles. Maureen respondeu:

- Deve ser muito difícil para o parceiro que descobre, quando o outro ainda não sabe. É como se um estivesse acordado e o outro dormindo.

- Sem dúvida. Ignorância é uma bênção, como dizem. E é

realmente, se pensar bem. Quando somos ignorantes, podemos passar pela vida alegremente, acreditando que controlamos o nosso destino. Mas quando vemos a luz das coisas, quando compreendemos que o nosso destino é nos render à vontade de Deus, bem... nem sempre é tão abençoado, não é? E talvez a vontade de Deus seja que tenhamos muita paciência com nossa amada adormecida, para podermos despertá-la gentilmente. Ela ou ele.

Maureen parou.

- O que houve?

Berenger ficou com medo de ter ido longe demais, que tivesse feito uma alusão muito pessoal. Mas não foi por isso que Maureen parou. Ele suspirou aliviado quando ela começou a falar daquele jeito animado, como sempre fazia quando as peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar para ela.

- Isso que você acabou de dizer. Despertá-la gentilmente. E

como nos contos de fadas, não é? A Bela Adormecida desperta, Branca de Neve desperta, ambas de algo chamado

"sono da morte". Como é que são despertadas? Como?

- Com um beijo.

- Com o beijo do verdadeiro amor. Nas versões mais antigas dessas histórias, fica bem claro que a princesa desperta com um beijo do verdadeiro amor. Não é qualquer beijo. É um beijo sagrado. Talvez o que una as forças vitais dos amantes, que represente o encontro das almas. E o "sono da morte"?

Representa a alma antes de ser iluminada.

Berenger também se animou com essa linha de raciocínio e entrou no assunto.

- Portanto, é uma alegoria. Um ensinamento sagrado que precisa ser escondido para não ficar explícito, mas que é

ensinado com grande poder para nunca se perder.

Maureen concordou e pensou um pouco antes de continuar.

- E é ensinado de modo que o conceito mais importante seja apresentado para as crianças. Você acha que isso é possível?

Foi você que me ensinou que essas conexões não param de acontecer, que são infinitos os lugares em que encontramos a verdade escondida bem à vista, se abrirmos os olhos. Será que até nossas histórias infantis mais apreciadas foram criadas para conter os segredos d'O livro do amor! Que toda vez que contamos uma delas estamos homenageando os ensinamentos originais de Jesus? Talvez até indo lá para trás, há milhares de anos, ao encontro de Salomão com a rainha de Sabá?

- Você é um gênio, minha querida. Esse aspecto certamente nunca me ocorreu. Mas sabemos que as culturas dos cátaros começavam a instruir as crianças ainda bem pequenas. Vimos que Isobel ensinou conceitos importantes para Matilda quando ela era menina, desse jeito. Talvez esse fosse o objetivo original das histórias que contamos para as crianças dormirem. Educar nossos filhos e também inspirar sua imaginação. As histórias contadas na hora de dormir podem ser digeridas durante o sono, processadas no subconsciente, no estado de sonho. É realmente um conceito fantástico. Maureen não tinha terminado sua linha de raciocínio.

- E há as versões masculinas da lenda também. Como a do príncipe que virou sapo. A princesa acredita que é seu amado, apesar de ele parecer um sapo cheio de verrugas. Ela vê através da ilusão física, ela o reconhece e, então, o transforma, fisicamente, no príncipe que ele sempre teve o potencial para ser. Ela o transforma num verdadeiro príncipe, com um beijo que é o amor verdadeiro. Em A Bela e a Fera, a Bela reconhece o príncipe que há no monstro e salva a sua vida quando ele está morrendo de amor... com um beijo. É claro.

- É claro.

Berenger estava louco para contar a Maureen um dos grandes segredos que ela ainda ia descobrir. Que havia um motivo para o amado ser sempre um príncipe naquelas histórias. Mas ela ainda não estava preparada para saber tudo. Ele não ia apressá-la. Resolveu deixar a pista para futuras conversas.

- Eu acho que você está chegando perto de algo mais.

- O quê?

- Que existe a versão masculina da história, como existe a versão feminina. Há sempre um equilíbrio onde está a verdade. Se existe uma lenda ou uma profecia sobre uma mulher, há uma equivalente sobre um homem. Isso é

alquimia. E também é lei da física. A atração dos opostos. Para toda ação existe uma reação igual e contrária. E Isaac Newton e também Maria Madalena. Cerebral e emocional, terra e água, masculino e feminino, consciente e subconsciente.

- Príncipe e sapo.

Maureen sorriu para ele, de um jeito que Berenger via raramente, com uma alegria espontânea, leve e sem defesa, e talvez algo mais. Ele estava desesperado para beijá-la ali mesmo, no meio da rua romana, mas se conteve. Estavam chegando a uma nova

compreensão a respeito da santidade do que antes era considerado um ato simples, um encontro reflexo dos lábios. Para eles não existia mais nenhum beijo básico. Ele podia esperar até chegar o momento perfeito, quando os dois estivessem comprometidos com o que realmente significaria descobrir a união de compartilhar a força da vida através do beijo.

Até esse momento chegar, ele simplesmente aproveitaria o tempo que tinha com ela. Berenger descobriu que, apesar dos desafios emocionais que teriam de enfrentar para ficar juntos, eles eram muito mais felizes do que muitos dos outros casais predestinados que os precederam na história.

Para dizer o mínimo, ele não era o papa. E ela não era casada com um corcunda traiçoeiro. Comparando, eles estavam em posições bem promissoras, para começar.

Cidade do Vaticano,

Dias atuais

Padre Girolamo examinou a lista. Estava incompleta. Sentiu falta de algumas mulheres que atendiam aos critérios, e ele teria de rever suas anotações. Mas tinha de admitir que sua memória já idosa estava começando a falhar. Houve um tempo em que podia recitar tudo de cor, mas a cada dia que passava ficava mais difícil realizar isso. Mas não fazia mal, todas elas estariam nos registros, com todos os detalhes necessários, inclusive suas datas de nascimento verdadeiras e o modo muitas vezes trágico com que essas mulheres, muitas

homenageadas como santas e mártires, haviam morrido. Girolamo chegara a um impasse no seu trabalho e estava extremamente frustrado. Ele fez a lista de cabeça, esperando que servisse de ajuda para determinar qual seria seu próximo passo. Estavam anotadas em ordem cronológica:

Sara-Tamar - século I, ano de nascimento e morte desconhecidos (causa da morte, desconhecida)

Margarete de Antioquia - ano do nascimento desconhecido, morreu em 304 (torturada e decapitada)

Lúcia - nasceu em 284, morreu em 304 (violentada num bordel, teve os olhos arrancados e foi decapitada) Catarina de Alexandria - nasceu no ano de 287, morreu em 305 (torturada e decapitada)

Modesta - século IV (decapitada, depois jogada no poço em Chartres)

Bárbara - nasceu e morreu no início do século IV

(decapitada). Apócrifa?

Úrsula - nasceu e morreu no século IV. (Massacrada com mil virgens.) Apócrifa?

Godiva de Flandres - nasceu em 1046(?) e morreu em 1070

(estrangulada, depois afogada em um poço)

Matilda da Toscana - nasceu em 1046, morreu em 1115

(complicações devido à gota)

Catarina de Siena - nasceu em 1347, morreu em 1380 (de derrame aos 33 anos de idade)

Joana d'Arc - nasceu em 1412, morreu em 1431 (estuprada e queimada viva)

Lucrécia Donati - nasceu em 1455(?), morreu em (?) (de causas naturais)

Giovanna Albizzi - nasceu em 1465(?), morreu em 1489(?) (de complicações de parto)

Teresa de Ávila - nasceu em 1515, morreu em 1582 (de doença desconhecida)

Germaine de Pibrac - nasceu em 1579, morreu em 1601

(envenenada)

Margherita Luti (La Fornarina) - século XVI, datas exatas desconhecidas (envenenada!)

Lúcia Santos - nasceu em 1907, morreu em 2005 (de causas naturais)

Satisfeito de ter pelo menos um lugar para começar, ele acrescentou o último nome. Essa

mulher era especial, pois tinha realizado o que nenhuma das outras conseguira fazer, e ele esperava entender como e por quê.

Maureen Paschal

Afinal, talvez o passado não fosse a chave para esse mistério. Talvez tudo de que ele precisava estivesse bem ali em Roma, naquele momento mesmo.

CAPÍTULO DOZE

Roma

Março de 1075

atilda estava de volta a Roma, mais feliz do que nunca Mde estar com seu amado. Eles tinham acabado de completar com grande sucesso o segundo sínodo do papado de Gregório, em que seu Dictatus Papae foi apresentado ao mundo. Esse conjunto de propostas foi resultado dos dias e noites que os dois passaram juntos, um projeto passionai de duas almas que estavam decididas a reformar a Igreja e proteger sua estrutura e seu espírito dos mais perigosos inimigos.

O documento era diferente de qualquer outro já divulgado pelo trono de São Pedro. Era radical, ousado e brilhantemente elaborado. Em essência, o papa Gregório VII ousava liberar a Igreja, e todos os seus fiéis, da aliança a qualquer monarca ou líder secular em

qualquer lugar do mundo cristão. Declarava a Igreja único árbitro da justiça na Terra, e nessa justiça todas as pessoas eram criadas iguais por Deus. O édito papal especificava que essa lei de igualdade, conforme afirmada por Jesus Cristo, aplicava-se a todos, inclusive às mulheres e aos escravos, e até ao rei. Nenhuma pessoa era melhor ou pior do que qualquer outra. Nenhuma pessoa tinha mais ou menos valor diante de Deus. Foi o primeiro documento desse tipo a expressar a igualdade humana atravessando as fronteiras de gênero e econômicas. Era absolutamente revolucionário. A influência de Matilda nessas propostas era óbvia e clara, para os que tivessem olhos para ver.

Nesse novo mundo de igualdade sob Deus, o feudalismo, a estrutura social e econômica que todo o continente europeu adotava, estava basicamente morte. O papa era agora a única autoridade da justiça no mundo. E, para solidificar a força da Igreja sob seu defensor divinamente eleito, o Dictatus Papae determinava que o papa era infalível. Roma era o centro do mundo civilizado e Deus era o único governante. E em nome de Deus, o papa promoveria toda a justiça, assim como a administração da riqueza e do poder que emanavam da Igreja. Foi um escândalo. O Dictatus Papae foi uma revolução como nunca se viu na história. Separava Roma, como única representante da vontade de Deus, de toda a influência secular e visava tirar o poder da maioria dos governantes seculares da Europa, sendo que Henrique era o principal deles. Punha Roma e o papado no centro do universo, onipotentes.

Mas Gregório, que parecia se alimentar de controvérsias, ainda não tinha terminado. Corriam boatos sobre o relacionamento dele com a extraordinária condessa de Canossa, e de fato nenhum dos chefes de família de Roma gostava dela, pois a consideravam uma

estrangeira que exercia uma influência perigosa. Os apoiadores de Gregório e Matilda condenaram os rumores, classificando-os como chantagem política e inveja, e por um tempo essa posição foi largamente aceita pelo povo de Roma, que ainda tendia a apoiar o carismático Gregório. No entanto, o papa estava decidido a desfazer esses boatos antes que pudessem crescer e virar algo mais perigoso para ele e para sua amada. Usando a visão política astuta de que a melhor estratégia de defesa é a estratégia ofensiva, Gregório lançou éditos muito severos sobre a sexualidade dos clérigos, suplementando as leis originais que tinham sido impostas pelo papa Nicolau II. Determinou que qualquer padre que violasse as leis do celibato devia ser imediatamente afastado de suas obrigações, e invocou seus bispos a pregarem a necessidade do celibato de corpo e alma imaculados para todos os membros do clero. E

reforçou as leis que proibiam qualquer padre de se colocar em situação que, mesmo potencialmente, o deixasse sozinho com uma mulher.

Essa questão do comportamento impoluto dos padres foi enfatizada com tanta força que tornou impossível para qualquer um afirmar que o próprio papa não era celibatário. Certamente nenhum homem teria audácia suficiente para impor lei tão rígida, com tanto zelo, para depois descumpri-la ele mesmo. Todos os rumores sobre conduta imprópria com Matilda cessaram subitamente sob tais éditos. Aquilo simplesmente não era possível.

Mas o que o povo da Europa esqueceu diante daquelas novas leis era que Gregório VII não era apenas um homem. Nem era qualquer padre. Ele era o papa. E como tal, não estava sujeito a qualquer lei, a não ser à de Deus. Ele era, por determinação dos próprios Dictati

Papae - e da mulher que amava e com quem dividia sua cama -, infalível.

- As promessas de Henrique não valem nada! Ele é um rei sem honra, não é rei coisa nenhuma.

Matilda andava de um lado para outro nos salões de Isola Tiberina, a casa fortificada e torre de observação à beira do Tibre, que se tornara seu quartel-general quando visitava Gregório por períodos mais longos, em Roma. Aquela exclamação foi reação à notícia de que Henrique tinha traído seu juramento de aliança ao papa Gregório. Ele e suas tropas alemãs, com apoio considerável de Lorena, haviam derrotado os saxões no dia 9 de junho de 1075, na batalha de Hohenberg, depois de anos de guerra. A vitória decisiva e o subsequente apoio que o rei estava recebendo nos territórios setentrionais aumentavam sua arrogância e sua ambição, e Henrique partiu para uma ação decisiva contra Gregório. Ficara furioso por três meses, desde a divulgação do Dictatus Papae, ele e seus bispos alemães e na Lombardia. Para eles, aquele novo papa era presunçoso e perigoso. Como é que qualquer homem podia se arrogar supremacia sobre o rei?

Henrique foi forçado a dar um tempo, mas os ventos do poder estavam novamente soprando na direção do Sacro Império. Para reforçar sua posição, ele reem-possou os bispos excomungados, que lhe pagaram enormes tributos por isso. O

bispo Teobaldo, o mais radical, que mais se revoltou contra as reformas de Gregório, estava agora no cargo de arcebispo de Milão, posicionando a Lombardia completamente contra o papado. Esses foram atos flagrantes de Henrique, de simonia e de investidura laica,

violações intencionais a tudo que Gregório defendia. A guerra estava oficialmente declarada. Conn observava Matilda andar de um lado para outro, mas continuou sentado. Iam ter de voltar para a Toscana imediatamente, por causa daquela nova ameaça. Conn tinha de fazer Matilda entender isso. Deixar Roma e Gregório nunca era fácil para ela, mas agora era necessário.

- Matilda, Henrique não é nosso único problema. Godofredo enviou mais uma carta, exigindo seus direitos como duque da Toscana, não só às terras dele, mas também aos direitos conjugais como seu marido. Henrique se ofereceu para apoiá-lo com poderio militar, se for preciso, para dominar você e a Toscana. Seus atos recentes em Montecatini devem ter levado o corcunda para além do limite. Junto com as outras coisas de sempre.

No mês anterior, Matilda tinha passado sua valiosa propriedade em Montecatini para Anselmo de Lucca, como um presente para a Ordem. Eram terras dela, herdadas de Bonifácio, e, no que lhe dizia respeito, ela considerava que tinha o direito de doá-las para quem quisesse e bem entendesse. Mas, aos olhos das leis implementadas pelo rei alemão, era Godofredo que tinha o direito exclusivo de administrar a região da Toscana. O papa, é claro, apoiou o direito de Matilda fazer o que quisesse com suas terras e se recusou a atender ao protesto de Godofredo.

Apesar de todos os seus péssimos defeitos, Godofredo de Lorena não era completamente burro. Ele sabia muito bem dos rumores que cercavam o relacionamento extremamente próximo da sua mulher com Gregório e vivia torturado por eles. De fato, durante a campanha contra os saxões, até o rei fez comentários lascivos sobre a tentação ruiva e

demoníaca que corrompera ninguém menos do que o próprio papa. O

recente escândalo de Montecatini foi a gota d'água para acabar com a sanidade de Godofredo, sempre no limite no que se referia à sua esposa.

- Não tenho medo de Godofredo, Conn. Vou levar a carta dele para Gregório esta noite e pedir seus conselhos quanto à

melhor forma de lidar com ele.

Conn ficou exasperado.

- Não há tempo para isso. Temos de partir hoje mesmo. Agora. Se o corcunda chegar à Toscana e você não estiver lá para defendê-la, não há como prever o que pode acontecer.

- Arduino está lá, e minha mãe também.

- Eles não são a Toscana. Você é. O seu povo vai precisar vê-la no meio deles quando esses boatos começarem a se espalhar.

- Que boatos? Os de sempre? Ninguém acredita mais nisso. Gregório já pôs um fim neles.

O grandalhão se levantou e respirou fundo.

- Matilda, Godofredo e seu maligno projeto de rei estão querendo destruí-la. Você precisa

saber disso e entender. Eles começaram uma campanha contra você e a sua reputação. Gostaria de poder poupá-la disso, porque a conheço muito bem. E sei que, apesar de toda a sua força aparente, essas coisas a magoam profundamente.

Matilda parou de andar e se preparou para ouvir o resto.

- Continue.

- Há rumores vindos de Lorena de que você matou sua filha. Na verdade são muitos, porque você sabe o que acontece quando esses rumores se espalham. Claro que são todos ridículos, besteira supersticiosa de ignorantes. Mas também são perigosos. Um diz que você sacrificou sua filha num altar ao demônio para ganhar muito poder e riqueza. Há mais de onde veio esse, mas basta dizer que tem a ver com você e o demônio terem um relacionamento indecente, com mais explícitos detalhes... nada menos que isso. O outro é que você

sufocou o bebê quando nasceu, diante do seu marido, para amedrontá-lo e torná-lo submisso a você, também com a ajuda do diabo. Creio que é esse que Godofredo alimenta para conquistar simpatia. O povo de Lorena clama seu sangue e a chama de bruxa.

Ela sentou devagar, nauseada com o que estava ouvindo. Conn tinha razão. Aqueles rumores terríveis lhe provocavam uma dor profunda. Ela sabia perfeitamente o que eram, mas mesmo assim a machucavam terrivelmente. Por que Deus lhe dera tamanha responsabilidade, até sua habilidade de guerreira, e tão pouca resistência ao sofrimento

emocional?

Ela ia sofrer em silêncio por essas coisas toda a sua vida, em noites escuras que não acabavam mais, nas quais o sono não costumava chegar para ela.

Com agora falava com toda a sua paixão de celta, e ele sabia como animá-la quando Matilda se sentia derrotada. Afastava o foco do problema pessoal e fazia com que ela abraçasse uma causa maior pela justiça.

- É uma guerra de propaganda, Matilda. E tem sido o flagelo da humanidade há tempo demais, isso de destruir o nome de uma mulher para humilhá-la. É uma guerra suja. Mulheres poderosas sempre ameaçaram os homens fracos. Você precisa enfrentar isso como Boadicea enfrentou. Precisa adotar o grito de guerra dela.

Matilda levantou a cabeça e olhou para ele, sem dominar ainda sua habitual natureza enérgica e destemida, mas lutando para encarar o que tinha de fazer agora. Ela se levantou, aproximou-se dele e estendeu a mão.

- A Verdade contra o Mundo?

Ele segurou a mão dela e a abraçou.

- Essa é a minha menina. A Verdade contra o Mundo. Venha, então, irmãzinha, vamos partir para a Toscana, para caçar corcundas e víboras alemãs.

No dia 8 de dezembro de 1075, o papa Gregório VII deu uma oportunidade para o rei Henrique IV aliviar sua consciência e defender sua reputação. Em honra ao dia de festa da Imaculada Conceição, ele queria que Henrique se arrependesse de suas mentiras e seus crimes, exigindo que ele pedisse perdão e se arrependesse, ou arriscasse a imediata excomunhão. Nenhum papa jamais excomungara um monarca reinante, e aquilo era uma ameaça sem precedentes à política na Europa.

Henrique respondeu como era do seu feitio: com violência. Aliciou o apoio da família Cenci em Roma, antigos rivais dos Pierleoni que se bandearam facilmente em troca de ouro. Contrataram mercenários para se infiltrarem nas cerimônias da véspera do Natal na igreja de Santa Maria Maggiore em Roma. Quando se aproximaram na fila para receber a comunhão do próprio pontífice, os mercenários avançaram e espancaram o papa. Arrastaram Gregório inconsciente e sangrando para fora da catedral e o trancaram numa torre que pertencia aos Cenci.

Ninguém jamais saberia por que Gregório não foi assassinado imediatamente pelos seus supostos agressores. Acredita-se que, com a pressa de executar aquele diabólico sequestro, as ordens exatas sobre o que fazer quando fizessem o papa de refém não foram dadas claramente. E nenhum dos envolvidos queria ter o sangue do Santo Padre nas mãos se não tinha sido isso que o rei pediu, ou pelo que pagou. O resultado foi que o mantiveram preso aquela noite até alguém tomar uma decisão.

O povo ficou indignado. O derramamento do sangue de um papa no altar que ainda era apoiado pela população de Roma provocou quase uma rebelião na manhã de Natal. O

palácio dos Cenci foi invadido por uma turba liderada pelos Pierleoni, e Gregório foi libertado enquanto os Cenci eram expulsos da cidade.

O papa Gregório VII retornou para sua casa no Palácio Laterano. Depois de tratados os ferimentos na cabeça, ele pediu papel e tinta e imediatamente escreveu para sua amada, para que ela não se preocupasse sem necessidade.

Matilda atravessou a Toscana galopando a toda a velocidade com Conn e foi para Pisa. A mãe dela tinha ficado seriamente doente quando cuidava de assuntos administrativos em Pisa, e Matilda estava desesperada para estar com ela. Durante a viagem rezou para a mãe estar viva e consciente quando a encontrasse. Não suportava a ideia de perder Beatriz, mas perdê-la sem ter a oportunidade de vê-la e de falar com ela de novo seria demais.

Matilda ficou aliviada ao ver que Beatriz estava viva, embora inconsciente. Disseram-lhe que a mãe perdia e recuperava a consciência dependendo da variação de sua temperatura. Quando Matilda chegou, ela dormia profundamente, por isso teve tempo para pensar nos outros assuntos que pesavam muito em seu coração.

Quando partiu para Pisa recebeu a carta de Gregório em que ele informava estar em segurança e descrevia com alguns detalhes seu violento sequestro. Ela desejou poder ir ao seu encontro naquele instante. Precisava vê-lo, tocar nele, para se acalmar e saber que tudo ia acabar bem. Porém, com a mãe naquele estado, não foi possível. Ela escreveu-lhe, então, uma carta, com o cuidado necessário, exprimindo seu amor por ele usando termos que não a condenariam se fossem lidos pelos prelados do papa, ou pior, se a carta fosse interceptada

pelos inimigos.

Meu querido Santo Padre,

Fiquei muito aflita quando soube do que fizeram com você, mas agradeço a Deus por ter poupado esse Apóstolo verdadeiro e escolhido.

Saiba que eu faria qualquer coisa para estar a seu serviço em Roma, como sua amada filha e serva, mas devo permanecer ao lado da minha mãe enferma. Peço que interceda junto a Deus com suas orações santificadas pelo bem dela.

Apesar de separada de você pela distância, saiba que nenhuma tribulação ou angústia, fome, perigo ou perseguição, nem espadas, nem a morte, nem a vida, nem príncipes, nem virtudes, nem qualquer coisa dessa vida jamais vai me afastar do amor que sinto por São Pedro.

Eternamente sua.

Gregório saberia exatamente como ler nas entrelinhas, já que a carta era escrita com o código pessoal dos dois. Matilda se referia a ela mesma como sua amada, e a ele como seu amado, mas com o palavreado cuidadoso que tornava segura tal declaração. Por isso quando ela invocava a frase dos dois, no Cântico dos Cânticos, "Meu querido é meu e eu sou dele", a frase não pareceria imprópria para alguém estranho, que veria apenas uma filha amorosa da Igreja enviando sua devoção ao Santo Padre. A fervorosa declaração final de Matilda, de nunca se separar do seu amor por "São Pedro" em nenhuma circunstância,

referia-se a um ensinamento fundamental d'O

livro do amor, que os verdadeiros amantes jamais se separaram pelas coisas deste mundo ou pelo tempo, porque suas almas estão unidas por toda a eternidade.

Ao receber a carta apaixonada de Matilda, Gregório, triste e atormentado, enviou outra. Talvez a recente pancada na cabeça o tivesse deixado descuidado, ou então ele simplesmente tinha se cansado daquele fingimento, porque, quando escreveu para a amada, permitiu-se naquele instante esquecer que era o papa e que ela era casada com o duque de Lorena. Escreveu uma carta linda e apaixonada, na qual dizia que desejava que os dois pudessem abandonar suas responsabilidades e fugir juntos para um lugar em que não estivessem sob o constante escrutínio de alguém. Ele encerrou a carta com os versos do Cântico que acompanhariam os dois no ano seguinte, palavras que os condenariam se caíssem nas mãos erradas.

Aguardarei sofrendo até vê-la nua, minha perfeição, minha pombinha, até se abrir para mim outra vez, sabendo que tudo é efêmero demais. Até podermos ficar juntos na eternidade, onde você ficará eternamente ao meu lado aos olhos do Nosso Senhor, eu esperarei por você.

O papa Gregório VII tinha o cuidado de escolher seus mensageiros, especialmente

os

que

levavam

sua

correspondência para a Toscana. O que ele não podia saber era que aquele mensageiro de confiança cairia numa armadilha do duque de Lorena e teria a garganta cortada pelo preço de uma única folha de papel.

A carta apaixonada do papa para seu amor eterno jamais chegaria às mãos de Matilda. Mas chegaria às mãos do marido dela.

Conn tinha certeza, e Matilda concordava com ele, de que Godofredo tinha participado da tentativa de assassinar o papa, se é que não era ele o mandante por trás do atentado

- É claro que foi Godofredo. Foi um fracasso, não foi? - Matilda desabafou sua raiva e frustração. - Mas graças a Deus foi um fracasso, Conn. O que eu ia fazer? Perder Gregório e minha mãe ao mesmo tempo? Não sobreviveria a tanta dor.

- Mas isso não aconteceu, Matilda. Gregório está a salvo. Deus cuida dos seus.

Ela balançou a cabeça, arrasada demais pelos acontecimentos para perceber que Conn

acabara de citar um ensinamento da Ordem. Porque, apesar do resgate de Gregório e dos sinais óbvios que apontavam para o rei e seu duque, Henrique não tinha recuado. Ele não tinha vergonha suficiente para pedir perdão pelo atentado. Em vez disso declarou que a corte real alemã pretendia levar o papa a julgamento e provar para os governantes da Europa que Gregório tinha de ser deposto como um criminoso. Marcaram a data do julgamento, 24 de janeiro de 1076, e nobres de toda a Europa foram convidados para assistir a ele na cidade alemã de Worms, onde se vingariam do papa emergente que se autodenominava o único governante do mundo.

O Sínodo de Worms

Alemanha

24 de janeiro de 1076

Os bispos alemães se pronunciaram.

Gregório VII foi acusado de vários crimes contra o povo da Europa e seu rei legítimo. Petições foram preparadas e assinadas às pressas para dar apoio legal às acusações. Usaram a própria lei de Gregório como peça-chave de provas contra ele. Ele usurpara o trono de São Pedro numa eleição ilegal. Não foi escolhido pelo Colégio dos Cardeais e violou o decreto da eleição promulgado por ele mesmo. Foi condenado por sua arrogância quando tentou privar os bispos de seus direitos e influência, e ao se consagrar o único detentor de todo o poder sagrado.

Em meio a uma inflamada apresentação de provas na presença do rei, Godofredo, o Corcunda, duque de Lorena, irrompeu no salão com o rosto todo vermelho, brandindo um documento com o punho cerrado.

- Quero acrescentar mais uma acusação contra esse demônio que enganou toda a Europa e se nomeou papa.

Henrique IV estava sentado à beira do trono e cheio de empáfia. Gostava daquele tipo de caos, daquele dramalhão, e sabia que o que Godofredo ia apresentar seria a prova mais doce e mais succulenta de todas as que já tinham aparecido.

- Aproxime-se, meu bom duque. Soube que tem aí uma queixa pessoal contra o usurpador do papado.

- Tenho sim, Majestade.

- Então apresente a sua acusação diante deste conselho.

- Quero acusar esse homem de adultério. - A voz atormentada do corcunda se elevou de raiva, ecoou pelas paredes de pedra da sala do conselho e chegou a um crescendo com a enfática afirmação final. - Com a minha mulher.

A câmara do conselho explodiu imediatamente em caos. Os boatos sobre o relacionamento de Gregório com Matilda eram conhecidos por todos os presentes, mas ninguém podia

prever uma acusação formal de adultério apresentada pelo próprio marido traído.

- E que prova tem dessa terrível injustiça, meu senhor Godofredo? Godofredo estendeu a mão e mostrou o documento.

- Esta carta, escrita pelo falso papa, foi enviada para minha mulher no dia de São Estevão. Está repleta de linguagem chula e confirma a aliança pervertida e libidinosa dos dois. Henrique lambeu os lábios prevendo a revelação e ordenou:

- Leia.

Godofredo se encolheu pouco à vontade. Uma coisa era admitir ter sido traído diante dos seus pares, mas aumentar a humilhação lendo em voz alta a correspondência do amante da sua mulher para a corte era outra, bem diferente.

- Prefiro apresentar a carta como prova e deixar que os membros do conselho a leiam como quiserem.

O rei estendeu a mão e tirou a carta do corcunda.

- Então eu vou ler.

Henrique teve um prazer enorme de ler a correspondência particular de Gregório e Matilda para o conselho. Parou antes de uma frase e se deleitou antes de lê-la com a inflexão mais

obscena.

- Aguardarei sofrendo até vê-la nua, minha perfeição, minha pombinha, até se abrir para mim outra vez.

Fez-se silêncio no salão e então o rei disse:

- Bem, duque Godofredo. Sinto muito que tenha se deparado com essa verdade infeliz de que sua mulher é uma meretriz, mas agradeço ter vindo apresentar esta prova pelo bem de toda a Europa. Todos aqui concordam que esta carta, junto com os relatos que muitos de nós ouvimos sobre a aliança sexual profana do falso papa com a esposa deste homem, que é

uma prostituta, representa prova cabal de comportamento criminoso? Se não houver nenhuma objeção, declaro oficialmente que o papa Gregório VII e Matilda, condessa de Canossa, são acusados de adultério.

O mandado formal que foi enviado para Gregório dizia:

Toda a Igreja ficou impregnada do odor de uma acusação muito séria contra vós, da união íntima demais com uma mulher que é esposa de outro homem.

Henrique não parou por aí. Tinha muitas contas para acertar e satisfez sua visão misógina condenando o gosto de Gregório pelas mulheres em geral:

É do nosso entendimento, e uma vergonha para vós e para a Igreja, que todos os vossos éditos tiveram como inspiração as mulheres, de modo que toda a Igreja agora é administrada por mulheres.

O fato de Gregório ter, frequentemente, convocado reuniões com Matilda e também com sua sábia e experiente mãe era motivo da ira de vários religiosos que acreditavam seriamente que o apóstolo Paulo teve sua maior inspiração divina ao escrever a primeira epístola para Timóteo, a que dizia: "Não permito à mulher que ensine, nem que domine o homem. Mas tenha-se, portanto, em silêncio." A mãe de Henrique, que agora era sua mais amarga inimiga, também tinha se tornado conselheira e aliada de Gregório. Henrique se referia a essas mulheres como "a trindade profana de Gregório", e foi principalmente a introdução dessa evidência, de que o papa era constantemente influenciado pelos conselhos das mulheres, que fez os últimos bispos indecisos acabarem assinando o decreto de deposição. O conselho de mulheres em questões do Estado foi considerado muito mais escandaloso e imperdoável do que o adultério.

Henrique assinou todas as acusações, assim como a declaração que determinava que Gregório havia sido deposto, ordenando que ele abdicasse, com o que se tornaria uma famosa assinatura:

Eu que sou Henrique, rei não por usurpação, mas por piedosa ordenação de Deus, para Hildebrando Pierleoni, não mais papa, mas um falso monge. Eu que sou Henrique, pela graça de Deus, e com todos os meus bispos, vos digo, abdique, abdique e seja amaldiçoado por toda a eternidade.

Hildebrando Pierleoni não tinha se tornado o papa mais poderoso da história até então por sucumbir à vontade de tais homens. Ele sabia o que estavam tramando em Worms, mas preferiu ignorar até os bispos alemães apresentarem formalmente as acusações. Eles resolveram fazer isso no terceiro sínodo do seu papado, em fevereiro de 1076, que contou com a presença de duzentos bispos e muitos nobres de toda a França e da Itália. Nenhum dos bispos alemães teve a coragem ou a audácia de comparecer e apresentar tais acusações pessoalmente. A tarefa recaiu sobre um padre incompetente que devia ter tirado o palito menor e foi obrigado por eliminação a apresentar a carta para o papa. Ele informou ao conselho com voz rouca:

- Por ordem do rei e dos bispos deveis deixar esse trono do qual não sois digno!

Gregório, muito experiente no teatro do papado, exprimiu sua simpatia pelo pobre homem que, era óbvio, devia estar terrivelmente mal informado para fazer pronunciamento tão ridículo contra o papa. Ele respondeu às acusações com uma leitura educada e eloquente dissertação das escrituras, deixando muito claro a todos os presentes que era em todas as medidas o grande líder que eles acreditavam que fosse. No fim do elegante desempenho de Gregório, o padre mensageiro ficou reduzido a um montículo trêmulo de medo do ultraje lançado sobre ele pelos bispos que apoiaram o papa sem pestanejar. Ficou decidido por unanimidade que não havia opção senão excomungar Henrique IV, rei alemão.

O papa esperou até o dia 22 de fevereiro de 1076, para se beneficiar de todo o poder da data, o dia de São Pedro, para fazer sua proclamação:

Eu privo o rei Henrique, filho do imperador Henrique, que se rebelou contra a Igreja com audácia inaudita, do poder de governar os reinos alemães e italianos, e desobriço todos os cristãos de prestar qualquer aliança que juraram a ele, e ainda proíbo a todos de servi-lo como rei.

Pela primeira vez na história, era imposta uma sentença formal de anátema a um monarca reinante e legalmente empossado. Esse fato teve repercussões por todo o mundo cristão. Agora começava o jogo de espera para ver quem tinha mais poder. O rei que depusera o papa ou o papa que excomungara o rei. E havia um fator essencial e interessante que influenciaria a decisão: a terra e os territórios que separavam esses dois grandes inimigos e que determinariam a vitória militar estratégica - tecnicamente propriedades do duque Godofredo de Lorena - eram inteiramente controlados por Matilda da Toscana.

Pisa

Fevereiro de 1076

Como fazia com todos os ultrajes a ela impostos por Godofredo, o Corcunda, Matilda ignorou as acusações de adultério que partiram do Sínodo de Worms. Ela sabia que Gregório, em sua sabedoria, tinha promovido um espetáculo elaborado e dramático da excomunhão de Henrique por diversos motivos, o principal deles, distrair a atenção das acusações de adultério contra ela. Então, por enquanto, ele ganhava um tempo do qual ela precisava para estar junto ao leito de morte da mãe. Matilda também se concentrava em manter intactos seus exércitos para o caso de Henrique tentar atravessar os Alpes, entrar na

Itália e marchar pelas suas terras para chegar até Roma. Ela jamais permitiria que isso acontecesse, mas o exército alemão tinha crescido e seria difícil derrotá-lo, se fosse enfrentá-la com força total. Ela enviou mensageiros para seu comandante em chefe Arduino, que estava em Canossa, e confiava que ele tinha a situação sob controle, como sempre.

Apesar de toda a segurança e bravata, Matilda estava preocupada e passou quase a noite toda acordada discutindo estratégias com Conn. Havia rumores de que Godofredo estava voltando para Lorena para reunir suas tropas e marchar sobre a Toscana, pretendendo retomar seus títulos pela violência. Como agora Matilda enfrentava uma acusação de adultério formal e com provas, feita pelo próprio rei, seu marido tinha o direito legal de trancá-la em um convento como bem entendesse. Ele eliminaria a influência dela dando livre acesso às tropas de Henrique pelos passos dos Apeninos, a caminho da tomada de Roma para instalar um preposto seu no trono de São Pedro.

Matilda saiu para andar um pouco, para ver se clareava a cabeça com o vento gelado do inverno, depois de passar o início da manhã com a mãe. Alimentara Beatriz com um pouco de sopa e secara-lhe a testa com um pano macio naqueles poucos momentos de vigília. Esses esforços, porém, por menores que fossem, deixavam Beatriz exausta, de modo que ela voltara a dormir.

Matilda parou ao ver Conn prendendo um pacote à sela do cavalo dele, cercado por um pequeno grupo de homens. E não eram quaisquer homens. O apelido deles era "os Incorrigíveis", os mais violentos da guarda, com quem ela não ficava nada à vontade. Matilda impunha severos códigos de conduta aos seus exércitos e fazia com que fossem

obedecidos sem exceção. Ela não tolerava pilhagem ou assassinatos em massa em qualquer batalha, e as regras de guerra tinham de ser obedecidas o tempo todo. Esses homens que cercavam Conn naquele momento eram os que ela havia censurado e até ameaçado de expulsão, devido ao seu comportamento extremamente violento. O gigante celta a impediu antes de Matilda afastá-los. Apesar de todos os defeitos, esses homens eram leais a ela, assim como seus pais tinham sido leais a Bonifácio. E Conn explicou pacientemente que às vezes era necessário ter esses homens empedernidos no exército. Todo comandante precisava dispor de alguns incorrigíveis. Conn prometeu se responsabilizar pela conduta deles e que ia cuidar para que jamais saqueassem ou massacrassem inocentes em qualquer guerra ou fora dela. Matilda relutou, mas acabou concordando. Pois ela também sabia que tinha de dar liberdade para o amigo cumprir seu dever e demonstrar mais uma vez a confiança absoluta que tinha nos critérios dele. Matilda não aguentou mais aquele mistério e se aproximou.

- Para onde vai?

Ele respondeu lacônicamente, enquanto prendia um machado avantajado ao seu melhor cavalo de guerra. Aquela obviamente não era uma missão de mensageiro.

- Tenho de cuidar de um negócio.

- Que tipo de negócio?

- Um negócio meu.

Ele não estava disposto a ceder. Nem ela. Conn acabou interrompendo a disputa de vontades.

- Como vai sua boa mãe esta manhã?

Matilda fez uma mesura zombeteira.

- Na mesma, mas muito obrigada pela gentileza de perguntar sobre o estado da minha mãe, bondoso senhor. - E ela emendou, irritada: - Não mude de assunto. Eu preciso saber, Conn.

- Não precisa, não. E, por favor, não me pergunte outra vez. Se não perguntar, não vou dizer. E se eu não disser, você não saberá. Entendeu?

- Eu entendi o tipo de homens que leva com você.

- Estou levando homens leais que não têm nada a perder e que não conhecem o medo.

Matilda ficou exasperada, por isso resolveu jogar com a natureza protetora do guerreiro.

- Você está me assustando. Ele não caiu.

- Nada te assusta.

- Você está me assustando, agora.

Conn se virou e pôs as mãos nos ombros dela.

- Tilda, eu sou a única pessoa no mundo de quem você nunca terá nada a temer. Minha única missão diante de Deus é

protegê-la contra todas as ameaças e contra todos os males.

- Você confia que farei isso?

Ela meneou a cabeça solenemente.

- Claro que sim.

- Então reze para que eu volte em segurança, irmãzinha. E

fique longe de, encrena até o meu retorno.

Conn beijou-lhe o topo da cabeça e passou a mão no cabelo de Matilda como sempre fazia, desde que ela era adolescente. Matilda ficou vendo o amigo guerreiro se afastar, seguido pelo bando de Incurrigíveis, todos com muitas armas penduradas em suas montarias. Ela balançou a cabeça, aflita. Aqueles homens eram capazes de qualquer coisa.

Antuérpia, Bélgica

26 de fevereiro de 1076

Os homens de Conn atravessaram os Alpes, galopando para o norte a tempo de interceptar os soldados de Lorena. Godofredo e suas tropas retornavam para o palácio de Verdun depois de sua vitoriosa acusação de adultério em Worms. Os Incorrigíveis estavam logo atrás dele, seguindo pelo interior da floresta para não serem vistos pela comitiva de Godofredo. Quando o grupo de Lorena parou para montar acampamento, onde passariam a noite, os guerreiros de Conn fizeram o mesmo, bem próximos, mas escondidos pela mata fechada. Tinham planejado atacar à primeira luz do dia, fazendo parecer que o duque tinha sido vítima de salteadores da estrada. Conn tinha de admitir que não era exatamente um combate honrado emboscar soldados sonolentos, totalmente despreparados. Mas o que estava em jogo em relação à

Toscana era tão sério, especificamente a segurança de Matilda, que ele descartara a necessidade de jogar -impo. Por isso não quis que Matilda soubesse. Ela jamais permitiria que levassem a cabo um plano como aquele. Assassinato não combinava com ela. Apesar de toda a sua força, Matilda era mais mística do que guerreira. Ele sabia que, depois de uma batalha, ficava doente dias a fio e sujeita a pesadelos, embora isso fosse um segredo observado apenas por aqueles que faziam parte do seu círculo mais íntimo. Ela enfrentava os verdadeiros combates porque precisava, não porque gostasse. Estavam em menor número do que os soldados de Lorena e em desvantagem em termos de território, porque o grupo de Godofredo conhecia bem a região, que para os toscanos era novidade. Além disso, fazia muito frio, o que representava uma dificuldade para os italianos de sangue quente. Para eles, o frio era um sofrimento, e não lutavam tão bem com os dedos congelados, enquanto os alemães estavam acostumados com aquele gelo maldito. Conn precisava de um plano para

nivelar o campo de batalha e reduzir seus riscos. Foi esse o esquema que armou e rezava para dar certo.

Não foi difícil convencer os Incurrigíveis a acompanharem Conn naquela missão, principalmente depois que ele lhes contou com alguns detalhes, grande parte inventada para produzir um efeito mais dramático, as horrendas e depravadas práticas sexuais que o corcunda impunha à sua divina e perfeita condessa, contra a vontade dela. Os Incurrigíveis ficaram horrorizados de pensar que Godofredo tinha ousado encostar nela daquele jeito e concordaram na mesma hora em se vingar do monstro.

Umberto, o mais velho do bando, que iniciou sua vida de mercenário quando era um adolescente órfão na primeira campanha de Bonifácio contra a pirataria, estava em seu posto vigiando o acampamento do duque naquela noite gelada. Ele não era o tipo mais agradável, mas tinha lá um grande afeto, ao seu modo, pela filha de Bonifácio e, como todos do bando, um peculiar código de honra. Odiava o corcunda, como a maioria dos homens de Matilda, por causa da ameaça que ele representava à menina deles e porque considerava o povo da Toscana pouco mais do que objetos que existiam para servir aos caprichos do rei alemão. Naquele momento ele o detestava ainda mais por viver naquele inferno gelado daquele fim de mundo esquecido por Deus que transformava seus dedos dos pés em gelo dentro das botas.

Foi nesse estado de agitação que Umberto, o Incurrigível, avistou uma movimentação no acampamento dos soldados de Lorena. Pegou sua espada, a mais longa e afiada, com lâmina dupla, e moveu-se sorrateiramente como uma criatura da floresta para ver mais de perto.

Não pôde acreditar no que estava vendo. Godofredo em pessoa avançava na direção dele. Será que o corcunda o tinha visto? Não. O homem estava visivelmente desarmado. O que ele estava...? Ah, é claro. Que outro motivo levaria um homem a correr o risco de congelar no meio da floresta na mais completa escuridão? O chamado da natureza. Godofredo precisava se aliviar.

Umberto parou e pensou. Tinha aprendido muitas coisas com o grande Bonifácio, e uma delas era essa: quando em desvantagem numérica, era preciso aproveitar qualquer vantagem que surgisse pela frente. Pôr a sobrevivência acima de tudo, e o resultado assim justificaria o método, na maioria das vezes. Ele também aprendeu com Bonifácio que qualquer um que ameaçasse sua menina tinha de ser eliminado. Alimentado pelas histórias de Conn sobre a depravação do corcunda. Umberto decidiu, naquele instante, que aquele homem não merecia ter um fim digno. Ele sussurrou "por Bonifácio e Matilda" quando atacou o corcunda por trás, enfiando sua espada de dois gumes entre as nádegas de Godofredo de Lorena.

A lâmina varou os intestinos do corcunda e não lhe deu tempo nem possibilidade de gritar. Umberto puxou sua espada ensanguentada e correu para junto de Conn, sinalizando para que desmontassem acampamento e montassem em seus cavalos. Mais tarde explicaria o que tinha feito. Apesar do método, tinha eliminado o alvo deles sem pôr em risco os companheiros em combate aberto.

O corcunda padeceu de uma dor lancinante alguns dias até morrer. Sua hedionda execução, inesperada e não planejada, teve um efeito colateral

interessante e benéfico para Matilda. Foi um recado para toda a Europa de que qualquer um que ameaçasse Matilda da Toscana seria eliminado sumariamente. Nem a proteção do rei bastaria para salvar os inimigos dela da ira de seus defensores. Os homens na Itália respeitaram essa demonstração de força e fizeram crescer seu apoio a Matilda em todos os níveis, bastante visível em termos do poderio militar e dos tributos pagos em nome dela.

Para Henrique IV, aquilo foi um péssimo presságio.

Alemanha

Páscoa de 1076

A sentença de excomunhão chegou à porta do rei Henrique no início da Semana Santa no ano de Nosso Senhor de 1076. Não foi surpresa, e os alemães já planejavam sua resposta formal para o pretense papa. Não iam recuar agora que a guerra tinha sido declarada. Seria necessário manter o ataque ininterrupto contra Gregório com base nas descobertas criminais do Sínodo de Worms por muitos motivos, dos quais o principal era fazer com que os senhores feudais continuassem apoiando a estratégia de Henrique. Muitos desconfiavam do rei e de sua natureza narcisista, para não falar dos boatos que o seguiam para onde quer que fosse, sobre suas propensões pessoais mais sinistras. Era tipicamente um povo supersticioso, e depor um papa que já fora salvo por Deus de uma turba enraivecida foi motivo de grande preocupação para muitos.

O "conselheiro espiritual" mais próximo de Henrique era o bispo Guilherme, que foi

escolhido para lançar a primeira linha de defesa do seu posto na catedral em Utrecht, no domingo de Páscoa. Depois da missa da ressurreição de Cristo, Guilherme pregou uma condenação virulenta do fingidor que queria ser papa. Enfatizou que Deus tinha escolhido Henrique para ser rei e que era nisso que o povo precisava depositar sua fé. Se Henrique era o rei abençoado por Deus, então certamente aquele papa que se dizia governante do mundo era um impostor que precisava ser derrubado.

Foi um sermão controverso e inapropriado para um dia santo como o da Páscoa. Para muitos cidadãos alemães, aquela mordacidade no dia mais sagrado de todos era impensável. Chocados com o comportamento do bispo, os nobres de Utrecht combinaram em segredo convocar uma reunião do conselho de emergência no dia seguinte para tratar daqueles acontecimentos. Mas não houve a tal reunião. Na manhã

seguinte, os cidadãos de Utrecht acordaram e descobriram que o fogo tinha destruído a catedral na noite mais santa do ano. Nunca determinaram as causas do incêndio. Consideraram um sinal enviado por Deus ao povo germânico para avisar que seguiam o caminho errado ao condenar o pontífice escolhido por Ele.

O bispo Guilherme não voltou atrás. Continuou a atacar o papa, com o rei ao seu lado. Ele atribuiu a destruição da catedral aos simpatizantes do papa que queriam gerar exatamente aquele medo que começava a crescer no Sacro Império. Três semanas depois do incêndio catastrófico, o bispo fez outro discurso inflamado, tentando conquistar o apoio de outros clérigos por toda a Europa. Ele nunca soube que tipo de impacto esse discurso provocou. O bispo Guilherme, perfeitamente saudável e robusto quando se retirou para dormir aquela

noite, amanheceu morto. O rei Henrique IV entrou imediatamente numa séria crise. A morte súbita de seu principal apoiador espiritual menos de um mês depois do incêndio na catedral foi demais para a maioria dos cidadãos alemães. Eles acreditavam nas declarações feitas pelo bispo Guilherme - palavras de Deus -, só que Deus falou contra o rei deles, a favor deste papa. E este papa, Gregório VII, foi mais do que nunca um político muito astuto, com senso de oportunidade milagroso. Sem perder um só instante, ele lançou uma campanha maciça contra a reputação do rei. Matilda foi ajudá-lo entusiasticamente. Ela prestou homenagem à sua heroína, a rainha Boadicea, imitando a sagaz estratégia de propaganda da rainha guerreira celta, que a ajudara a derrotar o poderio romano mil anos antes. Panfletos com referência ao mau caráter de Henrique circularam pela Itália e por terras alemãs. O que o papa escrevia sobre Henrique IV eram acusações vagas, mencionando "tramas sinistras", "atos vergonhosos" e

"maldades impensáveis", sem dar provas específicas. Como os boatos sobre a depravação de Henrique se espalharam por todas as terras alemãs e o Norte da Itália, a estratégia de Gregório e Matilda dava asas a especulações infinitas. A ambiguidade foi inescrupulosamente eficiente.

Os aflitos nobres e vassallos alemães ficaram bastante assombrados com os recentes acontecimentos e excitados pela genial propaganda de Gregório e Matilda, por isso exigiram que o rei se entendesse com o papa. O monarca excomungado tinha um ano desde a data do anátema para se arrepender de suas perversidades e jurar renovada fidelidade ao Santo Padre. Henrique lutou para receber apoio, mas o assassinato macabro e hediondo de Godofredo, o Corcunda, pairava como uma sombra sobre os senhores feudais alemães.

Ninguém mais ia querer arriscar um destino tão horrendo, e certamente não por um rei que, afinal, podia ser uma monstruosidade contra Deus.

Pisa

Abril de 1076

- Nunca fui a mãe que Isobel foi para você.

Beatriz arranhou as palavras pelos lábios rachados. Ela estava morrendo, havia meses, lenta e dolorosamente. Mas para Matilda e para a mãe estava claro que o fim se aproximava mais rápido agora. Ambas tinham o que dizer antes de o inevitável acontecer.

- Não diga isso, mãe - Matilda protestou, secando-lhe a testa de novo com um pano molhado com água fria. - Você tem sido minha melhor amiga e conselheira. Não teria feito nada sem você.

Matilda começou a chorar. Tinha se esforçado muito para não o fazer, mas não aguentava mais.

- Apenas saiba... - Beatriz fazia um esforço sobre-humano. - Eu te amo muito. E... sinto muito por aqueles momentos... aqueles momentos em que eu... pelo seu casamento infeliz. Matilda balançou a cabeça concordando. Ela sabia que aquela decisão fizera sua mãe sofrer demais e que ela vivera muitos anos arrependida daquele tempo terrível. Beatriz não sabia

da recente execução do corcunda. Matilda resolveu que era melhor não contar a ela, para que a mãe não se preocupasse, pensando que a culpa daquilo podia vir parar na porta delas. Beatriz entrou e saiu de períodos de delírio pelo resto do dia, às vezes balbuciando coisas sem sentido, outras vezes lúcida. No fim da tarde, deu um pulo na cama e agarrou a mão de Matilda.

- Eu o vejo, Tilda.

- Quem, mãe?

- Seu pai. Ah, como o amei, e ainda amo! - Ela parou de falar, perdida no que estava vendo, e sorriu lentamente. - Ele tem muito orgulho de você. Nossa filha. Ele observa você do lugar em que está, ao lado de Deus. E agora... eu vou ter com ele. - Beatriz usou o que lhe restava de força no corpo para apertar a mão de Matilda. - Ele te ama, Matilda. E eu também. Amor...

A voz de Beatriz emudeceu com aquela palavra simples que definia tudo que tinha importado em sua vida memorável, os sentimentos por seu amado e pela filha deles, e pelo que foram juntos como família. O sorriso dela cresceu antes de fechar os olhos pela última vez. Beatriz de Lorena estava perdida para este mundo agora e a caminho do outro, onde seu único amor verdadeiro esperava para recebê-la nos braços de Deus, onde ficariam juntos por toda a eternidade.

CAPÍTULO TREZE

Roma

Setembro de 1076

Matilda andava de um lado para outro no quarto em Isola M Tib erina, a torre fortificada que era seu refúgio em Roma. Foi até a janela para espiar o sol sobre o rio Tibre que corria como uma artéria pela cidade e as regiões em volta. Gregório dormia na cama atrás dela, pelo menos ela achava que estava dormindo. Foi pega de surpresa quando de repente ele fez uma observação.

- Você está muito inquieta, minha Matilda.

Matilda dormia pouco, tinha sempre um sono agitado, e Gregório estava descobrindo isso nas raras e preciosas noites em que passava com ela. Quando acordada, Matilda estava sempre em movimento. Era da sua natureza não ficar parada, desde quando era uma menininha. Tinha planos demais para realizar, coisas demais em que pensar, e tudo aquilo que muitas vezes parecia uma responsabilidade infinita com seu povo e suas terras.

Matilda se virou para ele e sorriu, uma expressão surpreendentemente suave e triste.

- Deus me deu muitas bênçãos nesta vida. A paz não é uma delas. Ele meneou a cabeça, porque entendia.

- O que a preocupa tanto esta manhã?

- Godofredo, o sobrinho do corcunda que vive em Bulhão. Eu soube que ele quer aproveitar a oportunidade, já que mataram seu tio, e exigir seus direitos como herdeiro das minhas terras. Será que isso não vai acabar nunca, esses homens que pensam que podem tirar o que é meu?

- Por que não me contou isso antes?

- Porque fazia meses que não o via, e resolvi não desperdiçar nossa primeira noite juntos discutindo estratégias, já que tínhamos coisas mais importantes a fazer.

Gregório se apoiou no cotovelo e ficou olhando-a da cama. Tinham passado uma noite maravilhosa juntos, e ele não queria que acabasse ainda. Só precisava voltar para Laterano à noite.

- Não se preocupe com isso nem mais um minuto, meu amor. Henrique está encurralado e sabe disso. Seus duques e bispos estão exigindo que faça as pazes comigo. Godofredo não terá

coragem de exigir isso sem o apoio do rei e de seus bispos, coisa que não terá. Vou mandar uma mensagem ao bispo de Verdun hoje mesmo, para ele assumir o controle dos seus negócios e proteger a sua herança em Lorena. Considere isso resolvido.

Henrique estava numa situação muito enfraquecida desde uma reunião em Trebur, na qual a nobreza alemã tinha se unido para dar força à sentença de deposição contra ele e para decidir quem seria o sucessor ao trono. Os homens reunidos não conseguiram chegar a um acordo sobre o novo rei, e Henrique reinou por mais um dia. No entanto, os nobres de Trebur insistiram para que o rei fizesse as pazes com o papa imediatamente e lhe jurasse obediência absoluta. Foi declarado, pelos duques e bispos de Henrique, que ele abdicaria do trono se não fizesse as reparações junto ao papa até 22 de fevereiro, o aniversário da sua sentença de excomunhão.

Gregório estava certo. Sua condessa não tinha nada a temer naquele momento.

O radiante sol romano brilhou na janela e iluminou o cabelo solto de Matilda. Gregório pensou, como sempre, que ela era uma visão deslumbrante, de tirar o fôlego. Ele levantou a colcha e a convidou para voltar para a cama.

- Venha, minha pombinha. Vou me dedicar a dar-lhe a paz que tanto deseja. Ela foi para o lado dele e se deixou envolver pelo calor do seu amor o resto da manhã e grande parte da tarde.

Quando chegou a hora de partir de Roma, Matilda estava menos estressada do que de costume. Gregório tinha assumido um compromisso com ela que a deixou felicíssima e lhe deu algo lindo para esperar. Ele concordou em passar o Natal com ela. Na sua amada Lucca.

Lucca

Véspera do Natal de 1076

A antiga capela subterrânea que servia de centro santificado para a Ordem havia mil anos brilhava à luz de dúzias de velas. Galhos de pinheiro e flores do inverno adornavam as paredes, pendendo dos nichos e amarrados com fitas. Anselmo, o estimado bispo de Lucca, estava presente à cerimônia. Ele segurava a mão de Isobel quando os dois assumiram seus lugares ao lado do altar. Gregório e Matilda ficaram juntos no espaço central, um de frente para o outro, de mãos dadas também, e o Mestre foi para trás do altar, com o Libro rosso aberto numa página a!0 livro do amor. Ele leu trechos do livro, apesar de não precisar, já que conhecia tudo de cor, há

mais tempo do que era capaz de lembrar.

Gregório passara a semana inteira estudando com o Mestre. Às vezes eram só os dois, outras vezes Matilda se juntava a eles para se preparar para os acontecimentos daquele dia. Gregório devorou os ensinamentos do Libro rosso, querendo aprender tudo sobre o extraordinário livro vermelho e sua história. Lia também para entender a passagem específica que lhe deram para se preparar para esse dia. Repetiu o poema de Maximinus com convicção e paixão, olhando nos olhos de sua amada.

Eu te amei no passado,

Eu te amo no presente,

E te amarei novamente.

O tempo retorna.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Matilda quando ela repetiu as mesmas palavras para Gregório, com a voz embargada, quase um sussurro. Esse poema era especial e sagrado para ela. Sabia recitá-lo desde quando aprendeu a falar. Com Isobel, com seus amigos da Ordem e até com Bonifácio. Aplicava-se ao amor em todas as suas formas: o paterno, materno, da família, fraterno e o romântico. Mas, quando dito diretamente para o mais amado, assumia um significado que provocava um impacto excepcional, neste caso avassalador.

Quando terminaram os votos, o Mestre se adiantou segurando uma corda de seda trançada, que chamavam de cordelière, com belas franjas nas duas pontas. Com delicadeza, enrolou a corda macia nos pulsos dos amantes e deu um nó que simbolizava a união daquele casal, conforme determinado por Deus no início dos tempos. O Mestre passou a mão sobre as mãos dos dois para abençoá-los, e então Isobel, com sua voz melodiosa e doce, começou a cantar a canção francesa sobre o amor que Matilda reverenciava.

Eu te amei por muito tempo

Jamais te esquecerei...

Nos últimos versos, o Mestre desamarrou a cordelière e libertou o casal. Então, convidou os dois a trocarem os tradicionais presentes nupciais, pequenos espelhos dourados, enquanto recitavam um dos ensinamentos sagrados.

- No seu reflexo, encontrarão o que procuram. Quando vocês dois se tornarem Um, encontrarão Deus refletido nos olhos do seu amado, e o seu amado refletido nos seus próprios olhos. O Mestre conduziu a cerimônia com as belas palavras d'O

livro do amor, aquelas que também fazem parte do Evangelho de São Mateus.

- Pois não são mais dois e sim um só corpo e espírito. E o que Deus uniu nenhum homem pode separar.

Ele se virou para Gregório.

- O noivo agora pode dar o presente da noiva com o nashakh, o beijo sagrado que une os espíritos em um só.

Gregório aproximou-se da sua amada, segurou Matilda nos braços e a puxou para bem perto dele. Tinha lágrimas nos olhos. No espaço antigo e oculto daquela câmara, onde as palavras verdadeiras do Senhor foram protegidas e reverenciadas desde sua chegada à costa italiana, o papa se unira num matrimônio sagrado e secreto com a mulher que amava.

A mulher mais poderosa da Europa, talvez até do mundo, agora era esposa do pontífice, um

segredo que nunca seria revelado a ninguém além dos que estavam naquela câmara. Anselmo, Isobel, o Mestre, o próprio casal e a criança no ventre de Matilda, que fora concebida em confiança e com consciência quando seus pais se uniram em Roma três meses antes.

Matilda se lembraria dessa época como a mais bonita da sua vida. Naquelas duas semanas em Lucca, Gregório e ela viveram como marido e mulher na privacidade da propriedade da Ordem. Era a primeira vez que ficavam juntos sem ter de fingir e de se preocupar com o decoro o tempo todo. Ali estavam completamente protegidos do mundo lá de fora e puderam comemorar juntos a alegria com o nascimento de Jesus, com seus irmãos e irmãs d'O Caminho. Naquele lugar puderam simular, mesmo que apenas por poucas semanas maravilhosas, que eram um casal recém-casado comum, vivendo num mundo livre.

Gregório continuou seus estudos, fascinado e encantado com os ensinamentos de amor que a Ordem afirmava que vinham direto do Senhor. Como homem de muita espiritualidade, pôde aceitá-los completamente. Como acadêmico, considerou um desafio surpreendentemente lógico e aceitável. Pouca coisa ali seria considerada heresia se examinada ao lado dos evangelhos canônicos. Na verdade, a "heresia" desses ensinamentos originais não tinha nada a ver com as escrituras e com todas as tradições criadas pelo homem nos últimos mil anos, inclusive as impostas recentemente por ele. Como papa, agora estava encarando a realidade de que muito do que a Igreja hoje defendia era contrário aos primeiros ensinamentos da cristandade. E ficava assombrado com o que aquilo significava para o seu iegoado. Acima de tudo, sentia-se meio perdido só de pensar como os ensinamentos de amor podiam funcionar numa estrutura que governaria o mundo financeira e politicamente. Não tinha certeza de que

isso fosse possível. No entanto, esse tempo com Matilda deu força a esse espírito dele, fez com que acreditasse no amor. Será que podia dismantelar a atual estrutura da Igreja, varrer para longe aqueles anos todos de política e tradição e criar um novo modelo, em que o amor governaria? Essa ideia parecia tão impossível quanto bela.

Mas Matilda não esmorecia e trabalhava com ele todos os dias.

- Solvitur atribulando - disse para ele, quando ensinou a poderosa tradição de alinhar-se com a vontade de Deus encontrando o divino no centro do labirinto. Leu para ele a lenda do Minotauro do Libro rosso e discutiram bastante as aplicações das alegorias daquela história à história deles dois. Depois de uma sessão de estudo em que Gregório estava especialmente inspirado, ele pediu para Matilda levá-lo à

presença do Volto Santo. Anselmo reservou a catedral de San Martino para eles poderem ficar sozinhos e não serem perturbados por ninguém.

Ajoelhado diante da bela imagem esculpida por Nicodemos, Gregório jurou preservar a Igreja da melhor forma possível, de modo que se mantivesse harmoniosa com os verdadeiros ensinamentos d'O Caminho. Ele sabia que seria um grande desafio, mas estava decidido a fazer isso, pelo seu amor e pelo Senhor. Entendia que fora posto naquela posição de poder incomparável com esse objetivo e encontraria um jeito de fazer isso acontecer. Seria muito difícil e teria de enfrentar inimigos em cada esquina, mas sua amada lhe renovou sua promessa de que estaria sempre ao seu lado em cada passo do caminho, para inspirá-lo, lutar ao seu lado e amá-lo. Semper. Sempre.

Matilda tinha feito seu primeiro juramento exatamente ali naquele lugar, aos seis anos de idade. Ela cumpriu a promessa de forma espetacular, como cumpriria todas as promessas que fez.

Quando nasceu o sol no dia de Santo Estevão, Matilda e Gregório foram escoltados por Anselmo, Isobel e o Mestre até

o pórtico da catedral de San Martino. Lá os recém-casados foram surpreendidos por um presente oferecido por membros da Ordem. Na coluna ocidental da fachada, tinham pintado um perfeito labirinto com onze circuitos em vermelho forte. Com letras verticais pintaram o seguinte ao longo do símbolo sagrado:

EIS O LABIRINTO QUE DÉDALO, O CRETENSE,
CONSTRUIU E DO QUAL NINGUÉM PODE SAIR. SÓ
TESEU CONSEGUIU ISSO, GRAÇAS AO FIO DE ARIADNE.

No círculo do centro do labirinto estavam as últimas palavras dessa fábula:

E TUDO POR AMOR.

Anselmo explicou que tinha criado o desenho e o moto, com ajuda do Mestre e de Isobel, para comemorar os votos de Gregório a Matilda e à Ordem, em suas férias mais abençoadas

na presença de Deus e um do outro. Era um monumento à abençoada lembrança de Gregório de alinhar-se às promessas que um dia tinha feito no céu: para si mesmo, para os outros e para Deus. A parábola de Teseu e Ariadne foi usada, escondendo a verdade deles num lugar para os que tivessem olhos para ver e ouvidos para ouvir. Porque ali Gregório era Teseu, o herói que escapava do escuro labirinto da corrupção política da Igreja, que fora criada para encurralar os inocentes numa rede de dogmas e inverdades. Com a ajuda do fio salvador da verdade que tinha sido dado por Matilda/Ariadne, esse Teseu renascido encontraria a luz e salvaria seu povo, provando mais uma vez que o tempo retorna.

Apenas um século depois, no ano de 1200, um escultor em Lucca gravaria com seu formão a pintura desbotada da fachada de San Martino, transformando-a num monumento permanente ao casamento secreto de Gregório e Matilda, onde ficaria para a eternidade.

E tudo por amor.

A lua de mel idílica de Matilda e Gregório teve de terminar mais cedo, com a chegada de um mensageiro a Lucca. Henrique IV estava atravessando os Alpes, a caminho da Toscana. Estava pronto para se reconciliar com o Santo Padre e jurar sua lealdade e obediência ao trono de São Pedro. Resolveram que a fortaleza de Matilda em Canossa, devido à

sua posição inexpugnável e protegida, seria o lugar mais seguro para Gregório receber Henrique. Eles atravessaram Florença com uma formidável escolta toscana que foi encontrá-los por insistência de Conn. Os toscanos tinham decidido proteger o papa e a condessa, e não queriam arriscar uma emboscada.

Dada a debilidade da posição de Henrique, era pouco provável que tentasse alguma traição, mas não se podia descartar isso nunca, quando se tratava do volúvel primo de Matilda.

Canossa

Janeiro de 1077

Se o rei Henrique IV chegou aos territórios de Matilda esperando ser tratado como a realeza, e admitido imediatamente à presença do pontífice, deve ter ficado amargamente desapontado. Gregório VII estava decidido a estender o jogo de poder e enfatizar sua posição de autoridade absoluta. Recusou-se terminantemente a conceder uma audiência a Henrique e não indicou imediatamente quando, ou se, mudaria de ideia. O rei chegou com uma comitiva de nobres e bispos que esperavam recuperar as boas graças do papa, implorando perdão para suas transgressões contra ele no Sínodo de Worms. Gregório conhecia todos os homens que tinham ficado contra ele, e contra sua Matilda, e assumiu posição contra todos eles. Não seria generoso com nenhum. Henrique chegou com um formidável aliado que se recusou a ser ignorado. Hugo, abade de Cluny, era um líder da comitiva alemã, nomeado padrinho de Henrique quando o rei era bebê. Gregório não se comoveu com essa demonstração de força. Ele era o papa, afinal de contas, e, apesar de Hugo ter poder com a influência que exercia, a partir da abadia de Cluny, ele continuava sendo apenas um abade. Foi Matilda que se ofereceu para acabar com esse impasse, foi ela que tomou a iniciativa de conduzir a reunião inicial com seu primo e o abade Hugo. Fizeram os preparativos para o primeiro encontro ocorrer na fortaleza dela, em Bianello, na periferia de Canossa.

A condessa da Toscana era uma mulher brilhante, ousada e realizada. Também tinha experiência suficiente com o primo para saber que não podia confiar nele. Mas, quando Henrique se apresentou a ela implorando, suplicando, como seu "mais, amado e generoso primo", para que ela interviesse em seu benefício junto a Gregório, ela amoleceu. Apesar de toda a sua experiência e genialidade militar, Matilda era adepta d'O

Caminho do Amor e acreditava no poder desses ensinamentos, que incluíam o perdão. Foi essa crença que gerou sua primeira discussão importante com Gregório.

- Não posso acreditar que você tenha caído nessa falsa humilhação.

Gregório espiava as montanhas escarpadas, cobertas de neve, pela janela do quarto deles, em Canossa. Procurava controlar a raiva, mas não entendia como uma mulher tão brilhante podia ter se deixado enganar com tanta facilidade. Matilda andava para lá e para cá, também agitada.

- Não sou idiota, Gregório. Ninguém sabe o que ou quem é o Henrique melhor do que eu.

- Então talvez o seu estado tenha comprometido seu discernimento - ele retrucou. - Talvez seja por isso que as mulheres não podem governar.

Matilda parou de repente. Com três meses de gravidez, seu estado ainda era um segredo fácil de esconder pelas volumosas saias que estavam na moda. Mas Gregório tinha consciência daquela gravidez todos os minutos do dia, e isso era uma constante fonte de

preocupação para ele. Carregava imensas responsabilidades sobre os ombros como papa, como líder e como homem. E era evidente que esse impacto cobrava seu preço. Quando viu o sangue se esvaír do rosto de Matilda, ele se arrependeu imediatamente daquele comentário. Aproximou-se dela e segurou suas mãos.

- Desculpe, Tilda. Não fui justo nem verdadeiro.

Ela não se afastou dele, mas também não o abraçou. As lágrimas lhe afluíam aos olhos, mas ela não as deixou transbordar. Em vez disso, argumentou com uma calma que não sentia.

- Talvez se as mulheres pudessem governar, tivéssemos menos guerras, menos mortes, menos destruição. Você não concluiu nada disso dos ensinamentos quando estava em Lucca? Que é

a perda do princípio feminino na liderança e na espiritualidade que vem provocando grande parte dessa devastação à nossa volta? O equilíbrio foi destruído com a expulsão do paraíso, quando as mulheres foram deserdadas e perderam o poder. Quando tudo que é puro e poderoso na sabedoria feminina foi recolhido e enviado para o exílio, de modo que a humanidade fosse escravizada à necessidade de poder, sem nada para contrabalançá-la. Até homens como você, por mais grandiosos que sejam de coração e em espírito, em geral não conseguem superar sua natureza. E é da natureza masculina desejar poder e declarar guerra quando contrariada ou ameaçada. As mulheres, ao contrário, possuem natureza diferente. A nossa é de colaborar e mediar, de buscar a paz em vez da morte. E sim, aqui e agora, diante

de você, com nosso filho crescendo no meu ventre, quero que ele, ou ela, nasça num mundo de paz e de prosperidade. E se isso me torna fraca, que seja. A vontade de Deus determinou que eu esteja nesse estado, nesse lugar e nessa hora. E isso faz com que eu queira ver o fim de todo sofrimento sem sentido. Gregório estava agitado demais para prestar atenção ao discurso de Matilda. que mais parecia um sermão de reprovação.

- Estou tentando proteger você e o nosso filho... e talvez toda a Itália... de Henrique. Depois de tudo que ele fez com você

em toda a sua vida, simplesmente não posso acreditar que vai perdoá-lo assim tão prontamente.

Matilda estava perdendo o resto de calma.

- Recuso-me a ser uma hipócrita, Gregório. Jesus nos ensina a perdoar, e esse é o caminho que aprendi, é o caminho que eu sigo. Portanto, se um homem se diz arrependido e implora perdão, quem sou eu para julgar se ele está sendo sincero ou não? Isso cabe exclusivamente a Deus.

- Eu sou o papa - ele respondeu irritado. - É minha obrigação agir como intermediário de Deus na Terra. E como tal, determinei que o pedido de desculpas de Henrique é

insincero e inaceitável. Diga a ele que volte às terras alemães e deixe que o povo dele decida o que quiser. Eu soube que Rudolf da Suábia se preparou para assumir o trono, se eu

recusar o perdão. E eu recusei.

Matilda estava dividida. O lado impetuoso de sua natureza queria sair do quarto furiosa e abandoná-lo em sua arrogância. Mas ela o amava, acima de qualquer coisa, e sabia que parte de sua missão como sua companheira era ajudá-lo nesses desafios espirituais. E não tinha acabado de dizer que as governantes mulheres eram mais diplomatas e conciliadoras em tempos de guerra? Ela respirou fundo e disse-lhe, então, com firmeza e calma.

- O que quer que eu faça, meu amor? Preciso dar uma resposta ao abade Hugo e não vou dizer para ele simplesmente mandar Henrique de volta para a Alemanha. O

que quer que ele faça para provar sua penitência?

Gregório pensou um pouco. Seu primeiro impulso foi responder que não havia nada que Henrique pudesse fazer e que sua decisão era final. Mas ele amoleceu ao olhar para ela. Matilda tinha olheiras bem escuras sob os olhos, contrastando profundamente com sua pele de alabastro. Parecia terrivelmente frágil. Aquilo tudo estava cobrando dela um preço muito alto também.

- Diga ao abade Hugo que eu gostaria que Henrique apresentasse em público seu arrependimento, para ser visto por todos os cidadãos de Canossa. Quero que ele tire a camisa e se ajoelhe diante dos portões aqui na neve, abdicando de toda a sua pretensão à realeza, implorando como o mais humilde peregrino para ser admitido na minha presença. Peça que ele chegue aos portões de Canossa assim amanhã, e vou pensar em ouvir sua

petição.

Matilda aceitou essa concessão. Não era ideal de forma alguma, mas pelo menos ele não tinha recusado completamente. Ela deixou Gregório no quarto do casal e foi procurar seu mensageiro para levar os termos que tinham sido determinados pelo papa. E não voltou para lá aquela noite. Preferiu dormir com Isobel.

O dia seguinte amanheceu cinzento e gélido. Contra um fundo de céu ameaçador e ventos enregelantes, Henrique IV

se aproximou dos formidáveis portões de Canossa, junto com sua comitiva de penitentes. Eram liderados pelo abade Hugo de Cluny, que os levou até os portões e bateu, pedindo admissão para o rei e seus seguidores.

Hugo seguiu na frente da procissão, carregando um cruzeiro e entoando orações de penitência, pelo tortuoso caminho na montanha até a fortaleza de Matilda. Logo atrás dele ia o rei humilhado, vestido com o cilício, a roupa de penitência confeccionada de tecido áspero e de pele de cabra. Era feita para irritar a pele, arranhá-la e provocar uma coceira insuportável, mortificação da carne. Para demonstrar mais ainda a extensão do seu arrependimento, Henrique andava descalço pelo caminho pedregoso e gelado. Um grupo de bispos, outrora orgulhosos e nobres, e que tinham atacado Gregório no Sínodo de Worms e clamado para que fosse deposto, seguia seu rei com postura semelhante de penitentes. O povo de Canossa e das regiões vizinhas que fora assistir àquele espetáculo se alinhava à beira da estrada até a fortaleza. Alguns zombavam, jogavam legumes podres no tirano que

se dizia soberano. Outros observavam em silêncio, talvez conscientes de que a história estava acontecendo ali diante deles, ou talvez apenas conscientes daquele drama profundo entre um papa e um rei.

Quando a comitiva chegou aos portões, o rei se adiantou para bater e pedir formalmente para entrar. Sua voz impostada ecoou no ar gelado.

- Peço uma audiência com o Santo Padre. Venho como penitente, para declarar que me arrependo dos meus pecados diante dele e da Igreja que representa. Venho humildemente. Venho como homem e como rei para pedir sua bênção e seu perdão.

Um delegado do papa transmitiu a resposta anunciando da torre que ficava virada para a frente da fortaleza.

- O Santo Padre rejeitou seu pedido. Ele acha que sua penitência ainda não parece sincera.

A reação foi um silêncio atônito. Seria possível que, mesmo depois de tanta humilhação, o papa não ia receber o rei?

Henrique buscou o apoio do abade Hugo. O bispo de Cluny respondeu:

- O rei se humilhou diante de Deus e de seu abençoado mensageiro aqui na Terra. Vê como ele sangra para demonstrar sua penitência? Será que o Santo Padre não encontra em seu coração pelo menos a aceitação de mais um pedido de perdão e um voto de obediência?

Os pés de Henrique estavam lacerados por causa da caminhada sobre as pedras na subida da montanha, e o sangue escorria das feridas dos braços sob a terrível camisa de cilício. A visão do penitente era impressionante. Era óbvio que tinha sofrido na viagem. Mas o delegado simplesmente repetiu o pronunciamento original, como fora instruído pelo papa, e desapareceu fortaleza adentro, deixando o rei e o abade mais poderosos da Europa parados diante dos portões trancados, quando a neve recomeçou a cair.

Matilda estava arrasada de tanta frustração. Não podia acreditar que Gregório fosse tão irredutível. Henrique, apesar de todo o seu comportamento revoltante, tinha feito uma demonstração pública muito dramática de penitência. Humilhou-se de uma maneira que nenhum rei ainda fizera na história, no entanto Gregório não o recebeu. O papa não queria ouvir ninguém, nem sua amada. Ela, por sua vez, parou de falar com ele, porque toda vez que se comunicavam acabavam brigando.

Matilda tinha procurado se aconselhar com Isobel sobre esse conflito, como mulher, mas resolveu que precisava também de uma visão masculina, por isso foi conversar com Conn. Encontrou-o nos estábulos e ele não ficou satisfeito ao vê-la.

- O que está fazendo aqui fora? Está frio demais.

- Preciso de você.

- Então vamos entrar, irmãzinha. Eu sei do que se trata e quero contar uma história que acho que você deve ouvir. Ele a levou rapidamente para o calor do castelo, para a sala ao lado

da cozinha. Esse cômodo tinha a vantagem de ficar perto do fogo dos fogões e tinha também uma lareira. O avô de Matilda o construiu especificamente para ter reuniões ali no inverno, para evitar o frio absurdo daquelas montanhas. Matilda aqueceu as mãos sobre o fogo e sentou no banco acolchoado, de costas para a parede. Deu um suspiro profundo quando encostou nas pedras duras.

- Ah, Conn, o que vou fazer com ele? Está agindo como um tirano. Conn sacudiu os ombros.

- Está mesmo?

Matilda ficou surpresa. Esperava que Conn concordasse com ela.

- É claro que está. Depois daquela demonstração de penitência do Henrique, continuar não querendo recebê-lo? E

revoltante.

- Não, não é. E força. Respeite isso e deixe-o em paz.

- Você não está falando sério.

- Estou falando sério, sim.

- Mas...

- Não tem, mas nenhum. Gregório sabe exatamente o que Henrique é. E o que Henrique sempre será. Matilda, aquele homem é um monstro de coroa. Nunca subestime o que ele é

capaz de fazer. Agora eu estou pedindo para você. Seja o que for que amoleceu seu coração em relação ao seu primo maligno, nunca esqueça o que conhece do seu passado e de seus atos. E um homem muito perigoso e um rei ainda mais perigoso. E é mais mortal para você do que para qualquer outra pessoa. Como pode não enxergar isso? E pode acreditar em mim, por mais zangada que esteja com Gregório, ele está

de fato protegendo você, mais do que a si mesmo.

Matilda pensou nisso um tempo. Entendia, mas também queria acreditar que havia algum potencial, dada a força da exibição de Henrique naquele dia, de sinceridade na penitência.

- Então você não acredita que um homem mau possa mudar?

- Eu não acredito que esse homem mau, especificamente, seja capaz de mudar. E isso me leva à história que queria lhe contar.

Matilda assentiu e se acomodou para ouvir o grande guerreiro celta tecer sua mágica hereditária por meio da sua capacidade de contar histórias.

- Quando eu estudava na escola de Chartres...

- Chartres?

Matilda pulou quando ele mencionou a cidade santa, da qual Conn nunca quis falar. Ele fez uma careta para ela.

- Depois. Não me interrompa. A escola de Chartres atraía homens sábios de toda a Europa, e uma vez tive a sorte de passar um tempo na presença de um homem do Oriente. Um mestre sufi. Ele me contou essa história que vou contar para você agora. E a história do escorpião e do sapo.

"O sapo era uma criatura bondosa e gentil que nadava feliz em seu laguinho e tinha muitos amigos, porque todos gostavam dele. Um dia, quando se banhava, ouviu uma voz que o chamava da margem do lago. 'Ei, sapinho', chamou a voz, 'venha até aqui'.

"Então o sapo nadou até a margem e lá viu que era o escorpião que o chamava. Lembre que o sapo era uma criatura de boa índole e generosa, mas não era burro. Sabia que o escorpião era perigoso e famoso por sua picada venenosa, que podia atacar a qualquer momento e muitas vezes sem motivo algum. Por isso o sapo ficou de longe, mas respondeu educadamente.

'O que posso fazer por você, irmão escorpião?'

""Preciso atravessar o lago", disse o escorpião. 'Só que levaria muitos dias para ir andando. Se você me carregasse nas costas e me levasse nadando até o outro lado, seria muito mais

rápido. Soube que é bom e generoso, então espero que considere fazer esse favor, que me ajudaria muito e pelo qual eu ficaria muito grato.'

"O sapinho enfrentou um dilema. Era da sua natureza ajudar, mas tinha medo da má reputação do escorpião. Resolveu ser sincero. 'Irmão escorpião', ele disse, 'eu gostaria de ajudar, mas você é conhecido pela sua natureza volúvel e por sua picada mortal. Se o puser nas costas e levá-lo nadando até à

outra margem e se você resolver me picar, vou morrer, e não quero morrer.'

"O escorpião deu risada. 'Ridículo! Irmão sapo, pense no que acabou de dizer! Se eu resolvesse picá-lo quando estivesse nadando, você afundaria e nós dois morreríamos afogados', disse ele. 'Não desejo destruí-lo e certamente não quero morrer, por isso jamais faria tal coisa. Apenas quero atravessar o lago e preciso da sua ajuda para fazer isso. Por favor, ajude-me, irmão.'

"Então o bondoso sapo deixou o escorpião subir nas suas costas e começou a nadar. Quando estavam no meio do lago, o sapo sentiu uma dor aguda e horrível. 'Ai! O que foi isso?', ele gritou. E o escorpião respondeu: 'Opa! Eu piquei você. Desculpe.' O sapo mal podia acreditar e, quando o veneno começou a fazer efeito e ele ia afundar, perguntou para o escorpião: 'Mas por que, irmão? Por que me picou, já que agora nós dois vamos morrer?'

"O escorpião suspirou, afundando junto com o sapo, e explicou simplesmente, quando os dois se prepararam para morrer: 'Não pude evitar. É a minha natureza.'" Conn deixou a

moral da história pairando no ar um tempo antes de continuar.

- Sabe, Matilda, o que é tão importante quanto o final dessa fábula é outra coisa que temos de compreender: quando o escorpião disse para o sapo que não queria machucá-lo, ele transmitiu sinceridade porque, de fato, estava sendo sincero. Naquele momento. Quando disse isso realmente não queria picar o sapo nem fazer nada que fosse autodestrutivo. Mas sua natureza levou a melhor, como sempre acontecia e tinha de acontecer, e ele simplesmente não pôde fazer nada contra isso.

Matilda suspirou, entendendo a verdade daquilo.

- Henrique é de fato um escorpião.

- É, sim. Então, ele pode até acreditar que está sendo sincero quando se arrepende, mas não pense, nem por um segundo, que ele superou sua natureza. E Matilda...

- O quê?

- A lição final é que o sapo também é culpado pela própria morte, assim como o escorpião. Ele conhecia a natureza do escorpião e seus instintos diziam que não era para confiar. Mas ele negou sua sabedoria maior.

- Então o que, exatamente, você está querendo me dizer?

- Não seja um sapo, irmãzinha. Não seja um sapo.

O contingente alemão acampou no pé da colina, do lado de fora da fortaleza. Repetiram o espetáculo da penitência de Henrique e da sua nobre comitiva, por três dias. Na manhã do quarto dia, o delegado papal anunciou que a penitência de Henrique tinha sido aceita e que ele seria admitido na presença do Santo Padre.

O que Henrique e a história jamais saberiam era de que forma Matilda tinha influenciado nessa aceitação final do arrependimento desse rei pelo papa Gregório VII. A condessa de Canossa, embora não desejasse cometer os erros do trágico sapo da fábula de Conn, ficou apavorada de pensar que seu primo, o rei, podia congelar até a morte diante dos portões de sua fortaleza. Ela simplesmente não ia permitir que tal coisa acontecesse. Era desumano e violava tudo que ela defendia, espiritual e pessoalmente. Além disso, não serviria aos planos de Gregório para fortalecer a Igreja, e certamente não a uma Igreja dedicada ao amor e à compaixão. Ela temia que os atos de Gregório acabassem sendo considerados tirânicos, duros demais e vingativos. Até seu próprio povo de Canossa, por mais leal que fosse a ela, estava começando a se inquietar com aquela intransigência. Observavam o espetáculo do rei, que ia definhando de frio e de fome dia a dia. O monarca envergonhado implorava pela simples admissão à presença do papa, para continuar sua penitência e aumentar sua humilhação. A intransigência de Gregório beirava a crueldade. Tinha de acabar.

Antes de ir para a cama na terceira noite, Matilda apresentou para Gregório um ultimato que representava a escolha mais difícil de toda a sua vida. Tinha uma obrigação suprema de cumprir sua missão pela promessa que fez a Deus em seu papel de serva na Terra, apesar de

amar Gregório loucamente. Era a promessa de viver de acordo com os ensinamentos de um homem que chamavam de Príncipe da Paz. Pensando nisso, Matilda não podia mais ficar de fora e permitir que o espetáculo da humilhação continuasse. Gregório devia receber Henrique, senão ela deixaria Canossa. Não participaria de mais nenhum ato que considerasse contra a vontade de Deus ou aos ensinamentos do filho de Deus. O papa ficou atônito com a posição radical de Matilda, mas no início não esmoreceu com o ultimato. Só quando ouviu Matilda dando ordens para começarem os preparativos para a partida, ele se deu conta de que ela falava sério. Gregório acabou concluindo que precisava ceder para salvar tudo que mais amava.

A mesma paixão e intensidade que uniram Gregório e Matilda também serviam de desafio para eles naquele impasse crítico do seu relacionamento. Duas mentes e espíritos com tanta força não podiam esperar viver no mesmo lugar em completa harmonia o tempo todo. Era uma lição que os dois precisavam aprender. Uma entre muitas que afloraram em Canossa no inverno de 1077.

O rei Henrique IV foi recebido pelo papa Gregório VII, com Matilda ao seu lado, no fim da tarde do dia 28 de janeiro. O

rei era uma figura patética, com a pele toda rachada e ferida. Sua visão assim prostrado, quase chorando, diante do papa, era a de um homem derrotado, completamente rendido. Matilda teve pena dele. Henrique era, de fato, vítima da própria natureza. Estava naquela posição por causa da sua crueldade, meio morto e totalmente desmoralizado, deitado no chão frio de pedra, implorando o perdão de um homem que odiava.

Gregório aceitou perdôá-lo como homem, se não como rei. Retirou a sentença de excomunhão, e Henrique pôde comungar na pequena capela dentro da fortaleza. Então foi recebido em Canossa, alimentou-se e foi se recuperar daquela provação nos aposentos postos à sua disposição.

Henrique ficou apenas o tempo necessário para observar a prima e ver seu estilo de liderança no próprio domínio. Passou horas todos os dias pedindo audiências com ela. Matilda jamais confiaria nele, mas foi generosa com seu tempo, pois sinceramente esperava obter a paz e a reconciliação. O primo, que parecia de fato querer ser um bom rei, afinal de contas, ficava horas pedindo os conselhos dela sobre métodos para governar a Europa com justiça. O

povo do Norte da Itália adorava Matilda, e ele explicou que imitaria atos seus no futuro, num esforço para reconquistar os súditos. Propôs que, como eram primos que se conheciam desde a infância, talvez pudessem esquecer suas diferenças e se unir como grandes governantes para trabalhar em harmonia.

E quem sabe o escorpião deixasse o sapo nadar tranquilo, alegremente, até o outro lado do lago.

O tempo em que Henrique ficou em Canossa de fato foi uma grande reviravolta em sua psique imperial venenosa, mas não no sentido que Matilda esperava. A humilhação pela qual passou nas mãos de Gregório queimavam no íntimo de Henrique. Foi uma conflagração que destruiu qualquer vestígio de humanidade que pudesse ter existido um dia em sua mente

doentia. Pior que isso, concluiu que a prostituta que era sua prima fora obviamente a força por trás daquilo tudo. Ela controlava o papa, isso estava claro. E era óbvio também que aquela bruxa era capaz de manipular qualquer homem usando seus poderes demoníacos femininos. Só podia



ter sido pedido de Matilda para Henrique ficar sob a neve três dias e três noites. Ela ia pagar pelo que tinha feito com ele, assim como o falso papa. Mas ele faria Matilda pagar de modo mais pessoal.

Nada machucaria mais a sua prima do que destruir sua preciosa Toscana e demonstrar ao povo toscano quanto a lealdade a demônio tão desumano podia custar. Talvez ele começasse em Lucca. Ou em Mântua, o lar da infância de Matilda. Eram esses os lugares que ela mais amava e as regiões que iam sofrer.

Quando o rei Henrique IV atravessou os Alpes para voltar para suas terras, avaliou bem as regiões pelas quais passava e começou a planejar sua vingança, a devastação da Toscana que Matilda amava tanto. Parou na Lombardia para unir-se aos nobres cismáticos que se opunham a Gregório. Poucos dias depois do seu perdão, Henrique mais uma vez se declarava o mais amargo inimigo do papa e o vingador da condessa toscana.

Afinal de contas, era a sua natureza.

Ave-Maria.

E um nome santificado. Vem de muitas fontes e muitas tradições, e em todas elas é santo, já que todas contêm a semente do conhecimento e da verdade. É conhecido com diversas formas em todo o mundo, pode ser Mary, Maria, Miriam, Maura, Miriamne.

Do Egito vem Meryam, e este era o nome da irmã de Moisés e de Aarão. Mary vem da raiz da palavra men, que quer dizer amor, que se transforma no nome Mery, que significa querida. Ou amada. Era usado para filhas predestinadas a serem especiais, escolhidas pelos deuses para ter um destino divino em termos do nascimento, da família ou das profecias que as cercavam.

Dizem que a forma Miryam combina várias palavras para criar o significado "mirra do mar", e algumas variações têm o sentido de "senhora do mar".

Mas existe ainda outro grande segredo nesse nome feminino aperfeiçoado. Ele junta as tradições hebraicas e egípcias: a palavra egípcia men, que é amor, e a palavra hebraica Yam, que é uma abreviação sagrada de Yahweh, de onde vem Jeová. Assim, o nome com as tradições combinadas quer dizer

"a amada de Yahweh".

No tempo em que Nosso Senhor viveu e além, muitas vezes davam esse nome na maioridade, como um título merecido por uma jovem menina que provara seu valor e sua natureza especial.

Tornar-se uma Maria era uma bênção.

A HISTÓRIA DO NOME SAGRADO, CONFORME

PRESERVADA NO LIBRO ROSSO

CAPÍTULO CATORZE

Confraria das Sagradas Aparições

Cidade do Vaticano, Roma,

Dias atuais

eter acompanhou Maureen e Berenger até a sala de Pre união da Cidade do Vaticano, onde acontecia a reunião mensal da Confraria das Sagradas Aparições.

Peter estava ali aquela noite para apoiar padre Girolamo e também a governanta dele, Maggie Cusack. Maggie era um membro muito devotado dessa confraria e dedicara muito tempo livre à celebração e comemoração das aparições milagrosas de Nossa Senhora por toda a Europa: em Fátima, La Salette, Medjugorje, Paris, Lourdes e as aparições belgas em Beauraing e Banneux. Essas reuniões, que eram públicas, tinham uma apresentação que enfatizava algum incidente específico de aparições de Nossa Senhora. Àquela noite a apresentação era de Nossa Senhora do Silêncio, a aparição que aconteceu no Oeste da Irlanda no século XIX, na cidadezinha de Knock. Maggie ia fazer a apresentação e estava se preparando para isso havia semanas, tendo muitas vezes pedido a opinião e ideias de Peter a respeito da história. A família de Peter era de uma região próxima, e era fácil chegar a

Knock da casa deles em Galway. Ele e Maureen tinham estado em Knock em peregrinação com a mãe dele algumas vezes, quando eram pequenos, e conheciam bem a aldeia e sua história.

Berenger Sinclair ficou fascinado com a ideia da confraria, e quis ver como era. Mas se esperava qualquer semelhança com as atividades de alguma sociedade secreta, que as confrarias tinham muito na Idade Média e na Renascença, ficaria desapontado.

A

versão

século

XX

era

repleta

predominantemente de senhoras italianas que faziam deliciosos bolinhos e biscotti, serviam café para os visitantes e distribuíam folhetos com informações sobre a confraria e uma oração para Nossa Senhora de Fátima. O ambiente era amigável e aberto. Não havia nada de secreto ou de misterioso ali. Uns poucos padres apareciam de vez em quando, assim

como famílias da cidade que certamente tinham ligação com as fazedoras de biscotti. Muito surpreso, Peter notou que Marcelo Barberini, o cardeal com quem ele frequentava o comitê, apareceu discretamente e ficou de pé no fundo da sala. Todos se sentaram quando padre Girolamo subiu ao pódio lá na frente e deu-lhes as boas-vindas à reunião. Ele agradeceu a Maggie Cusack pelo esforço e a apresentou ao grupo, que aplaudiu educadamente quando ela ocupou o lugar dele no pódio e começou a contar a história do milagre de Knock.

Knock, Condado de Mayo, Irlanda

21 de agosto de 1879

Era um lugarejo muito pequeno, insignificante até entre as aldeias menores, que ficava no extremo sudeste do condado de Mayo. Até o nome era sem imaginação. Cnoc. Simplesmente a palavra irlandesa que queria dizer "colina", homenageando a localização da cidade na encosta. À bem da verdade, não era nem uma colina propriamente dita. Por que Nossa Senhora escolheu aquele lugar para dar sua bênção ainda era um grande mistério.

A única indicação digna de nota nessa história tinha acontecido uns mil e trezentos anos antes da aparição. São Patrício pessoalmente teve uma visão ali e proclamou a região abençoada. Ele anunciou que um dia seria lugar de devoção e adoração, que peregrinos chegariam de todos os cantos do mundo para venerar a santidade do lugar. A "colina" agora era santa.

Em 1859, a igreja recém-construída e nada especial de Knock foi consagrada a São João

Batista. Eram tempos difíceis para o povo de Mayo, que ainda se recuperava da terrível carestia que devassou a Irlanda com a fome e a expropriação, e matou cerca de um terço da população. Os latifundiários ingleses continuavam a usar a pobreza imposta pela carestia para expulsar os camponeses e confiscar suas propriedades, terras que estavam sob os cuidados dos agricultores irlandeses desde o tempo dos celtas. Famílias inteiras que não podiam pagar aluguel no condado de Mayo ficaram desabrigadas, perseguidas pelos nobres ingleses que não tinham escrúpulos de deixar as pessoas sofrendo ao relento, abandonadas a um destino de destruição e morte.

Em 1867, nesse período de desgraça, um homem santo, padre Cavanaugh, chegou a Knock. Nos piores dias da Grande Carestia, ele trabalhou incansavelmente para ajudar os pobres. Vendeu tudo que tinha, inclusive um bom cavalo e um relógio que ganhara de presente do pai, para juntar dinheiro e alimentar as crianças da sua paróquia. Mas convenceu os paroquianos que nunca seriam pobres, desde que mantivessem sua fé. Padre Cavanaugh tornou-se o coração e a alma de Knock, era muito amado pelo povo da aldeia e das outras paróquias da região também.

No início de agosto de 1879, uma terrível tempestade de verão danificou a igreja, arrancou parte do telhado e destruiu duas estátuas que estavam dentro da nave, uma da Virgem Maria e outra de São José. Padre Cavanaugh, com seu jeito paciente e meticuloso, consertou o telhado e encomendou estátuas novas para substituir as que tinha perdido. Mas houve um acidente e as duas se quebraram no caminho de Dublin para Knock. O padre sentiu que as forças do mal deviam estar prejudicando sua pequena paróquia por algum motivo, jurou que não ia ser derrotado e rezou com mais fervor do que nunca para livrar Knock dessa

maldição. Encomendou outras duas estátuas, e essas chegaram intactas e foram instaladas na igreja.

Na noite seguinte caiu mais uma tempestade forte. A governanta do padre Cavanaugh, srta. Mary McLoughlin, deixou-o no presbitério e foi visitar amigos, a família Byrne, que moravam no outro lado da aldeia. Quando passou pela igreja, notou três estátuas estranhas do lado de fora, que pareciam iluminadas sob a chuva. Parou para observá-las melhor, confusa. Será que o bom padre tinha encomendado mais estátuas ainda para substituir as danificadas? Era estranho ele não ter mencionado nada, pois sempre contavalhe tudo. E praticamente não falavam de outra coisa senão da maldição das estátuas desde que o primeiro par foi destruído. E ela havia ajudado o padre a instalar as novas estátuas na véspera. O que eram aquelas três, e o que estavam fazendo ali fora na chuva?

A família Byrne era formada por paroquianos honestos e devotos que tinham muito orgulho de seus deveres como zeladores da igreja. Quando a governanta do padre chegou à

casa dos Byrne, foi primeiro se secar e tomar um chá na sala de estar. E então a filha adolescente deles, Margaret, contou a Mary que acabara de trancar a igreja. Margaret notou uma luz estranha perto da cumeeira sul da igreja. Era incomum, mas podia ser uma ilusão provocada pela chuva. Quando saiu, ela viu de novo aquela luz, ficou intrigada e parou para examinar antes de voltar para casa.

Outra paroquiana, a sra. Carty, chegou à casa dos Byrne pouco tempo depois. Ela também tinha visto as estátuas e a luz, e ficou imaginando por que padre Cavanaugh teria comprado

outras, aumentando a coleção da igreja. Não era exagero? Com as dificuldades que tantos estavam enfrentando na região da aldeia, certamente havia finalidades melhores para aqueles recursos. Acrescentar estátuas do lado de fora da igreja, logo após a fome e as expropriações, parecia fútil e irresponsável. E não combinava nada com o padre humanitário que era tão generoso com o seu rebanho. A governanta lhe garantiu que padre Cavanaugh jamais se comportaria dessa maneira.

Curiosas porque até ali três pessoas num curto espaço de tempo tinham notado aquele fato estranho, as duas mais velhas resolveram investigar. Foram caminhando juntas sob o tempo inclemente e desaceleraram o passo quando chegaram perto da igreja, de onde avistaram as estranhas estátuas do lado de fora, na chuva.

- Quando foi que o padre Cavanaugh botou essas estátuas aí? - perguntou a sra. Carty.

- Ele não pôs. Tenho quase certeza de que ele não fez isso. E é

justamente isso que não entendo - respondeu Mary McLoughlin.

As duas continuaram olhando, semicerrando os olhos para evitar as gotas de chuva e ver se dava para determinar quais eram os santos representados nas estátuas.

- Elas estão se mexendo! Não são estátuas! Olhe lá!

As mulheres observaram em silêncio e viram que de fato não eram estátuas. À esquerda,

havia um homem mais velho, com barba grisalha. À direita, um jovem de cabelo comprido, e, no centro, uma mulher toda iluminada. A mulher flutuava no ar sobre a grama, cercada por uma luz branca incandescente. No mesmo instante as duas identificaram a mulher como a Virgem Maria e, mais tarde, contaram que tinham certeza também de que os outros dois eram São José e São João Evangelista. Quando questionadas, nenhuma soube dizer, especificamente, quais os elementos que as fizeram identificar as figuras, além da idade dos homens.

Margaret Byrne correu para casa e informou ofegante à

família que estava acontecendo um milagre na igreja. Todos saíram atrás dela, na chuva, para ver a aparição das três figuras santas. Na investigação que a Igreja fez mais tarde, catorze pessoas testemunharam ter visto a aparição: seis mulheres, três homens e cinco crianças, três das quais meninas adolescentes.

Todos atestaram uma luz mágica, primeiro dourada e depois branca, muito forte, que iluminava toda a parede externa da igreja. As testemunhas viram três figuras, mas os detalhes variavam. Uma mulher afirmou que viu um cordeiro sobre um altar, tinha certeza de que o cordeiro estava virado para o oeste e que era importante saberem que estava virado para o oeste. Referiu-se a isso como o Cordeiro Pascal. Alguns outros disseram ter visto anjos voando e pairando sobre o local, ou sobre o cordeiro e uma grande cruz.

Nossa Senhora usava um manto branco cintilante que parecia feito de prata líquida. Na cabeça, tinha uma coroa brilhante e, no centro dela, uma rosa vermelho-sangue. Estava com

as mãos estendidas, como disseram as testemunhas, na mesma posição que o padre adota quando reza a missa. Ela olhou para o céu, como se rezasse, e alguns até disseram que ela parecia estar pregando. Diferentemente de outras aparições marianas, no entanto, Nossa Senhora não interagiu com os cidadãos de Knock. Não falou com eles e tampouco contou qualquer segredo.

As testemunhas mais tarde descreveram uma figura masculina semelhante a São José, por causa da barba grisalha, e talvez essa suposição tenha ganhado mais força porque as estátuas de Knock eram de Maria e José. José apareceu à esquerda e a jovem figura identificada como São João Evangelista, à direita. Estranhamente, o jovem de cabelo comprido usava mitra e vestes de bispo, contrastando com os mantos do século I que Nossa Senhora e São José usavam. "João" segurava um enorme livro na mão esquerda e gesticulava, como se pregasse, com a direita. Uma das crianças também observou que João estava pregando e que isso era importante, só que a criança não conseguia ouvir as palavras que ele dizia. O significado do livro e do seu tamanho extraordinário foi enfatizado por várias testemunhas.

Mary McLoughlin voltou correndo embaixo de chuva para contar ao padre Cavanaugh, mas ele não se impressionou e disse que todos eles deviam estar vendo um reflexo do vitral na chuva. Pelo resto da vida, ele se arrependeria de ter tido essa reação e ter resolvido não ir ver as imagens, já que Knock tornou-se famoso por uma aparição mariana.

E Patrício tinha razão, é claro, como todos os grandes santos têm. Sua visão foi infalível. Peregrinos de todos os cantos do mundo realmente foram para Knock, já que esta foi uma

das últimas aparições marianas a ser reconhecida como autêntica. O papa João Paulo II visitou Knock em 1979, no aniversário do centenário da aparição, e presenteou a aldeia com uma rosa de ouro para comemorar a ocorrência sagrada. A cidade construiu um aeroporto internacional para acomodar o imenso número de peregrinos que iam para aquele lugar homenagear a aparição de Nossa Senhora.

Hoje, mais de um milhão de pessoas visitam Knock anualmente e celebram essa Sagrada Aparição.

Depois da apresentação, Maureen ficou estranhamente calada quando ela, Berenger e Peter caminhavam pelas ruas na saída da igreja de São Pedro. Berenger notou.

- O que está pensando?

Maureen deu de ombros. Maggie foi muito simpática e sincera em sua apresentação, mas a história que contou não convenceu Maureen completamente. Na verdade, quando visitou Knock, na infância, Maureen achou o lugar perturbador. Era tudo comercializado, cheio de lojas de lembranças e garrafas de plástico com água benta. Ela sempre achou esse tipo de coisa definitivamente nada espiritualizado, mas no momento outra coisa a incomodava.

- Bem... há muitas suposições, não é? Quero dizer, as aparições não se identificaram. Ela não disse: "Oi, pessoal, sou a Virgem Maria, este é meu amigo João Evangelista e este meu marido São José." Já tive minha cota de visões, e isso simplesmente não acontece. Você faz suposições com base no que sabe que é verdade na sua própria vida. O povo de Knock,

católicos muito conservadores e tradicionais da Irlanda rural no século XIX, chegou à conclusão de que era isso que estavam vendo, baseados em seu repertório de referências.

- Então o que você está dizendo? - perguntou Peter. Maureen pensou um pouco antes de continuar.

- Seria possível que eles estivessem vendo algo diferente do que supunham ver? E se todas essas aparições pela Europa, em que uma bela mulher aparece para crianças e lhes conta segredos, são outra coisa, e não o que sempre imaginaram ser?

Uma Maria diferente, talvez? Algumas testemunhas de Knock dizem que ela parecia estar pregando, e isso é parte integrante do legado de Maria Madalena, mas não faz parte do legado da Virgem Maria. E a figura de João é essencial, especificamente porque ele segura um livro enorme, desproporcional em relação a tudo o mais, com o qual também prega. É, eu sei, é o evangelho dele, daí o título de Evangelista. Mas será que era de fato João Evangelista? Pois, se fosse mesmo, então por que vestia-se como um bispo e por que o resto de sua iconografia não corresponde? Poderia ser porque ele é outra pessoa? Ou porque representa outra tradição? Será que essas três figuras são outras, completamente diferentes das que eles acharam que fossem?

- Aonde quer chegar com isso? - perguntou Peter.

- Não sei ainda. Mas o que eu sei é que existe uma verdade sobre as origens do cristianismo e seus ensinamentos autênticos que foi deliberadamente ocultada. E, portanto, tenho de

imaginar se Deus pode estar criando milagres esse tempo todo para dirigir nossa atenção para essa verdade. Ou talvez eu esteja imersa nisso tempo demais. Ultimamente parece que vejo conspiração em tudo. Acho que estou apenas fazendo essa pergunta: e se todas essas aparições marianas não são o que nos disseram que são?

Peter ficou em silêncio, avaliando a pergunta. Berenger respondeu:

- Essa idéia é fascinante, mas me leva a fazer a seguinte pergunta: seguindo o seu raciocínio, as aparições ocorreram na Irlanda rural assolada pela fome, no final do século XIX, quando ninguém poderia ter qualquer referencial para o cenário que acabou de apresentar.

- Então por que se incomodar? - continuou Peter. - Com base na sua teoria herética, por que as aparições iam se mostrar dessa forma para um povo que não teria como intuir o que eles tentavam indicar?

Maureen parou de andar quando teve uma idéia repentina.

- Porque não estavam passando a mensagem para eles.

- O que quer dizer? - Peter não estava acompanhando sua linha de raciocínio.

- É só uma possibilidade... que estivessem transmitindo essa mensagem para nós. No futuro. Para uma época em que poderíamos interpretá-la.

Foi a vez de Berenger perguntar.

- Mas por quê?

- Você não acha que isso é presunçoso? - perguntou Peter. - Dizer que todos esses eventos ocorreram para nós?

- Não estou dizendo que aconteceram para nós, especificamente. Estou dizendo que aconteceram para deixar pistas para qualquer pessoa que estivesse motivada para encontrá-las e inspirada para segui-las. E nós estamos. Nossa obrigação é não deixar essas pistas escondidas.

- Para aqueles que têm ouvidos para ouvir e olhos para ver - disse Peter. Berenger se lembrou de uma coisa.

- Maggie mencionou São Patrício na apresentação e que ele tinha declarado que Knock era um lugar santo. Pensem nisso. O que sabemos do nosso santo padroeiro?

Peter respondeu primeiro. Ele era apaixonado pelo legado de Patrício, na Irlanda.

- O milagre de Patrício é que não derramou uma gota de sangue quando converteu os pagãos irlandeses ao cristianismo. Ele os converteu com compreensão e integração.

- E onde você acha que ele aprendeu esse método?

Maureen não sabia bem aonde ele queria chegar, e prestou atenção quando Berenger explicou.

- Ele aprendeu com o Príncipe da Paz, que era seu ancestral. São Patrício era sobrinho-neto de São Martinho de Tours, o santo francês que aparece em toda a história da árvore genealógica. Eu rastreei a linhagem dele, e quase posso provar que era descendente direto de Sara-Tamar.

- San Martino! - Maureen ficou animada com a sequência das conexões. -A igreja de Matilda que abriga o Santo Rosto em Lucca recebeu o nome de São Martinho de Tours.

Peter também já estava entendendo.

- E foi construída por um santo Finnian, irlandês, que se inspirou em Patrício. Peter balançava a cabeça, deslumbrado.

- Vocês lembram quem foi o verdadeiro sucessor de São Patrício? Santa Brígida. Uma mulher. Uma mulher muito poderosa. Uma das maiores líderes nos tempos antigos da Igreja.

Maureen começou a falar muito rápido, juntando todas aquelas idéias.

- Então Patrício é descendente direto de Jesus e de Maria Madalena, e ele declara que Knock será um lugar santo depois de ver isso numa visão. Sua sucessora é uma mulher poderosa, também profetisa. Estamos dizendo que a primeira Igreja celta foi fundada pelo

nosso povo? Pelos hereges?

Berenger fez que sim com a cabeça.

- Acho que isso merece consideração. Talvez houvesse outras pessoas em Knock naquela noite que também tivessem visto as aparições... só que viram algo totalmente diferente, algo que a Igreja não teria registrado nos relatos das testemunhas oculares por motivos óbvios.

- Uma visão para os que têm olhos para ver? - perguntou Peter. - Você acha que ainda havia hereges vivendo no condado de Mayo nos anos 1800?

- Acho que não podemos descartar isso - explicou Berenger. Maureen concordou e sua mente acelerou com as possibilidades. Eles continuaram andando e atravessaram o Tibre pela ponte monumental que une os limites da Cidade do Vaticano ao resto de Roma. As majestosas esculturas de anjos de Bernini brilhavam à luz do luar quando passaram por elas.

- Uma coisa que sempre me fascinou sobre essas visões de Maria foi que muitas delas aconteceram para crianças. - Maureen fez a pergunta seguinte ao primo: - Ela aparece para os mais inocentes, os muito jovens e muito pobres. E conta segredos para eles, certo?

Peter balançou a cabeça e concordou.

- Em geral é isso, sim. Também costuma aparecer em momentos de grande aflição. A de

Knock ocorre quando a Irlanda está se recuperando da fome; a visão em La Salette acontece quando a França está se recuperando da Revolução; e a de Fátima tem como pano de fundo a Primeira Guerra Mundial. No meio de toda essa turbulência, segredos da fê são revelados para crianças pela Santa Mãe. Esse é o padrão das aparições. Knock é única porque é uma das poucas aparições marianas que não têm segredos e nenhum contato, possivelmente porque é vista por adultos também, além das crianças. E por isso que é chamada de Nossa Senhora do Silêncio.

- Mas Knock também é única, e corrijam-me se eu estiver errada, porque, nessa aparição, a figura mariana não está

sozinha. Ela aparece com dois companheiros que são tão importantes quanto ela.

Peter meneou a cabeça.

- É verdade.

- E o que sabemos sobre os segredos que Maria passou para as crianças nas outras aparições? - perguntou Maureen. - Eles foram revelados alguma vez?

- Alguns, como os de Fátima, foram revelados aos poucos, com o passar dos anos - explicou Peter. - Mas alguns outros morreram com as crianças, porque elas se recusaram a revelálos.

- E por que acha que isso aconteceu? Será que Maria contou alguma coisa que os deixou

com medo demais para passar adiante? Algo que podia ser considerado... heresia?

Berenger descobriu que, quanto mais tempo passava com Maureen, mais semelhantes suas formas de raciocínio se tornavam. Ele entrou na conversa.

- Você acha que Maria está aparecendo para dizer para as crianças: "Os verdadeiros ensinamentos do meu filho não estão sendo seguidos."

- Essas idéias estão me levando a isso, sim.

Peter balançou a cabeça.

- Não temos como saber, não é? Tenho de confessar que nunca pensei dessa maneira, e agora também acho que não consigo. Para mim, essas são experiências religiosas lindas, vividas por fiéis puros nos momentos em que o aumento da fé

era vital para suas comunidades. As crianças conseguem ver Nossa Senhora porque são puras como Maria. Realmente não acho que seja nada, além disso.

Maureen estava cansada e não tinha certeza se queria argumentar que as aparições marianas eram algo além do que pareciam ser. Simplesmente sentiu necessidade de externar essas questões. Para ela, era interessante notar que o santuário de Knock havia se tornado o ponto focal do movimento conservador católico na Irlanda. Programas que criticavam a contracepção, o divórcio e o homossexualismo nasciam e eram alimentados em torno de

Knock. Não seria de certa forma irônico se essas aparições, usadas como pano de fundo para a intolerância, tivessem de fato uma natureza herética?

Era algo para se pensar, mas apenas uma das muitas coisas que Maureen tinha de avaliar enquanto o caminho tortuoso da história continuava a levá-la para uma viagem totalmente imprevisível.

Os três jantaram tarde da noite na Piazza delia Rotonda, mas Maureen mal participou da conversa. E acabou admitindo que queria apenas ficar sozinha algumas horas para meditar sobre tudo que estava rodopiando na sua cabeça. Alguma coisa lá no fundo do seu cérebro a incomodava e precisava ser liberada para ver para onde a levaria.

De volta ao seu quarto, ela abriu o laptop e começou a navegar na internet para ver se descobria mais informações sobre as aparições marianas. Não sabia ao certo o que procurava, nem por que isso importava tanto para ela de repente. Mas tinha aprendido a não ignorar seus instintos nesse tipo de assunto. Talvez alguma coisa saltasse aos olhos e a ajudasse a entender por que aquilo havia se tornado tão importante de uma hora para outra.

Peter tinha razão. Excetuando a de Knock, todas as aparições que Maureen encontrou tinham características semelhantes: foram testemunhadas por crianças muito pobres e analfabetas.

"Segredos" foram contados para todas essas crianças, alguns para serem guardados para sempre pela criança escolhida, outros para serem revelados em datas definidas para o mundo. Será que a Igreja censurava esses segredos? Será que os inventava? Alguns relatos

das testemunhas eram escritos com uma linguagem floreada e enfeitada, usando um fraseado que simplesmente não podia ter saído da boca de crianças analfabetas.

Um dos jovens visionários de uma aldeia francesa perto da fronteira com a Suíça, La Salette, era uma pastora de quinze anos. Mélanie Calvat era tão pobre que os pais mandavam a menina mendigar na rua desde quando tinha três anos de idade. Apesar da falta de educação formal, segundo a perspectiva histórica, foi este o relato que ela deu à Igreja de sua visão:

A roupa da Virgem Santíssima era branco-prata e muito brilhante. E totalmente intangível. Era feita de luz e de glória, cintilante e esfuziante. Não existe nada na Terra que possa ser comparado ou que descreva com perfeição... Ela usava uma bata que brilhava mais do que muitos sóis juntos. Era feita de glória, e a glória cintilava e era extraordinariamente linda. A coroa de rosas em sua cabeça era tão linda, tão brilhante, que transcendia a imaginação. A Virgem Santíssima era alta e elegante. Parecia tão leve que um mero sopro seria capaz de movê-la, no entanto estava imóvel e perfeitamente equilibrada. Seu rosto era majestoso, imponente. A voz da Linda Senhora era suave. Encantadora, arrebatadora, agradável aos ouvidos.

Maureen pensou um pouco sobre isso. Não conhecia nenhuma menina de quinze anos no século XXI que usasse palavras como cintilante ou intangível, menos ainda que falasse usando esse tipo de prosa. O fato era que parecia impossível que essas palavras pudessem ter sido ditas por uma menina analfabeta e apavorada no ano de 1851. Aquilo equivalia a uma notificação para a imprensa produzida pelo Vaticano, obviamente uma ferramenta de

marketing. Ela observou uma frase interessante no testemunho de Mélanie Calvat, que merecia ser explorada mais a fundo. Era a frase que se referia ao "segundo segredo":

Então a Virgem Santa concedeu-me o comando de uma nova ordem religiosa. Depois de conceder tal comando, a Virgem Santa continuou seu discurso como antes.

Maureen procurou mais documentos com as declarações de Mélanie Calvat, mas não encontrou nenhuma informação sobre essa "nova ordem religiosa". Além disso, nada indicava que o Vaticano tivesse fornecido qualquer detalhe sobre isso. Será que a Virgem estava se referindo à Ordem do Santo Sepulcro? Será que a "nova" ordem religiosa era de fato uma referência à recuperação dos verdadeiros ensinamentos do filho dela - e de sua mulher?

Maureen anotou mais um elemento crítico: praticamente todos os relatos sobre um segredo revelado durante uma aparição tinham alguma discrepância ou objeção em torno dele. A criança acabava se desdizendo ou, então, afirmava que seu relato tinha sido deturpado. Algumas se recusavam até a falar sobre as revelações que Maria havia confiado a elas. E outras nunca receberam permissão para falar.

A mais famosa de todas foi Lúcia Santos, a criança mais velha que viu as múltiplas aparições na aldeia portuguesa na periferia de Fátima. Lúcia era uma menina especial, muito alegre e comunicativa e, segundo os relatos dos parentes, tinha "algo de mágico". Fez a primeira comunhão aos seis anos, bem antes da idade habitual, porque era tão espiritualizada que ganhara fama de ensinar para outras crianças a natureza de Deus. Aos

dez anos, a pequena pastora, junto com dois primos, Jacinta e Francisco, testemunhou uma aparição de Nossa Senhora quando caminhava no campo perto da casa deles. Foi no dia 13 de maio de 1917. Mais tarde, Lúcia descreveu sua visão usando termos parecidos com os da aparição do Apocalipse, capítulo 12: "Um grande sinal apareceu no céu: uma mulher vestida de sol." A aparição identificou-se como Nossa Senhora do Rosário e enfatizou a importância de rezar o terço todos os dias. A Senhora explicou para as crianças que era a chave para a salvação pessoal, mas também para a paz mundial. De maio até

outubro de 1917, a Senhora apareceu no dia 13 de cada mês, à mesma hora.

Mais de setenta mil pessoas viram a última aparição no dia 13

de outubro de 1917. Aquele dia amanheceu escuro e chuvoso, mas, na hora que a Senhora apareceu, o sol venceu as nuvens num espetáculo de luz e cores, e parecia se mover de um lado para outro no céu. Esse espantoso evento astronômico ficou conhecido em Portugal como o Milagre do Sol e foi responsável pela conversão de muitos céticos em crentes naquele dia. De todas as aparições marianas, Fátima continuava sendo a mais famosa por causa desse milagre, em que diziam que o sol dançava e que foi visto por muitos. O fato mais importante das aparições de Fátima era os três segredos que a Senhora contou às crianças. Eles não foram revelados imediatamente para o público. Ao contrário, foram guardados pelas crianças e seus conselheiros religiosos por muitos anos depois das aparições. Infelizmente os dois primos de Lúcia, Jacinta e Francisco, morreram pouco

depois dos eventos em Fátima. Acredita-se que foram apenas duas entre as muitas crianças vitimadas por uma epidemia de gripe que se espalhou pela Península Ibérica na época.

Lúcia Santos passou a ser a única sobrevivente que conhecia a verdade sobre os segredos de Nossa Senhora. Ela ficou internada em diversos conventos por toda a sua longa vida e fez voto de silêncio como freira carmelita. A profunda espiritualidade de Lúcia indicava que seus votos foram voluntários, parte de sua vocação, mas Maureen tinha dúvidas quanto ao voto de silêncio, que parecia um exagero radical. Lúcia não estava só comprometida com um tradicional voto de silêncio monástico, ela obedecia às restrições impostas pelo Vaticano de não falar com ninguém sobre as aparições, sem aprovação expressa da Santa Sé. Conforme foi ficando mais velha, essas restrições ficaram tão rígidas a ponto de sufocá-la, já que proibiram Lúcia de receber qualquer visita que não fosse considerada aceitável pela Igreja. Até seu confessor pessoal que a acompanhava havia vinte anos acabou tendo negado seu direito de vê-la. Nos seus últimos anos de vida ninguém, a não ser o papa João Paulo II e o cardeal Joseph Ratzinger, tinha acesso a Lúcia Santos, que vivia em confinamento solitário imposto. A Igreja declarara que Lúcia era membro estimado e venerado da comunidade, no entanto ela morreu em 2005 de complicações devidas a uma infecção do trato respiratório superior, porque a cela em que morava era úmida e cheia de mofo, e seu corpo já idoso não foi capaz de se recuperar das infecções longas e repetidas de que padecia.

Assim que ela morreu foi divulgado um édito pelo cardeal Ratzinger, que era a maior autoridade da Inquisição, hoje conhecida pelo nome politicamente correto de Congregação para a Doutrina da Fé. O édito continha a ordem para que a cela de Lúcia no mosteiro fosse

selada como uma cena de crime. Em toda a vida dela há registros de que Lúcia jamais deixou de ter visões e que talvez tivesse escrito sobre todas elas. Era como se a Igreja não quisesse se arriscar diante da possibilidade de essa visionária ter escondido relatos de suas experiências dentro da cela. O que encontraram lá ninguém soube, exceto o papa, seu prefeito da congregação e o seletor conselho de clérigos que haviam se comprometido com a preservação das aparições sagradas. Alguns livros que se diziam memórias pessoais de Lúcia foram publicados enquanto ela vivia, mas só eram divulgados sob orientação da Igreja. Como jamais permitiram que Lúcia debatesse livremente qualquer aspecto das aparições de Fátima, era impossível saber se essas biografias aprovadas pelo Vaticano representavam realmente suas visões e experiências, embora tivessem seu nome na capa. Não foi nenhuma surpresa que os segredos de Fátima, quando acabaram sendo revelados, se concentrassem na conversão do mundo ao catolicismo, a começar pela Rússia, e em outros problemas bem específicos dos católicos e da preservação da sua fé em sua forma tradicional e estabelecida.

A tela do laptop de Maureen ficou embaçada quando as lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto. A história dessa menina era profundamente tocante.

Havia alguma coisa muito errada ali, uma injustiça que clamava para ser examinada. Lúcia Santos tinha testemunhado um dos milagres mais famosos e aceitos em toda a história, era excepcionalmente mística e visionária, segundo inúmeros relatos, talvez a maior do seu tempo. No entanto, ficou encarcerada setenta e oito anos, sob a obrigação imposta do silêncio e muitas vezes em condições terríveis, pela mesma instituição que declarava venerá-la. Já idosa e devastada pela doença, ela não pôde nem ter o conforto de um lugar

seco e quente para dormir.

Maureen queimava por dentro com o grito de guerra de Boadicea: a Verdade contra o mundo. O motivo para evitar que uma mulher como Lúcia falasse só podia ser um. Só uma razão para negar-lhe o conforto e o consolo de amigos, da família e até da presença do seu confessor pessoal no fim da sua vida. Alguém tinha medo do que ela ia dizer. Esse alguém era a hierarquia da Igreja Católica. De que a Igreja tinha tanto medo em relação a Lúcia, para que o carcereiro dela fosse ninguém mais, ninguém menos, do que o próprio papa e seu braço direito, o braço direito que sucedeu ao papa João Paulo II para se tornar o papa Bento XVI? Será que a verdade de Lúcia ia contradizer a história cuidadosamente arquitetada das visões de Fátima? Ou será que havia algo maior, algo realmente chocante e perigoso para a Igreja, que tinha sido revelado para aquela menininha tão especial?

E seria verdade que Lúcia jamais deixou de ter visões?

O mundo nunca saberá. Lúcia Santos foi muito bem silenciada e tudo que restava da sua história era a versão oficial pasteurizada, a versão criada pelos que a aprisionaram. A Igreja tinha o controle total dos acontecimentos documentados e assim garantia que sua ordem do dia fosse cumprida. Não deixariam a verdade ficar no caminho da política, do poder e da economia. Isso nunca aconteceu na história. Talvez nunca acontecesse no futuro, pensou Maureen.

Quando Maureen se preparava para encerrar sua pesquisa, um detalhe final pulou da página, uma coisa sobre a vida de Lúcia que ela ainda não notara. Maureen prendeu a respiração

quando viu aquele fato chocante da biografia da menina. Agora sim estava claro para ela por que a abençoada Lúcia Santos fora tratada como uma ameaça para a Igreja. De acordo com documentos portugueses, a data registrada do nascimento de Lúcia Santos era 22 de março de 1907. Lúcia Santos era uma Escolhida.

Confraria das Sagradas Aparições,

Cidade do Vaticano,

Dias atuais

- Preciso de informações sobre Lúcia Santos. Por favor. Padre Girolamo ficou agradavelmente surpreso quando recebeu um telefonema bem cedo pela manhã, avisando que Maureen Paschal queria muito vê-lo, imediatamente. Peter providenciou o encontro.

- Ah, estou vendo que a nossa apresentação sobre Knock inspirou interesse nas aparições de Nossa Senhora. Mas por que você quer saber de Lúcia Santos especificamente?

Maureen estava sentada diante da mesa dele e olhou bem nos olhos do padre.

- O senhor é que vai me dizer.

Ele sorriu.

- Você se esmerou no dever de casa em pouquíssimo tempo, minha querida. Vejo que não

haverá necessidade de fingir, por isso vamos combinar de ser completamente sinceros um com o outro. Eu conheci Lúcia Santos.

Maureen se espantou com isso. Ela sabia que padre Girolamo era considerado um especialista em aparições, mas não esperava que tivesse tido uma experiência pessoal com a famosa visionária de Fátima.

- Lembra quando conversamos sobre o seu sonho? Antes de você me contar que o livro que Nosso Senhor estava escrevendo emitia uma luz azul, eu já sabia e você perguntou como é que eu sabia, lembra?

Maureen fez que sim com a cabeça mas permaneceu calada.

- Eu sabia porque Lúcia tinha os mesmos sonhos.

Maureen teve de sufocar um grito de surpresa que não conseguiu evitar.

- Então nós somos... ligadas. Além da data de nascimento.

- São sim. Lúcia Santos foi uma das visionárias mais notáveis de todos os tempos. Você deve se sentir honrada de estar na companhia dela.

Maureen sentiu lágrimas quentes transbordando e balançou a cabeça indicando que era de fato uma honra.

- Então por quê? -perguntou ela quando recuperou a voz. - Se o senhor acredita que ela era uma visionária tão especial assim... por que foi silenciada por tanto tempo? E tão maltratada?

- Não foi tão duro como você imagina. Lúcia não era como você, exceto pelas visões. Você é, para falar a verdade, um caso raro. Sabia disso? A maioria das mulheres que tiveram essas experiências não conseguia atuar no dia a dia como você. Para se protegerem, elas entraram, por vontade própria, em conventos. Muitas tornaram-se completamente incapazes de levar uma vida normal fora de suas experiências visionárias e precisaram de quem cuidasse delas. Lúcia foi uma dessas. Ela não vivia no nosso mundo a maior parte do tempo e precisava de solidão. Ela pediu isso. E posso garantir que foi muito bem cuidada por todos os que ficaram com ela.

Maureen tinha um milhão de perguntas para fazer, mas sabia que precisava pensar na próxima com muito cuidado.

- Os segredos. Algum se referia a O livro do amor?

A resposta do velho padre foi firme, mas não ríspida.

- Você está se aventurando por um terreno que deve saber que não posso discutir com ninguém. Por ora, acho que basta você saber que Lúcia teve um sonho com Nosso Senhor igual ao seu. Talvez fosse bom rezar sobre isso. Você tem muita coisa em comum com Lúcia Santos, e ela foi uma grande ajuda para a Igreja. Inspirou muitos fiéis no seu tempo e inspira

até

hoje. Quem sabe não seria melhor você se concentrar em outros aspectos. Volte sua atenção para todo o bem que veio do legado dela e pare de tentar encontrar maldades. Lúcia ia querer isso de você, se estivesse aqui hoje. Disso eu tenho certeza.

Peter foi andando com Maureen de volta para o hotel e os dois conversaram sobre a revelação do padre Girolamo. Iam encontrar Berenger em sua suíte e acabar de ler as últimas páginas da autobiografia de Matilda.

Maureen precisava ir até seu quarto para pegar o laptop e o caderno de anotações para levar para a reunião. Ela abriu o pequeno closet onde tinha deixado a bolsa de couro na qual guardava seus escritos.

A bolsa não estava mais lá, nem seu laptop, nem o caderno de anotações.

Foi a gota d'água para os nervos de Maureen que já estavam tensos depois dos acontecimentos das últimas semanas.

- O que mais vai acontecer? - Ela olhou para Peter quando sentou na beira da cama. - Não sei se vou aguentar muito mais.

Peter pôs a mão em seu ombro.

- Respire fundo, Maureen. Apenas respire. E terrível, mas não é a pior coisa que aconteceu. E você superou todo o resto. Maureen balançou a cabeça.

- Estou tentando, Pete. Mas está ficando cada vez mais difícil. O que aconteceu em Orval foi muito assustador. E agora isso. Estou começando a me sentir exposta demais. E estou lutando contra a sensação de que não tenho mais controle sobre minha própria vida.

- Mas você tem. Você tem livre-arbítrio.

- Não tenho mais certeza se isso é verdade.

- Claro que é. Agora mesmo está aqui em Roma, seguindo as pistas e procurando saber a verdade sobre O livro do amor, que acredito ser exatamente o que Deus quer que você faça. Mas a escolha é sua. E a sua vontade. Você pode dizer a Deus agora mesmo tratar de arrumar outra contadora de histórias, pegar seu passaporte e voltar para Los Angeles no próximo vôo. Pode abandonar todo esse processo no momento em que quiser, simplesmente resolvendo fazer isso. É isso que significa livre-arbítrio.

Maureen retrucou irritada porque a exaustão levou a melhor.

- Mas e quanto a "o tempo retorna"? Se essa é a minha missão... fazer esse trabalho... então não posso simplesmente abandonar tudo, mesmo que eu queira muito.

Foi a vez de Peter levantar a voz. Ele sentia sua própria raiva e frustração, misturadas com

um pouco de desesperança, crescendo dentro de si. Já remoía essas emoções havia quase dois anos, e agora ganhavam expressão.

- E por que você acha que há necessidade de dizer que o tempo retorna! É porque as pessoas não acertam. Se realizássemos o que nos foi dado fazer aqui de primeiro, o tempo não precisava voltar. Mas não somos capazes. Não podemos ser obedientes e seguir os planos de Deus, por mais simples que sejam, porque todo o nosso lixo humano fica no caminho quando a situação aperta... nosso ego, nossa raiva, nossa inveja, nossa ganância. É isso que Jesus está tentando nos dizer. Essa era sua verdadeira mensagem: que tudo é

muito simples. Trata-se de amor, de fé e de comunidade. E é

só. Sabe o que considero a coisa mais importante que aprendi em todos esses anos de sacerdócio? A única sabedoria espiritual que realmente importa? É o seguinte: você pode jogar fora a Bíblia inteira, se apenas seguir o que Jesus nos diz em Mateus 22, versículos 37 a 40. 'Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os Profetas. Pronto. Finito. E tudo que precisamos saber. E me expulsariam do Vaticano se eu dissesse isso, que podemos fazer estudos da Bíblia com três minutos de duração, porque todo o ensinamento está bem aí. Tudo o mais só atrapalha e esconde a mensagem.

Ele respirou fundo, mas estava longe de encerrar seu discurso.

- Isso é fácil, não é? Devia ser... era para ser. Mas a raça humana fez o diabo com isso por

dois mil anos, provocou o maior caos e a mais horrenda destruição, em nome do Nosso Senhor, porque não consegue viver de acordo com esses dois mandamentos tão fundamentais. Então Deus precisa ficar enviando almas para a Terra, aquelas que Ele considera aptas para cumprir a tarefa de nos lembrar como viver com esse amor simples. Mas o fator do livre-arbítrio nos trai todas as vezes. Sempre. E não podemos criar o paraíso na Terra se apenas poucas pessoas têm essa intenção. Precisamos fazer o mundo inteiro embarcar nessa compreensão do que é simples. E uma tarefa ridícula, assustadora, louca, mas é uma tarefa que Deus obviamente pensa que pode ser realizada, e é por isso que temos de continuar tentando. E por isso que temos de continuar procurando, é por isso que você tem de continuar escrevendo, não importa o que aconteça. E a sua função e a sua missão... e sim, parece que foi uma promessa que você fez. Mas você continua tendo a liberdade de fazer ou não fazer. Maureen prestava atenção, como sempre, quando Peter falava, e tinha muito sentido o que ele dizia. Mas estava exausta e esgotada. O que precisava mesmo naquele momento era de alguém como Tammy, uma amiga para abraçá-la quando chorasse, que dissesse que ela não tinha a obrigação de salvar o mundo. Porque ela simplesmente não estava à

altura dessa missão. Aquela noite, não.

- Às vezes eu me sinto tão... usada...

- É mesmo? Que tragédia para você. Deus a escolheu para cumprir uma tarefa tão especial que Seu próprio filho fala com você em seus sonhos, e você se sente usada. Milagres acontecem à sua volta o tempo todo, coisas caem do céu, literalmente, para você ter o que

precisa, e você se sente usada. Seu trabalho muda a vida das pessoas, talvez até salve vidas, e você nem pensa que é uma coisa boa porque está

ocupada demais mergulhando na sua autopiedade. Pare com isso, Maureen. Sinto muito que isso seja desagradável para você, mas precisa sair dessa. Temos de trabalhar. Peter esperou no silêncio que pairou entre os dois. Esse último discurso era um risco calculado. Essa abordagem às vezes funcionava e ela de fato se recuperava. As vezes ela apenas chorava mais ainda. E havia ocasiões também em que atirava coisas e ficava sem falar com ele semanas a fio. Ele prendeu a respiração, mas não precisou se abaixar e proteger a cabeça.

- Está bem. - Maureen endireitou as costas, passou a mão no cabelo, procurou se recompor para se concentrar no trabalho que tinham pela frente. - Então digamos que o tempo esteja voltando e o nosso grupo esteja aqui para cumprir uma promessa. Que tal isso? Quando foi, exatamente, que fizemos essa promessa? Easa mencionou a promessa no meu sonho. Ele disse: "Siga o caminho que lhe foi indicado e encontrará o que procura. Quando encontrar, deve compartilhar com o mundo e cumprir a promessa que fez." Fizemos essa promessa no céu? E uma promessa para Deus? Uma promessa entre nós?

Para nós mesmos? Será que todos nós sentamos em alguma sala de conferência no céu, planejamos isso e dissemos:

"Certo, eu o verei lá embaixo, não se atrase?" Eu não entendo.

- Não posso responder a isso, Maureen. É uma questão de fé

no momento, de acreditar em alguma coisa que não podemos ver e que não compreendemos. E talvez tenhamos de encontrar O livro do amor para entender o que quer que seja. Ele ficou um minuto olhando bem para ela e começou a se sentir culpado de tê-la recriminado. Maureen estava com olheiras e parecia muito frágil. Aquele era um fardo bem pesado para qualquer pessoa, e a maioria teria enlouquecido ou fraquejado sob tanta pressão, muito antes. Talvez ele tivesse exagerado dessa vez.

- Quanto tempo faz que você não dorme?

Maureen pensou um pouco e deu de ombros.

- Defina dormir.

- Bem, pelo que conheço de você, não vou dizer uma noite inteira, mas que tal pelo menos algumas horas seguidas?

Ela balançou a cabeça.

- Não lembro. Recentemente não.

- O seu cérebro precisa descansar, processar toda a informação que absorve, o que nunca tem chance de fazer. Você precisa dormir um pouco.

Maureen concordou.

- Odeio tomar soníferos. Deixam-me grogue e inútil. Entorpecem meu cérebro e não posso me dar ao luxo de fazer isso.

- Já experimentou rezar?

Ela sorriu para ele.

- Por que não pensei nisso?

- Já que tem uma linha direta com os que têm ouvidos para ouvir, acho que devia mesmo tentar. Peça e receberá. Enquanto isso, vou para casa. E não voltarei amanhã a menos que você me diga de manhã que pelo menos tentou dormir um pouco e se acertou com o Senhor seu Deus. Que tal isso como motivação?

- Não é motivação, é chantagem. Mas estou cansada demais para discutir com você. Por isso está bem, prometo.

Maureen cumpriu a palavra, ajoelhou-se ao lado da cama, como fazia quando era criança. Pediu para Easa ajudá-la, dar-lhe algum descanso e algum consolo em tudo aquilo. Sabia que, de certa forma, estava sendo ingrata por todas as graças que ele lhe dera e que sentia profundamente. Mas às vezes isso era difícil. A responsabilidade era grande demais. Ela só precisava dormir um pouco melhor e se sentir mais protegida nesse processo.

Então ela fez algo que não fazia havia anos. Recitou o PaiNosso e, enquanto orava, ficou imaginando como as palavras caberiam na rosa de seis pétalas.

- Seja feita a Vossa vontade - ela sussurrou. - De verdade. Sinceramente. E sinto muito.

Maureen se deitou na cama e se permitiu o desabafo natural de quando choramos sozinhos, com a intensidade e o tempo que forem precisos. Essa noite foi um longo tempo. Havia uma ladainha na sua alma que precisava resolver, o sofrimento, a insegurança, a incerteza, o risco, todas as coisas que acompanhavam as experiências sobrenaturais que estavam se tornando parte de sua vida. Todas as emoções e os medos que ela não podia mostrar ao mundo nem às pessoas mais próximas. Talvez especialmente àquelas mais próximas. Todos necessitavam que ela fosse forte, tinham de contar com isso. Ela era como Matilda, A Escolhida, e não podia jamais duvidar disso, nem ser qualquer coisa menos do que isso. O mais difícil era a solidão. Parecia loucura dizer que ela era solitária, com tanta gente que se preocupava com ela. Maureen não sofria de falta de amor e, por isso, era grata. Mas a solidão vinha de algo que não podia controlar, que era a sensação de que ninguém mais na Terra seria capaz de entender o que estava passando. Como poderiam? Como alguém poderia saber qual era a sensação de ser ela? De ter a responsabilidade que tinha e não ser afetada por ela, não se envolver tanto, a ponto de parar de funcionar? Porque a maior parte do tempo ela não se permitia pensar na gravidade do que estava tentando realizar, ou porque aquela era sua missão. Essa era a loucura. Em vez disso, tinha de viver um dia de cada vez e simplesmente fazer seu trabalho da forma que lhe era dado, e ser suficientemente forte para enfrentar o que era posto em seu caminho.

E esse era o verdadeiro dilema mental e emocional. O

paradoxo da sua vida era exigir que ela fosse sensível e vulnerável, emocionalmente aberta, para poder vivenciar as visões, escutá-las, acreditar nelas. Mas agir de acordo com elas no mundo do século XXI, que era frio e cínico, que havia muito tempo desistira do misticismo e da fé, exigia uma força tremenda. Era muito difícil ter as duas coisas.

Não que ela realmente sentisse pena de si mesma. Apenas desejava que houvesse uma única pessoa no mundo que pudesse entender e com quem pudesse conversar sobre o peso que era tudo aquilo. Quem sabe não era por isso que estava começando a sentir uma proximidade emocional muito grande com Matilda quando contava essa história. Ali estava outro ser humano que vivenciara aquele estranho destino que tinha o poder de ser ao mesmo tempo milagroso e perverso. Elas eram irmãs vencendo o tempo e o espaço. Infelizmente, Matilda tinha morrido havia mil anos e não era muito afeita ao diálogo. Maureen esperava que, se continuasse a desvendar a vida de Matilda, pudesse encontrar mais consolo do que perguntas.

Depois de se exaurir com essa introspecção e de verter mais lágrimas do que tinha vertido em muito tempo, ela se sentiu melhor. E cansada. Maureen rolou de lado e pela primeira vez em anos dormiu sem sonhar, um sono tranquilo, até a aurora iluminar Roma e os primeiros raios de sol faiscarem no mármore do Panteão.

Padre Girolamo ficou desconcertado quando ela saiu do seu escritório. Não previra o encontro com Maureen naquele dia e não esperava de jeito nenhum que ela chegasse às

conclusões a que chegou, que dirá tão depressa. Ela devia ser a visionária mais dotada de todas as mulheres que ele havia estudado ou então estava recebendo extraordinária orientação divina em sua jornada. Os dois cenários lhe pareciam tremendamente interessantes.

Girolamo pegou a chave que usava pendurada ao pescoço e destrancou a gaveta da escrivaninha. Tirou o manuscrito profético e começou a folheá-lo mais uma vez, enquanto segurava com força seu precioso relicário.

Canossa

Janeiro de 1077

Gregório e Matilda precisavam de tempo para reencontrar seu amor e a cura depois da estressante exibição da penitência de Henrique. Receberiam isso de Deus mesmo, uma vez que o inverno que se aproximava estava severo demais para permitir que o papa voltasse para Roma. O fato é que Gregório VII encontraria um modo de esticar sua visita por um período de seis meses de retiro na Toscana ao lado da sua amada, que carregava um filho dele no ventre.

O monge beneditino Donizone mais tarde escreveria sobre o tempo em que Matilda e Gregório passaram juntos em Canossa: "Como Marta, quando serviu a Jesus, atenciosa e receptiva, e como Maria, que sentava aos pés de Jesus, Matilda ouvia cada palavra dita por esse papa."

Viveram juntos como marido e mulher em Canossa, já que a fortaleza era servida apenas pelos empregados mais confiáveis de Matilda, todos membros da Ordem que juraram guardar aquele segredo da mulher e do filho do papa. Foi assim que, quando Matilda entrou em trabalho de parto, estava cercada por aqueles que mais a amavam.

Diferentemente da sua primeira experiência de dar à luz, ela estava protegida e confortável. Acima de tudo, estava eternamente apaixonada pelo homem que fizera aquele filho, um bebê concebido "imaculadamente" conforme a definição d'O livro do amor, criado por uma união de confiança e consciência. E como Isobel estava por perto para servir de parteira, Matilda sabia que ela e o bebê teriam os melhores cuidados. Gregório ficou na capela, sempre visitada por Conn, rezando pela boa hora de Matilda.

O bebê nasceu rápido e sem grande esforço por parte da mãe. Era pequeno, mas perfeito, e chorou bem forte, o que indicava que tinha bons pulmões e boa saúde. Matilda soluçou aliviada quando segurou o recém-nascido junto ao seio. Sentiu uma gratidão infinita a Deus por aquele bebê ter nascido em segurança, tanto que não pôde, naquele momento de felicidade, pensar no futuro. Não se permitiria analisar a triste realidade de que jamais poderia reconhecer publicamente que aquele ser precioso era seu filho. O mundo nunca poderia saber que Matilda de Canossa tinha dado à luz aquele menininho. E o mundo certamente não podia saber que aquele menininho era filho do papa Gregório VII. Matilda segurou o bebê perto do rosto, e ele olhou para ela com olhos sábios demais para um recém-nascido. Ela se assustou ao se dar conta de que já havia olhado nos olhos daquele pequenino ser antes. Olhando fixamente para ela, aqueles eram os olhos da sua primeira filha, o bebê trágico que ela chamou de Beatriz Madalena minutos antes de a menina passar

deste mundo para o outro.

Seria possível aquele ser o mesmo espírito, a mesma criança que voltava para ela com uma forma diferente? Matilda tinha certeza de que os olhos que estava vendo eram os mesmos que já havia visto por tão pouco tempo. Os olhos eram mesmo a janela da alma, e Matilda sabia que já vira aqueles. Seu bebê

voltara para ela numa época e em um lugar em que seu espírito estaria em segurança e seria amado.

O tempo retorna.

O bebê, que ela e Gregório chamaram de Guidone, ficou com a mãe e o pai até Gregório voltar para Roma. Matilda cuidou dele até o fim do verão, quando chegou a hora de ela se juntar ao papa no palácio Laterano para executar o plano que estiveram elaborando durante todo o tempo de confinamento. Um dia antes da partida para Roma, Matilda confiou o filho aos cuidados dos irmãos de San Benedetto Pó, irmãos da Ordem que iam criá-lo segundo as tradições sagradas do seu povo. Matilda não podia declarar que o filho era dela, mas pelo menos podia consagrá-lo a Deus.

CAPÍTULO QUINZE

Roma

Outubro de 1077

rei Henrique IV esperou meses na Lombardia, num Oesforço

para avaliar a posição de Gregório. Tinha seus problemas, pois os duques que exigiram sua rendição ao papa ficaram abismados com a sua capacidade de mudar de lado tão prontamente. Com a certeza de que o rei não tinha honra, os duques rebelados alemães elegeram Rudolf da Suábia como seu novo monarca. Essa eleição foi apoiada pela metade dos territórios alemães, enquanto a outra metade se mantinha leal a Henrique. Havia a ameaça de uma guerra civil sangrenta. No entanto, isso não impediu Henrique de continuar atacando Gregório e Matilda.

Em Canossa, o casal tinha passado aqueles meses juntos elaborando uma estratégia para proteger as propriedades de Matilda, caso Henrique resolvesse declará-las confiscadas sob a lei sálica, o que tinha muita chance de acontecer. Como antes fizera o seu pai, Henrique podia tentar confiscar toda a Toscana, pois ela estava dentro dos territórios feudais do rei germânico. Também podia preferir doá-las a Godofredo de Bulhão, o herdeiro legal do corcunda, em troca de uma declaração de fidelidade e uma grande redução do tributo que cobrariam do povo toscano. Qualquer das duas possibilidades forçaria a Itália e a Alemanha a uma guerra. Qualquer opção seria catastrófica para Matilda e para o papa.

Quando Matilda e sua comitiva de toscanos se aproximaram de Roma, Conn cavalgava ao seu lado. Ele não sabia como ela seria recebida pelo povo romano e pretendia ficar por perto para o caso de haver alguma reação hostil. A posição de Gregório em Roma agora

estava enfraquecida porque sua prolongada ausência da residência no Laterano não foi nada bem-vista pelos cardeais e pelas famílias de nobres que o apoiavam. Todos culpavam Matilda, e Conn estava preocupado com as represálias.

- Tudo tranquilo até agora - comentou ele.

- Graças a Deus - concordou Matilda.

Seguiram em silêncio um tempo, depois Matilda disse:

- Conn, nós vamos superar isso. Com a declaração que estou pronta para dar, acredito que possamos atrair os romanos para o nosso lado outra vez.

Conn pensou um pouco.

- Tem certeza de que quer fazer isso? É um risco enorme, Tilda.

Matilda engoliu em seco. Estava nervosa com a decisão que tinha tomado e com a proclamação que apresentaria em Roma no dia seguinte. Mas também estava decidida a levar isso a cabo.

- É um risco que estou preparada para enfrentar, e acredito que esse risco vai salvar Gregório. Por isso é a única atitude possível para mim. Gregório vale mais que minha própria vida, mais até do que a Toscana. Eu arriscaria qualquer coisa por ele.

Conn meneou a cabeça e nada disse. Sabia que o que ela dizia era verdade, quer ele gostasse ou não.

Foi nessa conjuntura de incerteza que a condessa da Toscana entrou em Roma, decidida a salvar sua herança, reforçar a posição de Gregório e da Igreja que pretendiam reformar, além de frustrar Henrique de uma vez por todas.

Matilda de Canossa dirigiu-se ao palácio Laterano vestida como uma rainha, com um manto de veludo vermelho e bordas de arminho, com sua coroa de ouro e flores de lis sobre a pesada touca de seda. Parecia grandiosa e rica como qualquer imperatriz. Sua aparição nesse dia seria falada e registrada para a posteridade, pelos escribas e artistas. Com todas as famílias nobres de Roma na platéia para testemunhar seu decreto histórico, ela se apresentou e leu em voz alta a seguinte proclamação:

Eu, Matilda, que pela graça de Deus sou condessa da Toscana, entrego e doo como legado, pelo bem da minha alma e pelo bem da minha família, para a Santa Sé de São Pedro, por meio da intervenção do papa Gregório VII, todos os meus bens e propriedades legais, e tudo que possuo por herança, ou que possuo por direito, ou que pela lei pertence a mim.

Fez-se silêncio logo após a leitura da declaração de Matilda, pois os presentes ainda estavam registrando a realidade do que acabavam de ouvir. Seria possível? A condessa da Toscana, a mulher mais poderosa da Europa, estava abdicando de todas as suas posses mundanas e deixando tudo para a Igreja? Tinha mesmo acabado de proclamar que todas as suas propriedades, que constituíam quase um terço da Itália, e certamente eram os territórios

mais ricos e estrategicamente importantes, agora estavam sob o controle absoluto de Gregório VII?

Foi um choque sem precedentes e brilhante. Com um único golpe, Matilda protegia a Toscana, dava força ao papado, na verdade para toda a Roma, e ao mesmo tempo diminuía o poder de Henrique sobre os territórios italianos. As famílias romanas e os cardeais ficaram pasmos com aquela tremenda demonstração de lealdade e de generosidade, pois nunca tinham visto nada parecido. Gregório devia ser mesmo um homem honrado e abençoado, mais do que digno da tiara papal, se havia conseguido doação tão imensa e sem paralelo para a Igreja. Matilda foi então aclamada como salvadora de Roma, e o grito se espalhou pelo Laterano:

- Deus abençoe a condessa Matilda! Que ela viva para sempre!

Matilda mudou-se para Roma, para passar os próximos três anos com seu amado Gregório e para tratar da administração dos seus territórios a partir da Igreja. Cuidou de estipular que o mosteiro de San Benedetto Pó fosse protegido para sempre pelo papa, pois agora era um importante posto avançado da Ordem, além de residência do seu filho. Matilda e o papa jamais se separaram durante o tempo em que passaram em Roma, no entanto, dada a generosidade de Matilda com a Igreja, ninguém ousava comentar isso. A presença dela foi aceita, para não dizer reverenciada, graças à sua extraordinária doação. Era prova do seu amor imortal por São Pedro.

Donizone, quando mais tarde escreveu sobre os dias de Matilda e Gregório em Roma,

disse: "A sábia condessa manteve em seu coração as palavras desse homem abençoado, como a rainha de Sabá manteve as palavras sagradas de Salomão."

Para Matilda, a declaração sobre a doação de suas propriedades para o papa foi indolor. Afinal, ele era seu marido.

A reação de Henrique ao estranho plano de Matilda e Gregório de transmitir a Toscana para o trono de São Pedro - a Toscana que era dele - foi exigir mais uma vez que o papa fosse deposto. O rei foi muito além dessa vez, pois nomeou um antipapa no lugar de Gregório. Guiberto, o arcebispo de Ravena que servira ao pai de Henrique antes dele, foi eleito papa pelos bispos cismáticos alemães.

Gregório respondeu com a segunda excomunhão de Henrique e também excomungou o antipapa Guiberto pela segunda vez. As linhas da batalha estavam traçadas, e Henrique pronto para a guerra. Mas agora era um conflito altamente pessoal, e o rei resolveu torcer a faca nas costas da prima, diminuindo o poder no lugar mais santificado para o seu povo: Lucca. Henrique tomou Lucca e semeou a discórdia contra a condessa e o papa, expulsando o bispo Anselmo e confiscando as propriedades que pertenciam à Ordem. Felizmente o Libro rosso foi salvo, assim como o Mestre e os outros anciãos da Ordem, que se mudaram para San Benedetto Pó, com escolta armada liderada por Conn. Mas Lucca separou-se do ducado da Toscana, exigiu independência de Matilda e apoiou o antipapa em conluio com os senhores cismáticos da Lombardia, que eram leais a Henrique. Matilda ficou arrasada com essa perda, mas teve pouco tempo para lamentar, já que Henrique continuou a atacar com mais violência ainda a Toscana e o papado.

Matilda tinha motivo para se alarmar. Sua dramática doação para a Igreja a protegia de Henrique, mas só enquanto o papa reinante fosse leal a ela e lhe desse carta branca para administrar seus territórios como bem quisesse. Se Gregório perdesse o apoio e fosse substituído pelo antipapa de Henrique, ela corria o risco de perder tudo que ela e sua família haviam lutado para construir e proteger. E Henrique estava ganhando força, pois os duques italianos do Norte, muitos dos quais tinham se alinhado com os contingentes cismáticos desde os primeiros dias da investidura de Gregório, se uniram para apoiar o antipapa, com esperança de poder evitar a invasão das forças germânicas.

O equinócio da primavera de 1081 não trouxe a comemoração do nascimento de Matilda como sempre acontecia. Ao contrário, trouxe notícias perigosas e perturbadoras. Henrique IV tinha atravessado os Alpes e se dirigia para os Apeninos, com um exército de invasão às costas. Estava indo tomar a Toscana.

Matilda e Gregório passaram aquela noite na torre de Isola Tiberina, discutindo discretamente suas opções. Matilda não tinha escolha, a única coisa que podia fazer era voltar imediatamente para a Toscana e defender seus territórios. Foram dias difíceis e tristes em que os dois avaliaram a situação terrível que enfrentavam. O rei germânico promovia a invasão com grande poderio militar, e Matilda ia precisar de todas as suas forças para se opor a ele, forças que Henrique vinha dizimando sistematicamente nos últimos quatro anos.

- Não sei quando poderei vê-la novamente, minha pombinha

- disse Gregório, abraçando e beijando Matilda. Então acariciou o rosto de Matilda com seus dedos compridos e brincou distraído com as mechas de cabelo que emolduravam-lhe o rosto. Parecia estar gravando na memória tudo que ela era.

- Essa guerra está recrudescendo. Deus a envia para a Toscana e ao mesmo tempo exige que eu fique aqui e defenda minha posição em Roma. Precisamos obedecer à vontade d'Ele, é claro, mas não posso dizer que compreendo.

Matilda segurou as mãos de Gregório com os olhos marejados de lágrimas.

- Seja feita a vontade de Deus, Gregório, como sempre deve ser. Nós vamos entender algum dia, em algum lugar, mesmo que esse dia não seja hoje. Talvez esta seja a nossa maior prova como amantes, a prova de Salomão e da rainha de Sabá, saber que precisamos nos separar porque o dever exige e também que nunca estamos realmente separados. Pois estamos ligados em nossos corações e almas, como sempre estivemos, desde o início da eternidade. E o que Deus uniu... Gregório completou a frase:

- Nenhum homem pode separar.

Ele a abraçou e a levou ao encontro mais profundo de confiança e consciência em que seus espíritos se entrelaçaram de uma vez por todas na união passional dos seus corpos. Ao voltar para a Toscana, Matilda providenciou a criação de uma obra de arte para presentear Gregório. Ordenou que levassem seu filho para Canossa. Guidone agora era um menino

toscano inteligente e saudável de cinco anos, de cabelo cacheado e olhos cinzentos, a imagem perfeita do pai. Matilda sentou com ele no colo, quando conseguiu fazer com que parasse de se mexer, enquanto um dos monges de San Benedetto, grande ilustrador, desenhava o retrato dos dois. A pintura seria enviada para o papa naqueles dias conturbados, de guerra, por isso foi disfarçada como um quadro típico da Madona com o filho. Matilda vestia as suntuosas sedas azuis que eram sua marca registrada em público e cobriu o cabelo com a touca tradicional e um véu por baixo da coroa que a identificava como descendente do grande Carlos Magno. A tiara de ouro estava coberta de flores de lis, e a coroa cravejada com as mesmas cinco pedras que estavam na capa do Libro rosso. A fortaleza de Canossa foi desenhada no topo do pergaminho e a pomba tradicional deles pairava sobre mãe e filho.

Para quem visse, era um retrato religioso de uma nobre madona e seu filho. Para o papa Gregório VII, era a imagem amada de sua mulher e seu filho.

Destino é a procura. Destinação é a descoberta.

Quem busca precisa continuar procurando ate encontrar, pois procurar é a tarefa sagrada que move todos os homens e mulheres que querem se realizar por completo. E se todos nós parássemos de buscar a Deus? O mundo ficaria escuro, porque não teríamos como compreender a luz.

Mas os que sabem que precisam procurar já encontraram Deus.

Na descoberta há perturbação, o saber que tudo em que acreditávamos e que não era o amor de Deus não passava de ilusão.

E finalmente, há o deslumbramento. O deslumbramento de saber que o mundo criado pela Vontade Divina é mais perfeito e mais lindo do que jamais imaginamos.

D'O LIVRO DO AMOR, TAL COMO PRESERVADO NO

LIBRO ROSSO

Roma,

Dias atuais

- Guidone. - Maureen foi a primeira a comentar o nome do filho de Matilda, mas Berenger já estava na mesma página. Ele levava o documento que tinham enviado para o château, a árvore genealógica que começava com uma criança chamada Guidone, nascida em Mântua em 1077. Mostrou a Peter e a Maureen.

- Agora estou entendendo - ele explicou. - Quando recebi esse documento, fiz alguma pesquisa para ver como Michelangelo podia estar relacionado com tudo isso. Descobri algumas referências ao fato de que ele afirmava abertamente durante sua vida que era descendente de Matilda da Toscana. Ele foi ridicularizado por isso, já que todos os registros históricos sobre Matilda informam que ela teve apenas uma filha, Beatriz, que morreu no dia em que nasceu. Michelangelo nunca elaborou uma resposta, apenas insistia que sabia quem era e que era descendente de Matilda.

- Então ele sabia - Maureen disse. - Conhecia a relação de Matilda com Gregório e sabia de Guidone, porque é daí que vem sua linha de descendência.

Berenger concordou.

- A arte salvará o mundo? Isso abre uma investigação inteiramente nova sobre as obras de arte que o grande mestre criou, não é?

Maureen cutucou Peter, que estava sentado ao seu lado.

- Como a deslumbrante jovem Pietà na basílica de São Pedro, que evidentemente não é uma mãe segurando o filho. Peter meneou a cabeça.

- Acho que, baseado nisso, tenho de aceitar. Mas é claro que vocês entendem que isso nos deixa com muito mais perguntas do que respostas, não é?

Maureen riu.

- Não é sempre assim?

Mas as perguntas sobre a contribuição de Michelangelo para preservar a verdade teriam de esperar uma nova investigação. A polícia romana acabava de chegar para fazer o registro do furto no quarto de Maureen. Estavam tratando do caso como se fosse um roubo rotineiro, mas Berenger e Peter tinham certeza de que quem quer que tivesse roubado o computador e os cadernos procurava especificamente os dados do diário de Maureen.

Maureen não sabia bem o que pensar, além de que estava terrivelmente frustrada com aquela perda e que agora não tinha mais como manter o acompanhamento de seus pensamentos e sonhos. Talvez aquela noite fosse sem sonhos. Exausta com os

acontecimentos do dia, Maureen resolveu se recolher mais cedo. Quando estava adormecendo, a última coisa em que pensou foi na descoberta chocante de que Lúcia Santos e ela eram irmãs em espírito. E por falar em noite sem sonhos... A visão que teve foi mais vívida do que nunca.

Ela caminhava no nevoeiro, a cortina pesada e prateada típica do campo na Irlanda, bem perto da costa ocidental. Era meia-noite e as ruas de Knock estavam desertas. As lojas de suvenires, com seus terços de mármore de Connemara e cartões-postais lenticulares, há muito tinham fechado suas portas para os peregrinos. Maureen caminhava sozinha, ia na direção da igreja dedicada a São João Batista, com seu pináculo cor de carvão que apontava para o céu. A igreja brilhava ao luar através da névoa e, quando ela chegou mais perto da agora famosa cumeeira sul, uma luz iridescente surgiu no lado esquerdo da parede.

As figuras apareceram uma de cada vez, começando pela esquerda. O homem mais velho foi o primeiro que surgiu em meio à luz prateada, rodopiante e tangível. A imagem era como os aldeões descreveram, cento e cinquenta anos antes, cabelo e barba grisalhos. Mas sua presença era poderosa. Havia nele uma força paternal em vez de patriarcal. Ele apontava com as duas mãos para o outro lado da parede, como se estivesse criando outra imagem naquele brilho de luz. A segunda figura apareceu à direita de Maureen, e a luz ficou mais intensa. Ali estava o homem mais jovem, que os moradores da aldeia identificaram como João Evangelista. Movendo-se com animação real, ele era evidentemente um jovem, com o mesmo cabelo comprido que os artistas medievais e renascentistas usavam para indicar que era um rapaz. Também era uma forte presença, mas com uma aura bem diferente da do homem mais velho. O jovem usava hábito de religioso e estava pregando. Maureen não

conseguia ouvir as palavras que dizia, mas sabia que eram poderosas e sensíveis... e cheias de amor. Havia uma graça naquele rapaz que fez derreter o coração de Maureen diante da sua visão. O

livro que segurava ficou mais nítido na luz bruxuleante. Era enorme, no entanto o jovem o equilibrava sem esforço aparente com apenas uma das mãos enquanto lia. A capa do livro parecia ser feita de couro vermelho-escuro, com encadernação dourada, e era enfeitada com cinco contas douradas que formavam um X. Quando Maureen tentava ver melhor a aparência do livro, distraiu-se com uma intensa explosão de luz bem no centro da parede.

Os dois homens, o mais velho e o mais novo, viraram-se para o centro e apontaram para a aparição que surgia com graça infinita no meio da luz. Era a mulher mais linda que Maureen já vira, sublime, elegante, graciosa. Seu manto era prata líquida e usava uma coroa com um halo de estrelas cintilantes. No tecido da roupa havia lírios brancos e rosas vermelhas. Ela flutuava acima das outras figuras, etérea e angelical. Como o rapaz, a senhora também parecia pregar. A posição dela era de autoridade absoluta, a figura central daquele quadro, transmitindo uma mensagem com grande intensidade. Maureen observou, hipnotizada, até a senhora de repente olhar para baixo e para os olhos dela. Emitiu uma única frase, diretamente para Maureen.

- Não sou quem pensa que sou.

Então ela sorriu, uma expressão cheia de luz da lua e das estrelas, olhando primeiro para Maureen, depois para o jovem e, finalmente, para o homem mais velho. A senhora estendeu

as mãos para os dois. Eles se aproximaram dela, a luz ficou mais brilhante ainda e as três figuras se fundiram numa única e eterna explosão de luz.

A noite ainda ia pela metade em Roma, e os holofotes do Panteão já tinham sido apagados havia bastante tempo. Maureen acordou no quarto escuro, um contraste violento com as visões que dominaram seu sonho.

O sonho sobre Knock. O sonho sobre as aparições. O sonho sobre uma mulher extraordinariamente bela que lhe disse apenas uma frase.

Maureen acendeu a luz de cabeceira, sentou e esfregou os olhos para despertar de vez. Instintivamente, estendeu a mão para pegar o caderno e então lembrou que tinha sido roubado. Passou por cima da cama e pegou uma garrafa de água San Pellegrino no minibar. Depois foi até a mesa e escreveu no bloco do hotel.

Não sou quem pensa que sou. E então... quem era ela?

Maureen atravessou o quarto para abrir a janela que dava para a Piazza delia Rotonda. A lua estava quase cheia e era a única luz na praça. A linda fonte gorgolejava todas as horas do dia e da noite, e era esse barulho relaxante de água que Maureen ouvia quando olhou para o obelisco, um monumento trazido do Egito para Roma com muito esforço e dinheiro, para, inicialmente, enfeitar um templo para Isis. Isis, que para os egípcios era a grande senhora dos mistérios; Isis, a mãe dos deuses. Isis, que tanto os romanos como os egípcios chamavam de Rainha do Céu.

A Rainha do Céu. Esse nome foi usado para definir algumas entidades espirituais femininas. Ísis, a Virgem Maria, inúmeras deusas de praticamente todas as culturas do Oriente Médio como a sumeriana Inanna e a mesopotâmica Ishtar, a hebraica Aserá e até Maria Madalena, por seus seguidores hereges franceses.

Se havia uma rainha do céu, não devia haver também um rei?

Será que eram casados? E iguais?

Maureen pensou bastante no sonho do qual acabara de despertar, reviu cada detalhe das aparições. A ordem na qual as figuras apareceram tinha de ser importante. O primeiro que surgiu no sonho foi o homem mais velho.

O Pai.

A aparição seguinte foi o homem mais jovem.

O Filho.

E a última aparição, o ser feminino e etéreo com tanta luz e tanto brilho que até no sonho seus pés não tocavam no chão. O Espírito Santo.

Maureen sabia que os aldeões na Irlanda tinham, de fato, visto uma visão muito abençoada e santa. Mas o que viram não foi uma aparição da Virgem Maria, do marido dela e de João

Evangelista. A aparição de Knock representava a Santíssima Trindade.

E naquela trindade o Espírito Santo era essencial. E mulher.

Maureen telefonou para Peter no primeiro horário que lhe pareceu adequado. Felizmente, ele já estava acordado. E ficou fascinado com o sonho.

- O Espírito Santo alguma vez já foi considerado uma entidade feminina, Pete? Para nós sempre foi "o" Espírito Santo, definitivamente nada feminino, mas isso foi uma evolução recente?

Peter explicou que havia culturas que acreditavam que o Espírito Santo era feminino sim, só que eram consideradas

"elementos marginais", portanto heréticas. Ou loucas.

- Em grego, a palavra que costumam usar para representar espírito é pneuma, que é neutra. E claro que se supõe que seja masculina. Mas há os que argumentam que o gênero é

diferente em outras línguas, especificamente em hebraico e aramaico, e acho que em siríaco também.

- E a pomba? - perguntou Maureen. - Muitas vezes, nas artes, o Espírito Santo é representado pela pomba, não é? E a pomba não é feminina?

- Bem, a pomba representa o Espírito Santo porque aparece no batizado de Jesus no rio Jordão. Mas você está certa, assume um simbolismo feminino em outros momentos. Os agnósticos acreditavam que o Espírito Santo era feminino, disfarçado de Sofia. Sofia é a entidade que representa a sabedoria feminina divina, uma espécie de deusa, porém mais elevada. Ela às vezes é representada por uma pomba. Maureen pensava no texto de Matilda.

- Como no Cântico dos Cânticos? Minha pombinha? Minha perfeição? Será que havia uma ligação? O Cântico é mesmo sobre a união de Deus e sua contraparte... vamos chamá-la de sua mulher, na falta de palavra melhor... como de Salomão com a rainha de Sabá?

Peter estava meio tonto, e eram só sete e meia da manhã.

- Preciso de um tempo para pesquisar algumas traduções e estarei aí na hora do almoço.

Peter cumpriu sua palavra e chegou ao quarto de hotel de Maureen com algumas pastas embaixo do braço por volta do meio-dia. Usaram a mesa e a cama da suíte para espalhar as folhas que Peter tinha juntado para ela examinar. Antes de vasculhar a papelada, Maureen perguntou a Peter sobre a oração mais conhecida como Ave-Maria.

- Não preciso lembrar a você de onde ela vem, já que foi você que me ensinou.

- Lucas. Capítulo um.

- Isso. Então é canônica, como o Pai-Nosso. Mas só em parte. Porque o que mais você me ensinou sobre Lucas, capítulo um? E o que mais sabemos sobre o nosso Lucas?

- Lucas fundou a Ordem do Santo Sepulcro, por isso estamos pesquisando qual foi a primeira motivação dele, não é? Muito bem, estou vendo aonde quer chegar. No Novo Testamento, o nome Maria não é usado. Foi acrescentado depois. A oração, como foi recitada pelo anjo Gabriel, foi Ave, cheia de Graça. O Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres. Maureen concordou de novo.

- É claro que essa oração é sobre a mãe de Jesus nesse contexto. Mas o que estou dizendo é o seguinte: e se não se trata apenas dela? E se ela é apenas uma de muitas mulheres escolhidas para personificar esse aspecto de Deus? Esse aspecto criativo, fértil e maternal que dá à luz uma nova vida. E se o nome dela não foi usado na saudação original porque Lucas queria nos mostrar que essa saudação é para todas as mulheres de muita fé e amor que concebem, como Matilda nos diz, com confiança e consciência? Quer dizer, de acordo com O livro do amor e o Evangelho de Filipe, a definição de uma imaculada concepção.

Peter tinha de processar aquele pensamento, por isso resolveu que o melhor era examinar as anotações que tinha feito mais cedo e ver o que podia corroborar a rica teoria de Maureen.

- Vamos começar com o cânone tradicional, porque acho que provoca o impacto mais imediato e poderoso. Trouxe alguns exemplos de problemas críticos de tradução. Tradução é tudo

- ele disse para ela, pegando duas folhas de papel. -Primeiro, quero mostrar a você um versículo do Evangelho de João que ilustra bem isso. Aqui está a tradução mais aceita no mundo todo, do grego para o inglês, a versão do rei Jaime. E de João 14, capítulo 26, que diz: "O consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que eu vos disse."

Peter entregou a ela uma folha na qual tinha impresso exatamente esse versículo. Depois entregou outra, com o mesmo versículo, só que com uma tradução diferente.

- Agora dê uma espiada nessa. E uma tradução do aramaico e combina com outra em siríaco que foi tirada de pergaminhos encontrados no mosteiro de Santa Catarina de Alexandria, no monte Sinai. Pergaminhos anteriores aos textos gregos. Veja o que acha disso.

Maureen leu a outra tradução em voz alta.

- "Mas Ela... o Espírito, o Paracleto... que Ele vos enviará, meu Pai, em meu nome, Ela ensinará todas as coisas. Ela vos fará

lembrar tudo que vos tenho dito."

Maureen caiu sentada na cama.

- Uau! Isso é enfaticamente feminino. - Ela ficou ali parada, pensando. - E a palavra Paracleto? Como se traduz isso?

- Tradicionalmente é traduzida como "consolador", até como

"conselheiro". Mas acho que a tradução mais precisa é "aquele que intercede". Então você pode argumentar aqui que o Paracleto intercede entre seres humanos e o Pai do céu.

- Que é um papel bastante feminino e maternal, não é?

- Também tem relação com um conceito interessante do Antigo Testamento, o do "consolador". Veja essa passagem, de Isaías, capítulo 66, que compara Jeová com uma mãe consolando os filhos. Isaías está cheio de referências a Deus se comportando como uma mãe... Deus como uma mulher em trabalho de parto, Deus como uma mulher que dá à luz e que protege Israel. Em hebraico, a palavra que equivale a Espírito Santo é ruach, que pode ser masculina ou feminina, dependendo do uso. E parecida em aramaico - a palavra é

ruacha. Mas aí é definitivamente feminina.

Peter pegou outra folha de papel com duas traduções.

- Eu sei que você não é uma grande fã de Paulo, mas aqui está

uma citação importante de Romanos, capítulo 8, que nos dá

motivo para fazer uma pausa. A versão do rei Jaime diz: "Esse Espírito é quem atesta com o nosso espírito que somos filhos de Deus." Mas compare isso com o aramaico.

Ele entregou a folha para Maureen, que leu em voz alta:

- Ela, a Ruacha, dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos de Deus.

Peter apresentou os últimos documentos de sua pesquisa matinal.

- Agora olhe isso, do Evangelho de Filipe, com o qual estamos muito envolvidos na nossa busca d'O livro do amor. Acho que essa passagem é a arma fumegante.

Maureen olhou para a cópia do Evangelho Agnóstico de Filipe. No alto da página, Peter tinha xerocado o pergaminho original em copta, indicando que aquelas linhas essenciais eram da página 57, lâmina 103. A tradução de Peter para o inglês estava ao lado. Dizia:

Alguns dizem que Maria concebeu pela graça do Espírito Santo.

Mas não sabem o que dizem.

Como pode o feminino fecundar o feminino?

Maureen e Peter se entreolharam um tempo, deixando o trecho falar por si mesmo, com seu poder simples e puro. Maureen acabou quebrando o silêncio.

- Isso tudo é mesmo sobre algo completamente diferente do que suspeitávamos, Pete?

- O que quer dizer?

- Bem, eu costumava pensar que isso tratava o tempo todo de vingar Maria Madalena, de fazer as pessoas entenderem e saberem quem ela era e por que tinha tanta importância. Ela era mulher de Jesus, a melhor amiga dele, parceira e quem ele escolheu para suceder-lhe. Ela trouxe o cristianismo para a Europa, ela e os filhos arriscaram tudo para que florescesse e resistisse. Isso por si só já é difícil de cumprir.

- Mas...

- Mas... e se não se trata disso, afinal? Ah, isso tem importância sim, claro que tem, é um objetivo e bastante significativo. Mas talvez não seja o ponto principal.

- Continue.

- Talvez Madalena seja emblemática e represente uma questão maior. Pode ser que o que ela representa, mais ainda do que ser mulher de Jesus em sua forma humana, é ser mulher de Jesus em sua forma divina. Ele é Deus e ela é a amada de Deus. Sua metade. Na terra como no céu.

- O aspecto feminino da divindade?

- É. Mas não na forma tradicional pagã de uma deusa ou de uma divindade menor. E sim como um aspecto de Deus. A igual, a face feminina de Deus, digamos assim. A metade feminina que completa a metade masculina de Deus. Nesse caso, disfarçada como o Espírito Santo.

Peter pensou no que acabava de ouvir e examinou as anotações que tinha feito aquela manhã.

- Vou ler uma coisa que achei muito interessante. "Tem-se especulado que o nome de Deus, Jeová Yahweh, pode ter sua origem em Ya-hu, que significa 'Tomba Elevada' e era o nome de uma antiga deusa da criação que era esposa do Deus chamado El. Os dois, El e Ya-hu, se fundiram em um só e acabaram sendo chamados pelo nome singular Yahweh, que mais tarde ficou conhecido simplesmente como masculino." Bem, para ser justo, há muitas outras teorias sobre as origens do nome Yahweh, esta é apenas uma delas, e evidentemente não é aceita pelos estudiosos.

Maureen achou certa graça nisso.

- Ultimamente andei notando que muitas vezes prefiro as teorias que não são aceitas pelos estudiosos. Você sabe que o escritor francês Louis Charpentier disse uma vez que, quando a história e a tradição discordam, podemos ter certeza de que a história está errada. Estou com ele nisso. Prefiro as tradições vivas que existiram na França e na Itália por milhares de anos a um conjunto de princípios acadêmicos que foram criados para apoiar estruturas de poder em vez da verdade. Ela foi abrir a janela para deixar entrar a brisa do fim da primavera e espiou o obelisco de Isis. A direita, a algumas centenas de metros do obelisco, havia uma praça e uma igreja dedicada a Maria Madalena. À esquerda, mais ou menos à mesma distância, uma igreja dedicada à Virgem Maria e construída sobre um templo à deusa da sabedoria, no caso dos romanos, Minerva - mas também conhecida como Sofia, a

Senhora da Divina Sabedoria. E bem diante dela havia o obelisco em honra de Isis.

- Notre Dame - ela disse de repente.

- O que tem isso? - Peter se lembrou imediatamente do monumento gótico em Paris.

- Não é isso. E ela - corrigiu Maureen. - Notre Dame. Nossa Senhora. Há dois anos venho defendendo uma tese de que todas as igrejas na França dedicadas a Notre Dame foram dedicadas a Maria Madalena, certo?

Peter fez que sim com a cabeça. Ele ajudou Maureen naquela pesquisa muito convincente. Era óbvio para os dois que as igrejas Notre Dame e as igrejas que tinham estátuas de

"madonas negras" eram associadas à heresia de Maria Madalena.

- Bom, elas são mesmo, tenho certeza disso, e você também. Mas e se isso não acaba aí? E se todas as "Nossas Senhoras", sejam elas Maria Madalena, ou a Virgem Maria, ou Ísis, ou Minerva, ou Sofia... e se todas elas são a mesma, uma só? E se estão apenas nos dizendo que Deus tem um aspecto feminino?

Ou que Deus tem uma mulher, uma amada? Será que todos esses templos foram construídos para restaurar esse equilíbrio? Sabemos que todas as catedrais góticas... todas chamadas de Notre Dame... eram templos para a glória de Deus. Mas será que eram templos para a glória do aspecto feminino de Deus? Ela é Notre Dame. Ela é Nossa Senhora. Em todos os seus

disfarces. Porque todas são importantes, independentemente da personificação que ela assuma na Terra.

Peter teve uma idéia de repente.

- O tempo retorna?

Não teve oportunidade de completar o raciocínio, porque foram interrompidos por uma batida na porta. Era Lara, da recepção. Um portador tinha deixado lá um envelope para Maureen que Lara levava para cima pensando que podia ser algo sobre a bolsa e o computador que tinham tirado do quarto de Maureen.

Maureen agradeceu a Lara e voltou para o quarto. Reconheceu imediatamente o cartão e o estranho monograma. As pistas "Salve Ictus" tinham todas aquele mesmo papel timbrado. Aquele bilhete era muito simples:

Gênesis 1:26

Gênesis 3:22

Amor vincit omnia,

Destino

Maureen falou primeiro.

-

Olha o número do segundo versículo. Três, 22.

Peter já estava à frente dela. Foi a primeira coisa que ele notou. Desde que Maureen lhe contara o sonho aquela manhã, Peter tinha gravado a "coincidência" da data de nascimento de Lúcia Santos, que era a mesma.

- A sua data de nascimento.

Maureen assentiu com a cabeça.

- Você conhece esse versículo?

- Bem, não posso citar o Gênesis fielmente, mas o capítulo um é a criação e o capítulo três é a expulsão do Jardim do Éden. Sempre trago comigo uma pequena Bíblia para consulta. Está

em inglês, mas podemos procurar versões e construções gramaticais mais antigas depois.

- Comece pelo primeiro versículo da lista. Gênesis um, 26. Peter encontrou logo.

- Criação. "Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança, e que ele submeta os peixes do mar, os pássaros do céu, os animais grandes, toda a terra e

todos os animais pequenos que rastejam sobre a terra. Ele passou rapidamente para o terceiro capítulo e localizou o versículo 22.

- Esse versículo vem depois que Adão e Eva comeram o fruto no Éden. "O Senhor Deus disse: 'Eis que o homem tornou-se como um de nós pelo conhecimento do que seja bom ou mau. Agora, que ele não estenda a mão para colher também da árvore da vida, dela comer e viver para sempre!'" Maureen estava dando risada.

- Bem, eu não sei quem é esse Destino, mas quero agradecer por ele fazer meu trabalho por mim.

Peter ainda não tinha entendido.

- O que quer dizer?

- Essas duas passagens referem-se a Deus no plural. Façamos o homem à nossa imagem e nossa semelhança. Eis que o homem tornou-se um de nós. Eu tinha exatamente a intenção de procurar em todas as escrituras os pontos em que Deus se refere a si mesmo no plural, e agora não preciso mais procurar essa informação.

Peter achou aquela sincronia mais perturbadora do que reconfortante, e ainda não tinha se convencido de que o cérebro por trás das pistas não era também o criminoso armado.

- Posso ver o cartão outra vez? Maureen leu o ditado em latim primeiro.

- E aqui diz também Amor Vincit Omnia. Até eu sei traduzir isso. O amor conquista tudo. Aparece em todo o material d'O

livro do amor que Matilda cita em suas memórias. Mas essa frase não é de Virgílio? Devemos acreditar que Jesus estava citando poesia romana antiga? Porque nem eu consigo ir tão longe assim.

- Não tenho tanta certeza de que isso seja ir longe demais - Peter contra-argumentou, surpreendendo Maureen. - Olha, eu sei que devo ser a voz da razão aqui, mas isso é fascinante. Se Jesus teve uma educação clássica, ele podia conhecer Virgílio, que o antecedeu apenas por uma geração. Além do mais, muitas vezes atribuem a Virgílio a previsão da vinda de Jesus nessa mesma obra, as *Éclogas*, onde ele usa a frase "O

amor conquista tudo". Às vezes dizem que a *Écloga* IV é sobre a natividade. Então há uma conexão bem forte e talvez até um esforço proposital para acrescentar mais uma profecia messiânica ao seu legado. Ou pode ser simplesmente que este conceito "O amor conquista tudo" seja totalmente universal e arquetípico, e esteja sempre retornando e se reciclando em várias gerações em todo o mundo.

Maureen entendeu imediatamente.

- O que é mais um aspecto do que "O tempo retorna" pode significar.

Ela balançou a cabeça e olhou para o fim do cartão, onde estava a assinatura. Destino.

Maureen esperou um pouco antes de fazer uma pergunta para a qual já sabia a resposta.

- Fete, o que destino significa em italiano e em espanhol?

- Destino? Pode significar destino como sina e destinação como o final da viagem, ou as duas coisas.

Antes de Maureen ter tempo de avaliar a correlação entre a revelação de Peter e o sonho com Easa, o telefone tocou. Padre Girolamo di Pazzi queria ver Maureen com urgência.

Cidade do Vaticano

Nos dias atuais

- Você sabe o que é isso?

Maureen olhou para as páginas amareladas do manuscrito sobre a mesa de Girolamo e balançou a cabeça em resposta à

pergunta do velho padre. Oficialmente, ela não sabia exatamente o que era, portanto não estava mentindo.

- Examine melhor - disse ele com voz áspera. - Tome. - Ele lhe deu uma das páginas. - Segure isso e diga o que pensa. Maureen estremeceu quando encostou as mãos no papel. Havia uma força naquelas páginas. Um poder real. Ela olhou para os versos, mais curiosa

do que ressabiada.

- Está em francês. Sinto muito, mas não sou fluente em francês.

- Não tem importância. Esses versos não precisam ser traduzidos literalmente, em sua mente. Devem ser traduzidos por seu coração. Experimente.

Maureen leu a primeira linha em francês. Le temps revient.

- O tempo retorna - disse ela baixinho.

Padre Girolamo meneou a cabeça.

- Você sabe o que é.

Maureen estava certa de que tinha nas mãos uma parte do Libro rosso, ou pelo menos uma tradução antiga. Mas não podia admitir isso. Caso admitisse, revelaria que estavam com o manuscrito de Matilda, e não ia fazer isso com ninguém naquele momento. Havia dúvidas demais. Peter tinha certeza de que o padre Girolamo era digno de confiança, mas Maureen não confiava em ninguém ali dentro das paredes da Cidade do Vaticano. E não tinham deixado Peter acompanhá-la, o que era muito suspeito. Girolamo insistiu para que o encontro fosse só entre os dois.

- E... poesia? - disse Maureen, pouco convincente. O velho procurou não deixar

transparecer sua crescente irritação e falou gentilmente.

- É uma profecia. Escrita em quadras. Pode ler mais um pouco?

Maureen olhou para os versos e suas mãos tremiam. Sim! Ela quis gritar para ele. Podia ler tudo, sabia exatamente o que queriam dizer aquelas quadras, o que representavam e quem as tinha escrito. A página que estava segurando vibrava por todo o seu corpo.

- Choisi... - Maureen se atrapalhou com o francês literal, que parecia medieval, ou do início da Renascença. - Diz alguma coisa aqui sobre ser escolhido. Há muitas palavras aqui sobre o amor... realmente, não consigo traduzir mais nada. Sinto muito.

Padre Girolamo deu-lhe um tapinha de leve na mão.

- Não se apresse, minha filha. Leve o tempo que quiser e fique tranquila. Não pretendia pressioná-la. - Ele pegou outra folha, que parecia ser a primeira do manuscrito. - Veja o que acha disso.

Era uma dedicatória, e Maureen conseguiu decifrar que era para o papa Urbano VIII. Mas levou um susto ao ver a segunda linha. Les Prophéties de Nostradamus.

- Nostradamus? - perguntou Maureen, confusa.

- Sim, sim. Todas essas profecias foram atribuídas ao famoso francês. Maureen não podia

negar ou protestar, nem indicar que sabia que aquilo não

era obra de um médico francês de Provence, no século XVI. Mas não precisou.

- Mas, como você já sabe - padre Girolamo deu uma piscadela conspiratória para ela -, essas profecias não são do famoso francês. Diga-me, o que mais você acha que Les Prophéties de Nostra Damus podem significar?

Ele separou as sílabas do nome de Nostradamus de propósito, e Maureen não conseguiu conter uma expressão de espanto. Escondido bem à vista. As Profecias de Nostra Damus.

- As Profecias de... de Nossa Senhora.

Maureen ligou para Tammy do celular enquanto atravessava a praça de São Pedro à procura de Peter.

- Devemos um pedido de desculpas a Nostradamus - ela disse quando a amiga atendeu no châteaueu em Arques.

Maureen explicou o que tinha acontecido no escritório do padre Girolamo.

- Nostradamus não era um plagiador. Ele estava preservando as profecias. A intenção dele era protegê-las e oferecer um meio para a sua geração entendê-las. E não podia simplesmente dizer: "Essas são as profecias da filha de Jesus", porque a Inquisição

espreitava logo ali, depois da fronteira. Por isso apresentou tudo bem à vista, usando o próprio nome, o nome que a família adotou intencionalmente quando se converteu a certa Ordem do cristianismo. E digo Ordem com O maiúsculo.

Ela desligou quando viu Peter se aproximar, prometendo ligar mais tarde para Tammy e contar todos os detalhes do que vinha se revelando rapidamente em Roma.

Padre Girolamo ficou muito satisfeito com a entrevista. Ele sabia que Maureen estava disfarçando, mas também tinha notado sua reação espontânea diante das páginas do manuscrito. Podia ser paciente e gentil com ela, e esperar. Tinha certeza de que a curiosidade de Maureen ia acabar fazendo com que ela voltasse para saber mais.

Salerno

1085

Gregório VII estava morrendo.

Os últimos anos de vida foram um teste dos limites de sua fé. Se tivesse tido a chance de ficar perto de Matilda durante essas provas, seria capaz de suportar qualquer coisa que Deus pusesse em seu caminho, mas eles ficaram separados oito anos desde aquela última noite em Roma. Era estranho que de alguma forma os dois soubessem que era sua última noite juntos. O fato de Matilda enviar o retrato, depois que voltou para a Toscana, foi uma maneira de reconhecer que eles não estavam destinados a se reencontrarem fisicamente,

pelo menos não naquele lugar e naquele tempo. Apesar de todas as suas características inatas de rainha guerreira, Matilda era profundamente mística. Ela sabia que a separação deles seria definitiva.

Matilda também sabia, como Gregório, que a separação era apenas física. Seus espíritos estavam unidos, seus corações e sonhos eram um só. Matilda tinha provado inúmeras vezes que era uma das almas mais devotadas e leais. Quando Henrique IV marchou sobre Roma, Matilda enviou todos os homens que pôde reunir na Toscana para defender Gregório. Quando não restavam homens suficientes na Toscana, ela vendeu tudo que tinha e comprou mercenários de toda a Europa. Chegou até a derreter todas as suas jóias, menos o anel que ganhara no seu décimo sexto aniversário. Confiscou o que havia nos seus mosteiros e igrejas, derreteu tudo que podia ser usado para comprar o apoio à causa do papa. Nos últimos dois anos, Matilda da Toscana arrasou completamente sua fortuna pessoal e sua posição para defender o homem que amava e para apoiar a causa dos dois. Sua última tortura foi que isso não bastou, que ela não foi capaz de salvá-lo. Depois de uma batalha demorada e sangrenta, Henrique IV

conseguiu depor Gregório VII e instituir um papa títere no trono de São Pedro. Roma virou um caos. Gregório foi forçado a se exilar na cidade costeira de Salerno, onde sua família possuía uma propriedade considerável. Ele tentou obter o apoio dos aliados normandos, mas o poderio de Henrique já era grande demais na Itália. O papado de Gregório havia acabado e, com ele, sua vida. No exílio, Gregório não pôde escrever para sua amada e também não conseguiu salvar Roma e sua Igreja do tirano que se dizia rei. Perdeu a vontade de continuar e estava definhando com uma doença debilitante.

Convocou um dos poucos homens em quem confiava, pediu a ele que escrevesse uma última carta e rezou para que essa carta chegasse ao seu destino, do outro lado das planícies italianas devastadas pela guerra. Deu ao homem um dos poucos tesouros que lhe restava, um anel de ouro com um entalhe em cornalina de São Pedro, e pediu que jurasse que providenciaria para que essa encomenda chegasse ao seu destino. O fato de esse mensageiro ser um homem honesto e intrépido foi a última dádiva de Deus para Gregório VII, antes de ele deixar esta terra e ir para o céu em 25 de maio de 1085. As últimas palavras sussurradas por Gregório VII e registradas por um escriba foram: "Eu amei a justiça e odiei a iniquidade. Por isso morro no exílio."

Canossa

Junho de 1085

A notícia da morte de Gregório foi dada a Matilda por Conn, mas não foi uma surpresa. Ela soube quando aconteceu, no dia e no minuto, exatos.

- Não perdemos a metade da nossa alma sem sentir isso em cada centímetro do nosso ser - disse ela serenamente. - Estou lamentando a morte dele há semanas. Muito antes de a notícia chegar a Canossa.

Conn entendeu. Ele tinha se ausentado em uma crise militar após a outra e não estava lá para ficar ao lado dela, para consolá-la como gostaria. Ela teve uma postura muito grandiosa em sua dor, como uma rainha que perdera seu rei, mas que sabia que tinha a obrigação de seguir

em frente pelo bem do seu povo.

- Tilda, um mensageiro trouxe uma encomenda hoje. É de Salerno.

Matilda engoliu em seco. Não esperava aquilo. Receber qualquer mensageiro vindo de Salerno, passando por Roma e entrando na Toscana no clima atual de guerra generalizada, era quase impossível. O fato de ele ter chegado a salvo certamente era obra da divina proteção. Ela pegou o pacote das mãos de Conn e abriu com todo o cuidado, dizendo uma oração de agradecimento pela chegada de qualquer coisa que talvez lhe desse um último momento com seu amado. O embrulho continha o retrato dela com Guidone, a imagem azul pintada como se fosse uma madona com o filho que ela mandara para Gregório quatro anos antes. Matilda leu a carta que veio junto:

Minha amada, minha perfeição, minha doce pombinha... Como sinto sua falta, como sofri sem você nesse tempo de provação. Deus escolheu nos expor a essas provações terríveis, mas nenhuma é mais difícil para mim do que saber que não posso dizer-lhe o quanto apreciei tudo que fez, tudo de que abdicou e sacrificou pela nossa visão de amor e de igualdade. Eu sei o quanto isso custou para você e para o seu povo. Rezo muitas vezes ao dia para que Deus cuide de você e para que sua fé lhe dê paz.

Os meus dias na Terra estão acabando - provavelmente estarei com seu pai e sua mãe no céu quando você receber isso -, então quis devolver esse retrato. Pois foi a única coisa que me manteve vivo nesse terrível período de exílio. Foi essa imagem da sua força, e da promessa que é Guidone, que me deu esperança quando já não me restava nenhuma. Foi essa

lembrança da sua beleza, e da natureza sagrada do nosso amor, que me deu forças. Esse retrato é o bem mais valioso de toda a minha vida e, na minha morte, não quero que se perca. Por isso devolvo-o a você, para que saiba o que ele significou para o meu coração e o meu espírito nesses anos em que esteve comigo.

Minhas últimas palavras para você, minha amada, são estas: não lamente o meu passamento. Comemore. Porque agora eu poderei estar ao seu lado todos os dias, e nada, nenhuma força humana na Terra, poderá me afastar de você. E lutarei ao seu lado pela verdade e pela justiça.

Semper. Sempre.

Conn, que estava ao lado de Matilda enquanto ela lia, deixoua sozinha quando viu que ela começava a soluçar. Enquanto andava rápido pelo corredor para dar-lhe a privacidade necessária, ouviu a explosão do choro de Matilda ecoar nas pedras antigas de Canossa. Nunca, em toda a sua vida



memorável, Conn tinha ouvido nada mais desesperado do que o lamento derradeiro de Matilda.

Eu lhes digo que há apenas dois mandamentos que todos os homens e todas as mulheres devem lembrar sempre, que são: Ame a Deus, seu Criador no céu, de todo o seu coração e toda a sua alma.

Ame ao próximo como a si mesmo, saibam que todos os homens e todas as mulheres são seu próximo e que, ao amá-los, estarão amando a Deus. Muitos buscam na Terra e não se dão conta de que estão diante da face do divino todos os dias, pois o divino está dentro de cada um de nós.

Se toda a humanidade obedecesse a esses dois mandamentos todo o tempo, não haveria guerra, não haveria injustiça, não haveria sofrimento. Não são leis de privação, não são prática alguma, nem sacrifício. São leis de amor.

Como é simples a verdadeira vontade de Deus!

Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

D'O LIVRO DO AMOR, TAL COMO PRESERVADO NO LIBRO

ROSSO

CAPÍTULO DEZESSEIS

Mântua

1094

fedor metálico de sangue invadiu as narinas de Matilda. Oe ela teve de prender a respiração para não vomitar. As tropas de Henrique tinham dizimado quase toda a Toscana, saqueando, incendiando e estuprando com uma crueldade febril que estava muito além da imaginação dos seres humanos decentes. O lar da infância de Matilda foi profanado a ponto de não poder mais ser reconhecido. O sangue se empoçava nas ruas onde havia restos de seus queridos cidadãos toscanos espalhados aos pedaços, estraçalhados. Famílias inteiras, de avós até bebês, pendiam dos caibros externos de seus lares como emblemas de ódio. Henrique estava decidido a fazer de Mântua, maior e mais valioso baluarte de Matilda, a principal vítima da deslealdade dela com o rei.

Se Matilda tinha alguma dúvida disso, deixou de ter depois do que viu em seguida.

Matilda e Conn andavam no meio da destruição fumegante, com uma comitiva de seus homens mais intrépidos, à procura de sobreviventes. Aproximaram-se de uma das maiores casas na periferia, sede de uma fazenda com terras muito férteis. Matilda ficou com o

coração na boca. Conhecia aquela casa. Pertencia a um dos seus primos distantes, do lado de Lorena, uma mulher chamada Margarethe. Matilda não teve tempo para conhecer bem essa prima, apesar de ter querido, porque suas obrigações a impediram. Agora tinha por que lamentar não ter passado por ali para visitar seu passado, conversar com sua prima e conhecer a família. Era uma das lições mais duras da vida, que muitos não percebiam quantas oportunidades de amar e de fazer amizade eram perdidas até ser tarde demais para resgatá-las.

Matilda sabia que Margarethe e o marido há muito eram apoiadores leais, pois Beatriz mencionara muitas vezes o casal. Matilda podia ouvir sua mãe falando da valiosa lealdade dos amigos quando se aproximava da casa. Estranhou que os soldados de Henrique não tivessem queimado e destruído a casa por completo como tinham feito com as outras. A porta estava arrombada, havia vandalismo e saque visíveis, mas a estrutura estava intacta. Matilda imaginava por que a casa fora poupada e quis entrar, ao mesmo tempo rezando para haver algum sinal de vida ou de esperança lá dentro. Conn, sempre desconfiado e querendo protegê-la, insistiu para ser o primeiro a entrar na casa.

Conn era um homem empedernido pelas guerras, mas até

para ele a visão que esperava lá dentro foi insuportável. Ele dobrou o corpo para a frente para recuperar o fôlego. Duas vítimas, que pareciam ser Margarethe e a filha, estavam amarradas como gado, nuas, com as gargantas cortadas. Tanto a mulher como a garota, que não devia ter mais de dez ou onze anos, tinham manchas roxas profundas nas coxas, testemunho silencioso e horrendo do que tinha acontecido ali, no rastro de uma guerra em

que os homens perdiam sua humanidade. Conn se virou para impedir Matilda de entrar, mas era tarde demais. Ela parou atrás dele, vendo aquele horror todo e chorando abertamente. Apesar da angústia enorme que sentia, talvez até por causa dela, Matilda notou que as duas trágicas vítimas tinham cabelo vermelho.

- Reze comigo, Conn. Vamos orar por elas, nossas irmãs, para que suas almas se unam no céu e para que jamais sofram outra vez.

Conn concordou, mas a voz que respondeu não era dele. Saiu de um canto escuro da casa, rouca e baixa.

- Eu vou rezar com você.

Matilda levou um susto, e Conn pôs a mão no cabo da espada, mas os dois esperaram, imóveis, para ver o que ia acontecer em seguida.

Então, saído das sombras, surgiu um homem curvado e destruído. Um dia fora um homem alto e forte, o senhor daquela casa, mas a violência que lhe impuseram e à sua família ultrapassara todos os limites. Matilda viu nos seus olhos que seu espírito estava tão estraçalhado quanto o seu corpo. Ou melhor, Matilda viu apenas no seu único olho. O outro fora arrancado por uma adaga germânica.

O homem chamado Ugo Manfredi foi carregado de volta para Canossa numa liteira, e os

corpos de sua mulher e filha foram enrolados delicadamente em pedaços de linho e levados numa carroça para serem devidamente enterrados. Matilda embalava Ugo, concentrada no seu espírito e no seu corpo quebrado. Enquanto se recuperava, o homem contou o pesadelo que havia suportado nas mãos do exército de Henrique.

Os soldados cercaram a casa e arrombaram a porta. Ele os viu chegando, mas não teve tempo suficiente para proteger a família. As mulheres se esconderam embaixo de um colchão, só que acabaram sendo descobertas, pois um dos batedores alemães as tinha visto no campo dias antes. Lembrava-se delas por causa da cor incomum dos cabelos. Lembrava-se delas porque seu comandante oferecia bônus para homens que encontrassem aquelas presas exóticas e específicas de guerra. Ugo reavivou a memória de Matilda explicando que sua mulher era de uma família nobre de Bulhão, e que o pai dela chegara à Toscana a serviço de Bonifácio, quando era menino. Angustiada, Matilda ouviu o restante das terríveis lembranças de Ugo.

Capturaram Ugo primeiro. Pediram que ele declarasse sua lealdade. Se era para a meretriz da Toscana ou para o rei Henrique, indicado por Deus. Ugo era toscano pelo sangue e pelo espírito, e jamais prestaria um juramento falso, jamais contra a mulher que garantia a paz e a prosperidade daquela terra, como fizera o pai dela. Ele declarou lealdade a Matilda, sabendo que só poderia esperar a morte por isso. Mas não o mataram. Espancaram-no muito, mas o deixaram vivo. E

depois de ver o que seria obrigado a testemunhar, Ugo desejou que lhe tivessem dado a bênção da morte. Durante esse relato ele parou diversas vezes de falar, porque era quase

impossível suportar as lembranças.

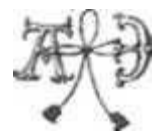
Quando a mulher e a filha foram encontradas, tiraram-lhes as roupas e as amarraram. Então chamaram o comandante da tropa para examiná-las. O líder, obviamente um homem que tinha alguma importância, exigiu que as duas mulheres jurassem apoio ao rei. Mas a mulher de Ugo se considerava da família e, por isso, totalmente leal à benevolente condessa. Nenhuma das duas quis fazer um juramento contra Matilda, e os olhos de Ugo arderam cheios de lágrimas quando contou a bravura da filha ao afirmar que era toscana e parente da condessa.

O arrogante e autoritário líder das tropas aproveitou-se delas, primeiro, depois deixou-as à mercê dos outros quinze soldados. Nem todos quiseram violar as mulheres, mas o líder insistiu, pois decidira degradá-las da forma mais violenta possível. Os soldados obviamente tinham muito medo do líder e seguiram suas ordens. Enquanto isso mantiveram Ugo no quarto, e ele foi forçado a assistir ao horror imposto à mulher e à filha.

Se Deus teve alguma piedade de Ugo, foi permitir que as duas estivessem inconscientes quando cortaram suas gargantas. Era possível até que já estivessem mortas. Ugo tinha quase certeza de que a filha tinha morrido com o espancamento que acompanhou os estupros, porque o líder queria levá-la com ele para se divertir mais tarde aquela noite. E a recusou depois de examiná-la, já que a menina estava arrebatada demais e não serviria para nada. Ele deu ordem de matá-las como porcos num matadouro. Ao mesmo tempo, deu uma

segunda ordem, de "marcar" Ugo de forma que mostrasse ao mundo o que acontecia com os que eram tolos o bastante para declarar lealdade a Matilda e não a Henrique.

A última coisa de que Ugo se lembrava, logo antes de a lâmina da faca chegar perto do seu olho, era do líder das tropas de pé



diante dele. O homem arrogante cuspiu-lhe no rosto e depois se pronunciou:

- Eu o deixei vivo para que dê um recado para a minha cadela de prima. Diga para a prostituta da Toscana que vou profanar todas as cidades que ela afirmar que são dela e todas as mulheres que forem leais a ela exatamente assim, até ela implorar o meu perdão de joelhos, na minha frente. É só por isso que poupo a sua língua, traidor.

O líder imperial das tropas que tinha estuprado e assassinado a família Manfredi então fez sinal para os soldados encerrarem aquele capítulo, aleijando o senhor da casa. O rei Henrique IV saiu com passos pesados, ansioso para inspecionar outros despojos de guerra que o esperavam em Mântua. Seu próximo alvo era também pessoal, e ele estava louco para saqueá-lo. Era o mosteiro de San Benedetto Pó, o santuário espiritual de Matilda, seu "Orval do Sul", e monumento à

família de Bonifácio. Tirá-lo dela seria uma delícia.

Mais de mil anos antes do nascimento do Nosso Senhor, havia na França uma escultura em madeira de uma mulher embalando um bebê sobre o joelho. O povo pagão daquele lugar recebeu uma grande profecia, uma revelação de seus sacerdotes druidas, de que uma jovem perfeita daria à luz um Deus, e que esse Deus traria a luz da verdade para o mundo. Esses povos pagãos eram chamados de carnutes e deram seu nome à cidade que acabaria crescendo naquele lugar: Chartres.

Acreditavam que a escultura da senhora com o filho tinha poderes mágicos, já que fora talhada no tronco oco de uma pereira e posta sobre um monte de terra que diziam ser sagrada. Porque esse pequeno morro cobria o que os carnutes chamavam de wouivre, uma corrente de energia poderosa e purificadora que percorria a terra sob a superfície, e encontrava seu pináculo ali naquele lugar. Os carnutes achavam que o wouivre era a artéria que continha o sangue da vida do planeta. Por isso o monte sagrado que marcava as pulsações da própria terra tornou-se um local de iniciação espiritual para os povos de toda a Europa, que viajavam para lá para sentir aquela corrente percorrer as próprias veias. A essência desse fluxo estimula o divino em todos os homens e em todas as mulheres. Não tem explicação, mas quando se experimenta não se esquece nunca mais. O espírito desperta ali, e é naquele lugar que os seres humanos se tornam *anthropos* completos o que significa plenamente realizados e integrados com seu corpo, mente e espírito.

Para aumentar ainda mais a santidade daquele raro lugar, havia um poço sagrado uma abertura no solo que ia bem fundo e que se enchia com a água mágica do ventre da Mulher

que era a Terra. A Santa Mãe de Todos Nós era venerada ali naquele lugar desde a mais antiga lembrança da humanidade, e era adorada com muitos nomes. Tara os carnutes era Belusama, e é com essa personificação que ela nos dá esta história que vamos ouvir. Belusama era mulher e companheira de Deus, que os carnutes chamavam de Belen. Era um nome que combinava com o equinócio da primavera, o momento em que o dia e a noite estão em perfeito equilíbrio, daí o nome equinócio, que significa noite igual ao dia, escuridão e luz vivem em harmonia.

Belen tinha a seu lado uma noiva-irmã, irmã porque era a outra metade da sua alma, e noiva porque era sua amada. Essa era a gloriosa Belusama. Belen governava o céu e o ar, e sua mulher a terra e o mar. Pois o Deus do céu masculino cobre o Deus da terra feminino numa ocorrência natural da sagrada união, juntos, eles eram o todo. Terras foram consagradas em nome deles, muitas terras, e, para entender melhor esta história, é necessário saber que a região onde Chartres foi fundada, e onde o mágico wouivre serpenteava pelo solo com sua corrente curativa e sagrada, há muito recebera o nome da mulher de Deus. Através da névoa do tempo, essa região foi chamada de Belusama, depois de La Belusa e finalmente, na atual língua francesa, evoluiu para o nome que damos hoje: La Beauce. Por isso, na antiga etimologia, Chartres é "a terra sagrada dos povos carnutes que viviam na região santa da Mãe de Todos Nós, La Beauce".

A escultura de madeira de pereira era a representação de Belusama, a esposa perfeita de Deus que criava nova vida na forma de uma criança humana. Era isso, e mais. Era uma representação do divino princípio feminino na criação, e será

para sempre.

E a face feminina de Deus.

A LENDA DA TERRA SAGRADA DE CHARTRES E DE LA BEAUCE, CONFORME PRESERVADA NO LIBRO ROSSO.

Canossa

1091

O Libro rosso estava seguro em Canossa, assim como o Mestre. Ele estava visitando San Benedetto Pó, envolvido na educação do filho de Matilda, quando Henrique começou a avançar em direção a Mântua. A Ordem teve tempo suficiente para salvar o que restava de seus preciosos objetos, os que não tinham sido derretidos ou vendidos na última tentativa de defender Gregório VII. O filho de Matilda, junto com alguns irmãos, escaparam em segurança para as montanhas ao norte de Florença, onde uma nova ordem tinha sido fundada anos antes por um monge santo chamado João Gualberto. A ordem, que se chamava Vallambrosanos, era formada pelos beneditinos das reformas mais radicais, que eram reconhecidos pelo abade de Cluny como os irmãos mais santos de Deus. Por isso, o rei Henrique IV não ousou atacá-los, e o mosteiro de Vallambrosa foi declarado território neutro e passou a ser um porto seguro para aqueles irmãos de Matilda que buscaram refúgio ali.

Esses irmãos da Ordem acabariam se misturando aos beneditinos valombrosanos, criando

uma filosofia secreta e híbrida com leis e princípios heréticos bastante rígidos, que Matilda sustentaria até a morte. Foram os vallambrosanos que ficaram com as propriedades de Santa Trinità, onde Matilda passara a adolescência recebendo os ensinamentos da Ordem. Quatrocentos anos depois, a importância disso - o apoio financeiro de Matilda e a sobrevivência dos ensinamentos mais sagrados da Ordem - ia se tornar aparente quando Santa Trinità transformou-se no ventre do qual nasceu a Renascença.

Matilda tinha passado a manhã elaborando um documento legal para garantir apoio financeiro ininterrupto da Ordem em Roma à Santa Trinità, quando ela morresse. Teve de usar tudo que conhecia das leis para redigir esse mandado e estava mentalmente exausta por conta disso. Não podia se dar ao luxo de descansar quando suas terras e seu povo estavam correndo tanto perigo, então assim que largou a pena e deixou a tinta secar no papel, Matilda saiu em busca de Conn para discutir estratégia militar. Henrique IV tinha saqueado San Benedetto Pó quando pilhou e destruiu o que restava de Mântua. Canossa era o único lugar seguro que tinham, e precisavam ter certeza de que seria sempre seguro. Um dos homens de Conn avisou a Matilda que seu capitão tinha sido visto indo para a capela. Ela notou que Conn passava muito tempo lá desde os massacres em Mântua. Quando Matilda chegou à capela, a porta estava aberta, e ela viu Conn ajoelhado, rezando, diante do Libro rosso, ao lado do Mestre. Observou em silêncio e esperou até os dois começarem a se levantar para entrar na capela.

Era de se esperar que o Mestre estivesse bem idoso naquele momento de sua longa vida, mas não parecia muito diferente de quando Matilda o conheceu, quando ela era criança. Dava a impressão de estar cansado e um pouco desgastado, mas tinha uma forma física

notável para um homem da sua idade. E aqueles anos todos jamais fizeram seu espírito ou sua mente esmorecerem.

- Entre, filha querida, entre.

Matilda entrou na capela e fez a genuflexão para as belas estátuas em tamanho natural de Jesus e de sua amada, Maria Madalena. Depois beijou o rosto do Mestre, marcado pela cicatriz. Quando olhou para Conn, ele estava com uma expressão constrangida, como se tivesse sido pego fazendo alguma coisa imprópria e muito embaraçosa.

- Meus dois homens mais queridos do mundo. - Matilda sorriu e perguntou, com um tom que ia além da mera curiosidade: - Mas o que poderiam estar fazendo juntos?

Ela sabia que estavam planejando alguma coisa, só não sabia o que era.

O Mestre olhou para Conn, que ficou rubro como o cabelo de Matilda.

- Antes de contar a decisão que o Mestre tomou, e eu com ele, preciso contar-lhe uma história, irmãzinha.

Era típico de Conn ter uma história para contar nos piores momentos, por isso Matilda não se surpreendeu, mas teve a impressão de que aquela seria uma história diferente de todas as que ele já havia contado. O Mestre pediu licença e deixou os dois na capela, com as histórias que ela continha. Depois de quase vinte anos de mistério, o homem que recebera o

nome de um antigo guerreiro celta, Conn das Cem Batalhas, contou a Matilda a história de sua longa viagem até a nova vida na Toscana.

Conn, que nasceu na província de Connacht e recebeu o nome de Conchobar Padraic McMahon, deixou o Oeste da Irlanda quando tinha quinze anos de idade, depois de uma invasão em que os homens do Norte atacaram violentamente sua aldeia. Ele tinha ido voluntariamente para um mosteiro três anos antes, onde estudava línguas e religião. Gostava muito de lá, era tudo na sua vida. Conn tinha seis irmãos e sua vocação de monge foi imediatamente aceita pelo pai, que tinha, por isso, menos um filho com quem se preocupar. Quando os homens do Norte invadiram a aldeia, Conn estava em missão num mosteiro mais ao norte, subindo o rio de Galway, para obter mais tinta e pergaminhos para os manuscritos que os noviços aprendiam a ilustrar. Estava fora do caminho da destruição quando o ataque cruel chegou, vindo da Escandinávia.

A maior parte dos vikings tinha sido expulsa da Irlanda pelo grande rei Brian Boru, em 1014, mas ainda havia algumas regiões esparsas que os violentos guerreiros do Norte atacavam. Em geral eram atraídos pelas comunidades mais ricas, ao longo dos rios, já que, além de possuir mais espólios, também eram as rotas de fuga mais fáceis para as suas estreitas e rápidas embarcações. Foi um desses ataques ao longo do rio Shannon que arrasou a cidade natal de Conn e levou à morte brutal a maioria dos aldeões, inclusive os pais dele, irmãos e irmãs.

O mosteiro onde Conn vivia foi saqueado e incendiado. Os irmãos pacatos e educados que se tornaram sua segunda família foram destruídos. Conn agora era de fato um órfão. Pior que isso, não suportava a visão de sua aldeia arrasada e seu mosteiro profanado. Enterrou a família e os irmãos monges com as próprias mãos, depois partiu da Irlanda determinado. Não podia mais continuar num lugar em que tal violência era uma possibilidade diária, se tudo que desejava era solidão e estudo.

Lembrando-se de dias mais felizes com os irmãos, Conn pensou num monge da Gália que tinha ido visitar o mosteiro. O monge era o homem mais culto que Conn tinha conhecido. Era fascinante e muito sábio. E também muito gentil e carinhoso, qualidades incomuns em um acadêmico. Conn adorava todos os monges do mosteiro, até o áspero abade que batia nele periodicamente, quando era pego lendo as mitologias pagãs celtas que tinham sido preservadas na biblioteca. Mas esse monge francês foi o primeiro homem realmente santo que Conn achava que tinha conhecido. O

monge, que disse para Conn que não tinha nome, contava que tinha estudado num lugar chamado Chartres, onde havia uma escola do espírito como não havia igual na Terra. Depois que os monges já tinham ido dormir, Conn ficava acordado para ouvir o francês falar usando termos que eram obviamente heréticos. Mas ele não ficou chocado com os pontos de vista do estrangeiro. Ficou fascinado e reconheceu verdades inusitadas naquela visão surpreendente. Cada revelação fazia com que Conn ansiasse por mais informação.

O visitante contou a Conn a história do homem chamado Fulbert, que era bispo de Chartres e também a força por trás da grande escola associada à catedral. Quando um incêndio

trágico e possivelmente intencional queimou parte da catedral em 1020, foi Fulbert que a reconstruiu no estilo romano tradicional e sólido. Ele cuidou de contratar os melhores artesãos, concentrado na cripta sagrada que ficava embaixo da catedral. A cripta cobria um poço primitivo - que diziam que era o ponto mais sagrado do planeta - e a escultura santificada em madeira de pereira de Notre Dame, chamada de Nossa Senhora sob a Terra. Fulbert protegeu e preservou tudo isso com muito cuidado.

O monge francês falou dos ensinamentos dos grandes gregos, especialmente de Platão e de Sócrates, e de um método de estudo chamado dialética, considerado uma das artes liberais. A dialética era o método da discussão civilizada, e foi por meio dela que os homens aprenderam a raciocinar e analisar profundamente uma proposta e uma contraproposta. Foi por meio do ensino dessa dialética que surgiu o maior aluno de Fulbert, o homem que ficaria conhecido na história como Berengário de Tours. Berengário acabaria herdando o comando da escola de Chartres com a morte do seu mentor, Fulbert, mas foi sua cáustica batalha contra a Igreja que lhe deu fama. Berengário propôs uma oposição à doutrina da transubstanciação, a crença da Igreja de que o pão e o vinho sacramentais da Eucaristia se transformam fisicamente no corpo e sangue de Cristo depois de consagrados. Ele aventou que isso era para ser um conceito espiritual em vez de físico, citou os primeiros pais da Igreja e um "texto antigo e misterioso" que dava credibilidade ao seu argumento. E Conn ficou obcecado com esse texto antigo e misterioso, ao qual o monge se referia como O livro do amor, quando ouvia as histórias do francês. Os irmãos sussurravam no ouvido de Conn que esse grande livro tinha sido escrito pelo Senhor pessoalmente e levado para a França por Maria Madalena depois da crucificação. Que os descendentes dela protegeram os

ensinamentos contidos no livro através dos séculos. Mas o clima religioso na França estava mudando, tornando-se menos tolerante e mais dogmático, e os ensinamentos dessa verdade secreta passaram a representar perigo. Os seguidores d'O livro do amor, os cristãos puros que ficariam conhecidos como cátaros, foram forçados a partir para a clandestinidade e encontraram meios de ocultar e prosseguir com sua tradição. Foi com o neoplatonismo e o ressurgimento da filosofia e dos diálogos gregos que os ensinamentos heréticos sobreviveram na região de La Beauce. Muitos dos princípios mais polêmicos dos primórdios do cristianismo foram vertidos para o pensamento grego para poder ser discutidos como estudo e não heresia.

Foi em um desses diálogos que Berengário de Tours lançou pela primeira vez o desafio à transubstanciação. Ao explicar isso para Conn, o monge discretamente revelou um ensinamento d'O livro do amor, recitando um trecho desse documento herético:

O que é meu corpo? Meu corpo é o Verbo, a Verdade do Logos.

O que é meu sangue? Meu sangue é o Sopro de Vida, a exaltação do Espírito que anima o corpo.

Quem recebe o Verbo e a Vida recebe verdadeiramente sustento e proteção.

Pois isto é alimento, bebida e vestimenta.

Este pão é o meu corpo e é o Verbo da Verdade.

Este vinho é o meu sangue e é a Vida do Espírito.

Conn ficou paralisado. Os versos eram sem dúvida heréticos, mas muito lindos. E acima de tudo, fazia sentido para ele que Jesus devia estar usando o corpo e o sangue, o pão e o vinho, como metáforas.

Mas a Igreja não achou essa interpretação nada bonita. O

protesto que ecoou na França, e depois em Roma, quase destruiu Berengário, que foi preso pelo rei por causa dessa heresia e passou o resto de sua vida numa batalha constante contra a autoridade da Igreja.

Conn sonhava com o dia em que poderia conhecer mais homens como aquele monge francês e seus extraordinários mestres que desafiavam tudo em nome da verdade e da sabedoria. Jurou que um dia ia visitar essa escola, e era isso que tinha decidido fazer depois do massacre dos vikings. Talvez encontrasse a paz que procurava na escola de Chartres. O jovem Conn viajou para o Sul e vendeu a tinta e o papel que eram muito caros para um mosteiro na periferia de Tralee. Com o dinheiro, comprou passagem num navio para a terra dos normandos na Gália. De lá iria para Chartres, a pé

ou a cavalo. Rezou para Deus perdoá-lo por usar o suprimento de tinta e de papel do mosteiro para o próprio sustento, mas não tinha outros meios no momento e prometeu praticar boas ações como penitência. Foi assim que chegou ao seu destino, à

porta da catedral de Fulbert, recentemente reconstruída sobre o edifício do século IX danificado, e sobre um solo que era considerado santo havia milhares de anos.

Conn estudou em Chartres quase dez anos, aplicou seu intelecto naturalmente ágil para tornar-se perito em neoplatonismo, na língua e na filosofia gregas, em todas as áreas da doutrina e da teoria religiosa, e na história da Europa. Mas foi a heresia que tocou e fincou raízes em seu espírito. Foram os ensinamentos d'O livro do amor que se transformaram na razão de ser de Conn. Esses ensinamentos não eram oferecidos para todos. Faziam parte da escola de mistério que havia dentro da escola formal da catedral. Era preciso merecer a admissão à escola de mistério através de boas ações e firme intenção de ganhar sabedoria. Conn, aluno exemplar, dominou as matérias em tempo recorde.

O estudo do labirinto era essencial na escola de mistério de Chartres, e Conn andava pelo circuito de onze caminhos todos os dias antes das aulas. Naquela época não havia um labirinto na catedral. Eles tinham um labirinto de jardim construído com pedras, que era eficiente assim mesmo. Esse labirinto se baseava no desenho de Salomão e tinha uma área circular na qual o iniciado rezava quando chegava ao ponto central do círculo. Foi no centro desse labirinto de jardim, à

sombra da catedral reconstruída por Fulbert, que Conn recebeu a visão que mudaria o curso de sua vida.

Começou com uma visão do arcanjo Miguel, o mensageiro da luz que derrota a escuridão. Miguel segurava sua espada flamejante da verdade e da justiça, pairando sobre o labirinto e

sobre Conn. O anjo lembrou que o nome dele, Migu-El, significava "o que é como Deus". Então Conn viu a menininha que devia ter talvez uns nove ou dez anos, de cabelo acobreado e com uma energia extraordinária. Ela era atacada por forças invisíveis, e Miguel passou a espada por cima da cabeça da menina para afastar a escuridão que ameaçava envolvê-la. Então ele se virou para Conn e falou:

- Observe a sua promessa. Foi proteger esta menina, essa filha de Deus, acima de tudo e pelo tempo que for necessário. Você

será seu irmão e cavaleiro protetor, será para ela como sou para você, um anjo de luz que derrota a escuridão. Mas não se engane, essa é uma batalha do bem contra o mal, e você será

convocado para lutar contra o mal.

"Esta menina o espera na Toscana. Vá para onde vive o duque de Lorena em Florença e lá encontrará sua vocação de protegê-la."

Conn ficou atônito. Era sem dúvida uma visão tão clara, um recado tão direto que ele não podia deixar de obedecer. Tinha dedicado uma década de sua vida ao estudo espiritual intensivo para justamente receber claramente esse tipo de mensagens. Mas certamente a vida de guerreiro não era para ele. Embora fosse forte e atlético, já tivesse crescido e se transformado num homem enorme naquela época, não desejava ser soldado. Por que Deus não lhe deu a chance de ficar em Chartres para se tornar professor ali? Por que tinha tais

desejos se não era seu destino? Aquela foi uma crise espiritual para Conn, porque O livro do amor ensina que nossos sonhos humanos não são acidentais, não são por acaso. Eles são um meio de a nossa alma nos lembrar que estamos aqui para cumprir nossa promessa a Deus. Então por que ele queria tanto a solidão e a paz da escola e recebia esse aviso de que sua vocação era a guerra? Por que amava Chartres sobre qualquer coisa e queria apenas viver e morrer à sombra da abençoada catedral e sua escola de sabedoria?

Conn levaria muitos anos para entender a resposta completa, e isso era uma parte fundamental dos ensinamentos. Porque é

verdade que muitas vezes descobrimos significados e motivos para as coisas muitos anos depois de elas adquirirem importância para nós.

Conn tinha feito uma promessa para seu Senhor e pretendia cumpri-la. Mas, antes de poder ser digno de defender aquela pequena princesa, ele ia precisar afiar suas habilidades de guerreiro. Foi assim que Conn virou um mercenário, contratado em toda a Europa para ganhar habilidade e experiência com os maiores capitães do continente. Foi depois que ganhou o apelido "das Cem Batalhas" que resolveu que estava pronto para ir encontrar Matilda em Florença. Aceitou um contrato com o duque Godofredo e esperou, observando a pequena condessa sem ser visto até o dia em que Godofredo o procurou e pediu para ele ser o mestre de armas de Matilda. Lágrimas escorriam pelo rosto de Conn quando ele contou o quanto a amava, que ela era realmente sua irmã de coração e de espírito, e que defendê-la era o dever mais sagrado e honrado que ele podia querer na vida. E então contou o resto, e Matilda entendeu o motivo das lágrimas.

Conn ia deixá-la para iniciar a próxima fase do seu destino e para realizar seu sonho maior. Ia voltar para Chartres, levando o Mestre com ele. Juntos eles levariam o Libro rosso para um lugar mais protegido, onde estaria seguro e longe das mãos destrutivas de Henrique de uma vez por todas.

Honrando as tradições dos lucchesi que cercavam o Volto Santo, foi construída uma carroça para transportar o Libro rosso exatamente do mesmo modo que o Santo Rosto percorrera um dia a Itália. Matilda providenciou dois touros brancos como a neve para puxarem a carroça na qual a Arca da Nova Aliança seria levada para seu novo lar. Esses viajantes teriam de ter muito cuidado quando atravessassem a região do Norte da Itália, arrasada pela guerra, com sua carga preciosa. A arca foi posta numa caixa simples de madeira para que a opulência do ouro e das pedras preciosas do verdadeiro recipiente ficasse escondida. Fizeram um fundo falso na carroça para esconder o Libro rosso, e inventaram outra

"reliquia" para ser guardada na arca. Um artista criou uma cópia do véu de Verônica para parecer a impressão do rosto de Cristo num pedaço de seda branca. Era uma brincadeira espiritual para a Ordem, já que o rosto gravado no céu de Verônica às vezes era chamado de Volto Santo, assim como o sagrado tesouro em Lucca. Essa relíquia fabricada foi posta dentro da arca como medida de segurança. Se fossem parados pelas tropas alemãs, contariam a história desse véu sagrado e diriam que o estavam levando da Itália para a França, para ficar protegido na abadia de Cluny. Apesar de toda a violência bárbara daquela guerra, era improvável que os soldados germânicos atacassem monges carregando uma relíquia tão santa. Além do mais, estavam saindo da Itália, e não entrando. Finalizando, para Conn poder ficar bem convincente como monge, ele raspou a cabeça. Quando Matilda

o viu pela primeira vez de cabeça raspada, ela desatou a chorar.

- Meu Deus, você vai mesmo me deixar.

Ela se jogou nos braços dele e chorou feito criança. Conn a abraçou e afagou o cabelo dela, cantando uma canção em celta pela última vez.

- Só vou deixá-la temporariamente. Le temps revient, irmãzinha. Você sabe que as famílias do espírito nunca se separam de verdade. Vou revê-la em breve, assim que Deus decidir. - Conn se afastou um pouco e segurou-lhe o queixo com a mão enorme. - Você ficará bem cuidada. Arduino é

melhor estrategista do que eu jamais fui, o melhor líder militar na Itália. Se alguém pode ajudá-la a recuperar suas terras de Henrique, esse alguém é Arduino. E você tem um novo cão de guarda, não é? Que vai protegê-la sem nada temer.

Ele se referia a Ugo Manfredi, o marido caolho da prima assassinada de Matilda. Durante o período de reabilitação, Ugo passou bastante tempo com Conn. Passou a maior parte da vida como fazendeiro, mas o trabalho no campo também o fez forte e vigoroso. E ele era inteligente. Essa combinação ia transformá-lo num valoroso guerreiro, do tipo destemido, já

que não lhe restava mais nada a perder. Recuperado, Ugo tornou-se uma força respeitável, e essa força era profundamente dedicada à condessa da Toscana, que aplicara os unguentos de cura em sua órbita ocular com as próprias mãos.

Matilda não ficou ressentida com essa missão de Conn. Longe disso, ficou muito grata porque o Libro rosso e o Mestre teriam a melhor proteção da Europa. Ela entregou para Conn um pequeno embrulho à guisa de presente de despedida.

- Leve-a com você. Está comigo desde quando nasci, e sempre senti que me protegia. Agora ela vai proteger vocês dois. Conn tirou o pano que cobria a estátua de Santa Modesta, já

desbotada, mas ainda extraordinariamente bela. E disse com os olhos rasos de água:

- Modesta. Nós dois vamos para casa.

Matilda segurou a mão dele e começou a dizer os versos sagrados que se aplicam ao amor em todas as formas, um sacramento que ele conhecia tão bem quanto ela.

Eu te amei no passado,

Eu te amo no presente,

E te amarei novamente.

O tempo retorna.

Eles recitaram juntos pela última vez nesta vida, aos prantos.

CAPÍTULO DEZESSETE

Cidade do Vaticano,

Dias atuais

aureen entrou na basílica de São Pedro com um Mob jetivo diferente, que era prestar homenagem à

mulher que pretendia conhecer quando fez essa viagem e que agora sentia que conhecia intimamente - a milagrosa, inspiradora e bem maior do que o tamanho natural condessa da Toscana, Matilda de Canossa.

A versão completa da autobiografia de Matilda terminava com a partida de Conn e do Mestre para Chartres. Era como se Matilda tivesse perdido o interesse nos detalhes de sua vida depois disso. Gregório estava morto, seu conselheiro espiritual e seu melhor amigo tinham ido para a França. Anselmo também tinha morrido e Isobel dirigia a Ordem em Lucca. Matilda seguiu em frente e continuou a lutar contra Henrique e pela Toscana. Acima de tudo, lutava para proteger o trono de São Pedro contra a influência secular. Ela fez tudo isso porque tinha jurado fazer. Prometeu a Deus, a si mesma e a seu povo. E jamais descansaria enquanto não cumprisse essa promessa.

Havia mais páginas na autobiografia de Matilda, mas eram como anotações básicas de diário que marcavam apenas acontecimentos mais importantes. Uma que chamou a atenção de Peter dizia: "Carta de Patrício, que sai de Orval para ir para Chartres." Não explicava por que Patrício estava abandonando seu querido Orval, mas Matilda devia estar lutando

para manter seus territórios em Lorena, um lugar perigoso para manter como aliado durante as guerras. Peter foi levado a pesquisar a vida de Matilda depois disso, para poder encerrar a história para Maureen, que estava obcecada pela condessa toscana. Maureen queria demais saber se Matilda chegou a ver alguma justiça feita no que dizia respeito a Henrique, e Peter ficou feliz de poder dizer que sim. Levou muitos anos. mas Matilda acabou vencendo a guerra pela Toscana e contra Henrique. A mulher de Henrique e até o filho dele debandaram para o lado de Matilda, procurando, na Toscana, refúgio do tirano Henrique, que abusara da esposa com tanta violência que ela chegou a processá-lo. Documentos históricos indicavam que a rainha Adelaide, que fora princesa russa, implorou asilo a Matilda e relatou os horrores da devassidão sexual de Henrique, que incluíam orgias e missas negras.

Maureen ficou impressionada com esse surpreendente aspecto da história de Matilda. Ela era um ícone dos direitos das mulheres, séculos antes de essa expressão ser compreendida na sociedade. Matilda foi a primeira mulher que exigiu um pacto pré-nupcial e também a primeira a abrigar vítimas de violência doméstica, protegendo-as dos criminosos, mesmo quando o agressor era um rei.

Lenta e cuidadosamente, com a estratégia de mestre enxadrista, Matilda reconstruiu a Toscana. Recuperou sua força política e sua riqueza aos poucos e, quando conseguiu, foi para a fortaleza de Henrique na Itália. No outono de 1092, com sua já lendária armadura de cobre, Matilda liderou um exército contra as tropas de Henrique que guardavam a região em torno de Canossa havia tempo demais. Em todos os relatos históricos, aquele foi um exemplo de estratégia militar dos mais geniais. Matilda, com Ugo Manfredi e Arduino delia

Paluda, expulsou os alemães. Com essa reconquista de sua base de operações, os exércitos toscanos eliminaram a presença alemã da maior parte dos territórios de Matilda no curso dos três anos seguintes, e ela reinou sem oposição pelo resto de sua longa vida.

Com o seu retorno ao poder político, Matilda apoiou a causa do novo papa, que era comprometido com a memória de Gregório e a determinação de ambos de afastar o papado da influência do poder secular. Ele era um forte defensor da independência de Roma e vigoroso oponente da interferência real nas questões espirituais. Matilda manteve um relacionamento próximo com esse novo papa, Pascal II, pelo resto da vida.

Pascal. Claro que Maureen não deixou de notar a semelhança entre o nome desse papa e o dela. As conexões nessa história não acabavam mais.

Maureen se aproximou do túmulo de mármore com nova consciência. A mulher maravilhosa ali retratada segurava a tiara papal e as chaves da Igreja porque tinha vivido ali e governado ali com seu amado. Juntos, eles eram a manifestação de Salomão e a rainha de Sabá em sua época, talvez até um reflexo de Jesus e Madalena, de Ele e Aserá. Eles eram a personificação do próprio conceito santo: o tempo retorna.

E Bernini, o grande mestre barroco que herdou os desenhos de São Pedro do descendente de Matilda, Michelangelo, sabia. Ele criou um projeto poderoso e elegante para preservar a verdade em mármore, para os que têm olhos para ver. A arte salvará o mundo.

Maureen passou a mão no mármore frio, esculpido por um artista que sabia mais do que

revelava ali, e examinou o retrato de uma cena da vida de Matilda que enfeitava a frente do túmulo. Antes aquilo não significaria nada para ela. Ali estava o evento em Canossa, com Henrique de joelhos, implorando perdão. O papa

Gregório VII era o ponto central, sentado em seu trono. Matilda, é claro, estava ao seu lado, como tinha feito literal e figurativamente durante toda a vida deles juntos. A história de Matilda inspirava Maureen mais do que qualquer outra que havia investigado, excetuando, talvez, a da ancestral comum das duas, Maria Madalena. Matilda, com sua luta sem precedentes pela igualdade de todos os homens e mulheres sob Deus, sua paixão pela caridade e por melhorar a vida dos pobres, contribuíra para acabar com a Idade das Trevas, proporcionando uma nova era de luz. Ela era, de muitas formas, a primeira mulher moderna.

E acima de tudo, Matilda cumpriu suas promessas. Jamais parou de lutar pelas reformas que Gregório tinha tentado implementar. Mil anos depois, as reformas executadas por Gregório foram consideradas essenciais para a criação dos alicerces da Igreja formal.

Ela dedicou a vida ao povo da Toscana e à prosperidade da região, construiu e restaurou centros de ensino religioso por toda a Itália, ao mesmo tempo que conseguiu canonizar seu doce bispo Anselmo para que fosse lembrado como santo pela posteridade. Ela desenhou pontes e prédios e lindas estruturas existentes com obras de arte: pinturas, mosaicos, esculturas, e tornou-se, assim, a primeira patrocinadora das artes na Toscana. Seria a primeira dos grandes mecenas das artes do fim da Idade Média e da Renascença a incentivar e sustentar artistas. Matilda insistia que seus artistas e escultores assinassem suas obras numa época em que ninguém ouvira falar disso, porque ela acreditava que a

posteridade devia se lembrar dos nomes daqueles que criavam tanta beleza. Para presentear sua querida Lucca, Matilda desenhou e financiou uma magnífica ponte sobre o rio Serchio que facilitaria o comércio e as viagens do povo. Batizou-a de ponte Madalena, e era uma obra de arte e de engenharia digna do nome e do legado da grande Senhora. A ponte foi toda construída com semicírculos que pareciam emergir do rio. Vista de longe, com as formas refletidas na água, eram criados círculos geometricamente perfeitos. Na imagem refletida, os círculos eram inteiros.

E Matilda de Canossa continuou comprometida com o ensinamento d'O Caminho do Amor durante todo esse seu extraordinário reinado. Ela implementou a igualdade e a tolerância entre os habitantes dos seus territórios numa época da história em que não existiam palavras para descrever tais conceitos. Foi uma mulher sem igual, que teve uma vida e deixou um legado épicos.

Foi simplesmente Matilda. Pela graça de Deus que É.

Quando Adão, o primeiro homem, estava morrendo, implorou para o arcanjo Miguel visitá-lo em seu leito de morte. Migu-El, o anjo cujo nome significa O que E como Deus, apareceu para Adão e se ofereceu para realizar seu último desejo. Adão pediu que lhe desse uma semente da Arvore da Vida, o símbolo da Santa Mãe Aserá, para ele poder ter toda a sabedoria dela e conhecer as respostas para os mistérios da vida na Terra antes de deixar aquele lugar, e para, talvez, apenas talvez, ser salvo pelas propriedades de dar a vida daquela grande divindade.

Miguel realizou esse desejo e pôs a semente pedida diretamente na boca de Adão. Antes de engoli-la, porém, o primeiro homem deu seu último suspiro. Em vez de salvá-lo, a Árvore da Vida provocou sua morte. Era conhecimento demais para um homem só. Adão foi enterrado e, na primavera seguinte, surgiu um broto da semente em sua boca que rasgou a terra e cresceu para tornar-se uma árvore nova e forte. Ela floresceu por muitos séculos, depois foi derrubada pelos machados de homens ignorantes que não acreditavam no seu poder ou na sua santidade. A madeira da árvore sagrada foi usada para construir uma ponte através das águas, no caminho para Jerusalém.

Quando Makeda, a rainha de Sabá, foi visitar Salomão pela primeira vez, em sua longa viagem desde Sabá, atravessou essa ponte no último dia da jornada. Dizem que ela reconheceu imediatamente a madeira especial utilizada na construção da ponte. A madeira a chamou e lhe disse que um dia havia florescido como a Árvore da Vida, antes de os homens sem conhecimento a terem destruído. A beleza de Aserá, um elemento vivo e vital na terra, tinha sido feita em pedaços pelos ignorantes.

A rainha de Sabá prostrou-se no chão em sinal de respeito e reverenciou a madeira, e foi então que soube que tinha recebido um dom divino. Mas a tristeza que sentiu diante daquela enorme perda partiu seu coração, e ela chorou. Quando suas lágrimas respingaram na madeira, a sabedoria que havia tanto tempo era pisoteada foi liberada para ela, e a rainha foi mais agraciada ainda com uma visão de Deus. Makeda pôde ver que uma nova ordem, uma nova aliança e um novo messias viriam da linhagem de Davi e de Salomão para mudar o mundo. Infelizmente, também viu tragédias naquela visão. Esse messias de luz seria morto por suas lindas crenças, assassinado pela mesma madeira sobre a qual ela agora se

ajoelhava.

No tempo em que passou com o rei Salomão, a rainha de Sabá

contou-lhe essa experiência na ponte. Salomão ficou assustado com a visão, e achou que lhe havia sido dada para que os dois pudessem se prevenir e salvar esse descendente da profecia. Ordenou que a ponte fosse destruída e que a madeira fosse enterrada fora de Jerusalém. Com sua fé e sabedoria, Salomão esperava que, ao devolver a madeira à

terra, a Árvore da Vida pudesse florescer mais uma vez. Se isso não acontecesse, então talvez ele tivesse de eliminar a possibilidade de essa madeira ser usada para destruir o homem santo que viria. Fizeram isso e a madeira permaneceu enterrada por catorze gerações.

No governo de Pôncio Pilatos, a madeira foi encontrada por acaso quando um batalhão de soldados romanos faziam covas comuns para os insurgentes judeus. Levaram a madeira para Jerusalém e ela foi usada para formar as vigas da cruz na qual Nosso Senhor encarou seu destino divino no alto do monte Gólgota.

O destino de um homem não pode ser desfeito quando está escrito nas estrelas.

Dizem ainda que o lugar em que Salomão e a rainha de Sabá

tiveram seu primeiro encontro predestinado acabaria sendo o local exato do Santo Sepulcro. Uma indicação de que há áreas na Terra que possuem destino próprio, escolhidas por Deus como lugares poderosos.

Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

A LENDA DA VERDADEIRA CRUZ, PARTE UM, COMO

PRESERVADA NO LIBRO ROSSO

Roma

Nos dias atuais

Berenger e Maureen caminhavam para a Piazza della Rotonda, de mãos dadas, na volta para o hotel. Vendedores ambulantes vendiam brinquedos e lembranças baratas para turistas que ainda não estavam cansados de pagar caro demais por uma massa medíocre nos cafês encarapitados nos terrenos mais valorizados de Roma. Maureen aprendeu bem depressa que afastar-se alguns passos dos grandiosos espaços de Roma significa encontrar cozinhas bem melhores, com preços que não incluíam o aluguel de vista histórica. Aquela noite os dois tinham jantado numa piazza tranquila ali perto que era dedicada a Maria Madalena, onde havia um belo retrato da Senhora numa moldura grande em forma de camafêu, num canto da praça.

Maureen e Berenger passaram ao lado da piazza efervescente, tão viva numa noite do fim da primavera como a Trocadero em Paris, ou a Times Square na cidade de Nova York. Quando entraram no refúgio do saguão do hotel, o porteiro a reconheceu e fez sinal para Maureen.

- Deixaram um pacote aqui para a senhora. Um momento. Ele correu para uma sala nos fundos e voltou com um volume do tamanho de uma caixa de sapatos, embrulhado com papel pardo. O pacote simples deixou Berenger imediatamente desconfiado.

- Você viu quem deixou isso aqui?

- Um mensageiro. De uma firma local. Eu tive de assinar. Maureen agradeceu ao porteiro e pegou o pacote. Teve uma esperança passageira de que o embrulho pudesse conter pelo menos seus cadernos roubados. Era pequeno demais para caber ali dentro seu computador. Enquanto esperavam o elevador, os dois examinaram a caixa. No canto superior esquerdo, escrita à mão no papel pardo, uma única palavra: DESTINO.

- Que diabo, quem é esse cara? - Berenger resmungou irritado.

Não aguentava mais aquele mistério, mas não queria que Maureen soubesse até que ponto o perturbava. Ele tinha o hábito de controlar tudo o tempo todo e estava começando a se aborrecer com aquele jogo em que não conseguia controlar os jogadores nem as pistas.

- Ele sabe demais sobre nossas idas e vindas. Conhece a sua história. É óbvio que sabe alguma coisa sobre mim. E...

- E conhece os meus sonhos. Como isso é possível?

Puseram a caixa na cama e sentaram um de cada lado dela, para abri-la juntos. Quando Maureen tirou o papel pardo do lado dela da caixa, ela gritou: - Ai!

Foi apenas um corte com o papel, mas bastante fundo, pegando toda a parte interna do dedo médio, que já começava a sangrar. E a dor era desproporcional ao tipo de ferimento. Ela se

levantou para lavar as mãos e apertou uma toalha no dedo até o sangue estancar. Depois voltou para perto de Berenger para acabar de desembulhar a caixa. Primeiro, ele beijou o dedo ferido com suavidade e inspecionou o machucado para ter certeza de que não tinha sido fundo demais.

O embrulho estava endereçado apenas a Maureen, mas dentro havia duas caixas menores, cada uma com um nome diferente. Uma era para Maureen, a outra para Berenger.

- Você primeiro - disse Maureen, entregando a Berenger a pequena caixa com o nome dele.

Era do tamanho de uma embalagem de presente para uma joia pequena e, quando ele abriu, viu que era mesmo algo raro e valioso, como uma joia. Continha um pequeno relicário de prata, oval e feito como um medalhão, mas a parte de cima deslizava como a tampa de uma caixinha minúscula. Essa tampa cobria o selo de cera vermelha que se usa para proteger e autenticar os artefatos religiosos. Nesse caso, o selo era tão antigo e estava tão deteriorado que era impossível determinar como devia parecer a imagem original inteira, mas havia estrelas muito pequenas visíveis num desenho circular, gravado na cera.

Embora menor do que a unha do polegar de Maureen, o invólucro era muito detalhado e bem preservado. Gravado em relevo na tampa de prata havia uma miniatura da sequência da crucificação. Ao pé da cruz, Maria Madalena, de cabelo comprido, ajoelhada, se agarrava aos pés do seu amado que morria.

Estranhamente,

O

único

outro

elemento,

cuidadosamente desenhado, era um templo com colunas no alto de uma colina atrás deles. O templo parecia grego, era



como a Acrópole em Atenas, o santuário construído para homenagear a sabedoria e a força feminina.

Berenger o reconheceu imediatamente.

- É um templo que simboliza o elemento Sofia na espiritualidade - disse ele. - A sabedoria divina feminina. Os artistas filiados à linhagem usavam isso quando pintavam Maria Madalena, para indicar que era ela que retinha a sabedoria, como fizeram as sociedades secretas filiadas às tradições da linhagem por séculos. Podemos identificar os templos de Sofia especificamente, porque têm os telhados arredondados, representando as curvas femininas.

Maureen olhou para a imagem e meneou a cabeça, concordando. Em sua pesquisa da arte de Madalena, tinha visto diversas descrições italianas em cenas da crucificação, com configuração semelhante: sua Maria ao pé da cruz, em geral agarrada a ela. Em alguns casos, havia um prédio que lembrava um templo grego clássico ao fundo. Alguns artistas retratavam o templo em ruínas, simbolizando a perda da divina

sabedoria

feminina

na

sua

espiritualidade

contemporânea.

Berenger virou o medalhão para ver a própria relíquia. Era minúscula, tão diminuta que quase não dava para ver, mas estava lá. Um pontinho de madeira preso no lugar com algum tipo de resina, grudado no centro de uma flor dourada. Embaixo da relíquia havia um pedacinho de papel onde se lia, escrito à mão: V. Croise.

Era uma abreviação que os dois entenderam, mesmo em francês antiquado, de Vraie Croise. Olharam um para o outro e disseram juntos:

- A verdadeira cruz.

Houve um tempo, até a semana anterior, aliás, em que Berenger Sinclair teria feito pouco de qualquer relíquia que pretendesse ser uma parte da verdadeira cruz, especialmente quando a procedência do item não pudesse ser definida. Mas, diante dos acontecimentos recentes e da presença de Maureen em Roma, ele sabia que não havia lugar para ceticismo. O

tamanho diminuto da lasquinha minúscula confirmava a sua autenticidade. Se algum bandido fosse forjar uma visando à

venda no mercado negro de relíquias, no mínimo criaria uma lasquinha totalmente visível a olho nu.

Maureen de repente deu um pulo e um gritinho.

- O que foi?

Ela segurava o relicário na palma da mão aberta. Quando pulou, a relíquia caiu na cama. Berenger inclinou-se para pegá-la.

- Segure - disse Maureen.

Berenger arregalou os olhos.

- Está quente.

Maureen concordou, meneando a cabeça. Ao segurar a relíquia, o metal começou a esquentar e chegou a tal temperatura que ela acabou deixando-a cair. Agora estava esfriando, e Berenger a guardou de novo na caixa.

- Berenger, olhe. O corte do papel no meu dedo... sumiu. Maureen estendeu a mão para mostrar-lhe. Ela havia segurado a relíquia com a mão ferida. O corte, com cerca de dois centímetros de comprimento, havia desaparecido. Ele balançou a cabeça sem dizer nada, então pegou o cartão que lhes era familiar com o estranho monograma, o A amarrado ao E invertido, e o leu em voz alta para Maureen.

Isto um dia pertenceu a outro Príncipe Poeta, o maior que já

viveu. Tens a incumbência de usar seu manto. Faça isso com graça e Deus o recompensará como promete a profecia. Amor vincit omnia,

Destino

Pela primeira vez durante o relacionamento deles, Maureen viu Berenger Sinclair confuso. Ele ficou muito pálido e parecia atônito. Assombrado. Ela segurou a mão dele carinhosamente.

- O que houve? O que quer dizer?

Ele beijou a mão dela para suavizar o impacto provocado pelo próprio silêncio.

- Quer dizer... que preciso lhe contar algo. Mas não neste exato momento. Vamos ver os outros objetos nessa misteriosa caixa de Pandora primeiro.

Maureen não queria adiar, mas resolveu respeitar o desejo dele naquele momento, já que também estava curiosa para ver o que havia dentro da caixa do tesouro. Ela tirou de dentro da sua caixa outro recipiente feito para jóias, maior do que o enviado para Berenger. O dela era forrado com um cetim exótico azul-índigo, um tecido fino com um tom que ficava entre o azul mais profundo e o violeta. Sobre esse cetim estava um medalhão que parecia antigo, de cobre batido. Berenger o reconheceu na mesma hora.

- O labirinto da catedral de Chartres.

Escritas na parte de trás, numa gravação com aparência mais moderna em francês, as palavras:

Marte a choisi la meilleure part, et personne ne la lui enlèvera.

Berenger traduziu em voz alta mais rápido do que Maureen poderia, mas os dois reconheceram a passagem.

- Foi Maria quem escolheu a melhor parte: ela não lhe será tirada.

- Lucas dez, 42 - disse Maureen simplesmente.

Todos os dedicados alunos de Madalena conheciam esse versículo de cor. Vem depois de Marta reclamar que está

fazendo todo o serviço de casa enquanto Maria senta aos pés de Jesus para ouvi-lo falar. Jesus responde apoiando Maria com essa frase enigmática.

- O que acha que quer dizer? - perguntou Maureen. - Porque nós dois sabemos que não será uma interpretação óbvia das escrituras.

- Claro que não. Está no lado oposto da imagem do labirinto de Chartres, e em francês, por isso esses elementos estão ligados. Leia o cartão.

Maureen tirou o cartão da caixa e não procurou disfarçar o choque quando leu.

O livro do amor está na catedral de Chartres. Esse é o seu destino e a sua destinação no dia 21 de junho, janela 10.

Essa primeira frase provocou impacto significativo. Seria mesmo possível que O livro do amor estivesse na catedral de Chartres? Mas as frases seguintes deixaram Maureen sem fala.

Eis O livro do amor. Siga o caminho que lhe foi indicado e encontrará o que procura. Quando encontrar, deve compartilhá-lo com o mundo e cumprir a promessa que fez. A nossa verdade está na escuridão há tempo demais.

Amor vincit omnia,

Destino

As palavras eram exatamente aquelas proferidas por Jesus nos sonhos dela sobre O livro do amor. O autor daquele cartão, esse Destino, seria um mensageiro da divina providência? Ou era ele o ladrão que roubara seu laptop e o caderno de notas, e que assombrava Maureen com suas próprias anotações?

Depois do sacrifício do Nosso Senhor no Dia Tenebroso do Crânio, o honrado José de Arimateia com os mais abençoados Nicodemos e Lucas reuniram todos os objetos que foram instrumentais no destino dele. As vigas da cruz, os pregos, os espinhos e a placa escrita por Pôncio Pilatos foram levados para a propriedade de Nicodemos, onde ficaram

escondidos aos cuidados da Ordem do Santo Sepulcro numa câmara subterrânea. Após a ressurreição, a mortalha sagrada que envolvera o corpo do Nosso Senhor também foi levada pela Ordem para esse lugar protegido. A câmara foi selada com pedras enormes que exigiam a força de muitos homens para serem removidas. Essas relíquias mais sagradas foram protegidas de todas as formas, pois consideravam que seu poder era grande demais para os homens e as mulheres comuns serem expostos a elas.

As mais sagradas de todas eram as vigas da Verdadeira Cruz, pois a madeira continha toda a história do nosso povo. Representava o espírito de Aserá presa e derrubada, e simbolizava a perseguição de todos os que a resgatavam, e a verdade, na forma de Nosso Senhor que veio para nos mostrar O Caminho do Amor, que é o Caminho de El e Aserá. O acesso às relíquias só era concedido aos membros mais próximos da Ordem, à família e aos primeiros seguidores uma vez por ano, no dia da comemoração do sacrifício de Nosso Senhor, que é a Sexta-feira Santa até o dia da ressurreição. As relíquias ficavam cuidadosamente escondidas o resto do ano. Quando São Lucas foi para a Itália, deu aos irmãos da Ordem do Santo Sepulcro, na Calábria, um mapa detalhado, um guia para o local exato onde estavam as relíquias. Como havia muito tumulto em Jerusalém, Lucas tinha medo de que elas estivessem em perigo ou que talvez fossem esquecidas pelas futuras gerações, se os membros sobreviventes da Ordem se vissem forçados a abandonar sua terra natal. E ocorreu que o perverso Tito destruiu o templo em Jerusalém e quis eliminar tanto os judeus como os primeiros cristãos no ano 70, e as relíquias foram abandonadas quando as pessoas fugiram para salvar suas vidas, ou morreram lutando.

Dois séculos e meio depois, o mapa feito por São Lucas foi entregue à mãe do imperador

Constantino, um presente pela sua generosidade e pela proteção que deu à Ordem. Santa Helena convocou um grupo de nobres guerreiros e convertidos para fazer uma viagem, sem precedentes, até a Terra Santa, em expedição para encontrar os tesouros do nosso povo. Com o mapa desenhado por Lucas, os membros da tropa de Helena puderam identificar a caverna que continha o tesouro pelo grande X gravado do lado de fora. Desde então, o X passou a ser usado para marcar o lugar do tesouro que vem com a descoberta e o conhecimento. Além das relíquias da Paixão, o berço que servira ao Senhor e à sua filha quando bebês também foi encontrado na caverna. Essas relíquias santificadas de Nosso Senhor Jesus Cristo foram levadas de volta para Roma e preservadas pela grande dama. Mas, em honra dos que as protegeram, lascas da Verdadeira Cruz foram dadas para os líderes da Ordem do Santo Sepulcro na Calábria, em Roma e em Lucca. Esses são os objetos mais sagrados e mais poderosos da história da humanidade. E assim as relíquias da Verdadeira Cruz foram divididas em lascas minúsculas para repartir sua santidade com as inúmeras famílias na Itália que preservavam os verdadeiros ensinamentos d'O Caminho. Esses fragmentos contêm a sabedoria de Aserá, o sopro de vida de Adão, as lágrimas da rainha de Sabá e o sangue de Nosso Senhor. Os cétricos podem zombar da validade de tais relíquias, mas qualquer pessoa que teve a felicidade de segurar um pedaço da Verdadeira Cruz, por menor que fosse, jamais esquece a santa experiência. Os poderes curativos são milagrosos e por isso só devem ser postas nas mãos dos dignos.

Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

A LENDA DA VERDADEIRA CRUZ, FARTE DOIS: COMO

PRESERVADA NO LIBRO ROSSO

CAPÍTULO DEZOITO

Cidade do Vaticano

Nos dias atuais

eter parou de trabalhar, interrompido por Maggie PCusack.

Um mensageiro deixara um pacote para padre

Healy e disse a ela que era urgente, que ele devia abri-lo imediatamente. Maggie deixou o embrulho de papel pardo em cima da mesa dele. Saiu da sala balançando a cabeça. Não havia endereço do remetente no pacote, apenas uma palavra escrita no canto superior esquerdo: DESTINO.

Peter abriu o pacote sem saber que Maureen e Berenger estavam recebendo a sua própria versão de presente de Natal do outro lado do Tibre. A caixa de Peter continha uma pequena estátua de uma madona com o filho, esculpida numa madeira bem escura. Essa madona, apesar de ser um tanto rústica, estava sentada em um trono, usava coroa e era imponente. Na mão direita, segurava o globo do domínio terrestre. A criança fazia o sinal da bênção no colo da mãe; na frente da base da estátua estava escrito "Notre Dame de Montserrat". Na

parte de trás, uma frase gravada em latim: Nigra sum sed formosa.

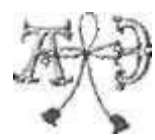
Peter reconheceu a frase. Era um verso muito polêmico dito pela noiva no Cântico dos Cânticos: "Eu sou preta, mas bela." Era importante para os que veneravam a Madona Negra em todo o mundo.

Ele abriu o cartão que acompanhava a remessa e viu que mais pistas o esperavam. Tinha uma única frase.

POR QUE VOCÊ SE TORNOU JESUÍTA?

Peter pensou um pouco naquela pergunta. Não era: "Por que você se tornou padre?" Perguntava, especificamente, por que ele se tornara jesuíta. E a Madona também era específica. Era a Madona de Montserrat, o mosteiro místico que ficava no alto das montanhas ao norte de Barcelona. Peter estivera lá

algumas vezes. Como muitos irmãos antes dele, embarcou no funicular, uma versão ampliada de um teleférico de pista de esqui, para subir a encosta íngreme do mosteiro. Aquele era um terreno sagrado para os membros da Companhia de Jesus, mais conhecida como a ordem dos jesuítas. Sagrado por muitos motivos, mas o principal deles era que o fundador da



ordem, Inácio de Loyola, descobriu sua fê exatamente naquele mosteiro e na presença daquela mesma Madona Negra.

Eu sou preta, mas bela, filhas de Jerusalém.

Assim canta a mulher sulamita no Cântico dos Cânticos. Pois ela é a noiva da primavera, representante da graça de Aserá

em forma humana. Ela compartilha seus segredos com as mulheres de Jerusalém e as recebe em seu rebanho. As que entram tornam-se sacerdotisas da tradição nazarena, a tradição oculta. Passam a ser conhecidas pelo nome sagrado de Maria. A líder dessas mulheres, a que é perfeita em sabedoria e graça, é o pilar do rebanho. Uma única mulher receberá esse título de Madalena, e todas as outras Marias servirão ao lado dela.

Negra é a cor de sua sabedoria, que foi obscurecida e escondida atrás do véu, completamente inatingível pelos não iniciados.

És um jardim trancado, minha irmã-noiva; uma fonte trancada, em uma nascente lacrada.

Minha amada é a Madona Negra, a dama oculta. No entanto, ela escolheu a melhor parte, ela é a personificação da compaixão na Terra, ela é a Consoladora. Minha noiva está

presa no jardim trancado, sua fonte de sabedoria condenada e selada pelas mentes cerradas dos homens que afastaram seus corações do Espírito Santo, da Pomba Sagrada. Só quando ela for libertada haverá paz no mundo.

Este é o apocalypsia que se aproxima, que significa mais literalmente a revelação da Noiva, quando retira o véu. Para nos salvar precisamos entender a verdadeira interpretação do apocalypsia. E temos de aceitá-lo.

É preciso retirar o véu e revelar a face da Noiva. Pois Ela é

Aserá, a amada de El, voltando no tempo em todas as suas personificações, para se unir a seu Noivo. Ela é a rainha de Sabá, ela é Maria Madalena, e é todas as mulheres que lutam pela harmonia que nasce dessa reunião: macho e fêmea, assim na terra como no céu.

Minha pomba numa fenda duma rocha

No recôndito do penhasco alcantilado,

Deixa-me ver teu rosto, deixa-me ouvir tua voz;

Pois tua voz é suave e teu rosto, formoso.

É incumbência de todos os homens que querem servir ao Senhor Deus com todo o coração, toda a consciência e toda a alma, retirar esse véu. Cabe a nós permitir que a Noiva mostre

seu belo semblante e deixar que sua voz, uma melodia de união, seja ouvida. Precisamos despertar enquanto estamos nesse corpo para tudo que existe nele. Temos de deixar que a Noiva se abra para nós, que nos receba, que compartilhe sua sabedoria perfeita através da nossa reunião.

Eu estava dormindo, desperto:

Ouçó meu querido bater!

"Abra-me, minha irmã, com pombinha minha, minha pomba, minha perfeita."

O Cântico dos Cânticos, a dádiva que recebemos de Salomão e da rainha de Sabá, é a salvação da humanidade. Contém a reunião feliz do nosso Pai e da nossa Mãe no céu, através de seus queridos filhos na terra. Contém as sementes definitivas de sabedoria e de amor.

Minha amada é minha, e eu sou dela.

Ela escolheu a melhor parte

E ninguém vai tirá-la dela.

O CÂNTICO DE SALOMÃO E DA RAINHA DE SABÁ,

D'O LIVRO DO AMOR, TAL COMO PRESERVADO NO LIBRO

ROSSO

Roma

Nos dias atuais

Já passava muito da meia-noite e a Piazza della Rotonda estava tranquila. Os vendedores ambulantes tinham empacotado sua mercadoria havia uma hora e pouco, e os turistas já tinham voltado para seus quartos de hotel. De tempos em tempos uns poucos casais de jovens passavam pela praça voltando de um jantar tardio, mas em geral tudo estava quieto a não ser pelo eterno borbulhar da fonte central. Foi ali que Maureen e Berenger sentaram ao luar. Instalaram-se nos degraus de pedra, de costas para o obelisco e de frente para o majestoso Panteão. Berenger explicou em voz baixa e com respeito:

- Qual foi a coisa mais importante que todos nós aprendemos seguindo esse caminho mágico, com Madalena nos guiando?

Ela nos ensinou muitas coisas, mas, para mim, nada é mais importante do que as lições sobre equilíbrio e harmonia. E

acredito que era isso que ela nos mostrava também, não era?

Maureen concordou com a cabeça, mas não disse nada, pois não queria interrompê-lo.

- Pense um pouco nisso. Há uma profecia que foi deixada para nós por Sara-Tamar, a filha perfeita de dois profetas perfeitos. Você conhece intimamente essa profecia, e ela moldou a sua vida. É a profecia das mulheres que virão a intervalos variados para desempenhar funções espirituais importantes, de modo a garantir que a verdade do nosso povo permaneça viva. É a lenda da Escolhida, mas também incorpora a filosofia do tempo que retorna, não é? Então, lembrando o que sabemos de harmonia, união e equilíbrio, vou lhe fazer uma pergunta. Se há uma profecia sobre uma mulher que deve vir para recuperar a harmonia, o que deve existir para equilibrar isso?

Maureen nem teve de pensar. Ela já chegara a essa conclusão quando eles ainda estavam no quarto. Só queria ouvir dos lábios dele, com a explicação dele.

- Uma profecia sobre um homem que fará a mesma coisa, que complementará o trabalho dela - respondeu Maureen. Ele sorriu e não ficou muito surpreso de ver que ela já alcançara seu raciocínio.

- Sim - disse Berenger baixinho. - E chamada de a profecia do Príncipe Poeta, e também vem da nossa pequena Sara-Tamar.

- Quer recitá-la para mim?

Ele meneou a cabeça e declamou poeticamente, deixando o tom gutural do seu sotaque escocês envolver as palavras da profecia. Maureen ficou arrepiada.

O Filho do Homem escolherá

quando o tempo retornar ao Príncipe Poeta.

Ele que é um espírito nascido da terra e da água

dentro do reino complexo do bode do mar

e da descendência dos abençoados.

Ele que fará submergir a influência de Marte

E exaltará a influência de Vênus

Para personificar a graça e não a agressão.

Ele vai inspirar os corações e mentes dos povos

Para iluminar o caminho do servir

E mostrar-lhes O Caminho.

Este é o seu legado,

Isso, e conhecer um grande amor.

Ele olhou incisivamente para Maureen quando completou o último verso da profecia e os dois entoaram o encerramento, que ultimamente se tornara muito familiar para ambos, em uníssono.

- Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

Ficaram em silêncio um minuto, e então Maureen perguntou:

- O reino do bode do mar?

- Capricórnio - explicou Berenger. - Os que conhecem pouco de astrologia pensam que Capricórnio é apenas um bode comum, mas, na verdade, ele é uma criatura mítica. O bode do mar é um espírito da terra e da água.

- Como a versão masculina de uma sereia? Que, aliás, é um dos símbolos de Aserá, e que depois se tornou o símbolo da linhagem de Jesus e Madalena?

- Correto. E a profecia é específica também a respeito de outros elementos astrológicos. Uma predominância dos planetas nos signos da terra e da água. E acredita-se que fazer submergir a influência de Marte é uma referência àquele planeta em um signo de água, especificamente o de Peixes. Assim como A Escolhida, o Príncipe Poeta precisa ter certas qualificações de nascimento e de sangue.

Maureen estava absorvendo tudo, atônita com o impacto dessa revelação. Ela disse com um

sussurro quase inaudível:

- E você tem todas.

- Tenho.

- E devo supor que, como A Escolhida, você tem alguns irmãos históricos que cumpriram essa profecia? A mensagem de Destino dizia que sua relíquia da Verdadeira Cruz pertenceu um dia ao maior Príncipe Poeta.

- Sim, e estou tentando descobrir a qual deles ele se refere. Imagino que seja Renato d'Anjou, já que, além de rei de Nápoles e de Jerusalém, também era conde da Provence. A história se refere a ele como o Bom Rei Renato, pois era o próprio príncipe dos contos de fadas e também mentor e benfeitor de Joana d'Arc. E era o pai de Margarida d'Anjou, uma Escolhida e uma mulher muito poderosa na história. Sua filha Margarida tornou-se a rainha da Inglaterra e defensora da facção Lancaster na Guerra das Rosas.

- É mesmo? Quer dizer que existiram duas mulheres que cumpriram a profecia d'A Escolhida ao mesmo tempo, Joana e Margarida? O Bom Rei Renato deve ter ficado muito ocupado.

Berenger deu uma risada.

- Demais. Outra coisa que observei foi que cada um dos homens que cumpriu a profecia do

Príncipe Poeta era cercado de mulheres muito obstinadas, mas também muito inspiradoras, mulheres que mudaram seu modo de pensar e suas vidas enquanto moldavam seus destinos.

- Então... A Escolhida e o Príncipe Poeta sempre vivem ao mesmo tempo?

- De todos os exemplos que conheço, parece que é isso que acontece sim. Mas eles têm relacionamentos diferentes. Às vezes são pai e filha, às vezes irmão e irmã, outras vezes não são da mesma família e têm uma relação de mentor e pupila. É claro que os mais lendários tendem a ser os amantes, mas não é o único esquema. Acho que é a forma de Deus nos mostrar as muitas faces que o amor divino pode assumir. Eles são da mesma família de espírito.

- O que for necessário para executar o trabalho, eu acho. Para manter a promessa?

- É. E no século XV havia mesmo muita coisa para ser feita. Foi um período da história muito poderoso, realmente uma era que personificou o conceito de que o tempo retorna. Deus não queria se arriscar nos anos 1400, ao que parece.

- Quem era o outro Príncipe Poeta naquela época?

- Lourenço de Medici, o padrinho da Renascença.

Maureen avaliou isso.

- Ele era um de nós? De verdade? Jamais teria imaginado.

- Creio que tinha de ser, já que inspirou homens como Sandro Botticelli e Michelangelo. Mas confesso que sei muito mais sobre o lado francês da família. Talvez esse Destino possa informar isso, já que parece que vamos conhecê-lo, ou encontrar alguém, no solstício de verão.

Tinham conversado sobre isso mais cedo com Peter, os três concordaram que iam viajar juntos para Chartres e que lá

encontrariam Roland e Tammy. Estando todos juntos, as chances de acontecer alguma coisa desagradável diminuía. Quanto mais gente, mais seguro era. Berenger Sinclair não deixou de notar que “Destino” estava copiando os atos dele. Dois anos antes, Berenger tinha marcado um encontro com Maureen exatamente do mesmo jeito, pedindo que ela estivesse presente numa igreja em Paris no solstício do verão. Era óbvio que Destino, fosse quem fosse, conhecia bem a história do casal. Aquilo era intrigante e desconcertante. Maureen continuou concentrada na revelação da última profecia.

- Por que não me contou isso antes?

- Porque eu estava esperando o momento certo. Mas obviamente Destino resolveu isso por mim e me forçou a abrir o jogo. Só que gostei de ele ter feito isso. Agora que você

sabe, estou aliviado. Não tenho mais nada a esconder de você. Maureen engoliu em seco,

mas as palavras que ia dizer não saíram. Ficou com os olhos cheios de lágrimas, esmeraldas cintilantes ao luar, que refletiam o mármore do Panteão. Ele segurou-lhe as mãos e as acariciou enquanto falava.

- Por isso, minha querida Escolhida... só quero que saiba que entendo tudo que você é e tudo pelo que tem passado. E

também sei o que é viver à sombra de uma profecia tão poderosa.

- Há quanto tempo sabe do Príncipe Poeta?

- A minha vida toda. Por conta disso eu era o menino dourado. Propriedade valiosa do meu avô. Por isso passei tanto tempo na França, enquanto meus irmãos ficaram na Escócia. O velho Alistair me acompanhou bem de perto até

morrer, para ver o que eu ia realizar, se eu cumpriria a sua profecia.

- Ele deve ter tido muito orgulho de você.

Berenger deu de ombros.

- Não sei se teve mesmo. Não realizei nada enquanto ele era vivo. Até hoje, ainda preciso determinar exatamente o que ele esperava de mim. Encontrar você... bem, foi a primeira vez que senti de fato que talvez tivesse capacidade de cumprir o meu destino.

Ele parou de falar para recuperar o fôlego porque foi dominado inesperadamente pela enxurrada de decepções e desejos dos últimos anos. Rapidamente se recompôs e continuou:

- Maureen, eu sei que você acha que apressei as coisas, e agora espero que entenda por que fiz isso. A verdade é que costumo ser muito cuidadoso e providente em todas as outras áreas da minha vida. Mas com você eu simplesmente não consigo. Quando olho para você e vejo o que existe nos seus olhos, vejo alguém por quem esperei, não só nesta vida, mas em outras também. Talvez por centenas de anos, talvez milhares... Mas era você que eu esperava, você e só você. Disso eu tenho certeza.

Maureen estava chorando abertamente agora. Ela respondeu com a voz embargada:

- Sinto muito. Compliquei demais as coisas, e você foi tão paciente comigo. E... acho que fiquei dormindo muito tempo. Ele segurou o queixo dela.

- É hora de despertar, minha Bela Adormecida. Minha pombinha.

Os dois ficaram mudos, não precisavam dizer mais nada. A resposta de Maureen foi chegar mais perto e aceitar os lábios dele em sua boca. No centro da praça, com a fonte de Isis fluindo atrás deles, os amantes da profecia e da escritura compartilharam o calor do nashakh, o beijo sagrado. Suas almas se fundiram com essa doce união dos hálitos. Não eram mais duas pessoas; eram uma só.

A Cidade Eterna era um lugar especialmente apropriado para aquele reencontro épico.

Na manhã seguinte, Peter levantou-se cedo para encarar o dia que tinha pela frente. Sabia o rumo de tudo aquilo, mesmo sem saber por quê. Ele ia para a igreja dedicada a Santo Inácio, a poucas centenas de metros do hotel em que Maureen estava hospedada. Ele tinha a estranha sensação de que encontraria algumas respostas por lá.

Peter passou a maior parte da noite sem dormir, pesquisando Montserrat e, especificamente, a Madona Negra. O que descobriu foi desconcertante. E refletiu que era interessante, muitas vezes chocante, que as informações que se têm há anos de repente assumam um significado bem diferente com base numa mudança de ponto de vista. Porque, apesar de se lembrar de alguns detalhes sobre Montserrat, no passado não provocariam o mesmo impacto que tinham causado essa noite.

Montserrat, como Chartres, era local de veneração muito antes do advento do cristianismo, reconhecido pelos povos antigos como um lugar com poder natural extraordinário. Desde a época dos primeiros cristãos, já era reduto religioso dedicado a Maria, e o mosteiro atual era chamado de mosteiro de Santa Maria. O que Peter achou desconcertante foi que havia lendas poderosas que indicavam que Maria tinha operado grandes milagres ali. Examinando com atenção os primórdios da história e do folclore cristão, ele não encontrou nenhuma referência à ida da mãe de Jesus para a Espanha. Mas havia muitas lendas que associavam Maria Madalena àquela região. Era a fronteira sul do país herético e tinha sido assim por dois mil anos. Para Peter havia apenas uma conclusão. Os milagres registrados com tanta convicção ali foram executados por Maria Madalena. Aquele era o lugar dela, o seu mosteiro, e era dela a imagem esculpida na madeira escura.

Na Idade Média, o mosteiro ficou conhecido como centro de aprendizado, além de um sofisticado centro cultural, visitado pela realeza e pela aristocracia. Famílias nobres do mais alto escalão de toda a França e da Itália enviavam os filhos para estudar lá. Peter encontrou registros nos arquivos e leu os nomes das famílias, uma espécie de "quem é quem" em termos de fortunas e privilegiados da Europa, mas também em termos de laços de famílias hereges. Aprendera a reconhecer seus sobrenomes nos últimos anos, quando passara a estudar aquele assunto sem interrupção.

Montserrat era chamada por muitos de monte do Graal, e havia teorias que diziam que o castelo do Graal da lenda de Percival tinha existido ali, no meio daqueles picos escarpados, no passado. A ligação com o Graal e a idéia de que o

"recipiente que continha o sangue de Cristo" era uma alegoria à mulher e aos filhos do Senhor deram mais credibilidade à

possibilidade de Montserrat ser um local sagrado para os descendentes de Maria Madalena e seus ensinamentos. Os ensinamentos dos dois. Como se não bastasse isso, Montserrat era famoso por ter um livro vermelho. Nesse caso, o que chamavam de Llibre vermell era um livro com cantos sagrados escrito em 1399 e encadernado meticulosamente com veludo vermelho alguns séculos depois, como proteção. Mas, como tantas lendas, foi pré-datado por histórias mais antigas de um livro misterioso e secreto que estava escondido no mosteiro e que só era do conhecimento dos iniciados mais graduados.

Reinando acima de todo esse mistério estava a antiga escultura da Madona de Montserrat.

Era chamada de "La Moreneta" pelos habitantes do lugar, apelido que significava

"a pequena morena". Registros oficiais afirmavam que tinha sido feita no século XII, mas a lenda na Catalunha dizia que aquela pequena, mas poderosa imagem de Notre Dame fora criada em Jerusalém, no século I, por São Lucas ou por Nicodemos. A mesma mitologia indicava que todo o mosteiro fora construído em torno daquela estátua quando ela foi descoberta, já que ninguém conseguia tirá-la dali. Como a escultura predileta de Matilda, o Volto Santo, a Madona de Montserrat tinha escolhido o lugar onde queria ficar e resistia firmemente a qualquer mudança.

Peter encontrou mais uma semelhança estranha do Santo Rosto em Lucca com a Madona em Montserrat. Essas duas obras de arte representavam um padrão interessante que ele estava explorando secretamente na Igreja. Ali estavam duas esculturas, ambas artisticamente belas, com associações lendárias muito fortes ao século I. No entanto, nos dois casos, a Igreja afirmava enfaticamente que nenhuma era original. Declaravam que as duas peças eram cópias da Idade Média. Seria fácil entender isso, se fosse verdade. O que Peter achou fascinante foi que havia mais informações para fundamentar que aquelas duas obras eram originais possivelmente do século I do que "provas" de que se tratava de cópias. Em sua opinião, a defesa de que as duas eram originais era um pouco mais consistente. O Volto Santo, por exemplo, foi considerado original e autêntico na época de Matilda. Se a escultura atual era uma falsificação medieval, o que tinha acontecido com a original? E por que não houve nenhum protesto diante da sua remoção de Lucca, se foi esse o caso?

Por que nada na história indica que o Santo Rosto foi tirado do lugar escolhido por Deus

para permanecer por toda a eternidade? Peter acreditava que isso ocorria porque o original nunca saiu de lá. O Volto Santo que estava hoje em Lucca era, realmente, o original esculpido por Nicodemos. E

ele já começava a pensar que o mesmo acontecia com a Madona em Montserrat.

Mas por quê? Por que a Igreja não queria que os fiéis soubessem que essas obras eram autênticas? Esse conhecimento só as tornaria mais valiosas, mas parecia existir um esforço concentrado em convencer o público de que muitos desses objetos de arte sagrados do século I eram falsificados, e que todos os originais tinham simplesmente desaparecido na névoa do tempo. Ele ainda não entendia, mas ia estudar isso. Será que o mesmo se dava com o Sudário de Turim? Será que a Igreja, por algum motivo que ele ainda não tinha atinado, quer que acreditemos que o Santo Sudário era falso, sabendo que era urna relíquia sagrada com imenso poder? Quais eram a dimensão e o alcance dessa questão?

Peter visitara recentemente a igreja da Escada Santa perto do palácio Late-rano. Tinha o nome da escada que a santificada imperadora Helena levou para Roma, os vinte e oito degraus de mármore branco que Jesus subiu a caminho do julgamento diante de Pôncio Pilatos. Peter subira aqueles degraus de joelhos, como fazem os fiéis, para ver o tesouro que o aguardava no topo. Era o quadro lendário que retratava Nosso Senhor, instalado num cofre, atribuído a São Lucas, mas muitas vezes chamado de Acheiropoieton, que quer dizer

"não foi feito por mãos humanas". Como o Volto Santo, acreditava-se que anjos guiaram a mão do artista que criou a face de Jesus para que ficasse perfeita.

O último papa que exibiu essa pintura para o público, antes de sua recente restauração, foi Leão X, o filho do padrinho da Renascença, Lourenço de Medici. Depois da morte do papa Leão X, o quadro permaneceu desaparecido por séculos. Quando surgiu novamente para ser exposto ao público, partes da obra tinham sido cobertas permanentemente com prata e pedras preciosas, como se quisessem esconder detalhes na pintura original. Na verdade, a maior parte da obra fora obliterada por esses adornos papais adicionados, ficando apenas a face de Jesus inteiramente visível. Haveria algum elemento naquela pintura original de Nosso Senhor que a Igreja não queria que víssemos? Se não, por que alguém se daria o trabalho de adulterar objeto tão sagrado? Será que declaravam que era uma cópia feita por um artista desconhecido e que não tinha muito valor porque não queriam que os fiéis fizessem perguntas? Peter desprezou essa idéia. Com a experiência que tinha como padre, sabia que os fiéis raramente faziam perguntas para a hierarquia religiosa, nem quando eram tremendamente necessárias. Se os paroquianos fizessem mais perguntas, se exigissem mais respostas, a Igreja talvez não tivesse afundado em escândalo no início do século XXI.

Essa pintura ficou à mostra sob o mais rigoroso esquema de segurança de Roma. Peter estivera em praticamente todas as igrejas da cidade e nunca viu segurança como aquela em torno de nenhuma outra obra de arte. Essa pintura de Jesus ficava distante do observador pelo menos três metros e meio, atrás de grossas paredes de vidro à prova de balas e do que parecia ser uma rede impenetrável de barras de ferro. Mas a Igreja declarava que aquele quadro era apenas uma cópia do original, pintado por um artista anônimo na Idade Média. Seria mesmo? Então para que a proteção cerrada de ferro? O

diamante Hope não tinha segurança como aquela. Nem nenhuma das outras relíquias em

Roma, que diziam ser autênticas e de valor incalculável, era guardada daquele jeito. Peter achava a coisa toda muito confusa, mas, ao fazer uma lista das obras de arte que acreditava serem autênticas e que a Igreja afirmava não serem, encontrou a ponta de um fio que as ligava umas às outras. Todas eram associadas a um dos primeiros membros da Ordem do Santo Sepulcro, Lucas ou Nicodemos, ou aos dois. Será que ele podia chegar à conclusão subsequente de que cada uma dessas obras tinha tido contato com O livro do amor??

Peter atravessou o Tibre com esse pensamento na cabeça e foi para o bairro de Roma que tinha duas igrejas importantes para a ordem dos jesuítas. A Gesu, maior e mais conhecida, tinha sido o quartel-general oficial do superior da ordem jesuíta por centenas de anos. Dizem que Michelangelo ficou tão impressionado com o poder e a pureza da conversão de Loyola que se ofereceu para projetar essa igreja, o Santo Nome de Jesus, de graça. Agora, sabendo o que eles fizeram em relação à linhagem de Michelangelo, Peter ficou imaginando se não havia alguma ligação maior entre o grande artista e Inácio de Loyola... uma ligação que envolvesse de alguma forma O livro do amor.

A Gesù foi imaginada na época em que viveram o santo e o escultor, mas a construção só começou depois que os dois já

tinham morrido. Peter passou pela frente da igreja e fez o sinal da cruz, mas continuou andando em direção à igreja menor, a Santo Inácio. Aos olhos de Peter, essa era a igreja do jesuíta trabalhador, como antes tinha sido o centro oficial de adoração da Universidade Romana, também conhecida como Pontifícia Universidade Gregoriana. Uma das universidades mais antigas do mundo, acreditava-se que recebera o nome do papa Gregório

XIII, o benfeitor inicial da sua construção. Mas Peter ficou intrigado com outra ideia que acabava de ter. Um superior lhe contara uma história de que a universidade se chamava gregoriana também em deferência a Gregório VII, o grande reformador da Igreja. O Gregório de Matilda. Ele entrou na Santo Inácio sem saber ao certo o que estava procurando, mas com a fé de que o que quer que fosse seria encontrado ali, naquele lugar. Ficou perto de um dos detalhes que tornava aquela igreja única, o disco dourado no chão que marcava o local exato de onde se via o que parecia ser uma linda cúpula coberta de afrescos elaborados. Essa abóbada, no entanto, era uma ilusão de ótica. Fora pintada por um brilhante artesão barroco, o irmão jesuíta Andrea Pozzo, usando uma técnica perfeita de trompe l'oeil. A lenda dizia que os vizinhos em Roma não queriam que construíssem ali um domo porque bloquearia o sol da tarde, e os irmãos tiveram de criar, então, um falso domo. Em vez de ficarem irritados com a restrição, os jesuítas consideraram aquilo um desafio artístico e criaram algo realmente memorável. Quem pisasse no disco de ouro e olhasse para cima não diria que a cúpula era uma ilusão gerada por uma técnica de pintura inigualável.

- A igreja é cheia de ilusões grandiosas, não é mesmo?

Peter deu um pulo com a voz às suas costas, virou-se rapidamente e viu quem tinha feito a mesma observação que passava pela sua cabeça nos últimos dois anos. Parado atrás dele estava o cardeal Barberini, seu irmão no conselho de Arques. Barberini encostou o dedo nos lábios e puxou Peter para sentar num dos bancos.

Peter perguntou simplesmente:

- Você é Destino?

Barberini sorriu.

- Não, não. Não chegou nem perto.

Peter pensou um pouco antes de fazer outra pergunta.

- Destino é um jesuíta?

Barberini balançou a cabeça.

- Destino é muitas coisas. Não se encaixa em nenhuma categoria que você conheça. Ainda. Mas isso fica para depois. No momento, vim aqui para dizer por que você se tornou jesuíta, outro motivo além dos que você acha que já conhece. Peter se viu numa situação bem estranha. Ali estava um membro do alto escalão da Igreja que obviamente o seguira. Barberini possuía informações confidenciais sobre assuntos muito secretos e sérios, e evidentemente era uma quantidade grande de assuntos, mas continuava sendo uma espécie de enigma. O cardeal DeCaro, em quem ele implicitamente confiava, tinha apresentado Barberini como um aliado, no entanto aquele comportamento clandestino era estranho. E desnecessário. Ou será que não? E se a casa e o escritório de Peter estivessem sendo vigiados? Ele sempre suspeitou disso, mas aquela seria uma confirmação em potencial. DeCaro estaria sendo vigiado também? As facções mais conservadoras do Vaticano

travavam um conflito aberto com a linha progressista de Tomas, especialmente em relação ao material de Madalena, mas será que havia alguma coisa mais profunda acontecendo ali?

Barberini devia estar lendo os pensamentos de Peter, porque disse em seguida:

- Você terá de simplesmente confiar em mim, até eu poder contar mais, meu rapaz. Por enquanto, vim conversar sobre o nosso fundador. O grande e santíssimo Santo Inácio de Loyola.

A reação instintiva de Peter à pergunta "Por que você se tornou jesuíta?" tinha sido uma palavra: conhecimento. Os jesuítas sempre foram os grandes educadores e instruídos, e a paixão pessoal dele era estudar a história da religião e da espiritualidade, e das línguas e da sabedoria antigas. Ele vivia para ensinar, e sentia uma falta terrível da sua verdadeira vocação quando foi chamado à Roma para participar do comitê Madalena. Inácio de Loyola era o fundador da universidade dali, era um pilar da educação, tanto religiosa como humanista. E Peter conhecia bem sua biografia, como todos os bons padres jesuítas. Loyola era de uma família basca do Norte da Espanha, onde nasceu na véspera do Natal de 1491, o caçula de treze filhos. Era da classe baixa da nobreza, mas dotado de recursos suficientes para ter uma boa vida quando jovem. Foi uma espécie de playboy e jogador na juventude, e tornou-se oficial do exército aos trinta anos de idade.

Em Pamplona, Inácio foi atingido por uma bala de canhão na batalha para salvar o território do cerco dos franceses. Teve fratura em uma perna e ferimento na outra com a pancada. A perna fraturada calcificou tão mal que teve de ser quebrada novamente e posta no lugar,

tudo isso feito sem anestesia. Loyola sarou, mas a perna ficou mais curta do que a outra e ele passou a mancar seriamente o resto da vida. Essa deficiência física inspirou um novo interesse em conquistas intelectuais, de muita leitura, para ter mais conhecimento do que os outros. Enquanto se recuperava, ele leu todos os livros disponíveis no castelo em Loyola. Eram todos religiosos. Há um certo mistério sobre Inácio nesse tempo que passou em Loyola. Quem fornecia os livros e o que ele lia, especificamente? Contam boatos que nesse período ele se apaixonou perdidamente por uma mulher misteriosa, uma mulher de cabelo ruivo e sangue real que cuidava dele carinhosamente e que representou um impacto enorme para ele em sua demorada convalescença. Quando pôde andar e viajar, em março de 1522, ele era um homem completamente novo, alimentado por uma intensidade espiritual febril. A primeira coisa que fez, já reabilitado foi uma peregrinação ao mosteiro de Santa Maria de Montserrat, no alto das montanhas ao norte de Barcelona. Dizem que, obedecendo às regras do cavalheirismo em relação à Nossa Senhora, ele se ajoelhou em vigília noturna diante do altar da Madona Negra. Alguns relatos contam que ele fez isso três noites seguidas em homenagem à trindade. No fim dessa vigília depositou todas as suas armas no altar diante da Madona e pediu para se tornar um novo guerreiro do Caminho dela.

Barberini interrompeu os pensamentos de Peter com uma pergunta repentina:

- Quando Loyola foi para Montserrat?
- Em março de 1522.
- Correto. Que dia de março?

- No Dia da Festa da Anunciação. Vinte e cinco de março.

- Errado.

Peter ficou atônito. Todo jesuíta conhecia aquela data. Barberini concordou com isso e continuou:

- Ele fez seu pedido para Notre Dame no dia 25 de março, isso é verdade. Mas só depois de três dias orando e meditando. Ele chegou numa data específica por um motivo específico. Peter respondeu, tentando organizar na cabeça tudo que estava acontecendo.

- Vinte e dois de março.

Barberini concordou.

- Mas por quê?

Teoricamente Peter compreendia que essa data tinha importância herética em relação a nascimentos e profecias. Mas não sabia bem qual era a ligação específica. Barberini sugeriu.

- Você sabe de alguma coisa, talvez um documento polêmico e de valor incalculável, que pode ter sido levada para o mosteiro de Montserrat?

Foi como uma pancada na cabeça para Peter. Montserrat era o último lugar conhecido em

que tinha ficado o manuscrito d'O

livro do amor, o documento que foi escrito pelo Senhor e levado para a Europa por sua amada mulher... sua amada Maria Madalena, retratada na imagem de Montserrat, com o filho dos dois no colo. Peter sabia disso, mas não tinha associado O livro do amor a Loyola antes. Supunha que essa associação com Montserrat fosse... uma coincidência. Devia ter pensado nisso, mas como poderia pôr essas duas ideias potencialmente conflitantes num mesmo lugar?

Peter meneou a cabeça indicando que entendia, e Barberini continuou:

- O último massacre da fortaleza catara em Montségur aconteceu no dia 16 de março de 1244. Os quatro sobreviventes levaram seis dias para chegar a Montserrat em segurança. O dia 22 de março é o aniversário da chegada do Evangelho de Jesus Cristo ao mosteiro. Não foi por acaso que a vigília de Loyola e sua doutrinação começaram naquela noite.

Peter fez a pergunta seguinte bem devagar e com cuidado:

- O que está querendo dizer? Que Loyola era um herege? Que ele fundou a nossa ordem por motivos completamente diferentes, que ninguém compreendeu? Que ele... teve acesso a O livro do amor?

- Ele batizou a ordem de Companhia de Jesus, não foi? Claro que isso poderia significar qualquer coisa, mas seria um pouco sem imaginação pensar em outro motivo, não seria?

Para você, Loyola parece ser um homem que criaria uma ordem religiosa nova e revolucionária e depois daria um nome a ela que não representasse perfeitamente o que ele defendia? Mas se ele operava a partir dos ensinamentos que vinham direto de Jesus e não de outras fontes, bem... isso faria sentido, não é? E não se esqueça nunca dessas palavras que foram imortalizadas nos escritos do seu melhor amigo, Luis Gonçalves da Câmara. Ele disse: "Inácio sempre teve uma inclinação para o amor. Mais do que isso, parecia personificar todo o amor e por causa disso era amado universalmente por todos. Não havia ninguém na Companhia que não sentisse um grande amor por ele e que não se considerasse muito amado por ele." Estranhamente, a Igreja não preservou esse retrato do nosso Loyola, não é verdade?

Peter ficou chocado. A visão tradicional do caráter de Loyola era que ele fora um homem sério, muito rígido e taciturno. Podia ter sido brilhante e dedicado, mas amoroso não era o primeiro adjetivo que vinha à cabeça quando se estudava sua biografia. Lembrar que a pessoa mais próxima que escreveu sobre Inácio de Loyola queria preservar o quanto ele prezava o amor, que "ele parecia personificar todo o amor", era uma revelação.

- Então quer dizer que Loyola teve acesso a O livro do amor?

Ele ficou em Montserrat até 1522?

Isso seria obviamente uma informação muito valiosa, já que todas as outras referências sobre o documento original desapareceram depois de 1244.

Barberini inclinou-se para dar um tapinha no ombro de Peter e, então, usou-o como apoio para se levantar.

- Meus ossos doem por causa da caminhada desde o outro lado do rio, meu rapaz. Então por enquanto temos de encerrar essa conversa, mas estou muito feliz de ter falado com você. Ah, e mais uma coisa...

Peter ajudou Barberini a erguer seu corpo idoso e gorducho do banco, quando o homem lançou a última bomba.

- O comitê vai fazer um pronunciamento sobre o material de Madalena. Será na semana que vem. Mas você precisa ir para a França com sua prima nesse meio-tempo, por isso Tomas e eu vamos mantê-lo informado à medida que surgirem novidades.

"Eles vão autenticar o Evangelho de Arques e liberá-lo para o público, pelo menos foi o que me disseram. Maureen será

justificada se isso acontecer. E você também, meu rapaz. Mas o que é mais importante... é que a história da Nossa Senhora será finalmente contada e será contada na íntegra, toda a verdade. Deus queira que seja assim."

Peter ficou observando o cardeal sair lentamente da igreja e murmurou as palavras de despedida de Barberini.

- Deus queira que seja assim.

CAPÍTULO DEZENOVE

Chartres, França,

Dias atuais

catedral de Chartres pode ser vista a mais de trinta e três Aquilômetros de distância, pois fica no alto da colina sagrada, com seus espigões assimétricos de ambos os lados do portal ocidental despontando sobre a planície de La Beauce. Maureen, Peter e Berenger observaram como era bela ao chegar em um carro com motorista na manhã de 20 de junho. Berenger tinha providenciado para apanhá-los no Aeroporto de Orly na periferia de Paris.

Maureen foi a primeira a comentar o poder do lugar, pois sentiu nos ossos quando ainda estavam a quilômetros de lá. Havia mesmo uma mágica que irradiava da catedral. Os dois homens que a acompanhavam tinham estado ali antes e a experiência deles não fora inusitada como a dela. Maureen passou as mãos nos braços arrepiados.

Registraram-se no charmoso hotel diante da praça principal e partiram para a curta caminhada pela ladeira que ia dar na catedral. O objetivo deles era observar a configuração do terreno, determinar onde ficava, exatamente, a janela 10 e dar uma espiada no labirinto. Tammy e Roland estavam indo de carro do Languedoc para lá para encontrá-los.

Maureen prendeu a respiração quando se viu na frente da catedral pela primeira vez. Era a construção mais majestosa que tinha visto. Insistiu em dar a volta completa na igreja antes de entrar, para apreciar a enormidade do lugar e a extraordinária ornamentação que cobria praticamente cada centímetro das paredes externas com baixos-relevos elaborados e estátuas. Era de tirar o fôlego. Aquele era um monumento de beleza inigualável, um testamento do poder e da graça da realização humana, nascida do coração e do espírito. Berenger Sinclair agiu como guia improvisado, pois conhecia bastante a natureza esotérica de Chartres, de pesquisa e leituras. Ele levou Peter e Maureen para dar a volta pela esquerda da catedral, para o lado norte, chamado de Pórtico dos Iniciados, e mostrou-lhes algumas das estátuas mais famosas, as dos patriarcas. Mas não foram as esculturas de Moisés, Abraão e Davi que atraíram a atenção de Maureen. A primeira coisa que ela notou foi que aquela igreja estava coberta de imagens de mulheres. Algumas eram óbvias. Lá

estavam Judite, a heroína do Antigo Testamento que salva seu povo, Mãe Maria na anunciação e com sua prima Elisabete na visitação, e havia a sequência da rainha de Sabá indo ao encontro de Salomão, todas coroadas com uma escultura elaborada do Templo original. Outras não eram tão fáceis de identificar, mas havia sequências com mulheres que cobriam grande parte da fachada setentrional. Berenger explicou:

- Há algumas centenas de imagens de mulheres nesta igreja e mais de cento e setenta são consideradas da Grande Maria, Mãe Maria. Nenhuma outra igreja no mundo tem tantas imagens de mulheres. Nenhuma sequer chega perto.

Maureen ficou hipnotizada com tudo que via, mas parou para admirar a magnífica escultura

de uma mulher que estava num pilar externo de um arco na extrema direita da porta. Era jovem, bela e segurava um livro em uma das mãos, e a outra mão, apesar de danificada por oitocentos anos de intempéries e guerras, parecia erguida para dar a bênção.

Berenger sorriu para Maureen.

- Eu sabia que você ia adorar essa. Eu também adoro. Das mais de mil imagens nesta catedral, fiquei obcecado com essa desde a primeira vez que vim para cá. E agora que conhecemos tão bem a história de Matilda, estou começando a entender por que essa senhora em particular sempre foi tão especial para mim. Maureen, apresento-lhe Modesta. Ela é o espírito padroeiro deste lugar.

Os olhos de Maureen se encheram de lágrimas de repente, à

menção do nome de Matilda. Sabia que seu coração e seu espírito estavam irremediavelmente ligados à sua condessa de Toscana, para sempre.

- A história de Modesta é trágica, mas importante - disse Berenger, apontando para a santa.

- Claro que é.

Maureen ficou embaixo da estátua de Modesta, cujos pés batiam acima da cabeça dela.

O rosto de Modesta era belo e sereno. O cabelo comprido fluía embaixo do véu. O livro na

mão esquerda era lindamente encadernado.

- Estou notando que muitas dessas figuras estão segurando livros - comentou Maureen.

- Tradicionalmente isso representa o Verbo. As escrituras. Os evangelhos. É comum na arte cristã - explicou Peter. Maureen procurava não ficar irritada quando Peter lhe dava explicações típicas e óbvias, recitadas automaticamente do ponto de vista entrincheirado de padre. Claro que ela sabia qual era o simbolismo limitado dos livros. Também sabia que era necessário ver todas essas obras de arte com novos olhos, já que tinham novas informações sobre elas. Poderia haver outro motivo para aqueles personagens, especialmente tantas mulheres, segurarem livros? Podia ser um livro diferente, referência específica a O livro do amor? Ela rolou os olhos nas órbitas para Peter e se virou para Berenger.

- Conte-me o que sabe sobre Modesta.

- A lenda popular nos guias turísticos diz que ela era a filha virgem de um governador romano muito cruel e intolerante chamado Quirino, que foi enviado para Chartres para sufocar o culto próspero do cristianismo. Mas tudo indica que Modesta era uma jovem amorosa que ficava horrorizada com a perseguição imposta aos cristãos e que começou a ajudá-los. Por exemplo, ela avisava quando seu pai ia invadir os locais secretos de adoração, e um deles era aqui onde está a catedral agora. Dizem que nessa época Modesta se apaixonou por um jovem chamado Potentian, que a converteu inteiramente ao cristianismo. Quando o governador Quirino descobriu que a filha tinha se convertido e que

o traía junto à sua irmandade cristã, mandou que a torturassem publicamente, como exemplo da política de tolerância zero. Nem a própria filha do governador estava a salvo do poder de Roma. Ela foi decapitada e o corpo jogado num poço profundo, que fica aqui na cripta, e é por isso que muitos a chamam de espírito guardião deste lugar. E contam que ela pode ser ouvida na cripta, sussurrando segredos das profundezas para os que têm ouvidos para ouvir.

Maureen estremeceu com a história e logo teve a sensação de que havia mais na biografia de Modesta do que estava aprendendo naquele momento. Berenger notou.

- O que foi?

Maureen olhou de novo para a escultura da mulher serena e linda segurando seu livro. Balançou a cabeça lentamente.

- Tem mais. Por mais importante e trágica que seja essa história, não é tudo. Não sei como, mas eu sei.

Ela estava concentrada na menção da cripta e do poço. Talvez, se pudesse entrar, Modesta lhe sussurrasse segredos.

-

Podemos entrar na cripta? Berenger sacudiu a cabeça.

- Infelizmente, não.

Não é aberta ao público, só uma vez por dia, uma excursão com guia, em francês, às onze da manhã. Eu nunca entendi por que a Igreja não quer que os cidadãos comuns entrem na cripta. O poço está coberto, então não pode ser por motivo de segurança. A Madona Negra que fica exposta na cripta, Nossa Senhora sob a Terra, é uma cópia da que foi queimada na Revolução, de modo que não é para proteger nenhuma relíquia antiga. Ainda assim, a cripta é inacessível para o público em geral.

Continuaram a explorar o lado de fora, e Maureen perdeu a conta de todas as figuras femininas nas paredes da igreja. Ela notou que Sant'Ana, avó de Jesus, também era bem representada e em destaque. Ocupava um lugar de poder no grandioso Pórtico dos Iniciados. Maureen deu a volta por trás da igreja, passou pela entrada sul, cujas portas estavam trancadas com cadeado, e descobriu que a figura principal e central era uma bela estátua do século XIII de Cristo, obra conhecida como Cristo, o Mestre. Na mão esquerda segurava um livro bonito e enfeitado. Maureen olhou para Peter, mas não disse nada. Era engraçado Cristo ser tantas vezes retratado segurando livros, e a Igreja insistir em que jamais escreveu um.

Maureen se ocupou de gravar bem os elementos que tinham algum significado esotérico. Havia estátuas dos apóstolos sobre belas colunas espiraladas. Por ter lido tudo que lhe caía nas mãos sobre Salomão e a rainha de Sabá, Maureen aprendera que o rei sábio tinha criado as primeiras colunas espiraladas para decorar o próprio templo lendário, e que tais detalhes arquitetônicos eram prova da sua genialidade. Também daquele lado da catedral, na

arquivolta sobre o portal, estavam os signos do zodíaco, em ordem cronológica. Maureen suspirou ao vê-los. Era frustrante tentar entender os detalhes de Chartres em tão pouco tempo. Precisaria de anos, literalmente, para ver e apreciar cada detalhe do exterior daquele lugar, de tão enorme que era e de tão grandiosa que era a arte que cobria a igreja. Maureen observou, sem se dirigir a ninguém especialmente.

- Acho que a maior galeria de arte do mundo está aqui ao ar livre para todos verem, há oitocentos anos.

Completaram a volta, chegaram de novo à frente da catedral. Aquela era a entrada ocidental, chamada de Pórtico Real. Nos degraus, havia alguns homens que pareciam mendigos, segurando conchas, pedindo esmolas. Um estava no topo da escada, cantando em francês. Outro estava todo encolhido junto à porta, muito abatido. Berenger pôs duas notas de euro discretamente nas duas conchas quando passou por eles. Maureen viu e também deu sua contribuição. O homem que cantava tirou uma flor-do-campo do bolso e deu para ela, piscando.

Berenger e Maureen pararam, Peter logo atrás deles, para examinar as estátuas que ficavam à direita da porta ocidental. Seria coincidência que as portas principais de entrada da catedral de Chartres tivessem estátuas do rei Salomão e da rainha de Sabá? Os amantes épicos estavam muito bem representados ali.

Os três entraram no nártex pelas portas imensas e foram imediatamente para a loja de lembranças à esquerda para comprar um mapa da catedral e poder identificar a janela 10

entre os vitrais. A loja era cheia de livros, fotos das esculturas e dos vitrais, mas a superestrela da catedral de Chartres era a Madona Azul, a obra-prima em vitral do século XII, chamada de Nossa Senhora do Belo Vitral. Ela aparecia em cartazes, cartões e marcadores de livros. Apesar daquela onipresença na lojinha turística, não perdia sua grandiosidade. Havia uma intensidade e um poder na imagem, uma pureza na arte, que transcendia o comércio.

Maureen não condenava a catedral por comercializar as imagens. O fato de aquele monumento de amor a Deus ser acessível ao público todos os dias, sem nada cobrar, era uma dádiva para o mundo. Se vender cartões-postais e cartazes das obras de arte ajudava a mantê-la e preservá-la, melhor ainda. Os três fizeram suas doações para os cofres, comprando guias de visita e mapas. Peter foi procurar a janela 10 e deixou Berenger e Maureen sozinhos na entrada de um dos maiores templos da história da humanidade.

Maureen respirou fundo e entrou na nave daquela que era a mais grandiosa catedral do mundo. A imensidão era mesmo de tirar o fôlego, mas havia uma linda e estranha familiaridade no ar. As abóbadas altíssimas e as centenas de toneladas de pedra deviam ser totalmente avassaladoras, mas a atmosfera em toda Chartres era convidativa e aconchegante. E também era completamente... sagrada. Essa foi a única palavra em que Maureen conseguiu pensar quando se deixou assombrar pelas cores dos vitrais que ocupavam as paredes da nave em dois andares, um sobre o outro. Ela leu no guia que Napoleão comentou, na primeira vez que entrou naquela catedral: "Chartres não é lugar para um ateu!" Não era mesmo.

- Olhe para trás - disse Berenger. - E para cima. Maureen suspirou com a beleza da vista. O enorme vitral de rosácea no lado oeste e as três janelas em arco pontiagudo embaixo dela, criadas originalmente no século XII, junto com a ubíqua Madona Azul, faiscavam ao sol da tarde. Eram os vitrais originais mais antigos de Chartres e também especiais. O trabalho em vidro de toda a igreja era magnífico, mas aqueles vitrais especificamente pré-datavam os outros em quase um século. A graciosidade e as cores eram inigualáveis a qualquer coisa que Maureen tivesse visto em outra igreja. As rosáceas de Notre Dame de Paris eram maravilhosas e grandiosas, mas acontecia uma coisa ali em Chartres que era excepcional. As três janelas em arco com ponta sob a rosácea irradiavam a mesma essência poderosa.

Berenger explicou em voz baixa:

- É o azul. Jamais conseguiram copiar em nenhuma outra igreja, no mundo inteiro. E chamado de azul de Chartres porque é exclusivo, só existe aqui. Ninguém jamais conseguiu determinar exatamente o que os vidreiros usaram quando criaram esses vitrais. A outra janela desse mesmo período foi restaurada recentemente. E a Madona Azul. Ela está lá... Berenger não completou a frase pois viu a expressão incrédula de Maureen. Ele entendeu logo e meneou a cabeça solenemente. Admirando as janelas em cima da porta, eles foram andando pelo meio de algumas filas de cadeiras soltas. Maureen olhou para o chão e viu que estavam bem no meio do labirinto, aquele símbolo sagrado criado pela combinação de sabedoria e fé extraordinárias de Jesus e de Salomão. O símbolo sagrado que tinham escondido e danificado completamente, cobrindo com as cadeiras.

Maureen sentou depressa, achando que ia vomitar. De repente ficou tonta, completamente

tonta.

- Você está bem?

Ela fez que sim com a cabeça, mas os seus olhos estavam cheios de lágrimas. Não estava preparada para o impacto de ver o labirinto coberto de cadeiras. Sabia que devia esperar aquilo, mas não tinha base de referência para o sentimento que ia provocar, a raiva, a indignação. E disse simplesmente:

- Como puderam fazer isso?

Berenger não tinha resposta. Passara a maior parte de sua vida agitada repetindo aquela pergunta inúmeras vezes. Peter se aproximou dos dois, acenando com o guia de visita. Parou ao ver a expressão de Maureen e balançou a cabeça.

- Eu sei - ele disse. - É estranho, mas sempre me senti assim em relação ao posicionamento das cadeiras sobre o labirinto, antes mesmo de saber exatamente o que era e por que tinha tanta importância. Mas tenho uma boa notícia para compensar. Encontrei a janela número 10.

Maureen se levantou para ir com ele, aliviada de se afastar da tragédia da desgraça do labirinto. Peter levou-os para o transepto meridional e apontou para a primeira janela à direita. Era dedicada a um santo italiano, o primeiro bispo de Ravenna, Santo Apolinário.

- Ele era discípulo de São Pedro, atribuíram a ele alguns milagres, que estão descritos aqui nos vitrais. Mas acho que o que nos interessa aqui não é esse santo especificamente - explicou ele. - É o buraco circular que tem na janela, bem lá em cima.

Um círculo de luz branca brilhava através das cores mais escuras do vitral em um buraco que parecia ter sido feito de propósito na borda direita. Peter apontou para o chão a poucos metros de onde eles estavam.

- Estão vendo aquela laje lá no chão? A que está torta em relação ao resto? Berenger viu.

- A cor é diferente, mais clara que as outras. E obviamente foi encaixada de outro jeito. De propósito para se destacar. - Ele foi até lá e passou a mão na pedra sorrindo. - E olhem para isso, há um prego grande de bronze preso na pedra. Tem um X marcando o lugar.

- O que isso quer dizer? - Maureen não estava acompanhando o raciocínio dele.

Berenger explicou:

- Lembra quando nos vimos pela primeira vez em SaintSulpice?

A pergunta era retórica. O dia em que se conheceram mudou para sempre a vida deles, e nenhum dos dois jamais esqueceria. Mas aquele encontro também tinha sido arranjado para

acontecer especificamente no solstício de verão, dia 21

de junho, porque Berenger queria demonstrar para Maureen toda a precisão dos construtores da igreja de Saint-Sulpice. Aqueles arquitetos tinham marcado o solstício com uma linha de bronze incrustada no chão. Ao meio-dia, no solstício, o sol entrava pelas janelas e iluminava o bronze.

- Um evento similar ocorre aqui. Ao meio-dia de amanhã, o sol vai entrar por aquele buraco na janela e iluminar exatamente aquele prego de bronze na pedra de lado, marcando o ponto alto do dia mais longo do ano.

Agora Maureen estava compreendendo.

- Então se trata de uma celebração da luz, a marca do momento de luz do sol mais forte de todo o calendário.

- Iluminação - disse Peter baixinho, fazendo com que Berenger e Maureen virassem para trás e olhassem para ele. Havia uma revelação profunda naquela palavra simples.

- É a comemoração da iluminação que pode acontecer neste lugar sagrado. Os três ficaram ali parados um tempo, admirando em silêncio os arquitetos,

pedreiros e astrônomos que deviam ter trabalhado com harmonia extraordinária para criar aquela anomalia, mais de oitocentos anos atrás.

- A orquestração de tal coisa é fenomenal - observou Maureen. - Tudo que existe nesta catedral deve ter sido criado intencionalmente. Nada aqui é por acaso. Nada. Posso sentir isso nos meus ossos. É gritante em cada centímetro desse extraordinário lugar sagrado.

Sentaram nos bancos ao lado da janela 10, de frente para a rosácea do norte e os arcos pontiagudos embaixo. A figura central era uma enorme imagem de SantAna, retratada como uma Madona Negra.

- Como isso. Isso é específico. Sant'Ana como uma Madona Negra, e ela é o centro da obra. Está por toda essa catedral e, em cada caso, é representada numa posição de autoridade e em lugar de destaque, de importância. Isso não pode ser acidental.

- Não posso jurar sobre a presença de Sant'Ana, mas posso afirmar o seguinte - disse Peter.
- O movimento gótico começou pouco depois da morte de Matilda, por volta do ano de 1130, e surgiu simplesmente de lugar nenhum, sem mais nem menos. Mas não é realmente gótico, é? Não vem dos visigodos, que eram considerados um povo bárbaro e guerreiro que não devia ser muito dado a obras de arte delicadas, de pedra e vidro.

Berenger entrou no assunto, pois tinha algum conhecimento.

- Porque a expressão "arte gótica" é um erro de tradução. A expressão original que se aplicava ao que chamamos de catedrais góticas não era art gothique, e sim argotique. Argotique é uma palavra que quer dizer "gíria" e se refere a um dialeto específico que foi perdido. O grande alquimista Fulcanelli disse que argotique era uma linguagem peculiar de

todos os que queriam se comunicar sem que outros compreendessem o que diziam.

Peter balançou a cabeça indicando que entendia.

- Então você está dizendo que esta catedral não é a arte dos godos e sim uma arte codificada, com uma linguagem especial e secreta.

- Para aqueles que têm ouvidos para ouvir - acrescentou Maureen.

- Exatamente. Argotique também foi chamada de língua dos fora da lei, o que certamente descreve as culturas hereges. Peter continuou, mais animado ainda.

- Tudo se encaixa lindamente. De repente, no século XII, surgem mais de vinte catedrais góticas em construção, e também de repente aparecem pedreiros, matemáticos, arquitetos e vidraceiros que sabem exatamente como executar essas obras-primas de arquitetura e arte codificada, das quais nunca se teve notícia antes.

Maureen e Berenger ficaram muito interessados. Peter raramente discursava daquele jeito. Quando falava assim, era necessário prestar muita atenção. E era óbvio que ele devia estar pensando muito naquilo em suas pesquisas recentes.

- Esse movimento na arquitetura brota subitamente, quase da noite para o dia, e floresce - continuou Peter. - Só que ninguém sabe como, nem por quê. Da mesma forma, ninguém sabe quem financiava essas catedrais, especialmente esta. Há

intenção aqui, como você observou, Maureen. Existe uma determinação. E bem forte. Mas por que, e por que aqui? Há

algo que privilegia Chartres e vai muito além de qualquer coisa que nos digam a Igreja ou os guias de viagem tradicionais.

- E qual é a resposta para você, Pete?

Ele parou um pouco, muito sério, antes de sorrir para a prima e responder com um único nome.

- Matilda.

Maureen ficou atônita com a resposta inesperada.

- Matilda?

Padre Peter Healy confirmou.

- Ela se dedicava à arquitetura. Olhe como adorou construir Orval, como desafiava os arquitetos e construtores da época com o tamanho e a forma dos arcos e vãos. E o que sabemos do Libro rosso? Ele continha esboços arquitetônicos secretos. De onde vieram esses esboços? De Jesus. Onde Jesus os conseguiu? Foram passados de geração em geração na família dele, partindo de ninguém menos que o próprio Salomão, e talvez a rainha de

Sabá também.

Maureen acrescentou, pensando em voz alta:

- Quando Matilda reconta a lenda de Salomão e da rainha de Sabá, lembra que o povo de Sabá era conhecido como o Povo da Arquitetura e que a rainha era a fundadora de escolas para escultores que trabalhavam com pedra.

Peter concordou. Era exatamente isso que ele queria dizer.

- E nós vimos no lado de fora que tanto Salomão como a rainha estão bem representados com pelo menos duas esculturas em tamanho natural, assim como os elementos do templo original.

A enormidade daquilo atingiu Berenger primeiro.

- Então o que podemos concluir é que Chartres é essencialmente todo o movimento gótico podem ter sido iniciados por Matilda? E que foram baseados nos desenhos originais do Templo de Salomão?

- Como foram preservados pela Ordem no Libro rosso - disse Maureen, animadíssima com a ideia. - E... trazido para Chartres. Por Conn e pelo Mestre? Meu Deus...

Peter continuou o raciocínio, falando muito rápido, provando que ele andava elaborando

essa teoria havia algum tempo.

- Tudo se encaixa. Lembrem que Fulbert reconstruiu a catedral depois do incêndio no ano de 1020. Mas houve outro incêndio, mais catastrófico ainda, que destruiu tudo menos a cripta, no ano de 1134. Pode ou não ter sido um acidente. Mas a catedral foi completamente reconstruída de acordo com um modelo novo e sem precedentes, para se tornar a obra-prima de arte e arquitetura que é hoje. O pé-direito dessas abóbadas não tem igual, em nenhum lugar do mundo.

Maureen sentiu-se culpada pela irritação que teve mais cedo com Peter. Ele evoluíra muito nos últimos dois anos. A teoria era espantosa e bastante progressista.

Berenger continuou a elaborar a ideia.

- Então são cerca de trinta anos desde 1100, mais ou menos a época em que Conn e o Mestre vieram para Chartres, em 1134, quando a reconstrução começou. Sabemos que Patrício juntou-se a eles depois, o gênio da arquitetura, com Matilda, do magnífico Orval. Eles teriam tempo suficiente para aperfeiçoar as técnicas, os projetos e a geometria, para começar a construir um tipo completamente novo de templo. E talvez até para ensinar esses princípios e técnicas para uma geração inteira. Então acontece outro incêndio no século seguinte, e depois dele ornamentos ainda mais elaborados para os novos elementos são criados. Maureen completou o pensamento.

- Porque agora os habitantes daqui eram verdadeiros especialistas em todas as modalidades

arquitetônicas necessárias para criar esse tipo de perfeição.

Foram caminhando pela catedral, conversando, pensando, deixando que a vastidão do lugar e sua história os envolvessem. Berenger os fez parar diante da famosa janela na arcada meridional.

- Aqui está ela, a rainha de Chartres - explicou ele, apontando para a adorável madona com o filho que se avolumava sobre eles. - É chamada de Notre Dame de la Belle Verrière, Nossa Senhora do Belo Vitral, e vocês podem ver por quê. É a peça sobrevivente mais antiga de vitral. Está aqui desde 1137. A magnífica Madona, considerada "o mais belo vitral do mundo", era majestosa com sua coroa dourada cravejada de pedras preciosas e coberta de flores de lis, com seu manto em um azul extraordinário, o famoso azul de Chartres que ninguém conseguia imitar, destacado sobre um fundo de vermelho intenso. As fotografias não faziam justiça aos tons que brilhavam no vitral à luz matinal. Atrás dela e em cima do trono havia um castelo em estilo de fortaleza e uma enorme pomba branca, o emblema do Espírito Santo, que pairava sobre a figura da Madona e do filho.

- A posição oficial da Igreja é que esta catedral é dedicada à

Virgem Maria, e que todas as imagens de Madona aqui são ela, em suas diversas formas. Mas acho que nós já

concordamos que há diversas Marias retratadas aqui - disse Berenger.

- Concorde - disse Peter. - Mas, mesmo correndo o risco de Maureen dar um chute na minha canela, tenho de dizer mais uma coisa.

Eles continuaram andando ao redor da curvatura da arcada até Peter parar diante de uma capela no lado nordeste que tinha um relicário bem grande e extravagante. Dentro das janelas de vidro havia um pedaço de seda branca.

- A Sancta Camisa. O Véu da Virgem. Esta é uma das relíquias mais sagradas da cristandade, e está aqui em Chartres desde o século IX. Qualquer pessoa poderá dizer que foi por isso que a igreja foi consagrada à Virgem Maria, pois é assim que devia ser.

Maureen respondeu:

- Eu não discutiria isso de jeito nenhum. Já disse isso antes, mas vale repetir. Nunca foi minha intenção diminuir a importância da mãe de Jesus. Longe disso. Acho que ela foi escolhida para tê-lo e criá-lo porque era exclusivamente brilhante, forte, pura de coração e de espírito. Só estou dizendo que não acaba nela, não é? E, com base em todas as imagens da mãe dela, SantAna, aqui na catedral, também arrisco dizer que não começou com ela. E ela, de todas as pessoas, provavelmente não ia querer que pensássemos assim.

Todo ano, no dia 21 de junho, a arquidiocese de Chartres permitia que o labirinto ficasse descoberto. Sabendo disso, Maureen, Berenger e Peter encontraram Roland e Tammy bem cedo, no café da manhã e combinaram ir para a catedral assim que abrisse. Todos estavam ansiosos para ver o labirinto e para percorrer os onze circuitos. Tammy e Roland tinham

chegado na véspera, para um jantar tardio. Felizmente, a tradição francesa de demoradas refeições noturnas possibilitou ao grupo reunir-se à mesa para pôr em dia os acontecimentos mais recentes.

Os cinco chegaram aos degraus da entrada ocidental, e Maureen notou que o homem que estava ali era outro. Esse também estendia uma concha pedindo esmola, e também cantava. Ao chegar mais perto, ela parou para ouvir e deu um tapinha no ombro de Tammy, porque ela estava conversando com Berenger.

- Shh, preste atenção.

O homem, bastante ágil apesar de parecer idoso, estava de pé, de lado, e era possível ver apenas o seu perfil quando o pequeno grupo se aproximou dos degraus. Dava a impressão de que não olhava para nenhum deles de propósito. Estava cantando, baixinho, mas com clareza, e Maureen ficou arrepiada quando ouviu a letra da canção em inglês com sotaque carregado.

Mary had a little lamb [Maria tinha um carneirinho]

its fleece was white as snow [com lã branca como a neve]

And everywhere that Mary went [e para onde Maria ia]

the lamb was sure to go. [o carneirinho ia atrás.]

It followed her to school one day [ele a seguiu até a escola um dia]

which was against the rule [o que era proibido]

It made the children laugh and play [as crianças riram e se divertiram]

to see a lamb at school, [ao ver um carneirinho na escola.]

Mas era a segunda parte, a que raramente se ouvia no pátio da escola, que tocava o coração de Maureen toda vez que ela a ouvia. Ela chorava sempre. E só recentemente entendeu por quê.

"Why does the lamb loves Mary so?" [Por que o carneirinho gosta tanto de Maria?]

The little children cried. [perguntaram as criancinhas.]

"For Mary loves the lamb you know" [Porque Maria gosta muito do carneirinho]

The teacher did reply. [respondeu a professora.]

Quando o homem cantou o último verso encarou Maureen, e ela ficou paralisada.

Um lado inteiro do rosto envelhecido do homem era todo enrugado por causa de uma cicatriz que ia em zigue-zague do alto da maçã do rosto até o pescoço.

- Destino.

Maureen disse o nome, o velho sorriu e assentiu com a cabeça. Os outros que vinham atrás dela começavam a compreender o que tinha acabado de acontecer. Apesar de todos terem seu próprio motivo para estar ali, o homem que chamavam de Destino estava obviamente concentrado em Maureen. Os outros se afastaram e deixaram os dois conversarem a sós. Ficaram esperando nos degraus da catedral, sob o calor do sol caminhando para o primeiro dia de verão.

-Tenho tantas perguntas a fazer... - disse Maureen meio perdida, sem saber por onde começar.

- Temos tempo, Madona. Muito tempo. Vou responder a uma agora, mas o resto terá de esperar, porque todos precisamos entrar. Há uma coisa que temos de fazer juntos e tem de ser logo.

Maureen observou a cadência do sotaque dele e comentou:

- O senhor é italiano?

- É essa a única pergunta a que quer que eu responda agora?

- Não! Dê-me um segundo.

Aquilo era como um gênio da lâmpada perguntar se você

tinha certeza do seu desejo. Maureen precisava se certificar de uma escolha sensata. Depois de pensar um pouco, perguntou:

- Como soube o que eu sonhava? E como soube exatamente?

Como descobriu as palavras exatas que Easa me disse?

O velho sacudiu os ombros.

- Pensa que ele só fala com você?

A resposta dele deixou Maureen confusa. Não era o que ela esperava.

- Essa é a resposta?

- É a única resposta que vou dar. Agora venha, minha filha. E

traga seus amigos. Temos trabalho sagrado a fazer. Maureen acenou para os outros entrarem, e o grupo seguiu Destino para dentro da catedral. Todos ficaram surpresos ao ver que o labirinto continuava coberto pelas cadeiras.

- Mas eu pensei que abriam o labirinto no solstício de verão - disse Maureen. Destino balançou a cabeça com tristeza.

- Não. Isso é um grande sacrilégio, é a falta de compreensão que provoca isso... jamais vou me acostumar, e já vi acontecer por anos que até perdi a conta. Eles, da Igreja, permitem que o labirinto seja exposto alguns dias do ano, mas não fazem isso com as próprias mãos. Temos de usar as nossas. É nosso dever tirar as cadeiras. Mas não lamentem. Isso é sagrado. Vocês vão ver.

Destino fez sinal para Roland, e os dois demonstraram a técnica para tirar as cadeiras. Elas estavam presas umas às outras em filas e eram volumosas, apesar de não serem tão pesadas como pareciam. Mas movê-las sem arranhar o chão e danificar ainda mais as pedras antigas que formavam o labirinto era complicado. Destino mostrou onde tinham de pôr as cadeiras, atrás dos bancos tradicionais e ao longo das laterais da nave. Eles trabalharam juntos em duplas. Maureen com Berenger, Tammy com Peter, Roland com Destino. O

labirinto tinha treze metros de largura, e a tarefa de remover as cadeiras era um pouco assustadora. Mas, quando começaram a tirá-las e o labirinto ficou à vista, Maureen e os outros entenderam o que Destino quis dizer sobre aquela obrigação ser sagrada. Era uma libertação, e a metáfora de libertar o labirinto do que o ocultava era muito poderosa e foi sentida por cada um deles.

Foi uma catarse. Maureen pensou um pouco naquela palavra. Kátharsis

em

grego.

Purificação

pelos

verdadeiros

ensinamentos do amor.

Roland olhou para os companheiros trabalhando e abriu um largo sorriso para todos.

- Um por todos e todos por um. Esse é o nosso lema, não é?

Enquanto executavam a tarefa sagrada harmoniosamente, alguns estudantes entusiasmados em peregrinação, vindos da Bélgica, entraram na catedral e ofereceram ajuda. Puseram mãos à obra, obviamente sentindo a mesma euforia por estarem liberando o espírito do labirinto no dia mais longo do ano, quando havia mais luz brilhando naqueles vitrais especiais do que em qualquer outro dia. Tiveram uma sensação de comunidade e de solidariedade quando o labirinto finalmente ficou desimpedido. Todos se afastaram para admirar a obra dos mestres artesãos que haviam criado aquele feito de arte espiritual oito séculos atrás. Destino indicou que deviam deixar os estudantes percorrerm o labirinto primeiro, já que tinha alguns detalhes para mostrar antes de o grupo de Maureen entrar.

Destino se afastou da entrada do labirinto que ficava de frente para o oeste e foi andando com seu gingado engraçado de idoso até a porta ocidental da igreja, parando de repente na

ala da nave. Ele apontou para o piso, sinalizou que estava velho demais para se abaixar, que não podia forçar as articulações, mas que todos deviam olhar para o chão. Embutido na pedra havia um disco de ferro.

- Madona Ariadne - disse ele, à guisa de explicação, indicando que ali um dia existiu um anel de ferro.

Destino apontou para o vitral que ficava alinhado com o anel de ferro, a janela mais próxima da entrada do labirinto.

- Havia cento e oitenta e seis vitrais aqui quando terminaram de construir a catedral no século XIII. Vocês pensam que é

por acaso que o vitral que fica mais perto da entrada do labirinto conta a história de Maria Madalena? E acham que é

uma coincidência que esta janela tenha vinte e dois painéis?

Venham.

Os cinco seguiram Destino para mais perto do magnífico vitral de Madalena. Destino explicou que vitrais eram para ser lidos como livros, mas de forma muito particular. O leitor começa no canto inferior esquerdo e lê as imagens da esquerda para a direita, subindo uma linha de cada vez. A linha de baixo do vitral tinha três imagens, todas retratavam

homens carregando cântaros e derramando água.

- Aguadeiros? Isso é uma referência ao signo de Aquário? - perguntou Tammy.

Destino deu de ombros.

- Sim. E não. Tudo em Chartres tem vários significados sobrepostos. Tudo. E muitas vezes há mais de uma explicação, todas relacionadas entre elas. Não se pode entender tudo que temos para aprender aqui de uma vez só. Este é o lar do aprendizado em diversos níveis, e quanto mais vezes vocês voltarem para admirar a arte que há aqui, mais véus serão desvelados. Cada centímetro deste monumento foi pensado pelos homens e mulheres que o criaram. E sim, eu disse mulheres. Pois este lugar... é um monumento ao amor, é um templo. Estão sentindo? E para criar essa sensação, tinha de haver equilíbrio entre o projeto e a construção. Quanto à sua pergunta... sim. Aquário. Porque anuncia que entramos na era de Aquário, talvez? Procurem aprofundar esse raciocínio. Peter deu a explicação da Igreja, que tinha lido na noite anterior, quando examinava a literatura sobre a catedral.

- Diz que os aguadeiros que ajudaram a construir a igreja, trazendo a água que os operários precisavam dos poços da região, foram os patronos que pagaram este vitral e que é por isso que estão retratados no início da história.

Destino meneou a cabeça.

- Sim, sim. Mas há uma falha nessa versão, não acham? Os homens e mulheres que

trabalhavam como aguadeiros eram os mais pobres de todo o povo. Não tinham habilidades, não eram artistas e não podiam trabalhar nos detalhes deste templo sagrado. Tudo que podiam fazer era carregar água. Não estou menosprezando a contribuição deles, pois toda pessoa que usou as mãos e o coração para construir este lugar é igualmente abençoada. O ofício de um não é mais elevado do que do outro. A menina ou menino pobres e analfabetos que carregavam água eram iguais ao arquiteto instruído, aos olhos de Deus. A questão não é essa.

A questão é que os aguadeiros não tinham dinheiro para doar um vitral tão elaborado assim. Essa explicação é ridícula. E

como vocês são um grupo especial de pesquisadores, espero que interpretem isso. Vamos lá. Eu espero.

Ele ficou lá parado, pacientemente, olhando para o vitral, sem dizer mais uma palavra até um dos seus pupilos apresentar a resposta certa e ser merecedor do seu tempo. Os cinco debateram em voz alta, juntos.

- O homem no meio está mergulhado na água - observou Berenger. - O rio subterrâneo, conhecimento secreto. Destino fez que sim com a cabeça.

- É. Mais.

- O wouivre - disse Roland. - A água às vezes representa a correnteza telúrica que corre

dentro da terra, e é mais forte aqui em Chartres, já que parte daqui e vai até o Languedoc.

- Sim, sim - Destino incentivou Roland. - Veremos mais dessa correnteza em breve, chegando ao meio-dia.

-Aguadeiros. Eles podiam ser símbolo de... portadores do cálice? - arriscou Tammy.

- É outra maneira de interpretar o cálice no nosso mundo esotérico - completou Maureen - é o Graal.

Destino sorriu para ela.

- Nós da Ordem sempre chamamos esse vitral de janela do Graal. Agora vejam. Em geral acredita-se que Madona Madalena está lavando os pés de Jesus com suas lágrimas, que ela representa a pecadora anônima do Evangelho de Lucas. Mas essa é uma verdadeira blasfêmia, de chamar Nossa Senhora de pecadora. Em vez disso, ela está untando os pés do seu amado com óleo, e o simbolismo do cabelo solto perto dele mostra que estão se preparando para a câmara nupcial, que acontece no Evangelho de João, o Apocalipse. Pois untar os pés é o começo do hieros-gamos, a preparação do noivo que é feita pela noiva. É o primeiro passo do casamento sagrado, por isso é a primeira janela da história de Madalena. Maureen e os outros com certeza sabiam que Maria Madalena não era a pecadora anônima do Evangelho de Lucas, e que a Igreja tinha combinado essas histórias no século VI para criar uma visão dela como prostituta arrependida. Mas, fora da autobiografia de Matilda, eles nunca tinham ouvido aquele relato específico sobre o óleo de nardo nos pés ser um

ritual para a câmara nupcial.

- A próxima janela retrata a presença e a participação de Madalena na ressurreição. Porque o amor é o segredo da vida sobre a morte, e aqui somos lembrados de que o amor aparece de muitas formas, e todas são suficientemente fortes para vencer a morte. Olhem aqui, primeiro ela está presente na ressurreição do irmão dela, Lázaro. Logo em cima, ela é a primeira a ver o Senhor ressuscitado, e aqui ele está contando para ela que é sua missão transmitir aos outros as Boas-Novas, que agora é responsabilidade dela divulgar a palavra d'O

Caminho do Amor. Se olharem com atenção, verão que ela segura um pergaminho, símbolo de sua autoridade, concedida por ele, quando se aproxima dos outros para contar que está com O livro do amor e que ensinará com ele. E aqui em cima vocês a veem no barco, indo para a França. Esse losango central retrata o abençoado São Maximino fundando a primeira igreja na Provence. Mas observem essa última janela, que é a mais importante. Essa representa a morte terrena da Madona Madalena. Estão vendo aos pés dela três pessoas lamentando sua morte: um homem mais velho, uma mulher e um homem mais jovem. Os filhos dela. De pé, está Maximino, grande companheiro que a amava acima de tudo, lendo um livro que está sobre um suporte dourado. Nem preciso dizer para vocês que livro é esse. Fica visível no painel ao lado, onde Nossa Senhora é pranteada e enterrada. Aqui, aos pés dela, estão representações dos amantes sagrados, Verônica e Pretoras. O romano Pretoras é retratado com batina de padre para mostrar que ele se converteu ao cristianismo. Agora, estão vendo esse outro homem aqui, que carrega a cruz? Não vão adivinhar quem é, então

vou dizer. Esse é aquele centurião romano que era muito perverso, chamado Longinus. Peter pulou, espantado.

- Longinus Gaius? O centurião que espetou Jesus com sua lança?

- Esse mesmo Longinus amaldiçoado. Como deve saber de seus estudos recentes, ele se tornou um dedicado cristão nas mãos misericordiosas da Madona Madalena, e lhe serviu até ela morrer. Longinus é o exemplo perfeito de como as almas perdidas mais desesperadas podem ser redimidas pelo amor que não julga ninguém. Ele mereceu seu lugar de honra na descrição dessa história.

Destino apontou para o último painel no topo da janela que mostrava Jesus no céu, esperando a chegada da alma imaculada de Maria Madalena.

- Aqui está ela, seu espírito pintado de branco para mostrar sua santidade, levado ao céu pelos anjos para se reunir com seu único amado.

Maureen estava chorando de novo. O vitral para ela era lindo demais, pois retratava a versão da história de Maria Madalena do jeito que ela conhecia, do jeito que sabia ser verdade, pelos documentos de Arques e por tudo que ela sentia no seu coração e no seu espírito. Destino pôs a mão na parte de trás da cabeça de Maureen num gesto carinhoso, paternal.

- Agora, minha filha, você está vendo como prestamos nossa homenagem às senhoras do labirinto antes de iniciar nossa caminhada. Creio que estamos prontos. Você irá primeiro e nós todos depois. Vá. O seu Criador a espera. Solvitur ambulando.

Destino tinha explicado que não havia um jeito certo ou errado de caminhar pelo labirinto, havia apenas o jeito de cada um. Mas havia uma etiqueta, que era dar à pessoa na sua frente bastante tempo para entrar no labirinto antes de você

ir atrás. Se encontrasse alguém num circuito, saindo ou entrando, você devia chegar para o lado em silêncio e deixar o outro passar. Quando muitas pessoas andavam por lá ao mesmo tempo, o labirinto se tornava uma espécie de dança com um espírito comunitário. Cada pessoa tinha sua própria jornada, só que cada jornada cruzava com as outras ao longo do caminho. O labirinto era cheio de metáforas para os caminhos da vida.

Maureen se aproximou do labirinto, deslumbrada com a beleza artística e com a perfeição geométrica da estrutura. Destino tinha dito a ela que tirasse os sapatos e avisou que a sensação dos pés descalços na pedra era parte importante do ritual, que seria bom se ela fizesse isso. Os cinco tiraram os sapatos e os deixaram na borda do labirinto. Maureen entrou primeiro, olhando para baixo enquanto caminhava, observando as elegantes curvas e mudanças de rumo dos caminhos. De vez em quando olhava para cima e se maravilhava com a luz de alguns vitrais refletida no labirinto. Tinha certeza de que nada daquilo era accidental. Conforme alguns sábios já tinham notado, cada centímetro da catedral de Chartres tinha sido cuidadosamente arquitetado. A luz continuou a rodopiar em volta dela, particularmente as cores mágicas de índigo que brilhavam da enorme rosácea do oeste

dançavam pelo chão, provocando tontura em Maureen quando ela fez mais uma curva do circuito. Sua visão ficou embaçada quando ela vislumbrou a pilha de sapatos que se amontoavam à beira do labirinto.

Sapatos abandonados.

De repente, Maureen foi dominada pelo simbolismo ao contemplar as mulheres naquela grande história que se desenrolava através da história. Maria Madalena, Matilda. As duas foram deixadas para trás muitos anos depois da morte de seus parceiros amados. Ficaram para continuar a obra, para seguir em frente e garantir que a mensagem seria transmitida. Ambas enfrentaram o desafio de preencher aqueles sapatos abandonados. No entanto, as duas foram esquecidas pela história por suas verdadeiras contribuições, que tinham um valor inestimável para a humanidade. Qual era a tragédia maior? Maureen sabia o que cada uma dessas mulheres, nobres, leais, cheias de fé e de amor, diria. Elas diriam que encarar os sapatos abandonados era bem mais difícil do que qualquer outro desafio que suas vidas atribuladas lhes tivessem apresentado.

Maureen tocou no amuleto de cobre pendurado em seu pescoço, com a inscrição do Evangelho de Lucas: "Foi Maria quem escolheu a melhor parte: ela não lhe será tirada." Talvez aquele fosse o verdadeiro significado de "melhor parte". Era uma opção seguir em frente contra tudo e contra todos, para garantir que os ensinamentos sagrados sobrevivessem, para ser a personificação viva d'O Caminho.

Quando estava pensando nisso, Berenger Sinclair entrou no labirinto e passou por ela numa

curva em um dos circuitos. Naquele momento ele a olhou com tanto amor que Maureen parou de andar um tempo. Essa era uma das lições para ela dentro do labirinto, e era uma lembrança para ela aproveitar e se alegrar com o grande amor que tinha recebido, enquanto podia. Aqui, agora e sem medo.

Maureen chegou ao centro do labirinto e rezou o Pai-Nosso dentro das seis pétalas, como Matilda havia ensinado quando contou sua história. Terminou a oração e Berenger entrou no centro da rosa de seis pétalas, onde ela o esperava. Sem dizer nada, ele segurou as duas mãos de Maureen e eles ficaram assim, de frente um para o outro, no centro do labirinto, onde a ofuscante primeira luz do verão atravessou os vitrais antigos e formou prismas de azul no antigo templo do amor. Logo antes do meio-dia o pequeno grupo de peregrinos foi até

a janela 10 para aguardar a chegada do raio de luz que ia iluminar o prego de bronze na pedra enviesada. E o raio de luz chegou, como sempre chegava, e bem na hora. Atravessou o buraco perfeitamente redondo e incidiu no bronze, tempo suficiente para o metal faiscar.

- O wouivre - disse Destino sorrindo, o lado do rosto com a cicatriz todo franzido com a explicação. - Seu coração é na terra, embaixo de nós, aqui neste lugar dentro da cripta que cobriu o monte original. Este lugar - ele apontou para o prego de bronze - é o local exato da fonte da correnteza. Nada menos do que... a batida do coração do planeta Terra. Destino deixou-os depois de dar essa informação extraordinária e saiu da catedral. Antes de ir embora, ele os convidou a passar o dia seguinte com ele no quartel-general francês da Ordem do Santo Sepulcro, que ficava na periferia da cidade de Chartres. Explicou que era

uma vasta propriedade à margem do rio Eure, com uma magnífica vista da catedral das terras mais baixas. Todos ficaram ansiosos para ver aquele homem no seu habitat, e queriam saber mais sobre ele. Ele era enigmático, fascinante e evidentemente uma brilhante fonte de informação. E havia também aquele assunto menor, a cicatriz no rosto. Seria possível que, ainda no século XX, os líderes da Ordem continuassem se impondo aquela cicatriz? Era claro que era esse o caso. Maureen ficou imaginando em que estágio um sucessor era escolhido para ser o Mestre e quando criavam aquela cicatriz. Seria uma pergunta apropriada a fazer? Ela não tinha certeza, mas tinha muita curiosidade sobre esses velhos costumes que ainda eram passados adiante nas mais antigas sociedades secretas.

CAPÍTULO VINTE

Chartres,

Dias atuais

s cinco conversavam sobre Destino quando voltaram a Opé para o hotel, para descansar um pouco antes do jantar. O celular de Peter tocou, e Maureen percebeu, pela cara dele, que a notícia recebida o deixara agitado. Quando ele fechou o celular, ela perguntou:

- O que aconteceu?

Peter parou de andar e os outros fizeram o mesmo.

- Não sei o que dizer. Era Tomas DeCaro ao telefone. Ele disse que o comitê de Arques anunciou uma coletiva para a imprensa amanhã de manhã sobre o material de Madalena. Achamos que vão autenticar.

- Mas isso é fantástico! - exclamou

Tammy. Peter balançou a cabeça.

- Será mesmo? Tenho medo de ser otimista. Trabalho há dois anos com esses homens, e estou achando difícil acreditar nisso, como Tomas também está. Barberini está aqui na França, e me pediram para ir para Paris esta noite, uma reunião de emergência. E tudo que eu sei, fora que tenho de pegar um trem daqui a uma hora.

Maureen alegou uma dor de cabeça e voltou sozinha para o seu quarto depois de acompanhar Peter até a estação de trem. Berenger também estava cansado e, além disso, sabia que precisava dar tempo e espaço para ela processar tudo que tinha acontecido aquele dia. Ele estava aprendendo a conhecer os humores e os ritmos de Maureen, e percebia que muitas vezes ela exigia tempo para escrever e pensar. Esses eram processos dela, e ele os concedia.

Maureen viu que estava cansada demais para fazer qualquer coisa e resolveu tirar um cochilo antes do jantar. Fechou os olhos e adormeceu praticamente na mesma hora. Dormiu profundamente o resto da tarde. Acordou assustada com o toque do telefone duas horas depois.

- Maureen, é você?

A voz no aparelho era irlandesa. E de mulher. Maureen esfregou o sono dos olhos e tratou de se localizar.

- Hã-hã - ela disse, ainda grogue.

- Sinto incomodá-la, querida - continuou o sotaque irlandês. - Aqui é Maggie Cusack.

A governanta de Peter. Maureen despertou de vez.

- O que houve, Maggie?

- Nada, não aconteceu nada. E só que padre Healy ligou e disse que tem um assunto urgente que você tem de tratar. Mas não explicou grande coisa para mim; ele sabe ser muito misterioso às vezes. Não que eu faça perguntas, claro, não é da minha conta.

Ande logo com isso, Maggie, era o que Maureen tinha vontade de dizer, mas permaneceu educadamente calada.

- Bem, vou passar as instruções que ele me deu, exatamente. Ele disse que você deve ir até a porta da cripta no lado sul da catedral às oito horas em ponto e que não pode contar para ninguém... nem mesmo para lorde Sinclair..., que está indo para lá. Ele disse que o segredo é importantíssimo e que você

vai entender quando chegar lá. Mas insistiu muito para eu explicar a importância disso. Alguém vai encontrá-la lá e explicará melhor. Nesse meio-tempo, como o bom padre está a caminho da reunião em Paris, será muito difícil falar com ele nas próximas horas. Ele me disse que a autenticação está acontecendo, que tem a ver com isso e que você vai entender tudo.

Maureen analisou o recado. Era estranho, já que Peter não costumava ser tão clandestino, mas ele realmente ficara perturbado com o telefonema sobre o material de Madalena. Algo muito importante estava acontecendo, e, se ele precisava de Maureen na porta da cripta por algum motivo, ela estaria lá. E ele disse que tinha relação com a autenticação, o que fez o coração dela acelerar, só de pensar na possibilidade. Ela ficou meio insegura de mentir para Berenger, porque era esperada para jantar às oito e meia e teria de inventar alguma desculpa para escapar do compromisso, mas não havia mais nada que pudesse fazer. Mais tarde lhe contaria a verdade e pediria desculpas por tê-lo enganado. Ele vinha do mundo das sociedades secretas. Mais do que ninguém, sabia que às vezes esses segredos eram necessários.

Maggie implorava do outro lado da linha.

- Por favor, Maureen. Não o abandone nisso, senão eu acho que ele me manda embora. Isso é superimportante para ele.

- Está bem, Maggie, obrigada.

Maureen desligou o telefone e ficou pensando no que estaria acontecendo.

Maureen mentia pessimamente. E sabia que não ia conseguir inventar uma história para Berenger, por isso resolveu ligar para o quarto de Tammy e Roland como estratégia alternativa. Disse que temia a chegada de uma enxaqueca e pediu a Tammy que desse o recado a Berenger, que ela já ia para a cama e que veria todos eles no dia seguinte, no café da manhã. Tammy não pareceu totalmente convencida, mas aceitou a explicação e se apressou em desligar o telefone. Maureen teve a impressão de que ela e Roland deviam estar... ocupados. Melhor assim. Tammy fez muito menos perguntas do que de costume.

O hotel era bastante grande, de modo que Maureen conseguiu escapar sem ser notada do seu compromisso às oito e meia. Quando subia a ladeira para a catedral, ela apertou o rediscador, no número dois, para ver se Peter já tinha chegado a Paris. A ligação caiu imediatamente na caixa postal, indicando que o celular estava desligado ou fora da área de cobertura. Ela deixou um recado.

- Oi, sou eu. Conversei com Maggie e estou indo para a cripta. Não sei quem vai me encontrar lá, mas estou morrendo de curiosidade de saber o que está acontecendo no processo da autenticação. Ligue para mim assim que puder.

Ela deu a volta no Pórtico Real pela direita, no lado sul da catedral, onde ficava a porta pesada e antiga da cripta. Estava fechada, mas quando Maureen se aproximou para bater

ouviu as dobradiças rangendo, e a porta se abriu lentamente. Primeiro, ela não viu ninguém, só algumas velas tremulando na escuridão. As velas lançavam luz e sombra nos degraus de pedra que iam dar na cripta.

Maureen quase desmaiou de medo quando alguém tocou nela. Virou-se para trás e viu um homem vestido dos pés à cabeça com um manto escuro, praticamente invisível na câmara sem iluminação. Ele apontou para a escada e, mais perto da luz das velas, ela viu que a cabeça dele estava completamente coberta por um capuz que ia até os olhos. Era de um azul muito escuro. De repente e tarde demais, Maureen percebeu que aquele era um dos homens terríveis que tinha visto em seu sonho em Orval. Os homens de capuz que receberam seu livro roubado.

A porta de entrada se fechou com estrondo, e Maureen ouviu o barulho de uma tranca pesada no momento em que entendeu completamente a enrascada em que estava metida. Estava presa na cripta da catedral de Chartres. E isso só podia significar uma coisa: seu sequestrador era um membro do alto escalão da Igreja.

- Entre, signorina Paschal.

Era uma ordem, não um convite, de uma voz com sotaque, áspera por causa da idade, que vinha do fundo do corredor. Maureen não viu o dono da voz no escuro quando a figura encapuzada atrás dela a empurrou para a frente. Tinham andado outros cinco ou seis metros quando o acompanhante de capuz agarrou o seu cotovelo e a fez parar de repente. Ele estalou os dedos e outro homem, igualmente vestido, apareceu com uma vela grossa num

castiçal de ferro. Ele inclinou o corpo para a frente para iluminar a grande cisterna semicircular que parecia ter sido construída dentro da parede. O homem atrás de Maureen agarrou-a pelo cabelo, puxou seu rosto para cima do poço enquanto o outro abaixava a vela sob a superfície de pedra. Maureen entrou em pânico, pensou que iam jogá-la lá dentro e se agarrou à borda do poço, gritando. O homem que a atacava largou o cabelo para cobrir sua boca e abafar o grito, mas não tentou machucá-la mais.

- O destino de Santa Modesta. Será o seu se não cooperar totalmente.

Foi o homem que lhe tapava a boca que disse isso, e Maureen reconheceu aquela voz imediatamente. Jamais esqueceria. Era a voz do homem armado do assalto em Orval.

- Você obviamente entende que ninguém encontrará seu corpo, se for necessário imitar o fim de Modesta. Maureen foi levada para uma capela subterrânea surpreendentemente grande. Havia mais velas nesse espaço, e ela pôde ver a decoração antiga nas paredes. Parecia celta, e era a arte mais antiga em Chartres, que só aumentava a intensidade mística daquele lugar. À direita de Maureen estava a estátua de Notre Dame Sous Terre, Nossa Senhora sob a Terra, mas os homens ali tinham resolvido não iluminá-la. Em vez disso, as velas serviam ao grande espaço do altar onde havia uma caixa simples de madeira. Ao lado do caixote estava outro homem, sentado, usando a estranha roupa com capuz. Ele tirou o capuz quando Maureen chegou perto, e o coração dela ficou apertado.

Padre Girolamo de Pazzi fez um sinal para Maureen sentar na cadeira vazia ao seu lado.

Maureen não disse nada e esperou o velho falar. Seus capangas encapuzados ficaram perto, atrás de Maureen, lembrança constante de sua prisão... e do destino de Modesta.

- Diga, minha querida. Você veio a Chartres em busca de quê?

Maureen ficou muda. Sua única defesa naquele momento era o silêncio. Era óbvio que queriam alguma coisa dela, alguma coisa que ela sabia, ou até dela mesma, e não ia dar nada de graça.

- Não quer me contar? Não precisa. Você veio em busca d'O

livro do amor porque alguém lhe disse que estava aqui na Catedral de Chartres, não foi? Bem, não mentiram para você. O livro do amor está aqui.

Maureen procurou não demonstrar surpresa nem curiosidade, e Pazzi continuou:

- E não é a cópia, não. Este não é o Libro rosso e sua colcha de retalho cheia de heresias. - Ele cuspiu a última palavra com desprezo. - Este é O livro autêntico, o original. O documento que foi escrito por Nosso Senhor Jesus Cristo. Está aqui porque eu o trouxe para cá. Agora vamos lá, você não pode fingir que não daria qualquer coisa para ver esse livro. É seu destino fazer isso.

Maureen permaneceu imóvel. Mesmo se o original d'O livro do amor estivesse ali, mesmo se ela pudesse vê-lo, tocar nele, não dava para imaginar que viveria tempo suficiente para

contar a alguém.

Mas Girolamo de Pazzi não era bobo. Espreitava sua presa havia muito tempo e tinha estudado pessoas como ela durante toda a sua vida adulta, era obsessão mesmo. E depois de ler o caderno dela e de observá-la atentamente no último encontro que tiveram, sabia que ela reagiria a uma coisa: conhecimento, informação. A verdade.

- Já deve saber, signorina Paschal, que não estou aqui para machucá-la. Não quer dizer que não farei isso se for necessário, e, como bem viu, esses homens estão perfeitamente dispostos a fazer exatamente isso se você não cooperar. Mas a verdade é que preciso de você e será bom para mim, e bom para a minha Igreja, conquistar sua cooperação. Por isso queria fazer um acordo com você. Eu conto um segredo, um grande segredo. E mostro o maior tesouro da história da humanidade. Mas em troca você fará

uma coisa para mim.

- O que quer que eu faça? - ela perguntou com muito mais calma do que sentia.

Por dentro, ela rezava para Easa pedindo Sua força e proteção. Se O livro do amor estava realmente ali, talvez a presença dele a protegesse de algum modo.

- Primeiro, vou lhe dar uma pista do segredo. Lúcia Santos. Maureen pensou rápido, tentando compreender aonde aquilo estava indo. E perguntou:

- O verdadeiro segredo de Fátima.

Era isso que ia me contar? Ele fez que sim com a cabeça.

- Por quê?

- Porque...

Padre Girolamo parou, e Maureen viu algo além da amarga determinação por trás dos olhos do velho, uma coisa que era quase tristeza.

- ... preciso da sua ajuda.

Maureen permaneceu calada e ele continuou.

- Você quer saber o verdadeiro segredo de Fátima? É o seguinte. A Santa Virgem Imaculada veio para dizer para as crianças de Fátima que nós, a Santa Madre Igreja, escondíamos O livro de amor e fazíamos isso desde que Inácio de Loyola o trouxe de Roma. Sim, é isso mesmo. Quando Loyola saiu do mosteiro de Montserrat, revelou o esconderijo em troca do direito de estudar o livro e da liberdade de criar uma nova ordem com leis próprias. Isso foi concedido, o livro foi trazido para a nossa Cidade Eterna e está conosco desde então.

Maureen prestou muita atenção em tudo, queria guardar na memória, pensando na possibilidade remota de os ameaçadores homens de capuz a deixarem viver o bastante para

levar essa informação para o mundo lá fora.

- Mas, veja só, nós enfrentamos uma complicação inesperada. O livro propriamente dito está intacto e contém as palavras e os diagramas que Nosso Senhor passou para o papel, mas existe um outro nível de aprendizado e de ensinamento dentro desse livro. Foi isso que conversamos um dia. Há

ensinamentos dentro d'O livro do amor que são apenas para os escolhidos conhecê-los, os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir. A maioria não tem acesso. Nem nossos Santos Padres foram capazes de romper o selo que protege tudo que está contido n'O livro do amor. Nosso Senhor usou algo da sua divindade para codificar seus ensinamentos sagrados naquelas páginas. Ninguém conseguiu chegar até

eles... exceto Lúcia Santos. E mesmo ela não conseguia isso o tempo todo.

- E esse era um dos mistérios de Fátima? Lúcia aprendeu como liberar os segredos d'O livro?

O velho padre balançou a cabeça.

- Ela não precisou aprender. Não é algo que se possa ensinar. - Ele disse essa última frase como uma admissão involuntária. - É algo que... você é.

Maureen entendeu.

- Uma Escolhida.

- Sim. Embora não consiga entender por que Nosso Senhor confiaria seus ensinamentos mais sagrados a mulheres, parece que Ele fez exatamente isso.

O poder da revelação de De Pazzi calou fundo em Maureen. O livro do amor só podia ser decifrado por uma mulher. Naquele instante Maureen entendeu por quê. Jesus codificou seus ensinamentos de tal forma que as mulheres não pudessem ser alijadas do processo didático e da liderança. Era um conceito brilhante e fascinante.

O velho surpreendeu Maureen lendo seus pensamentos.

- Sei o que está pensando, mas está enganada. O Libro rosso é uma cópia e foi feita por Filipe. Um homem.

Maureen balançou a cabeça.

- Não. Foi transcrito por Filipe. Ele escreveu. Mas foi ela que traduziu para ele. O próprio Libro rosso diz que Filipe fez a cópia quando foi visitar Maria Madalena grávida em Alexandria e que ele criou essa cópia sob orientação dela. Ela leu para ele. E ele escreveu.

De Pazzi descartou essa teoria com um gesto irritado e foi direto ao assunto em questão.

- E agora você será a filha boa e obediente de Nosso Senhor e decifrára esse livro para

mim. E sem fingimento, como quando teve a visão das profecias.

- Foi por isso que vocês mantiveram Lúcia Santos na solitária, presa, por quase oitenta anos?

Padre Girolamo não se incomodou nem um pouco com a pergunta. Respondeu calma e simplesmente.

- Foi.

- E ela não foi capaz de dar tudo que vocês precisavam em mais de oito décadas?

- Nem sempre conseguia. E é claro que nem sempre cooperava, por isso tivemos de isolá-la tão completamente. As que nascem sob as suas estrelas são... obstinadas.

- Por que acha que posso dar o que quer, aqui e agora? E

mesmo se eu puder, por que pensa que vou fazer isso?

- Porque você está tão curiosa quanto nós. E mesmo se morrer descobrindo o que há naquele livro, não resistiria à

oportunidade de vê-lo. Como poderia? Você nasceu para isso, e sabe que é verdade.

- E como vou saber se vocês não vão tentar me trancafiar como fizeram com Lúcia? Ou

pior?

- Não vai saber. Mas esse é um risco que acho que vai aceitar.

- Meus amigos vão descobrir isso rápido. E vão me encontrar, não importa o que vocês decidirem fazer.

- Pode ser. Mas o seu trabalho é polêmico, você fez muitos inimigos, não fez? Foi alvo da perseguição de alguns grupos fundamentalistas e vários lunáticos. Recentemente registrou queixa de furto e de que foi seguida em Roma junto às autoridades de lá. As ameaças de morte que recebeu foram bastante divulgadas na mídia. Seria fácil demais convencer as autoridades de que uma delas se realizou. Xequemate, signorína. Você não pode nos derrotar nesse jogo que jogamos melhor do que qualquer um no mundo, e fazemos isso há

quase dois mil anos. Faremos com você o que quisermos, como fizemos com todas as mulheres que vieram antes de você.

- Mas a verdade...

- Verdade? O que é verdade?

De repente ele perdeu a paciência com ela, como se entendesse que estava embarcando numa discussão com o inimigo, e respondeu rispidamente para reassumir o controle do assunto.

- A verdade é que você pode evitar o destino de Modesta. Se a informação que der for valiosa, terá impacto na nossa decisão sobre o seu destino. Por exemplo, se você determinar que O

livro do amor confirma nossa doutrina estabelecida e santa, e estiver disposta a escrever isso, sua situação pode ser completamente diferente.

Maureen ficou sem fala por um momento. Encontrou sua voz depois de hesitar um pouco.

- Quer dizer que está... está me oferecendo um... acordo?

Apesar de toda a bravata anterior sobre a onipotência deles, Girolamo de Pazzi tinha de cumprir uma missão dolorosa.

- A Igreja está num impasse. Pela primeira vez lutamos uma batalha na qual podemos acabar derrotados, nessa guerra de palavras. Não podemos mais controlar a informação que se espalha pelo mundo. Por isso precisamos descobrir maneiras de influenciá-la. Os jovens estão dando ouvidos a você. Sua obra está sendo traduzida em todo o mundo. Se usasse essa plataforma crescente para afirmar a nossa posição, em vez de se opor a ela, podia ser benéfico para você, para seus amigos e para o seu primo. Pense no impacto que causaria se você, a herege, se arrependesse por ter visto a luz. Pense no impacto que seria se você voltasse para a única verdadeira religião. Seria uma tremenda colaboração e uma força positiva para todos os envolvidos.

Maureen queria entender tudo.

- Está me pedindo para escrever um livro que diga que a doutrina tradicional da Igreja é a verdade e que tudo que eu escrevi, e tudo que defendi, me opondo a isso, é mentira?

Como posso fazer isso?

- Você terá de se desdizer. Terá de dizer que inventou o Evangelho de Arques, que é uma fraude para fazer fortuna e que se arrependeu. Então nós aparecemos e oferecemos o nosso perdão quando você volta ao seio da Santa Madre Igreja e abandona sua busca herege.

Maureen silenciou, chocada com a oferta. Pensou na placa que havia na biblioteca de Berenger Sinclair, a que tinha a citação de Joana d Are: "Prefiro morrer a fazer o que sei que é

contra a vontade de Deus." Pensar em Berenger naquele momento deu-lhe força.

Ela continuou calada e fez De Pazzi reverter para sua tática mais usada.

- Mas se escolher o contrário... não há como saber o que pode acontecer. Com qualquer um de vocês.

A mente de Maureen rodopiava com as possíveis consequências daquela situação. Era muito difícil pensar sob a pressão da pesada respiração dos homens de capuz atrás dela, do

velho padre com sua voz áspera e sua proposta ultrajante e da presença de certa forma sinistra do caixote de madeira sobre o altar ao lado. Ela apontou para a caixa.

- Está ali dentro? Posso vê-lo agora?

Girolamo de Pazzi, com toda a sua intolerância arrogante e ideias distorcidas, ainda se considerava um homem santo. Ajoelhou-se diante da caixa e rezou baixinho, fez uma genuflexão e se levantou. Enfiou a mão no caixote, que não tinha tampa, e tirou de dentro dele outra caixa menor. Essa caixa era antiga e elegante, um relicário cravejado de pedras preciosas, feito especificamente para guardar os documentos mais sagrados da cristandade e de todos os tempos. O ouro das dobradiças brilhava à luz das velas, e Maureen deu um gritinho contra a vontade ao ver a tampa da caixa. As pedras preciosas incrustadas formavam uma rosa com seis pétalas, idêntica ao centro do labirinto de Chartres.

De Pazzi abriu a caixa enfeitada e a pôs na frente dela, mas Maureen notou que ele não estendeu a mão para tocar no livro propriamente dito. Parecia que tomava cuidado para não ter nenhum contato físico com o livro quando empurrou a caixa na direção dela por cima do altar.

- Tire-o daí - ele ordenou. - E... siga seus instintos. Ou suas vozes. Ou qualquer coisa que vier a você. Lúcia ouvia a voz de Nossa Senhora quando segurava o livro, mas sua reação pode ser outra. Você é uma criatura muito diferente das outras. Ele disse essa última frase como se olhasse para um inseto, um inseto particularmente horrendo e venenoso, sob um microscópio.

Maureen, miúda como era, teve de ficar de pé para espiar dentro da caixa. Viu que a capa era lisa, devia ser uma espécie de couro de animal, talvez as peles de animais usadas para fazer os pergaminhos, como tinha lido que usavam na Grécia Antiga. Tocou na capa e não sentiu nada na hora, mas, quando encostou as palmas das mãos no couro, elas começaram a formigar. A sensação subiu lentamente pelos braços e percorreu seu corpo inteiro. Ela fechou os olhos quando isso aconteceu e viu no fundo deles a visão de Easa do seu sonho. E então ouviu a voz dele, como tinha ouvido antes:

Você é minha filha, que me dá muita satisfação, mas o seu trabalho ainda não terminou. Veja O livro do amor. Deve compartilhá-lo com o mundo e cumprir a promessa que fez. A nossa verdade está na escuridão há tempo demais. E não tenha medo, estou sempre com você.

O medo escoou do corpo de Maureen quando ela tirou o livro da caixa cravejada de pedras preciosas. Podia ouvir a voz de Easa em sua cabeça, falando rápido agora, frases que ele mesmo tinha escrito.

Medo e fé não podem existir no mesmo lugar e ao mesmo tempo. Escolha um.

Maureen escolheu a fé.

Ela abriu o livro, determinada a aproveitar aquele momento em que segurava algo tão sagrado, apesar das circunstâncias que a cercavam. Ignorou completamente o velho padre e seus capangas e, com reverência, passou os dedos pelas páginas desbotadas. Não podia ler a escrita antiga. Parte parecia grego, parte aramaico e em alguns lugares era definitivamente

hebraico. Mas não tinha importância. Não se tratava de ler as palavras, porque algo mais estava acontecendo enquanto Maureen segurava O livro do amor. Como em seu sonho, as páginas foram ficando mais iluminadas, as letras tremulavam com uma luz índigo, eram desenhos azuis e violeta no papel pesado como linho. A luz que emanava do livro tornou-se mais brilhante, encheu a capela e rodopiou com mais intensidade em volta da estátua de Nossa Senhora sob a Terra. A luz penetrou no corpo de Maureen, ela sentiu seu calor e brilho preenchendo tudo. Nesse momento ela estava absorvendo O livro do amor. Não precisava lê-lo nem vê-lo traduzido. Ela estava se tornando o livro, incorporando os ensinamentos inteiramente, enquanto a vibrante luz azul percorria seu corpo.

Visões vieram em rápida sucessão: Salomão e a rainha de Sabá, Jesus e Madalena, a mãe dele Maria e a avó Ana, a filha Sara-Tamar. Maureen viu a menininha de Orval - Não sou quem você pensa que sou - seguida pela etérea e essencialmente feminina aparição do Espírito Santo em Knock. Então, uma compreensão muito nítida a fez cair de joelhos, agarrando o livro contra o peito. Jesus tinha escrito aquele Livro do amor para celebrar as mulheres de sua vida, sua sabedoria e graça. Aquele era seu tributo e seu monumento ao princípio feminino da espiritualidade perdido, que o levava a esta verdade: que nosso pai e mãe no céu são Um em sua união, que eles nos amam, seus filhos, e que, quando o tempo retornar, nós voltaremos em todas as nossas formas como nosso Criador nos fez à sua santa imagem, macho e fêmea, para viver o amor eternamente.

A missão nazarena de Jesus e seus seguidores era resgatar o equilíbrio, devolver o trono a Aserá ao lado de seu amado El e reunir a humanidade na compreensão desse amor aqui na Terra. Jesus morreu tentando fazer o mundo entender o poder do amor, ressuscitando o

elemento divino da espiritualidade feminina em equilíbrio com o divino masculino.

A luz ficou mais brilhante, a câmara girou mais rápido, e Maureen se agarrou ao livro com mais força, escutando, sentindo, compreendendo tudo que Easa lhe dizia: Amor, apenas o amor, é real. Todo o resto é ilusão que nos afasta da pureza da experiência que nossos pais no céu criaram para nós. E Jesus não queria que criássemos uma nova religião sobre ele. Queria que resgatássemos a verdade que foi distorcida com o tempo. Uma verdade que era simples, bela, sobre o amor em todas as suas formas: romântico, paterno e materno, filial, ao próximo. Não era tanto uma Nova Aliança, e sim a Aliança original que voltava para nós pelas mãos dele, da qual era o mensageiro: ele e sua família em espírito. Nós e nossas famílias em espírito.

O tempo retorna.

Maureen ouviu a frase sussurrada, e agora ela reverberava com um novo significado. O tempo retorna era a mais sagrada das profecias porque previa a segunda vinda. Mas a segunda vinda não era o retorno físico de Jesus. Era a volta de sua mensagem e de seus ensinamentos por meio de um esforço global de amor e dedicação.

Nós somos o próprio povo que estivemos esperando, e sempre estivemos aqui. Nós somos a segunda vinda.

Maureen se perdeu na visão e compreendeu mais uma coisa: que tinha visto aquela mesma luz azul, bela e radiante, recentemente - no vitral bem ali na catedral de Chartres. Então ela

soube, sem sombra de dúvida, que os construtores daquele templo ao amor também tinham visto aquela luz e a reproduziram para que brilhasse em cada indivíduo que entrasse ali e os abençoasse com uma fração do que ela vivenciava agora.

A mente de Maureen girava com tudo que já vira no exterior da catedral. Salomão e a rainha de Sabá, a trágica e adorável Modesta, as muitas Marias, Sant'Ana, as inúmeras mulheres anônimas homenageadas em baixo-relevo. As esculturas despontavam na sua cabeça em rápida sucessão. O que todas tinham em comum?

Maureen viu então, com os olhos da mente, a luz que passava pelo vitral da catedral quando ela caminhava pelo labirinto mais cedo aquele dia. A luz tremulava em volta dela enquanto ela se perdia na visão. Fez uma curva e viu o vitral de Maria Madalena com sua verdadeira história contada em detalhes elaborados e cuidadosos. Ao mesmo tempo, a grande rosácea ocidental lançava sua sagrada luz azul no centro do labirinto. Agora ela estava andando mais rápido, no mesmo ritmo das batidas do seu coração, e outras janelas da catedral ganharam vida: Sant'Ana idosa e sábia, a majestosa Madona Azul, forte e compassiva, as vidas dos santos e mártires dançaram em volta dela quando percorria os circuitos do labirinto. Estava sendo atraída para o centro por uma força extraordinária e magnética. Ela apertou o passo e seu coração batia célere quando a luz azul a puxou para o templo central, para o tabernáculo, para o lugar em que a voz de Deus pode ser ouvida pelos que têm ouvidos para ouvir.

Oh, doce Easa. Era isso que tentava dizer o tempo todo! Não podia ter sido sempre simples assim!

Agora ela o via, no centro do labirinto, com seus bondosos olhos escuros. Segurava as ferramentas de mestre pedreiro, o compasso e o esquadro. Easa juntou as duas ferramentas de modo que formaram um losango alongado que representava a união sagrada dos amantes. Atrás dele apareceu sua amada: Maria Madalena, uma visão de cabelo castanho-avermelhado e beleza etérea, que ficou ao lado dele.

Na visão, os dois olharam para Maureen através do tempo e do espaço, e Easa disse mais uma vez, apontando em volta dele para indicar toda a imensa estrutura da catedral: "Eis O livro do amor. Você deve compartilhá-lo com o mundo e cumprir a promessa que fez. A nossa verdade está na escuridão há tempo demais."

O soluço que explodiu no corpo de Maureen ecoou nas pedras antigas de Chartres. Ela levantou a cabeça, e o caleidoscópio dos prismas do vitral de sua visão passou por ela rodopiando através das lágrimas. Finalmente ela compreendeu. O livro do amor não estava na catedral de Chartres. O Livro rosso não estava na catedral de Chartres. Os ensinamentos mais sagrados do cristianismo, talvez de toda a humanidade, não estavam escondidos na catedral de Chartres.

Eles eram a catedral de Chartres.

A catedral era muitas vezes chamada de "livro feito de pedra" por inúmeros escritores que celebraram sua grandeza ao longo da história. E eles estavam certos.

Maureen agora via claramente o mestre arquiteto em sua visão, e dessa vez ele era um homem com uma terrível cicatriz em zigue-zague de um lado do rosto. Ele orientava o programa escultural que guardaria O livro do amor em pedra para toda a humanidade aprender e celebrar por toda a eternidade. Os ensinamentos da Ordem sobreviviam ali, e a tradição do Mestre vivia com eles.

O Libro rosso inteiro foi construído na fachada e nos vitrais da catedral de Chartres, um livro eterno de pedra que jamais seria destruído pela Igreja, já que a Igreja jamais poderia destruir a si mesma. Era uma estratégia brilhante. O labirinto foi posto bem no centro, o ponto do começo da iniciação para todos os peregrinos que tivessem olhos para ver e ouvidos para ouvir. Caminhar pelo labirinto proporcionava acesso ao coração e ao espírito para os códigos que cultuavam O livro do amor dentro daquele templo sem igual.

Maureen continuava no chão, ajoelhada, com O livro do amor abraçado ao peito. Ela rodopiava com a luz e as visões, mas começava a sentir que voltava para o seu corpo. Precisava sair dali, precisava encontrar um jeito de dizer ao mundo que O

livro do amor estava embutido na pedra e no vidro daquele deslumbrante monumento à verdade, que estava à disposição de qualquer pessoa que quisesse vê-lo, vivenciá-lo, senti-lo... e que sempre esteve. O conhecimento mais valioso da história da humanidade estava escondido bem à vista havia oitocentos anos. E a Igreja sabia. Ao cobrir o labirinto, eles esperavam ocultar a ferramenta necessária para que todas as pessoas decifrassem o código e lessem o livro.

Ela olhou para cima e viu que os capangas continuavam em seus postos, embora estivessem mais longe dela do que antes. Graças aos capuzes ameaçadores, era impossível determinar onde ficavam seus olhos, mas os dois pareciam olhar para o chão, não para ela. Maureen se levantou lentamente e viu de relance o padre Girolamo de Pazzi. Olhava fixo para o espaço além dela, com uma expressão muito angustiada. Maureen ouviu Easa pela última vez quando despertou e recuperou totalmente a consciência. A voz melódica dentro dela disse simplesmente: "O amor conquista tudo."

Ela olhou para o objeto de valor inestimável que tinha nas mãos e sentiu que o poder voltava para o livro. A última página tinha o desenho perfeito do labirinto de Salomão, o modelo com o circuito dos onze caminhos que havia em Chartres e em Lucca. Era o símbolo da perfeição geométrica que dava aos homens e mulheres, no espaço de seu próprio templo e em qualquer lugar do mundo, acesso a Deus. A luz azul desapareceu ali, o restante do seu poder foi reabsorvido por O livro do amor.

Maureen se virou para o velho que a tinha levado para lá sob tantas ameaças. Ele agora tinha os olhos anuviados cheios de lágrimas. Quando falou dessa vez sua voz áspera não passava de um sussurro.

- Isso não aconteceu com Lúcia Santos.

Se padre Girolamo de Pazzi tivera as mesmas visões, ou outras, Maureen jamais saberia. Mas, pela expressão no rosto dele, parecia que tinha mudado devido ao que acontecera na cripta.

Batidas fortes, pancadas ruidosas vindas do alto, assustaram a todos. Ouviu-se uma voz de homem chamando o nome de Maureen através das pedras antigas, um pouco abafada pela espessura das paredes. Mas não tanto que Maureen não conseguisse reconhecer de quem era.

Berenger Sinclair. Parecia que ele ia arrombar a porta da cripta.

Os capangas olharam para Girolamo de Pazzi, que balançou a cabeça bem devagar.

- Pode ir - ele disse simplesmente para Maureen.

Ela olhou pela última vez para o livro milagroso em suas mãos. Largá-lo seria a coisa mais difícil de toda a sua vida. Sabia que tinha mudado para sempre por tê-lo segurado. De uma forma muito pessoal, Maureen se tornara a personificação humana da catedral de Chartres naqueles momentos e do próprio Livro. Ela o absorvera completamente de corpo, mente e espírito enquanto estava naquele lugar. Mais tarde, Destino ia ajudá-la a entender a perfeição do alinhamento das estrelas quando ela liberou a energia d'O

livro do amor. O lugar em que estava na cripta era diretamente em cima do wouivrc, local da pulsação do planeta. Era o dia mais longo do ano, o solstício do verão. Maureen começara o dia no labirinto, e fez isso com sua família em espírito, além do seu mais amado. Ela estava num lugar especialmente poderoso para desvendar os segredos d'O

livro do amor e liberá-los no lugar ao qual eles mais pertenciam, na catedral de Chartres, o

templo que foi construído especificamente para expressá-los.

Maureen Paschal beijou a capa do livro, o documento único, perfeito, criado pelas mãos de Jesus Cristo, e o pôs novamente dentro da caixa cravejada de pedras preciosas. Deu as costas para padre Girolamo, e simplesmente se afastou. Parou quando passou pelo antigo poço, certa de ter ouvido sussurros das profundezas. Uma voz feminina etérea chegou até ela, e Maureen teve quase certeza de ouvi-la dizer: "Merci, merci beaucoup", junto com um suspiro de satisfação. Maureen rezou um pouco para o espírito da trágica Modesta, esperando que agora ela tivesse paz, então subiu a escada e abriu a porta para o homem que fora escolhido por Deus no início dos tempos para ser sua alma gêmea.

Girolamo de Pazzi ficou imóvel observando Maureen sair. Jamais entenderia por que o Senhor tinha escolhido revelar Sua luz para tais mulheres, nem por que Ele continuava privado daquele amor especial que mulheres como Lúcia Santos e Maureen Paschal recebiam com tanta facilidade. Agora ele entendia o significado da profecia que o assombrou por tanto tempo. O tempo retorna.

Tirou do bolso de sua batina o relicário de cristal que continha o cacho de cabelo de Santa Modesta. Depois de todos aqueles séculos, a cor vermelho-dourada não tinha desbotado. Olhou para a relíquia por um momento, depois abaixou a cabeça e soluçou.

CAPÍTULO VINTE E UM

Chartres,

Dias atuais

e volta à segurança do seu quarto de hotel, Maureen se Djo gou nos braços de Berenger. Ele a esperou chorar, profundamente e por muito tempo, enquanto a abraçava e afagava seu cabelo. Quando Maureen se acalmou, ele recuou um pouco e olhou bem para ela.

- O que foi? - ela perguntou. - Estou péssima, não é?

Ele riu baixinho.

- Não, é exatamente o contrário. Sempre pensei que você não poderia ficar mais linda do que já é, mas hoje está

definitivamente radiante.

Ela contou a ele tudo que acontecera na cripta, esforçando-se para encontrar palavras para expressar a imensidão do que havia vivenciado lá.

- Gostaria que você tivesse visto, Berenger. Queria que soubesse o que é segurar algo tão sagrado.

- Mas eu já sei - ele murmurou, puxando-a para perto de novo, unindo seu espírito e o dela com um beijo intenso.

Paris,

Dias atuais

Peter escutou atentamente quando Marcelo Barberini e Tomas DeCaro explicaram as peças que faltavam do grande quebra-cabeça. Houve momentos em que ficou atônito, outros em que não podia acreditar que deixara de enxergar algo tão óbvio. O papa Urbano VIII era o cérebro por trás da reconstrução de São Pedro e principal patrono do gênio de Gianlorenzo Bernini. Ele foi o homem que resolveu levar os restos mortais de Matilda da Toscana para um lugar de poder e autoridade totais no meio do Vaticano, que era o lugar dela, diante da obra-prima criada pelo seu descendente, Michelangelo Buonarotti.

O nome de batismo do papa Urbano VIII era Maffeo Barberini. O cardeal Barberini diante de Peter descendia da mesma nobre família e era sobrinho-neto de muitas gerações daquele papa toscano que vinha de uma poderosa dinastia florentina. Ele foi o papa que viveu e trabalhou nas regiões heréticas da França como núncio papal, o papa educado pelos primeiros jesuítas, o papa que canonizou Inácio de Loyola e seu braço direito, Francisco Xavier, pelo que os dois levaram com eles da Espanha. Ele foi o primeiro papa que trabalhou na presença d'O livro do amor e de tudo que o livro continha.

- Urbano VIII redesenhou os elementos da basílica de São Pedro para copiar o que tinha acontecido na catedral de Chartres. Por isso levou Bernini para criar tal escultura, para preservar o legado do nosso povo dentro dos muros do Vaticano.

O cardeal Barberini explicou que a lenda do Libro rosso foi obsessão desse papa durante

toda a sua carreira. A natureza secreta d'O livro do amor e sua incapacidade de decifrá-lo foram forças poderosas por trás do seu papado e da sua vida. Acreditava que Matilda da Toscana tinha a chave do mistério, mandou levar os restos dela para Roma com a esperança de que servissem como relíquias santas. Ele os enterrou de propósito no centro da basílica de São Pedro, por esse motivo e porque acreditava que ela fosse parte da estrutura da Igreja por direito, como seu amado, Gregório VII, tinha sido. Peter ligou os pontos.

- Então há muito tempo existe uma facção no Vaticano que conhece a verdade sobre O livro do amor? E que a protege?

- Protegemos da melhor forma possível. - Barberini balançou a cabeça com tristeza. - Depende do poder e de como ele muda. A minha família suportou anos de exílio depois da morte de Maffeo, Urbano VIII, porque o sucessor dele era um conservador que se opunha aos verdadeiros ensinamentos.

- E a minha família, claro, passou pela mesma coisa - disse Tomas DeCaro. Peter sorriu para ele, sabendo que aquele homem era descendente da famosa família Borgia, uma família com muitas histórias para contar, sobre mentiras e verdades.

DeCaro continuou.

- Mas chegamos à massa crítica, e acho que você já sabe. Peter, meu rapaz, o que vai ser revelado amanhã forçará todos nós a tomarmos decisões sobre nossas carreiras e o nosso futuro. Estamos reunidos aqui em Paris para ficar a uma distância segura de Roma, para o

caso de termos de fazer um contrapronunciamento sobre o material de Arques.

- Amanhã tudo pode acontecer - explicou Barberini. - E

temos de estar preparados para nos manifestar publicamente, se houver uma tentativa de encobrir a verdade. Você está do nosso lado?

Peter nunca teve tanta certeza de qualquer coisa em sua vida.

- Estou - ele respondeu e apertou a mão dos dois. - A Verdade contra o Mundo.

Chartres,

Dias atuais

Maureen acordou com o telefone e com Berenger ao seu lado, bem cedo na manhã seguinte. Fora uma noite extraordinária de revelações e confissões. Maureen descobriu que Peter, ao receber o seu recado, pela caixa postal, entendeu logo que algo suspeito estava acontecendo em Chartres. Ele ligou para Sinclair, que partiu para a cripta à procura de Maureen. Maureen e Berenger passaram o resto da noite juntos, com lágrimas, explicações e pedidos de perdão da parte dela, aceitos por ele, finalizando com uma união de paixão e promessas.

- Maureen, ligue a televisão. - Era a voz de Peter ao celular, bastante agitada. - Há uma coletiva para a imprensa ao vivo, de Roma. Sobre o Evangelho de Arques. Prepare-se.

- Para quê? - Ela estava com o coração na boca.

Peter deu um suspiro profundo.

- Não sei ao certo. Nenhum de nós sabe. E esse o problema. Ligo de novo dentro de alguns minutos.

Maureen encontrou o controle remoto e o entregou a Berenger, já que não estava familiarizada com a televisão francesa. Ele localizou rapidamente a transmissão ao vivo numa afiliada da BBC, em inglês. Um repórter com sotaque de Oxbridge contava a história do Evangelho de Arques e da sua

"suposta" descoberta na França por uma escritora norteamericana alguns anos atrás. A escritora, Maureen Paschal, tinha escrito um polêmico livro baseado na descoberta, com suas interpretações do conteúdo do documento, muitas vezes escandalosas e definitivamente amadoras.

Berenger grunhiu para a televisão, mas não disse nada. Maureen ficou paralisada vendo o repórter continuar a resumir a trajetória do material de Arques nos últimos dois anos. Tinha sido entregue ao Vaticano e sujeito a análises intensas pelas melhores mentes teológicas do mundo, que trabalharam em conjunto com cientistas para datar e autenticar o material. As cameras focalizaram fragmentos de papel como linho, com inscrições em grego, que fizeram Maureen dar um grito sufocado e segurar o braço de Berenger.

- Está vendo o que eu estou vendo?

Ele fez que sim com a cabeça, sem tirar os olhos da tela.

- O que está acontecendo, Maureen? O que eles estão fazendo?

- Eu não sei - ela sussurrou - Mas de uma coisa eu sei. Aquele documento não é o evangelho que encontramos na França. Maureen não era especialista, mas encontrar o Evangelho perdido de Madalena não era algo que se pudesse esquecer. A aparência daqueles pergaminhos, a perfeição, a conservação, estava tudo gravado em sua memória com detalhes perfeitos. E o que aparecia na tela, os documentos mostrados para a imprensa naquele circo da mídia, não era de forma alguma o que ela havia descoberto.

O porta-voz da Igreja se aproximou do pódio e começou a falar. Berenger e Maureen assistiram, sentindo um misto de horror e de choque. Eles estavam ali hoje para autenticar aquele magnífico documento, para certificar que aquele evangelho tinha sido, de fato, escrito por Maria Madalena, segundo seus critérios de autenticação. O mais extraordinário de tudo, porém, era que aquele documento, em essência, era uma bela transcrição do Evangelho de João. Maria Madalena era realmente uma mulher abençoada e santa, como a Igreja sempre afirmou. A prova estava ali mesmo, de que a palavra dela estava inteiramente de acordo com os ensinamentos das escrituras do Novo Testamento, aceito pelos católicos desde os primórdios da Igreja. Era um dia para comemorar. Um dia para aplacar todas as ridículas especulações sobre Maria Madalena que tinham se tornado parte de uma cultura popular equivocada em anos recentes. Maria Madalena se pronunciara de uma vez por todas

e suas palavras eram definitivas... e em total acordo com a doutrina da Igreja. Transmitiram, então, o testemunho dos peritos, e eles apontaram meticulosamente numerosos pontos no papiro que eram idênticos ao texto do Evangelho de João.

Maureen parou de assistir. Aquilo estava além de qualquer coisa que ela podia prever. Sim, ela sabia que era improvável que a Igreja autenticasse o texto verdadeiro de Madalena, talvez até impossível. Pensava, contudo, que, na pior das hipóteses, eles iam simplesmente ignorar, enterrar o assunto ou até considerar uma falsificação. Mas aquilo... inventar um evangelho inteiro para mentir sobre ele daquela forma ia muito além de qualquer expectativa que ela pudesse ter.

- Você entende o que é isso, não entende? - Berenger recuperou a voz, agora completamente revoltado. - Isso é

desacreditar inteiramente o seu trabalho, fazendo com que você pareça uma mentirosa.

Maureen fez que sim com a cabeça.

- Eu sei. - Ela respirou fundo e acrescentou: - Também sei que não é por minha causa, nem por causa de Maria. É por causa d'O livro do amor. Eles sabem que vou escrever sobre ele, que contarei ao mundo tudo que eu sei. E se puderem destruir a minha credibilidade antes disso, talvez ninguém se importe com a verdade. Maureen fez força para respirar. Sobreviveria àquela tempestade como sobrevivera a outras. Easa não tinha dito que fê e medo não podem existir no mesmo lugar, ao mesmo tempo? Naquela situação, ela

escolheria, como sempre, a fé.

Maureen e Berenger passeavam com Destino pela margem do pitoresco rio Eure, limite das terras que pertenciam à Ordem havia oitocentos anos. Destino explicava gentilmente:

- Vocês não devem ficar transtornados com esses novos acontecimentos. Ao contrário. Devem aceitá-los como a vontade de Deus. É bom que a Igreja não reconheça o Evangelho de Arques, e também é bom que repudiem a existência d'O livro do amor.

Diante dessa afirmação, Maureen ficou chocada e muito confusa.

- Será que entendi direito? Como é que isso pode ser bom?

- Fé - disse Destino simplesmente. - Se a Igreja autenticar o Evangelho de Arques, ou O livro do amor, ninguém terá de pensar sobre isso. Ninguém terá de abrir o coração e o espírito e resolver por conta própria se é verdade ou não. Não terão de se esforçar para funcionar de um lugar de fé absoluta. Não existe risco, portanto nenhuma conquista espiritual. Tudo isso é tirado deles, o que representa um tremendo desserviço. Queremos que as pessoas pensem e sintam com as próprias mentes e corações, não que sejam guiadas como ovelhas para o que acreditam. Sejam gratos por este dia. Deus lhes deu este dia por um bom motivo. E o deu para as pessoas do mundo por um bom motivo, para que sua fé seja testada. E aqueles que reconhecem a verdade, apesar de toda a oposição, serão imensamente recompensados em seus corações, mentes e espíritos.

Maureen balançou a cabeça, aceitando a sabedoria de Destino. Sabia que ele tinha razão, mas ainda ia levar um tempo para aceitar de fato que aquele recente encontro com a Igreja tinha sido uma força positiva em sua vida. Destino olhou-a compreensivo e apontou-lhe o dedo.

- Seja feita a vossa vontade, Madona Maureen. Você precisa praticar mais a segunda pétala do labirinto. E aquela vontade

- ele disse apontando para o céu -e não a nossa que está em jogo aqui. Renda-se a ela e encontrará a paz que escapa de você.

Caminharam um pouco em silêncio, e Destino começou a falar outra vez. Contou a história de como Conn e o Mestre chegaram a Chartres com o Livro rosso, uniram forças com a escola da catedral e foram os cérebros por trás do imenso projeto da igreja, transmitindo sua paixão e seu conhecimento para as gerações seguintes, responsáveis pelo magnífico monumento que existe hoje. Ele apontou para o norte, onde as duas torres enormes se elevavam ao céu.

- Sabem por que os pináculos são diferentes? Achar que foi um acidente ou que foi feito sem querer? Claro que não pensam assim. Afinal, são iniciados. Sabem que tudo nesse templo está em harmonia com os verdadeiros ensinamentos. Por isso vou contar a vocês apenas um dos milhares de segredos da catedral de Chartres. O pináculo à esquerda é

conhecido como a Torre do Sol ou a Torre de El. Representa Deus em Seu aspecto de

criador masculino, e essa torre tem cento e onze metros de altura, trezentos e sessenta e cinco pés. Cada pé corresponde a um dia do ano solar. O pináculo à

direita é conhecido como a Torre da Lua ou a Torre de Aserá. Representa Deus em Seu aspecto de criadora feminina, e é

oito metros e meio, vinte e oito pés, mais curta do que a outra. Vinte e oito são os dias do mês lunar. Quando entramos pelo portal ocidental de Chartres, caminhamos entre os princípios complementares do nosso pai e nossa mãe, assim na terra como no céu.

Ele então explicou que Chartres sofreu mais um incêndio catastrófico em 1194, tão terrível que o chumbo da estrutura derreteu e destruiu as paredes de pedra, fazendo com que rachassem e se dividissem. Mas, apesar dessa devastação, toda a fachada ocidental, com suas duas torres divinas, foi poupada, assim como mais um elemento da catedral: o vitral da Madona Azul. O povo de Chartres considerou que isso era um sinal do céu, e se empenhou na reconstrução desse monumento ao divino em sua forma mais pura e mais equilibrada, seguindo o Libro rosso para criá-lo como existe hoje, contando cada história com vitrais e esculturas.

- A Madona Azul, vocês sabem quem ela é, não sabem? - perguntou Destino.

- Notre Dame - respondeu Berenger.

- Sim, mas qual delas?

- Não importa - disse Maureen. - São todas uma só, não são?

Se é a primeira Notre Dame, Aserá... o Espírito Santo... ou Mãe Maria, ou Maria Madalena, ou Sara-Tamar, ou qualquer uma de suas descendentes santas, todas representam a divina essência feminina.

- Sim, sim, você está certa. Mas tenho uma pequena surpresa para vocês, já que essa pergunta é capciosa. Vamos entrar. Quero lhes mostrar uma coisa.

Seguiram Destino para dentro de um prédio grande, estilo bangalô, no qual não tinham entrado ainda. Era uma construção antiga, parte de um velho mosteiro que existira ali. O interior era deslumbrante, as paredes cobertas do chão ao teto com tapeçarias medievais que ilustravam a caça ao unicórnio.

- Essas são cópias das famosas tapeçarias?

Destino deu risada.

- Não. As famosas tapeçarias são cópias destas. Foram feitos dois conjuntos, um para a Ordem e o outro para Ana da Bretanha. Ela é uma mulher importante na nossa história, de quem falaremos mais tarde. Temos de escrever muitas biografias, Maureen. Vou manter sua pena ocupada pelo resto de sua longa vida, se você aceitar ser a nova escriba da história da Ordem. Maureen lhe sorriu carinhosamente.

- Estou ansiosa para começar. Será uma honra.

Maureen foi até a primeira tapeçaria para dar uma espiada mais de perto. Era uma das obras de arte mais magníficas que tinha visto. Os detalhes eram extraordinários. Como tinham conseguido obter tais texturas e cores nas tramas era algo que estava muito além da sua capacidade de compreender.

- Vocês as conhecem, claro. E conhecem a alegoria?

Berenger respondeu:

- Que o unicórnio representa Jesus?

- O unicórnio representa os verdadeiros ensinamentos de Jesus. É uma bela e rara criatura que representa O livro do amor e O Caminho do Amor que parte dele. Ou que deveria partir, se tivessem deixado que florescesse. Mas não, foi caçado e destruído, como é retratado nas tapeçarias.

- Ah!

Maureen estava ouvindo, mas a proliferação de símbolos nas tapeçarias havia chamado sua atenção. Em nada menos do que cinco lugares, só na primeira tapeçaria, aparecia a estranha combinação da letra A e a letra E invertida, em todos os casos unidas por uma corda com franjas.

- Isso está em todos os cartões que você enviou! O que significa? Destino aproximou-se da primeira tapeçaria com seu caminhar bamboleante de idoso e passou o dedo nas iniciais.

- Estão vendo a corda? É chamada de cordelière, e era usada antigamente para unir as mãos do noivo e da noiva nas cerimônias nupciais que precediam a divina união. Agora, o nó que estão vendo aqui é o nó de noivado, também conhecido como nó de Isis. E as letras... Bem, o A é de Aserá e o E é de El.

Maureen ficou entusiasmada com a explicação. Era tão elegante, tão lindo. Mas tinha uma dúvida.

- Por que o E está ao contrário?

- Porque cada amante é o reflexo do outro. São imagens espelhadas, por isso dão pequenos espelhos de brinde nas cerimônias de casamento do nosso povo. No caso do monograma, é uma celebração da união divina e sagrada de Aserá e El, e uma lembrança de que sempre veremos o nosso reflexo nos olhos do nosso verdadeiro amor.

"Um homem muito sábio disse um dia 'a arte salvará o mundo', e os membros da nossa Ordem acreditaram e praticam isso desde o tempo de Nicodemos e do Volto Santo. Mas não é só o simbolismo que importa", continuou Destino.

"É a intenção do artista. Porque esse é o grande segredo da arte. A verdadeira arte está imbuída com o espírito do artista. É isso que gera uma obra-prima, o amor pelo sujeito e um

desejo intenso de transmitir esse amor. Um iniciado pode observar uma peça de arte e sentir seu significado diretamente no coração e no espírito. A questão não é ver a arte, é senti-la. Por isso há algumas obras autênticas que a Igreja afirma serem cópias. Porque não querem que pessoas como vocês passem muito tempo diante delas. Acreditem quando digo que o Volto Santo é uma peça artística que vive e respira. Ele contém a paixão de Nicodemus, sua lembrança da crucificação. Mas, acima de tudo, contém a lembrança dos verdadeiros ensinamentos de Jesus."

- Por isso falou com Matilda - observou Maureen.

- Sim, é claro. E ela era criança e pura, por isso ouviu a voz do artista com toda a clareza, assim como as crianças de Fátima ouviram Nossa Senhora. Mas, se a Igreja nos diz que não é o verdadeiro Volto Santo, que a obra-prima do Santo Rosto criada por Nicodemos se perdeu sem explicação e que essa é

uma cópia, talvez ninguém se esforce para escutar o que ela realmente diz. No entanto, eles a mantêm trancada na catedral de San Martino, numa gaiola de ferro, o que dificulta muito a visão. O mesmo acontece com a pintura de São Lucas, que agora está no topo da Escada Sagrada em Roma. Fica atrás de muitos centímetros de vidro e barras, de modo que nunca se está completamente na presença do quadro. E, como proteção extra, dizem que é uma falsificação, então as pessoas não se empenham em olhá-la mais de perto.

Berenger e Maureen ficaram sem palavras. A ideia de a arte conter a verdade em tantos níveis diferentes, até além do simbolismo básico, era emocionante.

- Vocês devem lembrar - continuou Destino - que essa ideia de que a arte salvará o mundo atingiu seu ápice durante a Renascença e é disso, meus queridos, que temos de tratar agora. Quando estiverem preparados, pedirei que me encontrem em Florença e vou contar a história dos mais belos homens e das mais belas mulheres que... que já viveram. - A voz de Destino ficou embargada e ele fez uma pausa em honra dessas grandes pessoas do passado. - Elas personificaram a compreensão de que o tempo retorna e usaram isso para criar o renascimento do entendimento humano. Prometo que, depois que conhecerem a verdade sobre Lourenço de Medici, dos amigos dele, Sandro Botticelli e Michelangelo Buonarroti, e as maravilhosas mulheres que inspiraram todos eles, jamais olharão para a arte do mesmo modo. Nem devem mesmo. Destino caminhou com eles pela cidade e ladeira acima até

sua querida catedral. Contra o corpo ele segurava seu gasto malote de mensageiro, no qual de vez em quando dava tapinhas enquanto andava. Ele queria mostrar alguma coisa para os dois, um detalhe específico no exterior e outro no interior, antes de o dia terminar. O dia era 22 de junho, e ele lembrou a Berenger e Maureen que coisas extraordinárias aconteciam no vigésimo segundo dia dos meses. Ele piscou para Maureen ao dizer isso, e ela sorriu para ele, pensando que para um rosto tão gasto e velho, que tinha até uma horrível cicatriz, havia alguma coisa em Destino que o deixava incrivelmente belo.

O homem era santo. Disso Maureen não tinha nenhuma dúvida.

Seguiram felizes o passo lento e desigual de Destino, deixando que os guiasse e contasse a história daquela cidade maravilhosa que cobria o ponto das pulsações da Terra, uma cidade que tinha gerado o templo mais importante e espetacular do mundo cristão. Deram a volta

pela entrada ocidental e passaram pelas torres, caminhando na direção da bela escultura de Santa Modesta.

- Vocês conhecem a história dela? - perguntou Destino.

- De Modesta? Ela foi martirizada pelo pai romano - respondeu Berenger.

- Não literalmente - disse Destino, balançando a cabeça. - Tudo na história de Modesta é simbólico. Modesta era filha da profecia, uma Escolhida, numa época em que O livro do amor estava aqui em La Beauce. Todas as ameaças ao poder da Igreja que crescia tinham de ser eliminadas no rastro de Constantino e seus concílios. E Modesta, na verdade todas as mulheres da profecia, representava uma grande ameaça. O

"pai romano" poderia ser símbolo de quê?

Maureen entendeu imediatamente.

- De um patriarca em Roma. O papa ou a Igreja. Então Modesta foi executada como exemplo para qualquer mulher que desafiasse as doutrinas da Igreja recém-estabelecidas?

Uma cristã morta pelo próprio "pai"?

- Em parte, mas o verdadeiro crime dela foi este. - Destino levou gentilmente Maureen e Berenger para o outro lado da coluna e apontou para uma escultura paralela, de um homem.

- Potentian. Marido dela. Foram executados juntos porque representavam o casal modelo de pregação cujo exemplo vinha de Jesus e da Madona Madalena. Amantes que ensinavam com O livro do amor eram mais perigosos do que qualquer outra coisa e sempre serão.

Maureen reagiu segurando a mão de Berenger, e ele apertou a dela. Prestaram homenagem a Modesta quando passaram por ela, e Destino parou, apontando para uma das colunas.

- Olhem com atenção. Isso está deteriorado, mas é

importante. A maioria das pessoas não vê, nem aquelas que têm capacidade de reconhecer o que significa.

A coluna mostrava uma carroça com rodas e, em cima da carroça, uma espécie de caixa.

- Uma arca - disse Berenger.

- A Arca da Nova Aliança - Maureen completou. - É a arca de Matilda?

Destino assentiu com a cabeça e seu sorriso fez retorcer a antiga cicatriz.

- Sim, é de fato a arca de Matilda. E isso que está escrito aqui dá as instruções para os artesãos e arquitetos quando começaram a reconstruir isso, o pórtico dos Iniciados. Diz aqui: Hic Amititur, Arena Cederis. É latim mal escrito pelos padrões modernos, mas a tradução é mais ou menos: "Aqui as coisas seguem seu curso. Vocês devem trabalhar com a

Arca." E foi isso que fizeram. Usaram o Libro rosso, a Nova Aliança, e traduziram o livro inteiro em pedra e em vidro que ficou aqui como testamento ao amor e à verdade por oitocentos anos.

As maravilhas não tinham fim, disse Maureen estava certa. Ela viu o mesmo deslumbramento nos olhos de Berenger. Os dois seguiram Destino por uma porta e entraram na igreja. Ele parou e apontou primeiro para a rosa do vitral do oeste bem no alto, depois para o chão, onde o labirinto estava mais uma vez coberto pelas cadeiras naquele antigo ato de vandalismo.

- Eis uma coisa em que não vão acreditar, apesar de estarem aqui, olhando para ela. O diâmetro do vitral da roseta e o diâmetro do labirinto são exatamente os mesmos.

Ele tinha razão. De pé ali no chão e olhando para o vitral da rosa que ficava muitos andares acima, era impossível entender que tinha quarenta e dois pés de diâmetro, ou quase treze metros. Era outro surpreendente feito de arquitetura. Destino ainda não tinha acabado de se gabar das incríveis realizações dos arquitetos ali em Chartres.

- É geometricamente perfeito. Se o vitral da rosa tivesse dobradiças, cairia direto aqui e cobriria perfeitamente o labirinto. Dá para imaginar tanta precisão?

Ele não esperou resposta e seguiu em frente. O velho estava definitivamente eufórico quando atravessou o transepto e foi para a esquerda, para a frente da majestosa Madona Azul. Nossa Senhora do lindo vitral. Ele sorria de orelha a orelha para os dois quando se

aproximou e sussurrou:

- Isso... isso é só para os que têm ouvidos para ouvir. E para mim, é muito emocionante, já que foram pouquíssimas as ocasiões nas quais pude partilhar esse segredo. Vocês dois estavam certos quando identificaram este vitral como Notre Dame e tudo que esse título significa. Mas eis o que vocês não sabem. Usaram um modelo vivo para este vitral. O modelo mais apropriado da história da nossa Ordem.

Com muito cuidado, Destino tirou de dentro da bolsa de mensageiro uma folha de pergaminho antigo, pintado. Quando a mostrou a Maureen e a Berenger, ambos entenderam o que significava no mesmo instante. O

pergaminho era um retrato de uma mulher medieval com um deslumbrante vestido de seda azul, touca e véu brancos, e com a coroa da linhagem real de Carlos Magno na cabeça. A coroa com flores de lis e as cinco pedras preciosas incrustadas. Sentado no colo dela estava um menino de cabelo preto. Destino apontou para a fortaleza desenhada na janela acima da Madona com o menino e disse:

- Canossa.

Para Maureen, aquilo podia se tornar o detalhe mais lindo e poético do templo extraordinário em que estavam. A Madona do lindo vitral, considerado o vitral mais famoso e mais glorioso do mundo, representava o aspecto feminino de Deus... mas tinha o rosto de Matilda de Canossa, condessa da Toscana.

Destino virou para Maureen, e ela percebeu lágrimas em seus olhos, quando ele sussurrou:

-Você é... tão parecida com ela...

Maureen também ficou com os olhos marejados e respondeu:

- Obrigada, Mestre.

- É igual a ela - disse o velho, fitando um passado muito distante - você é motivo de orgulho para Deus.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Chartres,

Dias atuais

oi um sonho que Maureen teve antes, uma vez dormindo e o

F utra

acordada, sob a forma de visão na catedral de Notre Dame de Paris. Isso fez com que Sinclair e os outros tivessem certeza de que ela era realmente A Escolhida do seu tempo, e acabou levando à descoberta do Evangelho de Maria Madalena.

Mas esta noite o sonho teve uma reviravolta que Maureen não previra. Ela vislumbrou uma verdade que, mesmo depois de tudo que tinha enfrentado nos últimos dois anos, estava completamente despreparada para encarar.

Estava começando a chover e Maureen saíra do meio da multidão, mas podia ver sua Senhora, Maria Madalena, bem à

frente, com seu véu vermelho. Os raios riscavam o céu estranhamente escuro enquanto ela subia trôpega a colina, e Maureen às suas costas. Era uma sensação estranha de estar participando e observando ao mesmo tempo. Maureen não sabia dizer se experimentava os próprios sentimentos ou os de Madalena, uma vez que tudo se misturava naquela experiência.

Não tinha consciência dos cortes e arranhões, dela, de Madalena, nada mais importava. Seu objetivo era um só, chegar até ele.

O barulho de um martelo batendo em um prego, metal contra metal, soou com uma finalidade nauseante no ar. Quando ela ou elas chegaram ao pé da cruz, a chuva virou uma tempestade. Ela olhou para cima, para ele, e gotas de sangue respingaram no rosto desfigurado dela, misturadas com a chuva inclemente.

Maureen olhou em volta, desligada de Madalena, mais uma vez uma observadora. Viu sua Senhora ao pé da cruz, abraçada à mãe do Senhor, que parecia estar quase inconsciente de tanta dor. Havia outras mulheres com seus véus vermelhos em torno delas, as outras Marias,

abraçadas, apoiando umas às outras. Uma mais jovem, de véu branco, no meio delas, chamou a atenção de Maureen. Sabia que era Verônica. Ao lado das mulheres, de pé, havia um centurião romano que parecia protegê-las, não as ameaçar.

O rosto dele tinha algo de bom, seus olhos estranhamente claros, cristalinos como água, estavam tão atormentados quanto os da família sofredora. Esse homem podia ter sido um dia uma presença inquietante para ela, mas já o conhecia bem pelos seus feitos descritos no Evangelho de Arques. Era Pretorus, que depois participaria do sacramento da sagrada união dos amantes com a adorável Verônica. Juntos, eles iam divulgar os ensinamentos d'O Caminho no futuro.

Havia outro romano mais perto da cruz, de costas para a família de luto. Maureen não conseguiu ver seu rosto naquele momento em que ele dava ordens ríspidas para os soldados do grupo que estavam próximos da cruz. Maureen não ouvia suas palavras, mas sua voz fria e arrogante, e certamente indicava perigo. E ela sabia o que ia acontecer depois, o que o tornava muito pior. Aquele homem só podia ser o amaldiçoado centurião Longinus Gaius. Estava prestes a selar seu desgraçado destino de vagar pela Terra em busca da morte e da redenção.

Um grito perturbou a cena, um berro agudo do mais absoluto desespero humano que saiu dos lábios de Maria Madalena. Maureen olhou para cima, para seu Easa na cruz, e viu imediatamente o que acontecera. O centurião moreno, Longinus Gaius, enfiara a lança no lado do corpo do Senhor, e ela já sabia que isso aconteceria, até sangue e água escorrerem do ferimento.

Os lamentos de Madalena se misturaram à risada áspera do perverso romano quando ele se virou e olhou diretamente para Maureen. Maureen só teve tempo de ver a cicatriz lívida que lhe cortava em zigue-zague a face esquerda do rosto enquanto o centurião brandia sua arma num gesto desafiador. A arma que ficou conhecida na história como a Lança do Destino.

Em italiano a lança foi chamada de Il giavellotto di destino. Destino e destinação vinham do mesmo radical, e esse radical era o próprio Destino.

Maureen conseguiu entender que, no século XXI, recentemente, viera a conhecer muito bem aquele rosto desfigurado.

Destino acordou sobressaltado. Esforçou-se para sentar na cama, completamente sem ar. Não estava abalado por um pesadelo e sim porque aquela noite não tivera nenhum. Pela primeira vez em sua quase eterna lembrança, o homem que se atribuía o nome que significava destino e destinação tinha passado uma noite dormindo tranquilo.

Seria possível? Será que... tinha acabado?

Ele fez a única coisa que lhe veio à cabeça. Caiu de joelhos e começou a recitar o Pai-Nosso em grego, como aprendera inicialmente. Do modo que ela ensinou com sua infinita misericórdia, todos aqueles séculos atrás.

As lágrimas escorreram pelo rosto velho, sem convite e sem controle. O homem que fora conhecido por muitos nomes em muitos séculos levantou-se lentamente.

Levou algum tempo para chegar ao antigo espelho que decorava o seu quarto desde o dia em que o recebeu de presente de casamento de sua amada, tantos anos atrás. Pois a maior maldição da imortalidade era ver seus entes queridos desaparecerem, todos eles, o tempo todo. Diante do espelho envelhecido, ele viu o próprio olhar e observou a mudança no seu rosto. Primeiro era Destino, o idoso guardião das maiores histórias que nunca foram contadas, o homem que não podia falhar naquele seu último desafio, de providenciar para que os ensinamentos completos do Livro rosso encontrassem alguém do mundo moderno para contar suas histórias e o resgatasse para um novo milênio, para que a verdadeira história do povo jamais se perdesse. Acreditava que tinha conseguido isso. No passado, ele foi o arquiteto que orquestrou a obra-prima que era a catedral de Chartres. Antes ainda, lembrou a época que lhe deu grandes alegrias com sua pupila predileta, a milagrosa Matilda de Canossa. Se existisse apenas uma mulher digna de sua linhagem, era ela. Mesmo hoje ele sorria quando se lembrava dela, especialmente quando pensava em Matilda e Maureen juntas. Elas eram muito parecidas apesar de separadas por quase mil anos em suas vidas e eras. As duas provaram, mais do que ninguém, que o tempo retorna. Com os olhos cheios de lágrimas, ele viu no espelho seu rosto assumir os personagens que vivera em todos aqueles séculos, pessoas que trabalharam incansavelmente em busca de uma penitência que nunca chegava. Tocou no único elemento que não mudou jamais, a cicatriz irregular na face esquerda. Era a única constante em todas aquelas figuras, todas tinham a cicatriz, porque era a mesma cicatriz, no mesmo rosto, do mesmo homem.

E, para finalizar, ele se permitiu voltar ao tempo em que aquilo tudo começou, o tempo em que adquiriu aquela cicatriz a serviço de Pôncio Pilatos. A lembrança daquele sofrimento

não era o que o atormentava agora, e sim a memória das próprias ações perversas que escravizaram sua mente e seu espírito nos últimos dois mil anos de inferno em vida. Todas as noites de sua interminável vida eram assombradas pela lembrança daqueles atos, a risada sádica ecoava em sua cabeça quando ele rasgava a carne do Filho de Deus com o flagelo de sua arma. Ele mergulhava todas as noites no autodesprezo quando enfiava a ponta da lança no corpo de Jesus moribundo.

Destino fechou os olhos e recordou a grande bênção e maldição lançada sobre ele pelo seu Pai mais celestial.

"Longinus Gaius, ofendeste a mim e a todas as pessoas de bom coração com teus atos vis neste dia. Teu castigo será a danação eterna, mas será uma danação terrena. Vagarás pela Terra sem o benefício da morte, de modo que toda noite, quando fores dormir, teus sonhos serão assombrados pelos horrores de teus próprios atos e do sofrimento que eles causaram. Saibas que irás vivenciar este tormento até o final dos tempos, ou até que sirvas penitência adequada para redimir tua alma maculada em nome do meu filho Jesus Cristo."

De fato ele tinha chegado ao limite da loucura com essa sentença, até o dia que partiu em busca de Maria Madalena para implorar o seu perdão e receber sua graça. Ela partilhou com ele a glória de Deus através dos ensinamentos d'O

Caminho do Amor. E no dia em que ele ficou ao lado do túmulo dela, como membro aceito da família, ao lado do lamento dos filhos e de seu grande companheiro e protetor Maximino, junto com Pretorus e Verônica, ele fez um juramento diante de todos eles. Passaria cada

minuto de sua vida eterna ensinando as lições d'O livro do amor. Espalharia a beleza d'O Caminho como tinham ensinado e vivido o Senhor Jesus Cristo e sua amada esposa, Maria Madalena, e seus santos filhos.

Não existia um só homem no mundo capaz de entender melhor o poder de transformação do amor e do perdão do que Longinus Gaius, o centurião amaldiçoado.

A preservação d'O livro do amor tornou-se, através da história, projeto muito mais árduo do que ele podia imaginar na hora em que fez o juramento. Naquela época ainda acreditavam que a autêntica Nova Aliança podia ser prontamente conhecida e aceita pelos filhos do mundo. Foi uma tarefa que desafiou sua capacidade física e mental por dois milênios. Ele viu horrorizado quando as mais belas almas foram torturadas por acreditar no amor, destruídas por meios abomináveis pelas leis inescrupulosas dos homens e do poder, homens que violaram todas as verdadeiras leis de Jesus Cristo em seu sagrado nome. Suportou as atrocidades da Inquisição, viveu a angústia de ver a verdade ter uma morte terrível e injusta, de observar os mais milagrosos ensinamentos serem distorcidos e ficarem irreconhecíveis nas mãos cruéis de mentirosos e de mercadores do poder. Testemunhou a profanação intencional e sistemática do nome santo de Maria Madalena.

Como podiam saber que dois mil anos depois o mundo continuaria a não ter acesso aos verdadeiros ensinamentos d'O livro do amor? E que tais ensinamentos simples - de amor, de fé e de comunhão - seriam considerados mais perigosos hoje do que eram naquela época? De todos os horrores que Destino tinha vivenciado, esse foi o pior inferno que teve de enfrentar na Terra.

Como parte da penitência imposta a si mesmo, começou a registrar para a posteridade a glória daqueles que viveram e morreram pelos verdadeiros ensinamentos d'O Caminho. Ninguém melhor para manter esses registros da história do que um homem que não pode morrer e que lembra de tudo exatamente como aconteceu. Foi assim que nasceu o Libro rosso em seu primeiro refúgio, na Calábria.

E agora podia ressuscitar para uma nova era e um novo tempo, pois os filhos daquele milênio que começava estavam prontos para lê-lo integralmente.

Estávamos entrando em uma nova era para os que tinham ouvidos para ouvir.

- Por favor... faça com que ouçam - ele sussurrou para si mesmo e para o Senhor, antes de levantar-se novamente. Ele sabia que havia pouco tempo para fazer o que tinha de ser feito. E agora, que finalmente tinha chegado a hora, sentiu profundamente a tristeza de tudo. Porque havia de fato uma beleza muito grande neste mundo, no que Deus tinha criado e no que o homem tinha criado à Sua imagem, e à dela. Essa morte tão desejada seria amarga em sua doçura.

Mas quando Destino se deitou, acreditando que se preparava para morrer, teve uma visão do Senhor. Era Easa com seus olhos escuros e bondosos, murmurando para ele através do tempo e do espaço:

"Voei é meu filho, que me dá muita satisfação, mas o seu trabalho ainda não terminou."

Destino sorriu. A morte não o levaria ainda, e era melhor assim. Tinha muitas histórias para contar a Maureen. Assim que ela terminasse o livro, seria encarregada de escrever exatamente como O livro do amor poderia ser lido na catedral de Chartres onde fora preservado.

Chartres

Nos dias atuais

Maureen tinha seu trabalho definido. Havia mais de mil peças de arte em Chartres. A missão de interpretar tudo pelas lentes d'O livro do amor e do Libro rosso era colossal, podia levar anos. Mas ela não teria de fazer isso sozinha. Estaria cercada e assistida pelos que amava, pois com ela estavam muitos que tinham ouvidos para ouvir e olhos para ver. Aquela era a maior bênção que Deus lhe tinha dado, em sua vida muito abençoada: ter bons amigos, uma família do espírito, o mentor mais extraordinário da história e um homem maravilhoso que a presenteou com o mais grandioso sacramento do seu povo, a união sagrada dos amantes.

Todos juntos, eles provariam a verdade da profecia, que o tempo retorna. Eles criariam algo tão lindo e duradouro como aqueles extraordinários homens e mulheres que assumiram a mesma missão na história fizeram antes deles. Fariam o mundo entender que todos os homens e mulheres que desejam fazer parte da profecia já são parte dela. Porque o tempo retorna se refere, acima de tudo, a criar o Céu na Terra, e isso exige a participação de toda a raça humana, porque todos são profetas e todos são um só com Deus, assim como todos os

homens e mulheres são igualmente criados no amor. Assim na Terra como no Céu.

Essa tarefa talvez fosse imensa e utópica, mas Maureen aprendera a acreditar em milagres naqueles últimos anos. Primeiro, ela daria sua contribuição pessoal para o Libro rosso. Afinal esse era o destino de uma Escolhida. Como Matilda tinha feito antes dela, criaria monumentos aos ensinamentos d'O Caminho e aos grandes homens e mulheres que viveram e morreram por causa tão importante. Seus monumentos do século XXI seriam impressos em papel, em vez de pedra, vitrais, telas, e publicados em todo o mundo, em todas as línguas. Sua colaboração no Libro rosso seriam as crônicas da vida e dos amores de Matilda e Brando, e dos companheiros que habitaram suas histórias. Eles, mais do que quaisquer outros, mereciam ser lembrados por suas contribuições a O Caminho do Amor. E havia outros. Destino tinha dito isso para ela, e Maureen estava ansiosa para explorar as vidas dos outros homens e mulheres extraordinários que esperavam por ela no passado... e no futuro.

Maureen já planejava encontrar Destino o mais cedo possível em Florença, onde iniciaria sua preparação formal dentro da Ordem, a mesma educação que foi dada a Matilda, com o mesmo professor. Berenger se juntaria a eles, pois também tinha de cumprir sua missão e profecia. Trabalhariam juntos para cumprir seus destinos e suas profecias; trabalhariam juntos para devolver O Caminho do Amor ao povo, sob a orientação de um mestre extraordinário.

E quem sabe um dia Destino permitiria que ela contasse a história dele. Maureen queria mais que tudo que o mundo conhecesse aquele grande e atormentado homem cujo nome

significava destino e destinação. Porque aquela era a história da raça humana. Era a história da redenção pelo poder da fé e do perdão. Mas acima de tudo era a história do renascimento pelo poder do amor.

Para aqueles que podem ouvir. Que ouçam.

Maureen teve um último sonho antes de sair de Chartres. Destino tinha avisado que, depois do seu encontro com O

livro do amor, os sonhos e visões aumentariam muito. Ela teria de aprender a viver com isso e precisaria se adaptar. Mas ela se sentia indescritivelmente diferente desde o encontro com O livro do amor. Alguma coisa dentro dela havia mudado, abrira-se uma porta para o divino em sua mente e em seu coração, tornando os sonhos mais vívidos do que nunca.

Neste sonho ela era apenas uma observadora, não fazia parte dele. Um zumbido baixo de cântico rodopiava ao seu redor na escuridão enquanto assistia a uma estranha procissão que seguia pelas ruas estreitas, de paralelepípedos, de uma cidade medieval italiana. Era noite e os homens que marchavam na procissão carregavam tochas. Ela achava que eram homens, mas não havia como saber. Todos usavam mantos e capuzes, que os cobriam da cabeça aos pés. Os mantos eram imaculados de tão brancos. Na manga de cada um havia um emblema bordado com fio escarlate, um cântaro de alabastro que simbolizava Maria Madalena e a Ordem dos quais eram devotos.

A procissão serpenteava pelas ruas. No centro dela, duas figuras encapuzadas seguravam

um estandarte onde tinham pintado, em tamanho natural, uma imagem de Madalena no trono, retratada com grandiosidade, como o aspecto feminino de Deus.

Quando a procissão religiosa passou por ela, Maureen viu duas pessoas paradas na rua. Não usavam capuz e não estavam participando do cortejo. Maureen percebeu que uma delas era um homem mais velho, grisalho, muito alto e forte, definitivamente um aristocrata. Tinha a postura de um rei. Ao lado dele estava um rapaz de cabelo preto brilhante e olhar atento, inteligente. Aquele menino era nobre e sábio além da sua idade.

Como Maureen, os dois observavam, no entanto estavam profundamente ligados aos eventos que acompanhavam. Lágrimas escorriam pelo rosto do menino enquanto ele assistia à passagem da procissão. Havia uma luz em seus olhos quando ele falou com o homem.

- Não vou decepcioná-lo, vovô. Nada poderá me deter. Não vou falhar diante de Nosso Senhor e de Nossa Senhora. E não falharei diante do legado dos Medici.

Maureen foi dominada pela reação visceral àquele menino e à

sua declaração. Foi envolvida pelo misto de amor, de medo, de tristeza e de fascínio que sentiu observando a cena. O

destino irradiava dele. Era tangível, tinha a promessa de uma vida repleta de triunfos e de tragédias.

O homem mais velho colocou o braço nos ombros do rapaz e sorriu para ele.

- Eu sei disso, Lourenço. Sei mais do que já soube de qualquer outra coisa. Você não vai falhar porque esse sucesso é o seu destino. Você será o salvador de todos nós.

As últimas palavras do homem foram a última lembrança de Maureen.

- Você não vai falhar porque é o Príncipe Poeta.

Maureen acordou e viu Berenger ao seu lado. Ele sorriu quando ela abriu os olhos.

- Você gritou enquanto dormia. Estava sonhando?

Maureen assentiu, ainda sonolenta.

- Hum, hum.

- Sonhou com o quê?

Maureen passou o dedo nas feições aristocráticas de Berenger.

- Acho que estava sonhando com você.

- Comigo? Deve ter sido um sonho

magnífico. Ela riu.

- Magnífico? E, acho que foi. E também acho que... já amei você antes.

- E você me ama hoje?

- Eu te amo hoje. E não tenho dúvida de que vou amá-lo novamente. Maureen estendeu a mão para tocar de leve nos lábios de Berenger e se ajeitou

nos braços dele.

- Boa-noite, doce príncipe. O tempo retorna.

Ele deu uma risada com o rosto no cabelo dela e a puxou para mais perto.

- O tempo retorna. Graças ao Senhor e à Sua linda esposa. E os amantes da escritura se uniram outra vez. Não eram mais duas pessoas. Eram Uma.

AS HISTÓRIAS D'O LIVRO DO AMOR E DO LIBRO

ROSSO

O livro do Amor

(original)

Século I: Jesus escreve o manuscrito original. Depois da crucificação, o livro é levado por Maria Madalena, primeiro, para a Alexandria, depois para a França.

Maria Madalena ensina com o livro e o passa para sua filha, Sara-Tamar, sua sucessora após a sua morte. Outras tradições de Sara-Tamar e das famílias da linhagem de sangue são preservadas na cultura francesa, mas não são imediatamente documentadas como serão na Itália. Na França, O livro do amor permanece em seu formato intacto e é encadernado em couro para protegê-lo.

Século II ao século XIII: O livro do amor em sua forma original é protegido pelas famílias na França, que continuam a ensinar por ele. É o alicerce de uma "heresia" que é preservada na França até hoje, mais comumente chamada de catarismo.

Século XIII: A ancestral de Maureen, La Paschalina, salva O

livro do amor dos cruzados em Montségur e o leva clandestinamente para um local seguro,

junto aos simpatizantes dos cátaros, no mosteiro de Montserrat, no dia 22 de março de 1244.

Século XIII ao século XVI: O livro do amor fica escondido pelas famílias da linhagem na Catalunha (Norte da Espanha).

Meados do século XVI: Inácio de Loyola descobre o segredo d'O livro do amor e o revela para o papa. O livro é levado para Roma onde se torna propriedade secreta e fortemente protegida da Igreja. Nunca é mencionado publicamente, e todos os registros históricos que contêm referências a ele são destruídos.

Século XVII: O papa Urbano VIII reconstrói a basílica de São Pedro para honrar as tradições secretas d'O livro do amor, copiando a decoração da catedral de Chartres.

O Libro Rosso

(cópia)

Século I: Uma cópia d'O livro do amor é feita pelo apóstolo Filipe, a pedido de Maria Madalena durante seu confinamento em Alexandria. Essa cópia vai para Jerusalém, onde é protegida pela Ordem do Santo Sepulcro, uma sociedade secreta formada na primeira Páscoa por São Lucas, Nicodemos e José de Arimateia.

Lucas leva essa cópia para a Itália, para um mosteiro na Calábria. Nasce uma tradição, e os escribas calabreses começam a registrar a vida e a morte da santa família e de seus

descendentes. Os calabreses acrescentam as profecias de Sara-Tamar ao manuscrito e, junto com a cópia deles d'O

livro do amor, começam a referir-se a ele como o Libro rosso, por causa da capa de couro vermelho.

Século II ao século XI: O Libro rosso vai para Lucca no século II quando a Ordem do Santo Sepulcro cria uma base na Toscana.

Século XI: Matilda manda o Libro rosso para Chartres na França, onde serve de inspiração para a reconstrução da obra-prima gótica que é a catedral de Chartres com seu enigmático labirinto, desenhado por Jesus.

Século XII ao século XV: O Libro rosso está nas mãos da família real francesa e retorna à Itália por ordem do rei Luís XI, como presente para a família Medici.

Meados do século XVI: O Libro rosso está sob a guarda dos papas Medici, Leão X e Clemente VII, e permanece no Vaticano até a família Barberini contrabandeá-lo para fora do país, depois da morte de Urbano VIII. Desaparece da história nessa época.

Século XVII: O papa Urbano VIII traslada os restos de Matilda para a basílica de São Pedro e, com Bernini, também homenageia Longinus e Verônica pelos papéis que desempenharam, protegendo os sagrados ensinamentos que vieram diretamente de Jesus.

NOTAS DA AUTORA

O tema central deste livro, até onde eu sei, jamais foi publicado em nenhum lugar do mundo. Por isso a pesquisa necessária para reunir todas as peças levou anos e foi equivalente à que fiz de Maria Madalena para o primeiro livro desta série, O segredo do anel. O resultado dessas múltiplas camadas de tempo e de história foi que o projeto deste livro tinha bem mais de mil e quatrocentas páginas totalmente desregradas, tanto para esta autora como para meus futuros leitores. Com a ajuda de uma equipe que contou com um agente e um editor, talentosos, fiz aquelas escolhas difíceis que a maioria dos escritores teme - cortei histórias inteiras e personagens, e centenas de páginas com detalhes históricos. Até estas notas da autora poderiam ocupar facilmente metade das páginas do próprio livro. Mas como o espaço (e as árvores) não permite isso, convido os que estão interessados em explorar esse mundo com maior profundidade a visitarem meu [site www.KathleenMcGowan.com](http://www.KathleenMcGowan.com), no qual compartilho anotações, anedotas e adendos sem cortes.

Toda a história é feita de conjecturas. Toda. É o cúmulo da loucura e da arrogância de qualquer um que se arvora a dizer que conhece definitivamente o que aconteceu no passado. Nós unimos as pontas da melhor forma possível, com os fiapos de provas que existem. Quando temos muita sorte, as peças se juntam e formam uma colagem bela e coerente. A diferença entre o mosaico que um romancista histórico cria e o que o historiador constrói está no abismo que há em algum ponto desse mundo do que, individualmente, aceitamos como evidências, provas. Costumo pensar que escritores de ficção preferem trabalhar em

technicolor, enquanto os acadêmicos optam por trabalhar estritamente no mundo preto e branco. Ambos têm seus méritos nos mundos do entretenimento e da educação, e espero que um dia possamos todos aprender a nos complementar em nossa busca comum das glórias da história da humanidade.

Sobre O livro do amor

A primeira vez que ouvi falar d'O livro do amor foi numa excursão pelo Languedoc, no início da década de 1990. Fiquei fascinada com as referências fugazes a um "evangelho misterioso" que era usado pelos cátaros em suas tradições mais sagradas e secretas. As tentativas iniciais para entender o que, exatamente, era esse O livro do amor fracassaram em grande escala. Pedidos de informação no Languedoc resultaram em respostas tímidas e evasivas, isto é, quando respondiam. Em geral me diziam que O livro do amor era uma versão alternativa do Evangelho de João. Isso me pareceu uma história para encobrir a verdadeira. No curso de dez anos eu ia acabar descobrindo que realmente era uma cortina de fumaça para proteger a verdade.

Os leitores de O segredo do anel devem saber que a minha busca espiritual se equiparou à de Maureen de muitas maneiras. Como a minha heroína ficcional, foi o mergulho que dei nas tradições culturais e folclóricas da França e depois da Itália que mudou meu modo de pensar, minha fé e minha vida. Fui abençoada com o acesso a mestres extraordinários e

"hereges perfeitos" - e aprendi uma versão diferente da verdadeira origem e conteúdo d'O livro do amor. Fiz o melhor possível para apresentar esses ensinamentos perdidos nas

páginas deste livro. As palavras d'O livro do amor nestas páginas são criação minha, mas são a interpretação das comoventes e poderosas tradições que acredito serem passadas de geração para geração há dois mil anos.

Quando conheci pela primeira vez as histórias contadas sobre O livro do amor e o que ele contém, ainda não tinha estudado os Evangelhos Gnósticos. Por isso foi um choque descobrir que o Evangelho de Filipe era idêntico em muitos trechos aos ensinamentos "heréticos" como tinham sido transmitidos para mim. Os Evangelhos de Tomás e de Maria Madalena também tinham semelhanças notáveis com as tradições d'O livro do amor. Evidentemente que a natureza erótica e passional do texto de Filipe foi uma revelação, assim como uma clara indicação de que o Espírito Santo era feminino. Acredito totalmente, conforme as conjecturas de Peter neste livro, que o Evangelho de Filipe foi, ao menos em parte, uma tentativa de reconstruir O livro do amor... para os que têm ouvidos para ouvir.

Para aqueles que desejam sintonizar os próprios ouvidos para ouvir e os que querem estudar mais a fundo esse assunto, recomendo enfaticamente que leiam Filipe com atenção. Há

muitas interpretações e comentários à disposição, mas gosto especialmente dos escritos de Jean-Yves le Loup, que são facilmente encontrados. Os que ainda não conhecem os Evangelhos Gnósticos devem iniciar sua busca com o clássico de Elaine Pagels, que tem esse mesmo nome, para conhecer os fundamentos mais abrangentes.

Sobre Matilda da Toscana

A primeira vez que encontrei Matilda foi numa viagem pela Itália com meu marido, na primavera de 2001. Estávamos na basílica de São Pedro e eu acabava de me afastar da obra-prima de Michelangelo, a Pietà, quando quase caí de encontro a seu enorme santuário de mármore. O fato de haver um monumento dedicado a uma mulher no centro do Vaticano foi surpreendente. O fato de essa mulher segurar a tiara papal e a chave de São Pedro foi praticamente incompreensível para mim. Quem era aquela mulher, o que estava fazendo no meio da basílica de São Pedro e por que as pessoas a quem eu perguntava não tinham resposta? Eu precisava saber. Pesquisar uma mulher que tinha morrido havia mil anos, que viveu num tempo em que mulheres arrogantes não eram nada queridas pelos monges que registravam a história, é um desafio tremendo, independentemente das referências ou da abordagem. Some-se a isso o que tenho certeza de que era um compromisso de Matilda com as heresias cataras na Toscana, que pela própria natureza eram secretas e protegidas, e teremos o correspondente a um apagão histórico.

Uma nota importante aqui, na história dos cátaros: os acadêmicos ficarão felizes de me apedrejar por referir-me amplamente a todas essas heresias através dos séculos em toda a Europa como sendo dos cátaros, porque a história lembra o catarismo numa época bastante específica e em espaço bem definido. No entanto, essa tradição do "cristianismo puro", que é a própria essência da palavra Cathar, data de dois mil anos atrás. Por isso, sem me desculpar, refiro-me a todos esses

"hereges perfeitos" como cátaros.

Do mesmo modo que os cátaros franceses, esses "puros" da Itália viviam uma existência

pacífica e discreta, considerada nada ameaçadora para os católicos tradicionais, há mais de mil anos. A perseguição a esses primeiros seguidores, declarados hereges perigosos pela Inquisição, ocorreria para valer por volta do século XIII, quando os cátaros italianos teriam de passar pelas mesmas dificuldades que seus irmãos tinham passado na França. Também como os cátaros franceses, a história deles foi totalmente mal compreendida e representada equivocadamente pela Igreja Católica e subsequentes historiadores. Essas pessoas não eram descendentes de outras seitas posteriores que tinham migrado de outro lugar na Europa para se opor à doutrina católica, como alegavam havia muito tempo as histórias que derivavam das fontes da Inquisição. Os cátaros da Umbria e da Toscana, como os cátaros do Languedoc, estavam lá desde a fundação do cristianismo, mantendo suas tradições e seus ensinamentos com uma força discreta, como sempre fizeram. O fato de a Igreja não os reconhecer dessa forma foi uma estratégia astuciosa e útil para fomentar sua perseguição.

Minha missão juramentada como escritora, e minha promessa pessoal, é descobrir as histórias das mulheres extraordinárias que ousaram mudar o mundo e que arriscaram tudo para isso, mas que foram esquecidas ou mal interpretadas pela história. Matilda de Canossa exemplificava isso melhor do que qualquer outra que eu tinha estudado, além de Maria Madalena. Apreendi muito com ela! Apesar de muitos saberem que o Sul da França abrigou a história herética por dois mil anos, a prevalência dessas tradições na Itália é uma ideia nova para a maioria. E isso esteve escondido bem à vista lá durante séculos, como vimos aqui na história da vida de Matilda. Acabei de chegar de uma viagem à região dela na Toscana com a minha família, onde vimos a ponte Madalena, ponte que Matilda criou na periferia de Lucca. É linda de tirar o fôlego, os semicírculos de pedra são refletidos perfeitamente na

água, formando um círculo completo, especialmente visível à noite. Ficamos horas lá porque não conseguíamos nos afastar daquele lugar, era muito... mágico. É claro que o projetista daquela ponte tinha uma intenção espiritual, além da prática. O fato de a obra receber o nome de Maria Madalena e de ter havido ali uma estátua e uma capela dedicadas a ela, ao pé da ponte, é forte indicação de que Matilda era devotada à sua senhora. O fato de terem ocorrido diversas tentativas de mudar o nome da ponte e de ocultar suas origens também é significativo. Mas Maria - e Matilda - não será ignorada. E o nome ponte Madalena permanece, resiste e é reconhecido oficialmente pelos documentos do governo italiano.

Há muito pouca coisa escrita em inglês sobre Matilda e não muito mais escrito sobre ela em latim ou italiano. Assim, Matilda é um dos grandes mistérios da história. O manuscrito de Donizone que está no Vaticano é a principal fonte de informação sobre a vida dela de que se tem registro. No entanto, eu realmente acredito que ela tenha mandado fazê-lo como exercício de relações públicas, com a ajuda da Igreja para proteger as suas terras e sua reputação. Muitas vezes o que Donizone não diz creio que seja muito mais importante do que o que ele diz. O manuscrito alternativo que Maureen recebe dizem que existe, mas não posso provar e, para todos os efeitos, é ficção. O sarcófago de Matilda em San Benedetto foi aberto em várias ocasiões antes do papado de Urbano VIII, e quero registrar que acredito que membros da família Medici realmente encontraram essa versão alternativa da vida dela escrita por ela mesma. Os Medici e seus métodos - e como transformaram o mundo através da Renascença - serão revelados no próximo livro, O príncipe poeta.

Devo homenagear a estimada escritora Michèle K. Spike pelo seu excelente livro, Tuscan

Countess, que é a obra definitiva em inglês sobre Matilda e leitura altamente recomendada para os que querem conhecer os complexos detalhes históricos do mundo dela. O livro da sra. Spike é escrito com uma paixão que é rara no ambiente acadêmico. Sou grata a essa mulher culta, cujo interesse por Matilda levou-a em sua viagem pela Idade Média e acabou ajudando a minha, já que também percorri a Itália em busca dessa heroína praticamente esquecida. Por isso, embora eu trace necessariamente conclusões diferentes em termos das muitas motivações de Matilda (e motivo é o principal elemento da natureza humana de que realmente só podemos fazer conjecturas a respeito), continuo devedora da riqueza que foi produzida pela sua obra.

A sra. Spike também me ajudou a solucionar o mistério da reivindicação de Michelangelo de que descendia de Matilda e que, por isso, foi ridicularizado. Embora eu tivesse chegado a fontes que corroboravam a hipótese de que isso seria possível se o bebê Beatriz não tivesse morrido, também sabia que havia outra explicação. Havia muito suspeitava de que tinha uma segunda criança oculta nessa história, e foi Michèle Spike que me levou a esse menino com a sua descoberta dos três documentos que mencionam Guidone e Guido Guerra, dos quais o mais significativo era o "decreto de adoção" vallambrosiano. Devo enfatizar que a sra. Spike não chega a essa conclusão sobre a identidade de Guidone como filho de Matilda e de Gregório. Essa afirmação é exclusivamente minha. Com base nas provas que reuni, tenho certeza de que se trata do filho e do neto de Matilda, e que são ancestrais de Michelangelo. Esse conceito também será explorado com mais detalhes no próximo livro da série, O príncipe poeta. Pedirei aos estudiosos e especialistas do período medieval que me dêem um desconto por condensar e abreviar os complicados acontecimentos da época de

Matilda para tornar sua vida complicada e extraordinária mais palatável para o leitor em geral. Houve períodos de meses seguidos em que fiquei desesperada, achando que nunca terminaria os capítulos sobre Matilda, pois era muito difícil filtrar a política feudal e as intrigas papais. Procurei me manter o mais fiel possível ao pano de fundo histórico, mas foram necessárias abreviações que atribuo à licença poética. De fato, pelo menos dez papas e suas histórias acabaram no chão da sala de cortes quando eu trabalhava nessa história. Mais uma vez recomendo o meu site para os que se interessem em ir mais fundo, onde encontrarão mais detalhes históricos do mundo de Matilda.

Não há um registro definitivo do local de nascimento de Matilda. Alguns estudiosos famosos, inclusive Michèle Spike, defendem Mântua, já que é a primeira cidade da qual se tem registro de atividade dela na infância, e é o lugar que ela escolheu para ser enterrada. Deparei-me, porém, com algumas fontes ao longo do meu caminho que citavam Lucca como local "possível", até mais "provável". Para mim, essa foi uma escolha instintiva: pareceu certa. O comprometimento de Matilda com a cidade de Lucca e seu povo jamais esmoreceu, nem quando Henrique IV faz de tudo para afastar o povo dela. E os acontecimentos que descrevo, sua dedicação à igreja de San Martino, o decreto de proteção de Lucca em 1099 e a grande ponte construída em nome de Maria Madalena, têm fundamento histórico.

Tenho alguns livros turísticos sobre Lucca, publicados e comprados lá mesmo, que indicam que Matilda estava presente na época em que a igreja de San Martino foi consagrada pela segunda vez. Mas eles informam que foi no ano 1070, o que é impossível. Uma das poucas coisas que sabemos sobre Matilda é que ela estava em Lorena em 1070, casada com o corcunda e construindo Orval. Estudiosos acharam que quem estava presente podia ser

Beatriz, e não Matilda, mas discordo. Penso que é improvável que qualquer um em Lucca, especialmente no tempo dela, pudesse confundir a presença inesquecível e lendária de Matilda, e certamente não seria com a da mãe dela. E acredito também que Matilda teria insistido em estar presente para reconsagrar a igreja que abrigava seu amado Rosto Santo. Penso que é

mais provável que tenham se enganado quanto à data ou que tenha sido registrada erradamente.

Usei a versão italiana do nome de Brando, Hildebrando, mas, nas fontes históricas, ele é mais conhecido como Hildebrand, a versão germânica. As realizações do reinado dele muitas vezes são chamadas de "reformas hildebrandianas". Preferi a grafia italiana para enfatizar seu histórico romano. E achei que Brando era um nome mais sensual para um personagem masculino tão complexo, o que certamente é irônico, pois ele também deu mais força à causa do celibato entre os padres. Mas é urgente lembrar historicamente que os padres celibatários não tinham prole. Portanto, Roma era sua única herdeira. A decisão de manter o clero celibatário tinha tanto a ver com a economia como com a moralidade. E Brando certamente sabia disso.

Minha interpretação do personagem Brando/papa Gregório é

bem alimentada pelas inúmeras cartas que ele deixou como parte do seu legado. Quando se lêem essas cartas, fica claro que ele era um homem forte, inteligente, ambicioso, destemido e muito, muito apaixonado por Matilda. Também acho que Brando acreditava sinceramente

que o fim justificava os meios, e que era basicamente um homem bom e justo que se importava com a verdadeira reforma. Também acredito que fosse brilhante, astuto e absolutamente cruel quando necessário. Qualquer outra coisa o teria posto em posição desvantajosa no pântano político de seu tempo. Ele tinha de operar em território nivelado para sobreviver, e era mais do que capaz de criar esse território com os meios que fossem necessários. Acredito que foi o maior professor que Matilda teve nessa questão. Foi assim na política desde o início dos tempos.

Evidentemente há muita controvérsia na história sobre a intensa relação de Brando e Matilda, se foi de fato romântica e consumada. Obviamente não hesitei em afirmar meu ponto de vista sobre isso. Cito uma carta do papa para sua amada em que ele escreve seu desejo de fugir para a Terra Santa com ela, para um lugar onde não sejam vigiados e possam buscar a verdadeira obra de Deus. É uma carta com um desejo tão profundo que só podia ter sido escrita pelo mais ardente dos amantes.

Knock e as Santas Aparições

Estive em Knock com a minha família na época em que estávamos acabando de editar este livro. A última vez que estive lá foi quando eu tinha doze anos de idade. A visão que tenho hoje, sabendo de tudo que sei, é muito diferente da daquele tempo. Acredito, do fundo do meu coração irlandês, que Knock é um lugar sagrado, possivelmente o único em que a Santíssima Trindade apareceu para os mortais por um período mais longo. É uma área extremamente santificada. Também creio que São Patrício teve visão semelhante em Knock quando proclamou que a aldeia ia ser terra santa no futuro.

Estendo um pedido de desculpas a qualquer pessoa que possa ter-se ofendido com a minha análise das Santas Aparições. Eu sei que se trata de território sacrossanto para muitos. Realmente acredito que todas aquelas crianças viram algo extraordinário, e que muitas delas eram místicas. E

certamente acho que isso se aplica a Lúcia Santos. Como Maureen, chorei ao ler sua história de isolamento. Só queria muito saber, com as palavras dela, por sua própria voz, o que de fato vivenciou em toda a sua longa e inspirada vida. Não desejo, de maneira alguma, minimizar o milagre de Fátima. Simplesmente gostaria de servir de inspiração para as pessoas, dando-lhes um ponto de vista diferente das circunstâncias e de suas consequências, para que possam refletir sobre isso como bem entenderem.

O documento profético de valor inestimável que está com padre Girolamo de Pazzi e que foi atribuído a Nostradamus existe de fato e foi realmente oferecido com dedicatória ao papa Urbano VIII. Foi encontrado escondido, à vista de todos, numa biblioteca pública nacional, em Roma, por um jornalista italiano nos anos 1990. Fizeram um livro e um documentário, que se referem ao documento como "o livro perdido de Nostradamus", para registrar a descoberta. Mas, conforme indico aqui, há muito mais nesse livro do que todos os comentários tradicionais de Nostradamus dariam a entender. Estou estudando isso profundamente e espero publicar minhas descobertas no futuro próximo.

Sobre Chartres e o Labirinto

Escrevo isso sentada nos degraus da catedral de Chartres, sob a extraordinária estátua de

Santa Modesta no portal norte, a entrada que costumam chamar de "Pórtico dos Iniciados". Em todas as viagens que fiz, realmente não existe lugar na Terra que me inspire mais do que Chartres. É um monumento impressionante para Deus, construído por mãos humanas. E

magnífico em sua grandiosidade, no entanto humilde em sua fé.

Há lendas que envolvem a construção desse lugar, histórias de fé, dedicação e força, diferentes de todas as que ouvi antes. Historiadores jamais conseguiram descobrir quem financiou um empreendimento tão imenso como esse, mas o folclore daqui diz que, se estão procurando livros-razão e de contabilidade, não vão encontrar nada. Chartres foi construída por pessoas de fé, como um dízimo para Deus. Creio que a maior parte do trabalho foi oferecido de graça. Alguns dizem que a reconstrução de Chartres depois do terrível incêndio de 1194 foi obra dos que se opunham às Cruzadas, a versão medieval de opositores conscientes. Pais dedicavam seus filhos à construção do monumento ao amor de Deus. Optaram por criar para Deus, em vez de matar. Há outras lendas, histórias de rituais de oração que eram exigidos para a purificação antes de qualquer um obter permissão para dar seu dia de trabalho ao eterno monumento ao amor e à fé. Se um trabalhador estava num dia ruim e não ia trabalhar com o espírito da tarefa, simplesmente pediam para ele voltar quando se sentisse recuperado para aquela missão comunitária. Nenhuma intenção que não fosse baseada no amor era permitida.

Será que essas lendas são verdadeiras? Existem provas disso?

Elas sobrevivem há oitocentos anos nas pedras desse lugar, e isso basta para mim. Eu sei,

quando vejo as torres de Chartres da estrada que vem de Paris, que este lugar é especial. Acredito que sua beleza inigualável, artística, arquitetônica e espiritual tenha sido obtida pelo extraordinário esforço da comunidade, fundamentado nos princípios de amor e de fé, e que tudo isso era celebrado pela oração. Acredito que Chartres como é hoje foi, e é, um monumento a O livro do amor.

Por isso o labirinto na catedral de Chartres é, para mim, o espaço mais sagrado da Terra. Como Maureen, eu choro quando o vejo coberto pelas cadeiras. Quando comecei a vir para Chartres anos atrás, o labirinto nunca ficava descoberto. A maioria dos visitantes não tinha idéia de que havia tanta glória sob seus pés, como nos vitrais lá no alto. Nos últimos anos houve um certo progresso em termos do acesso ao labirinto. Enquanto escrevo isso, estou em Chartres, onde acabei de passar uma tarde inteira, abençoada, no labirinto. A igreja agora abre o labirinto uma vez por semana, às sextas-feiras, aproximadamente de abril a setembro. Rezo, literalmente e muitas vezes, para que este seja o início da abertura das mentes e que essas horas limitadas aumentem e possibilitem um acesso mais regular a essa exclusiva ferramenta espiritual que os arquitetos criaram aqui há mais de oitocentos anos, ferramenta que acredito ter sido desenhada pelo esforço coletivo de ninguém menos do que o rei Salomão, a rainha de Sabá e Jesus Cristo. Convido-os a rezarem comigo para que esse lugar único um dia, no futuro não muito distante, seja reconhecido e homenageado por sua santidade, e que a prática destrutiva de escondê-lo e danificá-lo com cadeiras desnecessárias acabe de uma vez por todas. Há um movimento crescente no mundo pelo labirinto, pois a humanidade está redescobrendo essa bela oportunidade de rezar em um caminho que os leva diretamente a Deus. Fontes da internet, inclusive localizadores de

labirintos, vão ajudá-los a encontrar um perto da sua casa. E se não conseguir localizar um na sua região, bem, talvez esteja sendo convocado a criar um aí!

Enquanto escrevo, um dos guardiões da catedral chega para seu ritual matinal e sua profissão de fê. Ele traz flores todos os dias para Notre Dame. Hoje ele me deu uma também. O

espírito deste lugar e as almas que o criaram permanecem como faróis de luz neste planeta para os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, e quem sabe até para os que ainda têm de desenvolver esses sentidos. Venho para cá todos os anos porque aqui me recupero. Venho com a esperança de levar um pequeno pedaço daqui comigo, de volta para o mundo, para compartilhar essa maravilhosa visão do que os seres humanos são capazes de realizar. Venho porque a minha promessa foi descobrir e revelar as histórias que se perderam da história, as verdades que ficaram escondidas muito tempo sob a superfície, aguardando a hora de se revelarem outra vez. Essa hora é agora. E não existe outro lugar que eu conheça na Terra que tenha tanto para revelar do espírito humano como Chartres. Este livro é o meu monumento para aqueles que inspiraram e criaram aquele lugar sagrado, para podermos tentar imitá-los, cada um do seu modo. Rezo para ter-lhes feito justiça com o meu trabalho e que isso possa inspirar outras pessoas em seus caminhos.

CHATRES, FRANÇA

17 DE MAIO DE 2008

AGRADECIMENTOS

ESCREVER é uma tarefa muito solitária, mas o processo de completar um livro e de prepará-lo para ser publicado envolve muita colaboração. E preciso uma aldeia inteira para publicar um livro. Não há espaço nem tempo suficiente para agradecer a todos individualmente pela generosa inspiração, apoio e estímulo que me deram no período muitas vezes desafiador da finalização deste livro. Espero que todos os que estão comigo nesse caminho saibam como amo e dou valor a vocês, mesmo que o espaço não permita que escreva os nomes de cada um.

O Tempo Retorna, disso tenho certeza, e as pessoas que cito aqui provaram isso com suas presenças mágicas e poderosas na minha vida e no meu trabalho. Acredito que todas são membros da minha "família espiritual" e espero que me vejam sob essa mesma luz. Como diz O livro do amor, aqueles que lembram e se reconhecem mutuamente são abençoados sem limites. Minha gratidão literalmente eterna vai para todas elas, pois realmente me abençoaram dessa maneira. Minha vida pessoal é centrada na família, e é ela que torna esse trabalho possível em todos os níveis. Minha paixão e agradecimento vão para o meu marido Peter, que sempre será

o primeiro: meu primeiro amor, meu primeiro leitor e crítico (uma tarefa que muitas vezes ficou sem agradecimento) e meu primeiro apoiador. Nossos três lindos filhos são a prova viva do poder do amor; são obra de Deus. Aos meus pais que estão sempre do meu lado,

todos os dias da minha vida, e que me dão tudo, ofereço meu amor e minha gratidão, também para meus irmãos, Kelly e Kevin e suas famílias, que amo como se fossem minhas.

Eu realmente não poderia ter feito isso sem:

Larry Kirshbaum, que me apoia com tanta paciência incondicional que nem sei o que fiz para que Deus me ame a ponto de enviar um anjo assim para conviver comigo, mas agradeço todos os dias pela sua presença na minha vida. Trish Todd, uma editora tão paciente quanto talentosa, por ter garantido que eu sempre usasse minhas melhores palavras e por ter me dado um lugar tão seguro para ser completamente quem eu tenho de ser.

Patrick Ruffino, por lembrar, acreditar e viver a verdade com tanto destemor, por criar uma arte mágica em tempo recorde, instilando o espírito dele neste livro, e por nunca ter soltado

"a pílula vermelha da verdade" [do filme Matrix]. Um carinho especial pela sua linda mulher, Julia, que o divide comigo tão generosamente.

E obrigada nunca será suficiente para:

Stacey Kishi, por cada minuto dos inúmeros anos que trilhamos esse caminho juntas, com menção especial dessa vez por ter descoberto a pequena Madona em Orvai e por ter me aturado enquanto eu soluçava depois de caminhar por todos os labirintos que encontrei na França. E obrigada aos homens dela, Michael e Elliott, por tê-la compartilhado comigo.

Ampy Dawn, que, com sua generosidade e lealdade, me ensinou que Deus não me deu irmãs biológicas porque queria que eu as escolhesse, e eu a escolhi.

Olivia Peyton, porque, quando o tempo retornar, eu agradeço ao Senhor e à sua linda esposa que ela queira estar comigo em cada passo do caminho. A genialidade dela está além da minha compreensão.

A minha Isi, Isobel Denham, que me ensinou tanta coisa em tão pouco tempo, entre elas aquela linda canção, em francês, sobre amor, e o que significa ser uma "herege perfeita" com seu amor e exemplo de compaixão no trabalho que ela faz com mulheres e crianças na Bósnia.

Larry Weinberg, pelo seu carinho e sabedoria.

O querido Laurence Rabe, por sua ajuda com o francês. Gary Lucchesi, que se tornou meu mais inesperado (e mais relutante) "muso", dando um exemplo vivo do nobre legado de Lucca.

Minha mais nova irmãzinha, Mary Ann Parent, por embarcar nessa jornada e oferecer seus dons únicos ao trabalho e à minha vida.

Menção especial para Sarah Symons, fundadora da Emancipation Network, por sua

dedicação diária à causa do fim do tráfico humano nesse nosso mundo sofredor. O

compromisso de Sarah com a humanidade é uma das maiores inspirações na minha vida. Só posso esperar poder imitar sua devoção e, numa tentativa de fazer isso, estou doando uma percentagem dos meus direitos autorais deste livro para sua obra e para projetos de apoio a essa valiosa causa. Para obter mais informação sobre a combinação dos esforços de Sarah e meus

para

proteger

mulheres

e

crianças,

visite

www.MadeBySurvivors.com

ou

o

meu

site,

www.KathleenMcGowan.com.

Danke a Tobi e Gerda (minha irmã de equinócio!), por todos os maravilhosos momentos na RLC e mais, mas principalmente porque eles personificam os ensinamentos d'O livro do amor, exatamente da maneira que vivem todos os dias.

Aos meus amigos e associados que são escritores e artistas nas trincheiras, eu agradeço pela camaradagem e conversas que nós, escritores, precisamos, como o oxigênio que respiramos. Aprendi muito com todos vocês, nos textos e pessoalmente: Jeffrey Butz, Ani Williams, Nancy Safford, Shannon Andersen, Fio Aveia Magdalena, Angelina Heart, Phil Gruber, Victoria Mary Clarke, Henry Lincoln. Quando estava terminando este livro, Jean-Luc Robin, guardião da alma de Rennes-le-Château e autor do livro definitivo sobre aquela aldeia mística e herética, passou deste para o outro mundo. Rezo para que Jean-Luc agora tenha a chave de todos esses mistérios, do seu lugar no céu.

Meu amor e gratidão em profusão pelo milagre de Destino, porque destino e destinação realmente vêm do mesmo radical. E é claro, para Easa e Madalena e seu legado de amor que mudou o mundo uma vez no passado e que mudará outra vez.

E acima de tudo, isso é para todos vocês, meus leitores, que são meus irmãos e minhas

irmãs no caminho - passado, presente e futuro -, para os milhares de vocês que escreveram para mim de todo o mundo, apoiando meu trabalho e minha pesquisa. Eu leio cada carta, e a maioria delas me faz chorar de gratidão pelo fato de haver pessoas como vocês por aí. Espero com fervor que o que leram aqui possa ajudá-los a lembrar, já que esse é certamente um dos principais objetivos da nossa busca, juntos e separados. Não existe emoção que se compare à que vem com a redescoberta da nossa necessidade de buscar, a sede enorme de procurar algo misterioso e divino... e de viver a maravilha de tudo, quando fazemos isso. Talvez o Santo Graal que espera ser descoberto pareça diferente para cada alma individualmente, mas para mim o maior tesouro é a verdade do nosso magnífico legado e história como seres humanos. Essa busca é o grande jogo de Deus para nós, e há uma alegria imensa na decisão de jogar com todo o coração e espírito. Easa disse: Os que buscam devem continuar a buscar até encontrar. A busca é a destinação, a descoberta é o destino.

E, para finalizar, em homenagem à senhora Ariadne, procurei tecer uma "pista" para todos vocês seguirem na entrada e na saída do labirinto. Escrevi este livro usando a antiga técnica da escola dos mistérios, do "aprendizado em diversos níveis". Quanto mais vezes lerem, mais véus serão removidos e mais verdades serão reveladas. Pronto! Agora podem ler tudo outra vez...

Quanto a mim, depois de tudo feito e dito, o que fica é uma verdade:

Eu te amei no passado, eu te amo no presente e te amarei novamente. O tempo retorna.

Para aqueles que podem ouvir,

Kathleen McGowan

No capítulo dois d'O livro do amor, Maggie Cusack canta um hino tradicional para Jesus, em irlandês. Meu marido, Peter McGowan, vem de uma aldeia na Irlanda onde a lenda diz que São Patrício pregou essa mesma mensagem: seja bemvindo cem mil vezes, Jesus. Como disse nas páginas anteriores, acredito que Patrício fosse descendente de Jesus e Maria Madalena e que ele pregava os ensinamentos d'O livro do amor. Para celebrar isso, Peter e eu fizemos uma música usando as palavras de Patrício. São Patrício era um Príncipe Poeta, e achamos que suas palavras são uma bela ilustração dos primeiros ensinamentos. O refrão do hino é antigo e sem dúvida as palavras do próprio santo, assim como as da melodia do coro. A música pode ser ouvida inteira no meu [site, www.Kathleen McGowan.com](http://www.KathleenMcGowan.com)

Céad Mile Fáilte Romhat, a Iosa

I arise through the strength of heaven's Miss

And the warm ray of the sun

To the splendor of the fire, to the speed o f lightning, Through the swiftness o f the wind I run.

This day I call to me God's hand uphold thee

So we will spread the truth that no one can deny. Through a mighty strength, invocation o f

the Trinity I arise, I arise today

Through the belief in the Threeness,

The confession o f the Oneness, to the Creator o f all Creation.

I believe, I believe

In predictions o f prophets and preaching o f the Way, In the strength to direct me, in the power to sustain me, In the wisdom to guide me, in the path before my eyes. This day I call to me

God's hand to uphold thee

So we will spread the truth that no one can deny.

God's hand to guard on me,

God's wisdom to gide me,

God's ear to hear me,

God's eye to look before me,

God's might to uphold me,

God's word to speak through me,

God's love to sustain me,

God's shield to protect me.

Céad mile fáilte romhat, a Iosa

© 2008 McGowan and McGowan (com uma ajudinha de São Patrício)

Céad Mile Fáilte Romhat, a Iosa

Despertei hoje com a força da glória celeste

E o calor do raio do sol

Para o esplendor do fogo, para a velocidade do raio, Na agilidade do vento eu corro.

Hoje invoco

A mão de Deus para sustentá-la

E espalharmos a verdade que ninguém pode negar.

Por uma imensa força, invocação da Trindade,

Desperto, levanto hoje

Com a crença na Trindade

A confissão da Unicidade, ao Criador de toda a Criação.

Eu acredito, acredito,

Nas previsões dos profetas e na pregação d'O Caminho, Na força que me orienta, no poder que me sustenta, Na sabedoria que me guia, no caminho diante dos meus olhos.

Hoje invoco

A mão de Deus para sustentá-la

E espalharmos a verdade que ninguém pode negar.

A mão de Deus para me guardar,

A sabedoria de Deus para me guiar,

O ouvido de Deus para me ouvir,

Os olhos de Deus para ver adiante de mim,

O poder de Deus para me apoiar,

A palavra de Deus para falar através de mim,

O amor de Deus para me sustentar,

O escudo de Deus para me proteger.

Céad mile fáilte romhat, a Iosa